

# ANTAS DO CONCELHO DE REGUENGOS DE MONSARAZ

GEORG e VERA LEISNER



*estudos e memórias*

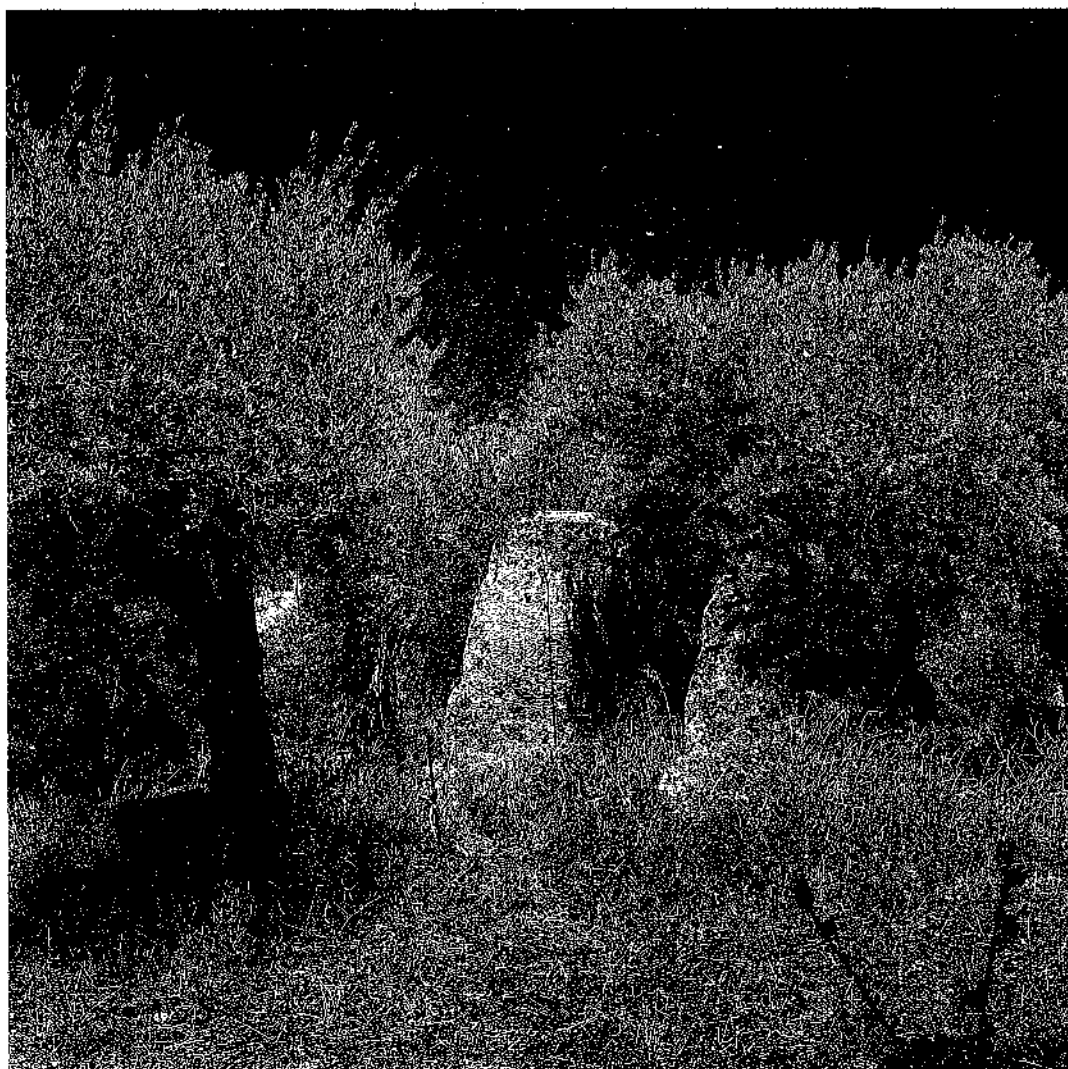
1

**UNIARCH**

*instituto nacional de investigação científica*

# ANTAS DO CONCELHO DE REGUENGOS DE MONSARAZ

GEORG e VERA LEISNER



*estudos e memórias*

1

**UNIARCH**

*instituto nacional de investigação científica*





## *estudos e memórias*

Série de publicações da UNIARCH — Unidade de Arqueologia do Centro de História da Universidade de Lisboa (Instituto Nacional de Investigação Científica)

Direcção: **Victor Gonçalves**

Vol. 1: *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, de Georg e Vera Leisner, 2.<sup>a</sup> edição, reproduzida directamente da original (Lisboa, 1951)

Orientação gráfica e capa: **Victor Gonçalves.**

Capa: Ektachrome de V.G. (*Reguengos de Monsaraz, 35 anos depois*)

Próximo volume: *A Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato)*, de Victor Gonçalves, Françoise Treinen-Claustre e Ana Margarida Arruda

Fotolitos e impressão: Minerva do Comércio, 1985

Toda a correspondência:

Unidade de Arqueologia. Centro de História. Faculdade de Letras. 1699 Lisboa Codex - Portugal.

# apresentação

v

Longamente planeara o que de início foi apenas um projecto autónomo de arqueologia no Centro de História da Universidade de Lisboa, e que pela dimensão do seu trabalho se tornaria a UNIARCH, a *Unidade de Arqueologia do C.H.*, um programa editorial próprio.

CLIO/ARQUEOLOGIA, a Revista da UNIARCH, cujo primeiro número respeita a 1983-84, responde à divulgação rápida de textos de extensão curta, de artigos sobre temas específicos, dos próprios programas, projectos e relatórios de investigação. Surge para impedir o desequilíbrio que se adivinhava inevitável em CLIO, a Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa, a partir de agora prosseguindo a sua carreira apenas com textos de investigação em História, da Idade Média ao período contemporâneo.

A importância de divulgar textos clássicos, há muito esgotados, originou o projecto de uma série de CLÁSSICOS DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA, a iniciar com a reedição anotada das *Antiguidades Monumentaes do Algarve*,

de Estácio da Veiga. Associações culturais e autarquias algarvias participarão nesta reedição que será seguida de um volume de actualizações e estudos monográficos.

Mas textos de dimensões maiores foram sendo produzidos e a série CADERNOS DA UNIARCH procura dar-lhes o devido relevo: a Quinta do Lago e a Gruta da Marmota são objecto dos primeiros volumes programados.

Por fim as monografias, que são estádios finais de programas e projectos de pesquisa sobre monumentos, sítios ou áreas específicas, exigiam naturalmente a presente série, ESTUDOS e MEMÓRIAS. Porque iniciá-la com estudo alheio?

Em 1985 cumprir-se-ia o centésimo aniversário de Vera Leisner. O Instituto para a Alta Cultura, o antecessor do actual *Instituto Nacional de Investigação Científica*, editara, após ter subsidiado as pesquisas de campo, o excelente estudo sobre as antas de Reguengos de Monsaraz, da autoria do casal alemão. Edição há muito esgotada, se relativamente acessível em bibliote-



# apresentação

cas para o leitor interessado, encontrava-se afastada dos circuitos habituais do simples curioso, do interessado, do jovem investigador, do estudioso que não encontrava em alfarrabista o pretendido exemplar e, sobretudo, achava-se ausente dos círculos internacionais, nomeadamente de muitas Universidades do País vizinho e de França, portanto particularmente interessadas no estudo do megalitismo peninsular.

Repara-se assim a falta e abre-se, creio que excelentemente, a série em que textos sobre o megalitismo terão lugar destacado, penso na monografia sobre a Anta dos Penedos de S. Miguel ou na integral revisão dos materiais das antas do Crato, escavadas há algumas décadas e parcialmente inéditos.

*'Para quem gosta da grandeza solitária da paisagem alentejana, esta região tem um encanto singular (...) Em toda a região granítica afloram os penhascos, espalhados pelos campos em grandes blocos, às vezes de formas esquisitas. Como em todas as partes do*

*Alentejo, é esta a zona das antas.'* (p. 14)

Os Leisner constituíram, pela natureza da sua investigação, e pelas suas próprias contradições de pesquisa, um dos mais interessantes exemplos dos estudiosos da arqueologia peninsular. Firmemente determinados e, mesmo, poderemos dizê-lo, voluntariamente autolimitados no objecto da sua pesquisa, assistimos, ao correr do tempo, a rectificações de ideias anteriormente assumidas com firmeza. Tocados pela grandeza da paisagem alentejana, coube-lhes perceber, porventura antes de outros, a enorme importância do estudo monográfico, da «limpeza» sistemática de uma região, das implicações do entrosamento entre o espaço e o Homem megalítico. Não estavam talvez providos do leque mais amplo de preocupações que os abriria a monumentos de importância complementar das antas, os menires, que graças à investigação pioneira de Henrique Leonor Pina viriam a ser identificados na mesma região que os Leisner prospectaram, nem sequer à busca sistemática dos povoados dos construtores de megáli-

tos. Mas estavam longe de ignorar deliberadamente tais monumentos e sítios e perseguiram um programa rigorosamente traçado.

Tive oportunidade de escutar por diversas vezes Vera Leisner, nomeadamente aquando do V Colóquio Portuense de Arqueologia, e recordo ainda que, muito jovem, supunha ir ouvir de Vera Leisner verdades inabaláveis e germanicamente hirtas. Pelo contrário, escutei interrogações, dúvidas sobre supervivências artefactuais, sobre esquemas evolutivos demasiado rígidos. Gostosamente registo hoje essa particular compreensão da paisagem «mais autêntica de Portugal», passo o *chavão*, e das gentes que no neolítico e na primeira idade dos metais a habitaram.

Finalmente, uma observação quanto ao aspecto gráfico desta reedição.

A série ESTUDOS e MEMÓRIAS, que a UNI-ARCH inaugura com este volume, foi programada em formato A4, tendo em vista por um lado o aproveitamento óptimo do suporte e por outro, e sobretudo, a mancha disponível para desenhos

e fotografias. Assim sendo, e não parecendo útil criar à partida disparidades no formato dos volumes que integrarão a série, e considerando que a mancha original das *Antas de Reguengos de Monsaraz* parecia demasiado pequena para o formato adoptado, ampliou-se ligeiramente o texto e afastaram-se na vertical cabeçalhos e numeração de páginas mas, por razões óbvias, não se alteraram as escalas originais de reprodução dos desenhos no texto e das estampas em extra-texto.

Os próximos volumes terão já a paginação a duas colunas adoptada em CLIO E CLIO/ARQUEOLOGIA, bem como a mancha estabelecida como norma.

Vila Nova de S. Pedro, Agosto  
de 1985

Victor Gonçalves

*Director da Unidade de Arqueologia do  
Centro de História da Universidade de  
Lisboa*











ANTAS DO CONCELHO  
DE  
REGUENGOS DE MONSARAZ





INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA

ANTAS DO CONCELHO  
DE  
REGUENGOS DE MONSARAZ

*MATERIAIS PARA O ESTUDO  
DA CULTURA MEGALÍTICA EM PORTUGAL*

POR

GEORG E VERA LEISNER



LISBOA

1 9 5 1



## PREFÁCIO

No decurso dos anos 1943-1951, por amável condescendência do Governo Português, foi-nos permitido trabalhar neste país, onde pudemos recolher muitos materiais sobre a distribuição e a tipologia dos dólmenes portugueses, prosseguindo, assim, os estudos, já anteriormente publicados, sobre a cultura megalítica da península ibérica.

Para a determinação da posição cronológica dos diferentes tipos arquitectónicos, dirigimos, no ano de 1946, à Junta Nacional da Educação o requerimento para sermos autorizados a realizar escavações em antas do concelho de Reguengos de Monsaraz, o qual foi deferido. Cabe-nos, em primeiro lugar, exprimir, penhoradamente, o nosso agradecimento por esta prova de confiança, que muito nos honrou.

Já nos anos precedentes tínhamos percorrido o concelho de Reguengos e verificado a existência de mais de cem antas. Não foi apenas a sua riqueza em dólmenes que influenciou a escolha deste concelho para as nossas investigações, mas também a sua situação entre os rios Guadiana e Degebe e ainda sabermos que os cursos dos rios desempenharam papel predominante na vida dos povos primitivos. Influências recíprocas entre as culturas do sul da península e as do Alentejo, ambas bem definidas nas suas características, poderiam ter subido e descido, conforme o curso do rio Guadiana, pelo que as regiões adjacentes às suas margens podiam fornecer novos elementos para os problemas ligados à cultura megalítica do país.

Tanto as viagens de estudo como as escavações, a classificação do material e a elaboração do manuscrito só puderam ser realizados, graças ao interesse que o Instituto de Alta Cultura se dignou manifestar pelos nossos estudos, subsidiando-os todos os anos e encarregando-se da publicação dos mesmos. Igualmente a Fundação da Casa de Bragança quis ajudar as investigações no concelho de Reguengos, oferecendo-nos hospedagem na herdade do Roncão para realizar as pesquisas no sul do concelho, e subsidiando, também, esta publicação. Para o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente do Instituto de Alta Cultura, Professor Doutor Gustavo Cordeiro Ramos e para o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director-Geral da Fundação da Casa de Bragança, Dr. António Luiz Gomes, deixamos aqui expressos, em primeiro lugar, os nossos mais sinceros agradecimentos.

No próprio concelho de Reguengos todos os lavradores nos dispensaram um acolhimento amigável, o que muito contribuiu para o êxito das investigações. Queiram todos aceitar a expressão da nossa gratidão, sobretudo os Srs. proprietários que, nos seus «montes», repetidas vezes nos ofereceram hospedagem e que, com a devida licença, foram: o Sr. Engenheiro Martins Pereira Carlos Leal, no Monte do Barrocal; o Sr. Dr. A. Cayolla Bastos, no Monte das Vidigueiras; o Sr. Francisco Rosa, no Monte da Comenda; o Sr. Dr. J. Beltran Villa, no Monte do Passo e o Sr. Miguel Prego, no Monte de Vale Carneiro.

E, finalmente, sem que esta ordem, de modo algum, signifique qualquer diminuição de deferência, queremos salientar e agradecer a amabilidade e o interesse científico, com que os nossos amigos, Srs. Dr. F. Jacinto Palma e Dr. J. Pires Gonçalves, distintos médicos em Reguengos, sempre nos ajudaram, fornecendo informações sobre a existência de antas e servindo de medianeiros junto dos proprietários das mesmas.



## A. INTRODUÇÃO

### I. INVESTIGAÇÕES NA REGIÃO DO RIO GUADIANA

Embora a riqueza em monumentos megalíticos da região do rio Guadiana seja conhecida há quase um século, sendo já mencionada por Emile Cartailhac na sua obra clássica sobre a pre-história da Península Ibérica <sup>(1)</sup>, raras são as publicações que nos dêem informes precisos sobre a matéria.

Folheando os livros do século passado, nos quais se encontram indicações acerca da pre-história nacional, nota-se que nem Pinho Leal <sup>(2)</sup>, nem Pereira da Costa <sup>(3)</sup>, nem Filipe Simões <sup>(4)</sup> se referem a quaisquer dólmenes nos

---

<sup>(1)</sup> Emile Cartailhac, *Les Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris, 1886, p. 167, fig. 228.

<sup>(2)</sup> E. R. Dias, *Notícias Archeológicas do «Portugal Antigo e Moderno»*, de Pinho Leal. *Bol. de Arch. e de Archeol.* Tomo VII-X.

<sup>(3)</sup> F. A. Pereira da Costa, *Monumentos prehistóricos*. No Museu Geológico, Lisboa, guardam-se as estampas para o segundo volume desta obra. Um mapa, que parece corresponder a estas estampas, indica, na região de Elvas, 32 antas, a maior parte das quais ao sul da cidade, onde, nas margens do rio Guadiana, há 9 na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda e 2 na freguesia de Juromenha.

<sup>(4)</sup> A. Filipe Simões, *Introdução á Archeologia da Península Ibérica. Antiguidades Pre-históricas*. Lisboa, 1878.

concelhos limítrofes do rio Guadiana. Consequentemente, também não estão incluídos nos monumentos nacionais.

A citada referência de E. Cartailhac diz respeito aos arredores de Elvas, região que o sábio francês visitou em companhia do Sr. Possidónio da Silva, presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Nessa ocasião fizeram-se pesquisas em dois dólmenes, cujos resultados foram publicados no Boletim da Associação <sup>(6)</sup>.

Sobre as antas, em redor de Elvas, publicaram-se duas listas: uma delas baseia-se na resposta a um inquérito que a mesa da Associação dos Arqueólogos Portugueses dirigiu às câmaras municipais do País <sup>(6)</sup>; a segunda, sem indicação do autor, foi publicada no «Correio Elvense», de 5 de Maio de 1942. A primeira lista cita 21 antas, a segunda 25, pouco mais ou menos as mesmas, das quais visitámos 16, sendo hoje, em alguns casos, impossível encontrá-las <sup>(7)</sup>.

(<sup>6</sup>) J. Possidónio da Silva, *Dolmens recentemente descobertos em Portugal*, *Bol. de Arch. e Archeol.* Tomo 3, 2.<sup>a</sup> série, págs. 124, 125. O relatório diz: «dois dólmenes mais importantes, situados a 14 km. da cidade de Elvas, e designados pelos nomes «Marco das sete Fontes» e «Pedra d'Anta» das herdades de S. Rafael e Torre das Arcas: todavia n'este ultimo foi onde se encontrou maior numero de instrumentos de sílex, pontas de flecha de perfeito acabamento do typo de tige central e de extrema pequenez, ossos humanos, outros de animais, abertos ao comprido; carvão e cinza; fragmentos de ceramica que tinha servido ao fogo» ... «na profundidade de 0<sup>m</sup>,92 se encontraram os objectos citados, mas todos postos ao lado sul da camara. Achei também, neste dolmen, um objecto de bronze, uma pequena ponta de seta com serrilha» ... «No outro dolmen apenas se encontrou um machado de xisto amphibolico».

Destas escavações provêm com certeza uma ponta de seta de cobre e talvez duas placas de xisto gravadas e um pequeno vaso munido de quatro pequenos mamilos juntos, todos estes objectos guardados no Museu Arqueológico do Carmo. As pontas de seta de sílex foram provavelmente levadas para a França por Cartailhac.

A anta da Torre das Arcas fica a 5 quilómetros da cidade de Elvas, na berma esquerda da estrada que conduz para Borba. Foi também visitada pelo Dr. Leite de Vasconcelos (*O Arch. Port.*, XXI, 1916, pág. 362). Na herdade de S. Rafael, na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda, vimos três antas, de uma das quais se avista o Guadiana.

(<sup>6</sup>) *Bol. de Arch. e de Archeol.* Tomo X, 4.<sup>a</sup> série, N.º I, 1904-06, págs. 453-454.

(<sup>7</sup>) Estão ainda bastante bem conservadas duas antas da Herdade de S. Rafael, uma na Courela dos Covetas (Covetinhas), as antas das Caldeiras, a de Sardinha, a do Vale de Mouros (Quinta de Botas) e algumas antas nos arredores de Barbacena; no sitio de Torrão, na Coutada de Barbacena e ainda algumas na Herdade de Fontalva.

## INTRODUÇÃO

O Museu Municipal de Elvas guarda muitos e valiosos objectos provenientes das antas da região. A maior parte deles foi adquirida por intermédio do Sr. Tomás João Pires, que explorou os dólmènes entre Elvas e Monforte, não se ocupando, porém, do levantamento das plantas, nem da conservação dos monumentos. Desde então, algumas das antas escavadas por ele já desapareceram <sup>(8)</sup>. Além destes objectos, o Museu conserva um certo número de pequenos vasos do tipo eneolítico, sem proveniência definida.

Na região de Barbacena efectuaram-se, no decénio passado, novas escavações na herdade de Fontalva, onde Afonso do Paço abriu umas antas <sup>(9)</sup>. Nos arredores de Vila Fernando, A. Dias de Deus e A. L. Agostinho, respectivamente professor e funcionário da Colónia Correccional, dedicaram-se a explorações arqueológicas. Baseando-se nas indicações de António Dias de Deus, os resultados destas pesquisas foram em parte publicados, por Abel Viana <sup>(10)</sup>. Segundo o autor, escavaram-se 22 antas, algumas delas pela primeira vez, pelo que o número de antas registadas na região se eleva consideravelmente. O espólio deu entrada parcialmente no Museu Municipal de Elvas, incluindo-se o restante na colecção de L. Agostinho, hoje em Coimbra. É de interesse especial o material da anta 1 da Alcarapinha e o do *Tumulus* de Jeromigo (vide pág. 36). De uma anta da mesma região, a do Monte Romão, há vários objectos no Museu Geológico de Lisboa <sup>(11)</sup>.

Seguindo o curso do rio Guadiana para sul, entramos nos concelhos de Vila Viçosa e Alandroal, em cujas terras predomina o silúrico superior. Escasseiam, portanto, as antas, sobretudo as de tamanho maior, ligadas aos terrenos de aflorações de granito e diorite. Talvez que se escondam ainda em regiões xistosas pequenas antas do tipo que o Professor M. Heleno ex-

---

<sup>(8)</sup> Das antas com espólios maiores já hoje não existem a do Poço Novo, Vila Fernando e a da Horta Velha de Reguengo, Barbacena, ao passo que a da Carrajola, na freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres, ainda está em pé, tendo sido nós que levantámos a planta.

<sup>(9)</sup> Os resultados ainda ficam para publicar. Vide pág. 20.

<sup>(10)</sup> Abel Viana, *Contribuição para a Arqueologia dos Arredores de Elvas*. Porto, 1950.

<sup>(11)</sup> O espólio consiste em 5 machados, 3 enxós, 1 goiva, 2 facas de sílex, 1 ponta de seta pedunculada, 1 conta de xisto, 2 lascas de cristal de rocha e fragmentos de cerâmica de tipo eneolítico.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

plorou no concelho de Extremoz, mas, numa primeira viagem de estudo, apenas vimos uma única no sítio da Azenha dos Apóstolos<sup>(12)</sup>. Há ainda mais dois espólios de monumentos megalíticos do concelho de Alandroal: da anta da freguesia de Santiago Maior e das antas da Herdade dos Galvões. A primeira, que, no ano de 1946, ainda conservava cinco enormes esteios de uma câmara poligonal, num *tumulus* de 1<sup>m</sup>,50 de altura, foi, no ano seguinte, completamente destruída<sup>(13)</sup>.

O concelho de Alandroal confina, ao sul, com o de Reguengos de Monsaraz. A primeira e, até hoje, única notícia sobre a cultura megalítica neste concelho encontra-se no primeiro tomo do «Archeologo Português»<sup>(14)</sup>.

De ambos os lados da grande curva do rio Guadiana, que, neste ponto, constitui o limite entre os concelhos de Moura e de Vidigueira, J. Fragoso de Lima descobriu antas em várias herdades, das quais já publicou uma notícia preliminar<sup>(15)</sup>. No concelho de Moura há também muitos vestígios da

---

(12) A anta fica aproximadamente 2 quilómetros a nordeste da vila de Alandroal, à beira-sul do caminho para S. Brás de Matos. O Museu Etnológico conserva dela, sob o nome de «Anta dos Pardais», um grande instrumento alongado de pedra polida (N.º 7902). Segundo informações, há mais restos de antas na região: perto do Monte das Agudas, na Herdade da Remalha, e perto do Monte do Cortiço, no sítio «Fonte da Anta». Há também referência do Padre Bento Ferrão Castelbranco acerca de várias antas no Monte da Ermida de S. Miguel (Alandroal, Elvas, 1910; cf. O Arch. Port., II, pág. 136).

(13) No Museu Etnológico encontram-se desta anta: 7 placas de xisto gravadas, 1 placa subtriangular de pedra, 1 conta cilíndrica de cor verde-clara (N.ºs 7.959 bis-7.966). Da Herdade dos Galvões há, no mesmo museu, 9 placas de xisto, 3 machados, 1 chapa de grés, 2 pontas de seta de xisto de base côncava e recta, 1 conta de xisto bicónica, 1 fragmento de uma faca de sílex e bastante cerâmica de formas eneolíticas, entre a qual se distingue uma lâmpada (N.ºs 7.775-7.798).

(14) O Dr. Leite de Vasconcelos recebeu informações de muitas antas, dispersas por várias herdades no termo de Monsaraz. O Sr. Pereira da Nóbrega mandou fazer pesquisas em quatro antas, escavadas duas delas, situadas na herdade de Duque, da Casa de Bragança, a uns 6 quilómetros a noroeste de Monsaraz, onde se encontraram, numa ossos humanos e numa outra 1 martelo arredondado, 1 machado sem vestígios de uso e 1 fragmento de outro machado. Posteriormente foi encontrada, nesta última anta, 1 goíva, hoje no Museu Etnológico (O Arch. Port., I, págs. 222 e 279).

(15) J. Fragoso de Lima, *Antas da Bacia do Guadiana. Dólmenes da Corte Serrão, Freguesia de Pedrógão, Concelho de Vidigueira. Arquivo de Beja*. Vol. I, fasc. 3, Julho-Sept., 1944, pág. 246.

## INTRODUÇÃO

cultura megalítica, sobretudo nos arredores de Sobral de Adiça, S. Aleixo e Sáfara. Todas estas regiões merecem um estudo profundo.

Das planícies do Baixo Alentejo não há notícias de antas. No entanto, alguns objectos, provenientes do concelho de Mértola <sup>(16)</sup>, permitem supor que não haja um vácuo entre as culturas eneolíticas do sul da Península e as do Alentejo central. Embora existam poucas provas em terra portuguesa, é para considerar o facto de se encontrarem do lado espanhol do Guadiana, em frente do Baixo Alentejo, as grandes sepulturas de Granja de Toniñuelo <sup>(17)</sup> e da Cueva de la Mora, a primeira das quais se assemelha, na arquitectura, às culturas meridionais, enquanto na segunda a riqueza em placas de xisto é característica da cultura alentejana <sup>(18)</sup>. Dólmenes recentemente descobertos na província de Huelva constituem outro laço entre as culturas megalíticas do sul da Península e o Alentejo.

Na região da foz do Guadiana estamos já no campo das investigações de Estácio da Veiga e na plena cultura das sepulturas de cúpula <sup>(19)</sup>.

## II. O CONCELHO DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### 1. CONDIÇÕES GEOLÓGICAS E GEOGRÁFICAS

O concelho de Reguengos de Monsaraz, situado no extremo sudeste do distrito de Évora (vide Mapa), confina, em toda a sua extensão, a Oriente, com o rio Guadiana. Acompanha o seu curso por 70 quilómetros aproximadamente, até à sua confluência com o rio Degebe. O triângulo ponteagudo,

---

<sup>(16)</sup> Uma placa de xisto antropomorfa e um pequeno vaso com dois mamilos (Museu Etnológico).

<sup>(17)</sup> G. Leisner, *La Estela-Menhir de Granja de Toniñuelo, Investigación y Progreso*, IX, 1935, N.º 5; *Meg. Gr. Est.* 109, Sep. 2.

<sup>(18)</sup> O material desta «cueva» guarda-se no Museu de Sevilha.

<sup>(19)</sup> S. P. M. Estácio da Veiga, *Paleoethnologia, Antiguidades Monumentais do Algarve*, Lisboa, 1 (1886), 2 (1887), 3 (1889), 4 (1891).

formado por estes dois rios, abrange a metade meridional do concelho. O limite do concelho, depois de acompanhar o rio Degebe por uns 40 quilómetros, afasta-se dele, voltando para nordeste. Corta a estrada de Reguengos a Évora e volta, numa grande curva, para a margem do Guadiana (Mapa, Est. LXIII). Este sector setentrional do concelho confina com os concelhos de Évora e Alandroal, dos quais nenhum limite natural o separa, a não ser umas serras perto do Guadiana.

A maior parte do concelho é formada pelo silúrico superior, que se estende, tanto no norte como no sul, em grandes áreas, interrompidas, no extremo sul, por uma mancha de precâmbrico e arcaico, no centro, por uma enorme mancha de granito, que rodeia a vila de Reguengos, e outra mancha menor, de granito, a leste, confinando com o Guadiana em redor da ponte nova, pela qual a estrada para Mourão atravessa o rio <sup>(20)</sup>. Estas zonas graníticas abrangem totalmente a freguesia de Reguengos e, parcialmente, as freguesias de Caridade, S. Marcos do Campo, S. Pedro de Corval e de Monsaraz.

Para quem gosta da grandeza solitária da paisagem alentejana, esta região tem um encanto singular. Nas áreas graníticas o terreno é ligeiramente ondulado e das colinas disfruta-se uma vista soberba sobre estas terras férteis, alvejando os «montes» espalhados entre olivais e azinhais. A leste, a serra mais alta do concelho, coroada pela vetusta vila de Monsaraz, domina o horizonte, limitado pelas serras da margem espanhola do Guadiana.

Em toda a região granítica afloram os penhascos, espalhados pelos campos em grandes blocos, às vezes de formas esquisitas. Como em todas as partes do Alentejo, é esta a zona das antas. Já dissemos num trabalho anterior <sup>(21)</sup> que a irregularidade de distribuição dos megálitos está ainda por esclarecer. Embora seja natural a abundância da matéria-prima incitar a tais construções e a sua conservação ser mais garantida nestas terras, há vários argumentos a favor da difusão do povo megalítico para além destas fronteiras geológicas. Nós mesmos visitámos uma região xistosa da Beira

---

<sup>(20)</sup> A descrição da formação geológica do concelho segue a publicação: *A cultura do trigo no Alto Alentejo. Estação Agrária Central, Boletim n.º 13, série A, 1934, pág. 160, mapa pág. 156.*

<sup>(21)</sup> Leisner, *Évora*, pág. 5.

## INTRODUÇÃO

Baixa, onde, em tempos antigos, houve abundância de dólmenes, actualmente quase todos destruídos e dos quais apenas se conservam as mamoas. É que, nos anos de estiagem, ao abrirem-se novos poços, arrancaram-se, naquela região, as pedras das antas para a construção dos mesmos, e, deste modo, daqui a alguns decénios, desaparecerão todos os vestígios da cultura megalítica naquele concelho. Este e factos semelhantes, facilitados pelas pequenas dimensões das antas nas regiões xistosas, podem tê-las destruído amiúde. No concelho de Reguengos, porém, percorremos todas as Herdades ao sul e não encontrámos quaisquer vestígios da cultura megalítica, nem pudemos recolher ali notícias de achados avulsos de machados como testemunhas de uma cultura neolítica. Na Herdade de Roncão foram encontradas, há vinte anos, ao lavrar a terra, cistas de lajes de xisto nas escarpas do rio Guadiana, as quais provavelmente já pertencem a uma época avançada do bronze.

Para explicar a abundância ou falta da cultura megalítica nas diferentes regiões, teremos de considerar a economia daquelas épocas. É verosímil que qualquer povo agricultor, conforme factos provados noutros países da Europa, se tivesse apoderado de preferência dos terrenos mais férteis e fáceis para lavrar, ao passo que, para a criação dos animais, serviam também as terras rochosas <sup>(22)</sup>. Embora falem provas seguras sobre o estado económico do povo megalítico na primeira fase cultural, o próprio *habitat* deixa supor uma vida pastoril, e o facto de terem sido encontradas enxós, já nesta fase, leva-nos a crer que já se tivesse iniciado o amanho da terra. A escassez de cerâmica nos pequenos dólmenes vem confirmar esta hipótese. No sudeste da Península, o *habitat* do povo megalítico nos planaltos calcáreos e o do povo da cultura de Almeria nos vales férteis mostra, de igual modo, a ligação que existiu entre a economia primitiva e as condições geográficas. A actividade agrícola intensifica-se no período eneolítico das antas, como se prova pelos moinhos de mão, pelos sílices de foices e pela abundância de cerâmica <sup>(23)</sup>. A preponderância do machado de secção rectangular nas regiões

---

(22) Para a relação entre a economia do Mediterrâneo Ocidental e as condições geológicas e geográficas, vide M. Louis, *Notes de voyage aux Iles Baléares. Zephyrus*, I. Salamanca, 1950, pág. 39; Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 335.

(23) As analogias da cultura megalítica portuguesa com a cultura de Almeria apenas se evidenciam nesta fase.

xistosas poderia indicar que a expansão do povo megalítico para além das terras graníticas se tivesse apenas efectuado na segunda fase do neolítico, depois da transição para a vida agrícola.

## 2. DISTRIBUIÇÃO DAS ANTAS

Apesar de se ter encontrado um número tão elevado de antas num espaço bastante limitado, estas nunca aparecem reunidas em verdadeiras necrópoles. A abundância de construções megalíticas em certas regiões dá, no entanto, a impressão de que estes sítios foram mais populosos ou, por qualquer razão, preferidos para a erecção das sepulturas, mas, mesmo nestes casos, as antas estão espalhadas pelos campos, sem relação entre elas. Anda-se muitas vezes meia hora ou mais de uma anta a outra. Os casos de duas antas construídas junto ou tão perto uma da outra que essa sua situação nos leve a admitir uma sequência cronológica de construção, num certo local, são raros. Além de alguns exemplos, dos quais trataremos mais adiante (pág. 160), parece-nos que a grande anta 5 da Herdade das Areias (N.º 93) e as pequenas antas circundantes (N.ºs 95 e 99) situadas à distância de 30 metros, quase à beira do *tumulus* daquela, poderiam provar tais relações culturais.

Já mencionámos, ao tratarmos das antas nos arredores de Évora, uma aglomeração delas em redor dos «montes» actuais, facto esse que talvez esteja em relação com a existência de fontes<sup>(24)</sup>. Tal situação observa-se também no concelho de Reguengos, onde se encontram, às vezes, duas ou mais antas reunidas perto de fontes, como por exemplo no Poço da Gateira (N.ºs 29 e 30), no Poço do Outeirinho (N.ºs 64 e 65), no Poço do Cominho (N.ºs 61-63), no Poço do Monte da Arriba (N.ºs 111 e 113) e em vários outros lugares de condições semelhantes (N.ºs 56, 58, 83, 103, etc.). Do mesmo modo se observa essa situação nas margens de ribeiras. Nota-se o alinhamento das antas na ribeira de Vale Carneiro (N.ºs 81-83), na ribeira do Monte das Areias (N.ºs 89-91), na ribeira do Monte Novo (N.ºs 120 e 121) e de outras junto de correntes de água. Nota-se também uma predilecção

---

(24) Por exemplo, em redor do Monte da Herdade dos Montes Claros, Vimieiro, e do Monte da Herdade da Caeira, Pavia.



## INTRODUÇÃO

para construir em pequenas elevações do terreno. De uma maneira geral, contudo, não é possível estabelecer uma norma para a situação das antas.

A sua distribuição constitui mais um facto para apoiar a hipótese de uma economia pastoril ou, como outros autores admitem, de uma vida parcialmente nómada <sup>(25)</sup>, porquanto, mesmo nas regiões de maior abundância de antas, quase nunca se encontraram, até hoje, vestígios de habitações do povo megalítico. Essa distribuição, de que acabamos de falar, está em contraste com as necrópoles das culturas urbanas do sudeste da Península, documentadas pelas cidades fortificadas da época do bronze inicial, tal como Los Millares, e constitui outra prova das diferenças entre a cultura megalítica e a cultura das *tholoi*.

### 3. CONSERVAÇÃO E VIOLAÇÃO DAS ANTAS

A conservação das antas do concelho é fraca, nalgumas péssima. Apenas há cinco câmaras ainda com o chapéu, mas já meio inclinado (N.º 10, 28, 51, 119 e 134). Muitas vezes as partes superiores dos esteios foram cortadas; contudo, os seus restos deixam ainda reconhecer a planta. Além disso, as escavações foram dificultadas por estarem, quase sempre, grandes fragmentos do chapéu no interior das câmaras: às vezes, não só o chão está totalmente tapado pelo chapéu inteiro, mas também as oliveiras e azinheiras dentro da anta impedem qualquer investigação. Isto indicava, logo à primeira vista, que as antas tinham sido violadas. Na anta grande do Olival da Pega, por exemplo, que provavelmente só tinha sido roubada uma vez, conservava-se ainda um espólio rico, mas a maior parte das antas foram remexidas várias vezes, pelo que se perdeu todo o recheio primitivo, estando as câmaras, hoje, totalmente cheias de terra igual ao terreno adjacente ou de um barro amarelo proveniente, provavelmente, do *tumulus*. Apenas abrimos uma única anta com o recheio primitivo parcialmente intacto (N.º 29). Mesmo nos casos de despojo total da câmara, encontrámos, por vezes, objectos arqueológicos nos corredores, alguns dos quais, com grandes e fortes esteios,

---

(25) San Valero, *La península*, pág. 24.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

estão bem conservados, ainda que, geralmente, descobertos. Dos corredores compridos, construídos com esteios menores, existem apenas restos. Na anta 1 de Piteiros e na anta 12 das Areias (N.º 43 e 100), o extremo do corredor é ainda indicado pelos restos de uma porta exterior, à beira do *tumulus*.

Por vezes, um ou outro objecto achado marca a época em que se deu a violação. A anta grande do Olival, por exemplo, foi roubada no século XV, o que se pode provar por umas moedas lá encontradas, ao passo que moedas do século XIX, na anta 1 do Cebolinho, provam uma violação recente. Outras antas já foram abertas no tempo dos romanos (N.º 62). Na anta 1 dos Gorginos apareceu, na camada superior, cerâmica que pertence, provavelmente, ao fim da época do bronze.

## B. ARQUITECTURA MEGALÍTICA

### I. CLASSIFICAÇÃO DAS ANTAS CONFORME A ARQUITECTURA <sup>(26)</sup>

As antas estudadas e escavadas no concelho de Reguengos podem ser classificadas em três grupos principais:

1. Antas sem corredor e cistas megalíticas;
2. Antas com corredor;
3. *Tholoi* com falsa cúpula construída de lajes de xisto.

#### 1. ANTAS SEM CORREDOR

##### *Dólmenes em forma de galeria*

Nas últimas décadas aumentaram, no Alentejo, as descobertas de pequenos dólmenes sem corredor, quer em regiões já anteriormente exploradas,

---

<sup>(26)</sup> A descrição das antas, o relatório das escavações e o índice dos espólios encontram-se na lista das antas (pág. 201). A cada anta citada juntamos o respectivo número da lista.

onde eles tinham escapado à atenção dos antigos investigadores, quer em concelhos apenas recentemente estudados. A série maior e mais importante de escavações em dólmenes deste tipo foi efectuada pelo Dr. M. Heleno Júnior, Director do Museu Etnológico, nos concelhos de Montemor-o-Novo, Lavre e Canha <sup>(27)</sup>.

No Alentejo central, Virgílio Correia escavou vários pequenos dólmenes sem corredor, nos arredores de Pavia, os quais denomina «sepulturas neolíticas», atribuindo-as a uma civilização diferente, mas contemporânea da dos dólmenes maiores de corredor <sup>(28)</sup>. O Museu Etnológico conserva de uma destas sepulturas, a de Madre de Deus, um machado cilíndrico e uma enxó <sup>(29)</sup>. Das outras sepulturas deste tipo, a da Herdade dos Antões deu dois machados, a da Herdade da Figueira um fragmento de faca e a da Herdade de Entreaguas, de tamanho maior, sete machados <sup>(30)</sup>. Quanto ao rito da inhumação nestas sepulturas vide pág. 155.

Na região do Guadiana pertencem a este grupo architectónico algumas das antas escavadas por A. do Paço, na Herdade de Fontalva, as quais continham um espólio primitivo, composto apenas de micrólitos, machados e de pouca cerâmica <sup>(31)</sup>. Trata-se provavelmente dos dólmenes de câmara pequena, alongada e relativamente baixa, os quais vimos, naquela herdade, nos sítios de Poço Pereira, Poço do Mato e Maria Flores.

Nos terrenos da Colónia de Vila Fernando, L. Agostinho, tendo escavado um pequeno dólmen, hoje meio caído, mas cujos restos ainda permitem

(27) Os resultados ainda não foram publicados. Graças ao amável convite do Sr. Dr. Heleno pudemos assistir, no ano de 1934, à abertura de um dólmen sem corredor na Herdade do Azinhal, perto de Sítborro, o qual, embora intacto, continha apenas um número muito reduzido de machados cilíndricos e micrólitos trapezoidais, o que constitui, segundo informação do seu investigador, o espólio habitual de muitos outros destes pequenos dólmenes.

(28) V. Correio, *El Neolítico*, págs. 35, 57, 62, 70; fig. 55.

(29) Mus. Etn. N.ºs 12.217 e 12.218.

(30) Estes objectos provavelmente deram entrada no Museu sem indicação exacta da sua proveniência, pelo que não pudemos identificá-los.

(31) Segundo informação que o Sr. Major do Paço amavelmente nos deu. Os machados provenientes das escavações na Herdade de Fontalva conservam-se no Museu Geológico, não sendo, contudo, possível identificá-los de harmonia com os diferentes dólmenes.

reconhecer a planta de uma pequena galeria, encontrou dois machados cilíndricos, um pequeno vaso esférico e uma faca de sílex <sup>(32)</sup>.

No decurso das nossas viagens de estudo pelo Alentejo, vimos, em várias regiões, pequenas sepulturas deste tipo <sup>(33)</sup>, às vezes três ou quatro reunidas na mesma herdade. Também na região montanhosa da província espanhola de Cordova descobrimos pequenas galerias megalíticas <sup>(34)</sup>.

Não encontramos, até hoje, dólmenes sem corredor com espólio neolítico no concelho de Reguengos. Embora estas pequenas construções facilmente passem despercebidas, no entanto, devemos dizer que percorremos muitas herdades quase palmo a palmo.

A anta 11 da Herdade das Areias (N.º 99, Est. XXXVIII), poderia, à primeira vista, ser incluída neste tipo arquitectónico, mas a sua escavação demonstrou que não pertence à época neolítica, sendo o seu espólio igual à anta de corredor contígua.

Este facto obriga-nos a prorrogar as nossas conclusões sobre a expansão do tipo primitivo da sepultura megalítica, até que outras escavações em várias regiões nos ofereçam bases certas. Como o foco originário de uma cultura abrange geralmente uma área limitada, segundo a teoria defendida por Childe <sup>(35)</sup>, é talvez de supor que o Alentejo ocidental tenha sido o centro dessa expansão, que apenas atingiu o concelho de Reguengos numa época um tanto posterior.

---

<sup>(32)</sup> Estes objectos encontram-se na colecção de L. Agostinho. Abel Viana, na descrição deste dólmen, refere-se apenas a um único machado e junta ao espólio uma laminazinha de cristal de rocha (*Arqueologia de Elvas*, pág. 9). A planta esquemática ali reproduzida (fig. 11, 5) difere, portanto, do tipo da sepultura segundo o nosso levantamento.

<sup>(33)</sup> Na região de Ervedal: Anta 4 do Poço Branco, Antas de S. Martinho; na região de Alter do Chão: Anta 11 do Couto da Madalena; na região de Évora: Antas da Herdade do Almo, Anta 2 do Freixo de Baixo (Leisner, *Évora*, Est. VIII, 4, 6 e 7); no concelho de Moura: Anta 2 da Herdade da Negrita.

<sup>(34)</sup> Leisner, *Még. Gr.*, Est. 54, Sep. 5-9.

<sup>(35)</sup> *Trans. Glasgow Arch. Soc.*, 1931-33, págs. 120-137.

*Cistas megalíticas*

*Anta 10 da Herdade das Areias* (N.º 98, Est. XXXVII).

*Anta 1 da Herdade da Falcoeira* (N.º 108 b, Est. XXXVII).

A anta 10 das Areias assemelha-se na configuração da câmara à anta 3 dos Gorginos (N.º 129). O Dr. Leite de Vasconcelos encontrou uma cista de tipo semelhante nos arredores de Évora <sup>(36)</sup>. A planta da câmara rectangular da anta 2 da Segonha <sup>(37)</sup> tem também afinidade com aquela da cista das Areias. Em ambas as cistas do concelho de Évora a posição cronológica ainda se não verificou por escavações; a cista das Areias tão pouco deu esclarecimentos suficientes. Apenas nos deu a impressão de pertencer à época e facies cultural das antas de corredor de sobrevivência neolítica <sup>(38)</sup>.

Um tipo de sepultura, de que até hoje não encontrámos outra no Alentejo, é a cista no *tumulus* da Falcoeira. Embora quase completamente enterrada, a sua construção é mais megalítica do que a da cista das Areias. Por ser um exemplar único e não ter fornecido qualquer objecto, a sua classificação etnológica e cronológica torna-se duvidosa. A sua posição no *tumulus*, em relação à anta contígua, descrita pormenorizadamente no relatório da escavação, permite aproximá-la das cistas de xisto de tamanho semelhante, encontradas em vários sítios, nas margens do rio Guadiana (pág. 15). Abel Viana descreve uma câmara megalítica quadrada sem corredor, construída com esteios de grande espessura, encontrada na Herdade dos Serrones <sup>(39)</sup>. O autor menciona que o monumento é bem visível, o que indica uma construção diferente da da cista da Falcoeira. A cista dos Serrones também não é documentada por qualquer objecto.

---

<sup>(36)</sup> O *Arch. Port.*, IV, 1898, pág. 126.

<sup>(37)</sup> Leisner, *Évora, Est.* VIII, n.º 5.

<sup>(38)</sup> Tanto na planta, como na construção com lajes de pouca altura, a cista das Areias assemelha-se extraordinariamente a uma cista neolítica das Caldas de Monchique, da qual só tivemos conhecimento depois de terminado este manuscrito. Abel Viana, *Nuevas contribuciones*, Est. XV, fig. 5.

<sup>(39)</sup> Abel Viana, *Arqueología de Elvas*, pág. 13, fig. 1, n.º 2.

## ARQUITECTURA MEGALÍTICA

### 2. ANTAS COM CORREDOR (Est. XL) <sup>(40)</sup>

O dólmen de corredor é o tipo predominante na cultura megalítica do concelho de Reguengos. É, em geral, de tamanho médio, com corredor curto.

#### *Planta das câmaras*

Prevalecem as câmaras de planta poligonal, sendo, porém, raro o polígono perfeitamente circular. O tipo mais frequente é o polígono com o maior comprimento no sentido do eixo longitudinal, mostrando, por vezes, tendência para o rectângulo.

A câmara é quase sempre construída com sete esteios. Várias vezes, no entanto, aparece no concelho, a câmara de seis esteios, ao passo que a câmara de cinco e a de nove esteios apenas é documentada por poucos exemplares. (Est. XL, 40; 8, 22 e 42). Tendências para formas trapezoidais vêem-se sobretudo nas grandes câmaras. Em geral os esteios estão um pouco sobrepostos uns aos outros, sobretudo na cabeceira, mas a sobreposição muito acentuada é rara.

As plantas das câmaras podem ser classificadas de maneira seguinte:

- 1) Câmaras de polígono regular, com esteios de largura quase igual, cuidadosamente ligados (N.<sup>os</sup> 32 e 83; Est. XL, 1 e 2).
- 2) Câmaras de polígono alongado.
  - a) com tendência para o rectângulo, verificada pela posição dos esteios adjacentes à pedra de cabeceira, os quais formam ângulo recto com aquela (N.<sup>os</sup> 12 e 129; Est. XL, 3 e 4). A este tipo pertence também a anta grande da Herdade das Areias,

---

<sup>(40)</sup> As conclusões tiradas das nossas investigações baseiam-se em cerca de 100 antas; as restantes já não estão em condições de poderem ser classificadas.

(N.º 89) <sup>(41)</sup>. A configuração destas câmaras poderia ser inserida na linha evolutiva que mantém características da sepultura em forma de galeria, a cujo tipo pertence, por exemplo, a anta das Cabeças <sup>(42)</sup>.

b) alongadas sem acentuação da cabeceira.

As câmaras mais típicas deste grupo são construídas apenas com seis esteios (N.ºs 29 e 36; Est. XL, 5 e 6).

Semelhantes a este tipo são as câmaras com cabeceira acentuada, mas com corredor desviado do eixo da câmara (N.ºs 1, 33 e 60; Est. XL, 29-31; Est. III).

c) alongadas de polígono regular, com cabeceira acentuada. Esta é uma forma frequente no concelho, embora o prolongamento seja às vezes pouco pronunciado. Os exemplares mais típicos são os N.ºs 24, 37, 47, 62, 77 e 119; Est. XL, 7, 8, 12, 15, 33 e 46. A câmara mais estreita é representada pelo N.º 37 e é quase da mesma largura do corredor.

d) alongadas, ligeiramente trapezoidais (N.º 43; Est. XL, 16).

3) Câmaras de polígono alargado.

As câmaras desta forma são mais raras do que as alongadas. Encontram-se também neste grupo plantas de configuração quase rectangular, provocada pela posição dos esteios à entrada, os quais estão paralelos à cabeceira. Os exemplares mais típicos encontram-se na terceira coluna da estampa XL, 17-23. N.ºs da lista: 5, 14, 16, 23, 64, 78, 104 e 106.

4) Câmaras de polígono unilateral.

Estas câmaras são semelhantes às do tipo anterior. Têm a particularidade de apresentarem uma parede quase em linha recta, a

---

<sup>(41)</sup> Na região de Évora, a Anta grande da Herdade do Freixo representa este tipo, ao qual pertencem também vários dólmenes menores. Leisner, *Évora*, Est. IV, 1; V, 2.

<sup>(42)</sup> Leisner, *Évora*, Est. VIII, 1.



qual é continuada pelo corredor, que fica, conseqüentemente, desviado do eixo central da câmara (N.<sup>os</sup> 70, 125, 126 e 128; Est. XL, 24-27, Est. VI) (<sup>43</sup>).

5) Câmaras poligonais de tendências trapezoidais.

É uma forma típica, de cabeceira larga, sobreposta por dois esteios, que ainda mais alargam a parte do fundo da câmara. Dois esteios grandes e largos estreitam a parte da entrada, dando-lhe a forma de funil. A este tipo pertencem várias das grandes antas eneolíticas do concelho (N.<sup>os</sup> 50, 83 e 127; Est. XL, 34, 35 e 39).

6) Pequenas câmaras com cinco esteios.

Estas câmaras assemelham-se ao tipo anterior (N.<sup>os</sup> 95 e 130; Est. XL, 40; Est. XXXVII, 5) (<sup>44</sup>).

*Plantas dos corredores*

O corredor relativamente curto, apenas com um esteio de cada lado, é o tipo mais frequente no concelho de Reguengos (<sup>45</sup>). Encontrámo-lo em cinquenta antas, ou seja metade das antas classificadas. Nos corredores deste tipo os esteios são às vezes muito grossos (N.<sup>os</sup> 24 e 119; Est. XL, 8 e 12). Assim, em antas de tamanho médio, chegam a atingir o comprimento de 2<sup>m</sup>,60 e, na anta grande do Olival da Pega, alcançam mesmo 3<sup>m</sup>,60. (N.<sup>o</sup> 50; Est. XL, 39). Às vezes o comprimento do corredor, formado por estes grandes esteios, é aumentado por dois esteios menores (N.<sup>os</sup> 12, 82 e 111; Est. XL, 4, 34 e 36). Portas no fim destes corredores e a coroa de blocos na orla do *tumulus* são, por vezes, provas de que o comprimento do corredor, constituído por estes dois esteios, corresponde ao primitivo (N.<sup>os</sup> 125 e 127; Est. XL, 24 e 35).

(<sup>43</sup>) Vide na região de Évora: Leisner, *Évora*, Est. VI, n.<sup>os</sup> 1-3.

(<sup>44</sup>) Cf. Abel Viana, *Arqueologia de Elvas*, pág. 29, fig. 20, d.

(<sup>45</sup>) Às antas deste tipo, reproduzidas na estampa XL, são para juntar os números: 2, 3, 22, 23, 27, 31, 38, 40, 42, 48, 68, 71, 73, 115, 116 e 117.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Este tipo de corredor apresenta as seguintes características:

- a) estreito, e de paredes paralelas (N.<sup>os</sup> 82, 111 e 119; Est. XL, 8, 34 e 36).
- b) largo (N.<sup>os</sup> 1, 88 e 128; Est. XL, 26, 28 e 29) e, às vezes, ligado à câmara de polígono alargado. Neste caso, a entrada da câmara é muito mais estreita do que o corredor.
- c) o mesmo tipo que o anterior b), mas estreitando consideravelmente para a entrada exterior (N.<sup>os</sup> 112, 126 e 127; Est. XL, 10, 25 e 35), tendo, em alguns casos, não só o corredor, mas o conjunto da sepultura a forma de trapézio.

O tipo de corredor de maior número de pequenos esteios é, no concelho de Reguengos, menos frequente (N.<sup>o</sup> 77; Est. XL, 7). Aparece, por vezes, ligado a corredores de maior comprimento, que são ainda mais raros e mal conservados, pelo que a sua classificação é difícil. Além dos exemplares reproduzidos (N.<sup>os</sup> 10, 37, 62 e 134; Est. XL, 33, 38, 44 e 46) são ainda para mencionar os N.<sup>os</sup> 25, 43, 79, 100 e 109.

### *Altura das câmaras e dos corredores*

Embora, como é natural, a altura do monumento aumente de harmonia com o seu tamanho, há, nestas proporções, certas divergências no que respeita, sobretudo, à diferença de altura entre a câmara e o corredor. Ao passo que este conserva sempre uma altura que apenas de rastos permite a entrada no interior da sepultura, atingindo só na grande anta do Olival da Pega 1<sup>m</sup>,40, a altura da câmara varia consideravelmente. Raras são, no concelho, as câmaras excessivamente altas, das quais a anta do Olival da Pega é protótipo. A diferença entre a altura da câmara e a do corredor atinge, nesta anta, três metros. A este tipo arquitectónico pertencem, entre outras, a anta 1 do Cebolinho (N.<sup>o</sup> 103; Est. XLIV), que apresenta uma diferença de 2<sup>m</sup>,30, a anta 1 do Monte Novo (N.<sup>o</sup> 118) e a anta 1 da Comenda (N.<sup>o</sup> 35; Est. LV). Há, no entanto, câmaras de diâmetro igual ou pouco inferior, nas quais o desnível entre a câmara e o corredor é

## ARQUITECTURA MEGALÍTICA

muito menos acentuado, oscilando essa diferença em cerca de 1 metro. Como estas particularidades de construção estão associadas a diferentes aspectos culturais, tratar-se-á delas na classificação dos tipos arquitectónicos em relação aos espólios <sup>(46)</sup>.

### *Átrios*

Duas antas, a anta 2 do Poço da Gateira e a anta 3 da Comenda, apresentam, fora da porta exterior do corredor, um átrio (N.º 30 e 37; Est. XL, 46 e 47). Na primeira, este átrio é rectangular; na segunda, é poligonal. Em ambos os casos o nível do chão do átrio fica um pouco mais elevado do que o do corredor, para o qual se desce por um degrau. As pedras da circunferência de ambos os átrios não estão enterradas no subsolo, mas apenas postas sobre o chão.

Em face desta construção pouco durável, é de crer que maior número de antas tivessem tido primitivamente um átrio, facto esse para admitir nos casos em que a porta exterior do corredor não corresponde à orla do *tumulus*. Como vestígio de um átrio primitivo temos, por exemplo, uma pedra na parte exterior do corredor da anta grande do Olival da Pega, a qual está um pouco fora da direcção da parede daquele, menos afundada e que é um tanto mais alta do que os outros esteios do corredor. Em nenhum caso, porém, nos átrios mencionados, resultou qualquer achado da escavação.

### *Portas*

Em muitas antas há restos de construções de portas, quer na entrada da câmara, quer no lado exterior do corredor. Na maioria dos casos conservam-se um ou dois umbrais, constituídos por pilares, cujo corte transversal é quadrangular ou triangular; às vezes os umbrais são apenas lajes de

---

<sup>(46)</sup> Note-se que, muito perto de duas antas do tipo alto, a do Monte Novo e a da Comenda, está outra do tipo mais baixo, o que poderá também indicar uma sequência cronológica.

pouca largura. Na anta 2 da Comenda e na anta 1 do Poço da Gateira há só um pilar, num dos lados da entrada, pelo que, dado o parentesco das plantas das referidas antas e o estado de conservação da primeira, pode julgar-se que tenha sido esta a configuração primitiva. A altura total dos pilares, que estão apenas pouco enterrados no solo, geralmente não excede um metro; portanto, a altura da entrada da anta, nestes casos, não pode ser mais do que 0<sup>m</sup>,90. A entrada da câmara, cuja largura entre os esteios poucas vezes excede um metro, fica ainda mais estreita pela posição dos pilares no interior do corredor, chegando a ter menos de meio metro.

Da construção superior das portas poucos restos se encontram. Blocos alongados, que apresentam uma concavidade num dos seus bordos e que provavelmente serviam de padieira, jaziam no solo junto à entrada exterior da *tholos* da Comenda e dentro da câmara da anta 2 do Monte Novo. Esta mesma concavidade se nota na grande laje colocada sobre a porta da anta 2 da Comenda (Est. XLV) <sup>(47)</sup>. Na anta 2 do Monte Novo conserva-se ainda, à direita da entrada da câmara, um umbral composto de três pedras, cuidadosamente dispostas (Est. XL, 8).

Na anta 2 da Comenda (N.º 36, Est. X, F-E) a laje que fecha a câmara por cima da porta está directamente pousada sobre os esteios do corredor, entalada entre os esteios da câmara e a primeira laje da cobertura do corredor (Est. X, A-B). Na anta 1 do Passo esta mesma laje superior à porta está colocada sobre a própria laje da cobertura do corredor (Est. XVIII); a mesma construção é de admitir na anta grande do Olival da Pega (Est. XXII). Em todas as outras antas do concelho, a laje que tapa a abertura, por cima da porta, desapareceu ou escorregou. Na entrada da câmara da anta 1 do Barrocal jaz o fragmento de uma laje, que, provavelmente, fazia parte da pedra superior à porta e que mostra uma canelura em forma de semicírculo, profundamente gravada.

A laje da porta que separava a câmara do corredor, era às vezes de xisto, como demonstram a anta 2 da Comenda, a anta 2 das Vidigueiras e a anta 3 do Piornal (N.ºs 36, 126 e 71). Na entrada exterior da anta 2 da Comenda está uma laje de granito, trabalhada em forma rectangular,

---

(<sup>47</sup>) Cf. Leisner, *A Anta das Cabeças*, *O Arch. Port.*, 2.ª Série, Vol. 1.

segura do lado de fora por fortes blocos. Não se pode, porém, afirmar que esta construção tivesse sido a primitiva, mas antes julgamos que a laje que atravessa o corredor desta mesma anta e que hoje está um tanto inclinada, não deva indicar uma divisão, mas sim o fim do corredor primitivo (para estas construções vide pág. 38 e Est. XIV). Como vestígio de uma divisão, podemos apenas citar uma laje que atravessa o corredor da anta 1 do Pior-nal (N.º 69), e que só aflora à superfície da terra. Para verificar a construção, seria preciso uma escavação. Uma laje trabalhada, que jazia no chão do corredor da anta do Olival da Pega, sendo demasiado pequena para atravessá-lo, pertence provavelmente a qualquer compartimento encostado à parede do corredor.

Uma construção complicada de cinco pedras de cada lado forma a porta exterior do corredor da anta 1 das Piteiras (N.º 43, Est. XL, 16). Esta porta insere-se na orla do *tumulus* e fica oito metros distante da câmara, o que indica um corredor muito comprido. Na Herdade das Areias vimos também restos de uma anta, de cuja câmara resta um único esteio e, à distância de onze metros, dois pilares da porta exterior (N.º 100).

No chão do corredor da anta 1 das Vidigueiras, em ambas as esquinas formadas pelos esteios e os pilares da porta exterior, estava um vaso, um deles acompanhado por um machado.

### *Pormenores da construção*

Já numa publicação anterior tratámos circunstanciadamente da construção megalítica das antas alentejanas (<sup>48</sup>), pelo que apenas citaremos aqui mais algumas particularidades.

O material empregado é, com poucas excepções, o granito (<sup>49</sup>). Poucas vezes se tem a impressão de que os esteios tivessem sido aperfeiçoados (N.º 133, Est. XL, 41); mas antes se depreende que foram postos em bruto tal como foram arrancados.

---

(<sup>48</sup>) Leisner, *Évora*, pág. 12.

(<sup>49</sup>) Na estampa XL os esteios de xisto são tracejados. Todos os esteios desenhados a preto, em cheio, são graníticos.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Dentre as câmaras notam-se, pela regularidade do polígono e pelos esteios bem ajustados e postos a prumo, a anta 2 do Passo e a anta 1 dos Piteiros (N.º 83 e 43, Est. XL, 16 e 1). Assemelham-se, além disso, pela boa conservação do *tumulus* e pelos corredores, que parece terem sido compridos.

A inclinação dos esteios aumenta desde a cabeceira até à entrada da câmara. Na anta grande do Olival da Pega, um dos esteios da entrada (Est. XXII, esteio d) está tão inclinado para dentro, que parece, à primeira vista, estar prestes a cair, mas vê-se que essa é a sua colocação primitiva, por se conservar ainda *in situ* uma pedra de contraforte muito afundada. Na anta 1 do Passo, a cabeceira é mantida da mesma maneira. Uma particularidade que ainda não encontrámos na arquitectura megalítica do país, são as pedras a servir de contraforte dentro da própria câmara e, portanto, inclinadas contra os esteios da entrada (N.ºs 24 e 77, Est. XL, 7 e 12).

### *As colinas tumulares* <sup>(60)</sup>

Na maioria das antas, apenas se conservam restos do *tumulus*, demasiadamente insignificantes para tirar conclusões sobre a sua configuração primitiva. Em alguns casos, porém, a forma e o tamanho do *tumulus* podem deduzir-se da coroa de blocos colocados à sua volta, ainda hoje totalmente ou parcialmente *in situ*.

De harmonia com o aspecto geral das construções megalíticas do concelho, os *tumuli*, mesmo nas antas de tamanho maior, são relativamente pequenos. Na grande anta do Cebolinho (N.º 103), por exemplo, o *tumulus* tem um diâmetro de 15 metros apenas; na anta 1 das Vidigueiras (N.º 125, Est. VI) a respectiva medida é de 13 metros. A coroa circundante prova que, em algumas antas, o *tumulus* era ligeiramente oval; na anta 1 dos Gorginos (N.º 127, Est. XXXI) o seu diâmetro é de 13×16 metros; na anta 1 da Falcóeira (N.º 198, Est. XXXVII) de 8×10 metros; na grande anta do

---

<sup>(60)</sup> Empregamos a seguir, para as colinas tumulares, a palavra latina *tumulus* e no plural *tumuli*.

Passo (N.º 82, Est. XVIII) de 16×19 metros. Nestes casos o maior comprimento corresponde sempre ao eixo longitudinal da construção lítica <sup>(51)</sup>.

Duas antas de corredor mais comprido, a anta 1 dos Piteiros (N.º 43) e a anta 12 das Areias (N.º 100) conservam *tumuli* maiores, com, respectivamente, 20 e 22 metros de diâmetro. O grande *tumulus* da anta 1 da Farisoa, porém, não parece pertencer à construção da própria anta; foi aumentado posteriormente, ao construir-se a *tholos* (vide pág. 290). O mesmo facto poderia ter-se dado no *tumulus* da anta 2 da Comenda (N.º 36), se bem que o seu tamanho, com 15 metros de diâmetro, não seja excessivo.

Não há quaisquer provas certas acerca da altura dos *tumuli*. Às vezes os corredores estavam ainda completamente soterrados (N.ºs 36 e 82), mas os esteios da câmara eram sempre visíveis, mesmo antes da escavação. Apenas os alicerces das *tholoi* estavam escondidos no subsolo.

Em todos os casos, o centro da câmara megalítica coincide com o centro do *tumulus* <sup>(52)</sup>. Poucas são as provas de que o corredor siga até à orla do *tumulus* (N.ºs 43, 100 e 103); é mais frequente a porta exterior do corredor ficar retirada da orla para o interior do *tumulus*. Na anta 1 das Vidi-gueiras (N.º 125), a distância entre a porta e a orla do *tumulus* não ultrapassa 1<sup>m</sup>,20, mas na anta 1 dos Gorginos e na anta 1 da Farisoa, nesta última segundo a construção primitiva, atinge mais de 3 metros. O facto de, na anta 2 da Gateira (N.º 30) e na anta 3 da Comenda (N.º 37) se conservarem, neste espaço intermédio, resto de átrios e, também nas grandes antas do Olival da Pega e do Passo (N.ºs 50 e 82), haver indícios de construções fora do sector do corredor delimitado pelos grandes esteios, vem confirmar a hipótese já mencionada de que tais átrios tivessem sido mais frequentes do que o estado actual deixa supor (pág. 27). Isto também diz respeito à anta 1 do Poço da Gateira (N.º 29). Na pequena anta 4 dos Gorginos (N.º 130), no entanto, com corredor rudimentar, não é verosímil que houvesse qualquer ligação entre a construção megalítica e a orla do *tumulus*.

---

<sup>(51)</sup> Cf. Leisner, *Vale de Rodrigo*, Est. IV.

<sup>(52)</sup> Vide as conclusões que deste facto se podem tirar sobre a cronologia relativa das antas e das *tholoi* (págs. 227 e 290).

### ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Três dos *tumuli* escavados continham cada um deles duas construções diferentes (N.<sup>os</sup> 36, 108 e 111).

Em algumas antas o conteúdo das câmaras consistia, totalmente ou apenas nas camadas inferiores, de um barro amarelo, diferente dos terrenos adjacentes. A suposição de que esta terra barrenta provém do *tumulus*, é corroborada por factos verificados na Beira Baixa. No concelho de Proença-a-Nova todos os *tumuli* são deste barro, que é levado pelo povo para construções caseiras, dando-se às vezes o facto estranho de o *tumulus* ter desaparecido e conservar-se a anta com o seu recheio. Encontrámos deste barro sobretudo nas antas neolíticas (<sup>58</sup>).

#### 3. RELAÇÕES DA ARQUITECTURA DAS ANTAS DE REGUENGOS COM A DE OUTRAS REGIÕES DE PORTUGAL

As características architectónicas das antas de Reguengos podem incluir-se no quadro geral da architectura megalítica do País. Dentro desta generalidade, nota-se, no entanto, em Reguengos, a preponderância de alguns tipos, especiais, ao passo que outros tipos, frequentes no Alentejo central, são aí mais raros.

Com os nossos conhecimentos actuais, não nos é possível tirar, destas particularidades observadas no concelho de Reguengos, conclusões definitivas com respeito à evolução geral. Sem proceder a escavações, é difícil separar uma verdadeira evolução de características dependentes do material ou apenas próprias de uma certa região. Salientam-se, porém, em áreas mais vastas, alguns tipos architectónicos, cuja distribuição só por si é elucidativa, sendo as antas de tal tipo em parte caracterizadas por um material semelhante.

Trata-se sobretudo do tipo de anta com câmara poligonal e corredor curto, construído com duas grandes pedras, tipo esse característico da architectura megalítica do concelho de Reguengos. Verificámos duas variantes deste tipo: uma com câmara de polígono regular e corredor ao centro; a outra com câmara menos regular e com corredor desviado do eixo central.

---

(<sup>58</sup>) Cf. Dólmen de Soto. Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 225.



O corredor formado por dois grandes esteios é relativamente raro nos concelhos limítrofes ocidentais. Já na região de Évora é apenas documentado por dois exemplares: a anta do Monte Guerreiro, perto de S. Gregório, e a anta 1 de Alcanede, assim como por umas reminiscências que existem em corredores mais compridos <sup>(54)</sup>. Predomina ali o corredor de esteios pequenos, que, nas antas maiores, é bastante comprido. A região de Pavia oferece o mesmo aspecto, mas com o conjunto arquitectónico ainda mais regular. Nos arredores de Ervedal vimos corredores do tipo citado <sup>(55)</sup>, que aparece também no concelho de Fronteira, mas sempre em número reduzido.

Ao norte de Reguengos, nos arredores de Castelo de Vide e Marvão, o corredor de duas grandes pedras está amplamente documentado <sup>(56)</sup>, estendendo-se este tipo para o concelho de Niza <sup>(57)</sup>, para as províncias limítrofes da Espanha e, para além do rio Tejo, à província da Beira Baixa <sup>(58)</sup>. Há também destes exemplares na Beira Alta <sup>(59)</sup> e na Galiza <sup>(60)</sup> e casos esporádicos na Serra do Cabo Mondego e na Catalunha <sup>(61)</sup>. Mais significativo, porém, é o seu aparecimento nos dólmenes de Alvão, em Trás-os-Montes.

Bem sabido é que estes dólmenes foram considerados, durante muitos decénios, não só como os mais antigos de Portugal, mas também como o foco originário de toda a cultura megalítica da Península, teoria que foi abolida pela ciência moderna. No entanto, dada a possibilidade de comparar alguns dólmenes de Alvão com antas do mesmo tipo de Reguengos, estas últimas de espólio neolítico mais definido, impõe-se uma revisão desta teoria. Infelizmente, o material das antas de Alvão, proveniente das escavações de J.

<sup>(54)</sup> Leisner, *Évora*, Est. I, 5; Est. V, 3.

<sup>(55)</sup> Anta 4 da Lameira, Anta 2 da Torre de Ervedal.

<sup>(56)</sup> Anta do Cabeço e Casa dos Galhardos, Castelo de Vide; Anta 2, 3 e 5 do Matinho, Anta da Granja na herdade dos Pombeis, Anta do Cabeçudo, estas últimas no concelho de Marvão.

<sup>(57)</sup> Anta da Salgueirinha, Montalvão.

<sup>(58)</sup> Anta da Portela da Lameira, Preguilhas, concelho de Proença-a-Nova.

<sup>(59)</sup> Antas de Penedono, concelho de Penedono.

<sup>(60)</sup> Vide Leisner, *Galiz.-Nordport. Meg. Gr.*, pág. 50.

<sup>(61)</sup> Font del Roure, Péricot, *Sep. Meg.* Fig. 31, 1.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Brenha e do padre R. Rodriguez <sup>(62)</sup>, conserva-se nas colecções do Museu Etnológico e na do padre Rodríguez, em Telões, sem distribuição dos objectos pelas diferentes antas. Os dólmenes comparáveis às antas de Reguengos são os n.ºs 4 e 7, de Carrazedo de Alvão <sup>(63)</sup>. Segundo os seus investigadores, o dólmen n.º 4 continha dois machados e o dólmen n.º 7 treze, mas não podem ser identificados. Na sua totalidade, o material da necrópole de Alvão mostra uma preponderância do machado de secção rectangular sobre o machado cilíndrico, a qual, porém, não é aí tão acentuada como em outras regiões megalíticas do norte do País. Os micrólitos, aos quais se refere a publicação, não se conservam em nenhuma destas colecções. Os poucos restos de cerâmica são grosseiros e provêm de vasos maiores. O aspecto geral do material é o de um neolítico atrasado.

Em todas as regiões aqui citadas, o tipo da anta com corredor de dois grandes esteios poderia ter provindo de um neolítico local e marcar uma certa fase evolutiva da cultura megalítica que, em regiões mais afastadas das correntes culturais provenientes do litoral, sobreviveu até épocas posteriores. Naturalmente, tal teoria é apenas hipotética e exige, para a sua confirmação, novas escavações nas províncias do norte de Portugal. Devemos ainda mencionar que alguns dólmenes de Salamanca apresentam reminiscências deste tipo de corredor, que provavelmente foi levado de Portugal para a Catalunha <sup>(64)</sup>.

A definição da posição cultural e cronológica do tipo da anta com corredor unilateral é ainda mais difícil. Em Reguengos está ligado, de harmonia com o aspecto geral da arquitectura do concelho, ao corredor de dois grandes esteios e está provado que pertence a uma fácies neolítica. Encontrámos sepulturas do mesmo tipo, mas com os corredores de esteios menores, em várias

---

<sup>(62)</sup> José Brenha, *Dolmens ou Antas no concelho de Vila Pouca de Aguiar, Portugália*. Tomo I. Porto, 1903. Págs. 691-702. Raphael Rodríguez, *Dólmenes ou Antas de Vila Pouca de Aguiar. O Arch. Port.*, I. Lisboa, 1895. Págs. 36, 37 e 346 e segs.

<sup>(63)</sup> Ambos estão ainda bastante bem conservados, enquanto das outras antas da região apenas pudemos encontrar os restos da do Alto da Catarina.

<sup>(64)</sup> Péricot, *Sep. Meg.*, pág. 121, admite para este tipo de sepultura na Catalunha uma data bastante recuada.

## ARQUITECTURA MEGALÍTICA

partes do Alentejo central <sup>(65)</sup>. Poucos são os casos em que antas deste tipo são documentadas por qualquer material <sup>(66)</sup>.

Ao passo que as particularidades citadas estão numa relação mais íntima com os povos neolíticos, há também tipos arquitectónicos no concelho, cujas analogias se encontram naquela fase cultural, da qual é protótipo a placa de xisto gravada. Estas são as antas de câmara alta que contêm espólios eneolíticos. As plantas das suas câmaras são, em geral, mais regulares e semelhantes às das antas de Pavia. A esta fase cultural pertencem também, segundo o material escasso que deram, as antas de Reguengos com corredor comprido.

### 4. AS THOLOI

Quando da primeira inspecção às antas do concelho, observámos que, na superfície dos *tumuli* de várias antas, sobretudo nas partes adjacentes ao corredor, jaziam, espalhados, muitos fragmentos de lajes de xisto, alguns de tamanho considerável. Eleva-se quase a vinte o número destas antas <sup>(67)</sup>. O xisto, em nenhum dos casos, é do próprio local; foi trazido das terras junto ao rio Guadiana, as quais ficam a 10 ou mais quilómetros de distância. Às nossas perguntas, recebemos várias vezes a informação de que, ao lavrar-se a terra, foram encontradas, nestes lugares, sepulturas feitas com lajes de xisto e que continham ossos e cerâmica, objectos que, como sempre acontece, desapareceram ou foram destruídos. Das antas com lajes de xisto sobre o *tumulus* retiraram-se sempre objectos da época eneolítica.

---

<sup>(65)</sup> Anta 2 de Sueiros, Vimieiro; Anta de Benavila e Anta 2 da Cumiada, Ervedal; Anta Couto da Silveira e Anta da Malhada da Velha, Alter do Chão; Anta do Vale de Maceiros e Anta da Horta das Antas, Fronteira. O tipo encontra-se várias vezes nos arredores de Évora (Leisner, *Évora*, Est. VI, 1-4) e ocorre também no concelho de Montemor-o-Novo (Anta da Tapada, escavada pelo Dr. Leite de Vasconcelos). Para a distribuição deste tipo no sudeste da península, vide Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 354.

<sup>(66)</sup> Na anta de Val de Maceiros encontrámos uma pequena taça de parede vertical e fundo apianado.

<sup>(67)</sup> São os números: 5, 8, 15, 18, 35, 36, 37, 43, 50, 51, 61, 68, 73, 83, 84, 85, 104, 111 e 115 da lista.

Sobre um achado semelhante, obtivemos informações mais exactas do Sr. A. L. Agostinho, que, juntamente com o Sr. A. Dias de Deus, explorou vários monumentos megalíticos nos arredores de Vila Fernando (cf. pág. 11). Segundo as suas informações, o rico material do *tumulus* de Jeromigo não provém da anta que ele continha, mas de inumações dentro do mesmo. Disse ainda que na anta nada havia, mas que, do lado sul da mesma, à distância de, aproximadamente, 6 metros e numa área de cerca de  $5^m \times 3^m,50$ , se encontraram muitos objectos: facas com e sem retoque lateral, vasos, na maior parte já partidos, dois pequenos ídolos, pedaços alongados de quartzo, machadinhos, e que havia muitas lajes e grandes pedras no entulho, assim como muito cascalho. As suas notícias escritas dizem ainda: «debaixo de camadas de lajes de 20-30 cm. de tamanho encontraram-se juntos: dois ou três vasos, três ou quatro contas de colar, placas de xisto e restos de ossos humanos». Pertencentes ainda ao espólio destas inumações, existem, na sua colecção, duas pequenas pontas de seta, uma de base côncava e a outra de base recta <sup>(68)</sup>.

As indicações sobre este achado, que o Sr. Dias de Deus deu a Abel Viana <sup>(69)</sup>, diferem um pouco do relatório anterior. Segundo o Sr. Dias, as inumações no *tumulus* de Jeromigo (Genemigo), que eram cerca de uma dúzia de esqueletos, seguiam-se alinhadas, formando uma fila paralela ao corredor da anta, 2 metros distanciada dele. O dito autor faz também menção de um recinto rectangular, de pouco mais de 1 metro quadrado, no topo desta sepultura, que continha mais de um cento de calhaus rolados.

Embora persistam as divergências quanto às circunstâncias dos achados no *tumulus* de Jeromigo, ligamos importância ao facto de o espólio, em vários dos seus aspectos, pertencer àquela fácies do eneolítico, cujas analogias se encontram no sul da Península, indicando uma cultura aparentada com a das *tholoi*. Como prova disto, temos: as pontas de seta de base côncava, os vasos bicónicos achatados, o vaso gêmeo e os machadinhos votivos, todos objectos típicos da segunda época do eneolítico de Reguengos.

---

<sup>(68)</sup> Col. Agostinho, hoje em Coimbra. A estampa n.º XXXIX mostra alguns dos objectos mais típicos deste espólio.

<sup>(69)</sup> Abel Viana, *Arqueologia de Elvas*, págs. 6 e 7.

Vejamos agora o que as nossas próprias escavações vêm juntar, para esclarecer os factos dados nestes breves relatórios.

Na escavação da anta 2 da Comenda e da anta 1 da Farisoa, deparámos, na primeira à esquerda do corredor, na segunda à direita, com umas pedras, evidentemente colocados de propósito, mas apenas aflorando no terreno. Seguiam-se em duas filas paralelas e assemelhavam-se a uma espécie de pequena galeria. Iniciando uma escavação neste sítio e seguindo o rumo dado por estas pedras, chegámos, em ambos os casos, a um recinto circular, de paredes revestidas de lajes de xisto, assemelhando-se, em todos os pormenores da sua construção, às *tholoi* das culturas meridionais <sup>(79)</sup>.

Os factos seguintes são indubitáveis:

- 1) As *tholoi* foram construídas numa época posterior à das antas, sendo provas disso:
  - a) Os alicerces das *tholoi* estarem tão perto da anta que, dada a inclinação dos esteios megalíticos e a profundidade que atingem no subsolo, certamente uma construção posterior da anta teria destruído a *tholos* (Ests. X, XIV).
  - b) O revestimento do soco da câmara com lajes de xisto estar, em ambas as *tholoi*, interrompido pela inserção de esteios graníticos ao lado da anta. Não há explicação para este pormenor, supondo-se que as *tholoi* tivessem sido construídas antes das antas. No caso, porém, de as antas terem sido as primeiras a ser construídas, a inserção dos esteios de granito neste lugar explica-se pelo desejo de segurar a parede da *tholos* contra a pressão dos esteios da anta.
  - c) Observam-se diferenças análogas na construção dos dois lados do corredor da *tholos* da Farisoa. É natural que a parede sul tivesse sido alargada, para que pudesse encostar-se ao grande esteio da anta. O preenchimento dos vácuos com lajes de xisto é típico da arquitectura das *tholoi*.

---

<sup>(79)</sup> Para os pormenores da construção e da escavação, vide págs. 226 e 287.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

- d) O centro dos *tumuli* coincide com o centro das câmaras das antas. A anta está no ponto mais alto da elevação do terreno.
  - e) A orientação de ambas as *tholoi* não é a usual. No *tumulus* da Farisoa o terreno descai para nordeste, o que facilitava a inserção da *tholos* neste lado, sendo, porém, alheia à construção normal, na qual o corredor segue o rumo do declive.
  - f) O prolongamento dos corredores das antas, que foi provavelmente feito para que as duas entradas se juntassem, é, em ambos os casos, obra dos construtores das *tholoi*, o que se prova pelo emprego de material mais leve, em parte lajes de xisto.
  - g) A forma oval da *tholos* é mais uma prova da adaptação da construção à colina tumular pré-existente.
- 2) As *tholoi* eram cobertas com uma falsa cúpula de lajes de xisto.
  - 3) Entre a arquitectura das antas e a das *tholoi*, não há no concelho formas intermédias.

Construções análogas encontram-se certamente nos *tumuli* de outras antas do concelho, e futuras investigações poderão ampliar os conhecimentos sobre estes factos, tão importantes para a cronologia. Segundo as indicações já citadas sobre o *tumulus* de Jeromigo e algumas informações por nós recolhidas, é possível que estas inumações posteriores nos *tumuli* se tivessem efectuado, em parte, em construções mais simples. Fica também para esclarecer se houve qualquer ligação entre as inumações nos *tumuli* e a cultura das cistas de xisto encontradas nas margens do rio Guadiana (pág. 22).

## II. CLASSIFICAÇÃO DAS ANTAS CONFORME O ESPÓLIO

As escavações que realizámos trouxeram novos aspectos no que respeita à cultura e à sequência cronológica das antas de corredor. Acentuam-se sobretudo dois factos: o descobrimento de antas de corredor com material neolítico, e a cronologia relativa das antas e das *tholoi*.

## ARQUITECTURA MEGALÍTICA

### 1. ANTAS DE CORREDOR COM ESPÓLIO NEOLÍTICO

#### *Anta 1 do Poço da Gateira (N.º 29, Ests. I-IV) <sup>(71)</sup>*

Esta anta é protótipo do primeiro grupo das antas neolíticas. O seu espólio, proveniente de estratos intactos, dá uma base segura para as investigações, quer se refiram a épocas anteriores, quer posteriores.

O neolítico da anta do Poço da Gateira nem é primitivo nem degenerado; é um neolítico puro, mas rico em todas as suas manifestações. Sobretudo, a cerâmica é de uma perfeição que muito supera a indústria eneolítica. O espólio da metade intacta da anta, que pertence, pelo menos, a doze inumações, assim como os fragmentos de cerâmica provenientes da parte já remexida, são homogêneos; não apresentam nem uma evolução nem uma degeneração cultural. Por isso, a anta do Poço da Gateira é testemunho de uma íntima ligação entre as antas e o povo neolítico.

#### *Anta 2 das Vidigueiras (N.º 126, Est. VIII).*

Esta anta forneceu o espólio que mais se assemelha ao da anta do Poço da Gateira. Infelizmente, a cerâmica que deu estava tão destruída, que apenas pelo fabrico e pela cor se pode depreender que pertence à indústria neolítica. O micrólito de entalhe lateral na base do trapézio poderia indicar uma época já um pouco posterior.

#### *Anta 4 do Barrocal (N.º 56, Est. XL, 43).*

A situação desta anta, muito perto da Anta do Poço da Gateira, e o material tirado dela numa exploração antiga (pág. 12), o qual consistia apenas em alguns instrumentos de pedra polida, não excluem a possibilidade de que esta anta tivesse pertencido ao povo neolítico residente naquele sítio.

---

<sup>(71)</sup> Como já anotámos antes, os relatórios das escavações e a descrição do espólio encontram-se na lista das antas, à qual se refere o número da sepultura.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### 2. ANTAS COM ESPÓLIO LÍTICO DE TIPO NEOLÍTICO E COM CERÂMICA EM PARTE EVOLUCIONADA

Todas as antas, que cabem neste grupo, já tinham sido remexidas, mas o facto de, na peneiragem minuciosa de todo o seu recheio, não se terem encontrado os mínimos vestígios das indústrias eneolíticas — pontas de seta e facas retocadas, contas e lascas de placas de xisto — leva-nos à conclusão de que o espólio actual é autêntico e corresponde a uma evolução dentro do neolítico local. Além das afinidades de material, as antas aqui citadas estão ligadas por várias particularidades de construção (pág. 46).

#### *Anta 1 das Vidigueiras (N.º 125, Est. VI).*

Esta anta, protótipo do segundo grupo, é uma das mais importantes para o estudo do neolítico no concelho de Reguengos. Nota-se nela a fácies puramente neolítica dos machados e dos micrólitos, acompanhados, além de uma cerâmica da mesma época, de uma outra de formas próprias das culturas do vaso campaniforme e de Los Millares.

#### *Anta 2 do Poço da Gateira (N.º 30, Ests. I, V).*

Nesta anta, o vaso, de perfil ligeiramente carenado, marca uma evolução que poderia incluir-se no próprio neolítico, hipótese confirmada por aspectos idênticos em outras culturas da Europa ocidental. A planta confirma também a suposição de a anta já pertencer a uma época mais avançada.

#### *Anta 3 dos Gorginos (N.º 129, Est. IX).*

Para o neolítico desta anta são típicos a grande taça pintada a almagre e os objectos de pedra polida lá contidos, além de cacos de épocas posteriores. Na forma quase rectangular da sua câmara acentua-se a mesma tendência verificada na arquitectura da anta do Poço da Gateira.



## ARQUITECTURA MEGALÍTICA

*Anta 6 da Farisoa* (N.º 116, Est. XXXVII, Sep. 2).

A planta desta anta é parecida com a da anta das Vidigueiras. Nota-se também o pouco desnível entre a altura da câmara e do corredor. Entre o escasso material nela encontrado, o vaso esférico (Est. XXXVIII, 13) assemelha-se, na sua forma, a certos vasos da anta das Vidigueiras e, na cor e fabrico, a alguns da anta 1 da Farisoa (Est. XV, 21) e da anta 2 dos Gorginos (Est. V, 3).

*Anta 2 dos Gorginos* (N.º 128, Est. V).

A ponta de seta de cobre, de uma forma da época de El Argar, não impede a classificação do monumento neste grupo. Poderia tratar-se ou de uma sobrevivência prolongada do neolítico regional ou de um hiato cultural entre o neolítico e o período do bronze, tal como provam alguns dólmenes do sudeste da Península (pág. 177). A disposição dos objectos no corredor é típica para o rito das inumações neolíticas.

No decurso das nossas investigações, recebemos a impressão de que maior número de antas do concelho pertence a esta fácies de um neolítico avançado. Mesmo nos casos em que a escavação apenas deu alguns cacos, havia sempre um ou outro indício a apoiar esta hipótese, sendo um deles a falta absoluta de todos os pequenos objectos já mencionados, sobretudo das pequeníssimas contas discoides. Em outros casos, era a própria construção da anta que nos levava a inseri-la no grupo neolítico. Embora a inclusão destas antas neste grupo não seja tão segura como sucedeu com as antas anteriores, consideramos ainda dentro desta fácies cultural as seguintes antas:

*Anta 1 da Arraieira* (N.º 47, Est. XL, 15).

A anta não continha qualquer objecto. No seu chão encontraram-se fragmentos craneanos manchados de vermelho.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

*Anta 1 da Quinta* (N.º 24, Est. XL, 12).

Os pormenores da construção desta anta já foram descritos (pág. 30). Entre os poucos objectos que deu, servimo-nos, para a atribuição cultural, de um fragmento de cerâmica a almagre.

*Anta 1 do Vale de Carneiro* (N.º 77, Est. XL, 7).

A grande taça, de perfil campaniforme, determina a posição cronológica da anta, cuja escavação só pôde ser parcial.

Estas três antas assemelham-se pelas câmaras alongadas de altura média. O seu aspecto arquitectónico e a sua ligação com a época do vaso campaniforme permitem aproximá-las da anta 2 da Comenda.

*Anta 5 das Areias* (N.º 93, Est. XXXVIII, Sep. 2).

O espólio consistia apenas em fragmentos de cerâmica. Ligam-se a esta anta, quanto à fácies cultural, as duas seguintes pequenas antas contíguas:

*Anta 7 das Areias* (N.º 95, Est. XXXVII, Sep. 5).

*Anta 11 das Areias* (N.º 99, Est. XXXVIII, Sep. 1).

Ao lado de cerâmica igual à da anta 5 das Areias, a primeira continha um caco de cerâmica a almagre e, ambas, fragmentos de pequenas facas.

Das antas não escavadas juntámos a este grupo aquelas que têm as mesmas características arquitectónicas, quer as de câmara baixa e alongada, quer as de câmara de polígono unilateral, quer ainda as de corredores desviados do eixo da câmara. São elas:

*Anta 3 do Barrocal* (N.º 55, Est. XL, 11).

*Anta 13 do Barrocal* (N.º 65, Est. XL, 30).

*Anta 2 do Piornal* (N.º 70, Est. XL, 27).

*Anta 2 da Margarida* (N.º 33, Est. XL, 31).

## ARQUITECTURA MEGALÍTICA

*Anta da Chaminé* (N.º 3).

*Anta 1 dos Lázaros* (N.º 1, Est. XL, 29).

*Anta da Horta da Bengala* (N.º 12, Est. XL, 4, esta semelhante à anta 1 da Quinta).

Também não é inverosímil que, além das já classificadas, maior número de antas, com corredor formado por dois grandes esteios, pertença à fácies cultural neolítica.

### 3. ANTAS DE FUNDO CULTURAL NEOLÍTICO JUNTAMENTE COM MATERIAL ENEOLÍTICO

A presença de machados, enxós, micrólitos e cacos do tipo neolítico nestas antas, atesta novamente a ligação da cultura megalítica com a população neolítica. Encontraram-se, em muitas antas da Península, resíduos da indústria neolítica, tais como micrólitos de tipos posteriores. Em Reguengos, porém, a impressão de se tratar não apenas de uma sobrevivência de formas, mas de uma participação activa do povo neolítico, é corroborada por indícios mais seguros, embora, por falta de ordem estratigráfica, seja naturalmente impossível dizer quais foram os limites de tal participação cultural.

*Anta 2 da Comenda* (N.º 36, Est. X).

A abundância de micrólitos de tipos primitivos e a afinidade da planta com a da anta do Poço da Gateira levam-nos a crer que a construção destas duas antas pertença à mesma época, o que alguns cacos de cerâmica a almagre, na anta da Comenda, vêm confirmar.

*Anta 1 da Farisoa* (N.º 111, Est. XIV).

O aspecto do neolítico nesta anta é idêntico ao da precedente. Assemelham-se também por alguns objectos que marcam a transição para o eneolítico (pág. 178).

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Em algumas das grandes antas de rico espólio eneolítico encontraram-se resíduos da indústria neolítica, sobretudo cacos de cerâmica a almagre. Nota-se que tais cacos, em contraste com a cerâmica de épocas posteriores, aparecem, em geral, em pedacinhos, dando a impressão de que a cerâmica a almagre teria sido sujeita a mais remeximentos do que a outra. Pertencem a este grupo:

*Anta grande do Olival da Pega* (N.º 50, Ests. XXII-XXX).

*Anta 1 do Passo* (N.º 82, Ests. XVIII-XXI).

### 4. A ARQUITECTURA DAS ANTAS NEOLÍTICAS E ENEOLÍTICAS E OS SEUS PROBLEMAS

#### *Antas neolíticas*

Baseadas nas citadas, mas não incluindo aquelas em que prevalece a indústria eneolítica, tiramos as seguintes conclusões, quanto às características arquitectónicas :

- a) Câmaras alongadas, pouco diferenciadas do corredor na largura, sem acentuação da cabeceira (N.º 29).
- b) Câmaras de polígono unilateral, às vezes, também de largura quase igual à do corredor (N.ºs 125 e 126).
- c) Câmaras com tendência para rectângulo (N.º 129).

Características de todas é uma diferenciação pouco acentuada entre a câmara e o corredor, tanto na planta como no alçado. Em algumas destas antas, nota-se ser a construção pouco cuidada, não estando, às vezes, alguns esteios bem enterrados no subsolo.

Não se observa, pois, uma configuração única nas plantas das antas de espólio neolítico. No seu conjunto, porém, estas particularidades, nomeadamente a tendência para a parede recta e a equivalência da câmara e do corredor no conjunto arquitectónico, explicam-se como reminiscências de uma sepultura de espaço não repartido e dos ritos de inumação próprios da mesma (pág. 155).

## ARQUITECTURA MEGALÍTICA

### *Antas encolíticas*

A data de transição das antas com espólio neolítico ou com preponderância de elementos neolíticos para aquelas que contêm um rico espólio eneolítico, dificilmente se pode fixar na arquitectura das antas do concelho. Nem o aparecimento do corredor, nem a transição para a forma poligonal da câmara coincidem de uma maneira incontestável com a mudança do material. Apenas em traços gerais podem apontar-se as características arquitectónicas, mais ou menos comuns às antas desta segunda época. São as seguintes :

- a) Câmaras de polígono mais regular (N.º 82).
- b) Câmaras de cabeceira larga com os esteios adjacentes sobrepostos e com esteios largos junto da entrada, inclinados para dentro e postos de maneira a darem-lhe uma forma trapezoidal (N.º 50).
- c) Altura maior das câmaras.
- d) Prolongamento do corredor.
- e) Construção do corredor com esteios de menor largura.

Protótipos desta fase arquitectónica são:

Anta Grande do Olival da Pega (Est. XXII).

Anta 1 do Passo (Est. XVIII).

Anta 1 do Cebolinho (Est. XL, 45).

Anta 1 da Comenda (Est. XIII).

Anta 1 dos Gorginos (Est. XXXI).

Das antas não escavadas juntam-se a este grupo, pelo aspecto arquitectónico, todas as de câmara muito alta (N.ºs 114 e 133).

Ao lado destas inovações, conservam-se várias características das antas neolíticas, sobretudo a construção do corredor com dois grandes esteios, aos quais se juntam, por vezes, mais esteios pequenos. Uma diferença pouco acentuada entre a largura da câmara e a do corredor poderia também ser considerada como vestígio de formas anteriores.

*Problemas arquitectónicos*

Antes de entrar na análise do material da cultura megalítica no concelho de Reguengos, queremos apontar alguns problemas que surgem na arquitectura.

O primeiro destes problemas refere-se à participação do povo neolítico em todas as construções megalíticas, mesmo nas grandes antas eneolíticas. Poder-se-á associar a técnica da construção megalítica àquelas indústrias neolíticas, cuja sobrevivência até épocas posteriores é provada pelas antas de Reguengos?

O segundo problema diz respeito à evolução arquitectónica. Poder-se-á supôr que o aparecimento da forma poligonal da câmara, implicando a separação do corredor do conjunto sepulcral, tivesse dependido de novas influências exercidas sobre o fundo neolítico?

Quanto ao terceiro problema: Será de crer que as antas de polígono irregular e, com reminiscências de uma sepultura de espaço não repartido, sejam, dentro da evolução arquitectónica, anteriores às formas de polígono perfeito, ou serão elas apenas imitações defeituosas destas últimas?

Para a resposta a estas perguntas vide página 179.

## C. ESPÓLIO

### I. INDÚSTRIA DA PEDRA POLIDA

#### 1. MATERIAL DA ÉPOCA NEOLÍTICA. MACHADOS CILÍNDRICOS, ENXÓS E GOIVAS

*Machados cilíndricos* (Ests. II — V, VII — IX, XV, XXIII e XXXVII).

Nas nossas escavações encontraram-se 28 machados cilíndricos, 26 dos quais provenientes de 10 antas, um da *tholos* da Farisoa e um achado avulso na Herdade dos Gagos (N.<sup>os</sup> 29, 30, 50, 99, 111, 111 *a*, 116, 125, 126, 128 e 129).

Com excepção de um instrumento (Est. IV, 3), cuja forma estreita e secção de trapézio alto permitem a sua classificação como cunha, todos os machados encontrados no concelho pertencem ao tipo de secção cilíndrica ou oval. O seu tamanho oscila entre 8,5 e 13,5 cm., sendo os machados de tamanho médio os mais frequentes. O corpo dos machados é abaulado em todos os lados, sendo, muitas vezes, mais largo no meio e estreitando-se para o gume. Na maioria dos exemplares o gume está um pouco oblíquo em relação ao eixo longitudinal, o que indica que foi armado de maneira a formar um ângulo um pouco agudo com o cabo, prova também de que

o gume esteve em posição paralela ao cabo, não podendo servir tal instrumento como enxada. Os gumes são, em parte rectos, em parte arqueados. O lado do machado oposto ao gume é ponteagudo ou levemente arredondado, poucas vezes plano (Est. III, 4 e 12).

Apresentam-se de forma bem acabada, mas em todos os exemplares apenas o gume foi polido. A aspereza da parte superior do machado, que parece ser picada de propósito, facilitava provavelmente a fixação do cabo <sup>(72)</sup>, que se teria efectuado, segundo Menghin, com um invólucro intermédio <sup>(73)</sup>.

#### *A distribuição do machado cilíndrico em Antas <sup>(74)</sup>*

O aparecimento exclusivo do machado cilíndrico em antas de corredor representa um facto, até hoje, único. Nas antas de corredor do Alentejo central, este tipo é mais raro e encontra-se sempre ao lado do machado de secção rectangular. As escavações de Virgílio Correia, em antas dos arredores de Pavia, deram 95 machados de secção rectangular ou quadrangular, mas apenas 13 de secção cilíndrica ou oval. Algumas das grandes antas da região de Montemor-o-Novo (Comenda da Igreja e Anta da Velada) apresentam uma percentagem semelhante. O dólmen de cúpula de Vale de Rodrigo apenas deu machados do tipo rectangular <sup>(75)</sup>.

Nas regiões que confinam com o concelho de Reguengos, no Norte, e nas da fronteira espanhola até Castelo de Vide, a percentagem relativa dos

---

<sup>(72)</sup> Abel Viana e José Fernandez, *Arqueologia do Concelho de Monchique*, *Ethnos*, II, Lisboa, 1942, pág. 381.

<sup>(73)</sup> O. Menghin, *Weltgeschichte der Steinzeit*, Viena, 1940. Pág. 280. No Museu Etnológico conservam-se, provenientes da Anta Grande de Entre-Águas, Pavia, tais invólucros, feitos de barro, um deles com um machadinho inserto, do qual se vê apenas o gume N.ºs 12.499, 12.500.

<sup>(74)</sup> Com respeito à origem, à etnologia e à cronologia do machado cilíndrico no Egipto, no norte da África e no sul da Península Ibérica, vide: Oswald Menghin, *Egipto y la Península Hispanica*, *Corona de Estudios*, Vol. I, págs. 167 e segs; idem, *Weltgeschichte der Steinzeit*, Viena, 1940; Santa-Olalla, *Esquema*, pág. 151; M. Almagro, *Prehistoria del Norte de Africa*, pág. 64; J. San Valero, *La Peninsula*, pág. 19.

<sup>(75)</sup> Leisner, *Vale de Rodrigo*, pág. 40, est. V.



dois tipos de machado é um pouco mais equilibrada, embora o machado de secção rectangular também ali prevaleça. As escavações em antas do extremo nordeste do Alentejo, nas regiões xistosas de Montalvão, deram 11 machados de secção rectangular e 3 enxós <sup>(76)</sup>. O mesmo sucedeu em algumas antas da Beira Baixa <sup>(77)</sup>. Nas províncias do norte do País e na Galiza, predominam, em todas as zonas dolménicas, os machados de secção rectangular, alcançando, na Beira Alta, a percentagem de 95 %. Apenas, na necrópole de Alvão, um terço dos machados pertence ao tipo cilíndrico. Comparando este quadro da difusão do machado cilíndrico com o dos tipos arquitectónicos (pág. 32), acentua-se uma certa relação entre a divulgação da anta com corredor de dois grandes esteios e o machado cilíndrico.

No litoral ocidental de Portugal, o machado cilíndrico é bem documentado em grutas naturais e artificiais, aparecendo também na região dolménica da Figueira da Foz. Nos castros de época mais avançada do bronze inicial, este tipo desapareceu quase por completo <sup>(78)</sup>.

*Enxós* (Est. II — V, VIII, IX e XV).

Encontraram-se 18 enxós, provenientes de 5 antas (N.<sup>os</sup> 29, 111, 126, 128 e 129).

Enquanto os machados são trabalhados sobre pedaços de rocha eruptiva, as enxós são feitas de lascas de xisto claro, cujo estado natural ainda mostra em parte, conservando na superfície ligeiras concavidades. Consequentemente, a sua forma é variada. Toda a superfície é polida e o gume é, às vezes, ligeiramente arqueado. A enxó estreita-se para o lado oposto ao gume, terminando numa ponta delgada ou arredondada. O lado superior é arredondado, o lado inferior chato ou côncavo no sentido longitudinal, o que lhe dá uma forma arqueada (Est. II, 11). A chanfradura é mais ou menos acentuada. Os bordos laterais são irregularmente arredondados, por vezes, como na peça fina da anta 3 dos Gorginos (Est. IX, 6),

<sup>(76)</sup> *Col. Basso*, Niza.

<sup>(77)</sup> Anta de Alcafozes, Anta da Urqueira, Anta da Rebenga (Museu Tavares de Proença, Castelo Branco). Anta dos Ferreirinhos, *Col. Marrocos*, Idanha-a-Velha.

<sup>(78)</sup> *Vila Nova de S. Pedro*, Madrid, pág. 21.

a secção é rectangular. O tamanho varia entre 9 e 18 cm., sendo exemplo desta última dimensão uma enxó da Anta do Poço da Gateira. Na anta 1 da Farisoa encontraram-se, na câmara, duas enxós de trabalho grosseiro; na anta 2 da Farisoa havia um fragmento de um instrumento do mesmo feitio.

Na anta do Poço da Gateira o número das enxós é quase igual ao dos machados. Juntando a goiva ao grupo das enxós, a proporção fica perfeitamente equilibrada. Em face dos espólios provenientes de inumações individuais nos corredores de várias antas, e do aparecimento de três vasos conjuntamente com machados e enxós na própria anta da Gateira, (Vaso 6, vaso 9 e vaso 12) este acompanhamento de um machado e uma enxó deve corresponder a um rito funerário <sup>(79)</sup>.

Poucas vezes se encontra, em antas alentejanas, uma percentagem tão alta de enxós; em geral, a enxó é rara nelas <sup>(80)</sup>. A sua maior expansão encontramos-na nas grutas naturais e ainda em algumas das grutas artificiais do litoral ocidental, onde, em alguns casos, como nas grutas de Cascais e na gruta da Cova da Moura, muito superam em número os machados <sup>(81)</sup>, sendo também frequentes nas grutas de Palmela. Tal como em Reguengos, as enxós aparecem, nestas grutas, ao lado do machado cilíndrico e do micrólito de sílex, mas a acumulação de material posterior e a falta de estratigrafia impedem-nos de discernir, ali, uma fase neolítica idêntica à da anta do Poço da Gateira.

Em todas as regiões dolménicas, acima citadas, onde prevalece o machado de secção rectangular, escasseiam as enxós. Igual aspecto é notificado pelos investigadores do castro de Vila Nova de S. Pedro <sup>(82)</sup>, os quais, então, confrontam a indústria deficiente da pedra polida com a perfeição dos objectos de sílex, aspecto também apresentado, por exemplo, pelos dólmenes da Beira Alta. No concelho de Reguengos, porém, vê-se o contrário: ma-

---

<sup>(79)</sup> Vide, também no capítulo «Ritos Funerários», pág. 163. A sepultura neolítica de Buço Preto, Monchique, continha também 4 machados, 5 enxós e 1 goiva. Abel Viana, *Monchique*, pág. 382.

<sup>(80)</sup> Sem que se pudessem tirar conclusões certas, são para mencionar a anta 4 de Vale da Moura (Leisner, *Évora*, Est. X, 1 e 3) e a anta da Velada (Mus. Etn.).

<sup>(81)</sup> A. do Paço, *Cascais*, pág. 20; Museu de Torres Vedras, Mus. Etn. e Mus. Geol.

<sup>(82)</sup> *Vila Nova de S. Pedro*, Madrid, págs. 21 e 22.

chados e enxós de formas perfeitas e bem acabadas, conjuntamente com uma indústria primitiva de sílex, que ainda não conhece o retoque facial.

O amanho da terra à enxada pertence, segundo o parecer de diversos autores <sup>(83)</sup>, a várias civilizações neolíticas, tanto ao círculo danubiano como ao neolítico da Europa ocidental e do Norte da África. Diferem, porém, as opiniões sobre qual teria sido o instrumento que servia para cavar. San Valero admite que os machados cilíndricos tivessem sido utilizados para este fim, no neolítico ibérico <sup>(84)</sup>. Com respeito ao uso prático das enxós, tanto o padre Jalhay como A. do Paço são de opinião que teriam servido para aplinar a madeira <sup>(85)</sup>. Vários factos, no entanto, levam-nos a crer que tivesse sido a enxó o instrumento para cavar a terra. A maneira de encabar o machado, já mencionada, tornava-o um instrumento pouco apropriado para cavar, ao passo que as enxós votivas de mármore da cultura das grutas portuguesas representam, sem dúvida, um instrumento para esse fim <sup>(86)</sup>. É também de notar que a enxó desaparece com a época neolítica e com o processo agrícola ligado a ela. Se bem que não tenhamos provas concretas sobre os métodos da lavoura em civilizações de actividade agrícola tão pronunciada, como a que predominou em Vila Nova de S. Pedro e em vários sítios do sudeste da Península, é, no entanto, de supor que tivesse sido o arado o substituto da enxó, nestas épocas.

*Goivas* (Ests. III, VIII, IX e XVIII).

Encontraram-se 4 goivas, provenientes de 4 antas (N.<sup>as</sup> 29, 82, 126 e 129). No Museu Etnológico há mais uma goiva, de uma escavação antiga, a qual, provavelmente, provém da anta N.<sup>o</sup> 56.

---

<sup>(83)</sup> Boch-Gimpera, *Etnologia*, pág. 70; Buttler, *Handbuch*, pág. 34; Childe, *L'Aube*, pág. 122.

<sup>(84)</sup> San Valero, *La Península*, págs. 24 e 30.

<sup>(85)</sup> *Vila Nova de S. Pedro*, Madrid, pág. 22; A. do Paço, *Cascais*, pág. 20.

<sup>(86)</sup> Para a ligação da enxó às concepções religiosas dos povos neolíticos, vide Leisner, *Meg. Gr.*, págs. 415, 417 e 487.

A goiva é uma oferta funerária encontrada nas sepulturas, muito mais rara do que os machados e as enxós. Todas as goivas são de trabalho perfeito, ligeiramente facetadas na superfície e bem polidas, sendo as provenientes das antas neolíticas de xisto verde-acinzentado, e o exemplar da anta eneolítica do Passo de xisto anfibólico azul. O lado superior das goivas é arredondado e o lado da chanfradura plano. Em dois exemplares o lado oposto ao gume é afiado como no escopro. O tamanho, comparado com as goivas do litoral ocidental, é considerável (até 15,5 cm.). A forma arqueada facilitava certamente o emprego do instrumento <sup>(87)</sup>, o que, aliado ao maior tamanho, dá às goivas neolíticas das antas, mais do que às pequenas peças do eneolítico, o aspecto de instrumentos de uso prático.

*Machados e enxós votivos* (Ests. XVI, XXXV e XXXIX).

A pequena enxó de pedra clara amarelada da anta do Poço da Gateira (Est. III, 11) já se afasta, pelo seu tamanho e pela perfeição do seu acabamento, dos instrumentos mais grosseiros de uso prático, assemelhando-se aos machados votivos do eneolítico. Estes últimos são representados por duas peças, provenientes da anta 1 de S.<sup>ta</sup> Margarida e da *tholos* da Farisoa.

## 2. MATERIAL DA ÉPOCA ENEOLÍTICA

Como já se mencionou, o machado do tipo eneolítico, de secção rectangular, falta quase por completo nas antas do concelho. Apenas na anta grande do Olival da Pega se encontrou o fragmento de um machado de secção rectangular. Esta anta deu, além disso, um fragmento de um machado de secção cilíndrica, e dois fragmentos de instrumentos chatos, um deles, sem gume, de atribuição incerta, e o outro pertencente a um machado espalmado de trabalho e polimento finíssimo, da mesma pedra que a goiva da anta do Passo (Est. XXIII, 74 e 75). A atribuição do machado e da enxó votiva

---

(<sup>87</sup>) Uma goiva no Museu de Elvas, sem procedência certa, tem forma igual (N.<sup>o</sup> 504).

à época eneolítica é, além dos exemplares já referidos da anta de Santa Margarida e da *tholos* da Farisoa, ainda corroborada pelos três pequenos machados e enxós do *tumulus* de Jeromigo (Est. XXXIX, 3-5).

De uma maneira geral, a escassez da indústria da pedra polida nas *tholoi*, no *tumulus* de Jeromigo e em algumas antas eneolíticas do concelho lembra a cultura de Los Millares, da qual não faz parte o machado de pedra polida.

### 3. A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DA PEDRA POLIDA

A anta do Poço da Gateira não fornece quaisquer dados cronológicos, nem com respeito às formas nem ao tamanho dos instrumentos de pedra polida. No fundo da câmara, junto do vaso n.º 9, encontrava-se a maior das enxós, enquanto no corredor havia machados pequenos. Na época desta anta, a evolução de todos os tipos desta indústria já estava concluída<sup>(88)</sup>.

Os pequenos machados da anta da Gateira (Est. II, 8 e 10; Est. III, 4 e 12) assemelham-se em tamanho, forma e trabalho a uma peça da anta sem corredor do Azinhal, na região de Montemor-o-Novo. É preciso esperar a publicação das investigações nos dólmenes primitivos desta região para saber se em todos estes pequenos dólmenes existia um tipo de machado mais pequeno, que precedesse os tipos maiores de Reguengos. Na sepultura neolítica de Madre de Deus, Pavia, os instrumentos líticos são já de tamanho maior e o dólmen primitivo de Vila Fernando deu, juntamente com um machado pequeno, outro grande.

Os machados e as enxós que acompanham vasos de formas já avançadas são exactamente do mesmo feitio e da mesma forma que os dos espólios neolíticos (Est. VII, 1, 5 e 6; Est. V, 1; Est. XV, 34 e 35). Este facto vem provar uma sobrevivência prolongada do povo neolítico na região de Reguengos. Só da anta 1 da Farisoa saíram duas enxós grandes, grosseiras e mal trabalhadas sobre pedaços de rocha, sem polimento na superfície, as quais provam uma degeneração da indústria (Est. XV, 32 e 33). Encontrou-

---

<sup>(88)</sup> L. Siret (vide Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 398) deduz de um quadro semelhante da indústria da pedra polida em Três Cabeços que a evolução dos tipos tivesse sido anterior.

-se um fragmento de um instrumento do mesmo tamanho e de trabalho igualmente grosseiro na anta 2 da Farisoa.

Dado o quadro uniforme que a indústria da pedra polida apresenta nas antas de Reguengos, é impossível, pelos factos que pudemos recolher, distinguir o limite cronológico entre o machado cilíndrico e o machado de secção rectangular, nem é possível saber se a mudança do tipo neolítico para o tipo eneolítico depende apenas de uma evolução local ou de um contacto com novas correntes culturais <sup>(89)</sup>.

## II. INDÚSTRIA DA PEDRA LASCADA

### 1. MATERIAL DA ÉPOCA NEOLÍTICA. MICRÓLITOS E FACAS SEM RETOQUE

#### *Micrólitos*

Todos os micrólitos encontrados nas antas do concelho de Reguengos pertencem a tipos neolíticos. À semelhança destes, o retoque limita-se aos bordos verticais e falta o tipo com o lado inferior do trapézio ligeiramente côncavo, forma que atribuímos à influência da ponta de seta retocada de base côncava. A maioria dos micrólitos são trabalhados sobre lascas de facas finas e estreitas. Entre os micrólitos de sílex predominam os trapézios, ao passo que os triângulos são mais frequentes entre os micrólitos de quartzo. A matéria-prima da maior parte dos micrólitos é o sílex de cor cinzento-acastanhada; sobre algumas divergências, vide os relatórios das escavações. Na anta do Poço da Gateira distingue-se um micrólito de cristal de rocha (Est. IV, 20).

---

<sup>(89)</sup> Santa-Olalla atribui o machado de secção rectangular a uma nova corrente cultural, a do «íbero-sahariano». *Esquema*, pág. 55.

Os micrólitos encontrados na anta do Poço da Gateira são dos tipos seguintes:

1) Micrólitos com a base e os lados do trapézio totalmente retocados:

a) Em forma de meia lua (Est. IV, 17). Deste tipo havia dois exemplares na anta do Olival da Pega, não passando um deles de uma lasca delgadíssima (Est. XXIII, 1 e 2).

b) Em forma de trapézio (Est. IV, 18, 19, 22 e 24).

2) Trapézios com os lados de igual comprimento (Est. IV, 20, 21, 23 e 25).

Este tipo encontra-se, além disso, nas antas seguintes:

Vidigueiras 1 (N.º 125, Est. VII, 12, 13, 16 e 17);

Vidigueiras 2 (N.º 126, Est. XIII, 2);

Comenda 2 (N.º 36, Est. XI, 1);

Farisoa 1 (N.º 111, Est. XV, 4).

3) Trapézios com o lado superior mais comprido (Est. IV, 5 e 11; Est. III, 16 e 20).

Neste grupo há peças de tamanho maior. Aparece também nas antas:

Vidigueiras 1 (N.º 125, Est. VII, 14, 15 e 18);

Comenda 2 (N.º 36, Est. XI, 9 e 11).

As variantes indicadas sob os n.ºs 2 e 3 encontram-se também nos micrólitos de forma triangular.

4) Trapézios de base recta (Est. IV, 13 e 26).

O tipo é mais bem definido nos exemplares de base retocada, aos quais

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

apenas nos referimos. Encontra-se em antas de época já um pouco mais avançada:

Vidigueiras 1 (N.º 125, Est. VII, 22 e 23);  
Vidigueiras 2 (N.º 126, Est. VIII, 3 e 4);  
Farisoa 1 (N.º 111, Est. XV, 4).

Além destes tipos de micrólitos documentados na anta do Poço da Gateira, encontraram-se em outras antas ainda as formas seguintes:

5) Trapézios com entalhe na base:

Vidigueiras 2 (N.º 126, Est. VIII, 4);  
Gorginos 2 (N.º 128, Est. V, 10).

6) Triângulos com o lado inferior alongado, todos de quartzo branco e cristal de rocha:

Comenda 2 (N.º 36, Est. XI, 4, 6, 13 e 14);  
Olival da Pega (N.º 50, Est. XXIII, 3).

7) Triângulos com o lado superior alongado e o gume arqueado, também de quartzo branco:

Comenda 2 (N.º 36, Est. XI, 5 e 12).

8) Micrólitos de ponta lateral:

Vidigueiras 1 (N.º 125, Est. VII, 19 e 24).

A posição dos micrólitos na anta do Poço da Gateira pode dar-nos uma base para a cronologia relativa de alguns tipos. O micrólitó em forma de meia lua encontrado no fundo da câmara pertence, com certeza, a uma das primeiras inumações, ao passo que o micrólitó de base recta, no corredor,



pertence à última inumação <sup>(90)</sup>. Tal facto coaduna-se com a posição cronológica atribuída aos micrólitos em forma de segmento de círculo. Em Portugal apareceram em várias estações mesolíticas <sup>(91)</sup>, em grutas neolíticas <sup>(92)</sup> e ainda em grutas de espólio parcialmente eneolítico <sup>(93)</sup>. Saíram também de dólmenes primitivos da região de Montemor-o-Novo <sup>(94)</sup>, sendo, porém, rara a sobrevivência deste tipo em antas de épocas posteriores, das quais apenas se podem citar alguns exemplares <sup>(95)</sup>.

Na indústria mais primitiva incluem-se ainda os trapézios do tipo 2 com os lados de comprimento igual, sobretudo os de tamanho pequeno, trabalhados em lascas de facas finas e estreitas, típicas do neolítico mais antigo <sup>(96)</sup>. Este tipo aparece também em grutas, mas é raro em antas eneolíticas <sup>(97)</sup>. No Museu Etnológico há um exemplar proveniente de um dólmen de S. Bernardo, Ponte de Sor. Naquela região vimos vários pequenos dólmenes que poderiam pertencer ao tipo primitivo e esperamos que o facto de o micrólito desta forma estar ligado ao dólmen primitivo seja confirmado em mais regiões do Alentejo ocidental.

Estes tipos mais primitivos, aos quais se juntam os triângulos com o lado inferior alongado e as peças de ponta lateral, têm, além de analogias

<sup>(90)</sup> Para a atribuição cultural e cronológica dos micrólitos no sul da Península, vide Leisner, *Meg. Gr.*, págs. 391, 407-410 e Est. 163.

<sup>(91)</sup> Moita da Sebastião, Cabeço da Arruda (Mus. Geol.).

<sup>(92)</sup> Gruta dos Carrascos (Mus. Etn.).

<sup>(93)</sup> Grutas do Poço Velho, Cascais (Mus. Cascais); Gruta da Galinha (Mus. Etn. N.º 6.963-A).

<sup>(94)</sup> Segundo informações que o Prof. Dr. Heleno amavelmente nos deu.

<sup>(95)</sup> Anta da Capela, Alentejo; Anta do Rio Torto, Beira Alta (Mus. Etn. N.º 13.037; N.ºs 9.299-D e 9.304-B).

<sup>(96)</sup> Os micrólitos diferenciam-se do tipo semelhante dos concheiros por terem os lados do trapézio não quebrados, mas rectilíneos.

<sup>(97)</sup> No Alentejo há, além do exemplar abaixo citado de S. Bernardo (Mus. Etn. Número 12.925), alguns outros, provenientes da anta de Freixo, que vimos no Museu de St. Germain-en-Laye. Vários micrólitos deste tipo provêm de antas da Beira Alta: Anta do Rio Torto, Orca do Tanque, Orca da Cunha Baixa (Mus. Etn. N.ºs 9.299-E, 9.304-C e 9.362-B (O Arch. Port., XI, pág. 307), Anta de Pedralta, Anta de Mamaltar, Col. Coelho, Viseu.

com a indústria dos concheiros portugueses, afinidades com o neolítico de tradição capsense e com o oraniense, da África do Norte (<sup>98</sup>).

O tipo 3, com o lado superior mais comprido, e o tipo 4, de base recta, já mais evolucionados, têm uma difusão maior, quer nas grutas quer nas antas (<sup>99</sup>). O tipo 5, de entalhe lateral, é raro em antas de corredor (<sup>100</sup>), sendo, no entanto, frequente na gruta 3 de Palmela (<sup>101</sup>) e também documentado nas grutas de Furninha e Casa da Moura (<sup>102</sup>). O micrólito do tipo 7, com o gume arqueado, é tão raro que talvez seja um produto casual. Vimos apenas uma peça semelhante no espólio da Casa da Moura.

Com respeito aos micrólitos nas antas de Reguengos, resta ainda acentuar o seu grande número na anta 2 da Comenda. Pelo facto de a planta desta anta ser muito parecida com a da do Poço da Gateira, o seu espólio, se tivesse sido mais completo, talvez pudesse ter lançado mais luz sobre o primeiro contacto entre o neolítico e o eneolítico.

### *Facas sem retoque*

Todas as facas provenientes das antas neolíticas são lascas delgadas e ligeiramente recurvadas, sem qualquer retoque. A maior parte delas é feita

---

(<sup>98</sup>) M. Almagro Basch., *Prehist. del Norte de Africa*, pág. 64; pág. 52, fig. 17; pág. 55, fig. 20, d. Publicaram-se recentemente as primeiras pesquisas em uma estação, na qual uma indústria do tipo neolítico de tradição capsense se liga à cerâmica do bronze inicial. De uma maneira geral, os problemas que surgem naquela estação assemelham-se aos do espólio de várias antas do concelho de Reguengos, as quais apresentam uma indústria lítica primitiva juntamente com cerâmica avançada. E. Jalhay, A. do Paço, Leonel Ribeiro, *Estação pre-histórica de Montes Claros, Monsanto. Revista Municipal*. N.ºs 20 e 21. Lisboa, 1945; E. Jalhay, *Una fase interesante del bronze inicial portugués. Ampurias*, IX, X. Barcelona, 1948.

(<sup>99</sup>) Casa da Moura (Mus. Geol.); Cova da Moura, Cabeço da Arruda (Mus. de Torres Vedras); Anta da Comenda da Igreja, Anta da Velada, Alentejo; Orca do Tanque, Anta da Mamalzar, Beira Alta (Mus. Etn., Col. Coelho), Viseu. No sudeste, estes tipos pertencem, nos dólmenes, ao segundo período do neolítico. Leisner, *Meg. Gr. Est.* 163, filas 2 e 3.

(<sup>100</sup>) Anta do Rio Torto, Anta de Medelim, Beira; Mus. Etn. N.ºs 9:299 e 9:120-C.

(<sup>101</sup>) Col. Marques da Costa (Mus. Etn.).

(<sup>102</sup>) (Mus. Geol.). Recentemente, apareceu em grande número em cistas com espólio neolítico, no Algarve. Abel Viana, *Nuevas contribuciones*.

da mesma espécie de sílex que os micrólitos de cor cinzento-acastanhada, mas há também algumas de sílex mais claro e translúcido e de sílex preto. Da anta do Poço da Gateira provém uma grande faca de pedra calcárea, e da anta 2 das Vidigueiras uma faca fina de grande comprimento, feita de pedra de estrutura finíssima e cor amarelada. Desta mesma substância havia uma grande faca na anta 7 da Farisoa e um fragmento na anta 1 do Passo.

Facas pequenas e finas, que, no sudeste, caracterizam o neolítico final, saíram da anta do Poço da Gateira (N.º 29), da anta 1 das Vidigueiras (N.º 125), da anta 2 da Comenda (N.º 36) e de mais algumas antas de fácies neolítica (N.ºs 95, 99, 126 e 128), encontrando-se também no concelho vestígios desta indústria em quase todas as antas de espólio eneolítico. Nota-se, sobretudo, a sua abundância na anta do Olival da Pega, onde se encontraram 60 fragmentos de diferentes facas sem retoque, sendo a maioria finas e estreitas e em maior número do que as da indústria das facas retocadas.

Ao lado das facas pequenas, aparecem já, na anta do Poço da Gateira e em outras antas de fácies neolítica (N.ºs 30 e 126), facas de tamanho maior, até 17 cm. de comprimento. Comparando estas circunstâncias com a evolução desta indústria no sul da Península, as facas sem retoque de tamanho maior devem corresponder ao segundo período do neolítico final<sup>(103)</sup>, ou seja à época que precede a cultura do vaso campaniforme. Veremos esta teoria confirmada, ao analisarmos a cerâmica a almagre da anta do Poço da Gateira.

Porém, as facas largas e grosseiras, afins da indústria da sepultura III de Alcalá, são bastante raras no concelho, tendo-se encontrado apenas uns fragmentos na anta do Olival da Pega e na anta 1 do Monte Novo (N.ºs 50 e 118).

Da anta 2 das Vidigueiras (N.º 126), da anta 1 do Passo (N.º 82) e da *tholos* da Farisoa (N.º 111) saíram faquinhas minúsculas de cristal de rocha.

Das facas partidas de propósito trataremos no capítulo sobre os «Ritos funerários» (pág. 163).

---

<sup>(103)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 410.

2. MATERIAL DA ÉPOCA ENEOLÍTICA. PONTAS DE SETA, LÂMINAS RETOCADAS, FOICES, ALABARDAS, ETC.

*Pontas de seta*

Em todo o concelho de Reguengos não se encontrou uma única ponta de seta de base triangular, convexa ou de espigão. Domina exclusivamente o tipo de base côncava ou recta. Tal exclusivismo deste tipo abrange, além do concelho de Reguengos, a província do Algarve, alguns castros do litoral ocidental de Portugal, como Vila Nova de S. Pedro e Pragança, e, na Espanha, as regiões megalíticas das províncias de Córdova e Huelva <sup>(104)</sup>. No sul e no sudeste da Península, onde já aparece em algumas grutas neolíticas, é este o tipo mais intimamente ligado à cultura das sepulturas de cúpula, sendo prova disto, além das necrópoles de Los Millares e de Alcalá, o dólmen de cúpula de Vale de Rodrigo <sup>(105)</sup>. O *tumulus* de Jeromigo, cujo material é semelhante ao das *tholoi* de Reguengos, deu, em contraste com a anta de Alcaparinha, situada próximo dele, apenas duas pequenas pontas de base recta e côncava. O exclusivismo da ponta de seta de base côncava ou a sua preponderância são típicos também de várias culturas neolíticas do Egipto e do Norte de África <sup>(106)</sup>. Aí, tal como na Península Ibérica, este tipo é caracterizado pelo retoque bifacial, em contraste com a técnica empregada nas pontas de seta de base triangular, as quais, em Portugal, derivam de uma indústria de facas, pois conservam ainda, muitas vezes, a forma ligeiramente curvada da faca e ostentam um retoque unifacial ou apenas parcial <sup>(107)</sup>.

Como já dissemos, não se acentua nem uma evolução da indústria que liga o micrólito à ponta de seta de retoque facial, nem qualquer influência

---

<sup>(104)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 444, Est. 53 e 54.

<sup>(105)</sup> Leisner, *Vale de Rodrigo*, Est. VIII.

<sup>(106)</sup> Merimde-Benisalame: O. Menghin, *Merimde-Benisalame*, pág. 178; Fayum: M. Almagro, *Prehist. del Norte de Africa*, pág. 60 ss. e tabela pág. 77. Fig. 27; Badari: G. Brunton e G. C. Thompson, *The Badarian Civilisation*, pág. 35, Est. XXVI e XXIX; Jebel Moya: Frank Addison, *The Welcome Excavations in the Sudan*, Oxford, 1949.

<sup>(107)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 429 ss.

da ponta de seta de base côncava sobre o micrólito trapezoidal. Ambos os tipos ocorrem, nas antas eneolíticas de Reguengos, um ao lado do outro, sem qualquer ponto de contacto.

Ao lado do material corrente na indústria das antas neolíticas, aparecem, nas antas eneolíticas, algumas espécies novas de sílex. Salienta-se sobretudo uma qualidade cor-de-rosa damasco, da qual há maior número de pontas, geralmente pequenas, algumas delas de trabalho perfeitíssimo. Aparecem na anta 1 do Passo (Est. XIX, 10, 11, 15-17), na anta 2 da Comenda (Est. XI, 27-29, 30 e 33), na anta do Olival da Pega (Est. XXIII, 12) e na anta 1 do Cebolinho (Est. XXXIII, 10 e 11). De sílex preto ou cinzento-azulado há também exemplares muito finos, dois deles com o bordo serrilhado, o que é raro; saíram da anta 1 do Cebolinho (Est. XXXIII, 9), da *tholos* da Farisoa (Est. XV, 1 e 2) e da anta 1 da Farisoa (Est. XV, 1). Um fragmento de alabarda, na anta do Olival da Pega, é do mesmo material (Est. XXIII, 37), de que já encontramos uma faca na anta 1 das Vidigueiras, que, dada a semelhança do material, poderá talvez ligar-se à cerâmica de tipo campaniforme contida na anta. Outra espécie de sílex, de cor acastanhado-claro, da qual há dois fragmentos de alabardas na anta do Olival e um na anta 2 da Comenda, também aparece apenas no período eneolítico. Poderia admitir-se que as pontas de seta e as alabardas trabalhadas nestes materiais, estranhos ao neolítico regional e, portanto, não provenientes da própria região, tivessem sido importadas. Tal suposição é corroborada pelo trabalho excelente apresentado por estas peças e por algumas outras feitas de cristal de rocha e quartzo, o que constitui prova de uma arte desenvolvida que não tem precedentes no concelho. Têm a base recta ou pouco côncava. Este tipo está mais bem documentado na anta 2 da Comenda e na anta 1 do Cebolinho (Est. XI, 18 e 19; Est. XXXIII, 9-12), mas poderiam ainda incluir-se alguns exemplares das antas do Olival da Pega e do Passo. Em duas antas apareceram tais pontas de seta juntamente com fragmentos de alabardas de sílex, de placas de xisto antropomorfas e mais objectos ligados à civilização eneolítica do litoral ocidental de Portugal. A própria forma destas pontas é típica da cultura portuguesa. Juntando a estas observações o facto, anteriormente acentuado, da analogia das plantas da anta 2 da Comenda e da anta 1 do Poço da Gateira, talvez possamos atribuir as pontas deste tipo à primeira fase do eneolítico de Reguengos.

Outras formas típicas são a ponta estreita e alongada e a ponta de base

côncava profundamente cavada, de lados ligeiramente convexos <sup>(108)</sup>, cujos protótipos se encontram na anta do Olival da Pega e na *tholos* da Farisoa (Est. XXIII, 19, 22, 35 e 37; Est. XV, 5 e 6). No sul da Península estes tipos têm a sua maior difusão nas sepulturas de cúpula da mais pura fácies <sup>(109)</sup>, aparecendo também na necrópole de Alcalá <sup>(110)</sup> e em monumentos megalíticos do sudeste, influenciados pela cultura de Los Millares. Vila Nova de S. Pedro, que reúne todos os tipos de base côncava, deu também pontas iguais. Por todos estes factos, poderemos supor que os construtores das *tholoi* tivessem trazido consigo os protótipos destas pontas.

Em maior número do que as pontas de seta de sílex, encontra-se no concelho o mesmo tipo trabalhado sobre lascas de xisto, tendo, geralmente, apenas retoque nos bordos. Algumas destas pontas são bem acabadas, mas a maioria, talvez em consequência do material, é grosseira, não passando, por vezes, de lasquinhas de forma defeituosa. Dão a impressão de que a indústria do retoque facial do sílex pouco entrou no concelho, e apenas em épocas tardias, e que as pontas de xisto eram imitações locais de pontas de sílex importadas. Outro facto comprovativo do que acabamos de dizer é a falta de formas excêntricas de base profundamente cavada, farpas compridas e bordos muito convexos, côncavos e recurvados. A *tholos* da Farisoa deu os exemplares mais aparentados com a fina indústria do sul.

#### *Lâminas de retoque marginal, serras, foices*

Juntamente com as pontas de seta de retoque facial, aparecem nas antas do concelho as lâminas de sílex de bordos retocados, que não faltam em nenhum espólio eneolítico. Estas lâminas retocadas são, em geral, mais espessas do que as facas neolíticas e menos recurvadas, às vezes completamente planas. O material é o mesmo do das facas neolíticas, prevalecendo o sílex cinzento-acastanhado. Na anta do Olival da Pega, onde se encontraram 17 instrumentos deste género, em parte fragmentos, distinguem-se alguns de sílex

<sup>(108)</sup> É este o tipo que mais se assemelha às pontas da cultura badariense.

<sup>(109)</sup> *Los Millares*, Sep. 5, 7 e 9; *Leisner, Meg. Gr.*, Ests. 16, 12 e 13.

<sup>(110)</sup> *Leisner, Meg. Gr.*, Est. 78 e 79.

preto, um de sílex castanho-avermelhado e outro de uma espécie de calcáreo branco, idêntico ao da grande faca da anta do Poço da Gâteira. Na maior parte destas lâminas o retoque abrange ambos os bordos, mas há também algumas retocadas só em um dos bordos (Est. XIII, 21). A técnica do retoque varia entre um serrilhado fino, aplicado sobre uma faca delgada do tipo neolítico (Est. XXIII, 49), e outro que abrange, nas peças de corte trapezoidal, as faces inteiras (Est. XXIII, 39 e 44). Estes instrumentos são, em geral, chamados serras, o que parece admissível para o tipo finamente serrilhado, mas não para os exemplares espessos e planos, que talvez tivessem servido para o mesmo fim que uns instrumentos de feitio semelhante, mas com o retoque em toda a volta, dos quais se encontraram vários exemplares inteiros, sendo de presumir que uma grande parte dos fragmentos encontrados pertença a este tipo. Destes instrumentos há três variedades: uma tem ambas as extremidades arredondadas (Est. XXIII, 45; Est. XI, 43), outra tem-nas retocadas no sentido horizontal (Est. XXIII, 46) e a terceira tem uma extremidade arredondada e a outra horizontal (Est. XIX, 23; Est. XXXII, 8). Existem destes instrumentos no eneolítico português, sobretudo em grutas e nas estações do litoral ocidental <sup>(111)</sup>, onde apareceram também alguns exemplares em antas <sup>(112)</sup>, enquanto nas antas do Alentejo e da Beira, tais instrumentos são raros, só se encontrando, além de uns fragmentos de definição incerta <sup>(113)</sup>, umas peças inteiras de retoque semelhante, na anta da Comenda da Igreja, e na anta do Poço Novo, Elvas. Nas culturas eneolíticas do sudeste, contudo, este instrumento aparece copiosamente documentado. De 14 sepulturas de Los Millares saíram 27 exempla-

---

(111) Por exemplo, na gruta da Galinha, na gruta da Cova da Moura, na estação de Carenque e em Vila Nova de S. Pedro. Mus. Etn.; Mus. Torres Vedras; Mus. Etn.; Mus. do Carmo.

(112) Dólmen de Mt. Abraão, Dólmen de Carrascal, Agualva, Mus. Geol.

(113) Anta do Zambujeiro, Ponte de Sor; Anta grande dos Antões, Pavia, Mus. Etn., Anta de Mamaltar, Col. Coelho, Viseu; Anta 4 dos Corleiros, Castelo de Vide, paradeiro actual do espólio desta anta desconhecido; Orca de Forles, Anta do Rio Torto, Mus. Etn.

res; havia-os também nas *tholoi* do litoral oriental e em alguns dólmenes da província de Granada <sup>(114)</sup>.

Quanto ao fim prático destas peças, E. Jalhay classificava-as de raspadores <sup>(115)</sup>, enquanto L. Siret, denominando-as «soc», julgava que tivessem servido para armar a ponta do arado. Há instrumentos semelhantes na cultura danubiana, sendo Buttler de opinião de que tivessem formado parte de uma foice <sup>(116)</sup>. Já, ao tratarmos destes instrumentos na cultura de Los Millares, nos inclinámos para a teoria de Buttler. Enquanto, então, apenas se conheciam as foices de madeira bastante recurvadas, nas quais se inseriam sílices pequenos e curtos, novas investigações no norte de África provaram a existência de foices de madeira com a curvatura pouco acentuada, conservando ainda uma delas, insertos, sílices que correspondem na forma e no tamanho aos ibéricos já descritos <sup>(117)</sup>.

Os investigadores de Vila Nova de S. Pedro consideram, como partes de foices, lâminas ovais de sílex, cujo retoque abrange todo a superfície <sup>(118)</sup> e as quais, como prova do seu uso, mostram, por vezes, um polimento lustroso nos bordos. Notámos vestígios análogos em alguns exemplares <sup>(119)</sup>, existindo também, na anta do Olival da Pega, uma lâmina com a superfície extraordinariamente lustrosa (Est. XXIII, 45).

A divulgação destes sílices de foice prova que pertenceram a uma época de agricultura desenvolvida, cujos focos culturais temos de procurar nas povoações do litoral, tanto em Portugal como no sudeste da Península. A escassez destes sílices na cultura megalítica, na qual aparecem quase exclusivamente nas antas, cujo espólio apresenta mais contacto com as culturas costeiras, corresponde a uma actividade essencialmente pastoril que, provâ-

---

<sup>(114)</sup> Compara-se em Leisner, *Meg. Gr.*: para o tipo 1: Est. 8, Sep. 2, n.º 17 e Est. 22, Sep. 4, n.º 5; para o tipo 2: Est. 8, Sep. 4, n.º 1; Est. 20, Sep. 1, n.º 1; para o tipo 3: Est. 29, Sep. 1, n.º 6.

<sup>(115)</sup> *Vila Nova de S. Pedro*, Madrid, pág. 23.

<sup>(116)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 464 e 465.

<sup>(117)</sup> G. Caton Thompson and E. W. Gardner, *The Desert Fayum*, London, 1934, pág. 45, Est. XXVIII.

<sup>(118)</sup> *Vila Nova de S. Pedro*, Madrid, Est. VII, 1-5.

<sup>(119)</sup> Anta do Mt. Abraão, Mus. Geol.; Anta 4 dos Corleiros.



velmente ainda no início da época do bronze, se conservava em regiões afastadas da costa. Nas antas de Reguengos estes sílices de foice fazem parte de outros objectos influenciados pelas culturas do sul da Península. Este tipo de lâmina retocada encontra-se também na cultura badariense <sup>(120)</sup> o que, dadas as relações da cultura de Los Millares com o badariense, confirma a hipótese da sua ligação com a fácies do bronze inicial apresentada por aquela necrópole.

À mesma fácies cultural pertence a grande lâmina ponteaguda da *tholos* da Farisoa (Est. XVI, 17). Tem a particularidade de o retoque não percorrer os bordos completos, faltando na metade inferior do lado direito. Grandes lâminas deste género sem retoque na base encontraram-se em abundância nas sepulturas de Los Millares, nas quais Siret registava cerca de 100 de exemplares, até 16 em uma única <sup>(121)</sup>. Aparecem ali associadas ao machado de cobre e aos punhais de sílex, representando uma fácies cultural que bem se coaduna com a da *tholos* da Farisoa. O mesmo tipo aparece também na necrópole de Alcalá <sup>(122)</sup>. A lâmina da *tholos* da Farisoa, afastando-se do tipo da de Los Millares, classificada por Siret como sendo de foice mais simples, pela ausência da base larga e lisa, própria para segurar o cabo, assemelha-se mais, porém, aos «punhais» da cultura megalítica catalã <sup>(123)</sup> e às peças semelhantes encontradas em algumas antas e grutas portuguesas <sup>(124)</sup>. Supondo que o nosso exemplar tivesse servido de punhal, ignora-se a razão por que apenas um lado da parte inferior tem retoque.

### Alabardas

Pertencentes a armas maiores de sílex, existem três fragmentos, dois deles de trabalho primoroso; um, da anta 2 da Comenda (Est. XI, 52), fazia,

<sup>(120)</sup> G. Brunton e G. C. Thompson, *The Badarian Civil.*, Est. LVI, 6.

<sup>(121)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 14, Sep. 1, N.º 122; Est. 19, Sep. 1, N.º 10.

<sup>(122)</sup> Idem, Est. 79, N.º 20.

<sup>(123)</sup> L. Péricot, *Sep. Meg.*, pág. 70, Fig. 54.

<sup>(124)</sup> Por exemplo da região de Marvão Mus. Etn. 14.450 e Gruta da Galinha, Mus. Etn. N.º 6.562, 6.674

certamente, parte de uma alabarda de forma triangular; outro fragmento de uma alabarda de forma idêntica, proveniente da anta do Olival da Pega, deixa reconhecer uma base ligeiramente triangular (Est. XXIII, 37). Esta arma é típica da cultura portuguesa <sup>(125)</sup> e pode incluir-se nas relações das antas de Reguengos com o eneolítico das grutas do litoral português. Ambos os fragmentos citados, assim como o terceiro (Est. XXIII, 36), também proveniente da anta do Olival da Pega, são trabalhados, como já mencionámos, em uma espécie de sílex que não aparece na indústria neolítica da região, admitindo-se, por isso, a hipótese de que estas armas, no concelho de Reguengos, tivessem sido importadas.

#### *Núcleos de cristal de rocha e de quartzo*

Além dos núcleos dos quais se tiraram faquinhas (Est. XIX, 4), encontraram-se vários pedaços de cristal de rocha e de quartzo retocados com golpes curtos de ambos os lados da base, formando um gume bem cortante. Destes instrumentos havia três na anta 1 do Passo (Est. XIX, 2, 3 e 5), um na anta do Olival da Pega (Est. XXIII, 72), um na anta 1 da Comenda e mais uma metade, ainda com o gume, na anta 1 de Santa Margarida (Est. XXXV, 2).

Embora o núcleo de cristal de rocha seja uma oferta funerária frequente nas antas alentejanas, não vimos nestas qualquer exemplar retocado da mesma maneira que os anteriores. As únicas peças comparáveis e iguais em tamanho e técnica provêm da sepultura redonda de El Minguillo, na província de Córdoba <sup>(126)</sup>. A atribuição cultural e o uso prático destes instrumentos estão ainda mal esclarecidos, embora se possa depreender que tives-

---

<sup>(125)</sup> Para a divulgação e classificação desta arma vide E. Jalhay, *A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal. Brotéria*. Vol. XLIV, Fasc. 1, 1947.

Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 465.

<sup>(126)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 55, N.º 42 e 43.

sem servido de raspadores. Cronològicamente inserem-se com certeza na época eneolítica. A técnica de retocar um gume em pedras tão espessas lembra indústrias arcaicas (<sup>127</sup>).

### III. INDÚSTRIA CERÂMICA

A cerâmica das antas de Reguengos apresenta, além de uma grande variedade de formas, diferenças consideráveis de cor e de fabrico, sendo, com respeito a estes aspectos, a Anta do Poço da Gateira protótipo do grupo neolítico e a Anta do Olival da Pega do grupo eneolítico; a primeira, por saírem os seus vasos, na maior parte, inteiros, e a segunda, por oferecer, em ambos os sentidos, uma riqueza, até hoje única em antas alentejanas, apresentando um quadro quase completo da cerâmica eneolítica. Por isso referir-nos-emos, na classificação da cerâmica eneolítica, sobretudo aos vasos desta anta, reproduzidos nas estampas XXIV-XXX.

A seguir, classificaremos a cerâmica sob estes dois aspectos. Nas gravuras e nas listas dos espólios os vasos estão agrupados segundo as suas formas; em ambos os casos, uma letra, posta nas estampas do lado esquerdo do vaso, indica o tipo de cerâmica ao qual ele pertence quanto à cor e fabrico, classificação essa que precederá o exame das formas.

#### 1. CLASSIFICAÇÃO DA CERÂMICA SEGUNDO A COR E O FABRICO

Notam-se três tipos fundamentais: a cerâmica de cor cinzento-acastanhada, a cerâmica de cor vermelha e a cerâmica preta. Naturalmente há, ao lado dos protótipos, intermediários entre os três tipos, sobretudo entre o

---

(<sup>127</sup>) Na anta das Cabeças, Arraiolos, encontrámos um disco de quartzo de forma redonda com os lados retocados quase verticalmente. *O Arch. Port.* 2.ª Série, Vol. 1.

tipo B 3 e A 2, que se distinguem apenas na cor, mas não na qualidade do barro.

A. *Cerâmica de cor cinzento-acastanhada, cinzento-avermelhada e castanha*

1. Barro, em geral, cinzento, de dureza média, com mistura de pedrinhas. Coberto por dentro e por fora com uma camada de espessura variável, em todas as gradações das cores acima mencionadas. Superfície, na maioria dos casos, lisa, um tanto polida. Manchas pretas provenientes da cozedura.
2. Da mesma cor há uma espécie de cerâmica mais dura, de barro homogêneo, com menos mistura de pedrinhas. Melhor trabalho e polimento. Avultam neste tipo, alguns vasos de cor cinzento-claro e cinzento-escuro. Este tipo é aparentado com a cerâmica vermelha do tipo B 3 e tem afinidades com os vasos neolíticos.

A cerâmica do tipo A é a mais frequente. Pertencem a ela a maior parte dos pequenos vasos esféricos (grupo 1) em igual percentagem aos dos tipos A 1 e A 2, metade de vasos esféricos de tamanho maior (grupo 2), todos os grandes vasos globulares e mais de metade das taças (grupo 4), vasos de colo estrangulado (grupo 5) e vasos de perfil carenado (grupo 6). O tipo A 1 predomina consideravelmente nos grupos dos vasos de fundo esférico-achatado (grupo 8) e dos mamilos decorativos (grupo 11).

Ambos os tipos desta cerâmica encontram-se não só nas antas eneolíticas, mas também nas antas neolíticas de transição.

B. *Cerâmica de cor vermelha*

1. Barro semelhante ao do tipo A 1, coberto por uma camada de cor vermelho-acinzentada, levemente polida por dentro e por fora. Este tipo encontra-se em percentagem igual em todos os grupos com excepção dos grupos 3 e 11. São notáveis alguns vasos de colo estrangulado (Est. XXVII, 1-3 e 7).
2. Barro cinzento ou vermelho, coberto por uma camada de cor vermelho-vivo por dentro e por fora. Este tipo representa a chamada

- «cerâmica neolítica pintada a almagre» (vide pág. 71). A forma deduzida dos vasos inteiros e dos cacos deste tipo é quase exclusivamente a esférica (Est. II, 1-5). Na anta do Olival da Pega havia também, deste tipo de cerâmica, um vaso de colo levemente estrangulado (Est. XXVII, 6), fragmentos de um grande pote e de um vaso biconico, este com uma camada preta, bem polida, por dentro.
3. Barro duríssimo, de cor cinzento-claro, sem pedrinhas ou com poucas, parecido com o tipo A 2 e semelhante a alguns dos vasos da Anta do Poço da Gateira. Camada de vermelho-claro por dentro e por fora ou só no lado exterior. Superfície umas vezes lisa, outras vezes áspera, em geral sem polimento. Algumas peças (Est. XXVII, 16) têm vestígios de uma fina camada de cor cinzento-claro por fora, talvez restos do polimento. Este tipo de cerâmica, que, à primeira vista, parece alheio ao eneolítico, pertence, no entanto, como provam as suas formas, àquela época. O aspecto do seu barro e do fabrico lembra a cerâmica vermelha da ilha de Chipre (pág. 185). Os exemplares mais típicos encontram-se nos grupos dos vasos esféricos, entre os quais se salienta uma esfera quase perfeita (Est. XXV, 30) e os esféricos achatados. Há também um número relativamente grande de vasos biconicos (Est. XXVII, 14-16, a última de forma mais rara e de interesse especial). Raras são, deste tipo, as taças grandes, mas pertencem a ele algumas taças pequeníssimas (Est. XXXIII, 41 a). Este tipo de cerâmica aparece apenas em antas de espólio eneolítico.

### C. Cerâmica preta

Barro preto ou cinzento-escuro, sem camadas por dentro e por fora, em geral bem polido. Manchas cinzento-acastanhadas, provenientes da cozedura. Alguns vasos finos deste tipo do grupo 6, têm, no interior, uma camada de castanho-avermelhado (Est. XXXIII, 42), pormenor que se encontra também num vaso preto com decoração incisa (Est. XXX, 3). Quanto a alguns vasos de trabalho perfeito, de cor muito negra e polimento lustroso, como por exemplo o pequeno vaso biconico (Est. XXVII, 34), poderiam, con-

siderando a cultura de Los Millares como intermediária, estabelecer-se relações entre eles e a cerâmica «embetunada» do Mediterrâneo oriental <sup>(128)</sup>. A hipótese desta técnica estar ligada às civilizações do bronze inicial do litoral, é confirmada por vasos de ornamentação simbólica com uma camada preta polida no interior (grupo E), e pelo aparecimento de um vaso de cor e fabrico igual, no castro de Vila Nova de S. Pedro.

Uma forma exclusiva deste tipo é o vaso de suspensão (Est. XII, 17) que, no litoral, pertence também à cerâmica preta. Alguns vasos de bordo reentrante (Est. XXV, 36) assemelham-se em forma e cor ao precedente. A cerâmica preta, muito rara nos grupos dos vasos esféricos, é frequente nas taças, onde aparece também com polimento lustroso (Est. XXVI, 17 e 18). Outra forma típica é o grande vaso bicónico (Est. XXVII, 25). O grupo 6 dos vasos de perfil carenado e de fundo quase plano contém o maior número de vasos pretos. Há também uns exemplares de fundo plano e quatro de decoração incisa.

De todos estes três tipos: A, B e C, há vasos finíssimos de pequeno tamanho, trabalho perfeito e polimento lustroso. Do *tipo A* são, em geral, pequenos vasos esférico-achatados de bordo reentrante e de cor castanha ou cinzento-clara (Est. XXV, 21, 23 e 24), podendo também incluir-se algumas taças maiores de fabrico primoroso (Est. XXVI, 9 e 10). Do *tipo B* havia várias taças minúsculas na anta 1 do Cebolinho e na *tholos* da Farisoa (Est. XXXIII, 28, Est. XVII, 1) e uns vasinhos bicónicos na anta 1 do Cebolinho, na anta do Olival da Pega e na pequena anta 1 das Areias (Est. XXXIII, 48; Est. XXVII, 35; Est. XXXVIII, 5). Do *tipo C* são característicos alguns vasos bicónicos ou de perfil carenado (Est. XXVII, 27, 31, 34 e 36).

---

<sup>(128)</sup> Santa-Olalla, *La fecha*, pág. 98, nota 14.

D. *Cerâmica de barro preto com camada vermelha de cor ferruginosa* <sup>(120)</sup>

Este tipo é documentado pelo vaso de decoração simbólica (Est. XXX, 14), sendo a tampa (Est. XXIX, 11) também feita deste barro de cor de ferrugem. É de notar que, na anta 1 dos Gorginos, havia, na camada superior, restos de dois vasos de colo estrangulado, um deles com caneladuras horizontais na parte superior do bojo, de época incerta (fim da época do bronze?) cujo barro é de cor e dureza iguais. Em face da sua raridade e da sua decoração, esta espécie de cerâmica poderia ter sido importada para o concelho de Reguengos.

E. *Cerâmica com uma camada preta e perfeitamente polida no interior*

Esta particularidade é típica da cerâmica simbólica e dos vasos aparentados, na decoração, com aquela (Est. XXX, 7-12), encontrando-se também em alguns vasos lisos, por exemplo num grande pote (Est. XXV, 42) que, assim como alguns dos vasos decorados, já citados e outros cacos desta espécie de cerâmica, é, do lado de fora, de cor castanho-vivo. Havia fragmentos de um vaso deste género, com vestígios de decoração, na *tholos* da Farisoa. Vários vasos com decoração simbólica do sudeste da Península apresentam a superfície preta e polida, o que, além da decoração, liga os ditos vasos da cultura megalítica de Reguengos à de Los Millares <sup>(130)</sup>.

## 2. A CERÂMICA A ALMAGRE

Desde o ano de 1933, em que M. Gomez Moreno, pela primeira vez, chamou a atenção para os vasos do neolítico espanhol, cobertos por uma

---

<sup>(120)</sup> Childe menciona que esta espécie de fabrico é característica da indústria badariense. *L'Orient*, pág. 72. Na cultura de Los Millares, o vaso de decoração simbólica da sepultura 15 é de barro vermelho-acastanhado. Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 44.

<sup>(130)</sup> Los Millares, Sep. 7, 9 e 15; Loma de Huechar; Almizaraque. Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 27, 29, 44, 111 e 45.

pintura uniforme de ocre vermelho <sup>(131)</sup>, os arqueólogos espanhóis continuam a ocupar-se, quer para determinações culturais, quer cronológicas, desta espécie de cerâmica, chamada «a la almagra», considerando-a como um dos tipos guias da época do neolítico hispano-mauritano <sup>(132)</sup>.

Em Portugal apenas se assinalaram, segundo os nossos conhecimentos, poucos vestígios deste tipo de cerâmica. No estudo sobre a cerâmica mais antiga da gruta do rio Almonda <sup>(133)</sup>, aparentada pela sua decoração com a cerâmica espanhola das grutas, não se fala de pintura. Na gruta da Galinha encontrou-se um caco vermelho-acastanhado, ornamentado com pequenos traços paralelos, o qual talvez tenha sido pintado a aguada <sup>(134)</sup>.

Entre os vasos campaniformes, há alguns, cuja cor vermelho-vivo poderia provir de serem tingidos de ocre vermelho <sup>(135)</sup>, suposição corroborada por se terem encontrado na região, em sepulturas da mesma época, outros objectos com vestígios de cor vermelha <sup>(136)</sup>. No Museu do Carmo encontram-se, entre a cerâmica lisa proveniente do castro de Vila Nova de S. Pedro, cacos de um pequeno vaso esférico, de cor encarnado-vivo; resíduos de uma substância vermelha foram também assinalados por A. do Paço no interior de um vaso das grutas de Cascais <sup>(137)</sup>.

Enquanto o uso de espalhar ocre vermelho sobre a camada das inumações se encontrava também em pequenos dólmenes de espólio neolítico do Alentejo ocidental, não havia, porém, nelas, segundo informação do Professor Dr. Heleno, cerâmica vermelha igual à da anta do Poço da Gateira.

<sup>(131)</sup> M. Gomez Moreno, *La cerâmica primitiva ibérica. Homenagem a Martins Sarmento*, 1933.

<sup>(132)</sup> O progresso destes estudos deve-se sobretudo ao Seminário de História Primitiva, Madrid. Santa-Olalla, *La fecha*; San Valero, *La península*; Santa-Olalla, *Cereales y plantas*, pág. 35 ss; B. Saez Martín, *Nuevos precedentes*, pág. 134.

<sup>(133)</sup> A. do Paço, *Gruta do rio Almonda*.

<sup>(134)</sup> Mus. Etn. N.º 6.591.

<sup>(135)</sup> Por exemplo no lindo vaso da Gruta II de Alapraia, reproduzido a cores em: *A do Paço e E. Jalhay, Alapraia II*, e num vaso da Cova da Moura no Museu de Torres Vedras.

<sup>(136)</sup> Da *tholos* da Cabeça da Arruda provém uma placa de grês, tinta de vermelho, no verso. Mus. Torres Vedras.

<sup>(137)</sup> A. do Paço, *Cascais*, pág. 28, Est. XXV a.



Também nos dólmenes de corredor, a cerâmica a almagre falta quase por completo, podendo-se, hoje, apenas citar um caco da anta das Cabeças <sup>(138)</sup> e o fragmento de um vaso proveniente da Orca dos Juncaes, na Beira Alta, de cuja importância trataremos mais adiante <sup>(139)</sup>.

Devemos, porém, acentuar que estas indicações sobre a expansão da cerâmica a almagre em Portugal não podem ser consideradas como definitivas. Partindo do espólio da anta do Poço da Gateira, no qual esta cerâmica se encontrava, pela primeira vez, documentada de uma maneira incontestável, podíamos, após uma revisão minuciosa de todos os cacos, reconhecer uma divulgação considerável desta indústria no concelho de Reguengos. Tal revisão devia estender-se a toda a cerâmica da cultura megalítica. Dois factos dificultam, no entanto, o estabelecimento de um quadro completo daquela divulgação. Em primeiro lugar temos várias provas de que os cacos expostos às intempéries perderam as camadas superiores. Tal decomposição observa-se em alguns vasos da anta da Gateira e também na anta do Olival da Pega, da qual saíram, por exemplo, dois cacos de um mesmo vaso, um deles com a superfície corada e polida e o outro já desprovido de todas as características da cerâmica pintada. Em segundo lugar, é provável que em algumas escavações antigas com menos orientação científica os cacos mais pequenos, que, na maioria dos casos, são os únicos resíduos da cerâmica pintada nas antas violadas, não tivessem sido recolhidos.

No concelho de Reguengos a cerâmica a almagre aparece em sepulturas de diversos tipos architectónicos, nomeadamente em:

Câmaras alongadas e quase rectangulares: Gateira 1, Comenda 2, Gorginhos 3; N.ºs 29, 36 e 129.

Câmaras de polígono irregular: Vidigueiras 1 e 2, Gorginhos 2; N.ºs 125, 126 e 128.

Câmaras de polígono regular: Quinta 1, Paço 1, Farisoa 1; N.ºs 24, 82 e 111.

---

<sup>(138)</sup> O Arch. Port., 2.ª Série, Vol. 1.

<sup>(139)</sup> Mus. Etn. N.º 9.518a. Numa revisão provisória dos materiais da cultura megalítica de Salamanca, no Museu Arqueológico de Madrid, vimos vários fragmentos de cerâmica vermelha, cujo estudo definitivo está ainda por fazer.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Câmaras de polígono regular com átrio: Gateira 2, Olival da Pega 1; N.<sup>os</sup> 30 e 50.

Pequena câmara de 5 esteios: Areias 7; N.<sup>o</sup> 95.

*Tholos* da Farisoa e *tholos* da Comenda: N.<sup>os</sup> 111 a, 36 a.

Sob o ponto de vista cultural, duas destas antas pertencem ao grupo do neolítico puro (N.<sup>os</sup> 29 e 126), seis ao grupo neolítico de cerâmica avançada (N.<sup>os</sup> 24, 30, 95, 125, 128 e 129) e cinco ao grupo que contém placas de xisto, contas e mais material eneolítico (N.<sup>os</sup> 36, 50, 82, 111 e 117).

No fabrico da cerâmica a almagre de Reguengos nota-se em primeiro lugar a dureza do barro, sendo a sua técnica muito mais perfeita do que a da cerâmica eneolítica. A quantidade de pedrinhas misturadas com o barro, varia; alguns vasos, por exemplo os N.<sup>os</sup> 5, 6, 8, 9 e 10 da anta do Poço da Gateira, são feitos de um barro muito fino, duro e homogéneo, ao passo que outros da mesma anta, são um pouco mais brandos e contêm mais pedrinhas (N.<sup>os</sup> 2, 3, 4 e 11). Nos vasos 2, 5 e 10 nota-se nas partes destruídas, assim como em vários cacos provenientes de outras antas, vestígios de mica dourada. A espessura da parede dos vasos é, em geral, de 4-5 mm., nos pequenos apenas 3 mm. e nos maiores não alcança mais do que 6-7 mm. As formas são perfeitas, excepto em poucos exemplares, nos quais a espessura da parede e a forma grosseira demonstram uma degeneração da arte neolítica, como sucede num vaso da anta 1 das Vidigueiras (Est. XII, 3). A cozedura não se fazia em fornos; como prova disso, a maior parte dos vasos apresenta manchas pretas ou, no fundo, uma descoloração do vermelho para um tom amarelado. Não há bordos pretos. A espessura da camada colorante varia, às vezes, no mesmo vaso, pormenor do processo artístico, de que trataremos a seguir, quando da análise dos diferentes tipos desta cerâmica. O polimento é perfeito, podendo-se até pelo tacto reconhecer os cacos da cerâmica a almagre. A cor é igual de ambos os lados, em muitos casos mais viva no interior, por causa da sua melhor conservação.

No que respeita à técnica da cerâmica, notam-se as seguintes variantes <sup>(140)</sup>:

---

<sup>(140)</sup> Para a descrição de todos os vasos e cacos aqui citados vide a lista dos espólios das antas, cuja respectiva página vem junta.

1. *Barro cinzento, coberto com uma fina camada de cor vermelho-vivo.* Esta camada é, em alguns casos, tão delgada que não pode ser medida (Poço da Gateira, vaso 1 e 15); em outros, porém, é um pouco mais espessa, atingindo 1 mm. (Poço da Gateira, vasos 2, 8 e 10). Neste caso, parece que, em alguns vasos e cacos, a superfície teria sido pintada outra vez com uma aguada finíssima (Anta 1 do Poço da Gateira, vaso 8; Passo 1 Est. XIX, 65; Anta 1 das Vidigueiras, Est. VII, 3).

Esta espécie da cerâmica a almagre é a mais divulgada. Encontra-se em antas de quase todos os tipos arquitectónicos acima enumerados e nas seguintes fases cronológicas:

*Em antas do neolítico puro*

*Poço da Gateira 1:* Vasos N.<sup>os</sup> 1, 4, 8, 9, 12, 15 e 16 (Est. II, 1 e 3; Est. III, 3; Est. IV, 1 e 28; págs. 218-220).

*Vidigueiras 2:* 1 vaso (Est. VIII, 12); cacos de mais dois vasos (a e c); pág. 305.

*Em antas do neolítico avançado*

*Vidigueiras 1:* 2 vasos (Est. VII, 1 e 3); pág. 303. Além dos vasos reproduzidos, a anta continha cacos de mais três vasos da cerâmica a almagre; pág. 303 (a, b, c).

*Gateira 2:* Cacos de três vasos (Est. VIII, 5 e 7) pág. 221.

*Gorginos 2:* 2 cacos, pág. 309.

*Em antas com espólio eneolítico*

*Passo 1:* 3 vasos (Est. XX, 5 e 15; Est. XIX, 65); além disso: fragmentos de dois vasos, pág. 267 (a, b).

*Olival da Pega:* 5 vasos (Est. XXVII, 6 e 14; Est. XXV, 32 b, c, d,

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

pág. 247). Fragmentos de rebordos pertencentes a quatro vasos, pág. 244 (a-d) e cinco cacos de parede, pág. 244.

*Farisoa 1*: 1 vaso (Est. XV, 25, pág. 286). Mais um fragmento de rebordo e dois de parede, pertencentes a dois ou três vasos, pág. 286 (a, b, c).

*Farisoa 7*: 2 fragmentos de parede, pág. 298.

*Comenda 2*: 1 fragmento de parede, pág. 230.

### *Em tholoi*

*Tholos da Farisoa*: 3 vasos (Est. XVII, 12, 14 e 15, pág. 293).

*Tholos da Comenda*: 2 fragmentos de parede do mesmo vaso, pág. 232.

### 2. *Barro vermelho, pintado com uma camada finíssima de vermelho-vivo.*

Esta espécie é menos frequente e encontra-se sobretudo em sepulturas de aspecto neolítico.

*Gateira 1*: Vasos N.<sup>os</sup> 2 e 7 (Est. II, 4, Est. III, 2, pág. 218) e o fragmento N.<sup>o</sup> 20, não reproduzido, pág. 220. O vaso N.<sup>o</sup> 7 é protótipo desta espécie, com o polimento em parte perfeitamente conservado.

*Gateira 2*: 1 vaso (Est. V, 8, pág. 221).

*Vidigueiras 2*: 2 vasos (Est. VIII, 13 e 14, pág. 305). Mais um fragmento de outro vaso, pág. 306 (b).

*Gorginos 3*: Grande taça (Est. IX, 1, pág. 311).

*Quinta 1*: Fragmento fino de parede, pág. 210.

*Tholos da Farisoa*: 1 vaso (Est. XVII, 12, pág. 293).

### 3. *Barro cinzento, camada de cor encarnada mais escura*

Esta espécie, de barro muito fino e duro, é vulgar em todos os tipos de sepultura.

*Gateira 1*: Vasos N.<sup>os</sup> 3, 5 e 10 (Est. II, 2 e 5, Est. IV, 2, pág. 218) e os vasos N.<sup>os</sup> 14 e 18, não reproduzidos, pág. 220. O vaso N.<sup>o</sup> 5, com o polimento em parte perfeitamente conservado, é protótipo deste grupo.

*Gateira 2*: 1 vaso (Est. V, 2, pág. 221).

*Vidigueiras 1*: 2 vasos (Est. VII, 2 e 26, pág. 303).

*Areias 7*: Pequeno caco, pág. 298).

*Passo 1*: 2 cacos de parede, pág. 267.

*Olival da Pega*: 1 vaso (Est. XXV, 45, pág. 244). Fragmento de cor igual, de um pequeno vaso fino, pág. 245.

4. *Barro cinzento-escuro, quase preto, com camada finíssima de cor vermelho-acinzentado.*

Esta espécie já é aparentada com a que registámos sob a letra A 2 e que é representada, nas antas eneolíticas de Reguengos, sobretudo pelas taças.

*Gateira 1*: Vaso N.<sup>o</sup> 6 (Est. III, 1, pág. 218).

5. *Barro vermelho-acastanhado, grosso, pintado de vermelho.*

*Anta grande do Monte Novo*: fragmento de rebordo de um prato; pág. 299, 4 fragmentos de rebordo de 2 grandes potes de 13 mm. de espessura da parede.

Esta espécie é semelhante ao grande prato da sepultura III de Alcala e deve pertencer a uma época posterior.

#### *Formas da cerâmica a almagre*

A forma quase exclusiva da cerâmica a almagre, nas antas de Reguengos, documentada não só pelos vasos inteiros e reconstituíveis, mas também pelos rebordos e pelos fragmentos de parede, é o vaso esférico de tamanho médio (grupo 2). Ao lado de 45 vasos que pertencem a este grupo, há apenas dois vasos esféricos pequenos (grupo 1), 3 taças, duas das quais, porém, podem ainda caber no grupo dos vasos esférico-achatados, um vaso de colo

ligeiramente estrangulado (grupo 5) e outro bicónico (grupo 6). Uns fragmentos de dois vasos pertencem provavelmente a grandes potes.

Os vasos da anta do Poço da Gateira, reunidos nas estampas II-IV dão um quadro quase completo das formas desta cerâmica próprias dos espólios neolíticos. Inclui ao lado do vaso quase globular, formas de boca mais larga e outras de bojo mais achatado, das quais é protótipo o número 10, já quase uma taça. O bordo é, às vezes, ligeiramente acentuado por uma saliência que contorna a reentrância da parede, o que dá ao perfil uma curva elegante (N.º 6). Comum a todas estas variantes é o fundo esférico, que muitas vezes excede mesmo a curvatura da esfera e faz lembrar tendências semelhantes no neolítico da Espanha, do norte da África e do oeste da Europa, manifestadas em vasos de fundo cónico (<sup>141</sup>).

*Relações da cerâmica a almagre de Reguengos com a das grutas espanholas*

Ao passo que as formas da cerâmica a almagre de Reguengos, como mais adiante veremos, se inserem no neolítico do oeste da Europa, a técnica da pintura vermelha, no estado actual dos nossos conhecimentos, só pode ligar-se à cerâmica do sul da Península.

A cerâmica a almagre encontrou-se no sul e sudeste da Espanha em várias grutas (<sup>142</sup>). Ao lado da cerâmica incisa, a mais frequente, havia, nelas, também fragmentos de cerâmica lisa pintada a almagre, sendo estes, porém, em todos os casos, demasiadamente pequenos para a reconstituição do vaso. Tais cacos provêm das grutas seguintes:

Cueva de la Sarsa: fragmentos pequenos, que podiam provir do fundo de vasos incisos.

Cueva de la Mujer: fragmentos pequenos.

---

(<sup>141</sup>) San Valero, *La península*, pág. 20, Figs. 5 e 10; Santa-Olalla, *La Sahara español*, Est. CXLIX; Schuchhardt, *Westeuropa*, pág. 739, Fig. 6. (Camp de Chassey, Michelsberg).

(<sup>142</sup>) Prof. J. San Valero Aparisi, o cientista mais competente do neolítico espanhol, remeteu-nos a lista destas grutas e as informações sobre os restos de cerâmica lisa a almagre nelas contida.

Cueva de la Pileta, Malaga.

Cueva de la Victória, Malaga (<sup>143</sup>).

Cueva de Murciélagos, Zuheros, Cordova (<sup>144</sup>).

Cueva de los Marmolos, Cordova.

Cueva de Ambrosio, Almeria: fragmento pintado de cor amarelada.

Nesta lista nota-se que a maioria das grutas citadas está situada no oeste da Andaluzia, o que pode sugerir uma ligação cultural mais íntima com o sudeste do Alentejo.

O parentesco da cerâmica a almagre de Reguengos com a das grutas meridionais consiste em dois factos: a pintura e a perfeição da própria substância e do fabrico, particularidade, aliás, também apresentada pela cerâmica neolítica da Europa ocidental (<sup>145</sup>). De uma maneira geral, porém, as diferenças superam as semelhanças, pois, entre as formas básicas, apenas o vaso esférico é comum a ambas as culturas, enquanto as formas mais características do neolítico hispano-mauritano, nomeadamente o vaso esférico alto de boca aberta ou munido de um colo estreito e o vaso de fundo cónico faltam no neolítico de Reguengos, que carece também dos mamilos perfurados e asinhas tão frequentes na indústria neolítica meridional (<sup>146</sup>). A maior diferença, porém, é a falta absoluta, em Reguengos, de qualquer decoração. Há também divergências nas indústrias que acompanham os vasos pintados: nas grutas espanholas faltam as enxós, ao passo que já nelas se encontram, ao lado de micrólitos, umas pontas de seta de base côncava e, além disso, furadores e espátulas de osso, braceletes de concha e pequenas contas, objectos

---

(<sup>143</sup>) Simeon Gimenez Reyna, *Memoria arqueológica de la provincia de Málaga hasta 1946. Informes y Memorias* N.º 12, Madrid, 1946, págs. 11 e 28.

(<sup>144</sup>) Juan Fernandez Cruz, *Cueva del neolítico hispanomauritano de Zuheros (Cordoba). Cuadernos*, Ano 1, N.º 1, Madrid, 1946, pág. 51.

(<sup>145</sup>) P. Vouga, *Le neolithique lacustre*, pág. 37.

(<sup>146</sup>) Vide o quadro das formas básicas da cerâmica hispano-mauritana em: San Valero, *La peninsula*, págs. 20 e 21, Figs. 5 e 6. É notável que algumas das formas do quadro 5, por exemplo o vaso bicónico e a taça, apenas aparecem em Reguengos nos espólios eneolíticos, o que sugere, quanto a estas formas, que o rumo da sua divulgação tenha sido de leste para oeste.

que não figuram no espólio nem da anta do Poço da Gateira, nem no das outras antas de fácies neolítica de Reguengos.

*Relações com a cerâmica oeste-europeia*

No seu quadro geral, as formas da cerâmica a almagre de Reguengos inserem-se melhor na indústria da Europa ocidental. A própria situação geográfica do concelho de Reguengos favorece a ideia de que esta região pudesse ter sido um ponto de contacto entre o oeste o sul.

Em Portugal, as analogias mais pronunciadas na forma, no fabrico e no tamanho encontram-se em algumas grutas do litoral atlântico; na Casa da Moura e na Gruta dos Carrascos <sup>(147)</sup>. A ligação dos vasos neolíticos de Reguengos com os das grutas citadas está, porém, ainda por esclarecer. Vasos esféricos maiores das antas da Beira Alta são também comparáveis. A cerâmica das antas de corredor do Alentejo central e ocidental, da qual trataremos mais adiante, tem características que mais se coadunam com a indústria encontrada nos espólios das antas eneolíticas de Reguengos.

No quadro da cerâmica neolítica do Camp de Chassey encontram-se, além dos vasos esféricos, comuns a todas as culturas neolíticas, taças de fundo esférico e bordo reentrante, semelhantes ao vaso Est. IV, 2 da anta do Poço da Gateira <sup>(148)</sup>. Vasos esféricos de tamanho considerável são típicos dos estratos mais antigos de Windmill Hill e das estações lacustres da Suíça <sup>(149)</sup> e saíram também de sepulturas neolíticas da Bretanha <sup>(150)</sup>. O vaso acima citado da Casa da Moura mostra, pela configuração da asa, também afinidades com um fragmento do Camp de Chassey <sup>(151)</sup>.

---

<sup>(147)</sup> Mus. Geol. e Mus. Etn.

<sup>(148)</sup> Déchelette, *Manuel I*, pág. 555, Fig. 202, N.º 10 e 18.

<sup>(149)</sup> J. Hawkes, *Antiquity*, 1934, págs. 28-30, Figs. 1, 3 e 4; Childe, *l'Aube*, pág. 391, Fig. 147, a-c.

<sup>(150)</sup> Le Rouzic, *le Mobilier*, *l'Anthropologie* XLIV, 1934, pág. 486, Figs. 1 e 4.

<sup>(151)</sup> Déchelette, *Manuel I*, pág. 560, Fig. 208, 15.



*Problemas da cerâmica a almagre de Reguengos*

A possibilidade de inserir as formas da cerâmica a almagre de Reguengos no círculo cultural da Europa ocidental e a técnica da pintura no neolítico das grutas meridionais, não resolve todos os problemas ligados ao seu aparecimento na cultura megalítica portuguesa.

Voltemos novamente com a nossa análise à cerâmica incisa das grutas meridionais. A sua divulgação abrange, além do sul e leste da Península Ibérica, o noroeste da África, estendendo-se também para a Itália, onde aparece na Sicília, assim como na Liguria <sup>(152)</sup>. Falta, porém, na cerâmica incisa africana e italiana, assim como no ramo português desta indústria, a pintura a almagre <sup>(153)</sup>, a qual, consequentemente, não é uma particularidade inerente a esta cultura. Dá-se o mesmo facto na cultura megalítica: a pintura a almagre sobrepõe-se à cerâmica do tipo oeste-europeu, em geral sem aquela característica. Estes dois factos permitem a hipótese de que ambas essas culturas tivessem sido submetidas a uma terceira e mesma influência cultural.

Baseando-nos nos factos acima expostos de que a técnica da pintura a almagre não é oriunda nem do neolítico dos pequenos dólmenes alentejanos nem do círculo mais vasto do neolítico da Europa ocidental, mas que as suas relações se encontram no sul e no leste da Península, o seu aparecimento no concelho de Reguengos poderia ser explicado de três maneiras:

1. Por relações com a cultura das grutas meridionais, no período neolítico.

A favor de tal teoria fala a qualidade da cerâmica, análoga à das grutas, e à do neolítico da Europa ocidental, o exclusivismo do vaso esférico e a sua ligação com o machado cilíndrico e os micrólitos. Além disso, toda a apreciação da pintura a ocre vermelho deve considerar que esta arte, na Península, tem uma tradição antiquíssima e que, consequentemente, as suas raízes

---

<sup>(152)</sup> J. San Valero Aparisi, *La Caverna de las Arenas Candidas y el neolítico de Europa occidental*, Instituto di Studi Liguri, Bordighera, 1948, pág. 184.

<sup>(153)</sup> J. M. Santa-Olalla, *Cereales y plantas*, Cuadernos ... Ano I, N.º 1, 1946, pág. 43. nota 26. O. Menghin, *Runa*, pág. 149.

podem ser procuradas no próprio país, tanto mais que as suas documentações se encontram na mesma região, até nas mesmas grutas onde existem vasos pintados a almagre. Enquanto as formas da cerâmica lisa das grutas não puderem ser reconstruídas, este problema, porém, não pode ser resolvido.

2. A divulgação considerável da cerâmica a almagre na *tholos* da Farisoa leva-nos a perguntar se teriam sido os construtores das *tholoi* que trouxeram esta indústria consigo.

Contra esta hipótese fala, em primeiro lugar, o facto de as formas típicas da cerâmica da cultura de Los Millares e das grandes *tholoi* do leste da Almeria não aparecerem na cerâmica a almagre e não haver provas desta cerâmica na cultura de Los Millares, de Alcalá, e no castro contemporâneo de Vila Nova de S. Pedro, a não ser uns vestígios esporádicos. Além disso, a evolução arquitectónica no concelho de Reguengos prova que a anta do Poço da Gateira, cuja forma é afim da da anta 2 da Comenda, foi construída anteriormente às *tholoi*.

3. Inclusão da cerâmica a almagre no círculo cultural do ídolo almeriense e, conseqüentemente, ligação com os estratos do segundo período de Almeria, em que este tipo de ídolo começa a aparecer já em espólios neolíticos, manifestando as mais antigas relações da Península Ibérica com o Oriente. A inserção da cerâmica ibérica a almagre num círculo mais vasto, que compreenderia, neste caso, as costas do Mediterrâneo, desde a Anatólia e a ilha de Chipre até à Península Ibérica, é a teoria defendida por Santa-Olalla no seu último trabalho sobre o assunto <sup>(154)</sup>. Seria este, pois, o ponto de origem da influência exercida quer sobre a cultura das grutas, quer sobre a cultura megalítica?

O ídolo chato almeriense, como já mostrámos em trabalhos anteriores <sup>(155)</sup> está em íntima relação com todo o conjunto do emprego artístico da cor vermelha. A sua efígie aparece como um dos motivos

---

<sup>(154)</sup> Santa-Olalla, *La fecha*.

<sup>(155)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 510; idem, *Pedra Coberta*.

principais na pintura megalítica <sup>(156)</sup>, na pintura sepulcral das grutas (Cueva de los Letreros) e na pintura desta época sobre rochas. Parece que as pinturas nas *tholoi* de Los Millares teriam pertencido ao mesmo grupo de representações <sup>(157)</sup>. Motivos ligados à efígie do ídolo almeriense na pintura sepulcral, como a linha ondulada ou em zigue-zague, tornamos a encontrá-los na ornamentação dos vasos a almagre <sup>(158)</sup>. Na Orca dos Juncas, dólmen pintado da Beira Alta, encontrou-se o fragmento de um vaso de cor vermelha, com uma pequena asa. Uma inspecção cuidadosa deixa reconhecer, em alguns pontos, uma fina camada corada. Os vasos tingidos de ocre vermelho encontrados na cultura megalítica do sudeste, saíram na maior parte de sepulturas, cujos espólios são aparentados com os que continham ídolos, demonstrando, pelos micrólitos e machados, uma ligação com o fundo neolítico. A forma destes vasos não é alheia à de alguns da Anta do Poço da Gateira <sup>(159)</sup>.

Enquanto o parentesco que liga o ídolo almeriense, sobretudo, aos ídolos da Anatólia, não exclui relações na indústria cerâmica, há várias objecções que ainda dificultam o estabelecimento das suas vias, entre as quais avulta a de que não se conhecem, na cultura de Almeria, vasos pintados a almagre, associados nos espólios ao ídolo chato <sup>(160)</sup>. Também não parece bastante esclarecida a posição

<sup>(156)</sup> Leisner, *Pedra Coberta*.

<sup>(157)</sup> *Meg. Gr.*, págs. 329 e 330.

<sup>(158)</sup> Santa-Olalla, *La fecha*, Figs. 2, 3 e 4.

<sup>(159)</sup> Cf. os vasos N.ºs 6 e 10 (Est. III, 1; IV, 2) desta anta com vasos de Fonelas e da Loma de la Manga. Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 46, Sep. 116, N.º 12; Est. 47, Sep. A 1, N.º 14.

<sup>(160)</sup> Com respeito a isto, impõe-se uma revisão cuidadosa de todos os cacos, os quais, porém, como consta do confronto do número de vasos indicados nos diários e os guardados na colecção Siret, não foram todos recolhidos. O material, no Museu Arqueológico de Madrid, ainda não está acessível. É de esperar que as novas escavações, iniciadas na província de Almeria, nos dêem melhores esclarecimentos sobre estes problemas. Nas escavações do Seminário da História Primitiva, em Tabernas, por exemplo, foram encontrados, como o Sr. Professor Santa-Olalla amavelmente nos comunicou, cacos de cerâmica pintada, no estrato mais profundo. No terceiro estrato havia cerâmica campaniforme. Entre estas duas épocas cronológicas poderia ser procurada, de harmonia com a estratigrafia cipriota, a cerâmica a almagre.

da cerâmica a «rosso lucida» da Itália meridional e da Sicília, como intermediária eventual entre o Oriente e a Península Ibérica.

Gomez-Moreno coloca a pintura vermelha na cerâmica das grutas no princípio da época eneolítica, data que bem corresponderia à primeira divulgação de elementos da cultura de Almeria para o interior do país. Seria provável uma difusão bastante rápida destes elementos, supondo que se tratasse de povos em busca de metais. Há factos que falam a favor da hipótese da simultaneidade da divulgação, para o interior, da sepultura redonda, do ídolo almeriense e das pinturas simbólicas <sup>(161)</sup>.

Embora não nos atrevamos a tirar, destas primeiras provas, conclusões definitivas, a terceira e última das explicações acima expostas no que respeita à cerâmica a almagre de Reguengos não parece carecer de fundamento. Em todo o caso é notável que ídolos almerienses apareçam pela primeira vez na cultura megalítica ocidental <sup>(162)</sup> na mesma região que deu as primeiras documentações da cerâmica a almagre.

### 3. CLASSIFICAÇÃO SEGUNDO AS FORMAS

- Grupo 1. Vasos pequenos esféricos e esférico-achatados.
- Grupo 2. Vasos esféricos e esférico-achatados de tamanho médio e grande.
- Grupo 3. Grandes vasos globulares de rebordo espesso.
- Grupo 4. Taças semi-esféricas e em forma de calote de esfera.

---

<sup>(161)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 420: El Minguillo na Sierra Morena, Aguilar de Anguita na provincia de Guadalajara. É também de salientar que nas ilhas Canárias, onde a cerâmica a almagre sobreviveu, se encontrasse um ídolo de forma almeriense, S. J. Sanchez, *Excavaciones Arqueológicas en Gran Canaria. Informes y Memorias*, N.º 11, Madrid, 1946, Lam. XXIII.

<sup>(162)</sup> Ao ídolo almeriense da anta do Olival da Pega junta-se maior número de ídolos do mesmo tipo, encontrados recentemente em dólmenes da provincia de Huelva.

- Grupo 5. Vasos esféricos de colo estrangulado e bordo saliente; Vasos de fundo esférico e parede duplamente curvada.
- Grupo 6. Vasos bicónicos de fundo esférico; Vasos de parede côncava, fundo esférico ou esférico-achatado.
- Grupo 7. Vasos de corpo cilíndrico.
- Grupo 8. Vasos de fundo esférico-achatado e plano; Pratos.
- Grupo 9. Colheres, Tampas, Suportes de vaso, etc.
- Grupo 10. Asas e mamilos para suspensão.
- Grupo 11. Mamilos decorativos e simbólicos.
- Grupo 12. Cerâmica com decoração incisa.

#### GRUPO 1

##### *Vasos pequenos esféricos e esférico-achatados*

Este grupo mostra uma variedade considerável de formas: Inclui vasos esféricos de boca larga e de boca reentrante, altos e baixos, estes últimos já aparentados com a taça. Alguns vasos têm o corpo quase cilíndrico, outros ligeiramente cónico; poucos têm o fundo esférico-achatado. A estampa XXV, números 1-27, dá o quadro completo de todas estas formas. A maior parte dos vasos deste grupo pertence, quanto à cor e fabrico, ao tipo A, sendo a percentagem dos tipos A 1 e A 2 quase igual. Da cerâmica vermelha (tipo B) apenas há 5 exemplares neste grupo.

Apesar da diferença de tamanho, as formas de alguns vasos são ainda aparentadas com as da indústria neolítica (Est. XXV, 21). Na parte já revolvida da anta do Poço da Gateira, encontraram-se cacos de vasos de dimensões mais reduzidas do que as dos reproduzidos. O dólmen primitivo de Vila Fernando deu também um pequeno vaso esférico. O problema da ligação da indústria cerâmica dos pequenos dólmenes neolíticos com os vasos perfeitos da anta da Gateira ainda não pode ser resolvido, visto o material daqueles estar ainda inacessível.

Vasos pequenos são típicos da cultura das antas eneolíticas do Alentejo. Destes, o vaso esférico ocupa, na região de Pavia, o segundo lugar; pois são ali mais frequentes os de perfil carenado, enquanto, nas regiões fron-

teiriças, estas duas formas aparecem em percentagem igual. Nas grutas artificiais o pequeno vaso esférico também é frequente. Encontra-se ainda em antas da Beira Baixa, perto do rio Tejo, mas é raro na cultura megalítica da Beira Alta. A divulgação destes pequenos vasos coincide, de uma maneira geral, com a da placa de xisto gravada.

Já em trabalhos anteriores <sup>(163)</sup> acentuámos que as analogias, quanto a este tipo de cerâmica, assim como, quanto aos vasos de perfil carenado, não se encontram na cultura de Los Millares, mas sim na cultura de Almeria, onde o pequeno vaso alto de fundo esférico, corpo cilíndrico, cónico ou ligeiramente abaulado, é comum a todas as fases culturais <sup>(164)</sup>. Tal facto, além do parentesco entre as placas de xisto alentejanas e os ídolos almerienses, reforça a impressão de uma ligação mais íntima entre a cultura das antas alentejanas de corredor e a de Almeria, ligação essa, cuja origem devemos procurar no fundo étnico comum a ambas estas culturas.

De harmonia com a evolução no sudeste, as formas achatadas já pertencem a uma fase avançada.

Dentro deste grupo, ocupam um lugar especial os vasos minúsculos que são relativamente raros nas antas do Alentejo central, onde aparecem apenas uns exemplares em algumas grandes antas com espólio de um período avançado <sup>(165)</sup>. Em Reguengos, os exemplares mais típicos provêm da *tholos* da Farisoa (Est. XVI, 29-32). No litoral ocidental, encontraram-se vasos pequeníssimos em grutas artificiais, e, principalmente, em castros do eneolítico avançado <sup>(166)</sup> que sob outros aspectos, como por exemplo o exclusivismo da ponta de seta de base côncava, oferecem pontos de comparação com o eneolítico de Reguengos.

Pelos vestígios de cor vermelha no interior, E. Jalhay julgava que estes vasos minúsculos tinham servido de recipientes para substâncias cosmé-

---

<sup>(163)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 436; idem, *Arqueologia e História*, pág. 13.

<sup>(164)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 161. Para o neolítico do oeste da Europa, vide: Hélène, *Les origines*, pág. 73, fig. 36; Vouga, *Le néolithique*, Est. IV.

<sup>(165)</sup> Anta grande da Comenda da Igreja, Mus. Etn. N.º 6.348 e 6.349. Anta da Casa Velha, Mus. Etn. N.º 7.845.

<sup>(166)</sup> Vila Nova de S. Pedro, Brotéria, XXXIV, pág. 19; Pragança; S. Mamede de Óbidos (Mus. Etn.).

ticas <sup>(167)</sup> e que teriam substituído os vasos de pedra e marfim das culturas meridionais, cuja imitação em material mais simples admitimos também para pequenos vasos de barro de fundo plano. Embora não tivéssemos encontrado, em Reguengos, outros pontos de apoio para esta hipótese, ela não é, contudo, inverosímil.

No grupo das taças encontram-se, também, vasos minúsculos de uma espessura pequeníssima.

## GRUPO 2

### *Vasos esféricos e esférico-achatados de tamanho médio e grande*

As variedades de forma, neste grupo, são as mesmas que no precedente, havendo, ao lado de vasos de esfera quase perfeita, outros de boca larga e, ao lado de vasos altos, formas achatadas. Há formas intermediárias entre o fundo esférico e o fundo plano. As diferentes formas deste grupo vêm representadas na estampa XXV, N.<sup>os</sup> 28-49. Nota-se, neste quadro, o grande vaso N.<sup>o</sup> 42, de forma semelhante à de vasos do neolítico meridional <sup>(168)</sup>, forma essa que alguns autores derivam de protótipos feitos de couro. Os vasos de bordo recntrante (N.<sup>os</sup> 36 e 37) assemelham-se ao vaso de suspensão (Est. XII, 17).

Em várias antas do concelho, o vaso esférico de tamanho maior, aparecendo quer em espólios de transição, quer em espólios eneolíticos, estabelece uma ligação com a cultura dos povos neolíticos, sobretudo quando tais vasos são pintados a almagre. Diminui, no entanto, a perfeição das formas e do fabrico, o que se prova, por exemplo, pelo confronto dos vasos da anta do Poço da Gateira (Est. LVI) com um vaso da anta do Olival da Pega (Est. LVIII, 1). O facto de vestígios da cerâmica a almagre se encontrarem também na *tholos* da Farisoa, deixa supor que ambas estas espécies de cerâmica tivessem existido, lado a lado, ainda na época eneolítica.

<sup>(167)</sup> *Brotéria*, XXXIV, pág. 20.

<sup>(168)</sup> San Valero, *La Península*, pág. 20, fig. 5, n.<sup>o</sup> 6; Santa-Olalla, *El Sahara Español*, Est. CXLVII e CXLVIII.

Os vasos esféricos de barro duro e de cor vermelho-claro (Est. XXV, 30 e 31) devem pertencer a uma época já mais avançada, o que é confirmado pelo facto de este tipo de cerâmica aparecer também entre as formas que têm analogias com o eneolítico do sul da Península.

O vaso esférico de tamanho maior encontra-se em todas as regiões da cultura megalítica alentejana, sendo, porém, sempre mais raro do que o tipo pequeno. Tem uma divulgação maior nas antas da Beira Alta, onde, acompanhado por um vaso de corpo quase cilíndrico e de fundo plano, determina um aspecto da indústria cerâmica que se afasta bastante do do Alentejo. A decoração destes vasos da Beira com motivos da cerâmica das grutas, aplicados conforme a técnica própria daquela cultura, reforça a impressão de que a sua origem poderia ser procurada no neolítico regional.

### GRUPO 3

#### *Grandes vasos globulares de rebordo espesso*

Entre os vasos esféricos distinguem-se alguns com características alheias aos tipos neolíticos e eneolíticos. São de corpo quase globular e de boca pequena, com paredes até 1,5 cm. de espessura, que aumenta no rebordo pela curvatura mais acentuada da parede inferior, o que lhes dá o perfil característico dos protótipos desta forma (Est. XXIV, 1 e 2). O polimento é bom, às vezes perfeito. Há alguns exemplares mais achatados (Est. XXIV, 5) e outros mais grosseiros, sem polimento e menos curvados (Est. XXIV, 4 e 6).

Quase não há analogias para este tipo de cerâmica nas antas alentejanas. Apenas no espólio da anta grande da Comenda da Igreja se encontra um exemplar comparável <sup>(169)</sup>, e do Castro de Vila Nova de S. Pedro provêm fragmentos de um vaso semelhante <sup>(170)</sup>.

---

<sup>(169)</sup> Mus. Etn. Sem número.

<sup>(170)</sup> Mus. do Carmo.



O vaso globular é uma forma que aparece na cultura de el Argar e em sepulturas do sudeste, as quais marcam a transição para esta época <sup>(171)</sup>. A forma e o fabrico podem indicar que estes vasos pertencem, também no concelho de Reguengos, a uma época avançada do bronze inicial. Encontraram-se quase todos os vasos deste tipo na anta do Olival da Pega. (Vide além disso, págs. 256 e 307).

## GRUPO 4

*Taças semi-esféricas e em forma de calote de esfera*

A taça, em todas as suas variedades de forma e de tamanho, é um dos vasos mais frequentes no eneolítico de Reguengos, aparecendo em todas as antas eneolíticas. Em nenhuma outra, porém, se encontra em tal abundância como na anta grande do Olival da Pega, estando a *tholos* da Farisoa e a anta 1 do Passo em segundo lugar, pois a *tholos*, apesar de já muito remexida, forneceu fragmentos de 13 taças e a anta do Passo restos de 11. O relatório do espólio da anta do Olival da Pega e o quadro completo das formas que a taça apresenta naquela anta (Est. XXVI), dispensam-nos de entrar em mais pormenores acerca da sua tipologia.

Nas antas do Alentejo central, a taça é muito menos frequente. Salienta-se, por exemplo, a sua raridade na região de Pavia, onde, das escavações de Virgílio Correia, em mais de 20 antas de corredor, apenas resultaram 12 taças, sendo o número dos vasos esféricos e dos vasos de perfil carenado três vezes maior. Esta escassez, comprovada também nos dólmenes da Beira, corresponde à falta da taça nas fases correspondentes da cultura de Almeria e do neolítico do oeste da Europa <sup>(172)</sup>.

A taça é mais frequente na anta grande da Comenda da Igreja e na anta da Velada, as únicas da região de Montemor-o-Novo, até hoje bem conhecidas. Aparece aí juntamente com outras formas típicas do eneolítico

<sup>(171)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 1161, L. 13.

<sup>(172)</sup> *Bibliografia*, vide pág. 103.

de Reguengos, tais como o vaso esférico de colo estrangulado, o vaso minúsculo, o prato de rebordo espesso e o vaso de fundo plano. Nas antas alentejanas das regiões limítrofes da Espanha, a taça é um pouco mais frequente, sendo a sua percentagem, em relação aos vasos esféricos e carenados, de 25 %.

Portanto, na cultura megalítica, a divulgação da taça liga-se de um lado à cultura do vaso campaniforme, do outro à de Los Millares. A sua posição cultural e cronológica no sudeste da Península está bem definida e dela tratámos já em uma publicação anterior<sup>(173)</sup>, cujas teorias são agora confirmadas pelos dados recolhidos no concelho de Reguengos. Já dissemos que a taça não pertence à cultura de Almeria<sup>(174)</sup>, pois sobretudo a pequena taça em forma de calote de esfera é típica da primeira fase de Los Millares.

Nas sepulturas do litoral português é frequente a taça, não só decorada, mas também lisa. A taça (Est. XX, 1), que apresenta o perfil característico de algumas taças campaniformes<sup>(175)</sup>, é prova das relações desta fase das antas de Reguengos com a cultura do vaso campaniforme, relações essas também confirmadas por taças em antas de neolítico avançado (Est. V, 4, Est. VII, 25). O vaso de perfil campaniforme na anta 1 das Vidigueiras aprova esta hipótese. No decurso da evolução cultural, influências vindas do sul podiam ter contribuído para aumentar a predilecção pela taça, o que é de supor, dada a sua frequência na *tholos* da Farisoa.

A taça de boca larga, representada por muitos exemplares na anta do Olival da Pega, perdura, no sudeste da Península, até à época de El Argar. A sua abundância, nesta anta, poderia corresponder a uma série de inumações que se prolongaram até esta segunda fase do bronze inicial, hipótese confirmada por outros vasos, cuja forma tem afinidades com a cerâmica argárica.

---

<sup>(173)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 501.

<sup>(174)</sup> Santa-Olalla atribui a taça à cultura «íbero-sahariana», definição, porém, não exacta para a cultura megalítica ocidental, visto não aparecer a taça no conjunto cultural definido pelo machado de secção rectangular. *Obras maestras*, pág. 80, fig. 8. San Valero inclui já a pequena taça no quadro dos tipos da cultura hispano-mauritana, teoria também não confirmada nas antas de Reguengos. *La Península*, pág. 20, fig. 5.

<sup>(175)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 7, sep. 2, n.º 20.

## GRUPO 5

*Vasos esféricos de colo estrangulado e bordo saliente*

A este grupo pertencem, em primeiro lugar, os vasos, cujo perfil se assemelha ao do vaso campaniforme. Embora este tipo seja raro e apenas documentado por alguns fragmentos de bordos, contudo distinguem-se, nele; duas variantes. A primeira delas, de perfil suave, de corpo bastante alto e de colo pouco estrangulado, lembra vasos que aparecem no segundo período da cultura de Almeria, onde marcam a época da primeira fase da cultura do vaso campaniforme <sup>(176)</sup>. Incluem-se, nesta primeira variante, por exemplo o vaso (Est. XV, 21) da anta 1 da Farisoa e alguns cacos provenientes da anta 1 do Cebolinho (Est. XXXIII, 35), da anta 2 da Comenda (Est. XI, 55) e da anta 1 dos Gorginos (Est. XXXII, 19). A atribuição à época do vaso campaniforme é confirmada por outras afinidades com a primeira fase desta cultura nos espólios de três das antas citadas. Este tipo encontrava-se esporadicamente em outras antas do Alentejo central, por exemplo na anta grande da Comenda da Igreja e na anta grande dos Antões, Pavia. Já na fronteira espanhola se nota o seu aparecimento na necrópole de Eras de la Garrote, ao lado de placas antropomorfas, facto que afirma as suas relações com o litoral ocidental.

A segunda variante tem o bordo alto e mais saliente, sendo, por isso, a estrangulação do colo mais acentuada. O corpo é mais achatado, com tendência para o perfil carenado. Este tipo encontra-se na anta 1 das Vidigueiras e na anta 1 de Vale Carneiro (Est. VII, 30, Est. XII, Sep. II, 2), ambas do grupo das antas de sobrevivência neolítica. Para esta segunda variante há formas comparáveis tanto na cultura das grutas artificiais portuguesas, como na Andaluzia <sup>(177)</sup>, mas não conhecemos analogias na cultura megalítica alentejana.

---

<sup>(176)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 499, Est. 4, sep. 2, n.º 20; Est. 1161, fila 11.

<sup>(177)</sup> Por exemplo na gruta de S. Pedro do Estoril, Museu Cascais, e em Carmona. Vide Santa-Olalla, *Obras maestras*, pág. 68, fig. 2, n.º 7 e pág. 78, fig. 7, n.ºs 4 e 5.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Destas diferenças de forma, que correspondem aos dois grupos do vaso campaniforme, recentemente estabelecidos por H. Savory <sup>(178)</sup>, dificilmente se podem tirar conclusões com respeito à cronologia das próprias antas. Sobre-tudo a segunda variante não pode ser definida por quaisquer outros objectos do círculo do vaso campaniforme, sendo também incerta a data da sua introdução na anta. Aliando, porém, a semelhança da taça da anta 1 do Passo (Est. XX, 1) à de uma taça encontrada no sudeste num espólio de fácies avançada <sup>(179)</sup> e considerando ainda o facto de se ter encontrado, na anta das Vidigueiras, uma pequena taça de forma já atribuída à época de Los Millares, parece racional ligar a segunda variante, de perfil mais duro, com o sul da Península.

Mais frequente do que o vaso de perfil campaniforme é o vaso, cujo colo estreita consideravelmente por baixo do rebordo e cujo corpo é largo e, em geral, um pouco achatado (Est. XXVII, 4, Est. XXXII, 17). O vaso da estampa XXVII, 7, de perfil mais pronunciado, pertence ainda a este grupo. Estes vasos estabelecem a ligação com a cultura eneolítica do sul da Península. Encontram-se nas sepulturas do Algarve e, em abundância, na necrópole de Los Millares e em sepulturas megalíticas do sudeste, influenciadas por aquela cultura <sup>(180)</sup>. No Alentejo, vasos idênticos saíram, em maior número, da anta grande da Comenda da Igreja e da anta da Velada, duas antas que forneceram outras analogias com a fase avançada do eneolítico de Reguengos.

Entre os tipos intermediários das variantes acima citadas incluem-se ainda alguns vasos mais achatados (Est. XXVII, 5 e 6). A anta 1 da Comenda continha dois vasos de perfil levemente curvado, mas ainda com afinidades com a cerâmica oeste-europeia (Est. XIII, 30 e 38), sendo a forma de alguns vasos de decoração incisa também de ascendência campaniforme (Est. XXX, 2, 7, 11 e 14).

---

<sup>(178)</sup> H. N. Savory, *A influência do povo «Beaker» no primeiro período da idade do bronze na Europa Ocidental*. *Revista de Guimarães*. Vol. LX, n.ºs 3-4, 1950, pág. 350.

<sup>(179)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 7, sep. 11, n.º 20; Sep. 2, n.ºs 14 e 20.

<sup>(180)</sup> *Meg. Gr.*, pág. 500, Ests. 114, 22, 25, 27 e 29.

*Vasos de fundo esférico e parede duplamente curvada*

Na anta do Olival da Pega encontraram-se alguns vasos, que apresentam, no meio do corpo, uma ligeira estrangulação, alargando-se o bojo outra vez por baixo do rebordo. Como estes vasos são, na maioria, de trabalho grosseiro, torna-se às vezes duvidoso se esta concavidade no meio da parede teria sido feita de propósito (Est. XXVII, 9 e 12). Há, no entanto, vasos de forma igual mais bem acabados (Est. XXVII, 10 e 11). Além disso, o tipo está bem definido, tanto no sul da Península, onde aparece em Los Millares <sup>(181)</sup>, como no norte da África <sup>(182)</sup> e, já com perfil carenado, na *tholos* de Belmonte <sup>(183)</sup>. A anta da Comenda da Igreja deu um vaso com uma tendência análoga ligeiramente acentuada <sup>(184)</sup>.

GRUPO 6

Este grupo abrange as formas antigamente denominadas «carenadas», nas quais a curvatura entre a parte superior do corpo do vaso e o seu fundo é acentuada, formando aresta e que podem ser derivadas, em parte, de formas do grupo anterior, ao qual seguem na estampa XXVII (N.ºs 13-16, 25, 27-31, 34, 36 e 37).

*Vasos bicónicos de fundo esférico*

Embora em muitos vasos sejam evidentes as tendências para formas bicónicas, o típico vaso bicónico é raro. Só na anta do Olival da Pega há exemplares de ambas as variantes: da forma mais alta (Est. XXVII, 13 e 15) e da forma achatada (Est. XXVII, 14-16). Uma forma igualmente rara é o grande vaso de corpo cónico e fundo esférico (Est. XXVII, 25) o qual, além de na anta do Olival da Pega, aparece na anta 2 da Comenda (Est. XI, 54).

<sup>(181)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Ests. 113 e 14.

<sup>(182)</sup> Santa-Olalla, *El Sahara Español*, Est. OLVI.

<sup>(183)</sup> Castillo, *El Neo-eneolítico*, pág. 593, fig. 489.

<sup>(184)</sup> Mus. Etn. N.º 7.365.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

O exemplar mais típico do vaso bicónico achatado é o número 16 da anta do Olival da Pega, que, além da forma rara, é de fabrico desusado (vide pág. 69). Também o número 14, da mesma anta, de cor vermelha e polimento preto por dentro, reúne alguns elementos alheios à indústria habitual das antas.

Analogias alentejanas com o vaso bicónico achatado encontram-se algumas vezes na região fronteiriça <sup>(185)</sup> e, no Alentejo central, na anta grande da Ordem <sup>(186)</sup>. O facto mais importante, porém, é a frequência deste tipo no *tumulus* de Jeromigo (Est. XXXIX, 19 e 20), confirmando a impressão da ligação destas inumações com as culturas do sul da Península. Oriundo já da segunda fase da cultura de Almeria, com perfil mais arredondado, o vaso achatado bicónico tem formas mais afins das nossas antas na época das grandes *tholoi* do litoral oriental da Almeria, nas quais vem também associado ao vaso carenado de parede côncava <sup>(187)</sup>.

O vaso bicónico mais alto, com a parte superior do corpo menos reentrante, também documentado no *tumulus* de Jeromigo (Est. XXXIX, 26) encontra-se no litoral português em Palmela. No sul da Península é uma forma típica de Los Millares, onde, várias vezes, tem ornamentação simbólica <sup>(188)</sup>. O vaso (Est. XXVII, 13), da anta do Olival da Pega, deve também incluir-se nestas analogias. São ainda notáveis uns vasos finíssimos (Est. XXVII, 34 e 36), este último preto e de polimento lustroso.

### *Vasos de suspensão*

À série dos vasos bicónicos juntamos, como forma mais exagerada das tendências deste tipo, o vaso com a parte superior do corpo tão reentrante, que forma um rebordo horizontal (Est. XII, 17). Há vasos bicónicos do sudeste que ostentam formas semelhantes <sup>(189)</sup> e que já anteriormente com-

---

<sup>(185)</sup> Alandroal, de antas da herdade dos Galvões, Mus. Etn. N.º 7.776; dólmen de S. Romão, Vila Fernando, Mus. Geol. N.º 61.

<sup>(186)</sup> Mus. Etn. N.ºs 12.954 e 12.960, o último de forma mais alta.

<sup>(187)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 37, sep. II, n.º 27. San Valero, *La Península*, atribui este tipo à cultura hispano-mauritana. Pág. 20, fig. 5, n.º 11.

<sup>(188)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Ests. 10, 12, 14, 16 e 28.

<sup>(189)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 29, sep. I, n.ºs 23 e 24.

parámos com os vasos portugueses <sup>(190)</sup>. Este tipo tem, em Portugal, quatro ou cinco perfurações verticais no ângulo que o bordo forma com o corpo, ou perfurações horizontais no próprio rebordo. O número de vasos de suspensão ainda é escasso; a maior parte deles encontrou-se em grutas naturais e artificiais do litoral ocidental, por vezes juntamente com cerâmica campaniforme <sup>(191)</sup>, com cujas taças de rebordo horizontal alargado tem certas afinidades. Aparece, no entanto, em vários espólios sem cerâmica campaniforme <sup>(192)</sup>. O vaso da Comenda é o primeiro achado deste tipo em antas. Um fragmento de rebordo com uma perfuração vertical e vestígios de ter havido outra horizontal do lado (Est. XVI, 33), da *tholos* da Farisoa, lembra os vasos de suspensão.

Tal como o vaso bicónico achatado, o vaso de suspensão encontrou-se várias vezes no mesmo espólio juntamente com a cabeça de alfinete de sulcos horizontais, o que é outra prova de como não pertence à cultura de Los Millares. É um produto típico da cultura portuguesa.

#### *Vasos de parede côncava, fundo esférico ou esférico-achatado*

Vasos desta forma encontraram-se em todos os espólios bem providos do concelho (Est. XXVII, 28-31 e 37, Est. XIII, 28, Est. XXXII, 21 e 26, Est. XVII, 26, 27 e 29, Est. XXXIII, 47).

O vaso de perfil carenado apresenta-se sob várias formas; desde o tipo com a parte superior do corpo baixo, pouco côncava e fundo esférico, o qual já aparece em espólios do neolítico evolucionado (Est. VII, 31, Est. V,

---

<sup>(190)</sup> *Meg. Gr.*, pág. 442.

<sup>(191)</sup> Gruta de Carenque, M. Heleno, *Carenque*; Gruta de Eira Pedrinha, António Mendes Correia e Carlos Teixeira, *A jazida pre-histórica de Eira Pedrinha*. Condeixa, Lisboa, 1949. Est. VI. Esta jazida deu dois vasos completos e fragmentos de mais três vasos deste género.

<sup>(192)</sup> Folha das Barradas, Mus. Geol. N.º 320, Reproduzido sob a proveniência «Pal-mela» em Carlos Ribeiro, *Not. de alg. est. e mon. prehist.* Fig. 95, pág. 83, 1880; assim como em E. Cartailhac, *Les Âges*, e em N. Aoberg, *La civilisation*; Torre dos Frades, Cacula, Vila Real, Estácio da Veiga, *Antiguidades*. Vol. I, fig. 1, pág. 284; Aljezur, idem. Vol. I, pág. 200, Port. F. Fig. 1.

Sep. II, 6), até às formas de corpo alto e fundo quase plano (Est. XX, 14) que saíram da anta do Passo e da anta do Cominho e que lembram já tipos argáricos. Do primeiro destes tipos há alguns exemplares de trabalho fino, em geral pertencentes à cerâmica preta (Est. XXVII, 27 e 38, Est. XXXIII, 42).

Vasos baixos e largos de forma semelhante encontraram-se na *tholos* da Farisoa, na anta do Cebolinho e na anta 1 da Quinta (Est. XVII, 22, Est. XXXIII, 43, Est. XII, Sep. III, N.º 3) <sup>(193)</sup>.

A percentagem de todos os tipos deste grupo é muito inferior à de outras regiões megalíticas do Alentejo. Nos arredores de Pavia, por exemplo, quase metade de todos os vasos lá encontrados em antas de corredor são de perfil carenado, sendo a maior parte deles pequenos. Na região fronteiriça o seu número, embora inferior, ainda é bastante grande. Da anta da Comenda da Igreja saíu uma dúzia destes vasos. Nas sepulturas do litoral o vaso carenado é menos frequente do que no Alentejo, aparecendo, em algumas antas <sup>(194)</sup>, mas apenas em poucas grutas artificiais <sup>(195)</sup>.

No sul da Península o vaso carenado de perfil mais suave já aparece em povoações e sepulturas mais primitivas <sup>(196)</sup>, o que corresponde à sua posição cronológica em Reguengos e nas culturas do oeste da Europa. As analogias mais óbvias dos vasos portugueses de formas evolucionadas com os das culturas do sudeste encontram-se nas *tholoi* do litoral oriental de Almeria. Em Los Millares o vaso de parede côncava e fundo quase plano aparece na sepultura 40, cuja forma arquitectónica e cujo espólio são aparentados com a cultura almeriense. Assim como em Portugal, vários dos vasos carenados de Almeria são decorados com dois mamilos simbólicos, prova de uma ligação cultural e cronológica.

Devido à variedade das suas formas e ao seu aparecimento em diferentes fases culturais, poderá atribuir-se ao vaso deste grupo uma evolução autónoma dentro da cultura megalítica e da cultura de Almeria, teoria que ainda não pode basear-se em uma estratigrafia certa.

---

<sup>(193)</sup> Para a forma do vaso da anta da Quinta, cf.: Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 162-A, 18 n.º 13, de um silo de Campo Real.

<sup>(194)</sup> Mt. Abraão, Anta da Estria, Mus. Geol. N.º 223 e sem número.

<sup>(195)</sup> Folha das Barradas, Mus. Geol. N.º 315 e 49-6.

<sup>(196)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 438, est. 161, fila 6.



## GRUPO 7

*Vasos de corpo cilíndrico*

Ao lado dos vasos de corpo cónico e semelhantes em parte a estes, em parte aos vasos esféricos, figuram os vasos de parede vertical ou ligeiramente abaulada, com o fundo, em geral, plano. Encontraram-se na anta do Olival da Pega (Est. XXVII, 21-23 e 39). Além destes vasos de tamanho médio, há, em maior número, fragmentos de rebordo de grandes potes, que indicam uma parede vertical, mas cuja forma total não se pode definir (Est. XX, 12). São, em geral, bem trabalhados e, muitas vezes, de polimento perfeito. Às vezes, estes fragmentos apresentam grandes mamilos (Est. XII, 21 e 22).

## GRUPO 8

*Vasos de fundo esférico-achatado e plano*

Já no grupo dos vasos de perfil carenado havia algumas peças que poderiam ser incluídas neste grupo. O tipo de taça baixa de fundo completamente ou quase plano, por vezes, com a parede ligeiramente côncava, aparece bem definido na *tholos* da Farisoa e no *tumulus* de Jeromigo (Est. XVII, 27 e 28, Est. XXXIX, 17). Nas antas esta forma é rara (Est. XXXIII, 43), pois nelas prevalece o tipo de perfil mais suave, de corpo cilíndrico ou de cone invertido, que já aparece na anta 1 das Vidigueiras (Est. VII, 27), mas também em antas eneolíticas (Est. XX, 10 e 16, Est. XXXIII, 45). Ambas as formas se encontraram na anta do Ferragial da Fonte, em Pavia, mas, em geral, são raras na cultura megalítica do Alentejo e bem assim nas sepulturas do litoral ocidental. Há também uma variante com o rebordo reentrante (Est. XXXII, 22).

O fundo esférico-achatado predomina no concelho de Reguengos e em todo o Alentejo sobre o fundo completamente plano, que é apenas documentado por poucos vasos, pertencentes a diferentes tipos (Est. XXVII, 28, 32, 33, 35 e 39). Entre estas variantes, o pequeno copo alto representa uma forma típica, que se encontra também na *tholos* da Farisoa (Est. XVII, 26).

O fundo espesso de um destes copos, da anta do Olival da Pega (Est. XXVII, 35), lembra recipientes de pedra das culturas meridionais. No Alentejo só se encontrou um copo semelhante na anta da Comenda da Igreja (<sup>197</sup>), enquanto a forma é relativamente frequente nas grutas naturais e artificiais da Estremadura (<sup>198</sup>), sendo também documentado em Vila Nova de S. Pedro (<sup>199</sup>) e no sudeste da Península, onde aparece em várias *tholoi* (<sup>200</sup>) e num dólmén da fase argárica (<sup>201</sup>). O pequeno copo do *tumulus* de Jeromigo (Est. XXXIX, 21) que é a metade de um vaso gémeo, tem também analogias com alguns vasos da cultura eneolítica do sudeste da Península, dos quais se encontrou um exemplar na sepultura de cúpula de Los Pocicos, numa casa de Los Millares e na Cueva de Los Blanquizares (<sup>202</sup>).

Entre os vasos de fundo plano são ainda notáveis o número 39 da estampa XXVII, da anta do Olival da Pega, de parede arredondada, semelhante ao vaso que foi a única peça do espólio da pequena câmara da anta 4 dos Gorginos (Est. XII, Sep. IV, 1) e a taça em forma de alguidar (Est. XXVII, 32), tipo documentado por mais alguns fragmentos e que aparece também na anta grande da Ordem (<sup>203</sup>).

As bases culturais da mudança da indústria cerâmica do fundo esférico para o fundo plano, podem ser melhor definidas pelos vasos encontrados no sudeste da Península do que pelos do concelho de Reguengos. O vaso de fundo plano pertence ali à cultura das sepulturas de cúpula, onde tem a sua maior divulgação nas grandes *tholoi* do litoral oriental de Almeria (<sup>204</sup>).

---

(<sup>197</sup>) Mus. Etn. N.º 7.380. A anta 2 de Brissos, Pavia, deu um vaso maior, de fundo espesso, Mus. Etn. N.º 12.528.

(<sup>198</sup>) Gruta 2 da Alapraia, Jalhay e Paço, *Alapraia*, II; S. Pedro do Estoril, Mus. Cascais, Santa-Olalla, *Obras maestras*, pág. 80, fig. 8, n.ºs 1 e 4; Cova da Moura, Mus. Torres Vedras.

(<sup>199</sup>) *Vila Nova de S. Pedro, Brotéria*, XXXIV, fasc. 6, figs. 25/14.

(<sup>200</sup>) Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 10, sep. 1, n.º 150; Est. 27, sep. 1, n.º 24; Est. 29, sep. 1, n.º 18; Est. 31, sep. 11, n.ºs 24 e 28.

(<sup>201</sup>) *Meg. Gr.*, Est. 49, sep. 26, n.º 2.

(<sup>202</sup>) *Meg. Gr.*, Est. 30, sep. 2, n.º 15; Est. 154, 5; Castillo, *El Neo-eneolítico*, pág. 562, fig. 462.

(<sup>203</sup>) Mus. Etn. Sem número.

(<sup>204</sup>) Leisner, *Meg. Gr.*, ests. 25-27.

Consequentemente é para admitir que tivesse chegado a Reguengos com os construtores das *tholoi*, nas quais, como já mencionámos, está bem definido. A escassez dos pequenos copos de fundo plano na primeira fase de Los Millares poderia ser atribuída ao facto de eles serem apenas imitações que vieram substituir os recipientes de material mais precioso. A decoração incisa em alguns destes pequenos copos faz supor que não tivessem servido para uso doméstico <sup>(205)</sup>.

### Pratos

O prato completamente plano de bordo baixo que se encontrou na anta 3 dos Gorginos, num espólio essencialmente neolítico (Est. IX, 5), pode ser considerado como o tipo mais antigo. O fragmento de um prato de bordo idêntico saiu da anta 5 das Areias (Est. XXXVIII, 4) e alguns cacos, quase sem curvatura, que poderiam também ser de um prato, apareceram no entulho da parte destruída da anta 1 do Poço da Gateira. A ligeira curvatura de alguns destes fragmentos não contradiz tal suposição, notando-se às vezes nos pratos deste tipo uma pequena convexidade no centro <sup>(206)</sup>. Anàlogamente às culturas neolíticas da Europa ocidental e do Danúbio, estes pratos poderiam ter servido para a cozedura do pão <sup>(207)</sup>.

Em todas as antas eneolíticas do concelho são frequentes os pratos. O tipo de bordo ligeiramente levantado poderia, embora nas antas eneolíticas, provir do povo neolítico (Est. XXIX, 16, Est. XXXVIII, Sep. I, 1). Na Andaluzia, o tipo aparece em algumas sepulturas megalíticas <sup>(208)</sup>. Outros pratos têm bordos mais espessos (Est. XXIX, 14, 19 e 22, Est. XVII, 24, Est. XXXIII, 44) e maior número deles mostram bordos de perfil típico dos pratos provenientes de sepulturas do bronze inicial do Algarve e da

---

<sup>(205)</sup> Palmela, Mus. Geol., sem número; Las Viñas, *Meg. Gr.*, Est. 157, 7, ambos estes vasos com decoração simbólica; Cueva de la Mora, *Meg. Gr.*, Est. 155, 4.

<sup>(206)</sup> Cf. um prato de um silo neolítico de Campo Real, Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 162, A. 18, n.º 1.

<sup>(207)</sup> Childe, *L'Aube*, pág. 318, Michelsberg; pág. 330, Font Harrouard; Buttler, *Handbuch*.

<sup>(208)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Ests. 162, C 18, 5 e 6.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Andaluzia. Este último tipo pertence já à época da metalurgia do cobre <sup>(209)</sup>. Fragmentos de um prato deste tipo, encontrado no entulho da anta destruída do Monte Novo, mostram vestígios de terem sido pintados, tal como um prato da sepultura III de Alcalá <sup>(210)</sup>.

Enquanto pratos do tipo neolítico e de bordo semelhante aos da cerâmica campaniforme aparecem com maior frequência em antas <sup>(211)</sup>, o prato da idade do cobre é raro na cultura megalítica. Não se encontrou nas antas de Pavia, aparecendo apenas uns exemplares na região de Monforte <sup>(212)</sup> e mais cinco fragmentos destes pratos na anta da Comenda da Igreja.

### GRUPO 9

#### *Colheres*

Duas colheres com cabo curto saíram da anta do Olival da Pega; uma delas (Est. XXIX, 8) é de feição grosseiro e de cabo quase vertical. Deste tipo há várias colheres provenientes de Vila Nova de S. Pedro <sup>(213)</sup>. Outro tipo, com o cabo partindo horizontalmente do bordo, aparece em algumas antas alentejanas <sup>(214)</sup>. Num terceiro tipo (Est. XXIX, 9), o cabo sai da parte inferior do bordo; esta colher está bem trabalhada e polida. Na anta 1 do Passo e na anta 1 dos Gorginos (Est. XX, 18, Est. XXXII, 25) encontraram-se fragmentos de colheres do mesmo tipo.

A colher de cabo curto é típica do neolítico ibérico e do oeste da Europa,

---

<sup>(209)</sup> *Meg. Gr.*, pág. 517, Ests. 162, D 118, 7-12.

<sup>(210)</sup> *Idem*, Est. 79, N.º 78.

<sup>(211)</sup> *Idem*, pág. 516.

<sup>(212)</sup> Museu Figueira da Foz.

<sup>(213)</sup> *Col. Cabaço*, Alenquer.

<sup>(214)</sup> Anta da Marquesa, Marvão; Anta dos Galvões, Alandroal; Anta da Casa Branca, Pavia. Mus. Etn. N.ºs 81177, 7.785 e 42.659.

figurando entre os objectos que os ligam às culturas neolíticas mais antigas do vale do Nilo <sup>(215)</sup>.

### *Tampas*

A estampa XXIX, N.º 12 mostra um fragmento de trabalho finíssimo que fazia parte de uma tampa de vaso. No lado inferior tem uma saliência em forma de anel para o ajustamento da tampa ao vaso. Dada a inclinação desta saliência para dentro, vê-se que o bordo do vaso deve ter sido saliente. A qualidade do barro desta peça (cf. pág. 71) estabelece uma relação com a cerâmica de ornamentação simbólica. Restos de tampas semelhantes, uma delas de forma rectangular, encontraram-se na anta da Comenda da Igreja <sup>(216)</sup>. No Museu Arqueológico de Barcelona vimos uma tampa igual, proveniente da Cueva Fonda <sup>(217)</sup> e tampas da mesma forma encontraram-se também em escavações nas ilhas Canárias <sup>(218)</sup>.

### *Suportes de vaso*

Na anta 1 da Comenda encontrou-se o fragmento de um objecto em forma de anel, espesso do lado exterior e diminuindo suavemente de espessura para o lado interior. Trata-se provavelmente de um suporte para um vaso de fundo esférico (Est. XIII, 31).

---

<sup>(215)</sup> A colher aparece na anta do Rio Torto, Beira Alta, num espólio essencialmente neolítico, Mus. Etn. N.º 9.288, e nos silos de Campo Real, na Andaluzia, Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 162, A 13-2. Vide também: San Valero, *La Península*, pág. 31; Déchelette, *Manuel*, I, pág. 555, fig. 202, 1-5; Philippe, *Fort Harrouard*, Est. XXVI, 1, 3, 6, 13; Menghin, *El Origen. Ampurias*, IV, 1942.

<sup>(216)</sup> Mus. Etn., N.º 7.387, e um fragmento sem número.

<sup>(217)</sup> Mus. Arqu., N.º 43.642. Luís Mariano Vidal, *Cerâmica de Ciempozuelos en una cueva prehistórica del N. E. de España. Congreso de Valladolid*. Barcelona, 1916.

<sup>(218)</sup> S. J. Sanchez, *Excavaciones Arqueológicas en Gran Canaria. Informes y Memorias*. ... N.º 11, Est. LVIII.

Embora, para o uso do vaso de fundo esférico, tenham sido necessários tais suportes, raras vezes se encontraram no neolítico e no eneolítico português e nem conhecemos outro exemplar na cultura alentejana. Na anta do Carvalhal, em Trás-os-Montes, o padre Rodriguez encontrou um vaso ainda *in situ* sobre um bloco de granito, com uma cavidade no centro para o seu ajustamento <sup>(219)</sup>. Devido ao desgaste do bordo, é duvidoso considerar como suporte um outro fragmento em forma de anel achatado (Est. XXIX, 12). Poderia ser também o bordo horizontal de um vaso ou uma espécie de tampa <sup>(220)</sup>. Estes suportes em forma de anel fazem também parte da cerâmica de Merimde-Benisalâme <sup>(221)</sup>.

#### GRUPO 10

##### *Asas e mamilos para suspensão*

Há poucos restos de asas, e a sua forma, assim como a sua ligação ao vaso, em nenhum caso está bem definida. Um fragmento da anta do Olival da Pega (Est. XXIX, 10) parece indicar, pela curvatura da parede e do bordo, que a asa se elevava verticalmente do bordo. A *tholos* da Farisoa e a anta 1 dos Gorjinos deram também fragmentos de asas.

São mais frequentes as protuberâncias acentuadamente salientes que, sem dúvida, serviram para fins práticos. Estas saliências que podem servir de asas, estão, em geral, imediatamente por baixo do bordo. Não se encontraram na anta 1 do Poço da Gateira, mas havia uma grande protuberância ovalada na anta 2 das Vidigueiras, de forma e tamanho já documentados na cerâmica das grutas espanholas <sup>(222)</sup>. Maior número de fragmentos com tais protuberâncias, pertencentes a vasos de diferentes tamanhos, sobretudo a potes grandes, apareceram na anta 1 das Vidigueiras, na anta do Olival da Pega

---

<sup>(219)</sup> Col. Rodriguez, Telões, Trás-os-Montes.

<sup>(220)</sup> Há uma peça semelhante proveniente de um dólmen da Beira Alta no Museu Etn.

<sup>(221)</sup> Menghin, *Neolithische Ansiedlung*, pág. 179.

<sup>(222)</sup> San Valero, *La Peninsula*, pág. 21, fig. 6 (quinta fila à direita).

e em ambas as *tholoi*, sendo algumas delas de forma oval e, neste caso, colocadas paralelamente ao bordo do vaso.

A maior parte destas saliências não são perfuradas. Apenas dois cacos de um mesmo vaso da anta 1 da Comenda (Est. XIII, 30) têm essas protuberâncias perfuradas verticalmente. Este vaso, de corpo esférico e de perfil levemente estrangulado no colo, munido de maior número destas asinhas (provavelmente 4) representa um tipo bem definido na cultura megalítica alentejana (<sup>223</sup>), na cultura de Almeria e em todas as estações neolíticas do oeste da Europa (<sup>224</sup>). Um fragmento de rebordo reentrante da *tholos* da Farisoa (Est. XVI, 33), tem também uma saliência de perfuração vertical, com vestígios de outra horizontal.

Todas estas saliências, bem como as asinhas perfuradas, podem relacionar-se com os povos neolíticos. São frequentes na cerâmica das grutas portuguesas e espanholas (<sup>225</sup>), em toda a cerâmica neolítica do oeste da Europa e ainda na cultura de Almeria. Da sua posição cultural e cronológica na cultura megalítica trataremos no resumo da cerâmica alentejana.

#### GRUPO 11

##### *Mamilos decorativos e simbólicos*

Às vezes os mamilos sobressaem tão pouco da parede do vaso, que não podem ter servido para fins práticos. Num fragmento da parede de um vaso da anta do Olival da Pega, por exemplo, há um mamilo muito chato, possivelmente o resto de uma representação simbólica (Est. XXIX, 15). Em outros casos o fim decorativo é mais óbvio, seguindo-se uma fila de pequenos

(<sup>223</sup>) Cf. Anta grande de Brissos, Pavia, Mus. Etn. N.º 12.464.

(<sup>224</sup>) Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 4, sep. 1, n.º 43; Est. 5, sep. 3, n.º 13; Est. 6, sep. 3, n.º 55; Est. 7, sep. 3, n.º 1; Est. 161, fila 8; Est. 162, A 8, n.º 1. Heléna, *Les origines*, pág. 74, fig. 37, e pág. 102; Schuchhardt, *Westeuropa*, pág. 739, fig. 6-2, do Camp de Chassey; Hawkes, *Antiquity*, VIII, fig. 3 B, do Camp de Chassey, fig. 1 C, D, do neolítico de Neuchâtel; Philippe, *Fort Harrouard*, págs. 127-129.

(<sup>225</sup>) A. do Paço, *Almonda*, Ests. VI, IX e X.

mamilos, em geral, por baixo do bordo. Esta decoração, bem documentada na anta do Olival da Pega (Est. XXIX, 1, 3 e 6), insere-se no mesmo círculo cultural, cuja expansão delineámos ao tratar dos mamilos de uso prático. Há abundante documentação dela em sepulturas, grutas e estações da própria Península Ibérica <sup>(226)</sup>, assim como nas estações do oeste da Europa acima citadas <sup>(227)</sup>. Nas antas portuguesas raramente foi encontrada esta decoração, podendo-se apenas citar, até hoje, um fragmento da anta da Comenda da Igreja <sup>(228)</sup> e alguns das antas da Beira <sup>(229)</sup>. A sua posição cronológica e a sua atribuição às culturas neolíticas é confirmada por se ter encontrado cerâmica deste tipo em estratos mais baixos do que a cerâmica campaniforme <sup>(230)</sup>.

Como já explicámos em trabalhos anteriores <sup>(231)</sup>, inclinamo-nos a atribuir um sentido religioso à decoração de dois mamilos juntos, quer por baixo do bordo, quer na parte superior do corpo do vaso; decoração que é muito frequente na cultura megalítica alentejana. É o mesmo símbolo que aparece nas placas de xisto, assim como na cerâmica e nos ídolos do sul da Península, designado por «olhos» e apresentado aqui em relevo, adaptando-se, portanto, a uma técnica cerâmica já existente. O facto de tais representações aparecerem nas paredes dos vasos, não só em forma de mamilos redondos, mas também alongados e colocados verticalmente, alguns mesmo côncavos, leva a supor que a ideia original não tivesse sido uma representação

---

<sup>(226)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 19, sep. 2, n.º 1; Est. 23, sep. 10, n.º 3 (Los Millares); *Vila Nova de S. Pedro*, Madrid, pág. 55, Est. 25, 8; Estação de Carenque, Mus. Etn.; para as grutas espanholas, vide: Salvador Vilaseca, *Más hallazgos prehistóricos en Arbolí (Prov. de Tarragona)*, Ampurias, III, 1941, págs. 45 e segs.; Maluquer de Motes, *La estratigrafía arqueológica de la Cueva de Toralla (Lerida)*, Ampurias, VI, pág. 43.

<sup>(227)</sup> Philippe, *Fort Harrouard*, Est. XXV, 11; Vouga, *Le néolithique*, Est. XIV, 6; Déchelette, *Manuel*, pág. 555, fig. 202/15. 20 (Camp de Chassey); Schuchhardt, *Westeuropa*, pág. 740, fig. 7 (Pornic, Nantes); J. Hawkes, *Antiquity*, VIII, fig. 5 B (Necropole Canteperrix, Garde).

<sup>(228)</sup> Mus. Etn. N.º 7.384.

<sup>(229)</sup> Anta da Sobreda, Mus. Figueira da Foz; Orca do Tanque, Mus. Etn. N.º 9.432; Orca das Antas, Mus. Etn. N.º 9.484.

<sup>(230)</sup> Maluquer de Motes, op. cit. Ampurias VI.

<sup>(231)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 490.



antropomorfa, problema do qual trataremos no capítulo sobre a significação religiosa de símbolos idênticos sobre as placas de xisto (pág. 130).

As antas de Reguengos deram alguns novos exemplares da cerâmica simbólica, que devem adicionar-se à lista de tais vasos já apresentada em uma publicação anterior <sup>(232)</sup>. Salienta-se em primeiro lugar o pequeno vaso esférico da anta 1 da Farisoa (Est. XV, 20) e um da *tholos* da Farisoa (Est. XVI, 27), sendo, neste último, o símbolo representado por duas pequenas cavidades, feitas depois da cozedura e que, por isso, poderiam ter sido feitos num período mais recente. Nesta *tholos* havia mais um fragmento, que poderá pertencer a este grupo (Est. XVI, 28). Junta-se-lhe ainda o grande vaso esférico do *tumulus* de Jeromigo (Est. XXXIX, 18), onde se encontrou mais um fragmento semelhante. Na cultura coeva do sudeste da Península encontraram-se também vasos com decoração idêntica <sup>(233)</sup>.

#### GRUPO 12

##### *Cerâmica com decoração incisa*

Este tipo de cerâmica está quase exclusivamente documentado na anta do Olival da Pega, onde se encontrou em número relativamente grande e variedades raras, até únicas em antas.

A cerâmica incisa de Reguengos pode ser classificada em dois grupos: o primeiro abrange a cerâmica semelhante, nos motivos e na técnica da decoração, à das grutas neolíticas. O segundo grupo, a que chamaremos cerâmica simbólica, inclui diversas variantes, cuja decoração, porém, se baseia nos mesmos motivos e é executada segundo a mesma técnica.

Acentuamos que a cerâmica do tipo das grutas aparece, nas antas de Reguengos, apenas em espólios eneolíticos e, na anta do Olival da Pega, ao lado da cerâmica simbólica, o que está de harmonia com uns aspectos da cultura de Los Millares, na qual, em algumas sepulturas da sua primeira fase,

---

<sup>(232)</sup> Leisner, *Vale de Rodrigo*, pág. 26.

<sup>(233)</sup> Idem, *Meg. Gr.*, pág. 491.

ambos os tipos se encontram também juntos <sup>(231)</sup>. Por esse facto e pelo vácuo existente no Alentejo central com respeito à cerâmica decorada, talvez possa supor-se que os construtores das *tholoi* tivessem trazido ambas estas espécies de cerâmica decorada para o concelho de Reguengos.

#### *A cerâmica semelhante à das grutas*

As formas melhor definidas são as do vaso n.º 2 da estampa XXX, proveniente da anta do Olival da Pega, do vaso da anta do Cebolinho e do da anta 1 do Passo (Est. XXXIII, 47; Est. XIX, 58). O citado vaso n.º 2, de corpo esférico, colo estrangulado e rebordo saliente assemelha-se, também na disposição da decoração na parede, a um vaso da Cueva de la Sarsa <sup>(235)</sup>. Esta forma insere-se no grupo 5, cujas analogias no sul da Península já mencionámos. A forma do vaso da anta do Cebolinho, de perfil carenado, inclui-se na evolução autóctone da cerâmica megalítica, indicando, nesta evolução, um período já avançado. Na anta do Passo, a decoração é aplicada num dos pequenos vasos esféricos, tão frequente nas antas alentejanas, os quais, em mais alguns casos, têm decoração idêntica <sup>(236)</sup>.

A técnica da decoração, não só nos vasos já citados, mas em mais alguns cacos, consiste em impressões de unhas, vírgulas, pontos e traços curtos, formando estes últimos, no vaso da anta do Cebolinho, uma faixa de espinha (Est. XXX, 1, 4 e 5; Est. XIX, 59; Est. XXXIII, 47). Todos estes motivos se encontram na cerâmica das grutas da cultura hispano-mauritana <sup>(237)</sup>, assim como em vasos eneolíticos que conservam aquelas tradições <sup>(238)</sup>.

<sup>(234)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 506, Ests. 12, 13 e 29.

<sup>(235)</sup> San Valero, *La Península*, pág. 22, Fig. 7.

<sup>(236)</sup> Anta da Oliveira, Pavia; Anta grande da Ordem; Mus. Etn. N.ºs 12475 e 12967 c.

<sup>(237)</sup> Cueva de la Mujer, Castillo, *Neoneolítico*, pág. 507, Fig. 504; San Valero, *La Península*, Est. 6; A. do Paço, *Almonda*, Est. IX e X.

<sup>(238)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 22, Sep. 3, N.º 3; Est. 29, Sep. 1, N.º 17, 20 e 22; Sep. 2, N.º 9 e 11; Est. 53, N.º 57; Est. 67, Sep. 1, N.º 19; Est. 81, Sep. 2, N.º 13 e 14. San Valero, *La Península*, Est. 8; Vila Nova de S. Pedro, Madrid, Est. 21; *Broteria* XXXIV, Fasc. 6, pág. 20 e Fig. 24/7.

Há também, embora em menor escala, analogias com o norte da África <sup>(239)</sup>, faltando, porém, em Reguengos, por completo, a decoração cardial.

A disposição da decoração sobre a parede do vaso prova as mesmas relações. O vaso n.º 1 da anta do Olival da Pega, cujo fabrico e cuja técnica grosseira lembram fragmentos de cerâmica da sepultura 1 de Alcalá <sup>(240)</sup>, revela analogias com a cerâmica pintada de Los Millares <sup>(241)</sup>. A faixa horizontal em forma de espinha encontra-se em grutas ibéricas e norte-africanas <sup>(242)</sup> e ainda na decoração da cerâmica de grutas e sepulturas eneolíticas <sup>(243)</sup>. A faixa horizontal com os rectângulos ligados na parte inferior, semelhante à decoração da cerâmica de «metopes», aparece no vaso da Cueva de la Sarsa, de cuja forma análoga já falámos <sup>(244)</sup>. Há um fragmento da Orca dos Braçais, Beira Alta <sup>(245)</sup>, cuja decoração lembra esta disposição, que é também aparentada com a cerâmica de grutas portuguesas. Os grandes triângulos invertidos do vaso n.º 4 da anta do Olival da Pega, que ocupa um lugar intermediário entre os dois grupos da cerâmica decorada de Reguengos, encontram-se também num fragmento da Cueva de la Mujer <sup>(246)</sup>, entrando este tipo decorativo em grande escala em todas as espécies de cerâmica decorada do eneolítico <sup>(247)</sup>.

De uma maneira geral, o conjunto das analogias citadas e das formas dos vasos decorados, afins e até iguais aos de ornamentação simbólica, dá a impressão de que estamos já naquela fase da cerâmica das grutas correspondente à sua sobrevivência na época eneolítica.

---

<sup>(239)</sup> Henri Koehler, *La grotte d'Achakar au Cap Spartel*, Bordeaux, 1931 (Études de Préhistoire Marocaine); M. Almagro, *Prehist. del Norte de Africa*, pág. 112, Fig. 44, *Smeil e Leben*; Espinhas, pág. 123, Fig. 54: comparável na técnica ao N.º 1 da anta do Olival.

<sup>(240)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 77, N.ºs 47-52.

<sup>(241)</sup> Idem, Est. 8, Sep. 1, N.º 10; Est. 12, Sep. 1, N.º 69.

<sup>(242)</sup> Cf. a bibliografia da pág. 106, nota 238, e da pág. 107, nota 239.

<sup>(243)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 29, Sep. 1, N.º 16; Sep. 2, N.º 9.

<sup>(244)</sup> San Valero, *La Peninsula*, pág. 22, Fig. 7; Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 45, N.º 16-19.

<sup>(245)</sup> Mus. Etn.

<sup>(246)</sup> Museu Granada.

<sup>(247)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 29, Sep. 1, N.ºs 17 e 22.

### *A Cerâmica simbólica*

Esta cerâmica subdivide-se em dois grupos, o primeiro dos quais apresenta combinações meramente ornamentais, enquanto no segundo os mesmos motivos decorativos formam um conjunto de significação simbólica. Comum a ambos os grupos é a técnica das incisões em linhas, às vezes muito finas, e os triângulos e faixas preenchidas de pontos.

A ornamentação destes vasos apresenta analogias com várias culturas contemporâneas, das quais se salientam, na Península Ibérica, as dos vasos de Los Millares e das grandes *tholoi* da costa oriental de Almeria. O preenchimento das linhas com pasta branca liga a cerâmica simbólica tanto a vasos da cultura das grutas, como aos campaniformes.

As suas formas, como a estampa XXX demonstra, não são essencialmente diferentes das da cerâmica ornamentada no estilo das grutas. Semelhante ao vaso n.º 2 daquela estampa, a forma melhor documentada é o vaso esférico-achatado, de bordo saliente. Nos fragmentos do vaso n.º 7 é notável a canelura que separa o corpo do colo do vaso <sup>(248)</sup>.

Todos os vasos deste grupo são feitos de barro duro e fino, sem ou com poucas pedrinhas. O barro é preto, ora com uma camada bastante espessa, de cor castanho-ferruginosa só por fora (N.ºs 7, 11 e 12), ora de ambos os lados (N.º 14). Todos são polidos, embora alguns exemplares apenas conservem vestígios do polimento. Salienta-se, sobretudo, o polimento lustroso do preto interior, típico desta cerâmica, da qual apareceram na *tholos* da Fari-soa vários fragmentos de um vaso, um deles com uma linha incisa. Alguns vasos de ornamentação simbólica de Los Millares são do mesmo fabrico.

A decoração consta de linhas, finas no vaso n.º 14, um pouco mais grossas nos vasos n.ºs 7, 11 e 12, e em pontos profundamente impressos, sendo toda esta decoração preenchida com pasta branca. Pelo acabamento do fabrico e da forma e pela execução cuidada da ornamentação, o vaso n.º 14 supera todos os outros. É este o vaso que melhor atesta as relações com Los Millares. Além dos triângulos cheios de pontos, encontram-se nele a representação dos «olhos», a faixa com riscos verticais e o motivo geralmente

---

<sup>(248)</sup> Cf. o vaso campaniforme de Gandul. Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 67, Sep. 1, N.º 19.

classificado de «tatuagem» <sup>(249)</sup>, todos eles unidos num conjunto decorativo típico da cultura de Los Millares <sup>(250)</sup>.

Estes motivos, que já na cultura de Los Millares aparecem às vezes isolados, encontram-se no litoral português, sobretudo nos ídolos, ora em duplicação ornamental, enchendo quase por completo o seu corpo, como nas falanges das grutas de Carenque e da Bugalheira <sup>(251)</sup>, ora, como nos cilindros de pedra, em uma abreviação, cujo sentido só pode ser revelado pelo conhecimento dos protótipos. Estas representações, porém, são raras sobre vasos do litoral atlântico, onde a «tatuagem» se encontra num pequeno vaso das grutas de Palmela <sup>(252)</sup>, num fragmento de Vila Nova de S. Pedro e num vaso da Bretanha <sup>(253)</sup>.

Os traços paralelos, cujo começo se indica nos fragmentos do vaso n.º 7, poderia pertencer ou a uma representação da «tatuagem» ou a um conjunto de linhas arqueadas, também frequente no simbolismo meridional <sup>(254)</sup>.

Dada a degeneração já adiantada deste simbolismo no ocidente, o vaso da anta do Olival da Pega, na sua representação ainda clássica, é por agora o melhor documento das relações do eneolítico português com a primeira fase da cultura de Los Millares.

Protótipo do grupo que reúne os mesmos elementos decorativos em conjuntos meramente ornamentais é o vaso n.º 11 da anta do Olival da Pega (Est. XXX). O sistema da sua decoração com filas horizontais de triângulos, interrompidas por zigue-zagues verticais, não aparece em qualquer outro vaso contemporâneo <sup>(255)</sup>. O vaso n.º 12 da mesma estampa mostra, nos

<sup>(249)</sup> A significação deste símbolo deve ser mais profunda, em vista de já se encontrar sobre cerâmica de Susa e de aparecer na pintura do dólmen de Pedra Coberta, onde, de modo algum, pode ter qualquer sentido antropomorfo. Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 492.

<sup>(250)</sup> Idem, Est. 95 e 96.

<sup>(251)</sup> Mus. Etn., M. Heleno, Carenque. Mus. Geol.

<sup>(252)</sup> Mus. Geol., sem N.º. Várias vezes reproduzido, entre outros por N. Aoberg, *La civilisation* e por Cartailhac, *Les Ages*.

<sup>(253)</sup> Col. Cabaço, Alenquer. Mus. St. Germain-en-Laye.

<sup>(254)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 96, N.º 3 e 6.

<sup>(255)</sup> Tendências semelhantes são patentes num vaso de Los Millares, Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 24, Sep. 3, N.º 23.

triângulos deitados, uma ornamentação semelhante. Estes vasos podem ser comparados com alguns das *tholoi* da costa oriental de Almeria <sup>(256)</sup>

A decoração de triângulos deitados e de dentes de lobo tem afinidades com as placas de xisto alentejanas e com a cerâmica incisa de várias estações do oeste da Europa, como por exemplo do Fort Harrouard e do Camp de Chassey, onde os triângulos aparecem também cheios de pontos <sup>(257)</sup>. Considerando estas estações como intermediárias, explicar-se-ia talvez a semelhança surpreendente entre a ornamentação do vaso n.º 11 da anta do Olival da Pega e vasos do bronze inicial da Inglaterra <sup>(258)</sup>.

Juntam-se ainda a este grupo aqueles vasos cuja ornamentação consiste apenas em linhas e que percorrem o corpo do vaso no sentido horizontal e paralelo. Alguns fragmentos de tais vasos da anta do Olival da Pega são do mesmo fabrico fino que os antecedentes (Est. XXX, N.ºs 9 e 10). Outros fragmentos com linhas horizontais paralelas, provenientes da anta 2 da Comenda, da *tholos* da Farisoa (Est. XI, 56; Est. XVI, 34) e da anta 2 da Farisoa (Est. LIX), são tão pequenos e estão tão estragados que não podem ser classificados, além de que este tipo de decoração aparece em várias culturas <sup>(259)</sup>.

Os vasos N.ºs 3 e 8 da anta do Olival da Pega (Est. XXX) distinguem-se dos precedentes no fabrico, na forma e na disposição dos ornamentos, embora a sua técnica de linhas finas seja idêntica. No primeiro dos vasos citados, de cor preta e fundo chato, a ornamentação de linhas verticais encontra analogias na anta da Comenda da Igreja e nas grutas de Cascais <sup>(260)</sup>. A cor e o bom acabamento do interior deste vaso são iguais aos do vaso N.º 2

---

<sup>(256)</sup> *Meg. Gr.*, Est. 29, Sep. 1, N.ºs 17 e 22; Sep. 2, N.º 11; Est. 22, Sep. 3, N.º 6; Est. 53, N.º 57.

<sup>(257)</sup> Philippe, *Fort Harrouard*, pág. 130, Fig. 9; Déchelette, *Manuel I*, pág. 560, Fig. 208/112; Hélène, *Les origines*, pág. 75, Fig. 38.

<sup>(258)</sup> Stuart Piggott, *The early bronze age in Wessex*, Proc. P. S., 1938, págs. 52 ss. Figs. 12-14; cf. Childe, *L'aube*, pág. 331: «le style Chassey inspire la décoration en coupe d'encens du commencement du moyen âge de bronze en Angleterre meridionale...».

<sup>(259)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 53, N.º 58; Est. 7, Sep. 2, N.º 15.

<sup>(260)</sup> Mus. Etn., N.º 7344; A. do Paço, Cascais, Est. 29.

da mesma anta (Est. XXX), o que indica talvez uma contemporaneidade de ambos estes tipos de cerâmica.

O fragmento N.º 8, espesso e proveniente de um vaso grande, com as linhas cruzadas, formando losangos, lembra a decoração de vasos que apareceram em maior número em sepulturas megalíticas do sudeste <sup>(261)</sup>. Havia também fragmentos de um vaso com ornamentação idêntica na grande sepultura almeriense do Llano del Jautón 5 <sup>(262)</sup>. Quando da análise destes vasos do sudeste da Península, já os incluímos num círculo cultural mais vasto, que abrange o Mediterrâneo ocidental e no qual se insere também a placa de xisto gravada <sup>(263)</sup>.

A cerâmica de todo este grupo, ornamentada com linhas finas, tem a sua origem em estratos neolíticos, transferindo-se a sua técnica e os motivos da sua decoração para o simbolismo de Los Millares e para o de Vila Nova de S. Pedro <sup>(264)</sup>.

#### 4. RESUMO

Dada a importância da cerâmica para a averiguação da etnologia e da cronologia das culturas pré-históricas, tentámos fazer, nas páginas antecedentes, uma análise tão completa quanto possível deste ramo da indústria nas antas de Reguengos. Do exame sumário resulta o seguinte quadro da evolução da cerâmica na cultura megalítica deste concelho:

As origens de toda a evolução da cerâmica das antas residem naquele fundo neolítico que é comum a toda a cerâmica lisa do oeste da Europa, comunidade cultural cujas relações com o neolítico antigo do vale do Nilo foram recentemente sublinhadas por vários autores. Esta cerâmica está associada nos dólmenes primitivos ao machado cilíndrico, pelo que não se exclui

<sup>(261)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Ests. 35, 37, 40, 43, 47 e 50.

<sup>(262)</sup> Idem, Est. 6, Sep. 3, N.ºs 65 e 66.

<sup>(263)</sup> Idem, pág. 501, nota 1. Estas afinidades foram recentemente salientadas por J. Arnañ. *Zephyrus* I, 1950, pág. 23. Voltaremos a este problema e às teorias deste autor mais adiante (pág. 182).

<sup>(264)</sup> Vide as placas de barro ornamentadas, *Vila Nova de S. Pedro*, Madrid, Est. XXVII.

a hipótese de que proviesse de estratos mais antigos da Europa do que aqueles que se relacionam com o neolítico do vale do Nilo, encontrando-se analogias com a cultura de Merimde-Benissalame mais bem definidas na segunda fase da cultura megalítica. Enquanto a cerâmica dos pequenos dólmenes do Alentejo ocidental não for publicada, a sua evolução nesta primeira fase não pode ser caracterizada. A escassez de cerâmica nesta fase corresponde à que nos apresentam os pequenos dólmenes do sudeste da Península; em ambos os casos deve testemunhar uma vida ainda essencialmente pastoril.

Os vasos daquela fase neolítica, que é no concelho de Reguengos a mais antiga até hoje verificada, são prova de um estado cultural e económico já bastante mais avançado. Estes vasos têm analogias com a cerâmica das grutas neolíticas portuguesas e de outras culturas da Europa ocidental da mesma época. Não temos documentação sobre a sua ligação com a cerâmica das pequenas antas, sendo por isso impossível demonstrar se a indústria cerâmica, tal como se nos apresenta na anta do Poço da Gateira, é oriunda unicamente dos estratos mais antigos da própria cultura megalítica e qual teria sido, neste caso, a sua evolução. É, porém, mais verosímil que, análogamente ao impulso dado na cerâmica dos dólmenes do sudeste da Península pela cultura de Almeria, a cerâmica desta segunda fase da cultura megalítica alentejana se tenha desenvolvido em contacto com povos agricultores do litoral ocidental, teoria corroborada pela já citada afinidade dos vasos da anta do Poço da Gateira com a cerâmica das grutas naturais da costa portuguesa.

Nas antas de Reguengos, as analogias com os estratos mais antigos da cerâmica oeste-europeia são documentadas, além dos vasos esféricos maiores, pelos vasos de perfil suavemente carenado, os quais aparecem também no neolítico da Bretanha e que indicam uma evolução idêntica à de Windmill Hill. Esta forma aparece, em Reguengos, em antas do neolítico avançado. Cabem ainda nesta fase todas as espécies de mamilos incluindo os perfurados e nela poderiam talvez incluir-se ainda o prato de parede baixa e vertical e o vaso de corpo cónico de tamanho maior.

Na terceira fase da cerâmica do tipo oeste-europeu — esta de afinidade mais bem definida com a cultura de Almeria — incluem-se os vasos esféricos e carenados mais pequenos, os pequenos potes altos de corpo cilíndrico, os mamilos decorativos e ainda vários tipos que permitem uma aproximação com o «merimdiense», como as colheres, os suportes de vaso, etc. A maior parte dos vasos desta fase pertence aos nossos grupos 1, 6, 7, 9 e 10.



Embora a cerâmica da terceira fase se insira na linha evolutiva de toda a cerâmica oeste-europeia, a sua relação com os vasos da anta do Poço da Gateira ainda está mal esclarecida, havendo diferenças consideráveis no tamanho e na técnica. Baseando-nos nos dois ramos da evolução cultural no concelho de Reguengos, um deles mantendo a tradição neolítica e o outro ostentando todas as inovações eneolíticas, nota-se que a cerâmica deste terceiro tipo aparece geralmente junto às placas de xisto.

A evolução das formas revela-se sobretudo no endurecimento dos perfis, transformação mais visível no vaso carenado, mas que também se nota nos vasos esféricos e na transição para formas bicónicas, evolução que foi analisada nos grupos 5 e 6. Dada a afinidade da ornamentação das placas de xisto com o estilo da decoração de cerâmica oeste-europeia, esta fase poderia ser em parte coeva do segundo período do Camp de Chassey, sendo, porém, de notar que várias das formas características desta fase são incluídas por Vouga no quadro do neolítico antigo das estações lacustres da Suíça. Na evolução da cerâmica do tipo oeste-europeu inclui-se ainda o vaso de bordo reentrante, desde a taça da anta do Poço da Gateira até aos vasos de suspensão.

Estes três componentes: 1) a cerâmica dos pastores primitivos, 2) a cerâmica aparentada com a das grutas naturais e 3) a cerâmica mais evoluída de relações com a cultura de Almeria, todos os três pertencentes ao círculo mais vasto da cerâmica oeste-europeia, constituem a parte da indústria cerâmica das antas que se baseia em fundamentos étnicos. Incluem-se ainda nela as espécies de ornamentação, afins da decoração das placas de xisto.

A estes elementos básicos sobrepõem-se várias influências posteriores: a primeira é a técnica da pintura a almagre; a segunda sai da cultura do vaso campaniforme, e a terceira, vindo para o concelho de Reguengos com os construtores das *tholoi*, traz do sul da Península uma cerâmica, por um lado, não essencialmente diferenciada da anterior, porquanto se desenvolveu na cultura de Almeria sobre o mesmo fundo étnico que faz parte da cultura das antas portuguesas; por outro lado, porém, documentando, quanto à forma e à decoração, novas influências orientais e norte-africanas, importadas por intermédio da cultura de Los Millares, com reminiscências extraordinárias da cultura badariense. Além disso, vêem-se, ainda que raramente, ornamentações no estilo da cerâmica das grutas hispano-mauritanas. Nesta fase, as influên-

cias recíprocas e a sobreposição de diferentes tipos levantam problemas ainda difíceis de resolver.

Os vasos que documentam relações da cerâmica megalítica com o círculo cultural do vaso campaniforme são relativamente escassos, encontrando-se alguns nos grupos 4 e 5. A ligação com a época de Los Millares e das grandes *tholoi* da Almeria oriental é, porém, profusamente documentada pelos vasos bicónicos, esférico-achatados, esféricos de colo estrangulado, vasos de parede duplamente curvada e, sobretudo, pela quantidade de taças de todas as formas e tamanhos. A este horizonte cultural pertence, além disso, o vaso minúsculo, os vasos e pequenos copos de fundo plano e os pratos de rebordo espesso. Exemplares típicos da cerâmica destas formas encontrados na *tholos* da Farisoa e no *tumulus* de Jeromigo confirmam tal hipótese acerca da sua origem.

Ao lado da cerâmica das *tholoi*, continua a desenvolver-se a cerâmica do tipo oeste-europeu, transmitindo algumas das suas formas à cultura de El Argar.

Este quadro, que as antas de Reguengos apresentam quanto à evolução da cerâmica, confirma a noção, reconhecida já há decénios e que surgiu nos últimos tempos com maior clareza, da unidade cultural do oeste da Europa, da qual faz parte com certeza, pela sua cerâmica, a cultura megalítica.

#### IV. PLACAS DE XISTO GRAVADAS, ÍDOLO E DISCOS DE XISTO

##### 1. PLACAS DE XISTO GRAVADAS

As grandes antas eneolíticas do concelho de Reguengos deram uma abundância extraordinária de placas de xisto gravadas. A anta do Olival da Pega continha, além das placas reproduzidas na estampa XXVIII, fragmentos de mais 76 placas, cujo número total, nesta anta, se eleva a 134, o que representa, porém, apenas uma fracção do conteúdo primitivo. Na anta 1 do Passo e na anta 1 do Cebolinho encontraram-se também muitas placas, ao passo que a *tholos* da Farisoa só continha duas, o que demonstra novamente o facto já conhecido de que a placa de xisto gravada pertence exclusivamente à cul-

tura megalítica alentejana. Embora possam estabelecer-se relações na forma, na ornamentação, no simbolismo e até na expressão artística, com várias culturas da Península Ibérica, do Egito e do Oriente, não há modelo nenhum para a placa alentejana.

### *Material e formas*

As placas são quase exclusivamente feitas de xisto azul ou azul-acinzentado, proveniente das regiões do silúrico do próprio Alentejo, havendo, no entanto, peças trabalhadas de um xisto mais brando, de cor verde-azulado claro (Est. XXXIV, 13, 22; Est. XXI, 10; Est. XXVIII, 53). As placas desta pedra têm, em geral, ornamentações menos vulgares: molduras, a cruz oblíqua e faixas horizontais multiplicadas. O ídolo almeriense, um pequeno báculo e alguns berloques são da mesma matéria (Est. XXIII, 76; Est. XXXVI, 4, 17; Est. XV, 18) <sup>(265)</sup>. Esta espécie de xisto encontra-se no Alentejo, nas zonas do pré-câmbrico e arcaico que ocupam grandes partes do distrito de Évora, desde Montargil até ao concelho de Moura, havendo também deste xisto ao sul de Elvas e na região de Portalegre.

Das diferenças de forma trataremos na classificação geral. A face gravada da placa é plana, o verso, em geral, ligeiramente abaulado, o que produz um perfil semelhante ao da enxó. Poucas são as placas que têm gravura em ambos os lados; estas pertencem, na maioria, ao grupo de ornamentação mais rara. A decoração é executada por incisões finíssimas, raras vezes mais profundas. O tamanho das placas na anta do Olival da Pega varia entre 9 e 20 centímetros, mas, na anta de Santa Margarida, havia placas ainda maiores. Entre as placas antropomorfas encontram-se as mesmas diferenças. Há placas tão iguais umas às outras, que parecem feitas pela mesma mão, por exemplo as placas N.ºs 1-3 da anta do Olival da Pega (Est. XXVIII), que, além das placas deste tipo reproduzidas, continha mais algumas iguais. Outro tipo

---

<sup>(265)</sup> As placas de xisto nos dólmenes da Catalunha são da mesma espécie de xisto. Péricot é de opinião que a escolha deste material teria sido imposta por exigências rituais. *Sep. Meg.*, pág. 131.

de placa que se encontra em todos os concelhos orientais do Alentejo com ornamentação idêntica é a placa dividida ao meio, com decoração de xadrez na parte inferior e faixas paralelas na parte superior (Est. XXI, 21).

### *Classificação geral*

As placas podem ser agrupadas da seguinte maneira:

- 1) Placas de contorno recortado;
- 2) Placas trapezoidais que ostentam, além da ornamentação geométrica, uma série de símbolos que, no seu conjunto, lembram uma cara;
- 3) Placas de ornamentação puramente geométrica;
- 4) Placas de forma recurvada, chamadas «báculos».

Os dois primeiros destes grupos, entre os quais há várias formas intermediárias, representam as chamadas «placas antropomorfas». Empregamos para elas e para os seus pormenores as designações usuais, sem contudo aceitarmos incondicionalmente a teoria, da qual trataremos mais adiante, de que o antropomorfismo tivesse sido o sentido primitivo destes símbolos <sup>(266)</sup>.

### GRUPO 1

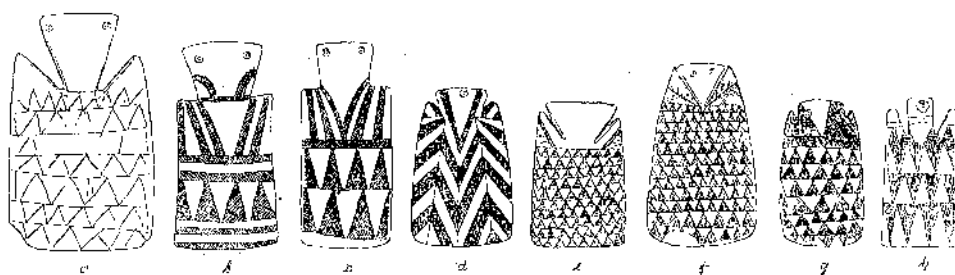


Fig. 1 a Anta 6 dos Cavaleiros; b Anta da Marquesa; c Anta 1 do Cebolinho; d Casa da Moura; e Anta 1 do Passo; f Anta Grande da Comenda da Igreja; g Tumulus de Jeromigo; h Mus. do Carmo, sem prov.

Escala 1:7

<sup>(266)</sup> Cf. Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 494.

Placas de corpo rectangular ou trapezoidal, às vezes um pouco estrangulado no meio (Fig. 5, *f*), com uma cabeça de forma rectangular (Fig. 1, *c*), ou de triângulo invertido (Fig. 1, *a, b*), cujo vértice fica dentro do corpo da placa, por vezes indicado por incisões mais ou menos profundas. Neste último caso, a altura da cabeça diminui consideravelmente em alguns exemplares, perdendo-se quase, ou mesmo totalmente, no corpo da placa (Fig. 1, *d-f*). Seguindo o rumo das incisões laterais da cabeça, os «ombros» do corpo elevam-se às vezes obliquamente (Fig. 1, *a*) <sup>(267)</sup>. O contorno destas placas assemelha-se, na sua parte superior, aos ídolos almerienses, que apresentam as mesmas características na configuração da cabeça e dos «ombros». Falta, porém, nas placas portuguesas, a quebra acentuada do próprio corpo, encontrando-se apenas ligeiramente indicada em alguns exemplares (Fig. 1, *b*; 5, *f*) <sup>(268)</sup>.

Na ornamentação das placas antropomorfas há variantes. Às vezes o ornamento estende-se uniformemente sobre o corpo e a cabeça (Fig. 5, *e*; Est. XXI, 19). Poucos são os exemplares que têm a cabeça completamente lisa, até mesmo sem orifícios (Fig. 1, *e*). Em geral a cabeça mostra dois orifícios e, além disso, uma ornamentação que consiste em duas curvas verticais, abrangendo a cabeça ou unindo esta com o corpo, ou uma faixa horizontal, triângulo ou zigue-zagues. Em alguns exemplares vêem-se na cabeça umas linhas verticais e horizontais, consideradas «nariz e tatuagem facial», de tal maneira que o conjunto se assemelha a uma cara (Fig. 2, *a*). Esta impressão antropomorfa é mais visível em algumas placas que têm os braços indicados (Fig. 2, *a*), sendo estas últimas aparentadas com as estelas menhires <sup>(269)</sup>.

As antas de Reguengos deram três placas de contorno recortado, de diferentes tipos.

Placas semelhantes à da anta 1 do Cebolinho (Fig. 1, *c*) são frequentes

---

<sup>(267)</sup> Este tipo de placa lembra as figurinhas egípcias.

<sup>(268)</sup> Sobre a afinidade artística que liga todos os tipos de ídolos chatos, vide Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 412, Est. 178.

<sup>(269)</sup> Leisner, *La estela-menhir*.

na região fronteiriça<sup>(270)</sup>. Têm o corpo em geral decorado com uma ou duas faixas de dentes de lobo, alternadas com faixas horizontais. Por cima, análogamente às placas trapezoidais com decoração esquemática, umas faixas paralelas curvadas elevam-se um pouco obliquamente, aparecendo esta decoração duplicada em uma placa da anta da Marquesa. Na placa da anta do Cebolinho a cabeça é lisa e tem dois orifícios.

A placa da anta 1 do Passo (Fig. 1, *e*) pertence ao tipo no qual o triângulo da cabeça quase desaparece no corpo. Podia ser considerado como forma degenerada em relação ao tipo anterior. Semelhantes a esta placa, mas com os elementos antropomorfos e decorativos ainda menos ligados, porquanto o entalhe da cabeça corta a ornamentação, são as placas Fig. 1, *g* do *tumulus* de Jeromigo e a placa Fig. 1, *h*. A placa Fig. 1, *f* apresenta o tipo com a cabeça apenas indicada por incisões. Tratar-se-á mais adiante da possibilidade de uma evolução destes tipos.

A grande placa Fig. 5 *e* da anta 1 do Passo, decorada de ambos os lados (Est. XXI, 19), é uma peça rara, combinação do tipo de contorno recortado com o tipo de centro liso. O seu lado superior está completamente coberto por zigue-zagues, não se notando qualquer representação antropomorfa. De maneira semelhante os zigue-zagues cobrem quase totalmente uma pequena placa da anta da Alcarapinha (Fig. 2, *f*) e de outra placa de Marvão<sup>(271)</sup>.

---

(270) Cabem neste grupo várias placas de Garrovillas de Alconétar (Vega del Garrote), Mus. Arqueol. Madrid; Col. Rotondo; O Arch. Port., XI, págs. 338, 340 e 341, Figs. 4, 5 e 6; Castillo, *Neoneolítico*, pág. 533, Fig. 427; Ebert, *Reallexikon*, X, Est. 110 *a, c*; Acenha de la Borrega, Cáceres, Mus. Elvas; Vega del Peso, Hernandez Pacheco, Bibliografia não acessível; Mus. Elvas: uma placa sem número e mais um fragmento; Anta da Marquesa, Marvão, Mus. Etn. N.º 8.194, 8.195 e 8.196; Leisner, *Évora*, Est. XX; Anta do Cabeço dos Pendentes, Cardigos, Beira Baixa, P. Henrique da Silva Loura, *Monografia de Cardigos*, pág. 15; Anta do Cabeço, Castelo de Vide, um fragmento; Avis, Mus. Etn. (N.º 7.873); cf. Gruta da Galinha (Fig. 4 *e*), Idanha-a-Nova (Fig. 4, *a, b, d*).

(271) Mus. Etn. N.º 8.186.

GRUPO 2

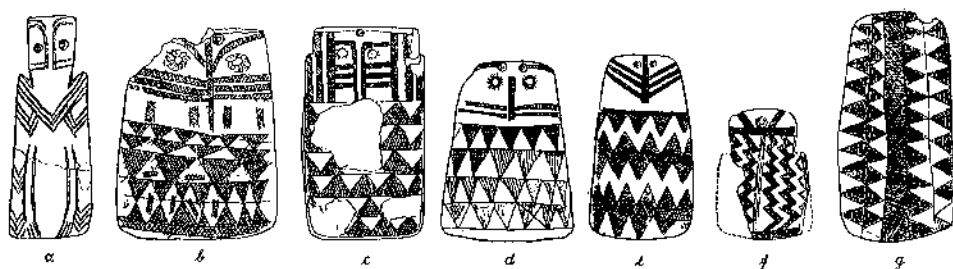


Fig. 2 a Idanha-a-Nova; b Cueva de la Mora; c Ponte de Sor; d Mértola; e e f Anta 1 da Alcarapinha; g Anta Grande da Comenda da Igreja

Escala 1:7



Fig. 3 a Anta 1 da Farisoa; b Cabeço da Arruda; c Anta da Horta Velha de Reguengo; d e f Gruta II da Alapraia; e Anta 2 da Comenda; g Anta Grande da Comenda da Igreja.

Escala 1:6

Placas trapezoidais de contorno não recortado, ostentando símbolos em diferentes combinações, que lhes dão um aspecto antropomorfo: os «olhos» indicados por duas cavidades feitas em placas lisas (Fig. 3, b) <sup>(272)</sup>, ou or-

<sup>(272)</sup> Placas análogas encontraram-se: na Herdade de Portugal, Alentejo, Mus. Etn. N.º 113.020; na gruta da Furninha, Mus. Geol.; na gruta do Cabeço da Ministra, Col. *Natividade*, Alcobaça, V. *Natividade*, *Grutas de Alcobaça*, Est. IX, Fig. 82; Gruta da Carrasca, Col. *Belo*, Maxial.

namentadas (Fig. 3, *f*), o mesmo símbolo gravado com ou sem irradiações, isolado (Fig. 3, *a, c*), ou dentro da ornamentação (Fig. 3, *e*). Às vezes o contorno dos «olhos» é indicado apenas por círculos (Est. XXI, 10). O aspecto antropomorfo nota-se ainda mais nas placas que têm, ao lado dos «olhos», as linhas verticais e horizontais, já descritas (Fig. 2, *a-e*). Tal como nestas últimas placas, podem todos estes símbolos estar reunidos, mas em outros casos apenas existem partes dos mesmos (Fig. 3, 2 *d, f*). Na placa 3, *g*, os «olhos» estão esboçados na sua parte inferior, dentro dos zigue-zagues, o que, como explicamos a seguir, se opõe a um sentido antropomorfo deste símbolo. «Olhos» e orifícios encontram-se em alguns casos lado a lado, mas em geral os orifícios substituem os «olhos».

No concelho de Reguengos pertencem a este grupo duas placas, provenientes da anta 1 da Farisoa (Fig. 3, *a*) e da anta 2 da Comenda (Fig. 3, *e*), as quais representam as duas variantes acima descritas, da posição dos «olhos», isolados com irradiações, ou dentro de uma ornamentação geométrica. Este tipo de placa aparece várias vezes, quase sempre, tal como os nossos exemplares, com a parte inferior coberta de zigue-zagues (<sup>273</sup>). Fica ainda para juntar a este grupo o pequeno fragmento (Est. XXI, 10) da anta 1 do Passo, que permite uma reconstituição em comparação com alguns fragmentos do mesmo tipo da anta de Brissos (<sup>274</sup>) e de Vila Nova de S. Pedro (<sup>275</sup>). No verso da placa (Fig. 5, *d*) da *tholos* da Farisoa, os «olhos» estão ligeiramente esboçados (Est. XVI, 45).

### GRUPO 3

#### *Placas de ornamentação exclusivamente geométrica*

As placas deste tipo são muito mais frequentes do que as antropomorfas. Entre os ornamentos salientam-se alguns que aparecem raramente, mas que,

(<sup>273</sup>) Além das placas reproduzidas na Fig. 3: Anta de Pucilgais, *Col. Coutel*, Fronteira; Leisner, *Évora*, Est. XX.

(<sup>274</sup>) V. Correia, *El neolítico*, Fig. 27.

(<sup>275</sup>) *Vila Nova de S. Pedro, Brotéria*, XXXVII, Fasc. 1, Fig. 19. Pertence ainda a este grupo uma placa da gruta da Galinha, Mus. Etn. N.º 6.491.



pelas suas relações com as placas antropomorfas e pelo seu parentesco com a ornamentação de ídolos orientais e placas egípcias podem fornecer-nos elementos de valor cronológico. Começaremos por estes tipos.

a) *Placas ornamentadas com uma cruz oblíqua*

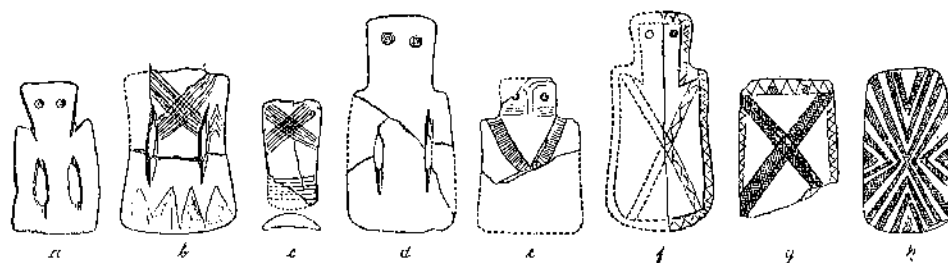


Fig. 4 a e d Anta dos Ferreirinhos, Alcafozes; b Idanha-a-Nova; c Llano de la Lampara, Almeria; e Gruta da Galinha; f Anta 1 da Alcarapinha; g Anta Grande da Comenda da Igreja; h Anta 1 do Cebolinho

Escala 1:6

Este ornamento encontra-se várias vezes sobre placas antropomorfas (Fig. 4, b, e, f), nas quais cobre o corpo totalmente, ou apenas na sua metade superior. Em uma placa rectangular da anta da Comenda da Igreja (Fig. 4, g) encontra-se, na face e no verso, a cruz emoldurada por uma pequena faixa, preenchida de um lado com dentes de lobo, do outro com linhas cruzadas. A mesma cruz vê-se, também, sobre mais duas placas da gruta da Galinha e sobre fragmentos da anta da Malpica, Badajoz, e da Casa da Moura <sup>(276)</sup>.

A placa que saiu, no concelho de Reguengos, da anta 1 do Cebolinho, apresenta a evolução ornamental da cruz simples e corresponde ao processo

<sup>(276)</sup> Gruta da Galinha, Mus. Etn. N.ºs 6.600 e 6.626; Mus. Badajoz; Mus. Geol., D = 1,0.

de multiplicação de símbolos e motivos artísticos, de cuja frequência na arte da Península Ibérica já tratámos anteriormente (<sup>277</sup>). Placas do mesmo tipo encontraram-se na anta grande da Ordem (<sup>278</sup>) e em uma anta da Dehesa de Esperralejo, na Espanha (<sup>279</sup>). Estas últimas, assim como a placa da anta do Cebolinho, são feitas de xisto verde-azulado claro.

A cruz oblíqua adorna frequentemente o peito de ídolos do Próximo Oriente, sobretudo do continente. Quase todas as estações da Anatólia central, escavadas nos últimos anos, deram ídolos deste tipo (<sup>280</sup>).

A documentação mais antiga encontra-se já na época arcaica da Mesopotâmia, onde um ídolo, representado na asa de um vaso de Kish, mostra tal decoração (<sup>281</sup>). As recentes investigações em Arpachiyeh, na Mesopotâmia, forneceram mais documentações (<sup>282</sup>). Da costa ocidental da Anatólia e das ilhas adjacentes, são para notar, além do ídolo bem conhecido de Troia (<sup>283</sup>), vários exemplares deste tipo em Thermi, provenientes dos estratos da terceira cidade (<sup>284</sup>). Da Anatólia o tipo expande-se para a região do

(<sup>277</sup>) Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 419; idem, *Pedra Coberta*.

(<sup>278</sup>) Mus. Etn. N.º 12.973.

(<sup>279</sup>) Mus. Badajoz, N.º 15.

(<sup>280</sup>) Alishar Hüyük: K. Bittel, *Prähistorische Forschung in Kleinasien*, Istanbul, 1934, Taf. IX, 5; E. F. Schmidt e von der Osten: *The Alishar Hüyük, Oriental Institute Publications*, VII, XIX, pág. 54, Fig. 62 b 103, b 751.

Caynekar: *Liverpool Annals*, II, págs. 145 e segs., Ests. XXVI e XXVII.

Akhisar, Kültepe: *British School Athens*, XIX, pág. 54, Fig. 3; pág. 59, Fig. 6.

Antalya (Adalia), *Journal of the Royal Anthropological Institute*, XXX, pág. 51, Est. XXIV; Bossert, *Altanatolien*, pág. 85, Figs. 420-422.

Kusura: Winifred Lamb, *Excavations at Kusura near Afyon Karahisar, Archaeologia*, Vol. 86, Oxford, 1936, pág. 29, Fig. 111, 2; Vol. 87, Oxford, 1937, pág. 251, Fig. 117, 7.

Ahlatlibel: *Türk Tarih, Arkeologiya ve Etnografya Dergisi Saye.*, II, Istanbul, 1934, págs. 32-84, Figs. 1181, 367 e 507.

(<sup>281</sup>) G. Contenau, *Manuel d'Archéologie orientale*, I, Paris, 1927, pág. 359, Fig. 264. Segundo o autor, o tipo deriva da arte sumérica.

(<sup>282</sup>) *Irak*, II, 1, Fig. 45, 2.

(<sup>283</sup>) H. Schliemann, *Bericht*, 1891, Est. I, Fig. 2.

(<sup>284</sup>) Winifred Lamb, *Excavations at Thermi in Lesbos, Cambridge*, 1936, Est. XX, 29-31, 31-23, 31-44.

Cáucaso <sup>(285)</sup>; na Grécia, um ídolo de Mykene prova a sobrevivência deste tipo no Oriente <sup>(286)</sup>.

Em geral as faixas cruzadas sobre o peito do ídolo são consideradas como parte do vestido, mas, também neste caso, poderiam ter sido um atributo ritual. Leva-nos a esta suposição o facto de, sobre ídolos contemporâneos do mesmo feitio, se encontrarem, às vezes, ao lado da cruz, outros símbolos idênticos aos que aparecem nas placas alentejanas; por exemplo, a linha vertical com a «tatuagem» <sup>(287)</sup>, o triângulo formado por três protuberâncias ou pontos e os «olhos».

Os ídolos da Anatólia, provenientes de escavações de estratigrafia certa, fornecem-nos datas, cujo valor cronológico em comparação com os ídolos ibéricos, será tratado no fim deste estudo.

Nas zonas intermediárias do Mediterrâneo escasseiam ainda documentos que possam esclarecer as vias de divulgação deste simbolismo. Da cultura da Conca d'Oro, no noroeste da Sicília, conhece-se um objecto (ídolo?) que traz a cruz sobre o corpo <sup>(288)</sup>. Provenientes de urnas de incineração saíram dos estratos da idade do bronze no segundo templo de Tarxien, na ilha de Malta, umas figurinhas de barro, cuja forma ainda lembra alguns dos ídolos orientais e que são decoradas, em alguns casos, com a cruz oblíqua multiplicada da mesma forma que nas placas alentejanas <sup>(289)</sup>. No sudeste da Espanha, a pequena placa de calcáreo da sepultura La Lampara 1 <sup>(290)</sup>, (Fig. 4, c) poderia também representar um ponto intermediário.

---

<sup>(285)</sup> A. M. Tallgren, *Études sur le Caucase du Nord, Eurasia Septentrionalis Antiqua*, III, pág. 22 ff, Fig. III.

<sup>(286)</sup> *Archäologischer Anzeiger*, 1936-1937, pág. 261, Fig. 8.

<sup>(287)</sup> Alaca Höyük. Remzi Ocuk Arik, *Les fouilles d'Alaca Höyük. Publications de la Société d'Histoire Turque*, V Série, N.º 1, Ankara, 1937.

<sup>(288)</sup> J. Bovio Marconi, *La cultura tipo Conca d'Oro della Sicilia occidentale. Monumenti Antichi della Accademia d'Italia*, Vol. XL - 1944 - XXII, Roma.

<sup>(289)</sup> Themistocles Zammit, *Prehistoric Malta. The Tarxien Temples*, Oxford - London, 1930, pág. 54, Figs. 3 e 4.

<sup>(290)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 5, Sep. 4. N.º 27.

b) Placas com o centro liso

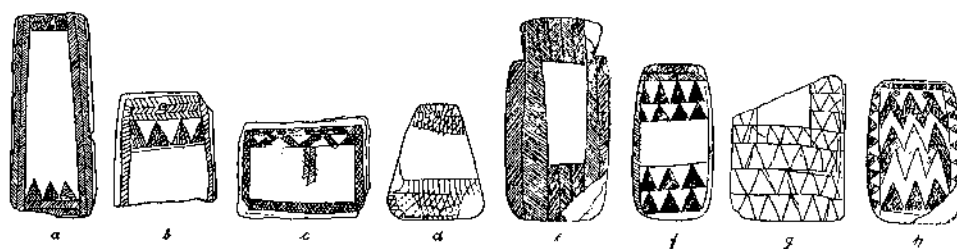


Fig. 5 a Anta da Capela de S. Dionísio, Pavia; b e f Cueva de la Mora; c Rencovo, Monchique; d *Tholos* da Farisoa; e Anta 1 do Passo; g Gruta de Palmela; h Vidais, Marvão

Escala 1:7

Algumas placas têm, no centro, um espaço sem ornamentação, o qual, às vezes, ocupa toda a superfície, sendo apenas circundado por uma moldura estreita (Fig. 5, a), enquanto em outros exemplares está dentro de uma decoração mais abundante (Fig. 5, e, g). No primeiro tipo, ao qual pertencem, também, as placas f e g da Fig. 4, o espaço abrangido pela moldura é, algumas vezes, preenchido com ornamentos, tais como a cruz, ziguezagues ou dentes de lobo, o que leva a supor que o vácuo primitivamente tivesse sido destinado a qualquer representação; em nenhum caso, porém, se encontraram vestígios de pintura. Também faltam, nestas placas, na maioria dos casos, vestígios de fricção, que acusassem um uso prático. Apenas a placa da gruta de Palmela mostra, no centro, tais vestígios.

Destas placas, conhecemos, em Portugal, uma dúzia, provenientes de sepulturas de diversos tipos <sup>(291)</sup>. As antas do concelho de Reguengos deram mais três exemplares, dois deles da anta 1 do Passo (Fig. 5, e, Est. XXI, 10 e 19) e outro da *tholos* da Farisoa (Fig. 5, d). O tipo é relativamente

<sup>(291)</sup> Gruta de Palmela, Mus. Etn. N.º 12.366; Gruta da Galinha, Mus. Etn. N.º 6895 b; *Tholos* do Cabeço da Arruda, Mus. Torres Vedras; Antas da Comenda da Igreja, da Velada e de S. Dionísio, Pavia, Mus. Etn., N.ºs 7.610, 7.596 e 12.210; Castro Marim, Anta 1, Mus. Geol., sem número; Vidais, Marvão, Mus. Etn., N.º 13.365.

frequente na região do Guadiana, onde aparece em quatro exemplares na Cueva de la Mora, Huelva. Na Andaluzia, nos silos de Campo Real, encontraram-se duas placas deste tipo, ambas com uma moldura de uma linha incisa, análoga a uma placa de Castro Marim <sup>(292)</sup>.

Esta distribuição liga nitidamente a placa de moldura com o sul da Península, impressão ainda reforçada pelo seu aparecimento na *tholos* da Farisoa.

Este tipo de placa portuguesa é o que mais se assemelha às placas completamente lisas, encontradas em dólmenes catalães e, em maior número, nos dólmenes do Aveyron, comparadas por Péricot com placas das épocas pré- e protohistóricas do Egipto <sup>(293)</sup>. Aparecem ali já na cultura tasiense e badariense <sup>(294)</sup>, encontrando-se, porém, a analogia mais evidente com as placas de moldura gravada no período proto-dinástico <sup>(295)</sup>. Embora este tipo de placa possa ser considerado, consequentemente, arcaico, não há provas de ser, no Alentejo, mais antigo do que os outros.

Além dos citados, são padrões raros, os seguintes:

c) *Zigue-zagues ou dentes de lobo no sentido vertical*

(Fig. 2, g, Est. XXVIII, 54). Esta decoração aparece também em placas antropomorfas (Fig. 2, f). Uma placa de Marvão, de contorno semelhante a esta última, mostra, pouco visível, uma decoração parecida <sup>(296)</sup>. As duas placas acima reproduzidas têm ambas uma faixa divisória vertical.

---

<sup>(292)</sup> Os silos de Campo Real, com uma cerâmica de tipo oeste-europeu, são coevos das antas de corredor alentejanas e da segunda fase da cultura de Almeria. Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 387.

<sup>(293)</sup> Péricot, *Sep. Meg.*, pág. 1131. O autor cita também a opinião de E. Cartailhac sobre o assunto, expressa em vários artigos, e junta uma lista das placas francesas.

<sup>(294)</sup> Gui Brunton, *Mostagedda and the Tasién Culture, British Museum Expedition to middle Egypt*. Londres, 1935, Est. XXII, N.ºs 13, 17, 20 e 30.

<sup>(295)</sup> Idem, Est. XLIV, N.º 1.863.

<sup>(296)</sup> Mus. Etn., N.º 8.186.

d) *O triângulo duplo em forma de ampulheta*

Este símbolo encontra-se em cerâmica de Los Millares, de Velez Blanco e sobre uma falange de Almizaraque <sup>(297)</sup>. Tem certa afinidade com o símbolo da cruz oblíqua. Enquanto às vezes se conseguem efeitos de ampulheta por meio de triângulos sombreados alternadamente, podendo tratar-se, neste caso, apenas de uma variante decorativa, há, porém, uma placa da anta do Olival da Pega, na qual o triângulo duplo está isolado na parte superior (Est. XXVIII, 27). O motivo aparece também sobre placas da Cueva de la Mora e poderia incluir-se, assim como as placas de moldura, nas relações com o sul da Península.

e) *Faixas horizontais*

Uma decoração também divulgada na região do Guadiana consiste em faixas lisas horizontais, alternando com faixas preenchidas de dentes de lobo. A este tipo pertencem duas grandes placas, ambas trabalhadas sobre xisto verde-azulado claro, uma delas, do *tumulus* de Jeromigo e apenas um fragmento de outra da anta do Olival da Pega (Est. XXXIX, 30, Est. XXVIII, 53). A decoração assemelha-se à das placas antropomorfas da mesma região e aparece também na Cueva de la Mora <sup>(298)</sup>.

f) *Linhas finas de zigue-zagues*

A ornamentação de linhas finas de zigue-zagues, chamada de espinhas, frequente nas faixas divisórias das placas de decoração esquemática, raramente cobre toda a placa. Este tipo é representado pela grande placa Fig. 5, e da anta do Passo, outra do *tumulus* de Jeromigo (Est. XXXIX, 29) e ainda por vários fragmentos provenientes da anta 1 do Cebolinho e da anta do Olival da Pega.

---

<sup>(297)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 96; Est. 92, 12.

<sup>(298)</sup> Mus. Sevilla.

Todas as outras placas de decoração esquemática, em cujas formas predomina o trapézio de ângulos arredondados, dividem-se, segundo a ornamentação na parte inferior, em três grupos:

- a) Placas com ornamento de dentes de lobo;
- b) Placas com ornamento de zigue-zagues;
- c) Placas com ornamento de xadrez.

Em todas as antas, as placas ornamentadas com dentes de lobo são as mais frequentes. Na anta do Olival da Pega, mais de 50 % das placas pertencem a este grupo; nas antas do Passo e do Cebolinho a percentagem é pouco mais ou menos a mesma. A restante percentagem abrange, em proporção quase igual, as placas de zigue-zagues e de xadrez, sendo um pouco mais elevado o número das primeiras.

Sobressai, no concelho, o grande número de placas ornamentadas a xadrez, ornamentação relativamente mais rara no Alentejo central, mas muito divulgada nas regiões limítrofes da Espanha. Aproximadamente 80 % de todas as placas deste tipo, até hoje conhecidas, surgiram nesta região. Há algumas variantes: além dos quadrados, aparecem rectângulos, curtos e alongados, formando estes últimos, por vezes, uma única fila junto do bordo inferior (Est. XXVIII, 58). A placa com faixas verticais poderia também ser incluída neste grupo (Est. XI, 72). O ornamento de xadrez falta sobre placas antropomorfas.

Em algumas das placas de dentes de lobo e de zigue-zagues, estes ornamentos cobrem toda a placa, sem interrupção (Est. XXVIII, 29 e 31, Est. XXI, 3, 16 e 19). Em geral, porém, a superfície da placa é dividida, pelo ornamento, em duas partes. A parte superior, cuja altura ocupa aproximadamente um terço da placa, mostra quase sempre no centro um triângulo liso, com o vértice para baixo. De ambos os seus lados correm faixas paralelas, ligeiramente curvadas (tipo I) ou faixas horizontais (tipo II), quer umas, quer outras de número variável.

Estes três elementos da parte superior das placas trapezoidais estão, indubitavelmente, em relação com as representações análogas sobre placas antropomorfas: o triângulo corresponde à cabeça, correspondência ainda corroborada pelas formas intermediárias (Fig. 1). As faixas paralelas ao triângulo encontram-se em várias placas antropomorfas, enquanto as faixas horizontais podem corresponder à «tatuagem».

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Raramente a divisão entre a parte superior e a inferior da placa é, apenas, marcada por uma linha simples; em geral, é formada por uma faixa de largura variável, lisa ou, mais frequentemente, preenchida por pequenos dentes de lobo, zigue-zagues deitados, espinhas ou combinações destes ornamentos. Esta parte da placa corresponde à cintura da estátua-menhir.

Os ornamentos descritos encontram-se, às vezes, reunidos na parte inferior da mesma placa, em várias combinações (Est. XXVIII, 44, 56 e 58, Est. XXXIV, 9).

A qualidade da execução artística é diferente dentro da mesma sepultura; na anta do Olival da Pega há umas placas de trabalho perfeito (Est. XXVIII, 29), ao passo que outras são apenas grosseiramente esboçadas (Est. XXVIII, 15 e 47), dando a impressão de uma degeneração desta arte.

No concelho de Reguengos a maior parte das placas têm um só orifício, sendo raras as de dois orifícios, que se encontram sobretudo em placas antropomorfas ou de ornamentação mais rara (Est. XXVIII, 27, Est. XXXIV, 7, 9 e 13, Est. XXI, 19). É estranho que muitas placas de Reguengos não tenham qualquer orifício, o que também sucede com algumas placas antropomorfas (Fig. 1 e, 3 a). A hipótese de que as placas tivessem sido penduradas no pescoço dos mortos, não é, por isso, admissível para a sua totalidade.

### *Resumo*

Toda a tentativa de sistematização das placas de xisto, ou da fixação cronológica dos seus diferentes tipos, pode apoiar-se, hoje, apenas sobre a apreciação de diferenças tipológicas, ficando, por isso, aquela sequência cronológica sujeita a opiniões subjectivas. Não há documentação certa: nem pela estratigrafia, nem por se terem encontrado os diferentes tipos de placa em espólios individuais bem definidos.

As antas de Reguengos também não deram novos pontos de apoio para os problemas da cronologia relativa às placas de xisto. Surgiu, porém, um aspecto novo para a sua atribuição étnica, porquanto se distinguem, no concelho, duas fácies culturais, uma das quais não conhece o ídolo-placa.

Nas antas alentejanas, as placas de xisto vêm sempre associadas às pon-



tas de seta de retoque facial, às facas retocadas, à cerâmica do tipo eneolítico, frequentemente, também, de ornatos simbólicos e, às vezes, às alabardas de sílex. Este quadro cultural induziu o Dr. Leite de Vasconcelos a atribuí-las exclusivamente à idade de cobre <sup>(299)</sup>.

A adopção desta teoria não resolve, porém, todos os problemas ligados à posição cultural e ao aspecto artístico das placas. Há já decénios reconheceu-se que o simbolismo dos ídolos da Península Ibérica e, entre estes, também de algumas placas de xisto, poderia inserir-se nas noções de uma religião que abrangia, a partir dos fins do neolítico, várias regiões da costa do Mediterrâneo, religião que, segundo os esclarecimentos provenientes de novas investigações no Oriente, já aparece representada nos estratos mais antigos das culturas suméricas <sup>(300)</sup>.

Na Península Ibérica, o ídolo almeriense e a placa portuguesa estão ligados por várias afinidades, o que reforça a impressão de um fundo étnico comum a ambas as culturas, além das analogias na cerâmica já anteriormente mencionadas <sup>(301)</sup>. É o ídolo almeriense que melhor se insere no quadro geral dos ídolos orientais. A placa de xisto alentejana contém, além do elemento relacionado com aquele círculo cultural, outros elementos estranhos ao ídolo almeriense: em primeiro lugar um parentesco vago com as paletas pré e proto-dinásticas do Egipto; em segundo lugar a sua ornamentação geométrica, cuja origem pode ser procurada no próprio neolítico ibérico e cuja evolução tem analogias tanto no eneolítico ibérico <sup>(302)</sup>, como em culturas do oeste da Europa <sup>(303)</sup>, e, por último, a sua forma trapezoidal.

Destes elementos, as relações com o Mediterrâneo oriental são as mais óbvias e as mais fáceis de reconhecer, documentando-se, além da própria

<sup>(299)</sup> O *Arch. Port.*, XI, pág. 338.

<sup>(300)</sup> Para a bibliografia, vide pág. 122; para as fontes antigas sobre o assunto, vide Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 412.

<sup>(301)</sup> Para a distribuição dos diferentes tipos dos ídolos ibéricos, vide Leisner, *Meg. Gr.*, Ests. 178 e 179; para os fundamentos artísticos do ídolo chato em contraste com o ídolo de plástica perfeita, idem, pág. 412.

<sup>(302)</sup> Cf. a decoração das falanges de Almizaraque, Leisner, *Meg. Gr.*, Ests. 92 e 93, e a decoração de vasos da anta do Olival da Pega.

<sup>(303)</sup> Cf. a bibliografia da pág. 140, nota 257.

forma de muitos ídolos, em vários símbolos, dos quais já fizemos uma análise (pág. 121). Todo este conjunto de ideias religiosas, expressas pelas pequenas figurinhas antropomorfas, é estranho à cultura neolítica dos primeiros agricultores, o que as antas de Reguengos novamente demonstram. Nem a cultura megalítica do norte e do oeste da Europa, nem a cultura pirenaica conhecem, além de importações esporádicas, o culto do ídolo, que falta também em grande parte das regiões megalíticas de Portugal e da costa atlântica. Nas culturas danubianas, os ídolos são igualmente considerados como oriundos do Oriente. O culto do machado ou da enxó que, em épocas mais recentes, se liga ao ídolo, união essa que já L. Siret julgava reconhecer na cabeça do ídolo almeriense, por vezes afiada como o gume da enxó, poderia ter sido a base da religião dos povos agricultores neolíticos <sup>(304)</sup>.

Para a cronologia, é essencial reconhecer quando e sob que formas entraram estas novas noções religiosas. É opinião corrente que as diferenças fundamentais das placas de xisto, nomeadamente as placas de contorno recortado, as placas trapezoidais com representações de símbolos e as placas de ornamentação puramente geométrica se seguem cronologicamente no sentido de que as mais antropomorfas são as mais antigas e de que os componentes da effigie humana se tenham transformado em uma degeneração da ideia primitiva e, sob a influência do sentido estético dos povos da Península, em conjuntos decorativos. Tal processo não é alheio à arte peninsular, encontrando-se a multiplicação de formas simples na pintura rupestre, na pintura megalítica e na ornamentação de ídolos do litoral ocidental e oriental da Península <sup>(305)</sup>. No próprio corpo do ídolo se nota, às vezes, tal duplicação <sup>(306)</sup>.

Já nos «Megalithgräber» lançámos, porém, a hipótese de que os elementos da effigie da divindade pudessem ter um sentido primitivo mais profundo, ligado provavelmente a noções cósmicas <sup>(307)</sup>. Confirma tal ideia,

---

<sup>(304)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 415; cf. as enxós votivas de mármore nas culturas eneolíticas das grutas artificiais e naturais e M. Heleno, *O culto do machado*, Fig. 3.

<sup>(305)</sup> Por exemplo nas falanges das grutas de Carenque e da Bugalheira; M. Heleno, *Carenque*; Mus. Geol., ainda inédita. Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 149.

<sup>(306)</sup> Idem, Est. 3, Sep., 4, N.º 33.

<sup>(307)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, págs. 494 e 495.

além do seu conjunto estranho na pintura do dólmen da Pedra Coberta <sup>(308)</sup>, o aparecimento dos mesmos símbolos, mas soltos ou em composições não antropomorfas, nas culturas mais antigas da terra firme do Próximo Oriente <sup>(309)</sup>. A irradiação em volta dos «olhos» poderia indicar que se trata de símbolos astrais, frequentes, aliás, nas pinturas rupestres e que aparecem também na cerâmica eneolítica. Saindo destas considerações, e em vista das diferenças na técnica, nas formas e na aplicação dos símbolos sobre ídolos e cerâmica, desistimos então de lhes atribuir designações antropomorfas <sup>(310)</sup>. A antropomorfização dos símbolos poderia, em parte, ser atribuída àquele substratum dos povos que, desde o paleolítico, praticaram a arte de representação da figura humana, processo visível nas pinturas rupestres e ali documentado pela superposição de figuras mais antropomorfas sobre ídolos e signos esquemáticos <sup>(311)</sup>. Ambas as evoluções, por um lado para uma antropomorfização dos símbolos, por outro para uma dissolução dos mesmos em conjuntos geométricos, são aceitáveis. Também no Oriente há ídolos de aparência pronunciadamente humana pertencentes a épocas mais recentes. Por outro lado é possível que nós mesmos, na nossa concepção do mundo mais materialista do que místico, tivéssemos atribuído aos símbolos um sentido realista de harmonia com a sua aparência externa.

As relações com o Oriente oferecem, não somente a possibilidade de comparações tipológicas, mas também, como mais adiante veremos, de aproximações cronológicas. Não é inverosímil que o contacto se tivesse efectuado por via marítima e tivesse obedecido, menos a imigrações em maior escala do que a uma colonização que se baseava talvez na exploração da riqueza mineral. A afluência de elementos culturais e as relações com o Oriente

---

<sup>(308)</sup> Leisner, *Pedra Coberta*.

<sup>(309)</sup> Childe, *L'Orient*, págs. 215 e 216.

<sup>(310)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 490.

<sup>(311)</sup> Estas diferenças na arte da Península observam-se bem nas pinturas da Orca dos Juncões. Comparem-se as pinturas reproduzidas em Leisner, *Pedra Coberta*, já testemunhos de diferentes concepções artísticas, com a representação de duas figuras humanas sobre o fragmento de um esteio guardado no Museu Etnológico. J. Leite de Vasconcelos, *Peintures dans les dolmens de Portugal. L'Homme préhistorique*, 1907, pág. 4. Vide também Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 140, que mostra idênticas diferenças em gravuras megalíticas.

poderiam ter-se estendido por séculos, e a diversidade de ídolos ibéricos poderia resultar não só de uma evolução ininterrupta, seguindo um único impulso, mas de uma introdução contínua de tipos distintos, diferentes também quanto à sua precedência e que reflectiam em parte a evolução oriental. Tal possibilidade ainda mais complica o reconhecimento de uma evolução autónoma da Península Ibérica.

Contrariamente às relações com o Oriente, as analogias das placas de xisto com o Egipto continuam, sob vários pontos de vista, obscuras. As analogias da cultura eneolítica ibérica com o Egipto, foram, várias vezes, discutidas nos últimos anos <sup>(312)</sup>, mas desconhecem-se ainda os caminhos, por onde se efectuava, em emigrações lentas e demoradas, a transmissão do património das culturas do vale do Nilo. Com respeito à placa de xisto, nota-se que a cultura de Los Millares, que tem as afinidades mais pronunciadas com a Badariense, não é o seu foco originário, facto provado, não só pela documentação que as *tholoi* de Alcalá já forneceram, mas também pelas *tholoi* de Reguengos. Mais fundamento tem, por isso, a hipótese que insere a placa de xisto naquela comunidade cultural documentada pela cerâmica do tipo oeste-europeu e à qual se atribui a neolitização do oeste da Europa <sup>(313)</sup>. Faltando, porém, a placa de xisto no neolítico das antas e em outras culturas neolíticas da Península, é verosímil que a sua evolução, em terras europeias, se tivesse dado em uma época mais recente, da qual são documentos a ponta de seta de base triangular e convexa e as alabardas <sup>(314)</sup>, apresentando estas últimas também afinidades com as culturas pré e proto-dinásticas do Egipto. Desta época, a segunda da cultura de Almería, há uma placa de xisto lisa, em uma sepultura de fácies primitiva <sup>(315)</sup>.

Os vestígios de fricção no centro de muitas placas, sinal de que teriam tido qualquer uso prático, estabelece outra ligação com o Egipto. Na

---

<sup>(312)</sup> E. Jalhay, *O castro eneolítico de Vila Nova de S. Pedro e as suas relações com o norte africano e o Mediterrâneo oriental. Comunicação apresentada à 7.ª secção do Congresso Luso-espanhol de 1942, no Porto, Porto, 1943.*

<sup>(313)</sup> Menghin, *Runa*, pág. 174.

<sup>(314)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 2, Sep. 4, N.º 16.

<sup>(315)</sup> Análogamente ao ídolo almeriense, a placa de xisto antropomorfa está numa íntima relação com a ponta de seta de base triangular e convexa.

maior parte das placas portuguesas faltam tais vestígios, sendo, no entanto, possível que, à semelhança do rito funerário documentado pelos machados, também se escolhessem placas novas para ofertas sepulcrais.

Não há provas de que a placa de xisto rectangular, lisa ou de moldura estreita, tipo que se liga com as paletas egípcias, tivesse qualquer prioridade em relação aos outros tipos, ou de que tivesse dado origem a qualquer evolução.

Nas relações com o Egipto inclui-se, ainda, a semelhança entre as placas antropomorfas, cuja cabeça é indicada por incisões profundas, e as figurinhas protodinásticas.

Os elementos da placa de xisto, oriundos da própria terra ibérica, são a forma trapezoidal e a sua ornamentação, cujos motivos se encontram, em parte, na cerâmica das grutas e cuja geometrização corresponde à evolução de motivos semelhantes na cultura do vaso campaniforme. A existência de uma decoração idêntica sobre cerâmica do Camp de Chassey constitui outra prova da ligação deste elemento com o círculo cultural do oeste da Europa. À primeira vista torna-se enigmático que esta ornamentação tão profusa apareça num conjunto cultural que, a não ser umas reminiscências esporádicas da cerâmica incisa das grutas, não contém vasos decorados. Este facto deixa supor que a placa de xisto apenas entrou na cultura megalítica em um período, no qual a sua cerâmica já estava desenvolvida, à semelhança do que se deu com o ídolo chato na cultura de Almeria.

A inserção da placa de xisto naquele fundo étnico, que já analisámos quanto à cerâmica, obriga-nos a perguntar se a corrente que levou o simbolismo oriental já teria encontrado a base sobre a qual se desenvolveu a evolução antropomorfa. Este problema não está apenas ligado às placas lisas ou de moldura. Placas, às quais o recorte dos «ombros» se juntou posteriormente à ornamentação geométrica (Fig. 1, *g, h*) ou placas onde, também, em época posterior, o símbolo foi posto em qualquer espaço vazio (Fig. 3, *g*) poderiam provar que a placa de pura ornamentação pertencia a uma época mais antiga. Nota-se também, na placa Est. LXI, 1, o sombreado em redor dos «olhos», evidentemente renovado (<sup>316</sup>).

---

(<sup>316</sup>) Não se exclui que a placa trapezoidal de Troia seja anterior à antropomorfa de Vunus, *Bibliografia*, vide pág. 122.

A placa de xisto gravada, como já sublinhámos anteriormente, não aparece na cultura do machado cilíndrico, nem naquela fácies do neolítico com abundância de enxós, documentado pela anta do Poço da Gateira. Evidentemente não tem precursores imediatos no neolítico, aparecendo espontaneamente ao lado de várias outras inovações culturais. A sua forma, porém, afim do machado e, mais ainda, da enxó, permite inseri-la em uma evolução dentro da cultura da Europa ocidental. É provável que tivesse sido a oferta funerária em substituição simbólica do machado ou da enxó naquela época, em que se efectuou a transição do amanho da terra à enxada para a agricultura progressiva do arado. Ficaram, contudo, as noções religiosas oriundas do neolítico oeste-europeu, agora expressas pela placa de xisto. A favor de tal hipótese, levanta-se, entre outros argumentos, a união do culto do machado com a estátua-menhir.

A técnica da decoração da placa de xisto, bem como a sua associação aos objectos já citados, deixa supor que esta mudança cultural tivesse sido sincrónica daquele enriquecimento do fundo étnico da cultura megalítica visível na cerâmica de parentesco almeriense e nas afinidades da decoração das placas de xisto com a dos vasos do segundo período do Camp de Chassey. Inclínamo-nos a atribuir, à época desta mudança cultural, a transição para as formas poligonais da câmara megalítica, hipótese de que trataremos mais adiante <sup>(317)</sup>. Dentro destas relações culturais com o sudeste da Península podem, talvez, incluir-se já os primeiros impulsos do novo simbolismo que se liga às noções religiosas pré-existentes.

Em face de tais teorias, a placa de xisto de forma trapezoidal assume uma posição cultural mais antiga, podendo ser, pelo menos, sincrónica da placa antropomorfa, esta última com afinidades mais pronunciadas com os ídolos almerienses e, portanto, representante de um componente mais recente. Julgamos que não haverá uma linha evolutiva única entre os diferentes tipos da placa de xisto. Assim como, nas antas de tradição neolítica de Reguengos, o machado e a enxó se conservam como única oferta, a placa

---

<sup>(317)</sup> No sudeste da Península, o ídolo chato pertence à sepultura redonda, aparecendo apenas esporadicamente nos dólmenes de câmara rectangular e trapezoidal. Leisner, *Meg. Gr.*, págs. 413 e 414.

trapezoidal, predominante em toda a cultura megalítica do Alentejo central, documenta uma ligação mais íntima com os estratos neolíticos, sendo o novo simbolismo representado sob a forma tradicional do machado. A preponderância das placas antropomorfas na região do Tejo corresponderia ao facto de as novas ideias terem entrado seguindo o curso do rio.

Algumas placas acentuadamente antropomorfas, que mais se afastam das noções religiosas do neolítico, bem poderiam provar relações directas com o Oriente. Pertencem a este grupo as placas já muitas vezes citadas de Idanha-a-Nova e outras que, do mesmo modo, se assemelham a formas próprias do Mediterrâneo oriental. Em todo o caso, estes tipos, como prova a cronologia absoluta, são para considerar como formas tardias.

#### GRUPO 4

##### *Báculos de xisto* (Est. XXXVI)

Os problemas ligados às placas de xisto recurvadas, chamadas «báculos», são os mesmos que os apontados ao tratarmos das placas antropomorfas e trapezoidais. Neste caso, porém, pontos de contacto com as civilizações orientais e africanas são raros e ainda mais difíceis de definir.

A zona de divulgação dos báculos de xisto é a mesma da das placas e como foram, em alguns casos, achados nas mesmas antas que as placas antropomorfas, o que acontece na anta da Marquesa, na de Brissos e também na gruta da Galinha, pode concluir-se que a sua posição cronológica é em parte igual àquelas.

No concelho de Reguengos encontraram-se cinco exemplares inteiros ou reconstituíveis e dez fragmentos, cinco dos quais (N.<sup>os</sup> 6, 7, 8, 12 e 15) pertencem, com certeza, a báculos, admitindo-se, como provável, a mesma procedência para os restantes. O tamanho destes báculos varia consideravelmente: ao lado de uma peça de tamanho invulgar (N.<sup>o</sup> 2), talvez a maior até hoje encontrada, há dois báculos pequeníssimos (N.<sup>os</sup> 4 e 5), ambos com orifício para serem pendurados. Estes últimos constituem também uma novidade e podem inserir-se, talvez, numa evolução idêntica à dos machados, que vai dos instrumentos maiores até aos machadinhos votivos.

Com excepção do báculo N.º 5, todos são gravados, tendo os números 8 e 10 a superfície desfolhada. A decoração dos báculos maiores de Reguengos é quase sempre a mesma: ao longo do bordo exterior estende-se uma fila de dentes de lobo; seguem-se, para o interior, ora três, ora quatro faixas paralelas (<sup>318</sup>).

No báculo N.º 1 o punho é liso, separado da parte superior por uma faixa horizontal tripartida, com ornamento de espinha. Tal divisão ornamental do báculo ocorre várias vezes (<sup>319</sup>). O pequeno báculo N.º 3 é apenas decorado com faixas horizontais paralelas de dentes de lobo, ficando lisos a parte superior e o punho; o báculo N.º 4 tem a mesma decoração, com duas faixas horizontais no punho e triângulos deitados na parte superior. Esta ornamentação, só com dentes de lobo, é frequente na região, onde, como anteriormente descrevemos, abundam as placas de contorno recortado (<sup>320</sup>), tendo-se encontrado, em alguns casos, junto delas.

A curvatura dos báculos de Reguengos apresenta variantes, desde a forma mais aberta (N.ºs 1 e 5), até à curva quase semicircular do N.º 2. Estas diferenças de curvatura serviram ao Prof. Dr. M. Heleno para estabelecer uma classificação cronológica (<sup>321</sup>). Baseando-se nos fragmentos de um báculo de forma pronunciadamente angular (<sup>322</sup>) da gruta da Galinha e interpretando este exemplar como a representação mais típica do machado encabado, o Prof. Heleno estabelece uma evolução que chega, através de tipos intermediários, até às formas de curvatura pronunciada.

A favor desta teoria há vários factos. O culto da enxó, cujas raízes no neolítico já mencionámos, está provado, nas culturas eneolíticas litorais,

---

(<sup>318</sup>) Báculos de ornamentação idêntica: Casa da Moura, Mus. Geol.; Herdade da Torre, Algarve, Anta de Brissos, Dólmen de cúpula de Vale de Rodrigo, todos no Mus. Etn.; Anta da Lobeira de Baixo, *Ethnos*, II, pág. 464, Fig. 7; Anta da Comenda da Igreja, Mus. Etn., N.º 7.606.

(<sup>319</sup>) *Ethnos*, II, pág. 464, Figs. 6 e 7; Anta da Comenda da Igreja, Mus. Etn., N.º 7.607 e 7.608.

(<sup>320</sup>) Anta da Marquesa, Marvão; Anta do Cabeço, Castelo de Vide; Anta do Poço Novo, Elvas; Anta da Alcarapinha.

(<sup>321</sup>) *Ethnos*, II, pág. 461.

(<sup>322</sup>) *Idem*, pág. 462, Fig. 1.



pelas enxós votivas de mármore. Anàlogamente às diferenças artísticas entre o ídolo plástico destas culturas e a placa chata de xisto, ambos portadores do mesmo simbolismo religioso, a efígie da enxó encabada poderia ter sido sujeita a uma transformação idêntica. A faixa horizontal por cima do punho lembra o processo de ligação usado em enxós neolíticas da Europa e do Egipto. A esta representação ornamental de uma ligação de cordões corresponde, em alguns exemplares das enxós de mármore, uma chanfradura do cabo, no lado oposto ao gume, destinada talvez a segurar a corda <sup>(323)</sup>. Há dois báculos, o da anta da Estria, e um pequeno báculo votivo da anta da Alcarapinha, de perfil semelhante <sup>(324)</sup>.

Duas circunstâncias, porém, levam-nos a hesitar em aceitar, sem reserva, a teoria de tal evolução. Primeiramente parece estranho que, entre mais de 40 báculos já encontrados, o protótipo desta evolução esteja apenas documentado por um único exemplar. Além disso, pela falta de uma publicação da Gruta da Galinha, carecemos de dados certos sobre a relação deste báculo com os demais objectos do espólio. Ainda que, como o Prof. Heleno já frisava, a presença de placas antropomorfas pudesse sugerir uma posição cronológica antiga, o certo é que se encontraram placas antropomorfas idênticas, também por exemplo, na anta da Marquesa e na de Brissos, ao lado de báculos de forma mais recurvada. Em segundo lugar, a ornamentação frequente da parte superior dos báculos, que é a que tem a fila de dentes de lobo no bordo, não apresenta qualquer ligação com o machado encabado. Mesmo admitindo uma degeneração do sentido original, a frequência deste tipo de decoração constitui ainda um enigma.

Visto que se encontram pontos de contacto entre as placas portuguesas e paletas egípcias, é natural reportarmo-nos, também no caso dos báculos, ao Egipto pré-dinástico, procurando aí, no seu património comum ao neolítico ocste-europeu, bases para a explicação da forma daqueles, embora apenas em uma paleta da época protodinástica, chamada «paleta da caça aos leões», se vejam guerreiros, que empunham na mão direita uma arma semelhante

---

<sup>(323)</sup> Sepultura de S. Martinho, Mus. Etn., N.º 10.709. Vide, para o Egipto: W. M. Flinders Petrie, *Tools and Weapons*, 1917, Est. 19, 2, 2.

<sup>(324)</sup> Mus. Geol.; Col. Agostinho, Coimbra.

aos bâculos de xisto (<sup>325</sup>). Em vários casos, a separação da ponta do cabo lembra mais uma alabarda ou uma maça piriforme; em três casos, porém, o desenho reproduz exactamente a forma do bâculo recurvado. Na citada paleta, os guerreiros empunham, entre outras armas, também o machado duplo. Como esta arma é estranha à cultura egípcia e porque, em nenhum caso, se encontrou, no Egipto, um objecto correspondente ao desenho do bâculo recurvado, teremos de procurar analogias em outras partes do Oriente, embora a documentação, aí, seja também escassa. Pode citar-se uma estela de Ras Shamra-Ugarit (<sup>326</sup>), sobre a qual um sacrificador, diante da divindade, segura, na mão direita, um bâculo curto com a ponta recurvada, semelhante na forma aos nossos bâculos. Um cretense, oferecendo presentes ao rei do Egipto, apresenta-se com um objecto idêntico (<sup>327</sup>). Em ambos estes casos, parece tratar-se de uma insígnia ritual. Estas analogias são poucas para delas se tirarem quaisquer conclusões. A comparação com o *bumerang*, arma documentada na cultura badariense (<sup>328</sup>), também não é convincente, mas registamos estas analogias apenas para futuras investigações. Com os nossos conhecimentos actuais, a explicação do bâculo como representação do machado parece a mais bem fundamentada, tanto mais que se coaduna com a explicação que demos, nas páginas anteriores, para a origem da placa de xisto trapezoidal.

---

(<sup>325</sup>) Vide *Catalogue do British Museum*..

(<sup>326</sup>) F. A. Claude Schaeffer, *La huitième campagne de fouilles a Ras Shamra-Ugarit. Rapport Sommaire ... Extrait de la Revue Syria*, 1937 Paris, 1937, pág. 129, Fig. 1.

(<sup>327</sup>) Contenau, *Civilisation*, pág. 153, Fig. 36.

(<sup>328</sup>) G. Brunton e G. C. Thompson, *The Badarian Civil. Est. XXV, 1*. O *bumerang*, como objecto de culto, aparece sobre uma estela de Lagundo, Alto Adige. Laviosa Zambotti, *Origini e diffusione della Civiltà*, Milano, 1947. Est. 116, 3.

2. ÍDOLO DE XISTO (Est. XXIII, 76)

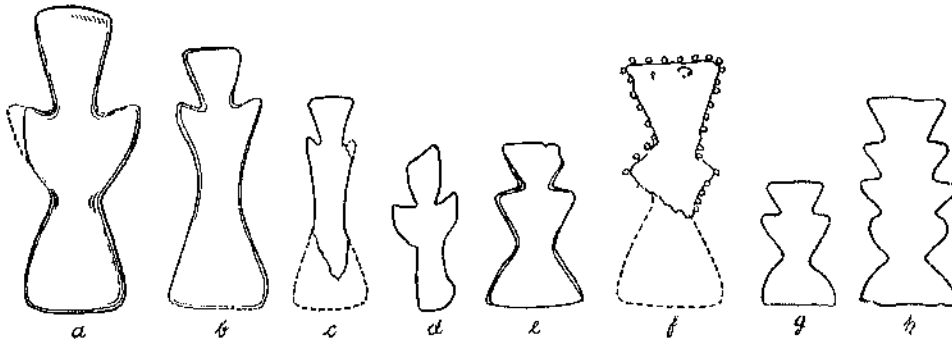


Fig. 6 a Llano de la Media Legoa; b Anta Grande do Olival da Pega; c Anta do Monte Abraão; d Pintura rupestre, Sierra Morena; e Los Millares 8; f-h Pinturas megalíticas (Dolmen da Pedra Coberta, Anta da Pedralta)

Escala N.ºs a-c e e 1:3

Uma peça, até hoje única em antas portuguesas, é um pequeno ídolo igual aos ídolos almerienses <sup>(329)</sup>. É feito de xisto brando de cor verde-azulado claro, o mesmo material empregado em algumas placas de ornamentação mais rara (pág. 115).

Os ídolos almerienses não aparecem nas *tholoi* de Los Millares, mas sobretudo nas sepulturas redondas, sem ou com corredor, da cultura de Almeria. Há também exemplares esporádicos em dólmenes do sudeste da Península. Um silo da Andaluzia deu também um exemplar. O ídolo da anta do Olival da Pega, no seu tipo geral, insere-se no terceiro grupo da classificação que propusemos para os ídolos almerienses <sup>(330)</sup>. Tem, porém, um feitio um pouco diferente: o corpo é mais alongado e a cabeça mais pequena, sendo o ídolo da sepultura 1 del Llano de la Media Legoa (a) comparável a esta forma.

<sup>(329)</sup> Como já mencionámos, encontrou-se, em recentes escavações em dólmenes da província de Huelva, uma dúzia de ídolos do mesmo tipo, o que alarga consideravelmente os problemas da sua divulgação na cultura megalítica ocidental.

<sup>(330)</sup> Para as generalidades e os exemplares aqui citados, vide: Leisner, *Meg. Gr.*, páginas 412 e segs., e as estampas 2-5, 24, 34, 37 e 47.

### ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

A cabeça curta, rara no sudeste, encontra-se num ídolo de um espólio mais arcaico e de outro proveniente de uma sepultura megalítica de Los Millares (*e*); o corpo alongado é semelhante ao pequeno ídolo de osso da anta do Monte Abraão (*c*). Juntamos para a comparação mais uns exemplares da pintura rupestre (*d*) e da pintura megalítica (*f-g*).

Tal como na anta do Olival, este tipo aparece associado, no sudeste, a objectos da época eneolítica, como a ponta de seta de retoque facial e a cabeça de alfinete com sulcos horizontais, encontrando-se algumas vezes, porém, já em espólios de fácies cultural mais arcaica.

As relações do ídolo almeriense com a placa de xisto portuguesa já foram discutidas (pág. 129), assim como alguns problemas do seu aparecimento na cultura megalítica ocidental (pág. 82). Prorrogamos as conclusões sobre o assunto, até que tenhamos estudado os ídolos de Huelva e os espólios associados a eles.

#### 3. DISCOS DE XISTO (Est. XI, 75, XVI, 46)

Encontraram-se dois exemplares, ambos de trabalho grosseiro. O mais pequeno, de forma circular, estava nas terras do *tumulus*, junto aos esteios do corredor da anta 2 da Comenda; o segundo, ainda mais defeituoso na forma e na técnica, provém da *tholos* da Farisoa. A sua posição cultural está bem definida no sudeste, onde apareceram, em *tholoi*, dois exemplares, absolutamente iguais ao da Comenda<sup>(331)</sup>. Como demonstram os achados em Reguengos, este elemento cultural pertence à cultura das *tholoi*.

---

<sup>(331)</sup> Los Arejos 2, Los Millares 14, Leisner, *Meg. Gr.* Est. 28, Sep. 2, N.º 1; Est. 15, Sep. 1, N.º 1.

## V. INDÚSTRIA ÓSSEA

No concelho de Reguengos faltam, por completo, objectos de osso nas antas do neolítico puro ou avançado, sendo igualmente escassos na maior parte das antas do Alentejo central, onde aparecem apenas em algumas das grandes antas que continham cerâmica comparável à da anta do Olival da Pega, faltando nas da região de Pavia <sup>(332)</sup>.

## 1. CABEÇAS DE ALFINETE

Todos os exemplares encontrados no concelho de Reguengos provêm da anta do Olival da Pega, que deu três cabeças postiças com sulcos horizontais, percorrendo a cabeça em espiral. A peça maior, que é grosseira e cuja ornamentação consta de incisões curtas interrompidas (Est. XXIII, 63), é tão semelhante a um exemplar da anta da Capela <sup>(333)</sup>, como se tivessem sido feitos pelo mesmo punho. Os fragmentos de mais duas cabeças da anta do Olival da Pega (Est. XXIII, 64, 65) são de trabalho finíssimo, comparáveis a uma peça da sepultura algarvia de Nora, assim como a exemplares das grutas artificiais de Alapraia e Palmela <sup>(334)</sup>.

De harmonia com a sua posição cronológica no sudeste da Península <sup>(335)</sup>, a cabeça de alfinete com sulcos horizontais pertence, também em Portugal, exclusivamente ao eneolítico. O seu número, desde o estudo que L. Chitty dedicou a estes objectos <sup>(336)</sup>, aumentou consideravelmente, sobretudo após as escavações efectuadas no litoral ocidental. Embora sejam muito raras em antas, nas quais apareceram, até hoje, em número de seis, já se conhecem, con-

---

<sup>(332)</sup> É de notar que a conservação dos objectos de osso depende também das condições geológicas do subsolo.

<sup>(333)</sup> Mus. Etn. N.º 13.046.

<sup>(334)</sup> Jalhay e Paço, *Alapraia*, II, pág. 17 e; Mus. Etn., *Col. Marques da Costa*, N.º 20.767.

<sup>(335)</sup> *Meg. Gr.*, págs. 451 e segs.

<sup>(336)</sup> L. F. Chitty, *Notes on iberian affinities of a bone object found in County Galway*. *Journ. of the Galway Arch. and Hist. Soc.* 16, 1935, pág. 125.

tudo, 22 exemplares de grutas naturais, 5 de grutas artificiais e 4 de castros e povoações<sup>(337)</sup>.

A cabeça de alfinete com sulcos horizontais não se encontra nas sepulturas de Los Millares e nas regiões dolménicas influenciadas pela sua cultura. Em Portugal, está em ligação mais íntima com as culturas da ponta de seta de base triangular e das alabardas de sílex, o que é provado pela sua abundância nas grutas naturais. Vila Nova de S. Pedro apenas deu dois exemplares bastante grosseiros. A peça de Galway, várias vezes citada em estudos de cronologia relativa entre as culturas eneolíticas da Grã-Bretanha e de Portugal<sup>(338)</sup>, assemelha-se a estas cabeças grosseiras apenas com poucos sulcos. Embora o estudo da cronologia relativa das diferentes formas da cabeça de alfinete ainda não esteja feito, o aparecimento da cabeça com sulcos finos espiraliformes, ao lado do vaso campaniforme no seu auge, poderia dar a esta forma uma posição cronológica mais antiga, visto que se encontra, também no sudeste, em sepulturas do mesmo período ou ainda de fácies mais primitiva<sup>(339)</sup>, ao passo que os exemplares com poucos sulcos se encontra-

(<sup>337</sup>) *Antas*: Anta da Capela, Sep. megalítica de Nora, Mus. Etn. N.º 13.036 e 13.046, Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 160, N.º 15; Anta do Monte Abraão, Mus. Geol.

*Grutas naturais*: Gruta da Galinha (1), Mus. Etn. N.º 6.844; Cabeço da Ministra (4), Col. *Natividade*, Alcobça; Cova da Moura (5), Mus. Torres Vedras; Lapa Furada (2); Casa da Moura (3); Gruta da Furninha (3); Gruta da Bugalheira (2); Grutas de Cascais (2), todas no Mus. Geol.

*Grutas artificiais*: Palmela, Gruta 4 (1), Mus. Geol.; Palmela, Gruta 3 (1), Mus. Etn.; Aljezur (1), Mus. Etn.; Alapraia II (2), Mus. Cascais.

*Castros e povoações*: Vila Nova de S. Pedro (2), Mus. do Carmo; S. Mamede de Obidos (1), Mus. Etn.; Carenque (1), Mus. Etn.

*Cabeças de alfinete lisas* — *Antas*, vide pág. 143, nota 341. *Grutas naturais*: Cabeço da Ministra (3), Col. *Natividade*, Alcobça; Cova da Moura (4), Mus. Torres Vedras; Gruta da Furninha (1); Casa da Moura (2), as últimas no Mus. Geol. *Grutas artificiais*: Aljezur (2), Mus. Etn.; Palmela, Gruta 3 (2), uma no Mus. Etn. e a outra no Mus. Geol. *Tholoi*: *Tholos* do Barro (1), Mus. Etn.; *Tholos* do Cabeço de Arruda (1), Mus. Torres Vedras. *Povoações*: Carenque (2), Mus. Etn.

(<sup>338</sup>) Stuart Piggott, *Relações entre Portugal e as ilhas britânicas nos começos da idade do bronze*. *Rev. de Guimarães*. Vol. LVII, N.ºs 3-4, 1947, pág. 149, nota 1. G. E. Daniel e T. G. E. Powell, *The distribution*, pág. 185.

(<sup>339</sup>) Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 450, Est. 4, Sep. 2; 30, Sep. 1; 46, Sep. A 10, 11; 47, Sep. A 1.

ram, tal como em Vila Nova de S. Pedro, também em sepulturas de fácies mais avançada e ainda num espólio argárico <sup>(340)</sup>. Em todo o caso, não parece admissível tirar do exemplar de Galway quaisquer conclusões acerca da data da cultura eneolítica costeira de Portugal.

No concelho de Reguengos, a cabeça de alfinete pertence aos objectos que provam a ligação cultural com o litoral ocidental.

A cabeça de alfinete lisa, documentada também na anta do Olival da Pega (Est. XXIII, 66), tem, em Portugal, a mesma área de divulgação que a cabeça de sulcos horizontais. Saíram três exemplares, também postiços, de antas <sup>(341)</sup>, havendo ainda 2 exemplares em *tholoi*, 10 em grutas naturais, 4 em grutas artificiais e 2 numa povoação <sup>(342)</sup>. É de notar que este tipo aparece, no sudeste, também na cultura de Los Millares <sup>(343)</sup>.

## 2. FRAGMENTOS DE ALFINETES

Não só na anta do Olival da Pega, mas em quase todas as antas eneolíticas do concelho, se encontraram fragmentos de objectos de osso em forma de pauzinhos cilíndricos, lisos e bem polidos, terminando alguns deles em ponta aguçada (Ests. XXIII, 111-116; XIX, 33-37; XV, 19 a; XVI, 12-15). São de osso massiço e têm de diâmetro 3-6 mm. Os mais finos poderiam ter sido hastes de alfinetes, tanto mais que aparecem em antas e em sepulturas que continham cabeças postiças <sup>(344)</sup>.

Não se exclui, porém, a hipótese de que outros tivessem servido para uso diferente, talvez para a pintura do rosto, tendo-se encontrado peças com-

<sup>(340)</sup> *Meg. Gr.*, Est. 48, N.º 6.

<sup>(341)</sup> Anta grande da Ordem, Anta da Capela, Mus. Etn. N.ºs 12.995 e 13.036 C. Anta do Cabeço dos Moinhos, Mus. Figueira da Foz.

<sup>(342)</sup> Vide pág. 142, nota 337.

<sup>(343)</sup> *Meg. Gr.*, pág. 453.

<sup>(344)</sup> Anta da Capela, Gruta da Alapraia, Tholos do Cabeço da Arruda, Anta do Cabeço dos Moinhos, Mus. Etn., Mus. Cascais, Mus. Torres Vedras e Mus. Figueira da Foz. Da Gruta da Lapa Furada há, no Museu Geológico, um alfinete de 18 cm. de comprimento e 5 mm. de diâmetro, totalmente conservado.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

pridas, completamente acabadas, sem cabeça, em sepulturas de Los Millares (<sup>345</sup>). Em outras sepulturas apareceram esses mesmos objectos trabalhados em pedra xistosa (<sup>346</sup>). No sul da Península, este ramo da indústria óssea pertence exclusivamente ao eneolítico (<sup>347</sup>).

### 3. ESPÁTULAS

A anta do Olival da Pega deu 4 fragmentos espatuliformes (Est. XXIII, 71, 73), todos fracturados na base, o que indica que eram munidos de uma haste. Peças iguais, algumas delas com uma haste comprida, encontraram-se várias vezes, por exemplo na Casa da Moura, associadas aos alfinetes de cabeça postiça, o que leva a supor que tivessem também servido para adorno (<sup>348</sup>). E. Jalhay, porém, admitia que as espátulas encontradas em Vila Nova de S. Pedro teriam tido uso prático (<sup>349</sup>).

### 4. CABOS DE PUNÇÕES DE COBRE

Está bem definido o fim prático de pedaços de osso perfurados (Est. XXIII, 69, 70), idênticos às peças encontradas em várias sepulturas e estações da época do bronze inicial (<sup>350</sup>), visto que em Vila Nova de S. Pedro se encontrou um destes ossos ainda com a punção de cobre por dentro. O seu aparecimento na anta do Olival da Pega permite supor que esta anta também continha instrumentos de cobre.

---

(<sup>345</sup>) Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 9, N.º 7-10; Est. 10, Sep. 2, N.º 5.

(<sup>346</sup>) Anta do Rio Torto, Mus. Etn. N.º 9.302; Sepultura de El Minguillo, Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 53, N.º 52.

(<sup>347</sup>) Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 450.

(<sup>348</sup>) Grutas de Cascais, A. do Paço, *Cascais*, Est. XX, h; Dólmen do Cabeço dos Moínhos, Mus. Figueira da Foz; Casa da Moura, Mus. Geol.; Castro da Rotura e Castro de Oribannes, Mus. Etn., Alcalá, Sep. 2, *Leisner, Meg. Gr.* Est. 78, Sep. 1, N.º 10 e 11; para o sudeste, vide: Leisner, *Meg. Gr.*, págs. 423 e 471.

(<sup>349</sup>) *Vila Nova de S. Pedro, Brotéria*, XXXIV, Fasc. 6, 1942, pág. 13.

(<sup>350</sup>) *Vila Nova de S. Pedro*, Madrid, pág. 26; S. Mamede de Óbidos, Mus. Etn.; Los Millares, Leisner *Meg. Gr.*, pág. 453, Est. 9, N.º 23.



5. ESCULTURAS ZOOMORFAS

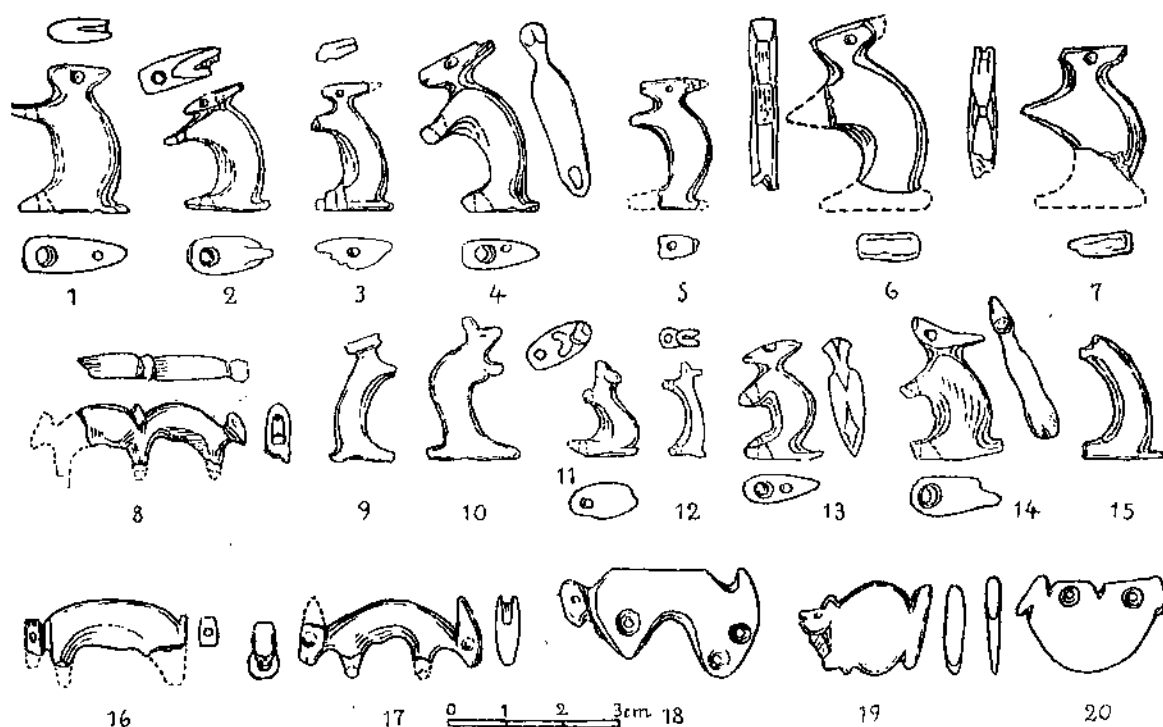


Fig. 7 1-3 e 11: Cova da Moura; 4, 5 e 15-17: Cabeço da Arruda; 6 e 7: Anta grande do Olival da Pega; 8, 13 e 14: Grutas de Cascais; 9: Gruta da Carrasca; 12: Anta grande da Comenda da Igreja; 118: Portalegre; 19: Gruta da Galinha; 20: Região de Elvas

Dois fragmentos de esculturas zoomorfas em chapas de osso, provenientes da anta do Olival da Pega (Est. XXIII, 67, 68) podem juntar-se a uma série de pequenas ofertas funerárias reunidas na gravura Fig. 7. Todas representam coelhos. Até há dois decénios, tais esculturas eram desconhecidas, mas, nos últimos anos, saíu maior número delas de sepulturas de diferentes tipos no litoral ocidental de Portugal, e, comparando com exemplares inteiros, puderam ser identificados vários fragmentos provenientes de escavações antigas. A homogeneidade da representação faz supor que a escolha daquele animal obedeceu a qualquer prescrição religiosa e não deve pôr-se de parte a sua ligação com a noção da fertilidade. Até hoje conhecem-se: dez exemplares de grutas naturais (N.<sup>os</sup> 1-3, 8, 9, 11, 13, 14 e 18), seis de uma *tholos*

N.º 4, 5, 15-17) e um de uma gruta artificial (N.º 10). Em sepulturas megalíticas tais esculturas são raras; além das peças da anta do Olival da Pega (N.º 6 e 7), há notícias de algumas, ainda por publicar, provenientes do dólmen das Conchadas, Trigache, Odivelas, perto de Lisboa <sup>(351)</sup>. Duas pequenas esculturas em calaíte e malaquite, N.º 11 proveniente da Cova da Moura e N.º 12 da anta da Comenda da Igreja, apresentam o mesmo tipo em tamanho menor. Nas regiões dolménicas do Alto Alentejo encontraram-se, sem proveniência certa, mais duas esculturas semelhantes; a do N.º 18, de Portalegre <sup>(352)</sup>, que representa evidentemente o mesmo animal, é muito mais esquemática, ao passo que o N.º 20, da região de Elvas, mal se inclui nesta série, lembrando as paletas egípcias com cabeças de ave <sup>(353)</sup>.

Em quase todos os exemplares, as pernas têm perfurações cónicas no sentido horizontal. Poucas vezes este orifício é bicónico (N.º 17) ou quase cilíndrico. No coelho da anta do Olival da Pega (N.º 7) o pé dianteiro existente não tem perfuração, provavelmente por ser a chapa de osso demasiadamente delgada. A configuração do pé trazeiro, formando com o rabo uma base, faz pensar que o coelho se representava em atitude erecta, embora a perfuração das pernas indique que tivesse servido para pendurar. Em seis exemplares há, nesta base, uma pequena concavidade redonda, talvez como indicação do sexo feminino. Outro exemplar, das grutas de Cascais, sem esta concavidade, tem o sexo masculino ligeiramente representado. As peças mais estranhas são o N.º 17 do Cabeço da Arruda, e outro semelhante das grutas de Cascais (N.º 8). Na primeira delas, o animal tem um só dorso, com uma cabeça em cada extremo, mas apenas dois pares de pernas. Na peça de Cascais, porém, a duplicidade é ainda mais acentuada, estando dois animais reu-

---

<sup>(351)</sup> *Grutas naturais*: Grutas de Cascais (3), Mus. Cascais; Cova da Moura (4), Mus. Torres Vedras; Gruta da Carrasca (1), Col. Belo. Maxial; Casa da Moura (1), Mus. Geol.; Gruta da Galinha (1), Mus. Etn. *Gruta artificial*: de Carenque (1), Mus. Etn.; *Tholos* do Cabeço da Arruda (6, além das peças reproduzidas mais um fragmento), Mus. Torres Vedras; *Bibliografia*: M. Heleno, *Carenque*; idem, *Ethnos*, I; Abreu Nunes, *Las grutas de Cascais y los nuevos hallazgos. Crónica del I Congreso Nacional de Arqueología*, Almería, 1949, pág. 85, Est. XIII.

<sup>(352)</sup> Mus. Etn. N.º 8.086 bis.

<sup>(353)</sup> Mus. Elvas.

nidos num único par de pernas trazeiras. Vêem-se também, neste exemplar, restos de orifícios nas fracturas.

Fora de Portugal não encontrámos analogias com estas pequenas esculturas. Embora sejam frequentes no Egipto as representações zoomorfas, a lebre e o coelho raramente se encontram entre elas, não sendo de modo algum o exclusivismo tão acentuado como no litoral português.

*Ídolo-Falange.* Uma falange animal, com vestígios de ter sido aperfeiçoada, apareceu na anta do Olival da Pega (Est. LXII, 5). É análoga a muitos ídolos deste tipo encontrados em sepulturas da cultura de Los Millares.

#### 6. FRAGMENTOS CRANEANOS CORTADOS EM FORMA DE DISCO

(Est. LXII, 6, 7)

Encontraram-se na anta do Olival da Pega (vide pág. 240). Embora não se possa afirmar que fossem resíduos de trepanação, tal hipótese não é absolutamente para rejeitar.

### VI. OBJECTOS DE ADORNO

Todas as espécies de objectos de adorno pessoal, destinados a formarem colares, aparecem, nas antas de Reguengos, exclusivamente em espólios eneolíticos, confirmando a opinião de L. Siret de que o costume de adornar o pescoço não era próprio dos povos neolíticos portadores dos braceletes de concha <sup>(354)</sup>. Aparecendo, porém, as pequenas contas de colar já nas grutas neolíticas do sul da Espanha, ali associadas às primeiras pontas de seta de base côncava, poderia talvez incluir-se o uso de colares nas mais antigas relações com a África, cujos povos, já desde os estratos neolíticos mais antigos, gostavam destes adornos <sup>(355)</sup>.

<sup>(354)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 475.

<sup>(355)</sup> G. Brunton e G. C. Thompson, *The badarian civil*, pág. 40.

1. *Contas pequenas.* A maior parte das contas encontradas nas antas de Reguengos consta de xisto azul, matéria-prima das placas de xisto gravadas; mas há também muitas de xisto verde-azulado claro que, na sua decomposição, se cobrem de uma camada branca, dando a impressão de serem contas de calcáreo. Destas pequenas contas em forma de disco, de espessura e tamanho variáveis, de pequenos cilindros e bicones achatados, apareceram quase mil na anta do Olival da Pega. No relatório do espólio desta anta (pág. 240) fizemos uma descrição pormenorizada das suas formas, da frequência dos diferentes tipos e da ligação destes com o material, o que nos dispensa de uma repetição, porquanto as pequenas contas das outras antas eneolíticas são absolutamente dos mesmos tipos e do mesmo fabrico.

Em alguns casos, o aparecimento destas contas em antas já completamente remexidas definiu a época eneolítica. Por outro lado, a sua falta absoluta em espólios bastante ricos, como por exemplo na anta 1 das Vidigueiras e em mais antas desta fácies, constituiu um dos argumentos mais convincentes de estarmos perante a indústria do povo neolítico do próprio país, sendo também possível, atendendo à sua falta, ligar antas de espólio menos completo com o grupo neolítico, visto que estas pequenas contas sempre escapam aos rebuscadores.

2. *Contas maiores de xisto verde-azulado claro* apareceram em várias antas (Est. XIX, 39-42; Est. XXIII, 97; Est. XXXIII, 13-16; Est. XXXV, 7, e na anta N.º 106). São de forma de azeitona ou bicónica, muito bem trabalhadas e polidas.

*Contas de calaíte* são raríssimas no concelho, tendo-se apenas encontrado duas, de tamanho médio, na anta 2 da Comenda (Est. XI, 66, 67), além de um pequeno objecto chato, com perfuração central, na anta 1 do Passo (Est. XIX, 45).

*Contas de quartzo.* A anta do Olival da Pega deu uma conta esférica de quartzo levemente esverdeado e outra em forma de berloque (Est. XXIII, 91 e 92). A primeira, de trabalho primoroso, conserva, na perfuração, restos de uma substância de cor vermelho-vivo, que parece ser cinabre <sup>(356)</sup>.

---

<sup>(356)</sup> Resíduos iguais estão pegados a um pequeno torrão da anta 2 da Comenda. Sobre o uso e a proveniência do cinabre no eneolítico, vide Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 331.

*Conta de azeviche.* A metade de uma conta de azeviche, proveniente da anta 1 do Passo (Est. XIX, 38), indica uma forma igual à de muitas contas desta substância encontradas no litoral ocidental, por exemplo na Cova da Moura <sup>(357)</sup>.

3. *Berloques.* As pequenas chapas de xisto verde-azulado claro da anta 1 do Passo e do *tumulus* de Jeromigo (Ests. XXXVI, 17; XXXIX, 8) são gravadas com os mesmos padrões que as placas de xisto. A anta 1 da Farisoa continha o fragmento de um objecto semelhante, da mesma matéria, mas liso (Est. XV, 18). Na anta do Olival da Pega encontrou-se um pequeno berloque em forma de triângulo alongado com o vértice por baixo (Est. XXIII, 102), tipo muito divulgado em todas as sepulturas do litoral ocidental e frequente também em antas. É de admitir que os pequenos báculos de xisto com orifício (Est. XXXVI, 3 e 4) tivessem andado pendurados no pescoço, e podem também incluir-se no grupo dos adornos deste género algumas das pequenas esculturas zoomorfas, das quais tratámos no capítulo da indústria óssea (Fig. 7).

## VII. OBJECTOS DE METAL

Nas antas da região do Guadiana, bem como em toda a cultura megalítica portuguesa, são raríssimos os objectos de metal, o que naturalmente se deve também ao facto de terem sido da preferência dos pilhadores <sup>(358)</sup>. No concelho de Reguengos, a única peça é a ponta de seta, com espigão e farpas, encontrada na anta 2 dos Gorginos (Est. V, 8). É de trabalho perfeito; o

---

<sup>(357)</sup> Mus. Torres Vedras.

<sup>(358)</sup> São de notar: Dólmen de Barrocal, Vila Fernando: uma pequena e delgada ponta foliiforme de cobre que foi encontrada por nós mesmos, na superfície da câmara e entregue ao Sr. Agostinho, Col. *Agostinho*, Coimbra. Vide Abel Viana, *Arqueol. de Elvas*, pág. 8; Anta do Outeiro dos Bentinhos, concelho de Moura: um pequeno punhal de cobre, Mus. Moura; Anta da Torre das Arcas, Elvas: Ponta de cobre do tipo de Palmela, Mus. do Carmo (cf. pág. 10, nota 5).

espigão é de secção quadrangular e a folha aumenta um pouco de espessura no meio, pelo que lembra as armas de aresta central encontradas na sepultura 3 de Alcalá e em sepulturas da necrópole de Los Millares <sup>(359)</sup>.

Deste tipo não existem analogias em sepulturas portuguesas, havendo, porém, alguns exemplares iguais no Castro de Pragança e no de Vila Nova de S. Pedro <sup>(360)</sup>; castros que perduram até à segunda fase da época do bronze. No sudeste, uma ponta de seta de forma semelhante encontrada num espólio argárico, junto de um punhal metálico munido de orifícios para rebites, confirma, quanto a este tipo, uma posição cronológica bastante avançada <sup>(361)</sup>.

A posição do achado na anta dos Gorginos, na camada superior do corredor e sem contacto com os outros objectos do espólio que estavam no chão, não permite qualquer conclusão acerca da cronologia da própria anta, cuja construção é, com certeza, anterior (cf. pág. 41).

O aparecimento de ossos perfurados, como os que serviam para encabar punções de cobre, prova que havia objectos metálicos na anta do Olival da Pega (cf. pág. 240).

## VIII. DIVERSOS OBJECTOS DE PEDRA

Provenientes de antas de espólio de transição e do eneolítico são ainda notáveis os seguintes objectos:

1. *Um vaso de pedra de calcáreo finíssimo, talvez alabastro.*

Três pequenos fragmentos fragilíssimos, encontrados na anta do Olival da Pega, pertencem ao fundo e à parte inferior da parede de um pequeno

<sup>(359)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 78; Est. 14, Sep. 2, N.º 1.

<sup>(360)</sup> Mus. Etn., Mus. do Carmo; *Vila Nova de S. Pedro, Brotéria*, Vol. XXVIII, Fascículo 6; Vol. XXIX, Fac. 4 e 5, 1939, Fig. 28; Madrid, pág. 90.

<sup>(361)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 50, Sep. A 8, N.º 1.

Falta ainda uma análise química para verificar se a ponta da anta dos Gorginos é de cobre ou de bronze. O mesmo tipo apareceu na Cueva San Mulet, Mallorca, também num espólio argárico (Mus. de Palma), e havia um exemplar semelhante na Cueva Fonta (Mus. Barcelona, *Bibliografia*, vide pág. 101, nota 217).

vaso, cuja base plana tem 3 cm. de diâmetro. Revela analogias, já citadas ao tratarmos da indústria cerâmica e do sílex, com as culturas meridionais das sepulturas de cúpula.

## 2. *Trituradores:*

Na anta 1 da Farisoa encontrou-se uma pedra oval, de base plana e polida, revelando vestígios de uso aí e também em uma das extremidades (Est. XV, 19). Uma pedra igual, um pouco mais pequena, saiu da anta do Olival da Pega, a qual tem vestígios de cor vermelha no plano que servia para triturar. Nesta anta havia mais uma metade de um calhau vermelho, com a base plana, que parece ter sido trabalhado para o mesmo fim.

## 3. *Esferas de pedra:*

Pedras esféricas de quartzite, calcáreo e granito são frequentes nas antas portuguesas e nas sepulturas da costa ocidental. No concelho de Reguengos encontrámos três pedras esféricas, uma delas na anta 2 da Comenda e as outras na *tholos* da Comenda e na anta 10 do Barrocal. São todas de forma irregular e de 4-6 cm. de diâmetro, sendo a primeira de granito e a segunda e terceira de quartzite. Na anta 1 da Quinta apareceu uma pequena pedra de quartzo em forma de ovo (Est. XII, Sep. III, 3), de trabalho perfeitíssimo, lembrando a conta de quartzo da anta do Olival da Pega, mas sem perfuração alguma.

## 4. *Calhaus:*

Em algumas das antas eneolíticas encontraram-se calhaus de diferentes formas e cores, sendo o seu número considerável na anta do Olival da Pega (cf. pág. 36).

## 5. *Pedras de mó dormente:*

Tais pedras encontraram-se ao lado da anta 2 da Farisoa, da anta 2 da Comenda e ainda ao lado da porta exterior da anta 1 dos Piteiros, todas

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

da época eneolítica. A pedra de mó da anta dos Piteiros, de forma rectangular e de trabalho muito regular, lembrando uma pia, já a não encontramos quando fomos à anta pela segunda vez.

### 6. *Objecto de mármore:*

Na anta 2 da Farisoa apareceu um fragmento de um objecto achatado de mármore branco, de definição incerta, semelhante a uma peça encontrada na anta das Cabeças.



## D. GRAVURAS

### 1. *Anta 1 dos Mancebos (N.º 6).*

Quando de uma visita às antas da Herdade dos Mancebos, o Sr. Dr. Pires Gonçalves, médico de Reguengos, encontrou na anta da Cabeça da Anta, no chão da câmara, diante do único esteio conservado, um bloco alongado de diorite de cerca de 40 cm. de comprimento e de secção trapezoidal, tendo em três lados da base 20 cm. e no quarto 26 cm. de largura. Esse bloco encontra-se na casa do Sr. Dr. Pires Gonçalves, em Reguengos.

Num dos lados compridos e na base, o bloco está coberto de gravuras de difícil interpretação, executadas em traços largos e pouco profundos, salientando-se no lado comprido umas figuras cruciformes e outra que poderia ser humana. Na base há também algumas representações semelhantes, vendo-se, além disso, no seu lado esquerdo, umas linhas cruzadas em losangos, junto das quais há uma figura que, por causa do chifre, poderia julgar-se um veado. No centro, todo picado, há mais uma figura que parece zoomorfa, talvez um carneiro.

Todas estas explicações são apenas hipotéticas, não podendo assegurar-se que o bloco tenha feito parte da própria anta, embora isso seja de admitir. Como a anta já não existe, não podemos verificar se os seus esteios teriam sido da mesma espécie de pedra que o bloco. Supondo que o bloco tivesse pertencido à construção dolménica, poderia tratar-se de um fragmento de

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

esteio com as gravuras na face interior e num bordo lateral. Gravuras deste tipo, que voltaram a encontrar-se em regiões dolménicas <sup>(362)</sup>, atribuem-se, em geral, à época do bronze.

### 2. *Anta 1 do Barrocal (N.º 53, Est. XL, 42).*

Na entrada da câmara da anta jaz o fragmento de uma laje com um semicírculo de 0<sup>m</sup>,35 de altura e 0<sup>m</sup>,40 de largura, esculpido num traço de 3 cm. de largura e 1 cm. de profundidade. Poderia provir da laje situada sobre a porta da câmara.

---

<sup>(362)</sup> V. Correia, *El neolítico*.

## E. RITOS FUNERÁRIOS

### 1. INUMAÇÕES INDIVIDUAIS

Em várias regiões da Europa ocidental a cultura megalítica é precedida de um estado cultural que já pratica a protecção dos cadáveres por meio de pequenas construções de lajes ou de obra seca. Em contraste com a inumação colectiva dos megálitos, as sepulturas deste género apenas contêm os restos de um só indivíduo.

Na Península Ibérica esta fase cultural foi, até hoje, melhor investigada nas províncias orientais da Espanha. Sobretudo na Catalunha, as escavações de Serra Vilaró forneceram abundante documentação acerca desta cultura <sup>(363)</sup>. As sepulturas são cistas de lajes delgadas, afundadas no solo, sem *tumulus*, às vezes reunidas em necrópoles <sup>(364)</sup>. O material recolhido destas sepulturas consiste em machados cilíndricos, facas finas e micrólitos trapezoidais de sílex, punções de osso, contas de calaíte, braceletes de concha e

---

<sup>(363)</sup> J. Serra Vilaró, *La civilització megalítica a Catalunya*. Solsona, 1926. L. Pèricot, *Sep. Meg.*, pág. 110.

<sup>(364)</sup> Compare-se esta última particularidade com as inumações no *tumulus* de Manio. Z. Le Rouzic, *Morphologie et Chronologie des Sepultures Préhistoriques du Morbihan*. *L'Anthropologie*, XLIII, 1933, pág. 225.

pouca cerâmica lisa do tipo almeriense. Esta cultura está em relação com a primeira fase da cultura de Almeria, que ostenta um material semelhante em cistas e, sobretudo, em pequenas sepulturas redondas: A separação cultural e cronológica desta fase, com respeito à inumação colectiva, é mais pronunciada na Catalunha do que no sudeste da Península, onde ambos os ritos funerários parecem ser em parte contemporâneos <sup>(365)</sup>. Já com material primitivo aparece, nas regiões costeiras, maior número de inumações, ao passo que, em territórios mais afastados dos centros culturais, se depara com inumações individuais acompanhadas de material da segunda fase da cultura de Almeria. Nestes pequenos recintos, os cadáveres foram provavelmente postos dobrados, talvez deitados de cócoras, como supõem Siret, assim como de Matos, pois o comprimento das cistas e dos recintos poligonais não é o de um corpo estendido.

Em Portugal, a documentação sobre a fase cultural correspondente ainda é escassa. Consta, porém, que no Alentejo há maior número de pequenos dólmenes sem corredor, cujo material, composto de machados cilíndricos, enxós, micrólitos e pouca cerâmica, indica uma época coeva do neolítico do leste da Península. A escassez, assim como a posição das ofertas funerárias nestes pequenos dólmenes, provam, em vários casos, que serviram de sepulturas individuais: continham apenas dois instrumentos de pedra polida, um machado e uma enxó, colocados sobre o chão da sepultura, um em cada parede, junto dos esteios, com o gume voltado para fora <sup>(366)</sup>. Esta sua posição já levava Virgílio Correia a supor que se tratasse da inumação de um só cadáver estendido no chão da sepultura, o que o comprimento da câmara permitia <sup>(367)</sup>.

---

<sup>(365)</sup> Sobre os pormenores da inumação nas sepulturas da primeira fase da cultura de Almeria, segundo as datas comunicadas por L. Siret e A. de Matos, vide Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 542.

<sup>(366)</sup> Virgílio Correia, *El neolítico*, pág. 70, Fig. 55.

<sup>(367)</sup> Sobre a distribuição dos pequenos dólmenes deste tipo, vide pág. 19. Grande parte deles é ainda para investigar. Ao grupo de inumação individual pertencem, entre outros, um pequeno dólmen em forma de galeria, perto de Vila Fernando, e talvez maior número de dólmenes deste tipo escavados na região de Montemor-o-Novo por determinação do Museu Etnológico de Belém (não publicados).

Os investigadores das cistas neolíticas recentemente descobertas no Algarve, das quais

Ao passo que, na Catalunha, a fase neolítica é bem diferenciada da cultura megalítica, o que talvez indique o advento desta última numa época tardia, a transição da inumação individual para a inumação colectiva, no sudeste, não tem limites que correspondessem a culturas de fácies absolutamente diferente. O mesmo parece acontecer no Alentejo, se bem que a falta de conhecimentos da evolução na parte ocidental desta província nos impeça de tirar conclusões definitivas. Numa galeria de forma idêntica às sepulturas de inumação individual, Virgílio Correia, por exemplo, encontrou sete machados, o que prova que já continha maior número de mortos, e foi também no Alentejo ocidental que apareceu um espólio neolítico, composto apenas de muitos micrólitos de tipo primitivo, num dólmen sem corredor <sup>(368)</sup>.

Na anta 1 do Poço da Gateira, protótipo de todas estas investigações por causa do seu estado intacto, deparámos com a inumação colectiva já desenvolvida. No concelho de Reguengos não encontrámos, até hoje, pequenas antas sem corredor de espólio neolítico, pelo que nos falta a possibilidade de ligar esta anta a uma fase evolutiva precedente, da mesma região. O exclusivismo do machado cilíndrico e dos micrólitos de tipo primitivo constitui, no entanto, um laço entre esta anta e as sepulturas de inumação individual do Alentejo ocidental, sendo prova do mesmo fundo étnico e não excluindo, por isso, uma evolução independente dentro do neolítico. Por outro lado, o certo é que a cultura megalítica de Reguengos, na época desta anta, já estava sujeita a influências procedentes do sul da Península, documentadas pela cerâmica a almagre, pelo que é também possível que a transição para a inumação colectiva dependesse de novas concepções religiosas e que as sepulturas neolíticas com maior número de corpos não constituíssem uma fase evo-

---

trataremos mais adiante, supõem que estas sepulturas tivessem sido individuais, apesar das dimensões consideráveis de algumas delas. Abel Viana, Octávio da Veiga Ferreira e José Formosinho, *Nuevas contribuciones para el conocimiento de la edad del bronce del Algarbe. Las necrópolis de las Caldas de Monchique. Crónica del I Congreso Nacional de Arqueología*. Almeria, 1949, pág. 88.

<sup>(368)</sup> Segundo uma notícia que o Sr. Prof. Dr. Heleno amavelmente nos comunicou no ano de 1934. Sobre idênticos problemas dos dólmenes mais antigos do norte da Europa, vide Nordman; *Meg. Cult.*, pág. 27.

lutiva, mas apenas o reflexo destas novas ideias sobre a cultura indígena <sup>(369)</sup>.

O tipo de sepultura que corresponde, no Alentejo, à inumação individual, tem a planta de pequena galeria sem distinção, nem na largura, nem na altura. Em todas as antas de Reguengos com espólio neolítico ainda se notam reminiscências deste tipo de sepultura, visíveis quer na forma alongada da câmara à qual se junta um corredor largo, quer na altura pouco diferenciada destes dois elementos arquitectónicos. Também no rito funerário se acentuam algumas afinidades com os pequenos dólmenes, sobretudo pelas inumações nos corredores, frequentes nas antas de Reguengos. Nos espólios encontrados nos corredores, a composição de um machado, uma enxó e um ou dois vasos, assim como a posição destes objectos no chão, junto dos esteios, lembram, às vezes, o rito das sepulturas individuais e permitem a hipótese de a equivalência do corredor e da câmara como lugar de inumação ser um resíduo de costumes neolíticos <sup>(370)</sup>.

## 2. INUMACÃO COLECTIVA

### *Número de inumações*

Como já foi descrito no relatório da escavação, havia, no chão da metade intacta da anta 1 do Poço da Gateira, dez vasos, afastados aproximadamente meio metro da parede do dólmen, seguindo-se numa fila ininterrupta (Est. I). No mesmo sector da câmara apareceram 23 instrumentos de pedra polida, dez dos quais machados cilíndricos, onze enxós, uma cunha e uma goiva. Embora os lugares onde os machados e as enxós se acharam, não correspondam aos primitivos, como trataremos mais adiante ao discutir

---

<sup>(369)</sup> Para decisões definitivas, faltam-nos ainda relatórios sobre as inumações nas grutas neolíticas portuguesas. Para o problema da origem da inumação colectiva no sudeste da Península, vide Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 548.

<sup>(370)</sup> Piggott considera como típica das sepulturas de galeria a falta de distinção estrutural entre a câmara e o corredor e o emprego de ambas as partes da construção megalítica para inumações. *Rev. de Guimarães*, 1947. Vol. LVII, N.ºs 3 e 4, pág. 141.

a posição dos cadáveres, havia várias provas de que cada vaso tivesse sido acompanhado de um machado e uma enxó, suposição corroborada pelo número quase igual destes instrumentos e por se terem encontrado espólios de composição idêntica em alguns corredores de antas da região. Além disso, este conjunto de ofertas funerárias corresponde ao rito das pequenas sepulturas neolíticas. Por isso é lícito concluir que o número de inumações nesta metade da câmara tivesse sido de dez ou talvez onze. Os cacos provenientes do lado remexido da câmara permitem a reconstituição ou o reconhecimento de oito vasos do mesmo tipo e de um prato. Juntando ainda o vaso N.º 11, encontrado perto do bordo norte do esteio no fundo da câmara, temos, neste sector da câmara, um número de inumações aproximadamente igual às do sector sul. Não há indícios de que as inumações na câmara nesta anta tivessem ultrapassado o número de pouco mais ou menos vinte. Havia mais uma inumação no corredor.

A anta foi fechada, depois de se terem efectuado as inumações associadas à fila dos vasos na câmara e a inumação no corredor. Não se encontraram, no sector intacto, quaisquer cacos de cerâmica espalhados, como sinal de uma utilização prévia do dólmen. Alguns vasos do lado da entrada da câmara, onde havia uma aglomeração de objectos, estavam partidos, provavelmente por causa da grande inclinação do esteio *b*, já predispostos para tal destruição pelas fendas motivadas por raízes; mas os seus fragmentos ainda puderam ser recolhidos *in situ*. Escassos restos de cerâmica, encontrados perto do bordo sul do esteio *a*, atribuem-se, com maior probabilidade, a um vaso destruído por causa da sua posição perto de uma fenda na parede, processo óbvio em mais dois vasos encontrados em lugares expostos às intempéries, já estando em parte desfeitos.

A anta do Poço da Gateira ocupa, pois, um lugar intermediário entre aquele rito funerário que concede a cada indivíduo um descanso eterno na sepultura, base espiritual da inumação individual, e o rito das grandes tumbas colectivas, que serviam de ossuários a gerações sucessivas.

No concelho de Reguengos, a anta grande do Olival da Pega é o melhor exemplo da inumação colectiva no seu auge. Esta anta, apesar de já ter sido saqueada, continha 134 placas de xisto gravadas. Uma avaliação do número dos vasos nela encontrados, baseando-se apenas na cerâmica inteira, reconstituível e nos fragmentos de bordo pertencentes a diferentes vasos, dá um mínimo de 355 exemplares. Confessamos, que nós mesmos, ao lermos nos diários

de Luis Siret referências a uma abundância igual de cerâmica nas grandes *tholoi* do sudeste da Espanha, duvidámos da exactidão destas indicações, confirmadas, no entanto, pela anta do Olival da Pega. Juntando ainda o facto de que a anta, parcialmente, não podia ser escavada e que, naturalmente, muitos objectos se perderam na pilhagem, e supondo que a cada indivíduo tivesse cabido uma placa de xisto, o número admissível, mais baixo, seria de 200 inumações.

Das sepulturas maiores exploradas por nós, foi a *tholos* da Farisoa com os restos de 73 vasos, que, sob este ponto de vista, mais se aproxima da anta do Olival da Pega, tanto mais quanto é certo que foi vítima de vários remeximentos. A anta 1 do Passo, com 50 vasos, segue nesta lista. Cabem também, neste grupo, mais algumas antas eneolíticas do concelho, tais como a anta 1 dos Gorginos e a anta 1 do Cebolinho.

A diminuição de inumações em construções megalíticas mais recentes, evolução essa notificada em vários países <sup>(371)</sup>, reconduzindo à inumação individual, é, no concelho de Reguengos, documentada pela pequena anta 4 dos Gorginos, na qual o corredor é apenas rudimentar, não podendo ter servido para uso prático. A câmara continha os restos de um único vaso. Há, no entanto, pequenas antas no concelho, que não seguem aquela evolução; por exemplo, o pequeno espaço alongado da anta 11 das Areias, que forneceu, em relação às suas dimensões reduzidas, uma quantidade extraordinária de cacos, na sua maioria de grandes recipientes.

### 3. ANTAS GÉMEAS

Não parece inadmissível a hipótese de que a segunda anta do Poço da Gateira, tão contígua à primeira que as duas mamoadas têm contacto (Est. I), foi construída imediatamente depois de esta última ter sido fechada. O espólio da anta 2 da Gateira, ainda que escasso por a anta ter sido pilhada, continha restos da cerâmica a almagre, absolutamente idêntica à da anta 1, e machados cilíndricos, provas de uma continuidade cultural. Por outro lado, a sua planta e a existência de cerâmica mais evolucionada indicam uma posição crono-

---

(371) Nordman, *Meg. Cult.*, págs. 27 e segs.



## RITOS FUNERÁRIOS

lógica algum tanto posterior. Outras antas de construção contígua encontram-se, mais algumas vezes, tanto no concelho de Reguengos como no concelho de Évora <sup>(372)</sup>. Entre as analogias deste género distinguem-se, em primeiro lugar, as duas antas N.º 12 e 13 da Herdade do Barrocal, porquanto as suas plantas ostentam diferenças idênticas às das antas da Gateira. A anta 13 (Est. XL, N.º 30) tem uma câmara alongada, e o rumo do corredor, análogo à anta 1 da Gateira, não corresponde à cabeceira da câmara, ao passo que a planta da anta N.º 12 (Est. XL, N.º 22), de câmara alargada e de esteios muito sobrepostos, lembra a construção da anta 2 da Gateira. A construção consecutiva de duas antas, no mesmo sítio, poderia indicar que a escolha do terreno para a erecção das antas tivesse obedecido a prescrições rituais. Ambas estas antas gêmeas do concelho estão perto de fontes.

### 4. POSIÇÃO DOS CADÁVERES

Na anta 1 do Poço da Gateira, apesar de não ter sido remexida, apenas se encontraram vestígios de ossos, o que contrasta com o abundante material antropológico fornecido pelas antas eneolíticas do concelho. Fomos impressionados pelo aspecto de grande antiguidade que o conteúdo desta anta ofereceu, tanto pela decomposição dos corpos, como pelos vasos já quebrados. Os restos diminutos de ossos humanos não permitiam conclusões certas com respeito à posição primitiva dos cadáveres. A colocação dos vasos, no entanto, afastados meio metro da parede da anta, faz supor que o espaço, entre a fila por eles constituída e a parede, teria servido para ali colocar os corpos. Esta hipótese é corroborada pelos lugares onde se encontraram os machados e as enxós. Embora a sua posição não permita estabelecer qualquer norma acerca da sua relação primitiva com os cadáveres, avultam, no entanto, os factos seguintes: 1) os machados não foram colocados no chão da anta, a maior parte deles estava num nível mais elevado; 2) em relação aos vasos, estavam, em geral, mais perto da parede. Em dois casos a sua posição podia, ainda, indicar o lugar primitivo: no vaso N.º 9, onde os instrumentos — uma enxó

---

(372) Leisner, *Évora*, N.ºs 111 e 112.

e a cunha — se encontraram a uma distância de 40 cm. da parede, um pouco mais alto do que a boca do vaso, ambos em posição horizontal, com os gumes muito perto um do outro, a enfrentar-se. Igual posição tinha-a uma grande enxó em relação ao vaso N.º 10. Caídos dentro do vaso N.º 6 encontraram-se um machado e uma enxó, ambos com o gume para baixo. Esta queda efectuou-se, com certeza, quando o vaso já estava cheio de terra até metade da sua altura. Todos estes factos dão a impressão de que os cadáveres tinham os machados seguros nas mãos e que, depois da decomposição dos corpos, e talvez também dos cabos, a parte lítica do instrumento teria caído, o que explicaria bem as variantes da sua posição. Além disso, são mais uma prova de que os mortos estavam sentados no espaço entre os vasos e a parede. Havia vestígios de ossos, tanto na parte inferior deste espaço, junto dos vasos, como na terra dos níveis superiores, do lado da parede. Sendo o comprimento da câmara apenas de 3 metros e o da fila dos vasos ainda menor, é difícil imaginar-se como, no espaço disponível, poderiam ter sido colocados dez ou mesmo onze corpos. Por isso, é de admitir que as inumações se tivessem efectuado consecutivamente, começando na pedra de cabeceira <sup>(373)</sup>.

Devido ao remeximento de quase todas as antas, poucas são as possibilidades de comparação. Obermaier refere-se a uma posição sentada dos cadáveres, encostados aos esteios do dólmen de Soto <sup>(374)</sup>, Cabré do dólmen de Aguilar de Anguita <sup>(375)</sup>. Também no dólmen de cúpula de Vale de Rodrigo, no qual, segundo as informações dadas pelos escavadores, foram encontrados crâneos e dentes junto da parede, a cerca de 80 cm. por cima do chão, as inumações parecem ter sido de cócoras, sentados <sup>(376)</sup>. Segundo Daniel, há bastantes provas deste rito de inumação em dólmenes ingleses <sup>(377)</sup>. A observação de Obermaier de que o espaço ocupado por um cadáver, no dólmen de Soto, teria sido demasiado pequeno para o corpo de uma pessoa viva, e

---

<sup>(373)</sup> Para iguais problemas em dólmenes ingleses, vide Daniel, *Preh. Chamb. Tombs*, pág. 100.

<sup>(374)</sup> Obermaier, *El dólmen del Soto*, *Bol. de la Soc. Esp. de Excursiones*, 32, 1924, pág. 1 segs.

<sup>(375)</sup> Comunicação pessoal.

<sup>(376)</sup> Leisner, *Vale de Rodrigo*.

<sup>(377)</sup> Daniel, *Preh. Cham. Tombs*, pág. 104.

## RITOS FUNERÁRIOS

as nossas conclusões a respeito das sepulturas pintadas, levam-nos também a considerar que os corpos teriam sido previamente preparados, antes de serem postos no dólmen <sup>(378)</sup>.

### 5. OFERTAS FUNERÁRIAS RITUAIS

Como já mencionámos nas páginas anteriores, há bastantes razões para supormos que, na época neolítica, não se teria dado ao morto mais de *um* machado e *uma* enxó, substituindo, por vezes, esta última por uma goiva. Na anta 1 do Poço da Gateira, assim como nas outras antas do concelho, os instrumentos de pedra polida não mostraram vestígio algum de uso prévio; os gumes são perfeitíssimos <sup>(379)</sup>. Apenas numa anta, a N.º 3 dos Gorginos, havia um machado utilizado como martelo.

Menos certas são as conclusões acerca do número de micrólitos dados a cada morto. Dos vinte e um micrólitos da anta 1 do Poço da Gateira, alguns dos quais foram encontrados ao peneirar a terra, uma parte pode provir do lado destruído da anta. O seu número diminuto, em comparação com o dos instrumentos de pedra polida, e o facto de se ter encontrado um só micrólito com as inumações mais isoladas (vasos N.ºs 11 e 12), permitem concluir que apenas *um* micrólito coube ao morto.

Ainda muito mais escasso é, nesta anta, o número de facas. Várias estavam partidas; de algumas outras encontrou-se apenas a metade. Os planos partidos mostram a mesma pátina que a superfície da faca (nas gravuras tais planos são marcados por uma cruz). Ao passo que as fracturas das facas ainda completas podem também resultar da pressão dos esteios que partiu os vasos, as facas fragmentárias foram, com certeza, postas na sepultura neste estado. Consta que apenas parte dos mortos teve uma faca como oferta funerária. Seria lícito concluir que as facas de tamanho maior, que aparecem aqui ao lado das pequenas, de tipo neolítico, tivessem sido objectos raros e de valor excepcional?

---

<sup>(378)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 546.

<sup>(379)</sup> Cf. Abel Viana e J. Formosinho, *Ethnos*, III, 1942, pág. 382.

6. OCRE VERMELHO

Na anta 1 do Poço da Gateira, a terra das camadas inferiores era de cor avermelhada. Além da pintura dos vasos, que, na sua dissolução, poderia ter tingido a terra e os objectos nos seus arredores, é verosímil que se tivesse deitado ocre vermelho sobre as camadas de inumação, encontrando-se tais terras avermelhadas também no vaso N.º 6, de cor cinzenta. Vários dos machados e dos sílices têm manchas vermelho-vivo ou são completamente tingidos.

O emprego de ocre vermelho no rito funerário neolítico está documentado em várias culturas. No concelho de Reguengos, a terra na anta 2 das Vidi-queiras ofereceu o mesmo aspecto; no Alentejo ocidental, idêntico rito, associado a um espólio neolítico, é comprovado na anta 3 do Azinhal, sem que houvesse cerâmica pintada naquele dólmen. Fragmentos craneanos, tingidos de vermelho-vivo, encontraram-se no chão da anta 1 da Arraiceira. Desta predilecção para a cor vermelha, oriunda das culturas neolíticas, e talvez motivada por ser, naquela época, a única cor viva acessível, há abundante documentação nas culturas eneolíticas da Península <sup>(380)</sup>. Nas antas de Reguengos são de notar, além da cerâmica a almagre, uma grande conta de quartzo translúcido, com restos de uma substância vermelha na perfuração, proveniente da anta do Olival da Pega, e, da mesma anta, um pequeno triturador oval com vestígios de ocre vermelho no plano, um fragmento de crânio e um torrão com cor vermelha aderente. Na anta 2 da Comenda, um pequeno torrão mostra igualmente resíduos de uma cor tão viva, que parece ser cinabre.

7. ESTADO DOS OSSOS INUMADOS. VESTÍGIOS DE FOGO

Análogo ao das antas de espólio neolítico, o estado dos restos humanos, nas antas de tradição neolítica, indicava, em todos os casos, a prática de inumação, não se encontrando, em sepulturas desta fâcies, qualquer vestígio de ossos queimados ou carbonizados. Várias antas de espólio eneolítico, que

---

<sup>(380)</sup> O espaço aqui disponível não permite tratar o conjunto de tais manifestações na Península. Para o sudeste, vide Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 510.

deram bastante material para tirar conclusões, como, por exemplo, a anta 1 do Passo e a 2 da Comenda, apresentavam o mesmo aspecto. Em ambas as *tholoi* encontraram-se numerosos ossos humanos, também sem qualquer indício de terem sofrido a acção de fogo. Sobretudo nas camadas inferiores da *tholos* da Farisoa, a quantidade de ossos era tão grande que, em alguns sectores, todas as partes dos esqueletos, misturadas e encruzadas, formavam uma massa compacta, o que é outra prova do número elevado de inumações. Restos humanos consideráveis e em igual desordem encontraram-se na *tholos* e na anta 3 da Comenda, nesta última sem a documentação de quaisquer restos de indústria, e nas grandes antas eneolíticas. Poucos eram, contudo, os fragmentos suficientemente grandes para fornecerem esclarecimentos antropológicos. Os crâneos saíram apenas em fragmentos, devidos a fracturas antigas. Apenas na anta 1 da Quinta, na 1 do Passo, na da Fonte da Cabreira e na *tholos* da Farisoa havia fragmentos que permitem uma reconstrução parcial da caveira; na *tholos* da Farisoa recolhemos também partes de maxilares e fragmentos maiores de ossos compridos.

Em duas antas, na grande do Olival da Pega e na 1 do Cebolinho, muitos dos ossos estavam atacados pelo fogo. Na primeira, quase metade dos ossos recolhidos, pertencentes a todas as partes dos esqueletos, saíu neste estado, sendo, no entanto, para considerar que os ossos carbonizados se conservam melhor. Em nenhum caso se trata de incineração: distinguem-se todos os graus da acção do fogo, desde os ossos pesados, que mostram uma mudança de cor para tonalidades cinzento-azuladas, até aos completamente carbonizados, leves e de cor preta. Mas também, neste último caso, as suas formas ficam conservadas.

Na escavação desta anta, os ossos queimados e não queimados saíram misturados dos mesmos lugares, o que prova que o fogo os atacara antes da última pilhagem. Algumas peças da indústria óssea mostram os mesmos sinais de fogo. Vários fragmentos de facas de sílex sofreram alterações na sua própria substância, tendo-se formado, na sua superfície, manchas cinzentas e até uma camada vidrosa. Este último processo exige temperaturas muito elevadas, tal como as pequenas concavidades existentes em outras facas.

O fogo da anta de Olival da Pega é problemático, sob vários aspectos. A abundância de material deu-nos a impressão de que a anta apenas tinha sido submetida a uma única pilhagem; nesta suposição, o fogo pertenceria à

época das inumações. Mas parece impossível incluí-lo nos chamados «fogos rituais de purificação». Além disso, é difícil imaginar-se como um fogo tão forte poderia desenvolver-se no dólmen completamente fechado. Torrões de terra queimada encontraram-se em quantidade demasiadamente pequena para resolver o problema, a 30-40 cm. acima do chão primitivo, formado de uma massa cretácea, sem vestígios de ter sofrido a acção de fogo.

A anta do Cebolinho, já muito mais remexida, não deu mais esclarecimentos sobre o problema. É curioso, porém, que são as duas antas maiores e mais altas no concelho que mostram esta particularidade. Apontamentos idênticos dizem também respeito a grandes antas. Da anta da Alcarapinha, situada na região de Elvas, o Sr. L. Agostinho, um dos seus exploradores, mostrou-nos facas e uma alabarda de sílex com alterações idênticas às das facas da anta do Olival, atribuídas também por ele à acção de fogo <sup>(381)</sup>. No espólio da anta de Alcarapinha nota-se a abundância de pequenas contas discóides de colar, semelhante à do Olival, prova, talvez, de uma afinidade étnica. Das grandes antas do Alentejo central de fácies idêntica, faltam-nos ainda os relatórios das escavações. Da anta grande do Freixo (Torre dos Coelhoiros) o Dr. Leite de Vasconcelos, que fez uma sondagem na câmara, menciona ossos chamuscados <sup>(382)</sup>.

Como já dissemos, não se encontraram ossos queimados na *tholos* da Farisoa. No centro da câmara havia, sobre o chão primitivo, terra misturada com grandes bocados de carvão vegetal. Em comparação com a anta das Cabeças e com o dólmen de cúpula de Vale de Rodrigo, que continham resíduos de fogo em lugares idênticos <sup>(383)</sup>, admite-se que este carvão pertença à época da *tholos*. Em geral, porém, é difícil decidir se os restos de carvão encontrados na maioria das antas foram da época primitiva ou se teriam sido atirados para estratos profundos na ocasião de remeximentos posteriores.

---

<sup>(381)</sup> Abel Viana, baseando-se nos apontamentos de António Dias de Deus, trata também desta anta, escrevendo: «um espaço bastante mais amplo que o da câmara de um dólmen vulgar, cuja camada profunda era constituída por uma oleosa e rija massa de cinzas e ossos calcinados. *Arqueol. de Elvas*, pág. 110.

<sup>(382)</sup> *O Arch. Port.*, IV, pág. 1127; Leisner, *Évora*, Sep. 108.

<sup>(383)</sup> Leisner, *Évora*, Sep. 40; idem, *Vale de Rodrigo*, pág. 113.

Os vestígios de fogo em dólmenes, assim como as notícias sobre incineração na cultura megalítica, eram, recentemente, objecto de novas discussões <sup>(384)</sup>. Para as nossas investigações, a contribuição de Maluquer de Motes sobre tais vestígios, na província de Salamanca, é a mais importante. A maior parte dos dólmenes desta província distingue-se das antas portuguesas, por terem as suas câmaras um diâmetro maior e por serem construídas com grande número de esteios. Já anteriormente incluímos várias sepulturas megalíticas de Salamanca no mapa das sepulturas de cúpula <sup>(385)</sup>, julgando-as dependentes da cultura das *tholoi*, teoria também discutida por Maluquer de Motes, ao tratar da construção, ainda hipotética, do tecto destas câmaras. O investigador dos dólmenes salamantinos, P. Cesar Moran-Bardon, baseando-se na presença de cinzas e na falta de ossos humanos, inclina-se para a hipótese de que, naquela cultura, se praticava a incineração. Ora, como nas *tholoi* de Reguengos não há vestígios de incineração e como na primeira época de Los Millares e nas grandes *tholoi* da costa oriental de Almeria os vestígios de fogo são raros, poderia concluir-se que as *tholoi* de Reguengos se colocam num período de maior antiguidade, correspondente à primeira época de Los Millares <sup>(386)</sup>.

---

<sup>(384)</sup> J. Maluquer de Motes, *Estado actual*, *Zephyrus*, I, pág. 7; Daniel, *Prehist. Chamb. Tombs*, pág. 99; Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 551.

<sup>(385)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 175.

<sup>(386)</sup> Idem, pág. 553.





## F. CONCLUSÕES

### I. CRONOLOGIA RELATIVA

Nas teorias sobre a evolução das sepulturas megalíticas da Península Ibérica distinguem-se duas fases, de pontos de vista fundamentalmente diferentes. A primeira destas teorias, base incontestada de todas as investigações nos primeiros decénios do século corrente, admitia uma evolução ininterrupta de todos os tipos arquitectónicos, desde «os dólmenes neolíticos de Alvão», até às cistas megalíticas, incluindo nesta evolução as sepulturas de cúpula <sup>(387)</sup>. Esta teoria é bastante conhecida; nos últimos anos foi analisada e discutida por muitos autores que a refutaram, pelo que podemos prescindir de uma repetição integral. Ao reconhecerem as deficiências deste sistema, provocadas, em parte, pela insuficiência dos materiais disponíveis, vários pré-historiadores defendem hoje a teoria de uma evolução inversa, colocando em último lugar os pequenos dólmenes, como tipos degenerados, e considerando

---

<sup>(387)</sup> Os representantes principais são: P. Bosch-Gimpera, N. Aberg, H. Obermaier e A. del Castillo. Para a crítica desta teoria e a bibliografia vide: Lelsner, *Meg. Gr.*, pág. 246 e segs.; L. Péricot, *Sep. Meg.*, págs. 263 e segs.; M. Almagro-Basch, *Ampurias*, IV, pág. 155 e segs.

a *tholos* oriental como protótipo de toda a arquitectura megalítica na Península (<sup>388</sup>). Naturalmente, estes novos pontos de vista são, em parte, provocados pelo conhecimento progressivo das culturas orientais e norte-africanas, que permite inserir as culturas ibéricas em círculos culturais mais vastos. A investigação avançada das culturas megalíticas da Grã-Bretanha também revelou novos factos, que se reflectem sobre as outras culturas atlânticas.

As divergências nas teorias orientalistas estão melhor definidas nos trabalhos de Santa-Olalla e de Daniel (<sup>389</sup>), pelo que estes nos servem de base para a exposição que vai seguir-se. A teoria de uma dependência absoluta da cultura megalítica do oriente é defendida por Santa-Olalla, que considera as sepulturas de cúpula do sudeste da Espanha como o foco mais antigo e a origem de toda a evolução megalítica. Daniel, no entanto, distingue duas linhas evolutivas: uma, que abrange as sepulturas de corredor, e a outra, as sepulturas de galeria (*passage graves and gallery graves*), das quais apenas a primeira ele liga à *tholos*.

Já anteriormente defendemos a tese de que as sepulturas de cúpula e a megalítica, na sua configuração mais perfeita, abrangendo a harmonia entre a planta, a construção da parede, do tecto e o material, representam duas formas arquitectónicas fundamentalmente diferentes (<sup>390</sup>). As relações entre estes tipos básicos não podem ser procuradas numa evolução, nem da sepultura megalítica para a *tholos*, nem em sentido inverso, mas apenas em influências recíprocas. Todas as câmaras poligonais provam o enorme esforço despendido para cobrir um espaço circular, que excede o tamanho médio, com uma única pedra como tecto. Esta dificuldade é sempre resolvida pelo regresso às formas alongadas ou alargadas da câmara, tendências que conduzem à configuração de uma planta adequada à construção puramente megalítica.

O quadro cultural, nos seus aspectos básicos, confirma a impossibilidade de estabelecer uma unidade entre os povos construtores das *tholoi* e os dos

---

(<sup>388</sup>) Defendem esta teoria: J. M. Santa-Olalla, G. E. Daniel, V. G. Childe, C. F. C. Hawkes, C. D. Forde, H. J. Fleure e H. J. E. Peake.

(<sup>389</sup>) Santa-Olalla, *Esquema*, pág. 59; Daniel, *The dual. Proc. P. S.*, 1941.

(<sup>390</sup>) *Meg. Gr.*, pág. 246.

dólmenes. Nota-se, em primeiro lugar, o *habitat* do povo megalítico em regiões mais elevadas e afastadas do litoral, igual ao típico dos primeiros povos neolíticos da Península e, provavelmente, consequência de uma actividade pastoril ainda primitiva. A investigação de povoações desta época, embora pouco nos tivesse esclarecido sobre as habitações do povo megalítico, já permite atribuir aos construtores das *tholoi* as cidades fortificadas em elevações <sup>(391)</sup>. Já, na análise do quadro cultural do sudeste da Península, salientámos a importância das culturas básicas do país, na evolução megalítica, em contraste com as importações mais recentes da cultura de Los Millares <sup>(392)</sup>. Esta diferença nas indústrias das antas e das *tholoi* são ainda mais patentes no concelho de Reguengos e foram analisadas, nestas páginas, sob vários aspectos.

Toda a teoria que rejeita a dependência das sepulturas megalíticas das *tholoi* orientais tem de procurar as fases evolutivas precedentes, quer dentro, quer fora da Península, ao passo que os orientalistas enfrentam o problema, procurando descobrir o que teria preenchido o vácuo cultural que devia ter existido nas regiões megalíticas antes da chegada da cultura oriental <sup>(393)</sup>. Entre as soluções propostas para o primeiro destes problemas, as quais, desde a queda da teoria de Bosch-Gimpera, são escassas e bastante vagas, avulta a hipótese de um centro primário na Síria <sup>(394)</sup>, a qual, porém, não aparece documentada, até hoje, por graus culturais intermediários. Além disso, não é no conjunto desta cultura e das suas pequenas construções, cuja cerâmica está dependente das culturas contemporâneas vizinhas da época do bronze, que a cultura megalítica oeste-europeia tem as suas raízes, as quais, análogamente ao conjunto do neolítico europeu, se estendem até estratos muito mais antigos.

---

<sup>(391)</sup> Além da documentação do sudeste da Península (Los Millares, Tabernas, Almizaraque, etc.), é de notar que, em redor dos castros contemporâneos em Portugal (Vila Nova de S. Pedro, Óbidos, Pragança, etc.), não se encontram vestígios de dólmenes, como sepulturas dos seus habitantes.

<sup>(392)</sup> *Meg. Gr.*, 388.

<sup>(393)</sup> Santa-Olalla, *Esquema*, págs. 48 e 49, anota a falta de uma indústria de machados, a seguir à cultura microlítica de Mugem.

<sup>(394)</sup> O. Menghin, *Runa*, pág. 175.

Forde, que foi o primeiro a abalar os fundamentos da teoria de Bosch-Gimpera e da sua escola, escreve, no fim do seu artigo sobre o assunto <sup>(395)</sup>, as seguintes palavras: «Se bem que muitas vezes se tivesse chamado a atenção para grande número de analogias isoladas entre a Península Ibérica e elementos das culturas antigas do Mediterrâneo oriental e, já há muito tempo, as inumações colectivas em grutas artificiais, galerias e sepulturas de cúpula tivessem sido atribuídas a protótipos orientais, o certo é, no entanto, que não conhecemos um único centro cultural que pudesse ser considerado, com qualquer grau de integridade, como antecessor da civilização megalítica ibérica». Acerca do mesmo problema, Thurlow Leeds diz o seguinte: «Apenas no auge da época dos metais, os povos do Mediterrâneo ocidental entraram em verdadeiro contacto. As relações intermediárias terminaram previamente no limite dos mares ocidentais, representado pela Sicília e Malta. Enquanto não tivermos provas de intercomunicações antigas mais satisfatórias do que as actuais, as origens da arquitectura megalítica, em volta dos litorais europeus do Mediterrâneo ocidental, têm de ser procuradas naquelas áreas e unicamente nelas» <sup>(396)</sup>.

Não há dúvida de que o campo da mais rica e mais variada documentação da cultura megalítica se encontra em terras europeias e, sobretudo, oeste-europeias, pois foi na Europa que se erigiram, além das grandes sepulturas, os santuários megalíticos, os *cromlechs*, os alinhamentos: todo este conjunto de construções que prova uma íntima relação entre as noções religiosas e a pedra erecta. Sob este aspecto, julgamos ser mais importante voltar os olhos para fenómenos da própria terra ibérica, capazes de nos conduzirem até às raízes da evolução, do que reportarmo-nos a importações posteriores de culturas estrangeiras mais avançadas. Neste nosso empenho de atribuir novamente à Europa uma força criadora na evolução arquitectónica do neolítico e eneolítico, não estamos isolados. Tem aumentado, nos últimos anos, o número de

---

<sup>(395)</sup> C. Daryll Forde, *The megalithic culture sequence in Iberia. Annals of Archaeology and Anthropology*, Liverpool, Vol. XVI, N.ºs 3 e 4, pág. 46.

<sup>(396)</sup> Thurlow Leeds, *Problems of the megalithic architecture in the western Mediterranean*, pág. 39.

autores que afirmam haver uma ligação mais íntima entre a cultura megalítica e o neolítico europeu <sup>(397)</sup>.

Se voltarmos, em parte, às teorias antigas, temos de determinar os pontos de vista que nos separam delas. Das considerações feitas nas páginas anteriores, depreende-se que não acreditamos nem na prioridade da pequena câmara poligonal como tipo mais antigo, nem na sequência evolutiva da sepultura megalítica para a de cúpula. Além disso, os diferentes tipos da própria sepultura megalítica ibérica também se não inserem numa evolução ininterrupta. Em épocas mais avançadas, houve, com certeza, influências recíprocas dos tipos fundamentais. A Galiza e a Catalunha são testemunhas disso e, no sudeste, o dólmen de corredor, de câmara poligonal, aparece na época do vaso campaniforme com material semelhante ao da cultura portuguesa <sup>(398)</sup>. O quadro geral da distribuição geográfica mostra, no entanto, a ligação de diferentes tipos com regiões distintas. Sob este aspecto nota-se, sobretudo, o limite entre a cultura megalítica do leste e a do ocidente da Península <sup>(399)</sup>. Ora estas diferenças fundam-se nas formas das sepulturas neolíticas pré-existentes. No sudeste, a sepultura almeriense de fossa é uma das bases das construções megalíticas daquela região. Este tipo de câmara, de planta rectangular e quadrangular pertence, por exemplo, à Cueva de Viera, ao passo que a Cueva de Menga conserva, no conjunto do seu aspecto arquitectónico, afinidades portuguesas. O aparecimento destas sepulturas, uma ao lado da outra, nem é inexplicável, nem constitui apenas um problema cronológico; é, antes, o resultado de diferentes evoluções arquitectónicas, oriundas de raízes distintas.

Estas considerações conduzem-nos ao problema mais importante deste estudo, nomeadamente o da possibilidade de uma evolução autóctone da sepultura megalítica em Portugal, problema esse para cuja solução as antas de Reguengos deram novos esclarecimentos, tais como: em primeiro lugar, o

---

<sup>(397)</sup> J. Hawkes, *Rev. de Guimarães*, LIX, 1949, pág. 120 e segs. L. Péricot, *La España primitiva*, pág. 146.

<sup>(398)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 34, Sep. 25.

<sup>(399)</sup> Mesmo na cultura pirenaica, onde a sepultura de fossa tem limites cronológicos nitidos em relação aos dólmenes, Péricot admite uma influência da primeira sobre o dólmen de planta semelhante. *Sep. Meg.*, pág. 266, *La España primitiva*, pág. 146.

aparecimento de espólios neolíticos em dólmenes de corredor; em segundo lugar, a construção de duas *tholoi* posteriormente a dólmenes de corredor, e, finalmente, o reconhecimento de duas correntes culturais diferentes nas antas: uma delas mostrando uma evolução sobre bases neolíticas, a outra revelando todo o material eneolítico.

Embora uma classificação cronológica das antas alentejanas, no estado actual dos nossos conhecimentos, apenas possa ser provisória, visto que centenas, quase milhares de antas estão ainda por escavar, e ainda porque cada escavação poderá, como em Reguengos, revelar novos aspectos, vamos tentar inserir os resultados das escavações nas antas de Reguengos, num quadro de uma evolução ainda hipotética.

#### *O neolítico em antas*

Notaram-se, no decurso das nossas análises, vários factos que estabelecem uma relação tão íntima entre os estratos neolíticos e a cultura megalítica, que se opõem à teoria de serem os pequenos dólmenes sem corredor apenas formas degeneradas. São os seguintes:

- 1) A ligação da cultura megalítica de Reguengos com os protótipos da indústria neolítica, sobretudo com o machado cilíndrico. Enquanto os micrólitos podem indicar um certo parentesco com a cultura dos concheiros, não há outra cultura portadora do machado cilíndrico, no Alentejo, a não ser a dos pequenos dólmenes, facto que parece ser da maior importância;
- 2) A perduração dos tipos primitivos dos machados e dos micrólitos em sepultura de fácies avançada; a falta de material eneolítico em antas de forma evolucionada e a sobrevivência da cultura neolítica durante todo o eneolítico;
- 3) As afinidades da estrutura de antas de corredor com a das pequenas galerias e a sobrevivência de ritos funerários que lhes pertencem;
- 4) A cerâmica de tipo oeste-europeu, de formas documentadas em grutas neolíticas.

## CONCLUSÕES — CRONOLOGIA RELATIVA

Todos estes factos permitem admitir a hipótese de que o pequeno dólmen em forma de galeria teria sido, no Alentejo, o tipo mais antigo. Posto que ainda falte uma documentação integral, já se nota, também no ocidente da Península, uma evolução que, em todos os períodos, conserva características da sepultura de galeria <sup>(400)</sup>. A confirmação destas nossas hipóteses viria esclarecer vários problemas. Primeiramente, encheria, no Alentejo, o vácuo cultural entre o mesolítico e o eneolítico; em segundo lugar, estabeleceria o fundo sobre o qual se exerceriam as influências posteriores e, finalmente, explicaria a evolução da técnica construtiva das grandes antas portuguesas, sendo as terras do Alentejo, devido às suas aflorações de granito, propícias à construção de sepulturas de pedras toscas, elevando-se sobre a terra. Esta técnica, que já se observa em pequenos dólmenes com material neolítico, bem poderia ter nascido nesta região <sup>(401)</sup>.

Consequentemente, a cultura das pequenas antas poderia ser equivalente à das sepulturas neolíticas do leste da Península e a sua origem poderia caber numa das correntes mais antigas da neolitização da Península.

A existência de sepulturas de espaço alongado, também em Portugal, colocaria, numa época mais avançada, a divisão das formas arquitectónicas em sepulturas de corredor e sepulturas de galeria. A divulgação do primeiro destes tipos pelas costas atlânticas ocidentais e septentrionais apenas se teria efectuado na segunda época da evolução megalítica em Portugal, época que corresponde ao «íbero-sahariano» e ainda ao período do vaso campaniforme. A opinião recentemente expressa por Daniel <sup>(402)</sup> de que a corrente das *gallery graves* alcançou a Grã-Bretanha num período anterior à chegada das *passage graves*, estaria de acordo com uma posição mais antiga do primeiro tipo na terra firme da Europa, sem, contudo, influenciar as teorias actuais sobre os caminhos da sua difusão. O estado cultural documentado pelo ma-

---

<sup>(400)</sup> Na nossa publicação de dólmenes da provincia de Huelva, esperamos poder dar novos esclarecimentos sobre este tipo de dólmen, associado, também ali, a um rico material de fundo neolítico.

<sup>(401)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 246.

<sup>(402)</sup> *Proc. P. S.*, 1949, pág. 187.

terial dos pequenos dólmenes alentejanos indica ali uma determinada economia primitiva, e uma divulgação para além-mar é pouco provável num povo residente nas alturas do *Hinterland* <sup>(403)</sup>.

*Antas de corredor de espólio neolítico. Fase 1*

Assim como sucede com as pequenas antas de inumação individual, faltam ainda, no concelho de Reguengos, sepulturas intermediárias entre aquelas e as antas de corredor mais antigas, das quais é protótipo a anta 1 do Poço da Gateira. Ao lado do espólio lítico que liga a anta ao neolítico do Alentejo ocidental, encontra-se uma cerâmica semelhante à das grutas neolíticas e influenciada pelas culturas meridionais da Península. A última inumação nesta anta pode corresponder, pela forma do micrólito, à época do primeiro eneolítico do sudeste <sup>(404)</sup>. A favor desta data temos também algumas facas, das quais a maior (Est. IV, N.º 8) foi encontrada no sector oeste da câmara, para o lado do fundo. O conjunto do espólio desta anta, pela abundância de cerâmica e de enxós, indica uma fase cultural avançada, com a agricultura já mais desenvolvida, predominando sobre a vida pastoril. Em face do número limitado de inumações, parece admissível colocar a sua construção numa época que pouco antecede o limite entre o neolítico e o eneolítico. Como prova disso, consideramos, além da própria forma arquitectónica, a maneira das inumações, intermediária entre os ritos neolíticos e eneolíticos.

*Antas de corredor de espólio neolítico. Fase 2*

Protótipos: Antas 1 e 2 das Vidigueiras. — Distinguem-se, neste grupo, plantas de polígono melhor desenvolvido, mas com reminiscências das plantas de parede recta. As câmaras são, em geral, relativamente baixas. Desenvolve-se o tipo de anta próprio do concelho de Reguengos: o dólmen de corredor

---

<sup>(403)</sup> Sobre as teorias da origem do «Long Barrow» vide Daniel, *The Long Barrow*.

<sup>(404)</sup> Sobre a divulgação e a cronologia deste tipo no sudeste vide *Meg. Gr.*, Est. 163 e pág. 408.



curto, formado por duas grandes pedras <sup>(406)</sup>. Alguns micrólitos de entalhe lateral são análogos a um tipo frequente na gruta 3 de Palmela; o machado cilíndrico e a enxó perduram nas mesmas formas. Aparecem novas formas cerâmicas que indicam a perduração das inumações até, pelo menos, à época do vaso campaniforme, mas que provavelmente se estendem até períodos ainda mais avançados.

Estamos, pois, em frente de um neolítico atrasado. A evolução só da cerâmica e da construção megalítica poderia ser motivada por terem estas duas técnicas as suas raízes no próprio país, sendo por isso fácil, nelas, a implantação de novas ideias, enquanto a técnica do retoque facial do sílex, das contas e de outras indústrias eneolíticas precisavam de técnicos peritos, que faltavam no ambiente neolítico.

No sudeste da península, a evolução megalítica, em algumas necrópoles mais afastadas dos centros culturais do litoral, tem aspectos idênticos. Há dólmenes com falta de todo o material aparentado com a cultura das *tholoi*, seguindo-se imediatamente ao neolítico a época de El Argar <sup>(406)</sup>. Nestes dólmenes o material argariense foi, às vezes, encontrado em níveis mais elevados (50 cm.-1 m. acima do chão). Se bem que as antas de Reguengos não tivessem dado uma estratigrafia neste sentido, a posição da ponta de seta de cobre, na anta 2 dos Gorginos, pode indicar uma sequência cultural idêntica.

#### *Antas de espólio eneolítico e construção das tholoi*

Nas antas mais típicas deste grupo, a câmara é alta e de polígono mais regular. A cabeceira é larga e os esteios seguem-se sobrepostos uns aos outros. Os corredores conservam, em geral, as formas arcaicas. Um tipo de câmara com esteios bem ajustados e corredor comprido não pôde ser documentado suficientemente, por falta de material; os poucos objectos nele encontrados pertencem também ao eneolítico.

---

<sup>(406)</sup> Cf. pág. 25.

<sup>(406)</sup> *Meg. Gr.*, págs. 152 e 167; Est. 49, Sep. 15 e 16; Est. 51, Sep. C 3.

Na arquitectura, assim como no material, esta fase assemelha-se à das antas eneolíticas do Alentejo central (grupo de Pavia). Falta, porém, em Reguengos, a ponta de seta de base triangular e o machado de secção rectangular, objectos típicos do segundo neolítico da Península, o «íbero-sahariano», o qual, por isso, não tem um desenvolvimento integral nas antas de Reguengos. Apenas nas placas de xisto e na cerâmica se nota a íntima ligação com a fase correspondente dos concelhos ocidentais da província. Estes factos confirmam as fortes raízes do neolítico antigo no concelho de Reguengos e dão à placa de xisto e à cerâmica do tipo oeste-europeu uma posição de relevo na comunidade das antas eneolíticas do Alentejo. É ainda de notar que as fortes influências das *tholoi* meridionais na cerâmica das grandes antas eneolíticas de Reguengos, têm apenas analogias em poucas antas do Alentejo central.

No eneolítico de Reguengos distinguem-se, além do fundo neolítico, três fácies: em primeiro lugar, as já citadas afinidades com a cultura megalítica do Alentejo central, testemunho do fundo étnico comum; em segundo lugar, o parentesco, ou melhor, igualdade de objectos, com material do litoral ocidental português, sobretudo o das grutas artificiais; e, em terceiro lugar, as relações com o sul e sudeste da Península. Estas últimas ligam o eneolítico de Reguengos, em parte, à cultura de Almeria, em parte, à cultura de Los Millares, relações essas, cujos pormenores foram já analisados, principalmente no que respeita à cerâmica. Pela falta de estratigrafia nas antas eneolíticas de Reguengos, não há bases certas para averiguar a prioridade das relações com o ocidente e o sul da Península, sendo ambas, como prova a cerâmica da anta da Gateira, já documentadas no neolítico. O vaso de decoração simbólica do tipo de Los Millares, na anta do Olival da Pega, e o prolongamento dos corredores, nas antas da Farisoa e da Comenda, são provas de que o povo invasor das *tholoi* inumava também nas antas. Por isso, é duvidoso se parte do material eneolítico destas antas pertence à época anterior ou posterior à construção das *tholoi*. Vários objectos do espólio destas duas antas, como, por exemplo, o vaso de suspensão, as contas de calaíte, as pontas de seta de forma e trabalho idêntico às de Portugal ocidental, o micrólito de entalhe lateral e, sobretudo, as duas placas de xisto com «olhos», iguais uma à outra e ambas do mesmo tipo, como as placas da gruta 2 de Alapraia, provam que estamos na época das primeiras grutas artificiais. Admite-se a hipótese de que o contacto com o litoral, já documentado pelas formas

da cerâmica neolítica, não foi interrompido e que o influxo de elementos culturais dessa proveniência já podia datar dos princípios do eneolítico. Comprovando tal hipótese, salienta-se também o facto de as analogias com a cultura do vaso campaniforme se encontrarem em antas de câmaras poligonais de tipos mais antigos.

Afinidades entre o espólio das grutas artificiais portuguesas e sepulturas da cultura de Almeria, que já começam no segundo período <sup>(407)</sup>, permitem sincronizar estas fases culturais do ocidente e do sudeste da Península, sendo, por isso, possível que as influências do sudeste, documentadas, por exemplo, pelo ídolo almeriense, fossem contemporâneas das do litoral português.

A situação do concelho de Reguengos, nas margens do rio Guadiana, é favorável à entrada de correntes culturais do sul da Península. A cerâmica a almagre é o documento mais antigo desta comunidade; a abundância de ídolos almerienses em dólmenes de Huelva acentua, novamente, a força das correntes culturais saídas de Almeria. O exclusivismo da ponta de seta de base côncava constitui outro laço com as culturas meridionais. A preponderância de influências quer do sul, quer do ocidente poderia, em parte, ser apenas um fenómeno geográfico. Aparecem, na região do Tejo, juntamente com a ponta de seta de base triangular, objectos associados, em Reguengos, à ponta de seta de base côncava, prova de que estamos em presença de duas correntes coevas.

Os nossos conhecimentos actuais não nos permitem esclarecer por completo os pormenores da cronologia relativa do eneolítico nas antas de Reguengos. A contribuição, hoje ao nosso alcance, resume-se, sobretudo, na análise dos elementos étnicos, que constituem, na sua mistura, o quadro perturbante da época eneolítica.

Voltando aos problemas apontados no capítulo da arquitectura dolménica (pág. 46), queremos, agora, resumir os factos que, no concelho de Reguengos, podem contribuir para o seu esclarecimento.

A evolução baseia-se numa cultura pastoril neolítica, portadora do machado cilíndrico e aparentada, pelos micrólitos, com o mesolítico dos concheiros portugueses e com o neolítico de tradição capsense e oraniense do

---

<sup>(407)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 570.

norte da África. Destas correntes culturais poderiam provir as pequenas sepulturas de inumação individual, das quais fazem parte os pequenos dólmenes primitivos. Ainda faltam, porém, dados suficientes para explicar a diferença cultural entre a fácies dos dolmenes e a das sepulturas desta época, no sudeste, mostrando estas últimas afinidades mais pronunciadas com os povos agricultores, e assemelhando-se, pelos braceletes de concha, mais ao neolítico das grutas do que ao dos dólmenes portugueses <sup>(408)</sup>. Assim como esperamos que a publicação das escavações no Alentejo ocidental contribua para a solução deste problema, igualmente novas investigações, no sul e no sudeste da Península, poderiam fornecer elementos sobre a ligação dos pequenos dólmenes escavados por L. Siret, alguns dos quais continham material primitivo, com as cistas neolíticas <sup>(409)</sup>.

O segundo elemento étnico, que influenciava fundamentalmente a evolução da cultura megalítica, foi analisado ao tratarmos da cerâmica do tipo oeste-europeu. Anàlogamente às influências exercidas pela cultura de Almeria sobre os dólmenes do sudeste, o enriquecimento da cultura megalítica alentejana parece depender de novos impulsos, cuja proveniência, como prova a cerâmica da anta do Poço da Gateira e a quantidade de enxós nesta fase, deveria ser procurada nos povos agricultores do litoral. Esta fase, aparentada, mas não igual, à segunda da cultura de Almeria, que se coloca anteriormente ao vaso campaniforme, não é, com toda a probabilidade, dependente de uma transmissão directa do sudeste, mas antes deve ser considerada um ramo sincrónico de uma evolução idêntica. Em volta da foz do Tejo, existia, nesta época, um centro cultural da mesma riqueza que o almeriense. Ao tratarmos da tipologia da ponta de seta de base triangular e convexa, já acentuámos a independência da sua evolução no ocidente da Península, se bem que as origens pudessem ter sido as mesmas que as da ponta almeriense <sup>(410)</sup>.

---

<sup>(408)</sup> Siret sublinhava, porém, a maior frequência de micrólitos nas sepulturas do que nas povoações desta época, o que constitui um certo parentesco com o neolítico dos dólmenes.

<sup>(409)</sup> Cf. Abel Viana, O. da Veiga Ferreira e J. Formosinho, *Monchique*. Dos novos aspectos remetidos por essas escavações, que confirmam o nosso ponto de vista com respeito à ligação da cultura megalítica com o neolítico, trataremos numa publicação posterior, visto que só tivemos conhecimento deles depois da conclusão deste manuscrito.

<sup>(410)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 426.

## CONCLUSÕES — CRONOLOGIA RELATIVA

É de admitir que, nesta segunda fase, se tenha efectuado a transição para a câmara poligonal e a inumação colectiva, hipótese corroborada pelo aspecto cultural da anta do Poço da Gateira. Supondo que os pequenos dólmenes sem corredor formam a base, sobre a qual se desenvolve, influenciada por novas concepções religiosas, a inumação colectiva, que implica a transição para formas arquitectónicas mais complicadas, com possibilidade de entradas sucessivas, a morfologia da arquitectura dolménica surge com mais clareza. No decurso de tal evolução, cabem, tanto o desenvolvimento da sepultura maior em forma de galeria, como a transição para a sepultura de corredor, estando a primeira delas mais intimamente ligada ao povo neolítico <sup>(411)</sup>. As formas intermediárias são testemunho da mudança cultural que, no interior do País, apenas se expandiu lentamente.

Quanto à câmara poligonal, o ponto de saída da sua evolução já poderia ser procurado em formas de habitações próprias dos primeiros agricultores. Partindo dos factos recolhidos em Reguengos, verifica-se que, enquanto a evolução no Alentejo ainda não sobressai definitivamente, sendo, porém, provada a sua independência da construção das *tholoi*, uma comparação com o sudeste pode dar-nos mais alguns esclarecimentos. Habitações e lareiras de forma circular encontraram-se nas escavações da povoação de Tabernas, nos estratos mais antigos, juntamente com cacos de cerâmica pintada, pertencentes, com certeza, a uma época anterior à do vaso campaniforme, à qual, como acentuámos na análise da cerâmica a almagre, provavelmente também antecede esta. Ali aparecem igualmente, já com material neolítico, pequenas sepulturas redondas, que se ligam mais intimamente, pela quantidade de enxós, com a cultura dos povos agricultores. Se bem que as construções de planta circular já apareçam na Península, em épocas bastante remotas, é de admitir, de harmonia com os dados fornecidos pela cerâmica, que a alteração nas formas arquitectónicas das antas alentejanas esteja ligada a uma nova corrente cultural que exerceu influência sobre o povo pastoril, de cujas habitações, aliás, ainda não temos documentação. A favor de tal teoria levanta-se também a existência da evolução arquitectónica bipartida, patente, tanto na manutenção e desenvolvimento independente do dólmen em forma de galeria,

---

<sup>(411)</sup> Dos problemas ligados à evolução da sepultura em forma de galeria no ocidente da Península trataremos numa publicação posterior.

como nas formas intermediárias entre aquele e a anta de corredor, as quais lembram a arquitectura e ritos funerários antigos e provam que esta transformação não abrangeu a totalidade da evolução. Com respeito a este último aspecto e ao problema da prioridade das formas mais perfeitas ou das formas intermediárias, o certo é que a teoria de que a anta de corredor de câmara poligonal teria sido o produto da coincidência de duas correntes culturais implica ambas as possibilidades. Em Reguengos, por exemplo, a anta 2 das Vidigueiras, com micrólito de entalhe lateral, bem poderia ser coeva das primeiras grutas artificiais, colocando-se, conseqüentemente, numa época posterior à da anta do Poço da Gateira, embora possam existir formas intermediárias mais antigas em outras regiões <sup>(412)</sup>. Mais importante do que estas questões de prioridade de uma ou outra anta, as quais se esclarecerão no decurso de escavações futuras, é o facto da procedência da cultura megalítica de estratos neolíticos, da qual são prova evidente estas formas intermediárias.

Para explicar as transformações culturais na Península Ibérica, na segunda metade do terceiro milénio, formularam-se, nos últimos anos, algumas teorias novas. Menghin admite uma colonização de povos orientais, que chama «asiânicos», composta de vários elementos étnicos, sob a condução de grupos elâmicos, sendo a costa de Almeria o ponto de entrada desta invasão <sup>(413)</sup>. Os citados elementos recolhidos em Tabernas vêm confirmar tal hipótese. No concelho de Reguengos, a cerâmica a almagre poderia incluir-se neste círculo cultural, assim como a ligação religiosa com o Oriente se teria propagado pelos mesmos caminhos.

A segunda teoria, ainda de maior importância para as nossas investigações, porquanto se relaciona em maior escala com o próprio fundo étnico, é a apresentada recentemente por J. Arnal <sup>(414)</sup>, que admite, em tempos pos-

---

<sup>(412)</sup> A particularidade construtiva de antas desta fâcies de os esteios, às vezes, não serem enterrados, liga-as com as cistas de espólio neolítico do Algarve e poderia, conseqüentemente, provir de estratos mais antigos. Abel Viana, *Nuevas contribuciones*.

<sup>(413)</sup> Runa, I, págs. 1180, 1181 e 1185. Baseando as suas conclusões em grande parte em dados linguísticos, Menghin acentua também que, para o reconhecimento da área de difusão destes povos, é característica a falta da consoante f. Sem nos atrevermos a entrar em discussões etimológicas, nota-se, que, segundo aquele critério, esta corrente cultural não teria alcançado, em grande escala, a costa atlântica da Península. Idem, págs. 1172 e 1173.

<sup>(414)</sup> *Zephyrus*, I, pág. 23.

teriores ao advento da cerâmica incisa hispano-mauritana, novas influências culturais da África, caracterizadas pela cerâmica lisa e polida e por uma decoração de incisões finas, que, em Almeria, se desliga da indústria cerâmica, conservando-se, porém, na arte de ornamentação das placas de xisto (cf. pág. 111). Esta cultura, que Arnal classifica de «Chasséen», ter-se-ia divulgado pela Europa ocidental, acabando por se unir com a campinhiense e trazendo consigo o elemento megalítico. Tal teoria está de acordo com a de Bosch-Gimpera, que afirma a ligação da cultura de Almeria com o norte da África. Pelas conclusões que a análise da cerâmica e das placas de xisto forneceram, não se exclui a ideia de que tivesse sido este um dos elementos que se sobrepôs à cultura pastoril dos pequenos dólmenes e dos machados cilíndricos, processo análogo ao que se deu com a cultura campinhiense. Arnal considera a cultura de Windmill Hill como produto desta união, teoria que faz lembrar as citadas afinidades dos vasos da anta do Poço da Gateira com os daquela fase inglesa.

Se bem que o aparecimento de mais analogias com culturas africanas, nesta época, se explicasse por tal hipótese, temos poucas provas, no ocidente da Península, de que as habitações de planta circular possam ligar-se a este povo (<sup>415</sup>), embora se não exclua da cultura de Almeria. Lembramos, porém, que o ídolo almeriense, tal como a placa de xisto, estão ligados à sepultura de planta circular e poligonal.

De harmonia com a classificação que H. Savory estabeleceu recentemente para os factores que explicam as analogias entre as civilizações pré-históricas (<sup>416</sup>), poderíamos inserir no seu primeiro grupo vários fenómenos culturais, baseados numa comunidade étnica. Outros, porém, pertencem ao segundo grupo, revelando influências espirituais.

Há várias teorias sobre a maneira como as novas ideias se propagaram: por comerciantes, missionários, mineiros, colonizadores. As *tholoi* de Reguenos provam, por exemplo, uma intrusão do próprio povo, que, partindo do sul ou sudeste da Península, atingiu o ocidente. Isto constitui, porém, apenas uma das fácies da entrada de influências no concelho. Com efeito, todas as

---

(<sup>415</sup>) Castelo de Pavia. V. Correia, *El neolítico*.

(<sup>416</sup>) H. N. Savory, *A influência do povo «Beaker» no primeiro período da idade do bronze na Europa ocidental*. *Rev. de Guimarães*, Vol. LX, N.º 3 e 4, 1950, pág. 350.

teorias apresentadas para a solução deste problema contêm uma partícula de verdade e a difusão de novas ideias efectua-se por várias vias, quando uma época esteja preparada para as receber. Esta predisposição é um factor da mesma importância que as próprias influências e, se as novas ideias foram em parte oriundas do Oriente, a semente, caindo, não sobre terrenos estéreis, mas sobre um fundo neolítico de ascendência mais antiga, criou novas culturas de carácter essencialmente europeu. A aceitação de uma evolução da cultura megalítica alentejana sobre bases antigas não inclui o regresso à teoria da origem monogenética de toda a cultura megalítica em Portugal, problema, aliás, de que hoje não pretendemos ainda tratar, no seu conjunto. As condições geológicas, no entanto, formaram ali a base para o desenvolvimento da estrutura mais típica do megalitismo. Este tipo, já produto da confluência de várias correntes culturais, foi divulgado nas costas atlânticas, na segunda época neolítica e na primeira época do bronze <sup>(417)</sup>.

A inclusão no termo «sepultura megalítica» de formas arquitectónicas tão alheias à verdadeira construção megalítica, como, por exemplo, a gruta artificial e a sepultura de cúpula, desorienta as teorias sobre a origem monogenética ou poligenética dessa cultura. No momento em que estas diferenças construtivas forem separadas e ligadas a distintas bases culturais, só as ideias poderão ser monogenéticas, ao passo que a sua materialização pode ser poligenética <sup>(418)</sup>.

---

<sup>(417)</sup> A questão da existência de focos antigos também no norte de Portugal ainda fica por esclarecer. A difusão na própria Península Ibérica poderia, porém, coincidir com a do machado de secção rectangular (cf. pág. 48). Uma comparação da planta do dólmen Font del Roure, na Catalunha, com antas de Reguengos dá-nos esclarecimentos sobre a posição cronológica deste tipo no nordeste. Cremos que a data proposta por Péricot de 2300 seja, para ele, demasiadamente elevada. Pelo descobrimento recente de dólmenes na província de Burgos, as vias de divulgação já se notam melhor. Nesta época havia também influências da cultura portuguesa para o sudeste. Péricot, *Sep. Meg.*, Fig. 31, Sep. 1; Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 577.

<sup>(418)</sup> Daniel antepõe a estas diferentes formas arquitectónicas a noção da «sepultura de corredor», o que nos parece ser também, fundamentalmente uma ideia, porquanto a concepção de tal sepultura depende de ritos funerários e de prescrições religiosas. Daniel, *The distribution*.



## II. CRONOLOGIA ABSOLUTA

O neolítico final da Península Ibérica ainda se subtrai a qualquer fixação cronológica absoluta. Em geral, admite-se a sua posição durante todo o terceiro milénio <sup>(419)</sup>, sendo, no entanto, discutido o começo da cultura de El Garcel, a qual, pela sua ligação à cerâmica lisa, é de importância para as culturas do mesmo aspecto cultural e, consequentemente, também para a cultura megalítica.

O primeiro elemento cultural em Reguengos, que pode servir de base para a cronologia absoluta, é a cerâmica a almagre. Pela sua associação ao machado cilíndrico e aos micrólitos de formas neolíticas, a data desta cerâmica poderia também fornecer esclarecimentos sobre o fim do neolítico nas províncias do interior do País. Segundo a análise a que submetemos o aparecimento da cerâmica a almagre nas culturas ibéricas, e de acordo com os dados fornecidos por Santa-Olalla <sup>(420)</sup>, esta cerâmica já poderia inserir-se nas primeiras relações da Península com o Oriente.

A técnica da pintura a almagre sobre vasos chega a Chipre entre 2400 e 2300 a. C., procedente da Anatólia <sup>(421)</sup>. Os portadores deste elemento cultural poderiam ter sido mineiros que descobriram e exploraram ali as minas de cobre <sup>(422)</sup>. Santa-Olalla exprime a opinião de que o advento desta técnica cerâmica na Espanha poderia colocar-se numa época bastante mais recente do que a de Chipre, sem, contudo, indicar uma data exacta. Como, porém, acentua as afinidades entre certos exemplares da cerâmica a almagre de grutas espanholas e a fase cipriota de Vunus e, como o ídolo proveniente deste cemitério, comparado, já várias vezes, com placas de xisto portuguesas <sup>(423)</sup>, se coloca, segundo Schaeffer <sup>(424)</sup>, na época entre 2200 e 2000, as relações testemunhadas pela cerâmica a almagre teriam começado posteriormente a

---

<sup>(419)</sup> Santa-Olalla, *Esquema, tabela*; L. Péricot, *Esp. Prim.*, pág. 355; San Valero, *La Peninsula*, pág. 16.

<sup>(420)</sup> Santa-Olalla, *La fecha*.

<sup>(421)</sup> Schaeffer, *Stratigraphie*, págs. 345, 346 e 349.

<sup>(422)</sup> Santa-Olalla, *La fecha*, pág. 103.

<sup>(423)</sup> Saez-Martin, *Nuevos precedentes*.

<sup>(424)</sup> Informação pessoal.

2200, supondo que Chipre tivesse sido a primeira e única fonte desta influência.

Nas primeiras fases da cultura de Almeria, assim como na cultura megalítica, há, contudo, mais analogias com a Anatólia do que com Chipre. Ao tratarmos das placas de xisto, apresentámos abundante documentação sobre estas relações, que se manifestam, quer nas formas dos ídolos, quer nos motivos simbólicos que os acompanham. Tais analogias conduzem, na sua maioria, à época da segunda cidade de Troia. As datas propostas para esta fase da cultura da Anatólia oscilaram consideravelmente no decurso dos últimos dois decénios. Em face das recentes investigações no Oriente, estas datas foram novamente elevadas por vários autores, que colocam o fim da segunda cidade de Troia no ano de 2300 <sup>(426)</sup>.

Para a comparação cronológica dos diferentes tipos de ídolos orientais e ibéricos, há ainda várias lacunas, motivadas sobretudo pela falta de estratigrafia na própria cidade de Troia, onde a atribuição não especificada, entre a segunda e quinta cidade, torna possível que a perduração de alguns tipos se tivesse estendido até 1900. Não existe, por exemplo, uma data exacta para os ídolos de forma trapezoidal, tão afins das placas portuguesas <sup>(426)</sup>. Os «tells» da Anatólia central fornecem-nos datas correspondentes às da segunda cidade de Troia, um pouco posteriores, porquanto os ídolos são ali considerados como provenientes da costa ocidental da Península Anatólica <sup>(427)</sup>.

Vários tipos do ídolo almeriense podem ser comparados com ídolos de Thermi <sup>(428)</sup>. É notável, por exemplo, a analogia na configuração do corpo dos ídolos de Thermi «em forma de coluna» com os almerienses, associados

---

<sup>(426)</sup> Schaeffer, *Stratigraphie*; Milojevic, *Chronologie*; Lamb, *Thermi*; L. Péricot, *Nuevos aspectos del esquema troyano*. *Zephyrus*, II, Salamanca, 1951, pág. 37.

<sup>(428)</sup> Schliemann, *Sammlung*, N.º 7.343-7.350.

<sup>(427)</sup> Bibliografia vide pág. 122. As datas obtidas para os ídolos comparáveis na Anatólia são as seguintes: Alishar Huyük, começo antes de 2300; Alaca Huyük, 2400-2100; Kursura, fim do terceiro milénio. Estas datas dizem sobretudo respeito aos ídolos ornados pela cruz oblíqua.

<sup>(428)</sup> Cf. por exemplo: Leisner, *Meg. Gr.*, Est. 3, Sep. 1, 9 e 11; Est. 4, Sep. 1, 35 e 40; Est. 5, Sep. 1, 112; Est. 6, Sep. 1, 7; com Lamb, *Thermi*, Est. XX, 30-28; Est. XXI, 30-42; Est. XXIII, 29-2 (terceira cidade), 31-25, 32-9.

aos espólios mais arcaicos (<sup>429</sup>). Este tipo ocorre em Thermi, desde a terceira até à quinta cidade, ocupando, conseqüentemente, a primeira metade e parte da segunda do terceiro milénio, até 2350 (<sup>430</sup>). Ídolos deste tipo apareceram também em estratos arcaicos de Chipre (<sup>431</sup>). Ídolos deste tipo apareceram sistir numa contemporaneidade absoluta entre estas analogias apenas formais. São, contudo, notáveis dois factos: em primeiro lugar a variedade das analogias, indicando uma comunidade cultural de maior vulto que já se nota em estratos antigos e, em segundo lugar, a falta de qualquer centro intermediário que nos desse provas de relações de igual intensidade com a Anatólia. Por isso, parece admissível pensar, já nesta época, em relações imediatas, o que poderia colocar os primeiros contactos com o Oriente e as analogias com ídolos de Thermi numa época anterior a 2350 (<sup>432</sup>). Poder-se-á pensar que a cerâmica a almagre já tivesse alcançado terras ibéricas pelas mesmas vias dos ídolos, sem a mediação de Chipre? Segundo a nossa opinião, já expressa anteriormente (<sup>433</sup>), a afluência de elementos orientais poderá fundar-se, em parte, na riqueza mineral da Península. A hipótese de que foram mineiros da Anatólia que levaram a cerâmica a almagre para Chipre (<sup>434</sup>) explicaria também relações antigas entre a Anatólia e a Península Ibérica (<sup>435</sup>). Neste caso o ídolo de Vunus poderia documentar uma fase mais recente de relações, o que estaria de acordo com a cronologia relativa dos ídolos de Thermi, onde os ídolos de terracota, mais antropomorfos, são posteriores aos ídolos esquemáticos de pedra (<sup>436</sup>), sequência essa confirmada na própria ilha de Chipre

---

(<sup>429</sup>) Leisner, *Meg. Gr.*, Est. I, Sep. 5 e 6.

(<sup>430</sup>) Lamb coloca a divulgação da cultura de Lesbos na época da quarta cidade. *Thermi*, págs. 208 e segs.

(<sup>431</sup>) P. Dikaios, *The excavations at Erimi 1933-35, Report of the Department of antiquities Cyprus*, 1936, Part I, Nicosia, 1938, Est. XXIX, 150, 1,221.

(<sup>432</sup>) Tal data corresponderia ao início do «íbero-sahariano» proposta por Santa-Olalla (2.400), Esquema, tabela.

(<sup>433</sup>) Leisner, *Meg. Gr.*, págs. 256 e 521.

(<sup>434</sup>) Santa-Olalla refere-se a um vaso importado da Anatólia, encontrado recentemente na região do Baixo Guadalquivir. *La fecha*, pág. 106.

(<sup>435</sup>) Schaeffer, *Stratigraphie*.

(<sup>436</sup>) Lamb, *Thermi*, pág. 177; Dikaios, *Erimi* (cf. nota 431).

pelos ídolos de Erimi e Vunus. O ídolo de chumbo de Troia, muitas vezes comparado com o ídolo de Almizaraque, já cabe no segundo milénio (<sup>437</sup>).

Para a cronologia de todo o conjunto de ídolos e da época da sua divulgação, encontra-se mais um ponto de vista importante. Milojevic distingue, com respeito aos ídolos, no sudeste da Europa, duas fases consecutivas. A primeira traz do Oriente os ídolos de configuração realista, análogos aos dos estratos neolíticos de Creta. Esta fase é contemporânea da cultura de Sesclo. A segunda fase, que é a dos ídolos chatos cicládicos, é sincrónica das culturas de Vinca e Gumelnitza, ocupando os anos desde 2600 a 2100 (<sup>438</sup>). Estes factos podem ser comparados com alguns resultados das novas escavações em Tabernas (<sup>439</sup>). A estratigrafia deu, no fundo, cerâmica pintada; os ídolos chatos, porém, só apareceram em estratos superiores (cf. pág. 83) (<sup>440</sup>). Consequentemente a afinidade mais antiga da Almeria com o Oriente poderia ter sido contemporânea das culturas da cerâmica pintada, na Itália, estas últimas já datadas, na época anterior a 2500 (<sup>441</sup>). A segunda onda de influência, cujos primeiros vestígios nos oferecem as citadas analogias com a quinta cidade de Thermi, poderia ter atingido a Península Ibérica no primeiro ou no segundo século da segunda metade do terceiro milénio, por volta de 2400 (<sup>442</sup>). Tal hipótese obriga-nos a atrasar igualmente a data da cultura das antas de corredor do Alentejo, que apresenta analogias idênticas às da Anatólia, ainda que fosse admissível uma data um tanto posterior, supondo que os almerienses tivessem servido de intermediários.

Já acentuámos, várias vezes, que a cultura de Los Millares não é o ponto de partida da cultura megalítica portuguesa, erro de que provêm muitas das

---

(<sup>437</sup>) Bittel, *Prähist. Forschung*, pág. 40.

(<sup>438</sup>) Milojevic, *Chronologie*, pág. 108.

(<sup>439</sup>) Segundo informações pessoais, amavelmente fornecidas pelo Prof. Santa-Olalla,

(<sup>440</sup>) Menghin põe o advento dos povos asiáticos, portadores da cerâmica pintada, na segunda metade do terceiro milénio. É preciso esperar a publicação integral das escavações em Tabernas para reconhecer o hiato entre estas duas fases em Almeria (Runa, pág. 185).

(<sup>441</sup>) Santa-Olalla, *Esquema*, tabela.

(<sup>442</sup>) Com estas datas volta-se em parte à cronologia de Siret, que atribuiu ao início da segunda época da cultura de Almeria uma data bastante anterior à da cultura de Los Millares, ou seja 2300.

## CONCLUSÕES — CRONOLOGIA ABSOLUTA

dificuldades cronológicas (<sup>443</sup>). O concelho de Reguengos contribuiu consideravelmente para esclarecer este facto, tanto pela sequência dos tipos arquitectónicos, como por outros elementos culturais.

As placas antropomorfas, comparáveis ao ídolo de Chipre, associadas já ao machado de secção rectangular e à indústria do sílex no seu auge, poderiam colocar-se no fim do terceiro milénio, data essa que confirma uma evolução, em que o tipo mais antropomorfo não é o primeiro. Esta hipótese é corroborada pelo facto de se terem encontrado placas deste tipo associadas à cerâmica canelada, que, segundo Childe, pertence, no Oriente, à terceira fase da primeira época minóica, que teria terminado em 2100 (<sup>444</sup>). Os ídolos portugueses, com os braços separados do corpo, comparáveis a ídolos de Amorgos, pertencem à mesma época.

Embora este esquema cronológico possa modificar-se, sobretudo, desde que se alterem as datas no Oriente, o conjunto destas relações coloca-se, com certeza, numa época anterior à XII dinastia, o que é provado pelo terceiro nível de Ras-Shamra-Ugarit.

A cerâmica canelada apareceu em «cuevas» de Narbona, em estratos mais profundos do que a cerâmica campaniforme. O mesmo facto é verificado na cerâmica do tipo oeste-europeu (<sup>445</sup>). Naturalmente a evolução do vaso campaniforme já poderia caber numa época um pouco anterior, na própria Península Ibérica, o que parece confirmado por escavações em Vila Nova de S. Pedro, onde ambas as espécies de cerâmica apareceram nos estratos mais profundos (<sup>446</sup>). Admitindo que as placas mais antropomorfas, a cerâmica canelada e o início do vaso campaniforme foram mais ou menos coevos, as relações da cultura megalítica com o vaso campaniforme poderiam colocar-se no último século do terceiro milénio, ou por volta do segundo, de acordo com as datas propostas por Santa-Olalla (<sup>447</sup>). Esta data corresponderia a uma fase intermediária de inumações em várias antas de Reguengos.

---

(<sup>443</sup>) Cf. pág. 170.

(<sup>444</sup>) Childe, *L'Aube*, págs. 71 e 294; Milojevic, *Chronologie*, pág. 36; Santa-Olalla, *Esquema*, tabela.

(<sup>445</sup>) Vide *Bibliografia*, pág. 104.

(<sup>446</sup>) Segundo notícias fornecidas pelo padre E. Jalhay.

(<sup>447</sup>) Santa-Olalla, *Esquema*, tabela.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Estas considerações levam-nos a propor as datas seguintes:

- 1) Para a cerâmica a almagre a data de 2200, havendo a possibilidade de a elevar, no caso de se poderem provar relações directas com a Anatólia, ou com estratos mais antigos das grutas espanholas, ou de a baixar um tanto, se se confirmar a sua ligação com o ídolo almeriense. A suposição de que esta fase foi contemporânea da cultura de Windmill Hill, permitiria a data de cerca de 2300 que, aliás, cabe melhor na cronologia alentejana <sup>(448)</sup>.
- 2) Para as relações da cultura de Almeria com a Anatólia e com as ilhas do Mediterrâneo oriental, documentadas pelo ídolo chato, propõe-se uma data entre, aproximadamente, 2400 e 2100, prolongando-se estas influências no ocidente da Península até ao período do vaso campaniforme, ou seja 2000.
- 3) O início da evolução da anta de corredor no Alentejo deve corresponder, pelo menos, à data proposta para a cerâmica a almagre. As grandes antas de Reguengos, tal como a anta do Olival da Pega, foram construídas antes ou dentro da época do ídolo chato do tipo 3, segundo a classificação dos ídolos de Almeria <sup>(449)</sup>, do vaso campaniforme e da primeira época de Los Millares. Para determinar o início do desenvolvimento da cerâmica desta época, das placas de xisto e das antas de corredor do Alentejo central, ainda faltam bases de cronologia absoluta. Algumas placas antropomorfas marcam uma data de, aproximadamente, 2100.
- 4) As relações do concelho de Reguengos com a primeira fase do vaso campaniforme poderiam caber no fim do terceiro milénio, sendo posterior a cerâmica a almagre, o que é provado pela anta 2 da Comenda.

---

<sup>(448)</sup> Tal data corresponderia à data final do neolítico no Mediterrâneo ocidental, proposta por San Valero, *La Península*, pág. 16, tabela.

<sup>(449)</sup> Leisner, *Meg. Gr.*, pág. 418.

- 5) Para os objectos pertencentes à cultura de Los Millares não se estabeleceram novas datas. Há, porém, alguns indícios, tais como as placas de «olhos» com irradiações, que deixam supor a sua contemporaneidade com as influências do círculo do vaso campaniforme. Por consequência, mantemos a teoria anteriormente estabelecida de que o início de Los Millares deve colocar-se ainda nos fins do terceiro milénio, o que está de harmonia com a cronologia de L. Péricot.
- 6) A construção das *tholoi* em Reguengos pertence provavelmente, conforme as afinidades do material com o das grandes *tholoi* da costa oriental e dos castros da primeira época do bronze, a um período correspondente à metade, ou ao fim, da primeira época de Los Millares, um tanto posterior a 2000.
- 7) Não temos, em Reguengos, antas construídas no período de El Argar, se bem que as inumações nas antas eneolíticas pudessem ter perdurado até àquela época. Aceitando, para a anta de corredor com câmara poligonal, a data inicial de 2300-2200, a época da cultura da anta de corredor ter-se-ia estendido, pelo menos, por meio milénio, o que, em face dos milhares de antas em Portugal, não parece ser demasiado <sup>(450)</sup>.

---

<sup>(450)</sup> O início da cultura megalítica é colocado, por vários autores, no fim do terceiro milénio, tratando-se, em todos os casos, de formas architectónicas já desenvolvidas. Childe, *L'Aube*, tabela: 2200 (início da cultura megalítica na Península Ibérica); Péricot, *Esp. Prim.*, tabela: 2300; Santa-Olalla, *Esquema*, tabela: 2100; Milojevic, *Chronologie*, tabela: 2200 (começo dos dólmenes de corredor na Europa central, precedido pela época dos «dólmenes»).





## G. RESUMO EM ALEMÃO

### ERGEBNISSE DER GRABUNGEN IM CONCELHO REGUENGOS DE MONSARAZ

Im concelho Reguengos de Monsaraz, Distrikt Evora, nahe der Südostgrenze Portugals am Guadiana gelegen, wurden in den Jahren 1946-1951 eine grössere Anzahl bisher unbekannter Megalithgräber von uns aufgenommen und zum Teil ausgegraben (Karte Taf. LXIII). In den Granitgebieten dieses concelho konnten wir 134, grösstenteils halbzerstörte Gräber feststellen; vorwiegend mittelgrosse Ganggräber mit unregelmässig polygonalen Kammern und kurzen Gängen, letztere bei der Hälfte der klassifizierten Gräber aus zwei grossen Platten gebildet. Die Tafel XL gibt einen erschöpfenden Ueberblick über die Grabformen.

Die Grabungen ergaben verschiedene neue Erkenntnisse. Gegenüber dem aus den bisherigen Veröffentlichungen gewonnenen Bild der portugiesischen Megalithkultur hebt sich in Reguengos vor allem ein stärkerer Einschlag des Neolithikums hervor, bewiesen durch das ausschliessliche Vorkommen des Beiles mit zylindrischem und ovalem Querschnitt, durch Mikrolithen primitiver Typen, verwandt der Industrie der Muschelhaufen und mit Anklängen an das afrikanische Neolithikum von Capsientradition und durch Keramik, die Beziehungen zu neolithischen Grotten von Portugal und Süd-

spanien sowie zu dem weiteren Kreis des westeuropäischen Neolithikums aufweist.

Diese neue Facies der Megalithkultur tritt uns am reinsten in dem Grab Poço da Gateira 1 entgegen (Taf. I-IV). Die Südhälfte seiner Kammer sowie der Gang waren völlig intakt. Auf dem Boden der Kammer stand in ursprünglicher Stellung, ca. 50 cm von der Wand entfernt, eine Reihe von 10 Gefässen; im gleichen Sektor fanden sich 11 Beile, 11 Flachäxte, ein Hohlmeissel, 19 Mikrolithen und einige Messer. Die Fundorte der Beile liessen in den meisten Fällen keine Schlüsse über ihre ursprüngliche Lage zu; bei mehreren Gefässen fanden sie sich jedoch auf einem etwas höheren Niveau als die Gefässöffnung, näher an der Wand und in horizontaler Lage. Menschliche Reste waren nur in Spuren vorhanden; nach der Stellung der Gefässe und der Beile ist jedoch anzunehmen, dass die Leichen in dem Raum zwischen der Wand und den Gefässen sassen und dass die höhere Lage der Beile vielleicht dadurch zu erklären ist, dass die Toten sie ursprünglich in den Händen hielten. Zum Bestattungsritus ist noch zu bemerken, dass in mehreren Fällen, wie auch in anderen Gräbern, ein Beil und eine Flachhacke zu einer Bestattung gehörten, dass die Bodenschicht mit Ocker rot getönt war, dass mehrere Messer zerbrochen waren mit alter Patina an den Bruchstellen und dass sich in dem intakten Teil des Grabes keinerlei Spuren von früheren, zurückgeschaukelten Bestattungen fanden. Scherben aus der zerstörten Hälfte der Kammer ergaben eine der intakten Hälfte ziemlich gleiche Anzahl von Gefässen; das erste Gefäss dieser Nordreihe am Stirnstein stand noch in situ (Nr. 12). Nach diesen etwa 20 Bestattungen — und einer weiteren im Gang — scheint das Grab endgültig geschlossen worden zu sein.

Die zylindrischen Beile sind nur an der Schneide poliert. Die Keramik ist in Form und Herstellung vollkommen; zum grössten Teil sind die Gefässe innen und aussen mit einer dünnen Schicht, die leuchtend hellrot gefärbt und fein poliert ist, bedeckt. Diese Keramik, in Spanien *a la almagra* genannt, wird dort der älteren Stufe des Endneolithikums, dem sog. «hispanomauritano» zugeschrieben. In zahlreichen Gräbern von Reguengos fanden sich Spuren dieser Keramik.

Steininventare gleicher Facies, ebenfalls zusammen mit Almagrakeramik, doch auch schon mit Gefässen, die auf die Glockenbecherzeit und auf die Millareskultur hinweisen, fanden sich in mehreren Ganggräbern, bei denen, obgleich sie bereits geplündert waren, das Fehlen jeglicher Spur der kupfer-

zeitlichen Industrien annehmen lässt, dass eine lokale Weiterentwicklung auf neolithischer Basis stattgefunden hat. Auch in Gräbern mit kupferzeitlichem Inventar ist die neolithische Industrie meist vertreten, was einerseits die Bindung des Megalithgrabes an die neolithischen Bevölkerungsschichten beweist, andererseits die Möglichkeit zulässt, dass die Bauzeit einiger dieser Gräber in eine frühere Periode fällt als das über dem Neolithikum lagernde kupferzeitliche Inventar annehmen lässt.

Die Gräber mit neolithischen Inventaren zeigen eine nur unvollkommene Ausbildung der polygonalen Kammerform; die Gänge unterscheiden sich in der Breite meist nur wenig von den länglichen oder einseitig ausgebuchteten Kammern; die Differenz von Kammer- und Ganghöhe ist oft nur gering. Diese baulichen Eigenheiten verbinden die neolithischen Ganggräber von Reguengos mit den kleinen, galerieartigen Dolmen des westlichen Alentejo, bei denen eine Trennung von Kammer und Gang nicht oder nur in Ansätzen erkennbar ist. Auch zu Steinkisten mit neolithischem Inventar, die in den letzten Jahren in Algarve erforscht wurden, bestehen in Grundriss und baulichen Einzelheiten Beziehungen. Für eine engere Verbindung der Megalithkultur zu derjenigen dieser neolithischen Einzelbestattungsgräber spricht ebenfalls die Tatsache, dass das Grab in Galerieform sich nach neuesten Forschungen auch im Westen der Halbinsel unabhängig neben dem polygonalen Ganggrab weiterentwickelt. Es erscheint demnach das letztere als eine bestehenden, älteren Grabformen aufgepflanzte Neuerscheinung.

Die nur geringen Spuren von Keramik in den kleinen Dolmen und den neolithischen Steinkisten sowie deren Lage im gebirgigen Hinterland lässt annehmen, dass es sich um Hirtenkulturen handelt, die, nach den Beilen und Mikrolithen zu schliessen, in Zusammenhang mit den älteren Strömen der Neolithisierung Westeuropas stehen. Demgegenüber zeigt das kulturelle Bild des Ganggrabes von Poço da Gateira neben dem Festhalten an der neolithischen Steinindustrie Neuerungen — vor allem die Menge und Güte der Keramik — die auf den Übergang zu einem sesshafteren und stärker auf Ackerbau fussenden Leben hinweisen. In die Zeit dieses Wandels fällt auch das Erscheinen der Kollektivbestattung, die hier allerdings noch nicht derjenigen der grossen Ossuarien der B.Z.I. gleicht. Die Beziehungen der Keramik von Gateira zur portugiesischen Küste sowie die dem westlichen Neolithikum fremde Technik der Rottönung der Gefässe lassen annehmen, dass, analog ähnlichen Erscheinungen im Südosten der Halbinsel, auch hier neue, von

Westen und Süden eindringende Einflüsse den Wandel der Lebensformen mitbestimmten.

Ueber den Zeitpunkt dieses Wandels geben die Gräber von Reguengos ebenfalls einige neue Aufschlüsse. Bei zwei Ganggräbern, der Anta 2 da Comenda und der Anta 1 da Farisoa (Taf. X und XIV) fanden wir im Tumulus, unmittelbar an das Megalithgrab angelehnt, eine Tholos eingebaut. In beiden Fällen ist nur der untere Teil der Wand — ein Sockel von Schieferplatten — erhalten; die Masse der im Inneren angehäuften Platten beweist jedoch die ursprüngliche Kindeckung mit einem falschen Gewölbe, von dem geringe Ansätze erhalten sind. Beide Tholoi sind, wie aus den auf S. 37 angeführten Beweisgründen hervorgeht, mit Sicherheit später als die Ganggräber erbaut. Das Inventar der Tholos von Farisoa gleicht dem der grossen Tholoi der Ostküste von Almeria; die Bauzeit der Tholoi von Reguengos dürfte demnach noch in die erste Periode von Los Millares fallen. Derartige spätere Einbauten in die Grabhügel der Megalithgräber, die auch weiter nördlich im Gebiet von Elvas vorkommen, sind wahrscheinlich sehr viel häufiger als die bisherigen Grabungen vermuten lassen; in Reguengos fanden wir auf den Hügeln von 20 Gräbern zahlreiche Bruchstücke von Schieferplatten, in allen Fällen nicht vom Ort.

Die Wandlung des Megalithgrabes zum Ganggrab mit polygonaler Kammer muss daher dem unmittelbaren Kontakt mit den Erbauern der Tholoi vorausgegangen sein; die Theorie der völligen Abhängigkeit des portugiesischen Ganggrabes von der Tholos und somit vom Orient ist nicht mehr aufrecht zu erhalten. Ob der Uebergang zur Rundkammer im Zusammenhang mit älteren Hausformen steht, die im Südosten der Halbinsel — wie Grabungen in Tabernas neuerdings zeigten — schon in ältesten Schichten kreisförmige Grundrisse aufweisen, ist vorerst für den Westen der Halbinsel schwer zu erkennen, vor allem nicht für die ältere Megalithkultur, von der Wohnstätten kaum aufgedeckt sind. Zeitlich und kulturell steht die portugiesische erste Ganggrabstufe der zweiten Stufe der Almeriakultur nahe, in der ebenfalls die Ausbildung der Rundkammer im Grabbau abgeschlossen wird. Gemeinsame Grundlagen dieser dem Südosten ähnlichen Entwicklung lägen also jedenfalls vor der Millaresepoche. Es ist in dieser Hinsicht auch bemerkenswert, dass sowohl das Almeriaidol wie auch die der gleichen Zeit angehörige portugiesische Schieferplatte an runde und polygonale Kammerformen gebunden sind.

Während das aus älteren Schichten hervorgehende Kulturgut — der Grabbau und die Keramik — sich langsam weiterentwickelt, treten mit dem Wandel zum Eneolithikum in Reguengos unvermittelt und ohne Zwischenstufen zur neolithischen Industrie als Neuerscheinungen auf: die retuschierte Pfeilspitze, hier ausschliesslich in der Form mit gerader und konkaver Basis, also mehr dem südlichen als dem westlichen Kulturkreis zugehörig; die retuschierten Klingen und Sichelstücke; zahlreiche kleine diskusförmige Perlen sowie Spuren einer Knochenindustrie, die zur Glockenbecherstufe der portugiesischen Westküste Beziehungen aufweist. Einige Knochenhalter für Kupferpfriemen beweisen das ursprüngliche Vorhandensein von Metall, das im übrigen in der gesamten Megalithkultur Portugals sehr selten ist. Eine kleine Pfeilspitze aus Kupfer oder Bronze gehört bereits der Argarperiode an und steht nicht im Zusammenhang mit dem übrigen Inventar des Grabes, in dem sie gefunden wurde.

Die mögliche Entwicklung der späteren Megalithkeramik aus der nur spärlich erhaltenen und zudem noch grösstenteils unveröffentlichten Keramik der primitiven Dolmen und Steinkisten ist vorerst nicht zu überblicken. Gegenüber der Keramik des Grabes von Gateira und der verwandten Grotten zeigt sich in Reguengos in der folgenden Stufe der Uebergang zum Umbruchgefäss (Taf. V), erst weicher abgesetzt, später in den verschiedenen Formen der Kielvase; ferner treten jetzt, neben seltenen Anklängen an Glockenbecherformen und an die dekorierte Grottenkeramik Wanddurchbohrungen und Knubben auf, letztere sowohl zu praktischem Gebrauch als auch zu dekorativen Zwecken und zu symbolischen Darstellungen. Diese Keramik gehört durchaus dem westeuropäischen Kreis an; weitere Einzelheiten wie Löffel und Untersätze bestätigen die Verwandschaft zum älteren westeuropäischen Neolithikum und analog diesem, zum Neolithikum von Merimde-Benisalâme. Es bestehen dementsprechend zahlreiche Analogien in Formen und Entwicklung zur undekorierten Keramik der Ammeriakultur. Diesem Horizont gehört vor allem das sphärische Gefäss, der kleine hohe Kumpf, das Umbruchgefäss sowie das Knubbengefäss an. Darüber legt sich eine zweite Schicht, die stärkere Beziehungen zur Kultur der Tholoi aufweist; sie ist in Reguengos vertreten durch die symbolisch dekorierte Keramik, das flach-doppelkonische Gefäss, die flachbauchige Flasche, die Gefässe mit Flach- und Standboden und vor allem durch das zahlreiche Vorkommen von Näpfen und Schalen in allen Formen und Grössen. Einzelheiten in Form

und Technik dieser Gefässe erinnern in einigen Fällen an die badarische Kultur sowie an Keramik des Ostmittellmeers.

In denjenigen Gräbern von Reguengos, die auf neolithischer Tradition fussen, finden sich überwiegend Scherben grösserer Gefässe. Die kleinen Kumpfe und Kielvasen treten in den Grabinventaren stets mit der gravierten Schieferplatte zusammen auf. Letztere, eine eigenartige Schöpfung der alentejanischen Megalithkultur, gehört durch ihre formalen Beziehungen zur Hacke sowie durch die Technik und die Grundmotive ihrer Dekoration ebenfalls dem westeuropäischen Kreis an, verbindet sich jedoch mit den neuen religiösen Vorstellungen, die vom Orient eindringen. Der Kultur von Los Millares ist sie fremd und wird in Reguengos nur in den grossen späten Gräbern von der Tholoskeramik überdeckt.

Die Ausplünderung sämtlicher Gräber dieser Facies und die dementsprechende Zerstörung jeglicher Schichtenfolge lässt keine sicheren Schlüsse auf die Priorität der verschiedenen Einflüsse zu, welche die eneolithischen Gräber von Reguengos mit den westlich gelegenen Megalithgräbern, der Glockenbecherkultur der portugiesischen Küste und den südspanischen Kulturen verbinden. Die ersten Beziehungen zu Südspanien liegen nach dem Befund des Grabes von Gateira wahrscheinlich vor oder im Uebergang zur Glockenbecherperiode; weitere Verbindungen mit dem Süden, wie solche das Almeriaidol des Grabes Olival da Pega beweist, können mit den zu dieser Zeit von der portugiesischen Küste ausgehenden Einflüssen gleichzeitig sein.

Viele Kulturerscheinungen dieser Epoche ermöglichen die Einfügung in einen weiteren Kreis, sowohl des Ostmittellmeeres wie afrikanischer Kulturen. Bei der erst beginnenden Aufdeckung der Wurzeln der iberischen Megalithkultur und ihrer Zusammenhänge mit der Umwelt scheinen jedoch weitere Forschungen vor der Stellungnahme zu den dadurch aufgeworfenen Problemen nötig.

Zur Datierung der Megalithkultur von Reguengos bietet die Almagrakeramik den ersten Ansatzpunkt. Nach der baulichen Verwandtschaft des Grabes von Gateira mit dem Grab 2 von Comenda, in welchem die Reste des neolithischen Materials von einer Schicht überdeckt sind, die deutliche Beziehungen zur ersten Glockenbecherperiode der Küste aufweist, ist, wie schon gesagt, anzunehmen, dass die Almagrakeramik vor der Glockenbecherzeit liegt, das Grab von Poço da Gateira also vor oder im Uebergang

vom Neolithikum zum Eneolithikum. Es ist auch an nähere Beziehungen der Almagrakeramik zum Almeriaidol zu denken, zumal dieses im gleichen Gebiet der westlichen Megalithkultur jetzt zum ersten Mal in grösserer Zahl erschienen ist.

Die Datierung dieser Keramik im Orient und die von Santa-Olalla angenommene Verbindung der iberischen Vorkommen mit den orientalischen — eine Hypothese, die dadurch gestützt wird, dass diese Technik weder aus dem Kreis der westeuropäischen noch der Grottenkeramik hervorgeht — würde den Zeitpunkt ihres Erscheinens auf der iberischen Halbinsel an das Ende des dritten Jahrtausends setzen. Santa-Olalla sieht, in Synchronisierung der iberischen Vorkommen mit den Friedhöfen von Vunus auf Cypern etwa 2100 als Datum an. Direkte Verbindungen mit Anatolien, die in den iberischen Kulturen deutlich sind und in ältere Schichten hinaufreichen als diese cyprischen Analogien, lassen jedoch die Möglichkeit zu dieses Datum mindestens bis 2200 zurückzuziehen, wofür auch die durch die Idolplastik gegebenen Vergleichsmöglichkeiten sprechen. Die neuerliche Erhöhung der Daten der anatolischen Kulturen setzt viele Analogien, die zwischen den iberischen und anatolischen Idolen bestehen, in eine Zeit, die vor 2300 liegt, da sie sowohl zur zweiten Stadt von Troja wie auch zur fünften Stadt von Thermi führen. In diese Zeit würden, nach Vergleich mit der relativen Chronologie der östlichen Idole, die schematischen Steinidole fallen, die in Anatolien, ebenso wie auf Cypern, älter sind als die stärker antropomorphen Terrakottaidole. Portugiesische Schieferplatten, die den letztgenannten Idolen verwandt sind und für die als mittlerer Ansatzpunkt 2100 in Betracht käme, würden also nicht die älteste Stufe der iberischen Idolplastik bezeichnen.

Wenn auch die absolute Datierung, schon infolge ihrer Abhängigkeit vom Orient, weiteren Schwankungen unterworfen sein kann, ist doch wesentlich, dass die Ausbildung des Ganggrabes mit polygonaler Kammer zeitlich dem für die Almagrakeramik angenommenen Datum entsprechen muss und somit erstmalig die Möglichkeit einer absoluten Datierung der portugiesischen Megalithkultur gegeben ist.





## H. LISTAS DAS ANTAS DO CONCELHO DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### Relatório das Escavações e dos Espólios

#### COMENTÁRIO A LISTA DAS ANTAS, AS PLANTAS E AO MAPA

1. As antas seguem-se na lista em ordem geográfica.
2. Os números das antas na lista correspondem aos números no mapa.
3. A medida do comprimento actual ou total refere-se à construção megalítica. Medidas do diâmetro da câmara: o primeiro número indica o comprimento, o segundo a largura. Medidas da largura do corredor: o primeiro número indica a largura à entrada da câmara, o segundo a do fim do corredor. Nas antas não escavadas a altura da câmara e dos esteios é tomada do chão actual.
4. Nas plantas, a inclinação dos esteios é indicada por três pequenos traços (- - -).
5. A orientação é tomada de um ponto, ao meio da cabeceira, para outro ponto, ao meio da entrada da câmara; se há corredor, para um ponto ao meio do fim do corredor.
6. Não havendo outras indicações, o material empregado na construção megalítica é o granito.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### 7. Abreviaturas:

Compr. = comprimento.

Larg. = largura.

Alt. = altura.

Diâm. = diâmetro.

Esp. = espessura.

máx. = máxima.

ca. = cerca de.

Chapéu = pedra de cobertura da câmara.

Laje sobranceira à entrada = a laje que encerra a fenda da parede da câmara sobranceira à entrada, motivada pelo desnível da câmara e do corredor.

8. Na lista da cerâmica nos espólios, a indicação: «Grupo 1, 2, etc», refere-se à classificação segundo as formas (pág. 84); as letras: «A 1, A 2, etc.», à classificação segundo a cor e o fabrico (pág. 67).

9. Placas de xisto gravadas: não havendo outras indicações, o material das placas é o xisto azul-acinzentado. Acerca da classificação da ornamentação vide pág. 127.

O levantamento das plantas e dos alçados, os desenhos dos objectos dos espólios e todas as fotografias foram feitos por nós mesmos. Todos os objectos provenientes das nossas escavações foram entregues ao Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos, Lisboa, Belém.

## LISTA DAS ANTAS

### I. FREGUESIA DA CARIDADE

#### N.º 1 - - ANTA 11 DA HERDADE DOS LÁZAROS (Est. XL, 29)

*Situação:* 700 m. a Oeste-Noroeste do Monte da Chaminé, 300 m. a Leste-Nordeste do Monte dos Lázaros, ao lado da telheira.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 5 m.

*Câmara:* poligonal, 2×2,30 m. de diâm., 7 esteios, 6 conservados. A cabeceira e a parede norte *in situ*, os dois esteios da parede sul inclinados para dentro. Alt. máx. do chão actual 1,10 m. Larg. da entrada 0,80 m.

*Corredor:* compr. 2,60 m; larg. resp. 1,50 e 1,70 m. Junto da entrada da câmara, está, no lado norte, um pilar da porta; segue-se, em ambas as paredes, um grande esteio de resp. 1,80 e 1,60 m. de compr. 0,45 m. de alt.

*Tumulus:* destruído. No lado do corredor o terreno descai de 0,20 m. para fora.

*Orientação:* Este 30º Sul.

## PREGUESIA DA CARIDADE

### N.º 2 — ANTA 2 DA HERDADE DOS LÁZAROS

*Situação:* ca. 1 km. ao Nor-Nordeste do Monte dos Lázaros, ca. 300 m. a Leste da estrada Reguengos-Montolito.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. actual 4,40 m.

*Câmara:* poligonal, ca. 2,60×3 m. de diâm.; 3 grandes esteios, a cabeceira e os dois adjacentes, conservados; larg. da cabeceira 1,70 m., do esteio da parede norte 1,90 m., ambos já caídos para dentro; larg. do esteio da parede sul 1,60 m., alt. 1,40 m. Na entrada da câmara está caída uma grande pedra, compr. 1,90 m., esp. 0,70 m., que se apoia, ao Norte, sobre um pequeno esteio posto de través, ao sul sobre um esteio que se encontra na direcção do corredor e que teria sido a laje sobranceira à entrada.

*Corredor:* larg. resp. 2 e 1,50 m., um esteio de cada parede.

*Orientação:* Este-Sudeste.

Perto desta anta há um recinto circular de 3,70×3,80 m. de diâm., rodeado de blocos empinados de largura diferente (0,40-1,30 m.) e de alt. max. de 0,85 m.; 9 dos quais ainda se conservam; primitivamente teriam sido 12. O círculo é perfeito, as pedras bem ajustadas e a sua face interior em parte côncava. Ao Sul, 40° Este há um vácuo de 1,30 m. na parede; os rebordos lisos das pedras adjacentes deixam supor que se trata de uma entrada. Não há vestígios de *tumulus*.

### N.º 3 — ANTA DA HERDADE DA CHAMINÉ

*Situação:* 300 m. a Leste 10° Sul do Monte da Chaminé, à berma sul do caminho do Monte da Chaminé para o Monte dos Lázaros, depois de passar um ribeiro.

*Construção:* dólmen de corredor.

*Câmara:* já caída, irregularmente poligonal, 4 esteios da parede sul conservados.

*Corredor:* compr. 2,40 m.; larg. resp. 1,90 e 2,20 m. Um grande esteio de cada lado. Fora da entrada exterior está uma pedra empinada, 0,50 m. mais baixa do que o corredor, talvez da orla do *tumulus*.

*Tumulus:* destruído.

*Orientação:* Este 30° Sul.

### N.º 4 — ANTA DO MONTE DA RIBEIRA

*Situação:* o Monte da Ribeira está a 3 km. de Reguengos, na berma da estrada para Évora. A anta, hoje destruída, estava perto do monte, na berma do caminho para Caridade.

### N.º 5 — ANTA DE PEROLIVA (Est. XL, 17)

*Situação:* ca. 2,5 km. a Oeste 20° Sul de Reguengos, 600 m. a Leste de Peroliva, na berma sul da estrada entre estas povoações.

*Construção:* grande dólmen de corredor, compr. total 7 m.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

**Câmara:** poligonal, 2,90×3,60 m. de diâm.; 7 esteios, todos *in situ*, mas em parte partidos na parte superior. Alt. max. do chão actual 1,45 m; 3 grandes fragmentos do chapéu estão dentro da câmara. Larg. da entrada 0,90 m. Dentro da entrada está, inclinada contra uma árvore, uma grande pedra 2×1,70 m., provavelmente também um fragmento do chapéu.

**Corredor:** vestígios num comprimento de 3,60 m. Em cada parede um esteio, já partido ou desviado do seu lugar. Uma laje de cobertura, também partida e, mais para fora, um esteio que atravessa o corredor obliquamente. Alt. do chão actual 0,45 m.

**Tumulus:** no lado norte restos na altura de 0,20-0,30 m. Na superfície, em redor do corredor, sobretudo no lado sul, muitos fragmentos de lajes de xisto, de espessura até 0,04 m.

**Orientação:** Este.

### N.º 6 — ANTA 1 DA HERDADE DOS MANCEBOS

**Situação:** na «Cabeça da Anta». Hoje destruída.

**Gravura:** pequeno bloco com gravuras vide pág. 129.

### N.º 7 — ANTA 2 DA HERDADE DOS MANCEBOS

Denominada «Mamoá redonda»

**Situação:** perto do ribeiro da Caridade. Hoje destruída.

**Construção:** câmara poligonal com corredor comprido.

**Informação do Sr. Dr. Pires Gonçalves,** Reguengos.

**Bibliografia** para ambas as antas: Livro de D. João de Portel, *Arquivo histórico português*, 1906-1910, pág. 43.

### N.º 8 — ANTA 3 DA HERDADE DOS MANCEBOS

**Situação:** 400 m. ao Sul do poço da herdade.

**Construção:** três esteios de uma câmara de ca. 2,40 m. de diâm.; interpretação incerta. Alt. máx. 1,35 m., larg. máx. 1,75 m., esta última provavelmente a cabeceira, porquanto está a prumo.

**Tumulus e corredor** destruídos. Em redor da anta há, na superfície do terreno, fragmentos de lajes de xisto.

## ANTAS DA HERDADE DA GULHELHA

(5 ANTAS)

Três das antas desta herdade estão perto da Fonte da Cabreira, 50 m. à beira norte do ribeiro da Fonte da Cabreira, à distância de 100 m. uma da outra.

## FREGUESIA DA CARIDADE

### N.º 9 — ANTA 1 DA HERDADE DA GUILHELHA

#### *Fonte da Cabreira 1*

**Situação:** 1.300 m. ao Norte 20° Este do Monte da Capela, ca. 500 m. Este 30° Norte do Marco Geodésico «Capela», 15 m. ao Nor-Noroeste da Fonte da Cabreira.

**Construção:** restos de um dólmen de corredor.

**Câmara:** conservam-se dois esteios, já partidos e o chapéu, que deslisou para o lado do corredor e hoje se apoia sobre um dos esteios da câmara e sobre o primeiro esteio da parede sul do corredor.

**Corredor:** no lado sul um esteio à entrada da câmara; em ambas as paredes há mais um esteio do lado de fora, o que faz supor que o comprimento do corredor teria sido de 3,40 m, pelo menos.

### N.º 10 — ANTA 2 DA HERDADE DA GUILHELHA (Est. XL, 38)

#### *Fonte da Cabreira 2*

**Situação:** 100 m. a Leste-Sudeste da Fonte da Cabreira, 100 m. ao Sul 20° Este da anta 1.

**Construção:** dólmen de corredor comprido, compr. total 7 m.

**Câmara:** poligonal, alongada, 2,30×1,80 m. de diâm.; 7 esteios, 6 *in situ*; alt. max. do chão primitivo 1,70 m. Chapéu *in situ*, mas muito inclinado do lado da cabeceira. Larg. da entrada 0,50 m. Um grande fragmento de um esteio está inclinado à entrada da câmara.

**Corredor:** compr. 4,20 m.; larg. resp. 1 e 0,50 m. na parte exterior; no lado da câmara apenas se conserva um esteio da parede norte. Duas lajes da cobertura, a primeira, do lado da câmara, está partida; a segunda tem 2,40 m. de compr. e descansa sobre dois esteios do sector exterior.

**Tumulus:** bem conservado. No lado este tem 0,90 m. de alt. na distância de 6,50 m., no lado oeste 1,80 m. na distância de 10 m.

**Orientação:** Este 20° Sul.

**Escavação:** A câmara estava cheia de terra, vendo-se apenas 10 cm. do topo da cabeceira. No decurso da escavação verificou-se, porém, que todo o recheio, tanto da câmara como do corredor, consistia em entulho recente encontrando-se apenas fragmentos de um crâneo e alguns cacos. Entre estes há quatro com bordo de formas reconstituíveis.

- 1) taça semi-esférica pequena, de trabalho finíssimo, de cor vermelha, com o fundo enegrecido.
- 2) vários fragmentos de uma grande taça semi-esférica de cor cinzenta, polida.
- 3) taça de bordo reentrante, vermelha de ambos os lados e de fino trabalho.
- 4) fragmento do bordo de um grande e espesso pote.

Há três fragmentos de fundos planos, sendo um deles de um vaso fino.

O espólio pertence ao período eneolítico.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### N.º 11 — ANTA 3 DA HERDADE DA GULHELHA

#### *Fonte da Cabreira 3*

*Situação:* 100 m. ao Sul, 20° Este da anta Fonte da Cabreira 2.

*Construção:* restos de uma pequena câmara poligonal de ca. 1,55 m. de diâm., 4 esteios sobrepostos, alt. max. 1 m.

*Corredor:* destruído.

*Tumulus:* ca. 9 m. de diâm., 0,80 m. de alt.

### N.º 12 — ANTA 3 DA HERDADE DA GULHELHA (Est. XL, 4)

*Situação:* 400 m. ao Norte da Horta da Bengala, ca. 300 m. a Oeste do marco geodésico «Zambujal».

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 6,60 m.

*Câmara:* poligonal, alongada, 2,30×2,10 m. de diâm.; 7 esteios, 6 *in situ*, 1 desaparecido. Alt. max. 1,20 m. do chão actual. A cabeceira está partida na parte superior. Larg. da entrada 0,70 m. A laje sobranceira à entrada, 0,85 m. de alt., está caída na entrada.

*Corredor:* compr. 3,50 m. O sector junto da câmara está ainda coberto por uma grande laje da cobertura; segue, na parede sul, 0,90 m. distante da entrada da câmara, um grande esteio de 1,80 m. de compr. e 0,30 m. de alt., seguido, para fora, de um esteio menor posto um pouco obliquamente para o interior, provavelmente da porta exterior.

*Tumulus:* diâm. actual ca. 14 m., alt. 0,80 m.

*Orientação:* Este 35° Sul.

### N.º 13 — ANTA 5 DA HERDADE DA GULHELHA

#### *Anta da Parreira*

*Situação:* 200 m. a Oeste da estrada nova Reguengos-Alandroal, 100 m. ao Sul do caminho do Monte da Cavaleira ao Monte do Pombal. Num azinhal.

*Construção:* restos de uma grande câmara poligonal de planta incerta. 4 esteios *in situ*, dois deles conservados na alt. de 1,90 m. (cabeceira) e 1,70 m. do chão actual, que fica 0,40 m. mais alto do que o terreno adjacente. Vários fragmentos de pedras no interior da câmara e em redor.

*Tumulus e corredor* destruídos.

### N.º 14 — ANTA DA HERDADE DA CAVALEIRA (Est. XL, 18)

*Situação:* 500 m. a Leste, 30° Sul do Monte da Cavaleira, na berma nordeste do caminho deste monte para Aldeia do Mato, 50 m. ao Sul de um poço.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 5,20 m.

## FREGUESIA DA CARIDADE

**Câmara:** poligonal, alargada,  $2,60 \times 3,20$  m. de diâm., 7 esteios, todos *in situ*, alt. max. 1,70 m. do chão actual; 2 grandes fragmentos do chapéu estão na câmara. Larg. da entrada 0,90 m.

**Corredor:** compr. actual 1,80 m. Na parede sul dois esteios sobrepostos, na parede norte um esteio maior (1,70 m. de compr.), caído para fora. Uma laje de cobertura no lado norte.

**Tumulus:** destruído.

**Orientação:** Este 20° Sul.

### N.º 15 — ANTA 1 DA HERDADE DA AZINHEIRA

**Situação:** ca. 700 m. a Leste, 20° Sul do Monte da Azinheira, num cabecinho, no sítio denominado «Anta», em campo raso.

**Construção:** dólmen de corredor, compr. total 6,70 m.

**Câmara:** poligonal, ca.  $2,80 \times 3$  m. de diâm.; 6 fortes esteios, 0,50 m. de esp., conservados, dos quais só ficam os fundamentos, tendo sido a anta dinamitada há alguns anos.

**Corredor:** compr. actual 1,20 m., no lado norte um grande esteio, de ca. 1,60 m. de compr., conservado. Uma grande pedra, talvez a laje sobranceira à entrada, jaz na entrada da câmara; uma laje de cobertura do corredor está ainda *in situ*. No interior da câmara e ao lado sul do corredor há mais fragmentos de pedras.

**Tumulus:** vestígios. Na superfície fragmentos de lajes de xisto.

**Orientação:** Este.

### N.º 16 — ANTA 2 DA HERDADE DA AZINHEIRA (Est. XL, 20)

(do Poço debaixo do forno)

**Situação:** 1,5 km. a Leste, 30° Norte do Monte da Azinheira, 50 m. ao Norte do poço debaixo do forno.

**Construção:** dólmen de corredor, compr. total 6,80 m.

**Câmara:** poligonal,  $2,50 \times 2,80$  m. de diâm., 7 esteios *in situ*, alt. máx. 1,50 m. do chão actual. Os dois esteios junto da entrada, fortes e muito inclinados para dentro, formam uma parede quase paralela à cabeceira. Larg. da entrada 0,40 m.; 2 fragmentos do chapéu estão na câmara.

**Corredor:** compr. actual 3,60 m. Na distância de 0,80 m. da entrada da câmara vê-se, na parede sul, 0,50 m. de um esteio que fica por baixo de uma laje de cobertura de 2,10 m. de compr. e 1,20 m. de larg. Do lado fora desta laje seguem mais dois esteios pequenos.

**Tumulus:** destruído.

**Orientação:** Sudeste.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### N.º 17 — ANTA 3 DA HERDADE DA AZINHEIRA

*Situação:* 800 m. a Leste, 30° Norte do Monte da Azinheira, em campo raso.

*Construção:* dois esteios erguidos, alt. max. 0,70 m., e um caído, compr. 1,60 m., de uma câmara poligonal.

*Corredor:* vestígios.

*Tumulus:* destruído.

## II. FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

### N.º 18 — ANTA 1 DA HORTA DA FARRAPA

*Situação:* ca. 500 m. ao Sul da Aldeia do Mato (S. Pedro de Corval), medida tomada da estrada Reguengos-Monsaraz; 100 m. a Noroeste da Horta da Grave, na berma este do caminho de Aldeia do Mato para Álvaro Gil.

*Construção:* restos de uma grande câmara poligonal, de ca. 3,50×3 m. de diâm.; 6 esteios, muito sobrepostos, conservados, primitivamente 7 ou 8. Alt. max. do chão actual 2 m. Na distância de 2,20 m da câmara, em direcção sudeste, há um esteio, que teria pertencido ao corredor, alt. 0,90 m.

A anta foi quase totalmente destruída no ano de 1948.

### N.º 19 — ANTA 2 DA HORTA DA FARRAPA

*Situação:* 50 m. a Nordeste da anta 1 da Farrapa há restos de uma segunda anta. Conservam-se: um esteio de 1,10 m. de alt. e 1,50 m. de larg., segundo o rumo a cabeceira, e um esteio da parede sul.

### N.º 20 — ANTA DA HORTA DA GRAVE

*Situação:* 50 m. ao Norte da casa da horta, no olival, dentro da tapada.

*Construção:* restos de uma câmara poligonal de interpretação incerta. 4 esteios baixos conservados.

### N.º 21 — ANTA DAS FAZENDAS DA ALDEIA DO MATO

*Situação:* 500 m. a Leste da aldeia, 50 m. ao Norte da estrada nova Reguengos-Monsaraz. Os restos da anta são cortados pelo caminho que segue desta estrada para o Monte da Revelheira. Vê-se um esteio aflorando à terra. A anta foi destruída ao fazer-se o caminho.



## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

### N.º 22 — ANTA DO MONTINHO

*Situação:* no quintal do Monte do Montinho, ca. 20 m. a Leste da casa, a poucos passos da estrada Reguengos-Monsaraz.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 4,80 m.

*Câmara:* poligonal, 2,40×2,80 m. de diâm.; primitivamente 7 esteios, dos quais 4 são conservados: a cabeceira e os da parede norte, dois deles partidos nos topos. Alt. do chão actual 1,10 m.

*Corredor:* compr. 2 m.; larg. 1,10-0,90 m.; dois grandes esteios de resp. 1,70 e 1,40 m. de compr. Uma laje de cobertura ainda está na parede norte.

*Tumulus:* restos, 1 metro em redor da anta.

A anta foi escavada no ano de 1948; segundo informações, não continha nada.

### N.º 23 — ANTA DA HORTA DO POMAR

*Situação:* ca. 100 m. ao Norte da Horta do Pomar, entre a horta e a estrada nova Reguengos-Monsaraz.

*Construção:* restos de um grande dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, larg. ca. 3 m.; 4 esteios conservados, dois da parede norte e os outros junto da entrada, formando estes últimos uma parede paralela à cabeceira. Alt. máx. 1,50 m. do chão actual. Larg. da entrada 0,80 m.

*Corredor:* compr. 2,60 m, larg. 0,90 m., dois esteios, um de cada lado, conservados. Entre estes e a entrada da câmara existe uma laje de 1,80 m. de compr., que teria sido, segundo a sua forma, a laje sobranceira à entrada.

*Tumulus:* restos.

A anta foi escavada no ano de 1948; segundo informações, não continha nada.

## ANTAS DA HERDADE DA QUINTA (4 ANTAS)

### N.º 24 — ANTA 1 DA HERDADE DA QUINTA (Ests. XL, 12, XIII, XLIII)

#### *Anta do Curral da Quinta*

*Situação:* 200 m. a Oeste 20º norte do Curral da Quinta, na margem oeste do ribeiro da Quinta, num cabecinho.

*Construção:* dólmen de corredor; compr. total 6,10 m.

*Câmara:* poligonal, 2,60×2,50 m. de diâm.; 7 esteios, todos *in situ*; dois deles, *a* e *b*, conservam a altura primitiva de resp. 2,65 e 2,60 m. do chão primitivo; nos restantes, a

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

parte superior foi cortada há alguns anos. Contra o esteio *d* inclina-se, no interior da câmara, um outro, pequeno, como contraforte. Larg. da entrada 1 m. Na parte sul da entrada, junto do esteio *e*, há um outro, colocado no mesmo rumo do corredor, entrando, por um lado, na câmara, por outro, no corredor (*h*).

*Corredor*: compr. 3 m.; larg. resp. 1,40 e 1,20 m., ligeiramente trapezoidal, formado por dois enormes esteios que se juntam à câmara e dos quais o do lado sul tem 2,60 m. de compr., estando o esteio do lado norte partido ao meio. Junto da entrada da câmara ainda se conserva uma laje de cobertura. Alt. 0,95 m.; 1,30 m. mais baixo do que a câmara.

*Tumulus*: vestígios. O terreno descai ligeiramente para Este e para Norte. Na superfície alguns fragmentos de lajes de xisto.

*Orientação*: Este 15° Sul.

*Escavação*: a anta já tinha sido completamente remexida e não continha quase nada. A partir da profundidade de 0,40 m. apareceram, numa terra barrenta, pequenos fragmentos de ossos e alguns cacos. À entrada havia mais ossos nas camadas inferiores. Ali se encontrou parte de um crânio a uma profundidade de 0,65 m. e 0,30 m. distante da entrada. O chão primitivo ficava 0,90 m. abaixo do nível actual, sendo a altura da câmara 2,65 m. Na camada inferior havia também muitos ossos diante do esteio *b*, à profundidade de 0,80 m. O quartzo ovóide saía adiante do esteio *g*, enquanto os dois cacos com bordo provieram do corredor.

*Espólio* (Est. XII. Sep. III):

*Objectos de pedra*:

N.º 3: Quartzo branco, ovóide, de trabalho finíssimo.

*Cerâmica*:

N.º 1: fragmento de bordo de um vaso esférico, de cor cinzento-escuro, bem trabalhado.

N.º 2: taça chata de parede concava e fundo achatado, de cor vermelho-acinzentado, bem trabalhada e com vestígios de polimento.

Entre os demais cacos, que apenas são uma dúzia, distinguem-se: um fragmento de cor vermelho-claro, pintado a almagre, e um caco de parede delgadíssima.

### N.º 25 — ANTA 2 DA HERDADE DA QUINTA

*Situação*: 300 m. a Sudoeste da anta 1 da Quinta, 1 km. ao Sul da Ermida de S. Pedro de Corval.

*Construção*: 2 esteios (os da entrada) de uma câmara poligonal, conservados; alt. máx. 1,10 m. do chão actual.

*Corredor*: adjacentes à entrada da câmara dois grandes esteios de resp. 1,55 e 1,50 m. de compr. Larg. do corredor, neste sector, 0,70 m. Do lado exterior vêem-se, aflorando à

## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

terra, duas lajes de cobertura, indicando que o corredor, ainda soterrado, tem 6 m. de comprimento.

*Tumulus*: bem conservado, diâm. 16 m.; alt. ca. 1 m.

*Orientação*: Este 15° Sul.

### N.º 26 — ANTA 3 DA HERDADE DA QUINTA

*Situação*: 200 m. a Leste 10° Sul da Horta do Pomar, à beira norte do ribeiro da Quinta, numa pequena elevação, em campo raso.

*Construção*: restos de uma câmara poligonal de ca. 2,40 m. de diâm. Interpretação da planta incerta, 6 esteios *in situ*, todos relativamente pequenos; alt. máx. 1 m.

*Corredor e tumulus*: destruídos.

### N.º 27 — ANTA 4 DA HERDADE DA QUINTA

*Situação*: 300 m. a Leste da Horta do Pomar, à beira norte do ribeiro da Quinta, 100 m. a Leste 20° Norte da anta 3 da Quinta.

*Construção*: restos de uma câmara poligonal de interpretação incerta; 3 esteios conservados, sobre um deles apoia-se, inclinado para fora, um grande fragmento do chapéu. A distância de 3,50 m. da cabeceira há uma laje de cobertura do corredor, compr. 1,50 m.

### N.º 28 — ANTA DA HERDADE DO DUQUE (Est. XL, 13)

*Situação*: 400 m. a Oeste 20° Sul do Monte do Duque, 100 m. ao Norte da estrada nova Reguengos-Monsaraz, visível da estrada, em terreno alto, em campo raso.

*Construção*: restos de um dólmen de corredor, compr. actual 3,80 m.

*Câmara*: poligonal, 2,40×2 m. de diâm.; 7 esteios, todos *in situ*, mas dois deles caídos para dentro. Alt. máx. 1,50 m. (do lado exterior). O chapéu, ainda *in situ*, inclinado pelo lado norte.

*Corredor*: um pequeno esteio conservado no lado sul.

*Tumulus*: destruído.

*Orientação*: Este 10° Sul.

A câmara está cheia de pedras. O desmoronamento parcial da anta deve atribuir-se a uma escavação. Provavelmente a anta pertence àquelas que foram abertas no fim do século passado (vide pág. 12).

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### ANTAS DO POÇO DA GATEIRA (2 ANTAS)

*Situação:* 100 m. a Oeste do Poço da Gateira, 200 m. ao Sul da estrada de Reguengos a Monsaraz, no ponto onde, partindo de Reguengos, a estrada começa a subir até ao alto do Monte do Duque. As antas são visíveis da estrada, para quem saiba distingui-las entre os barroqueiros e o mato. O caminho velho do Monte do Barrocal à estrada nova, que, neste ponto, corre quase paralelamente à estrada, passa 50 m. ao norte das antas. Ao sul do poço e do ribeirão (que nasce aqui, o terreno começa a subir. As antas estão num sítio já um pouco mais elevado do que o poço e ficam tão perto uma da outra que há apenas 1 metro de distância entre a entrada do átrio da anta 2 e a orla do *tumulus* da anta 1. Seguem-se em direcção Oeste-Este. Começaremos com a descrição da anta do lado oriental.

#### N.º 29 — ANTA 1 DO POÇO DA GATEIRA (Ests. I-IV, XLI, LVI, LVII)

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 5,20 m.

*Câmara:* poligonal, alongada, 3 m. de diâm. no eixo longitudinal, aproximadamente 2 m. no eixo transversal. 4 esteios *in situ*; os esteios da parede norte estavam arrancados, fragmentos deles cobriam parte da câmara. Seguindo o rumo do corredor para dentro da câmara, chega-se ao ângulo formado pelos esteios *a* e *b*, o qual é reforçado do lado de fora com uma cunha de 0,30 m. de alt. (*a* 1). É, pois, de presumir que a câmara tivesse tido apenas 6 esteios, idêntica, portanto, à anta 2 da Comenda. Entre o esteio *d* e o corredor há um vácuo na parede, onde, quando da escavação, não se encontraram fundamentos de outro esteio. Na anta 3 dos Gorginos há uma fenda na parede no mesmo sítio; talvez aquele espaço tivesse sido, em ambos os casos, preenchido com pedras menores. Alt. de câmara: 1,70 m. do chão primitivo. Os esteios são grossos e aumentam de espessura na parte superior. O esteio *a* está quase vertical, os outros inclinados para dentro. No esteio *d* esta inclinação excede a sua posição primitiva. O chapéu desapareceu.

*Corredor:* compr. 1,80 m.; larg. 1,15-1,20 m.; alt. 0,80-0,70 m.; 0,90 m. mais baixo do que a câmara. Um esteio de cada lado, cobertos por uma laje. À entrada da câmara há, no lado norte, um pequeno pilar de secção triangular, da mesma altura que os esteios do corredor, construção essa análoga à da anta 2 da Comenda.

*Tumulus:* desapareceu quase por completo. A 4 m. da parede da câmara, encontram-se restos de uma coroa de fortes blocos, que rodeavam a mamoa; do lado sudeste um grupo de blocos, em parte naturais, faz parte deste círculo de pedras.

*Orientação:* Este 10º Norte.

*Escavação:* Ao encontrarmos a anta, a metade sul da câmara até à linha indicada na planta e todo o corredor estavam cheios de terra numa altura que corresponde à laje de cobertura do corredor. Do lado norte havia uma cova no lugar onde um esteio fora arrancado. A metade norte da câmara estava menos cheia de terra, ficando o recheio do lado sul, na linha de separação destes sectores, bastante mais elevado.

## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

A escavação teve início no sector sul do lado da entrada. A primeira camada de terra que apenas continha alguns cacos modernos, seguia-se uma camada sem indícios de quaisquer objectos. Só à profundidade de 0,40-0,50 m. do nível actual da anta apareceram os primeiros cacos. Retirada a terra deste sector, encontraram-se três vasos, em parte já partidos, um dos quais estava com a boca voltada obliquamente para o interior da câmara (vaso 2), encontrando-se dois fragmentos do seu bordo no meio da terra que enchia o vaso 3, os quais só foram descobertos em Lisboa ao prepararmos a cerâmica. O mesmo sucedeu com o vaso 4, um grande fragmento do qual, quase um terço do seu bordo, estava no vaso 5. O resto do vaso 4 encontrou-se na terra em redor, partido em pequenos bocados, tendo a sua camada interior já completamente desfeita, o que prova que a destruição destes vasos já se deu há muitos anos, provavelmente há séculos. Segundo a nossa opinião, os vasos quebraram-se devido à pressão da terra, motivada pela inclinação crescente do esteio d, a que já nos referimos. Esta mesma pressão poderia ter sido a causa da sua posição inclinada e um pouco mais elevada do que a dos outros vasos.

Seguindo a escavação para oeste, encontraram-se no chão da anta, 0,40-0,50 m. distantes da parede da câmara, mais cinco vasos, o último dos quais (vaso 10), a 0,30 m. do esteio a, também se inclinava para o interior da câmara. A planta, Est. I, indica a posição desta fila de vasos.

Todos os vasos, que foram tirados cheios de terra, tinham muitas fendas, já comidas pelas raízes que tinham penetrado por elas. Enquanto a posição dos vasos está bem definida e corresponde àquela em que foram postos ao efectuarem-se as inumações, a posição dos outros objectos que os acompanhavam não permite conclusões certas acerca da sua posição primitiva.

Com a fila dos vasos foram encontrados 23 instrumentos de pedra polida, que estavam, em vários casos, num nível um pouco mais elevado do que o dos vasos e mais perto da parede. O seu gume estava umas vezes voltado para este, outras vezes para oeste, ora para baixo, ora até para cima. Por trás do vaso 10 apareceu a grande enxó N.º 23, em posição horizontal; atrás do vaso 9, um pouco mais alto do que a sua boca, a enxó N.º 22 e a cunha N.º 21, também em posição horizontal, com os gumes face a face, muito perto. Esta posição parece ter sido a primitiva. Dentro do vaso 6 estavam um machado e uma enxó (N.º 9 e 10) com os gumes para baixo, os quais teriam caído para dentro quando o vaso já estava cheio de terra até meio, pelo que não deveria ter sido esse o seu lugar primitivo. A posição dos outros instrumentos de pedra polida indica-se na lista do espólio.

Estes factos permitem a hipótese de que os mortos tivessem os machados seguros nas mãos e, quando da decomposição daqueles e dos cabos de madeira, a parte lítica tivesse caído para um nível mais baixo daquele em que primitivamente estava, hipótese essa corroborada pela posição dos vasos e pelo facto de, nos torrões desse local, se terem encontrado vestígios de ossos humanos.

No sector dos vasos, em parte encontrados no crivo, apareceram 19 micrólitos e 7 facas, cuja posição se indica na lista do espólio.

A concentração de um espólio tão rico num espaço relativamente limitado, o afastamento dos vasos da parede da câmara, a posição dos machados junto dos vasos 9 e 10 e ainda o achado dos ossos acima descrito permitem deduzir que os cadáveres estavam de

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

cócoras entre os vasos e a parede. O facto de o número dos machados e das enxós encontrados no sector sul da câmara ser quase igual (10 machados, 1 cunha, 11 enxós, 1 goíva), sendo pouco mais ou menos o dobro do dos vasos, e ainda de haver várias provas de as dádivas ao morto terem sido 1 vaso, um machado e uma enxó (inumação dos vasos 6 e 9, inumação no corredor) leva a supor que o número das inumações tivesse correspondido ali ao número dos vasos. Em virtude do pouco espaço disponível, as inumações tiveram de ser feitas de cócoras contra a parede, embora pareça incompreensível que, em tal espaço, tivessem cabido tantos corpos.

Junto ao esteio *a*, 0,30 m. afastado do seu bordo norte, encontrou-se mais um vaso (N.º 11) em muito mau estado e já completamente desprovido das camadas coradas do exterior e do interior. Estava apenas com um micrólito de tipo primitivo (Est. IV, 17). No lugar correspondente e à mesma distância do bordo sul do esteio *a* havia, esmagados por uma pedra, uns cacos quase desfeitos. A terra, já remexida da metade norte da câmara, deu ainda fragmentos de 4 vasos reconstituíveis, além de cacos de cerâmica idêntica que permitem reconhecer mais 4 vasos do mesmo tipo e um prato. Provavelmente o vaso 11 era o primeiro de uma fila que, na metade norte da câmara, corresponderia à do lado sul.

Toda a terra em redor dos vasos estava tingida de ocre vermelho, que tinha também tingido alguns objectos de pedra. A cor vermelha de alguns vasos é tão viva que tal coloração poderia provir da dissolução das camadas superiores da cerâmica; mas, visto o recheio do vaso preto (N.º 6) ter a mesma cor e um rito igual ter sido observado em outros dólmenes neolíticos do Alentejo, inclinamo-nos a que o ocre vermelho tivesse sido deitado propositadamente. Havia também torrões corados que continham vestígios de ossos.

O corredor estava também intacto. Tinha no chão, junto do bordo oeste do esteio *e*, um vaso de forma e cor idênticas às dos vasos N.ºs 1-4, 7 e 8 da câmara (N.º 12), mas que, provavelmente pela infiltração da chuva caída do bordo da laje de cobertura, estava já tão desfeito que não permitiu a reconstituição. A terra que o enchia apresentou a sua forma. Juntamente com este vaso, a 0,20 m. de distância dele, um pouco mais para o meio do corredor, foram encontrados uma enxó (N.º 24) e um machado (N.º 26), a primeira do lado da câmara e o segundo do lado exterior. Ambos estavam também num nível um pouco mais elevado, o N.º 26 0,55 m. por baixo da cobertura do corredor, espetado na terra, com o gume voltado para cima. Neste conjunto havia, além disso, um micrólito (Est. IV, 26) e uma faca (Est. IV, 31). Do outro lado do corredor achou-se mais um machado (N.º 25), 0,40 m. por baixo da cobertura, 0,30 m. do bordo oeste do esteio *f* e 0,23 m. afastado da parede. A posição do cadáver no corredor é incerta, não se tendo encontrado restos de ossos. No entanto, os instrumentos de pedra polida, encontrados num nível mais elevado do que o do vaso, poderiam indicar que, no corredor, o cadáver teria sido também inumado de cócoras.

*Espólio* (Ests. II-IV, LVI, LVII):

1. *Objectos de pedra polida.*

12 machados cilíndricos, 10 dos quais encontrados na câmara e 2 no corredor.

1 machado de secção trapezoidal (cunha), na câmara.

## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

12 enxós, 11 na câmara, 11 no corredor.

1 goiva, na câmara.

A enumeração segue-se à dos vasos, indicada na planta, a começar pelos instrumentos encontrados diante do esteio *d*.

N.º 1, Est. III, 6: enxó de xisto verde-azulado claro, trabalhada sobre uma lasca defeituosa, completamente polida e tinta de vermelho, sobretudo no reverso. Compr. 111,1 cm., larg. 4,8 cm, esp. 1,8 cm.

N.º 2, Est. II, 8: pequeno machado de xisto azul-esverdeado, secção cilíndrica, trabalho muito regular, bem polido só no gume, vestígios de polimento em ambas as faces; no lado oposto ao gume uma pequena fractura, gume perfeito, ligeiramente oblíquo. Compr. 9,3 cm., larg. 4,2 cm., esp. 3,3 cm.

N.º 3, Est. II, 12: machado de xisto verde-azulado, secção cilíndrica, superfície áspera, gume destruído, com vestígios de polimento, tinto de vermelho. Compr. 12,6 cm., larg. 4,6 cm., esp. 3,9 cm.

N.º 4, Est. II, 9: pequeno machado de xisto anfibólico verde-azulado, secção oval, ligeiramente plano no reverso, bem trabalhado, gume perfeito, um pouco oblíquo e polido, vestígios de polimento na superfície áspera. Totalmente tinto de vermelho. Compr. 9,6 cm., larg. 4,8 cm., esp. 3,1 cm.

N.º 5, Est. III, 13: grande machado de xisto azul-esverdeado, secção cilíndrica, superfície áspera, gume perfeito, oblíquo e polido; no lado oposto ao gume uma pequena fractura. Compr. 112,1 cm., larg. 5,1 cm., esp. 3,9 cm.

N.º 6, Est. III, 14: machado de xisto azul-esverdeado, de forma irregular e secção cilíndrica, superfície áspera, gume perfeito, polido, tinto de vermelho nas rugosidades. Compr. 11,4 cm., larg. 5 cm., esp. 3,9 cm.

N.º 7, Est. II, 7: pequena enxó trabalhada sobre uma lasca muito irregular de xisto verde-acinzentado claro, polida em toda a superfície. Compr. 9,6 cm., larg. 5,1 cm., esp. 2 cm.

N.º 8, Est. II, 11: grande enxó de xisto azul-esverdeado claro, bem trabalhada, completamente polida. Compr. 15,6 cm., larg. 5,3 cm., esp. 2 cm.

Os instrumentos N.ºs 1-8 foram encontrados no sector dos vasos 1-5, sendo impossível, por causa da aglomeração de objectos neste sector e da sua posição acima descrita, ligar cada vaso com os respectivos instrumentos de pedra. O machado e a enxó N.ºs 6 e 7 pertencem ao vaso 3 ou 5. O machado destruído N.º 3 poderia já ter pertencido à fila de vasos do lado norte, visto ter-se encontrado entre o sector intacto e o remexido.

N.º 9, Est. III, 4: pequeno machado de xisto verde-acinzentado claro, secção oval, plano no reverso, superfície áspera, gume ligeiramente oblíquo, perfeito e polido. O lado oposto ao gume termina por um plano um pouco oblíquo. Tinto de vermelho. Compr. 8,1 cm., larg. 4,6 cm., esp. 2,9 cm.

N.º 10, Est. III, 5: pequena enxó de xisto azul-claro, superfície lisa, mas sem polimento. Compr. 10,1 cm., larg. 4,5 cm., esp. 2,3 cm.

Os instrumentos N.ºs 9 e 10 encontraram-se espetados a meia altura do vaso N.º 6, ambos com o gume para baixo.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

N.º 11, Est. III, 7: grande enxó de xisto azul, superfície lisa, mas sem polimento, o lado oposto ao gume quebrado. Compr. 16,4 cm., larg. 5,1 cm., esp. 1,7 cm.

N.º 12, Est. III, 8: machado de xisto anfibólico verde-azulado claro, secção oval, defeituoso no reverso, superfície pouco áspera, tinto de vermelho com umas manchas de vermelho-vivo, gume perfeito, arredondado, polido no gume e um pouco na face superior. Compr. 11 cm., larg. 4,9 cm., esp. 3,5 cm.

N.º 13, Est. III, 21: pequena enxó de xisto anfibólico azul-claro, trabalhada sobre uma lasca de secção rombóide, polida em toda a superfície, com excepção das fendas. Compr. 6,8 cm., larg. 3,9 cm., esp. 1,4 cm.

Os instrumentos N.ºs 11-13 foram encontrados no sector do vaso N.º 7.

N.º 14, Est. III, 22: pequena enxó de xisto azul-acinzentado claro com veios escuros, trabalho fino, superfície lisa, polida. Compr. 11,1 cm., larg. 4,2 cm., esp. 1,7 cm.

A enxó N.º 14 pertence ao vaso N.º 8.

N.º 15, Est. III, 11: pequena enxó, de trabalho finíssimo, de xisto verde-acinzentado claro, polida em toda a superfície e totalmente tinta de vermelho. Gume horizontal, perfeito, o lado oposto ao gume ligeiramente gasto. Compr. 6,9 cm., larg. 3,5 cm., esp. 1,5 cm.

N.º 16, Est. III, 14: goiva de xisto anfibólico azul, abaulada na face superior, plana no reverso, bem trabalhada e completamente polida; gume perfeito. Compr. 13,5 cm., larg. 2,8 cm., esp. 2,2 cm.

N.º 17, Est. III, 15: grande machado de xisto verde-azulado claro, secção cilíndrica, superfície áspera, avermelhada pela terra, gume ligeiramente gasto, polido, arredondado. Compr. 13,2 cm., larg. 5,3 cm., esp. 3,8 cm.

N.º 18, Est. III, 23: machado de xisto anfibólico azul-esverdeado claro, secção oval, superfície áspera, avermelhada pela terra, gume perfeito, polido, rectilíneo, mas oblíquo. Compr. 10,8 cm., larg. 4,6 cm., esp. 2,5 cm.

N.º 19, Est. III, 12: pequeno machado de xisto verde-acinzentado, secção oval, parte superior áspera, mas com vestígios de polimento, gume perfeito, polido, terminando o lado oposto ao gume por um plano um pouco oblíquo. Compr. 8,3 cm., larg. 3,9 cm., esp. 2,9 cm.

Os instrumentos N.ºs 15-19 encontraram-se no sector da câmara que corresponde aos vasos N.ºs 7-9, um pouco mais a Leste do vaso grande N.º 9.

N.º 20, Est. IV, 15: enxó trabalhada sobre uma lasca irregular de xisto azul-acinzentado claro; gume perfeito, polido em toda a superfície. Compr. 13,5 cm., larg. 4,5 cm., esp. 2,2 cm.

A enxó N.º 20 encontrou-se no sector do esteio *b*.

N.º 21, Est. IV, 3: machado estreito (cunha) de xisto anfibólico azul-esverdeado, secção trapezoidal, grosseiro e rugoso na parte superior, gume perfeito, oblíquo, bem polido, vestígios de polimento em toda a superfície, avermelhado pela terra, sobretudo num dos lados. Compr. 12,4 cm., larg. 3,3 cm., esp. 3,8 cm.

N.º 22, Est. IV, 4: grande enxó de xisto azul-acinzentado claro, bem trabalhada sobre uma lasca com concavidades naturais; polida em toda a superfície; gume perfeito, ligeiramente arredondado; tinta de vermelho. Compr. 18,1 cm., larg. 5,5 cm., esp. 2,6 cm.

Os instrumentos N.ºs 21 e 22 estavam à distância de 0,40 m. do esteio *b*, atrás e a um nível um pouco mais elevado do que a boca do grande vaso N.º 9, em posição hori-



## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

zontal, com os gumes muito perto, um em frente do outro. A enxó estava do lado direito (Oeste), mais para o interior da câmara.

N.º 23, Est. IV, 16: enxó estreita de xisto cinzento-esverdeado claro, trabalhada sobre uma lasca defeituosa; superfície lisa, sem polimento, gume ligeiramente gasto, um pouco oblíquo. Compr. 12,8 cm., larg. 3,8 cm., esp. 2,5 cm.

A enxó N.º 23 estava detrás do vaso N.º 10, num nível um pouco mais elevado, em posição horizontal, com o gume voltado para Oeste.

N.º 24, Est. IV, 29: enxó de xisto azul, trabalhada sobre uma lasca recurvada, sem polimento; gume perfeito, um pouco oblíquo. Compr. 12,1 cm., larg. 4,7 cm., esp. 2,2 cm.

N.º 25, Est. III, 10: pequeno machado de xisto azul, secção cilíndrica, superfície áspera, gume perfeito, polido; na face superior o polimento segue numa faixa estreita para cima. Compr. 9,4 cm., larg. 4 cm., esp. 3,2 cm.

N.º 26, Est. IV, 30: pequeno machado de xisto verde-acinzentado claro, secção oval, gume perfeito, polido, superfície áspera, com vestígios de polimento na face superior. Compr. 9,3 cm., larg. 4,6 cm., esp. 3,1 cm.

Os instrumentos N.ºs 24-26 encontraram-se no corredor; os N.ºs 24 e 26 pertencem ao vaso N.º 11. Posição vide pág. 214.

### 2. Objectos de sílex, quartzo e cristal de rocha.

#### 22 micrólitos. Classificação das formas vide pág. 46.

Os micrólitos encontraram-se na sua maioria no crivo, pelo que, apenas poucas vezes, se pode afirmar a qual dos vasos pertencem. O micrólito em forma de meia-lua (Est. IV, 17) apareceu junto do vaso N.º 11 (Est. IV, 27), no fundo da câmara, donde pode concluir-se que se trata de uma das primeiras inumações. O micrólito triangular (Est. III, 9), também de forma primitiva, pertence ao conjunto de objectos que abrange os vasos pintados a almagre N.ºs 7 e 8 (Est. III, 2 e 3), a pequena faca fina (Est. III, 13), a faca (Est. III, 10) e os instrumentos de pedra polida N.ºs 15-19 (Est. III, 11, 12, 14, 15 e 23). O grande micrólito trapezoidal (Est. IV, 5) encontrou-se perto do grande vaso N.º 9 (Est. IV, 1); neste sector havia as facas N.ºs 6-9 da Est. IV e os instrumentos de pedra polida N.ºs 21 e 22 (Est. IV, 3 e 4). O micrólito de base recta (Est. IV, 26) pertence à inumação do corredor.

*Material.* Est. IV, 20: de cristal de rocha; Est. IV, 10: de quartzo branco; Est. IV, 11 e 19: de sílex branco; Est. III, 9, 16-20, e Est. IV, 5, 12-14, 21, 23 e 25: de sílex cinzento; Est. IV, 24 e 26: de sílex castanho-avermelhado; Est. IV, 17, 18 e 22: de sílex castanho-claro.

#### 8 facas sem retoque.

4 facas pequenas e finas, 3 de tamanho maior e uma grande. Est. IV, 6: de sílex branco; Est. IV, 7 e 9: de sílex cinzento-claro; Est. III, 6, 10 e 13 e Est. IV, 31: de sílex cinzento; Est. IV, 8: de pedra branca calcárea.

Além das indicações já mencionadas sobre a posição das facas, é de notar que a faca Est. III, 6 pertence ao grande vaso N.º 6 (Est. III, 1) e a faca Est. IV, 31 à inumação do

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

corredor. Algumas facas saíram incompletas, apresentando as fracturas a mesma pátina que a superfície; tais fracturas são marcadas nas gravuras com uma pequena cruz. Vide Ritos funerários, pág. 138.

### 3. Cerâmica. (Ests. II-IV, LVI, LVII).

A posição da cerâmica na anta é indicada na planta (Est. I). Seguem-se a enumeração e a descrição de harmonia com a planta. Para a técnica da pintura, vide pág. 63.

#### *Vasos do sector intacto.*

N.º 1, Est. II, 1; Est. LVI: vaso esférico alto, de bordo reentrante, seguido de uma ligeira saliência; barro cinzento com pedrinhas e mica, camada finíssima de cor vermelho-vivo de ambos os lados, polida, bem conservada, sobretudo no interior. Superfície desigual, algumas manchas cinzentas da cozedura. Alt. 11,5 cm., diâm. da boca 9 cm., do bojo 13 cm., esp. da parede 4-5 mm.

N.º 2, Est. II, 4; Est. LVI: vaso esférico, um pouco achatado, de bordo ligeiramente reentrante; barro vermelho com pedrinhas, fina camada de cor vermelho-vivo de ambos os lados, polida. No fundo e em algumas partes da parede umas manchas pretas e amareladas provenientes da cozedura. Alt. 9,9 cm., diâm. da boca 10,5 cm., do bojo 13,7 cm. Encontrou-se inclinado para o interior da câmara e partido; dois fragmentos do bordo estavam dentro do vaso N.º 3.

N.º 3, Est. I, 2; Est. LVII: grande vaso esférico de bordo ligeiramente reentrante; barro cinzento com pedrinhas brancas, camada de cor vermelha por dentro, vermelho-acinzentado por fora e restos de polimento em ambos os lados. Alt. 11,8 cm., diâm. da boca 13 cm., do bojo 15 cm., esp. da parede 7 mm.

N.º 4, Est. II, 3; Est. LVI: vaso esférico, a boca ligeiramente acentuada; barro cinzento com pedrinhas brancas, camada de cor vermelho-vivo por dentro, vermelha por fora, em parte acinzentado e amarelado, sobretudo no fundo; restos de polimento de ambos os lados. Alt. 10,8 cm., diâm. da boca 12,5 cm., do bojo 14,3 cm., esp. da parede 6-7 mm. Na terra que ainda enche a metade do vaso, nota-se o molde do fragmento do vaso N.º 5.

N.º 5, Est. II, 5; Est. LVI: vaso esférico-achatado, de bordo reentrante seguido de uma ligeira saliência; barro cinzento, duro, com poucas pedrinhas. Camada de cor vermelha, quase cor de vinho, de ambos os lados; no fundo manchas cinzentas da cozedura; polimento perfeito, conservado sobretudo no grande fragmento que estava dentro do vaso N.º 4 e que apresenta ainda o estado primitivo da superfície de toda esta cerâmica. Os outros fragmentos deste vaso, já totalmente partido, encontraram-se dispersos em redor e estão, na sua maioria, desprovidos da camada inferior. Alt. 9,1 cm., diâm. da boca 10,9 cm., do bojo 13,2 cm., esp. da parede 6-7 mm.

N.º 6, Est. III, 1; Est. LVIII: grande vaso esférico, levemente achatado, bojudo até à boca com o bordo ligeiramente saliente; barro preto, duro, com poucas pedrinhas; camada finíssima de cor vermelho-acinzentado por fora e por dentro, primitivamente polida, hoje

## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

muito destruída. Alt. 11,3 cm., diâm. da boca 12,8 cm., do bojo 17,7 cm., esp. da parede 6-7 mm. Neste vaso encontraram-se o machado e a enxó (Est. III, 4 e 5).

N.º 7, Est. III, 2; Est. LVI: vaso esférico alto, de boca larga; barro vermelho, pintado com uma camada finíssima de cor vermelho-vivo de ambos os lados; restos de polimento por fora e por dentro. Alt. 10,4 cm., diâm. da boca 11,8 cm., do bojo 14 cm., esp. da parede 5 mm.

N.º 8, Est. III, 3; Est. LVI: vaso esférico, levemente achatado, de bordo ligeiramente reentrante, seguido de uma pequena saliência; barro cinzento, duro e fino, quase sem pedrinhas; camada vermelha de espessura variável (até 1 mm.) por fora e por dentro, pintada de vermelho-vivo. Polimento de ambos os lados quase destruído; algumas manchas cinzentas da cozedura no lado exterior. Alt. 8,6 cm., diâm. da boca 10,6 cm., do bojo 13,6 cm., esp. da parede 5-6 mm.

N.º 9, Est. IV, 1; Est. LVII: grande vaso esférico de boca larga, ligeiramente reentrante; barro cinzento-escuro, duro e fino, com poucas pedrinhas; camada finíssima de cor vermelho-amarelado de ambos os lados; restos de polimento por fora e por dentro. O fundo e parte da parede exterior acinzentados pela cozedura. Alt. 12,4 cm., diâm. da boca 14,7 cm., do bojo 17 cm., esp. da parede 6-8 mm.

N.º 10, Est. IV, 2; Est. LVIII: taça de fundo esférico e bordo reentrante; barro cinzento, duro e fino, com poucas pedrinhas, camada vermelha por fora e por dentro. No lado exterior a superfície está quase destruída, áspera, acinzentada no fundo pela cozedura. No interior vêem-se ainda restos de vermelho-vivo e de polimento. Alt. 7,2 cm., diâm. da boca 10,8 cm., do bojo 12,2 cm., esp. da parede 3-6 mm.

N.º 11, Est. IV, 27; Est. LVII: vaso esférico de boca larga; as camadas superiores já decompostas; barro cinzento, com pedrinhas, superfície áspera, de cor em parte cinzenta em parte avermelhada. Alt. 8,7 cm., diâm. da boca 12,8 cm., esp. da parede 4-5 mm.

N.º 12, Est. IV, 28: restos de um vaso esférico de bordo ligeiramente reentrante; quase decomposto; barro cinzento-escuro, duro e fino, com poucas pedrinhas brancas; camada de cor vermelho-claro, polida, só conservada no bordo e em algumas partes do interior. Alt. 9,1 cm., diâm. da boca 10,8 cm., do bojo 12,2 cm., esp. da parede 5 mm. Provém do corredor.

N.º 13: dois fragmentos do bordo de um vaso esférico; barro cinzento, camada vermelha por fora e castanho-avermelhado por dentro. Muito deteriorados. Encontraram-se diante do esteio a, perto do seu bordo sul.

### *Vasos destruídos do sector norte.*

Entre os fragmentos encontrados no crivo, provenientes do sector remexido da câmara, notam-se os restos de três vasos da cerâmica vermelha a almagre, iguais aos do sector intacto. (N.ºs 15, 16 e 18). Além disso, há restos de dois vasos esféricos um pouco mais pequenos, também com camada vermelha, mas com a superfície já destruída. Constitui novidade um pequeno caco finíssimo de 2-3 mm. apenas de espessura, também pintado a almagre e uns fragmentos quase planos, talvez de um prato.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

N.º 14: 6 fragmentos do bordo e vários da parede, provavelmente todos do mesmo vaso, com os bordos tão gastos que é impossível a ligação. Barro cinzento com camada vermelha de ambos os lados, superfície destruída, vestígios de polimento. Reconstrução: vaso esférico achatado, alt. 7 cm., diâm. da boca 10 cm., do bojo 11,5 cm., esp. da parede 6-9 mm.

N.º 15: vários fragmentos, entre eles 5 com bordo que pertencem a um vaso esférico, de 8,7 cm. de alt., 10,5 cm. de larg. na boca e 13,1 cm. no bojo. Esp. da parede 6-7 mm. Fabrico, cor e polimento iguais aos vasos N.ºs 1, 4 e 8. Exemplar típico da cerâmica a almagre.

N.º 16: 15 pequenos fragmentos e um fragmento maior da parede de um vaso de fabrico e de cor iguais ao N.º 15, mas mais fino (esp. da parede 4 mm.) e de cor mais acinzentada no interior. Forma não reconstituível.

N.º 17: 2 fragmentos ajustáveis de um pequeno vaso esférico de bordo reentrante; barro cinzento com camada vermelha por fora, amarelada por dentro; superfície quase destruída, restos de polimento, uma mancha preta. Alt. 7,2 cm., diâm. da boca 7 cm., do bojo 10,1 cm., esp. da parede 5-6 mm.

N.º 18: 4 fragmentos ajustáveis com restos do bordo, mais 3 fragmentos do bordo e 13 pequenos fragmentos da parede de um vaso esférico de tamanho, forma, fabrico e cor idênticos ao vaso N.º 5.

N.º 19: 3 fragmentos, quase sem curvatura; barro cinzento-claro com pedrinhas, camada de cor castanho-claro de ambos os lados (de um prato?).

N.º 20: pequeno fragmento da parede de um vaso finíssimo, esp. da parede 2-3 mm., pintada a almagre de ambos os lados.

N.º 21: fragmento de parede de fabrico e cor iguais ao vaso N.º 6, mas de outro vaso.

Há mais alguns fragmentos de bordo, muito destruídos, provavelmente, provenientes de outros vasos, diferentes dos precedentes.

### N.º 30 — ANTA 2 DO POÇO DA GATEIRA (Ests. I, V, LVII, XL, 47)

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 6,70 m.

*Câmara:* poligonal, alargada, 2,20×2,80 m. de diâm.; 7 esteios, 6 *in situ*, mas já bastante inclinados para dentro, estando o sétimo caído na câmara. Os esteios, sobretudo os junto da cabeceira e no lado norte sobrepõem-se consideravelmente. Alt. do chão primitivo 1,60 m. Só os esteios a, c e f conservam a sua altura primitiva, os outros estão partidos nos topos. Sobre o esteio caído estava um grande fragmento do chapéu. Larg. da entrada 1,70 m., estreitada por dois pilares até 1 m.

*Corredor:* compr. 2 m.; larg. resp. 1,70 e 0,80 m., de planta trapezoidal. Alt. 0,80 m., 0,80 m. mais baixo do que a câmara. Formado por duas grandes lajes, tendo mais uma no lado sul, junto da porta exterior, onde duas outras atravessadas estreitam a entrada que é apenas de 0,20 m. O chão, que já no corredor sobe ligeiramente, forma na porta um pequeno degrau de 0,16 m. Uma pequena laje fecha a entrada.

*Átrio:* fora desta porta conservam-se três pedras, uma das quais está caída, formando

## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

um pequeno átrio quadrado num nível 0,20 m. mais alto do que o chão da câmara. Não são enterradas no solo, mas apenas poisadas sobre o chão.

*Tumulus*: destruído.

*Orientação*: Este 20 'Sul.

*Escavação*: para tornar possível a escavação, foram removidas as pedras caídas para dentro da câmara. A anta já fora aberta e completamente esvaziada do seu recheio primitivo. Só se encontraram poucos objectos perto das paredes que tinham escapado aos pilhadores e cujo lugar na anta será indicado quando da sua descrição.

*Espólio* (Est. V, Sep. II).

*Objectos de pedra polida*: N.º 1: machado de xisto azulado, secção cilíndrica, gume obliquo, perfeito, polimento só na parte do gume, compr. 10,3 cm., larg. máx. 4,3 cm., esp. 3,1 cm.; posição: junto do esteio *a*, à profundidade de 0,60 m.; N.º 3: machado de xisto verde-claro, de trabalho muito irregular, gume estreito, perfeitamente conservado, polimento só na parte do gume, compr. 12,2 cm., larg. 4,9 cm., esp. máx. 3,6 cm.; posição: junto do esteio *i* do corredor à profundidade de 0,50 m.

*Objectos de sílex*. N.º 4: faca de sílex de cor cinzento-claro com riscas brancas, bordos parcialmente gastos, no bordo esquerdo, por cima da base, alguns retoques faciais; posição: junto do esteio *i* do corredor, perto do machado N.º 3.

*Cerâmica*. N.º 2: vaso esférico achatado de bordo algo reentrante, muito desfeito, barro cinzento com pedrinhas, camadas vermelhas em ambos os lados, na maior parte já destruídas (B 2). Alt. 6,7 cm.; diâm. da boca 10 cm.; do bojo 11,7 cm.; posição: no corredor, pegado ao esteio *i*, no canto entre os esteios *i* e *l*, à profundidade de 0,70 m., no chão do corredor. N.º 6: vaso de fundo esférico e com a parte superior do corpo ligeiramente côncava, barro cinzento, duro, contendo pedrinhas e mica, camadas de cor castanho-claro avermelhado por fora e por dentro, vestígios de polimento. Alt. 8,8 cm.; diâm. da boca 12,5 cm., do bojo 16 cm.; posição: na câmara, ao canto entre os esteios *e* e *f*, à profundidade de 0,50 m. (A 1). São ainda dignos de menção alguns cacos da cerâmica a almagre. N.º 5: barro vermelho, camada destruída por fora, restos de pintura de cor vermelho-vivo por dentro; N.º 7: barro cinzento, destruído por fora, camada pintada de cor vermelho-vivo por dentro; N.º 8: barro vermelho-acastanhado, pintado de cor vermelho-vivo de ambos os lados, polimento bem conservado, pequena saliência por baixo do bordo.

### N.º 31 — ANTA DA HERDADE DO BARROCALINHO

*Situação*: 500 m. a Oeste-Sudoeste do Monte do Barrocalinho, 50 m. ao Sul do caminho do Monte da Quinta para Barrocalinho, em campo raso.

*Construção*: pequeno dólmen de corredor.

*Câmara*: poligonal, 7 esteios, 3 *in situ*, os restantes caídos.

*Corredor*: de dois esteios compridos, conservado.

*Tumulus*: destruído.

ANTAS DA HERDADE DE SANTA MARGARIDA  
(3 ANTAS)

N.º 32 — ANTA 1 DA HERDADE DE SANTA MARGARIDA (Est. XXXV)

*Situação:* 100 m. a Oeste do Monte de Santa Margarida, 40 m. a Sudeste do poço deste monte.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. actual 6 m.

*Câmara:* regularmente poligonal, 2,60 m. de diâm.; 7 esteios conservados, primitivamente 8 esteios; 3 na parede norte, 4 na parede sul. A cabeceira não está em frente da entrada que se desvia do eixo longitudinal da câmara para norte. A direcção do corredor segue, consequentemente, para a esquina sul da cabeceira. Alt. máx. do chão primitivo 2,12 m (cabeceira). A maior parte dos esteios estão partidos, o esteio *b* caiu para trás, estando deslocado da sua posição primitiva. Larg. da entrada 0,90 m.

*Corredor:* compr. actual 2,40 m; larg. 1,60 m. Na parede norte um grande esteio, compr. 2,40 m, alt. 0,70 m; na parede sul há um fragmento de um esteio, provavelmente idêntico ao esteio fronteiro. 2,20 m. fora deste sector do corredor encontra-se atravessada uma laje que talvez tivesse pertencido à cobertura do corredor.

*Tumulus:* vestígios do lado norte.

*Orientação:* Este 20º Sul.

*Escavação:* A anta já foi remexida várias vezes, no «monte» ainda se lembravam da última espoliação. Por isso poucos objectos encontrámos lá. As duas grandes placas de xisto estavam escondidas ao canto junto do bordo norte da cabeceira. O pequeno vaso (N.º 14) encontrou-se no corredor, com o fundo, já destruído, voltado para cima; perto dele apareceu o machadinho votivo. Os restos do vaso N.º 12 estavam entre as raízes de um arbusto, junto do esteio *f*. Havia vestígios de ossos.

*Espólio* (Est. XXXV):

1. *Objectos de pedra polida:*

N.º 1: machadinho votivo de xisto verde-azulado claro, bem trabalhado, totalmente polido; gume perfeito, mas um pouco ferido. Compr. 7 cm.; larg. 4,3 cm.; esp. 1,4 cm. Posição: junto do vaso N.º 14, no corredor, perto da entrada da câmara, à profundidade de 0,40 m.

2. *Objectos de sílex, xisto, quartzo e cristal de rocha.*

N.º 2: fragmento de um grande núcleo de cristal de rocha acinzentado, com gume retocado; N.º 3: fragmento de um pequeno núcleo de cristal de rocha, com facetas naturais, sem trabalho; N.º 4: ponta de seta de xisto cinzento; N.º 5: ponta de seta de sílex amarelo-avermelhado claro; N.º 6: fragmento de uma faca de sílex cinzento-acastanhado.

## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

### 3. *Objectos de adorno.*

12 contas. N.º 7: conta bicónica de xisto verde claro; N.ºs 8-11: contas discóides de xisto de diferentes tipos. As restantes são dos mesmos tipos.

### 4. *Placas de xisto gravadas.*

3 placas inteiras e fragmentos de mais 3. N.º 18: fragmento da parte superior de uma placa com ornato de zigue-zagues, parte superior tipo I, 1 orifício cónico; N.º 19: grande placa, bem trabalhada, 4 filas de dentes de lobo, por baixo e por cima uma faixa horizontal de zigue-zagues, parte superior tipo III, 1 orifício bicónico; N.º 20: grande placa com ornato de zigue-zagues, com uma faixa divisória de pequenos dentes de lobo, parte superior tipo II, 1 orifício. As placas 19 e 20 encontraram-se na esquina norte do esteio *a*, encaixadas uma na outra contra o esteio, à profundidade de 0,50; N.º 21: grande placa, com ornato de 3 filas de dentes de lobo e uma faixa divisória estreita preenchida de traços oblíquos, parte superior tipo III, 1 orifício. Posição: no corredor, junto do esteio *h*, o lado gravado voltado para cima. A gravura quase desapareceu. Mais um fragmento maior com zigue-zagues e um pequeno fragmento com dentes de lobo.

### 5. *Cerâmica.*

A anta deu pouquíssima cerâmica aproveitável. Além disso, a maior parte dos cacos estava quase completamente destruída pelos repetidos remeximentos, com os bordos gastos e as camadas da superfície destruídas. Os únicos vasos de forma reconstituível são os seguintes:

*Grupo 1* — N.º 12: pequeno vaso esférico de parede fina, cinzento, vestígios de uma camada vermelha, hoje com a superfície áspera (B 21); N.º 14: pequeno pote, alto, de corpo ligeiramente cónico, boca larga e fundo esférico, cinzento-avermelhado, hoje sem polimento (A 1).

*Grupo 2* — 2 fragmentos do bordo de um grande pote.

*Grupo 4* — N.º 15: fragmento do bordo de uma taça, cinzenta por fora, avermelhada por dentro, trabalho fino. Mais 2 cacos da parede deste vaso.

*Grupo 5* — 2 fragmentos de um vaso grande e 1 fragmento de um vaso pequeno, esféricos, de colo estrangulado.

*Grupo 6* — N.º 16: fragmento do bordo de um vaso, chato, cinzento-avermelhado, de corpo ligeiramente côncavo e fundo esférico (B 3); fragmento de um vaso semelhante, mais fino.

*Grupo 8* — N.ºs 13 e 17: fragmento de 2 vasos de fundo plano (B 3 e A 1).

## N.º 33 — ANTÁ 2 DA HERDADE DE SANTA MARGARIDA (Est. XL, 31)

*Situação:* 250 m. a Sudoeste do Monte de Santa Margarida.

*Construção:* pequeno dólmen de corredor, compr. total 4,30 m.

*Câmara:* poligonal; 1,80 m. de diâm.; 6 esteios, todos *in situ*, 3 da parede sul, 2 na parede norte, onde, entre estes esteios, há, do lado de fora, uma pedra de reforço. A entrada da

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

câmara e o rumo do corredor, análogamente à construção da anta 1 da Herdade, desviam-se do eixo longitudinal da câmara. Alt. máx. do chão actual 1,05 m.

*Corredor:* compr. 1,80 m.; larg. 1-0,80 m; alt. actual 0,20 m; formado por 2 esteios de resp. 1,50 e 1,30 m. de compr., os quais suportam uma laje de cobertura. Entre o esteio sul do corredor e a câmara há restos de um pilar.

*Tumulus:* vestígios.

*Orientação:* Este 10° Sul.

### N.º 34 — ANTA 3 DA HERDADE DE SANTA MARGARIDA

*Situação:* 400 m. a Oeste 10° Sul do Monte de Santa Margarida, 500 m. a Leste 35° Sul do Monte do Barocalinho.

*Construção:* dois esteios de uma câmara poligonal visíveis num *tumulus* de altura ainda considerável.

## ANTAS DA HERDADE DA COMENDA

### (6 ANTAS)

6 antas., muito perto umas das outras; com excepção da anta N.º 6, todas situadas a Noroeste do Monte da Comenda, perto do caminho para o Monte da Carapinheira, em terreno levemente ondulado, coberto de mato e blocos.

### N.º 35 — ANTA 1 DA HERDADE DA COMENDA (Est. XIII, LV).

*Situação:* 300 m. a Norte 20° Oeste do Monte da Comenda.

*Construção:* grande dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, 3,50×3,80 m. de diâm.; 6 esteios; uma grande cabeceira, 3 esteios na parede sul, 2 na parede norte. Do esteio c a metade superior está caída na câmara. A entrada da câmara não fica em frente da cabeceira, mas mais para o lado norte, tendo 1 m. de larg. entre os dois pequenos esteios de umbral. Alt. da câmara do chão primitivo 3,40 m. Alt. da entrada 0,90 m.

*Corredor:* destruído. Sobre o umbral do lado sul apoia-se ainda uma pedra de cobertura que, no lado norte, se encontra sobre os restos já completamente desfeitos do primeiro esteio do corredor. A escavação em busca do corredor mais para o exterior não deu resultado. O corredor é 2,40 m. mais baixo do que a câmara.

*Tumulus:* vestígios. Em redor da anta fragmentos de lajes de xisto.

*Escavação:* A anta, já completamente remexida, continha apenas um espólio muito pobre, que se encontrou, na maior parte, por baixo do esteio caído. Em todas as camadas havia restos de ossos, já muito desfeitos. O chão da anta ficava 1 m. mais baixo do que o chão actual.



## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

### Espólio (Est. XIII).

1. *Objectos de sílex, xisto e cristal de rocha.* Grande núcleo de quartzo com o gume retocado; pequeno núcleo de quartzo com vestígios de trabalho; 3 pontas de seta; N.<sup>os</sup> 1 e 2 de xisto vermelho-acinzentado, N.<sup>o</sup> 3 de sílex cinzento, todas com retoque parcial, bilateral, 6 fragmentos de facas de sílex sem retoque; N.<sup>os</sup> 6 e 23 de sílex cinzento; N.<sup>os</sup> 5 e 22 de sílex castanho-escuro; N.<sup>o</sup> 4 de sílex castanho-claro; N.<sup>o</sup> 8 de pedra branca; N.<sup>o</sup> 21 fragmento de lâmina com retoque só num bordo, de sílex cinzento; N.<sup>o</sup> 7 faquinha de cristal de rocha.

2. *Objectos de adorno.* 36 pequenas contas discóides de xisto dos tipos reproduzidos nos N.<sup>os</sup> 9-20.

3. *Placas de xisto.* Fragmentos de 4 placas de xisto gravadas. N.<sup>os</sup> 34 e 36 com dentes de lobo; N.<sup>o</sup> 37 com zigue-zagues; N.<sup>o</sup> 35 parte superior do tipo 1.

### 4. Cerâmica.

*Grupo 1 — Vasos esféricos de pequeno tamanho —* N.<sup>o</sup> 24: cinzento-escuro acastanhado, polido (A 1); N.<sup>o</sup> 25: pasta cinzenta-clara, dura, camada de vermelho claro de ambos os lados, fundo plano, enegrecido pelo fogo (B 2), N.<sup>o</sup> 27: pasta cinzenta clara, finas camadas de vermelho claro, polido e bem trabalhado (B 3).

*Grupo 2 —* Fragmento do bordo de um vaso esférico maior (A 2).

*Grupo 4 —* N.<sup>o</sup> 29: taça alta, fina, de bordo pouco reentrante, vermelha, superfície muito deteriorada (B 1); N.<sup>o</sup> 32: grande taça, fina, de cor cinzento-avermelhado (A 1).

*Grupo 5 —* N.<sup>o</sup> 28: vaso achatado, de colo estrangulado, de cor cinzento-avermelhado, manchas pretas, bem polido (A 2); N.<sup>o</sup> 38: vermelho, trabalho grosseiro (B 1).

*Grupo 7 —* N.<sup>o</sup> 26: pequeno vaso de corpo ligeiramente côncavo e fundo plano, cinzento-acastanhado (A 1).

*Grupo 8 —* N.<sup>o</sup> 33: fragmento de um vaso de fundo plano (A 1).

*Grupo 9 —* N.<sup>o</sup> 31: fragmento de um suporte de vaso em forma de anel, cinzento-acastanhado (A 1).

*Grupo 10 —* N.<sup>o</sup> 30: grosseiro, vermelho, saliência com perfuração vertical; mais um fragmento do mesmo vaso (B 1).

N.<sup>o</sup> 36 — ANTA 2 E THOLOS DA HERDADE DA COMENDA (Ests. X-XII, XLV, XLVI)

*Situação:* 250 m. ao Norte 40° Oeste do Monte da Comenda, 100 m. ao Sul-sudoeste da anta 1 da Comenda, à beira oeste de um ribeirão.

### I — A ANTA (Ests. X, XI, XLV, XLVI, XL, 6).

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 6,20 m.

*Câmara:* poligonal, alongada, 3×2,20 m. de diâm.; 6 esteios, todos *in situ*. Não há cabeceira; em frente da entrada os esteios a e g formam um ângulo obtuso. Alt. da câmara 1,80 m.;

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

larg. da entrada 1,20 m. Ao encontrarmos a anta, a pedra sobranceira à entrada estava ligeiramente inclinada para fora (Est. XLV, 1); provavelmente foi posta nesta posição quando da espoliação da anta, para dar entrada à câmara. Assenta sobre os primeiros esteios do corredor; a espessura da primeira laje de cobertura do corredor serve-lhe de contraforte, permitindo-lhe conservar-se em tal posição. Para a conservação do monumento, tivemos de repô-la na sua posição primitiva, isto é, de encontro aos esteios da câmara (Est. X, A-B). O seu bordo é ligeiramente côncavo, aumentando-se assim a altura da entrada de uns 10 cm. até 0,70-0,80 m. (Est. X, F-E, XLVI). O chapéu desapareceu.

*Corredor:* compr. 3 m.; larg. resp. de 1,20 e 0,60 m.; alt. 0,80-0,50 m., 1,30 m. mais baixo do que a câmara. Está dividido em dois compartimentos:

a) a *ante-câmara*, provavelmente o corredor da construção primitiva da anta, compr. 1,80 m., de forma levemente trapezoidal; as paredes constituídas por um grande e espesso esteio de cada lado, coberta por uma grande laje. Junto da entrada, na parede sul, está um pequeno pilar de secção triangular, 0,50 m. de alt. Do lado exterior deste pilar há, encostada ao esteio *h* da mesma parede, uma laje de xisto, delgada, que corresponde em altura e largura à abertura da entrada. Indubitavelmente é a laje que encerrava a porta (Est. X, XLV). Entre os esteios da antecâmara e os da parte exterior do corredor há um vácuo nas paredes, preenchido por blocos pequenos, sobre os quais descansa uma laje (N.º 2) que atravessa o corredor e que, hoje, está em posição muito inclinada para o interior. A altura da entrada para a antecâmara fica, portanto, reduzida a 0,40 m. Não se pode determinar com precisão a posição primitiva desta laje, tanto mais que as pedras de cobertura parecem estar *in situ*. Se a laje tivesse estado primitivamente em posição mais erecta, teria obstruído por completo a entrada para a antecâmara.

b) o *corredor exterior*. Por cima da parte divisória da antecâmara, a laje de cobertura 3 está em posição quase vertical, diminuindo-se assim a altura do corredor de 0,40 m. Seguem de cada lado dois esteios mais pequenos e delgados, suportes de duas lajes de cobertura (4 e 5). A entrada exterior do corredor encontrava-se fechada por uma laje delgada de granito de forma rectangular (0,70×0,60 m.), a qual estava encostada aos esteios. Por fora desta laje havia muitos blocos, formando um reforço da porta em obra seca. A porta não parecia ter sido aberta antes da nossa escavação.

A construção pouco usual do corredor, patente no vácuo entre os sectores interior e exterior, na posição da laje transversal (2) e da pedra de cobertura (3) e nos fracos esteios do sector exterior deixam supor que a parte exterior foi construída na época da *tholos* para que se juntassem as duas entradas. Tal hipótese é corroborada pela comparação com a anta 1 da Farisoa, na qual é também evidente uma prolongação posterior do corredor.

*Orientação:* Este 30° Sul.

## II — A THOLOS (Ests. X, XII, XLVI)

Junto da entrada da anta viam-se, ao sul, os topos de mais umas pedras empinadas, formando duas filas paralelas na direcção Leste-nordeste-Oeste-sudoeste que, no lado norte, seguiam junto às paredes da anta. Sobre o terreno estavam deitados uns blocos rectangulares e, na entrada, outro bloco com uma concavidade num dos bordos. À primeira vista, julgámos

## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

estar em presença ou de uma câmara anexa ao corredor da anta ou de uma segunda construção megalítica em forma de galeria ou de cista. Mas, no decurso da escavação, descobriu-se um monumento completamente diferente da anta: uma *tholos*, à qual dava acesso um corredor megalítico.

*Câmara da «tholos»:* 3,50×2,80 m. de diâm., de forma regularmente oval e num nível um pouco mais elevado do que o da anta (Est. X, K-I). As suas paredes, hoje conservadas numa altura de 0,50-1 m., são constituídas, ao norte, junto da anta, por blocos graníticos; na parte restante, por lajes de xisto delgadas, algumas delas sobrepostas uma à outra, hoje já em via de decomposição e que, na parte sul da parede, já desapareceram. Em contraste com uma construção verdadeiramente megalítica, os blocos graníticos que formam a parede da *tholos* não foram enterrados; apenas poeiam no chão. Entre a anta e a parede da *tholos* encontram-se várias cunhas de pedra granítica, sem dúvida postas para a proteger contra a pressão dos esteios da anta.

Por cima desta parede conservam-se sobre a pedra *w* umas camadas de pequenas lajes graníticas em posição horizontal que provocam uma ligeira saliência da parede (Ests. X, XLVI, 1). Na parede sul há também, numa altura que corresponde à das lajes hoje destruídas, uma fila de pedras graníticas em posição horizontal, as quais talvez pertençam à primeira camada da cúpula. O recheio da parte superior da *tholos* era constituído por uma massa compacta de lajes de xisto partidas. É de supor que essas lajes formassem parte da construção e que, em face das camadas sobrepostas existentes, a parte superior da *tholos* tivesse sido de falsa cúpula.

*Corredor da «tholos»:* compr. 1,80 m.; larg. 0,70 m.; alt. ca. de 1 m. De harmonia com a construção da própria *tholos*, os blocos que formam as suas paredes apenas se apoiam no solo. As três lajes que se encontraram por cima do corredor e da parte anexa da *tholos* constituíam, provavelmente, a cobertura do corredor e a pedra, com o bordo inferior escavado, a padieira da entrada.

*Orientação:* Este 110° Norte.

*Tumulus* (Est. X, K-J): Diâm. actual no sentido Norte-Sul 9 m. A distância de 2,30 m. do esteio *c* e de 4,30 m. do esteio *f* da anta, a orla actual do *tumulus* está nitidamente cortada, sobressaindo bem do terreno adjacente. Esta parte do *tumulus* cobre hoje igualmente a anta e a *tholos*. Seguindo para fora, há de ambos os lados mais um pequeno declive do terreno: no lado sul, a uma distância de 2,50 m.; no norte, de 4 m. Aqui há uma pedra empinada que indica a orla primitiva da mamoa, cujo diâmetro devia ter sido de 16 m. O centro do *tumulus* corresponde ao centro da câmara da anta, facto de importância para a cronologia dos dois monumentos. Altura do *tumulus*: no lado oeste 0,80 m., na distância de 2,30 m.; no leste 0,90 m., na distância de 5 m. Em ambos os lados o terreno continua a descer.

*Escavação da anta.*

A anta já tinha sido remexida e continha relativamente poucos objectos, cuja posição na sepultura já não correspondia à primitiva e que, no caso de ser de interesse, vem indicada na sua descrição. Os objectos do espólio apareceram desde a profundidade de 0,40 m. abaixo do nível actual até ao chão da câmara. Na antecâmara e no sector do corredor adjacente, encontraram-se também alguns micrólitos, cacos grossos e uma pequena ponta de seta.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

É notável, neste espólio, a escassez de cerâmica, restos de uma indústria de sílex mais perfeita do que na anta do Olival da Pega, e a quantidade relativamente grande de micrólitos de quartzo. Faltavam, porém, por completo, instrumentos de pedra polida, sendo também raras as placas de xisto gravadas. O recheio, nas camadas superiores, continha muitas lascas grossas de xisto, provenientes, sem dúvida, da *tholos*. Diante do esteio a encontrou-se, à profundidade de 1 m., uma laje de xisto de 60×25 cm. de diâm. No sector exterior do corredor encontraram-se apenas alguns cacos de cerâmica grossa. Poucos eram, em toda a anta, os restos de ossos humanos.

### Escavação da «*tholos*».

Comparado com os objectos achados na anta, o espólio mostra que não há grande diferença cultural entre os dois monumentos. Os sílices são poucos, mas das mesmas formas que na anta, o mesmo sucedendo com a cerâmica. Havia relativamente muitos fragmentos com mamilos, que faltam naquela, mas que se encontraram em outras antas da região. Ao lado da cerâmica grossa havia também cacos mais finos, análogos à cerâmica da anta do Olival da Pega.

Embora a *tholos* também tenha sido remexida, julgamos que a posição dos objectos encontrados possa ainda contribuir para esclarecer o problema da cronologia dos dois monumentos. Por isso, o relatório seguinte prende-se, com mais pormenores do que é costume nestes casos, ao diário da escavação.

Quando da escavação da anta, não se deu pela existência da *tholos*, encontrando-se, porém, o *tumulus* sobre ela um pouco aplanado. Só depois de termos seguido o rumo do segundo corredor, encontrámos as lajes dos alicerces da *tholos*, cujos topos estavam apenas a 20 cm. abaixo do nível da terra que as cobria. Como já notámos, encontraram-se no sector superior do recheio, desde o início da escavação, muitos fragmentos de lajes de xisto, sobrepostas irregularmente, do tamanho máximo de 50-30 cm., as quais eram mais frequentes no sector sul. No canto sul da entrada da câmara, havia destas lajes em posição oblíqua. Esta camada, cheia de lajes de xisto, estendia-se até uma profundidade de aproximadamente 0,20 m. acima do chão da câmara. Poucos foram os achados nestas camadas superiores. À entrada da câmara, no local das lajes oblíquas, encontrou-se a ponta de seta N.º 3, no lado sul, 40 cm. acima do chão, a ponta N.º 4. Perto da superfície saíram, neste lado, cacos grossos vermelhos. Por baixo da camada de lajes de xisto, havia, até ao chão da *tholos*, uma camada de ca. de 20-25 cm. de espessura, que continha muitíssimos fragmentos de ossos humanos, enquanto fragmentos de xisto eram escassos. Sobretudo no centro da câmara não havia torrão de terra que não estivesse carregado de restos de ossos, já quase todos decompostos e sem vestígios de terem sofrido qualquer acção de fogo. Nesta camada encontraram-se, junto com os ossos, no solo do lado sul, o micrólito N.º 1 e, no mesmo sector, cacos de cerâmica grossa e fina. Na mesma profundidade saíram, no centro, juntos com fragmentos craneanos e dentes, cacos grossos com mamilos. As pontas de seta N.ºs 6 e 7 e pequenas contas discóides de xisto provêm também da câmara.

O estado do recheio do corredor era igual ao da câmara. Havia também lajes de xisto e, na camada inferior, ao lado de ossos, encontraram-se: o pequeno micrólito de quartzo N.º 2,

## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

o fragmento N.º 23 com mamilo duplo, o fragmento de báculo (Est. XXXVI, 11), este último misturado com ossadas, a ponta de seta N.º 5, a esfera de quartzo, fragmentos de pequenas facas e o grande fragmento do vaso de suspensão (N.º 17).

### Conclusões.

Como os fundamentos dos esteios da anta seguem quase por baixo da parede norte da *tholos*, a anta deve ter sido o primeiro dos dois monumentos a ser construído.

É provável que a *tholos* tenha sido remexida antes do desmoronamento do seu tecto. Considerando a quantidade bastante grande dos objectos homogêneos encontrados na *tholos* e a sua posição entre os ossos, poderemos atribuir aqueles objectos a inumações primitivas, pelo que a *tholos* deve pertencer ainda ao período eneolítico.

A arquitectura da anta coloca este monumento, em comparação com a anta II do Poço da Gateira, num período anterior, ainda ligado ao neolítico puro, ou seja da fase de transição para o eneolítico.

### Espólio da anta (Ests. XI, LXI).

#### Objectos de sílex, xisto, quartzo e cristal de rocha.

15 micrólitos trapezoidais e triangulares; N.ºs 1-3 de sílex cinzento-acastanhado; N.ºs 4-10, 12 e 13: de quartzo branco; N.º 11: de pedra branca calcárea; N.ºs 14 e 15: de cristal de rocha; N.ºs 16 e 17: fragmentos de faquinhas de cristal de rocha. N.ºs 9, 10 e 11 provêm da antecâmara, os N.ºs 12 e 13 do corredor e os restantes da câmara.

22 pontas de seta, todas de base côncava ou recta. N.ºs 18, 21, 25, 26, 32 e 34: de sílex cinzento-acastanhado; N.ºs 19 e 20 de cristal de rocha; N.ºs 22 e 23: de sílex branco; N.ºs 27-30 e 33: de sílex cor de damasco; N.ºs 24, 31, 35-39: de xisto. Os N.ºs 18, 19, 22, 23, 27, 28, 32 e 33: de retoque bilateral perfeito; os restantes: de retoque parcial no verso ou em ambos os lados. O N.º 38 provêm do corredor.

1 faca inteira e 14 fragmentos de facas e lâminas retocadas. N.ºs 40 e 44: de sílex cinzento-acastanhado; N.º 42: de cristal de rocha; N.º 43: lâmina curta com retoque em redor; N.ºs 45 e 50: de sílex castanho claro; N.ºs 46 e 48: de quartzo branco; N.º 49: de sílex preto azulado; N.º 69: grande lasca de cristal de rocha; N.º 70: de sílex cinzento-acastanhado, encontrada na terra entre os esteios *n* e *r* da anta e da *tholos*.

Fragmento de alabarda, N.º 52: de sílex castanho, de trabalho perfeito, retoque bilateral.

#### Objectos de adorno.

2 contas de calaite. N.º 66: da câmara; N.º 67: tem um lado do orifício desgasto do fio. Foi encontrada no chão da câmara, junto da entrada.

123 contas de xisto, das mesmas substâncias e formas como foram descritas na lista do espólio da anta do Olival da Pega (pág. 240); N.º 62: cilíndrica, de xisto azul; deste tipo há mais cinco; N.º 68: grande disco de xisto cinzento de forma irregular; N.ºs 60, 63-65: contas discóides em diferentes tamanhos; N.º 61: quatro contas pegadas.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### *Placas de xisto gravadas, Disco de xisto.*

N.º 71: placa inteira, bem conservada, parte inferior com zigue-zagues; faixa divisória com uma fila de pequenos dentes de lobo; dentro da parte superior, do tipo II, a representação de dois «olhos» (Est. LXI). Posição: no chão da câmara, com o lado gravado voltado para baixo. N.º 72: na parte inferior faixas verticais; parte superior tipo II, sem faixa divisória, 1 orifício. N.º 73: estreita, com 6 filas de dentes de lobo; parte superior tipo I, sem faixa divisória e orifício. Posição: na profundidade de 1 m., junto do esteio a. N.º 74: fragmento com zigue-zagues. Além das peças reproduzidas: 1 fragmento da parte superior, tipo II, com orifício, e 2 lascas de placas sem gravura. N.º 75: disco de xisto, com perfuração bicônica no centro, trabalho tosco. Posição: na terra, fora da parede norte da antecâmara.

### *Diversos.*

1 esfera irregular de pedra granítica, 4,5×4 cm. de diâm.; 1 calhau com um lado plano e alisado; 3 pedaços de quartzo com vestígios de malaquite; 1 pedaço grande e outro pequeno e chato de oligiste (com grafito); com excepção do último, que estava no chão da câmara, todos se encontraram fora da anta, junto dos esteios do lado norte do corredor; pequeno torrão de terra com restos de uma substância de cor vermelho-vivo aderente (limonite?); restos de carvão vegetal em todas as camadas.

### *Cerâmica.*

A cerâmica da anta, segundo o fabrico e as poucas formas que podem ser reconstituídas, insere-se no quadro da cerâmica eneolítica documentada na anta do Olival da Pega.

*Grupo 4* — N.º 59: pequeno fragmento do bordo de uma taça fina, de cor vermelho-claro, pasta cinzenta-clara, sem pedrinhas (B 3). Deste tipo de cerâmica há mais alguns cacos.

*Grupo 5* — N.º 55: fragmento do bordo de um vaso de parede ligeiramente curvada, fabrico fino, cor avermelhada, um pouco polido (B 1).

*Grupo 6* — N.º 53: fragmento do bordo reentrante de um vaso de suspensão, preto por fora e por dentro, grosseiro, sem polimento (C). Na fractura (a) perfuração do bordo. Embora a reconstituição dê uma circunferência um pouco maior do que a do vaso (Est. XII, 17), proveniente do corredor da *tholos*, é provável que estes fragmentos pertençam ao mesmo vaso e tivessem sido espalhados na pilhagem dos monumentos. Por isso, fica incerto a qual deles o vaso pertencia primitivamente, sendo, porém, mais verosimil, em face do quadro cultural do espólio, atribuí-lo à anta. N.º 54: fragmento do bordo de fabrico fino, cor cinzento-avermelhado; provavelmente de um grande pote bicônico do tipo Est. XXVII, 24 (A 2).

*Grupo 12* — N.º 56: pequeno fragmento de um vaso fino, decorado com três riscos paralelos, de cor vermelha, hoje sem polimento.

São ainda notáveis: N.ºs 57 e 58: fragmentos de dois grandes vasos de cor cinzento-avermelhado, levemente polido (B 1, A 2). Fragmento de um vaso fino, camada de cor vermelha de ambos os lados, polimento destruído (B 2). Fragmento da parede de um vaso fino (B 3).

## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

*Espólio da tholos* (Est. XII, Sep. I).

### 1. *Objectos de sílex, quartzo e xisto.*

N.<sup>os</sup> 1 e 2: micrólitos triangulares de quartzo branco. N.<sup>o</sup> 2 do corredor; N.<sup>os</sup> 3-5: pontas de seta de sílex, N.<sup>o</sup> 3 cinzento-escuro, N.<sup>o</sup> 4 e 5 cor de damasco, o último do corredor, todas de retoque bilateral; N.<sup>o</sup> 6 ponta de seta de xisto castanho-claro, N.<sup>o</sup> 7-12: fragmentos de faquinhas, N.<sup>os</sup> 7-9 de sílex, N.<sup>os</sup> 11 e 12 de quartzo; 10 pedaços amorfos de quartzo; 1 esfera de quartzo branco, trabalho irregular, diâm. 3,5 cm.

### 2. *Objectos de adorno.*

7 pequenas contas discoides de xisto (N.<sup>os</sup> 13-16).

### 3. *Placas de xisto gravadas.*

Est. XXXVI, 11: fragmento estreito com faixas horizontais, talvez a parte inferior de um báculo; Est. XXXVI, 16: fragmento estreito de base arredondada, sem gravura, talvez de um báculo; pequeno fragmento com restos de zigue-zagues, 2 pequenos fragmentos com dentes de lobo.

Além destas peças do período eneolítico, apareceram mais três placas delgadas de xisto azul, mostrando em ambos os lados um conjunto gravado que abrange os «olhos», uma linha vertical com ramificações, assemelhando-se à representação tosca de uma árvore e linhas cruzadas cobrindo o resto da placa. A falta de pátina, os orifícios cónicos e a impressão das gravuras serem feitas com instrumento de metal, sugere a ideia de que se trate de uma falsificação, sendo, porém, difícil imaginar-se como tal conjunto, que cabe perfeitamente no quadro religioso do período eneolítico, poderia ter sido feito sem conhecimentos científicos, inadmissíveis nos habitantes desta região campestre. Fica a possibilidade de terem entrado no monumento num período posterior ou de talvez, na ocasião do remeximento, terem sido feitos à imitação de placas autênticas, hipótese corroborada pelo facto de se ter encontrado, na anta, uma placa com representação parecida. As placas saíram ante os nossos próprios olhos; os locais, onde foram achadas, são os seguintes: 1) placa de forma idêntica às placas eneolíticas. Estava na terra vegetal por cima do corredor exterior da anta. 2) placa pequena, oblonga. Estava na parte exterior do corredor da *tholos*, 0,20 m. acima do chão. 3) pequena placa rombóide. Estava no lado sul da *tholos*, perto da parede, 0,30 m. acima do chão.

### 4. *Cerâmica.*

*Grupo 1* — N.<sup>o</sup> 18: três fragmentos de um pequeno vaso esférico, muito grosseiro, de cor cinzenta (A 1).

*Grupo 4* — N.<sup>o</sup> 19: fragmento do bordo de uma taça fina, castanho, um tanto polido (B 1). Há vários fragmentos de bordo de cerâmica idêntica, do tipo das taças e vasos semiesféricos da Anta do Olival da Pega, pertencentes a 4 ou 5 vasos.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

*Grupo 6* — N.º 17: fragmentos de um vaso de suspensão, preto por dentro e por fora, pasta preta, vestígios de polimento no exterior, mancha avermelhada da cozedura (C). Bordo perfurado, um orifício, ligeiramente bicónico e metade de outro conservado, numa distância de 6,6 cm., o que indica 5 orifícios para a circunferência total. O fragmento de um vaso semelhante, encontrado na anta, pertence provavelmente a este vaso (Est. XI, 53).

*Grupo 8* — N.º 26: fragmento do bordo de um prato, grosseiro, cinzento, sem polimento (A 1).

*Grupo 10* — N.ºs 20-25: fragmentos do bordo de vasos com mamilos. O N.º 20 de um vaso esférico, os N.ºs 21 e 22 de vasos grandes, todos de cor cinzento-avermelhado, os N.ºs 20, 21 e 23 bem trabalhados e polidos (A 1).

São ainda dignos de menção: dois cacos finos do mesmo vaso, barro cinzento, esp. 4-5 mm., pintados a almagre por fora e por dentro (B 2); 3 cacos de uma cerâmica fina, preta (C).

### N.º 37 — ANTA 3 DA HERDADE DA COMENDA (Est. XL, 46).

*Situação:* 300 m. a Oeste do Monte da Comenda, 50 m. a Sudoeste do caminho que segue deste monte para o Monte da Carapínheira, num cabecinho com declive mais acentuado para Leste.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 9 m. A anta avulta entre todas as outras pela sua forma, que é semelhante à galeria coberta. Na planta, assim como no alçado, quase não há separação entre a câmara e o corredor, os quais, juntos, têm a forma de um trapézio alongado e estreito, ligeiramente polygonal. É de admitir que a câmara acabe por fora do esteio *d*, onde uma laje caída poderia indicar a porta primitiva.

*Câmara:* Sendo assim, a câmara terá 3 m. de compr. e 1,80 m. de larg. Da cabeceira só resta um fragmento. A parede sul é formada por dois esteios fortes, verticais; na parede sul há três lajes sobrepostas, pouco espessas. Alt. máx. do chão primitivo 1,60 m. (esteio *e*), os esteios do lado sul 1,40 m., *f* e *a* partidos nos topos. O chapéu resvalado para trás da cabeceira.

*Corredor:* compr. 3 m.; larg. resp. 0,90 m. e 0,50 m.; 4 esteios na parede sul, havendo, na parede norte, actualmente apenas dois, um dos quais caído. O sector exterior do corredor desvia-se um pouco para sul. A altura do corredor, junto da câmara, é inferior a esta apenas 0,10 m.; diminui da altura até à entrada, onde a laje da porta é 0,50 m. mais baixo do que o esteio *d*.

*Átrio:* por fora desta porta, o monumento alarga-se outra vez num recinto polygonal de 2,40 m. de compr. e ca. 2 m. de larg. O chão primitivo deste átrio encontrou-se já a uma profundidade de 0,40 m. ficando assim num nível 0,50 m. mais alto do que o chão da câmara. A entrada do átrio tem 0,70 m. de larg.; ao sul desta porta há um esteio que se afasta obliquamente para fora (3), faltando, no lado norte, um esteio correspondente, pelo que é difícil dizer se este esteio teria feito parte de mais um pequeno átrio aberto, hipótese sugerida pela sua forma côncava.



## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

*Tumulus*: estas pedras da porta exterior indicam o limite do monumento, análogamente às outras antas com átrio. O *tumulus*, do qual, hoje, apenas existem restos, deve ter tido ca. 16 m. de diâm. Em redor da anta havia fragmentos de lajes de xisto.

*Orientação*: Este 20° Sul.

*Escavação*: a anta não deu nada. No chão primitivo da câmara, à profundidade de 0,80 m., havia muitos ossos, mas sem qualquer objecto.

### N.º 38 — ANTA 4 DA HERDADE DA COMENDA

*Situação*: 400 m. a Oeste-Noroeste do Monte da Comenda, 150 m. a Noroeste da anta 3 da Comenda, na berma norte do caminho do Monte da Comenda para o Monte da Carapinheira.

*Construção*: dólmen de corredor, já caído.

*Câmara*: poligonal de 7 esteios.

*Corredor*: um grande esteio conservado.

### N.º 39 — ANTA 5 DA HERDADE DA COMENDA

*Situação*: 600 m. ao Noroeste do Monte das Piteiras, 500 m. a Oeste 10° Norte do Monte da Comenda, na berma sul do caminho deste monte para o Monte da Carapinheira, ca 200 m. antes de chegar ao poço desta herdade; numa baixa.

*Construção*: dólmen de corredor, já caído.

*Câmara*: poligonal; grande cabeceira, larg. 1,40 m.; alt., 1,40 m.; grande chapéu, 2,50×2 m., resvalado para sul.

*Corredor*: um grande esteio, compr. 1,60 m.; alt. 0,40 m.; esp. 0,30 m., conservado.

*Orientação*: Sudeste.

Em frente desta anta, no lado norte do caminho, perto do poço da Carapinheira, há umas fileiras de pedras colocadas propositadamente, de interpretação duvidosa.

### N.º 40 — ANTA 6 DA HERDADE DA COMENDA

*Situação*: 400 m. ao Sudeste do Monte da Comenda, perto do poço da herdade.

*Construção*: restos de um dólmen de corredor de interpretação incerta.

### N.º 41 — ANTA 1 DA HERDADE DO AZINHALINHO

*Situação*: 300 m. a Leste 20° Norte do Monte do Azinhalinho.

*Construção*: 2 esteios conservados. Restos do *tumulus*, alt. 0,50 m. na distância de 3,50 m.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### N.º 42 — ANTA 2 DA HERDADE DO AZINHALINHO

*Situação:* 150 m. ao Norte 15º Oeste do Monte do Azinhalinho.

*Construção:* dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, alargada, 2×2,50 m. de diâm., 7 esteios, muito sobrepostos uns aos outros; dois pilares da porta, que tem 0,80 m. de larg. Os esteios da parede norte estão desviados por uma grande oliveira, dentro da câmara. Alt. máx. do chão actual 1 m.

*Corredor:* compr. ca. 2,50 m.; de cada lado conserva-se um esteio de 1,50 m. de compr.; larg. 0,85 m.

*Tumulus:* vestígios.

### N.º 43 — ANTA 1 DA HERDADE DAS PITEIRAS (Est. XL, 16)

*Situação:* 400 m. a Sul 10º Oeste do Monte das Piteiras, 600 m. a Leste 10º Norte do Monte do Azinhalinho, num cabecinho, por cima de um ribeiro.

*Construção:* dólmen de corredor.

*Câmara:* trapezoidal, 2,60×2,30 m. de diâm., alt. máx. do chão actual 0,95 m.; 7 esteios bem ajustados e todos em posição quase vertical, 6 *in situ*, 1 caído dentro da câmara. Larg. da entrada 0,60 m. Fora da entrada uma grande laje, cujo bordo superior fica 0,45 m., mais baixo do que o da cabeceira; era provavelmente a laje sobranceira à porta, 0,50 m. de alt. no lado exterior.

*Tumulus:* bem conservado, diâm. actual 21 m. À distância de 8 m. da pedra da porta da câmara, na direcção Este 20º Sul, há, na orla do *tumulus*, a porta exterior do corredor: uma construção complicada, composta de cinco pedras empinadas de cada lado, de altura diferente, máx. 0,60 m. Alt. actual do *tumulus* até à porta exterior 0,70 m.; o terreno descal mais 0,20 m. No lado este, na superfície do *tumulus*, lajes de xisto.

Num exame prévio encontraram-se alguns cacos da época eneolítica: fragmentos de rebordo de uma grande taça e outro de um vaso de colo estrangulado, ambos de cor cinzenta; parte de um pequeno vaso esférico da cerâmica tipo B3 e um fragmento da parede de um grande pote com uma fina camada vermelha, polido exteriormente, análogo a um caco da anta do Olival da Pega.

Ao lado da porta exterior, jazia um fragmento de um bloco rectangular, compr. conservado 0,45 m., larg. 0,25 m., esp. 0,24 m. no centro com uma concavidade oval de 0,28×0,16 m. e 0,14 m. de profundidade, bem trabalhada e lisa. (Pia ou mó dormente?).

### N.º 44 — ANTA 2 DA HERDADE DAS PITEIRAS

*Situação:* 500 m. a Sul-Sudeste do Monte das Piteiras, completamente caído.

### N.º 45 — ANTA 1 DA HERDADE DO OUTEIRO (Est. XL, 14)

*Situação:* ca. 800 m. a Norte 30º Este do Monte do Outeiro, numa baixa, junto de um ribeiro e do poço novo do Monte do Azinhalinho, ao pé de umas amendoeiras.

## FREGUESIA DE S. PEDRO DO CORVAL

*Construção:* dólmen de corredor comprido, compr. total 6,20 m.

*Câmara:* poligonal, alongada 2,80×2,40 m. de diâm.; 7 esteios, 6 *in situ*, um deles já muito inclinado para dentro. Alt. máx. do chão actual 1,40 m.

*Corredor:* 1 pequeno esteio da parede norte, junto da câmara; duas grandes lajes de cobertura, ambas 2,40 m. de compr.

*Tumulus:* do lado do corredor 7 m. desde a entrada da câmara a uma altura de 0,80 m. Ali encontram-se umas pedras empinadas, provavelmente da entrada exterior ou da orla do *tumulus*. No lado norte 5 m.; 0,80 m. de alt.

*Orientação:* Este 20° Sul.

### N.º 46 — ANTA 2 DA HERDADE DO OUTEIRO

*Situação:* 50 m. ao Sul da estrada nova Reguengos-Mourão, saindo da estrada no km. 29,4. Num cabecinho.

*Construção:* grande dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, ca. 3×3,60 m. de diâm. 5 esteios conservados.

*Corredor:* dois esteios conservados.

Cheia de pedras.

### N.º 47 — ANTA 1 DA HERDADE DA ARRAIEIRA (Est. XL, 15).

*Situação:* 350 m. a Leste 20° Norte do Monte da Arraieira, 80 m. a Nordeste da estrada Reguengos-Mourão, junto de um ribeiro, atravessado por uma ponte. Bem visível da estrada.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 6 m.

*Câmara:* poligonal, alongada, 3×2,40 m. de diâm.; 7 esteios, 5 *in situ*; alt. máx. do chão primitivo 1,80 m. (cabeceira). Falta o chapéu. A entrada da câmara um pequeno pilar de corte triangular.

*Corredor:* compr. 2,60 m.; larg. 0,95 m.; alt. 1,10 m., 0,70 m. mais baixo do que a câmara. Formado por dois grandes esteios, o do lado norte de 1,60 m. de compr. Fora destes esteios havia dois blocos da porta.

*Tumulus:* conservado à distância de 3,70 m. por detrás da cabeceira numa altura de 0,55 m. e de 0,30 m. de alt. e 1,60 m. de distância do extremo do corredor.

*Orientação:* Este 15° Sul.

*Escavação:* A anta não deu quase nada. Nas camadas superiores apenas se encontraram uns cacos grosseiros. Um dos esteios da parede norte estava caído na câmara; na camada inferior estava caído um pequeno pilar de 0,55 m. de compr. e de secção rectangular 0,18×0,10 m. Por baixo desta pedra e em todo o chão da câmara, a terra estava tingida de vermelho-vivo. No chão, na camada já de calcáreo, encontraram-se espalhados fragmentos de um crânio, também tingidos de ocre vermelho.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### N.º 48 — ANTA 2 DA HERDADE DA ARRAIEIRA

*Situação:* 400 m. a Nordeste da anta 1 da Arraieira.

*Construção:* restos de um dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, ca. 2,40 m. de diâm., já caída; a cabeceira e dois esteios de cada lado conservados. Alt. máx. do chão actual 1 m.

*Corredor:* dois grandes esteios, de resp. 1,40 e 1,30 m. de compr.

*Tumulus:* vestígios.

### N.º 49 — ANTA 3 DA HERDADE DA ARRAIEIRA

*Situação:* 100 m. a Leste 15º Norte da anta 2 da Arraieira, 600 m. a Leste da casa da vinha da Arraieira, na encosta do cabeço do sinal trigonométrico «Arraieira».

*Construção:* câmara poligonal, totalmente caída. A cabeceira, 1,30 m. de larg., 1,50 m. de alt. e três esteios da parede sul conservados. Cheia de pedras.

## FREGUESIA DE MONSARAZ

### N.º 50 — ANTA GRANDE DO OLIVAL DA PEGA (Ests. XXII-XXX, XXXVI, LII, LIII, LVIII, LIX, LX, LXII, XII, 39)

*Situação:* ca. 500 m. a Oeste 20º Norte do Monte dos Reguenginhos, 150 m. ao Sul da ribeira da Pega, ca. 300 m. ao Norte da estrada de Reguengos a Monsaraz. 500 m. antes de chegar ao Monte dos Reguenginhos, vindo de Reguengos —, sai um caminho que se liga ao de Motrinos a Reguenginhos. No ângulo formado por estes dois caminhos fica a anta, num olival.

*Construção:* (Est. XXII), grande dólmen de corredor, um dos maiores do país. Compr. actual 13,30 m.

*Câmara:* irregularmente poligonal, alargada, 4×5,60 m. de diâm.; 7 esteios, 6 *in situ*, faltando o segundo da parede norte (c). Da cabeceira (a) só se conserva a parte inferior; foi cortada a 0,80 m. acima do chão primitivo da anta e apenas apareceu no decurso da escavação. Tem 3,20 m. de larg., mas apenas 0,30 m. de esp. Os esteios adjacentes à cabeceira (b e g) estão bem conservados, em posição firme e quase vertical, tendo aproximadamente a mesma altura de 3,50 m. Os dois outros esteios da parede sul (f e e) estão quebrados a uma altura de 2 m. acima do chão; o fragmento superior do esteio f está ainda por cima da parte inferior do esteio, mas em posição oblíqua e apenas sustentado pelo tronco de uma oliveira, parecendo iminente a sua queda. O esteio d é o maior da anta, tendo 4,40 m. de alt., 3 m. de larg. e 1 m. de esp. Está muito inclinado para o interior da câmara, mas a sua posição actual deve corresponder à posição primitiva, visto que a pedra de contraforte (d') permanece.

## FREGUESIA DE MONSARAZ

Há alguns anos, como o povo nos disse, tentaram tirar aquela pedra, mas desistiram por não encontrarem a sua extremidade, mesmo numa grande profundidade. Dentro da câmara jaziam 4 fragmentos do chapéu, (1-1°) dos quais os dois maiores têm 1 m. de espessura. No decurso da escavação todos estes fragmentos foram retirados. A entrada da câmara tem 1,50 m. de larg e 1,40 m. de alt. Não pôde ser escavada por estarem dentro dela duas oliveiras, pelo que a configuração da porta fica incerta.

*Corredor:* compr. actual 8,60 m.; larg. junto da câmara 2,40 m.; alt. 1,40-1,10 m.; des-nível de altura em relação ao esteio *d* 3 m. A parede sul do primeiro sector do corredor, até uma distância de 4 m. da entrada da câmara, é formada por uma grande laje de 3,60 m. de compr. Na parede norte deste sector havia uma laje igual, que foi arrancada há alguns anos. Vê-se ainda, do lado exterior, o muro de terra do preenchimento do corredor, que revela perfeitamente a posição primitiva da mencionada laje. Este sector do corredor estava coberto por dois enormes blocos; o primeiro deles (2) tem 3 m. de compr., 1,40 m. de larg. e 0,95 m. de esp., apoiando-se, no lado sul, sobre o esteio *h*; no lado norte não chegava ao esteio por causa da pedra *d'*. Por isso é de presumir que haja, no sector da entrada não escavado, um pilar para segurar o tecto. A segunda laje de cobertura (3) está partida; o fragmento do lado norte apoia-se apenas sobre o muro de terra e deslizou para fora. 3,60 m. distante da entrada da câmara, um pouco por cima do chão primitivo, encontrou-se, em posição horizontal, uma laje delgada, de forma oval com bordos trabalhados. Por baixo dela havia alguns restos de ossos. Ignora-se se a sua posição actual, caída, corresponde à primitiva, ou se esta laje deveria considerar-se como parte de qualquer divisão ou compartimento no corredor. O sector delimitado pelos grandes esteios é ligeiramente trapezoidal, estreitando-se para fora, até 1,90 m. A partir dali, alarga-se novamente, atingindo 2,80 m. de larg., configuração essa indicada pela posição dos esteios *i* e *l* e ainda mais acentuada pela grande laje *k*. Sendo esta laje mais alta, mas menos enterrada do que os esteios do corredor, é provável que se trate, neste sector, de um átrio num nível um tanto mais elevado, tal como apareceram em outras antas do concelho. Tal hipótese é corroborada pela falta absoluta de achados, neste sector.

*Tumulus:* só se conservam restos. Diâm. actual no eixo longitudinal 38,50 m. A altura, a partir do chão actual da anta, é de 0,50 m. a Oeste e a Leste, ficando a orla do *tumulus* a Este, à distância de 20 m. do esteio *d* e continuando em declive. Ao Norte os restos do *tumulus* notam-se apenas numa distância de 7 m., tendo ali 0,30 m. de alt.; ao sul o *tumulus* já não é visível. Estas medidas não excluem uma forma ligeiramente oval do *tumulus*. O chão actual está 1,10 m. por cima do chão primitivo, que, conforme estas medidas, fica 0,50 m. abaixo do terreno adjacente. Na superfície do *tumulus* encontram-se fragmentos de lajes de xisto. Segundo informação do proprietário do terreno, apareceram ao sul do corredor, ao plantar oliveiras, fossas com as paredes revestidas de lajes de xisto que continham ossos e cerâmica. A pessoa indicada por ele não pôde, porém, dar-nos informações mais seguras acerca destes achados.

*Escavação:* A câmara e o corredor estavam cheios de terra até 1,10 m. do chão primitivo. A escavação começou diante do lugar do esteio *b*. A primeira camada só continha cacos modernos, mas, já numa profundidade de 0,30 m., encontraram-se as primeiras continhas discóides e os dois coelhos. No decurso da escavação obtiveram-se os seguintes resultados: 1) todo o interior da anta já tinha sido remexido; 2) o grande número de objectos encontrados

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

deixa supor que a anta sofreu uma só espoliação; 3) isto aconteceu no século XV, porquanto se encontraram três moedas portuguesas daquele século.

Nas camadas inferiores, a terra estava duríssima, sobretudo por baixo dos fragmentos do chapéu. Toda a terra estava semeada de pequenas contas discóides e cheia de fragmentos de cerâmica. A maior riqueza de objectos estava no centro da câmara, aumentando os achados nas camadas inferiores, para onde os objectos foram deitados. A cerâmica, com poucas excepções, apenas saiu em cacos, encontrando-se fragmentos do mesmo vaso passados dias e até anos. Visto tal estado da anta não permitir tirar quaisquer conclusões acerca da posição primitiva dos objectos encontrados, desistimos de apontar para cada peça o local onde foi achado, com excepção da indicação sobre se provém da câmara ou do corredor. A camada inferior, numa altura de 0,10-0,15 m., consistia em terra amarela barrenta; o chão era formado por uma camada branca calcárea.

Muitos foram os ossos humanos, que se apresentaram em diferentes estados. 1) estado natural, sem vestígios de fogo; 2) de cor azulada, duros e pesados em consequência de terem sofrido a acção do fogo; 3) pretos, leves, carbonizados, mas conservando nitidamente a forma primitiva. Todas as partes dos esqueletos, entre os quais havia numerosos fragmentos de crâneos e muitos dentes, saíram aos bocados, estando os próprios ossos compridos fracturados. Ossos, naqueles três estados de conservação, apareceram misturados, o que demonstra que o fogo os atingiu antes da espoliação. Em virtude de observações idênticas terem sido feitas em várias antas, o assunto será tratado, em conjunto, no fim deste estudo.

A escavação do corredor apenas deu alguns cacos, entre os quais os fragmentos incisos (Ests. XXX, N.º 1, LIX).

*Espólio* (Ests. XXIII-XXX, XXXVI, LVIII, LIX, LX, LXII).

No espólio desta anta avulta a riqueza em cerâmica de todas as formas e espécies, e o número elevado de pequenas contas de xisto, contrastando com os poucos instrumentos de pedra polida e a escassez de pontas de seta retocadas. Nestas últimas, nota-se uma preponderância de peças defeituosas de lascas de xisto, tendo também a maioria das de sílex apenas retoque parcial. Há abundância de facas e lâminas retocadas e ainda fragmentos de duas alabandas de sílex. Foi esta a única anta do concelho que deu vários artefactos de osso e um idolo de tipo almeriense.

### 1. *Objectos de pedra polida* (Est. XXIII).

N.º 74: fragmento de um machado de xisto azul de secção oval, levemente polido em toda a superfície; N.º 75: fragmento do gume de um machado achatado de xisto azul-escuro, pedra igual à da goiva da anta II do Passo, perfeitamente trabalhado e polido; fragmento de um instrumento de xisto cinzento-azulado, achatado, de enxó ou machado, larg. 6 cm., esp. 1,4 cm.; fragmento de um machado de secção rectangular, de xisto azul-escuro, levemente polido em toda a superfície.

## FREGUESIA DE MONSARAZ

### 2. Objectos de sílex, quartzo, cristal de rocha e xisto (Est. XXIII).

5 micrólitos. N.º 1: de sílex castanho, retocado em forma de meia-lua; N.º 2: de sílex cinzento, proveniente de uma faca delgadíssima, em forma de meia-lua, mas com a base do trapézio cortante; N.ºs 3-5: de quartzo branco.

Fragmentos de 5 facas microlíticas. N.ºs 6-9: de cristal de rocha; N.º 10: de quartzo branco.

26 pontas de seta retocadas, todas de base côncava ou recta, N.ºs 11, 13-15 e 17: de sílex cinzento; N.ºs 12 e 16: de sílex cor de damasco; N.ºs 19 e 20: de sílex cinzento-acastanhado; N.ºs 18, 21-35 e 47: de xisto de diferentes cores. Os números 12, 13, 17 e 20 têm retoque perfeito bilateral, os restantes apenas retoque parcial nos bordos. A ponta N.º 19, com aresta na face superior, é trabalhada sobre um fragmento de faca.

2 fragmentos de armas maiores de sílex. N.º 36: de sílex castanho, igual ao material da alabarda (Est. XI, 52) da anta 2 da Comenda; N.º 37: de sílex cinzento; ambos de trabalho perfeito.

1 núcleo de quartzo, com gume retocado na extremidade inferior N.º 72.

75 fragmentos de facas e de lâminas retocadas. A maior parte pertence ao tipo fino, sem retoque, sendo muitas destas facas, não de sílex, mas de uma pedra de cor cinzento-esverdeado ou azulado; as mais finas são de sílex preto. As lâminas retocadas são quase todas planas e espessas, sendo raras as facas finas e recurvadas com retoque (N.ºs 49 e 61). Sobre alterações de algumas facas, em consequência de fogo, vide pág. 140.

a) 7 fragmentos de facas grandes sem retoque. N.º 51: de sílex cinzento-escuro.  
b) 31 fragmentos de facas finas de tamanho médio, à excepção do N.º 49 sem retoque marginal, recurvadas. N.ºs 48, 50 e 52: de sílex cinzento; N.º 49: de sílex cinzento-acastanhado; N.º 54: ponta recurvada de faca, de sílex cinzento; idem, de sílex branco, c) 16 fragmentos de facas mais finas e estreitas, do mesmo tipo como o precedente. N.ºs 56 e 58: de pedra de cor cinzento-claro; N.º 57: de sílex preto; N.º 59: de sílex cinzento-acastanhado, d) 3 fragmentos de facas pequeníssimas. N.ºs 60 e 61: de sílex cinzento-acastanhado; N.º 62: de sílex preto. e) 15 lâminas retocadas, a maioria fragmentadas. N.ºs 38 e 39: de sílex castanho-avermelhado, mais um fragmento; N.ºs 40, 44-46: de sílex cinzento-acastanhado; N.º 43: de pedra cinzenta, mais um fragmento; N.ºs 41 e 42: de sílex preto, mais um fragmento; N.º 53: de pedra calcárea, mais dois fragmentos. Destas peças, os números 45 e 53 têm retoque de todos os lados, N.º 46 só num dos bordos, mas em ambas as extremidades, mostrando estas últimas, sobretudo na base das peças N.ºs 38 e 45, vestígios de uso. Sobre o fim prático destas lâminas, vide pág. 54.

### 3. Objectos de adorno (Est. XXIII).

2 contas maiores. N.º 92: conta esférica de quartzo verde-claro, no orifício restos duma substância de cor vermelho-vivo; N.º 97: conta esférica irregular, de xisto azul-esverdeado claro, trabalhado com facetas.

2 berloques, N.º 91: de quartzo branco; N.º 102: de xisto verde-claro.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

919 pequenas contas, a maioria de xisto de diferentes cores. a) 557 de xisto azul da mesma qualidade das placas de xisto, das quais: 20 contas maiores, diâm. 1 cm., esp. 3-4 mm., paredes verticais, N.<sup>os</sup> 88 e 90; 152 contas discóides de tamanho médio, diâm. 7-9 mm., N.<sup>os</sup> 101 e 108; 115 contas discóides pequenas, diâm. 5-7 mm., N.<sup>os</sup> 77, 79, 106 e 110; 142 contas discóides de tamanho maior, diâm. 8-11 mm.; 61 contas cilíndricas, diâm. 5-9 mm., esp. 3-6 mm., N.<sup>os</sup> 82, 104, 105, 107 e 109; 52 contas discóides de tamanho maior e médio, de xisto azul-claro, cinzento e avermelhado, diâm., 6-11 mm., N.<sup>o</sup> 89; 12 contas bicónicas, de xisto azul e cinzento, N.<sup>os</sup> 85-87; 4 contas cónicas de xisto azul e cinzento, N.<sup>os</sup> 80 e 81. b) 344 de xisto verde-claro. Estas contas são muitas vezes brancas, mas a cor branca resulta da decomposição da pedra, o mesmo acontecendo com as placas desta substância. 148 contas discóides de tamanho médio, diâm. 6-10 mm., N.<sup>os</sup> 95 e 96; 189 contas discóides pequenas, diâm. 4-7 mm., N.<sup>os</sup> 78, 83, 103 e 114; 8 contas bicónicas e 1 conta cónica, N.<sup>o</sup> 84. c) 9 contas de cor castanho-claro, N.<sup>os</sup> 93, 94, 99 e 100, dos quais N.<sup>o</sup> 99 de osso ou marfim, as restantes de substância desconhecida (pedra com camada corante por cima?). d) 1 conta de basalto. e) 1 conta pequeníssima de osso, bicónica.

Das pequenas contas discóides encontraram-se várias vezes três, quatro ou mesmo seis pegadas umas às outras, tal como tinham sido enfiadas, ora da mesma cor (N.<sup>os</sup> 83, 103 e 106), ora alternando uma conta azul com outra branca.

### 4. Objectos de osso (Ests. XXIII, LXII, Fig. 7).

4 cabeças de alfinetes, N.<sup>o</sup> 63: trabalho grosseiro, sulcos em espiral entrecortados, paralelos no sentido horizontal, em parte azulada pela acção de fogo; N.<sup>os</sup> 64 e 65: metades de duas cabeças diferentes, trabalho finíssimo, sulcos paralelos horizontais em espiral N.<sup>o</sup> 66: lisa.

4 cabeças chatas de alfinete ou espátulas, N.<sup>os</sup> 71 e 72, N.<sup>o</sup> 71 preto pelo fogo, todas com fracturas na base.

3 pedaços de osso com perfuração, cabos de punções de cobre, N.<sup>os</sup> 69 e 70. O fragmento não reproduzido de tamanho maior, 7,5 cm. de compr.

30 fragmentos de artefactos em forma de pauzinho, de alfinetes? N.<sup>os</sup> 111-116.

2 pequenas esculturas de coelhos, em osso chato, vide pág. 122. N.<sup>os</sup> 67 e 68.

Disco de forma circular de 4 cm. de diâm., cortado de um crânio humano; na face superior vê-se, num lado, uma linha incisa paralela ao bordo que poderia indicar o primeiro esboço do corte (de trepanação?), (Est. LXII, 7).

Fragmento de um disco craneano igual, de ca. 3 cm. de diâm. (Est. LXII, 6).

Falange animal, 4,7 cm. de compr.; na parte estrangulada do verso vestígios de corrosão, talvez por causa de ter sido trabalhada (Est. LXII, 5).

### 5. Placas de xisto gravadas (Est. XXVIII).

Total: 134 placas, das quais 72 inteiras ou reconstituíveis.



## FREGUESIA DE MONSARAZ

### *Placas de ornamentação exclusivamente geométrica.*

a) 61 placas com ornato de dentes de lobo, das quais: 31 placas inteiras ou reconstituíveis, N.ºs 1-18, 22, 34, 49, 50; 9 fragmentos grandes da parte inferior de diferentes placas, N.º 52; 11 fragmentos pequenos, de 10 placas diferentes; 1 fragmento com dentes de lobo, colocados obliquamente, N.º 48; 1 fragmento com dentes de lobo colocados horizontalmente, N.º 54; 1 fragmento com dentes de lobo irregulares, N.º 47; 2 fragmentos de uma placa de xisto verde-claro com faixas e dentes de lobo alternando, N.º 53; 2 fragmentos de duas placas com dentes de lobo abertos como na placa N.º 22; 4 pequenos fragmentos com desenhos finos de dentes de lobo, entre estes um com uma fila de dentes de lobo e zigue-zagues por baixo.

*Trabalho:* fino, N.ºs 11, 13 e 22; muito irregular, apenas esboçado, N.ºs 15 e 47.

*Duas filas de dentes de lobo:* N.ºs 1-7. O tipo dos números 1-5, de duas filas de dentes de lobo, com a parte superior do tipo I muito alongada e geralmente com a parte divisória de uma estreita faixa lisa, representa o tipo de placa mais frequente nesta anta. Além das peças reproduzidas, aparece mais 7 vezes, num total de 12 placas.

*Três filas de dentes de lobo:* N.ºs 8-10, alternando com faixas lisas, N.º 13; 4 filas: N.ºs 11, 12 e 18; 5 filas: N.º 16; toda a placa coberta com dentes de lobo N.º 17, que parece ser trabalhada sobre um fragmento de placa maior, sendo os bordos obliquamente afiados depois da aplicação do ornato e os dentes de lobo invertidos; 1 placa pequena, com uma só fila no bordo inferior, N.º 49.

*Parte divisória:* sem divisão: N.ºs 3, 9, 12, 15 e 18; com uma faixa estreita lisa: N.ºs 1, 2, 4, 5, 11 e 14 e mais as sete placas acima indicadas; com uma faixa estreita riscada: N.º 8; com uma faixa lisa dupla: N.º 16; alternadamente lisa e gravada: N.º 10; larga com espinha: N.ºs 6 e 7.

*Parte superior tipo I:* N.ºs 1-5, 9-12, 14 e 16 e mais as sete placas acima indicadas com duas filas de dentes de lobo.

*Parte superior tipo II:* N.ºs 6-8, 13, 18 e 34, esta última irregular, apresentando por um lado o tipo II, do outro lado um triângulo.

*Orifício:* Com um orifício: N.ºs 1-4, 9-16, 18 e 49; sem orifício: N.ºs 5-8, 17, 34 e 54.

b) 29 placas com ornato de zigue-zagues, das quais: 17 placas inteiras ou reconstituíveis, N.ºs 19-21, 23-25, 27-33, 35-37; 1 fragmento grande da parte inferior, N.º 26; 9 fragmentos pequenos, de 6 placas; 4 fragmentos, de 3 placas, com desenhos finíssimos.

*Trabalho:* neste grupo as placas são mais bem trabalhadas; fino, N.ºs 20, 27, 29-31 e 36; irregular, tanto no padrão como na gravura: N.º 28; irregular na gravura, N.ºs 26 e 32.

*Parte divisória:* sem divisão: N.ºs 19, 27 e 32; faixa simples lisa: 24; larga com ornato de espinha: N.ºs 25, 28, 33, 35 e 36; com pequenos dentes de lobo: N.º 30; larga, alternando zonas lisas com zonas riscadas: N.º 37, larga, complicada, uma zona com riscos oblíquos, duas zonas com dentes de lobo, e outra com zigue-zagues horizontais: N.º 20. Toda a placa coberta com zigue-zagues, sobressaindo apenas o triângulo da parte superior: N.ºs 29 e 31.

*Parte superior tipo I:* N.ºs 19, 23, 24, 28, 30, 32 e 37.

*Parte superior tipo II:* N.ºs 20-22, 25, 33, 35 e 36.

*Parte superior com triângulo duplo (ampulheta),* N.º 27.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

*Orifícios:* com dois orifícios: N.º 27, com um orifício: N.ºs 19, 20, 23, 25, 29, 31, 35-37; sem orifício: N.ºs 21, 28, 30, 33 e 34.

c) 24 placas com ornato de xadrez, das quais: 8 placas inteiras ou reconstituíveis: N.ºs 38-43, 45 e 46, 7 grandes fragmentos da parte inferior de diferentes placas: N.ºs 44, 55-57; 7 pequenos fragmentos de diferentes placas; 1 fragmento da parte superior, conservando uma fila de ornato de xadrez; 1 fragmento com faixas verticais paralelas, N.º 58.

*Trabalho:* em geral medíocre, de linhas irregulares, sendo mais perfeitos os N.ºs 40, 46 e 57.

*Parte divisória:* sem divisão: N.º 39, com uma faixa estreita lisa: N.ºs 38, 40, 42 e 45, mais um fragmento da parte superior; com uma faixa estreita lisa, dupla: N.º 41; simples, riscada: N.º 43; larga, com ornato de espinha: N.ºs 44, 46 e 55.

*Parte superior tipo I:* N.ºs 38, 40, 42, 44 e 45.

*Parte superior tipo II:* N.ºs 39, 41, 43 e 46; o N.º 41 muito comprida, o N.º 43 curta.

*Orifício:* sem orifício: N.ºs 39, 41 e 46, as restantes com um orifício.

Três placas, N.ºs 44, 56 e 58 e mais um fragmento apresentam uma combinação dos ornatos de xadrez e de dentes de lobo.

d) 24 fragmentos da parte superior, pertencentes a 20 placas, dos quais 8 do tipo I, 12 do tipo II. Dos fragmentos do tipo I 5 têm um orifício, sendo um sem orifício; do tipo II há um fragmento com orifício e dois sem orifício. Há mais 4 fragmentos lascados, 3 deles com um orifício, 1 com orifício e alguns fragmentos sem definição certa.

*Báculos de xisto (Est. XXXVI).*

3 bâculos inteiros ou reconstituíveis e 4 fragmentos.

N.º 1: curvatura e gume pouco pronunciados, a parte superior com ornato de uma fila de dentes de lobo junto ao bordo exterior, seguida por três faixas riscadas paralelas. O punho é liso e separado da parte superior por uma faixa tripartida de espinha; N.º 2: fragmento da parte superior de um grande bâculo de curvatura muito pronunciada, quase semi-circular; ornato idêntico ao do N.º 1; N.º 5: liso, pouco recurvado. O lado reproduzido é um pouco mais abaulado do que o reverso, pelo que não se exclui que teria sido este a face superior, embora não seja vulgar o gume voltado para a direita. N.º 9: fragmento com ornato de dentes de lobo em sentido horizontal. A classificação de bâculo é dada pela curvatura do bordo esquerdo, se bem que a atribuição seja duvidosa. No lado direito restos do bordo primitivo: N.ºs 12 e 15: 2 fragmentos, ambos com a curvatura característica do bordo inferior do bâculo, lascados no reverso; o N.º 12 com filas horizontais de dentes de lobo; N.º 14: fragmento de xisto verde-azulado claro (do punho de um bâculo?).

*Ídolo de xisto (Est. XXIII, 76; Est. LXII, 3).*

Pequeno ídolo de xisto brando, de cor verde-claro-azulado, superfície parcialmente branca com manchas escuras; contorno recortado igual aos ídolos almerienses. Encontrou-se em três fragmentos, em parte lascados, no sector da câmara entre os esteios b e d, na camada inferior.

## FREGUESIA DE MONSARAZ

### 6. Cerâmica.

A anta continha uma quantidade extraordinária de cerâmica. Uma avaliação cuidada, baseada nos fragmentos dos bordos de diferentes vasos, dá o mínimo de 355 vasos; mas, depois de se terem separado estes fragmentos de bordos, restam ainda numerosos fragmentos de paredes, na sua maioria, de vasos maiores. Além desta riqueza em quantidade, há uma variedade de formas, de material e de fabrico que excede tudo, até hoje conhecido, em espólios de antas portuguesas. Também apareceram, pela primeira vez, em número maior, restos de vasos com variada decoração incisa.

#### *Grupo 1 — Vasos pequenos esféricos e esférico-achatados (Est. XXV, LVIII):*

A estampa mostra, nos N.<sup>os</sup> 1-27 e 32 a-c, a variedade de formas, constando de: vasos esféricos de boca larga, N.<sup>os</sup> 1-4; de bordo reentrante e boca mais estreita, N.<sup>os</sup> 5-8, 17 e 18; taças semi-esféricas de diferentes alturas, N.<sup>os</sup> 9-16; vasos de corpo cónico, N.<sup>os</sup> 19 e 27; e alguns vasos de fundo um pouco achatado, N.<sup>o</sup> 22. Quase todos os vasos deste grupo pertencem à cerâmica do tipo A, de cor cinzento-acastanhado, notando-se, além das diferenças de fabrico classificadas pelos tipos A 1 e A 2, uma série de vasos finíssimos, em geral de parede delgada e de polimento lustroso.

*Vasos do tipo A 1* — N.<sup>os</sup> 1, 2, 5, 10 e 12: de cor cinzento-acastanhado, por dentro e por fora, levemente polidos de ambos os lados; N.<sup>o</sup> 6: grosseiro, sem polimento, com cordão irregular em relevo junto ao bordo; N.<sup>o</sup> 3: cinzento-claro avermelhado; N.<sup>o</sup> 13: avermelhado-claro, barro cinzento, bem polido.

*Vasos do tipo A 2* — N.<sup>os</sup> 8 e 14: barro preto, duro, camada cinzento-escuro de ambos os lados, bem trabalhado e polido, igual à taça Est. N.<sup>o</sup> 25 da anta II das Vidigueiras; N.<sup>o</sup> 19: cinzento-escuro, bem polido; N.<sup>o</sup> 7: barro preto, cinzento-avermelhado por fora, preto por dentro; N.<sup>os</sup> 9 e 29: de cor castanho-claro, trabalho perfeito. Além dos vasos reproduzidos, há mais 12 fragmentos de bordo que pertencem a diferentes vasos do tipo A.

*Vasos de fabrico finissimo, tipo A 2* — Esp. da parede 2-5 mm., bem polidos, todos esférico-achatados, com bordo reentrante. N.<sup>o</sup> 20: castanho-claro; N.<sup>o</sup> 21: cinzento-acastanhado escuro; N.<sup>o</sup> 23: castanho-claro avermelhado, fabrico e polimento perfeitos; mais um fragmento da parede de um vaso semelhante; N.<sup>o</sup> 24: castanho-avermelhado por fora, preto por dentro e no bordo. Há mais 6 fragmentos de bordo que pertencem a diferentes vasos deste tipo.

*Vasos do tipo B 3* — N.<sup>o</sup> 16: grosseiro, barro cinzento, camada espessa de vermelho-claro, sem polimento; N.<sup>o</sup> 22: fundo espesso, grosseiro, barro cinzento, camada de vermelho-claro por fora, sem polimento; N.<sup>o</sup> 27: bem trabalhado e polido, barro cinzento-escuro, camadas de vermelho-claro de ambos os lados; N.<sup>o</sup> 18: fabrico igual ao N.<sup>o</sup> 27, com vestígios de polimento no exterior; N.<sup>o</sup> 26: fabrico igual ao N.<sup>o</sup> 27, trabalho perfeito, sem polimento.

#### *Grupo 2 — Vasos esféricos e esférico-achatados de tamanho médio e grande (Est. XXV):*

Nos N.<sup>os</sup> 28-49 vêm reproduzidas as formas apresentadas por este grupo: taças altas de boca larga, N.<sup>os</sup> 39 e 44; esferas perfeitas, N.<sup>os</sup> 30, 31 e 43; outras achatadas, N.<sup>os</sup> 38 e 40; grandes potes de fundo esférico e corpo alto, N.<sup>os</sup> 35, 41 e 42; esferas achatadas de fundo quase plano e bordo horizontalmente reentrante, N.<sup>os</sup> 36 e 37; vasos tão achatados como taças

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

baixas, mas conservando ainda a curvatura da parede característica dos vasos esféricos, N.º 47 e 48. O trabalho mostra, quanto a qualidade, as mesmas diferenças que o grupo 1, sendo os mais bem acabados os vasos dos tipos A 2 e B.

*Vasos do tipo A 1* — N.º 28: castanho-avermelhado por fora e por dentro, manchas pretas de fogo; N.º 35: vaso esférico alto, completamente conservado, de forma irregular, barro cinzento, camada avermelhada de ambos os lados, manchas pretas no fundo e em redor da boca, sem polimento; N.º 36: grosseiro, de rebordo para dentro, cinzento-avermelhado-claro; N.º 40: castanho-avermelhado escuro, cinzento no bordo e por dentro, bem trabalhado; N.º 44: cinzento-acastanhado por fora e por dentro, fabrico fino, polido; N.º 47: 2 fragmentos do bordo de um vaso esférico achatado, castanho-claro-avermelhado, bordo ligeiramente saliente.

*Vasos do tipo A 2* — N.º 29: castanho-acinzentado claro por fora e por dentro, barro preto com poucas pedrinhas; N.º 33: cinzento-acastanhado por fora, preto por dentro, polido, fabrico fino; N.º 39: cinzento-acastanhado, grosseiro, por dentro camada cinzenta, em parte destruída; N.º 48: achatado, cinzento.

O vaso esférico do tipo A vem ainda documentado por mais 11 fragmentos de bordo, pertencentes a 9 vasos de ca. 10-13 cm. de diâm. na boca, havendo, além disso, grandes fragmentos do fundo esférico de dois vasos do mesmo tamanho. Iguais na forma ao vaso N.º 48, há 4 fragmentos do bordo de 4 vasos relativamente grandes, dois dos quais, um castanho-claro e outro cinzento-escuro, são de barro duro e trabalho perfeito.

*Três grandes vasos*, que pertencem a diferentes tipos de fabrico, distinguem-se pela altura do corpo. N.º 41: vermelho-acastanhado por fora e por dentro, com manchas pretas do fogo; mais um grande fragmento do mesmo vaso (B 1); N.º 42: corpo alto, quase cónico, vermelho-acastanhado claro por fora, preto por dentro, bem polido; mais 6 fragmentos deste vaso que não ligam (E); N.º 43: vaso esférico alto, composto de 8 cacos, que se encontraram isolados, barro preto, duro, sem pedrinhas, camada vermelha por fora e por dentro, hoje muito destruída (A 2); há mais 6 cacos semelhantes, 3 dos quais pertencem com certeza a este vaso.

Há fragmentos maiores do bordo de mais dois grandes vasos de forma e cor iguais aos N.º 41 e 42. Além disso, encontraram-se fragmentos do bordo de 28 vasos altos grandes, indicando diâmetros de boca de 14-22 cm. São de cor e trabalho diferentes; alguns de cor castanho-acinzentado, muito bem polidos, outros de cor cinzento-escuro, de trabalho fino. Há também fragmentos grosseiros e espessos, sem polimento, mas a maioria insere-se completamente no quadro apresentado pelos exemplares reproduzidos.

*Vasos do tipo B 2, cerâmica a almagre* — N.º 45: barro cinzento-escuro, duro, camada vermelha por fora e por dentro, restos de polimento; deste vaso há mais 3 cacos; fragmento da parede de um vaso finíssimo, 3 mm. de esp., fabrico e cor iguais ao N.º 45, preto no interior. Da cerâmica a almagre há mais 6 fragmentos do bordo de diferentes vasos e 9 fragmentos de parede. N.º 32 b: pequeno vaso esférico, barro cinzento, esp. 3,5 mm., camada fina de vermelho-vivo, pintada de vermelho vivíssimo, exemplar muito típico da cerâmica a almagre; N.º 32 c: achatado, barro cinzento, esp. 5 mm., pintado de vermelho-vivo de ambos os lados; N.º 32 d: fragmento do bordo de um grande pote de 19 cm. de diâm. na boca, barro cinzento-acastanhado, semi-duro, com pedrinhas, camada vermelha de 1 mm. de esp. de ambos os lados, pintada de vermelho-vivo, bem polido; 2 fragmentos de parede da mesma espessura, vermelho por dentro, enegrecido por fora, talvez do fundo do mesmo vaso. Dos fragmentos

## FREGUESIA DE MONSARAZ

não reproduzidos notam-se como típicos: a) fragmento do bordo de um grande vaso esférico de bordo saliente, fino, 5 mm. de esp., barro cinzento, camada vermelha, pintada de vermelho-vivo; b) fragmento do bordo de um vaso esférico de ca. 16 cm. de diâm., barro cinzento, camada vermelha, pintada de vermelho-amarelado; c) fragmento de parede, barro quase preto, com camada finíssima, vermelha por fora, vermelho-acinzentado por dentro, polimento perfeito (cf. Poço da Gateira, vaso N.º 9); mais uns cacos do mesmo fabrico; d) um fragmento do bordo de um vaso esférico de 9 cm. de diâm. na boca, 12 cm. no bojo, barro cinzento, superfície vermelha, camada superior destruída; e) mais 5 pequenos cacos de parede de diferentes vasos, esp. 2-6 mm.

*Vasos do tipo B 3* — N.º 30: 6 fragmentos de um vaso esférico, barro cinzento-claro, duríssimo, sem pedrinhas, camada de cor vermelho-claro por fora, por dentro acinzentado, sem polimento; N.º 31: 4 fragmentos de um vaso esférico, vermelho-acinzentado, sem polimento; N.º 34: 2 fragmentos de um grande vaso esférico, grosseiro, cinzento-avermelhado, polido por dentro e por fora; mais 2 fragmentos do mesmo vaso ou de outro idêntico; N.º 38: taça semi-esférica, de cor castanho-claro-avermelhado, bem trabalhada e polida, fundo preto no interior; N.º 46: 3 fragmentos e mais um da parede de um vaso esférico, vermelho-claro por dentro e por fora, restos de polimento, manchas pretas por fora, lembrando no fabrico vasos da anta do Poço da Gateira; N.º 49: esférico achatado; fragmentos de mais 3 vasos semelhantes; 2 fragmentos do bordo de um grande pote e 1 fragmento de uma pequena taça cinzenta.

*Vasos do tipo C* — N.º 37: grande vaso de bordo reentrante e fundo quase plano, grosseiro e espesso; 4 fragmentos do bordo de vasos pertencentes a este grupo.

### *Grupo 3 — Vasos globulares de rebordo espesso (Est. XXIV):*

Estes vasos, cujas características descrevemos na pág. 74, encontram-se melhor documentados nesta anta. Além dos vasos reproduzidos, dos quais são protótipos neste grupo, os N.ºs 1-3, encontraram-se mais 9 fragmentos do bordo de vasos semelhantes, alguns dos quais poderiam ter pertencido aos vasos reproduzidos, outros, porém, diferem deles em cor e em forma, prova de que a anta continha mais vasos deste tipo. Todos os vasos pertencem ao tipo A 1, só o N.º 11 ao tipo A 2.

N.º 1: barro cinzento-escuro, com muitas pedrinhas, fundo espesso, camada de cor castanho-avermelhado só por fora, o bordo e o fundo enegrecidos, bem polido; N.º 2: barro cinzento, com pedrinhas, camada de cor castanho-acinzentado por fora e por dentro, bem trabalhado e polido; deste vaso há mais fragmentos; N.º 3: barro cinzento, camada de cor cinzento-avermelhado por fora e por dentro, polido; N.º 4: grosseiro, barro cinzento, avermelhado por fora, enegrecido no bordo e no fundo, vestígios de polimento; N.º 5: cinzento-acastanhado-claro de ambos os lados, polido; N.º 6: cinzento-avermelhado por fora, o bordo enegrecido, polido, por dentro cinzento, mal acabado e sem polimento; N.º 7: barro preto, com pedrinhas, camada avermelhada de espessura variável só por fora, bordo enegrecido; N.º 8: barro cinzento, camada de cor vermelho-acinzentado de ambos os lados, polimento não conservado; N.º 9: achatado, barro cinzento, camada de cor vermelho-acastanhado-claro de ambos os lados, muito bem polido por fora; N.º 10: barro cinzento, camada de cor vermelho-acinzentado só por fora, bordo enegrecido, bem polido; N.º 11: fino, de cor cinzento-amarelado; 1 fragmento de bordo, vermelho-amarelado por fora, preto por dentro (B 1).

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### *Grupo 4 — Taças semi-esféricas e em forma de calote de esfera (Est. XXVI):*

A taça, em todas as variedades de tamanho e de forma, é um dos vasos mais frequentes nesta anta. A maior parte pertence ao tipo A, algumas são da cerâmica preta (C) e apenas três de cerâmica vermelha (B). Vários exemplares são do tipo do barro duro e fino.

*Taças do tipo A 1* — N.º 4: pequena taça, de cor castanho-avermelhado; N.º 5: calote de esfera, de cor castanho-claro por fora, cinzento por dentro, grosseiro; N.º 6: castanha, com manchas pretas, cinzenta por dentro; N.º 12: calote de esfera de cor cinzento-avermelhado por fora, castanho-avermelhado por dentro, grosseiro, mais 4 fragmentos deste vaso; N.º 13: de cor castanho-acinzentado, bem trabalhada e polida, cinzenta por dentro, mais 3 fragmentos; N.º 15: de cor cinzento-claro-acastanhado de ambos os lados, superfície desigual, mas polido, mais um fragmento; N.º 19: grande taça de cor cinzento-escuro-acastanhado, grosseira, superfície desigual, vestígios de polimento, mais 2 fragmentos; N.º 21: grande taça de cor castanho-acinzentado por fora, castanho por dentro, polido de ambos os lados, mais 2 fragmentos do bordo; N.º 26: taça de cor cinzento-escuro, castanho-acinzentado por dentro, polida, o bordo ligeiramente acentuado; N.º 29: grande taça de cor cinzento-claro-acastanhado por fora, cinzento-escuro por dentro; N.º 30: grande taça, castanha, com manchas pretas por fora e por dentro, o bordo ligeiramente acentuado, mais 1 fragmento.

*Taças do tipo A 2* — N.º 1: pequena taça finíssima, de cor cinzento-escuro-acastanhado, polida, mais 2 fragmentos; N.º 3: de cor castanho-claro por fora; cinzento por dentro, superfície desigual, vestígios de polimento; N.º 7: cinzenta de ambos os lados, superfície desigual, mais 3 fragmentos; N.º 9: calote de esfera fina, castanha de ambos os lados, polida, mais 5 fragmentos do bordo e 4 de parede que pertencem a este vaso ou a outro de forma e feitio iguais; N.º 10: calote de esfera, de cor cinzento-claro-acastanhado de ambos os lados, superfície desigual, polido, mais 1 fragmento; N.º 20, 23 e 24: grandes taças de cor cinzento-claro-acastanhado, superfície desigual, polidas, mais vários fragmentos que pertencem a uma destas taças.

Além das taças reproduzidas, há restos de mais 11 taças reconstituídas por nós e 58 fragmentos de bordo que, pela forma e pelo fabrico, pertencem a diferentes taças. Trata-se, na maioria, de taças grandes: 19 fragmentos de taças de 21-28 cm. de diâm.; 20 fragmentos de taças de 10-20 cm. de diâm.; 8 fragmentos de taças chatas de 10-20 cm. de diâm.; 11 fragmentos de taças pequenas e muitíssimos fragmentos parietais que, segundo a curvatura, devem pertencer a vasos deste grupo.

*Taças do tipo B* — N.º 2: 3 fragmentos de uma pequena taça em forma de calote de esfera, de cor vermelho-acinzentado por dentro e por fora (B 1); N.º 11: inteira, achatada, de corpo baixo quase vertical, vermelha, com algumas manchas cinzentas por dentro e por fora, bem trabalhada e polida, sobretudo no interior (B 1); N.º 28: grande taça de bordo reentrante, barro cinzento, duro, camada de cor vermelho-acinzentado de ambos os lados, sem polimento (B 3); 2 fragmentos de outra taça semi-esférica (B 1) e alguns fragmentos finos de cor vermelho-amarelado por fora, preto por dentro.

*Taças do tipo C* — N.º 8: de cor cinzento-escuro, polida; N.º 14: preta, bordo um pouco reentrante, bem trabalhada, por fora polimento lustroso; N.º 16: taça de boca larga, superfície desigual; N.º 17: de cor cinzento-escuro, polimento em parte destruído, três quartos do vaso conservados, mais 5 fragmentos iguais; N.º 18: grande fragmento; cinzento-escuro, tra-

## FREGUESIA DE MONSARAZ

balho irregular por fora, bem polido; N.º 22: taça alta, cinzenta, trabalho irregular, mais 1 fragmento do bordo; N.º 25: grande taça de barro preto, de cor cinzento-escuro por fora, camada avermelhada por dentro, polida; N.º 31: grande taça alta, de parede espessa, de cor cinzento-escuro, bem trabalhada, restos de polimento; N.º 32: de cor cinzento-escuro, mais 2 fragmentos do bordo.

Além destes vasos reproduzidos, há mais 3 taças reconstituídas por nós e alguns fragmentos do bordo de diferentes taças deste tipo.

### *Grupo 5 — Vasos esféricos de colo estrangulado e bordo saliente (Est. XXVII):*

Os vasos deste grupo, reunidos na Est. XXVII, nos N.ºs 1, 3-12, 17, 20 e 26, mostram diferenças consideráveis de forma, desde a curvatura suave do vaso esférico N.º 3 até à curvatura pronunciada do vaso N.º 7. Os vasos de parede duplamente curvada constituem uma variante rara, apenas documentada nesta anta. Quanto ao fabrico, há, neste grupo, vasos de todos os tipos, sendo a maior parte deles de trabalho fino, excepto alguns de parede duplamente curvada.

*Vasos do tipo A* — N.º 4: achatado, de colo estreito e bojo largo, cinzento-acastanhado, trabalho perfeito, polimento lustroso conservado em parte; além da parte reproduzida, há mais dois fragmentos do bordo deste vaso (A 2); N.º 5: de fabrico e perfil finos, barro cinzento, com pedrinhas, camada de cor cinzento-avermelhado-claro de ambos os lados (A 2); N.º 20: pequeno vaso alto, de fabrico e polimento perfeitos, castanho-avermelhado por fora e por dentro (A 1); N.º 26: fragmento do bordo de um grande vaso cinzento-escuro (A 1). Há mais um pequeno fragmento do bordo de perfil semelhante ao N.º 26 e outro igual ao N.º 5.

*Vasos do tipo B 1* — N.º 1: achatado, de perfil suave, barro cinzento-escuro, camada de vermelho-acinzentado por fora e por dentro, levemente polido; N.º 3: fabrico igual ao do N.º 1, bem polido; N.º 7: grosseiro, barro cinzento, com espessa camada de vermelho-acinzentado de ambos os lados, bem polido por fora, mal acabado por dentro; fragmento do bordo e vários fragmentos da parede de um vaso semelhante.

*Vasos do tipo B 2, pintados a almagre* — N.º 6: fabrico perfeito, barro cinzento-claro, com pedrinhas, camada fina de vermelho-vivo, polimento perfeito, conservado em parte.

*Vasos do tipo C* — N.º 8: preto, com mancha de cor cinzento-amarelado por fora, cinzento-claro por dentro, polido por fora; N.º 17: cinzento-escuro de ambos os lados, bem polido.

*Vasos de parede duplamente curvada, todos do tipo A* — N.º 9: cinzento-acastanhado, grosseiro, mal acabado, sobretudo por dentro (A 1); N.º 10: barro e interior pretos, castanho com manchas pretas por fora, polido de ambos os lados (A 2); N.º 11: grande vaso achatado de bordo reentrante, grosseiro, mas bem trabalhado, castanho-avermelhado, com manchas pretas no fundo (A 1); N.º 12: grosseiro, castanho-claro-acinzentado por dentro e por fora (A 1).

### *Grupo 6 — Vasos bicónicos de fundo esférico (Est. XXVII):*

Neste grupo os vasos do tipo B são mais frequentes, escasseando os do tipo A. Notam-se alguns vasos finíssimos, pretos, de polimento perfeito.

*Vasos do tipo A* — N.º 13: grosseiro, de fundo espesso, cinzento-escuro-acastanhado, polido de ambos os lados (A 1).

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

*Vasos do tipo B* — N.º 2: barro cinzento, camada vermelha de ambos os lados, bem trabalhado, levemente polido (B 1); um fragmento de um vaso semelhante; fragmento de um vaso de corpo cónico e fundo achatado e alguns fragmentos de parede de vasos de fabrico idêntico (todos B 1); N.º 14: barro preto, por fora restos de uma camada de cor cinzento-claro-amarelado, sobre a qual há restos de pintura de cor vermelho-vivo-amarelado, preto por dentro, bem trabalhado e polido de ambos os lados (B 2, cerâmica a almagre); N.º 15: grosseiro, barro cinzento-escuro, duro, camada de vermelho-claro-amarelado de ambos os lados; um dos cacos conserva no interior restos de pintura vermelha (B 3); N.º 16: barro cinzento, duro, fina camada de cor vermelho-vivo por fora, vermelho-claro-acinzentado por dentro, restos de polimento (B 3).

*Vasos do tipo C* — N.º 25: fragmento de um grande pote, bordo saliente, cinzento-escuro de ambos os lados, vestígios de polimento; mais um fragmento do mesmo vaso; fragmento do bordo de um vaso idêntico de cor cinzento-claro; N.º 34: taça de corpo ligeiramente cónico, preto de ambos os lados, trabalho finíssimo, bem polida; N.º 36: taça de corpo cónico e fundo esférico, de cor cinzento-escuro por fora, cinzento-acastanhado por dentro, finíssima, polida.

*Vasos de parede côncava, fundo esférico ou esférico-achatado (Est. XXVII):*

*Vasos do tipo A* — N.º 30: castanho, com manchas pretas por fora, preto por dentro, bem trabalhado, polido; deste vaso há mais um grande fragmento do fundo e da parede (A 1); N.º 38: cinzento-acastanhado por fora, castanho por dentro, trabalho e polimento finos (A 1); fragmento de outro vaso idêntico; N.º 29: vermelho-claro-acinzentado de ambos os lados, trabalho fino, polido (A 2); N.º 37: vermelho-claro-acinzentado, preto no bordo e no fundo, fino (A 2).

*Vasos do tipo C* — N.º 27: fragmento de um vaso de corpo ligeiramente côncavo, preto por fora, acastanhado por dentro, polido, com uma ranhura por baixo do bordo; fragmento da parede de um vaso semelhante; N.º 31: vaso finíssimo, cinzento-escuro de ambos os lados, do lado de fora bem polido.

*Grupo 7 — Vasos de corpo cilíndrico (Est. XXVII):*

N.º 24: vermelho-acinzentado-claro, trabalho fino (A); um fragmento da mesma curvatura de um vaso mais fino; N.ºs 22 e 23: dois fragmentos do bordo de dois vasos de fundo ligeiramente achatado, ambos de cor cinzento-escuro, trabalho grosseiro, um tanto polido.

*Grupo 8 — Vasos de fundo achatado e plano (Est. XXVII):*

*Vasos do tipo A 1* — N.º 32: fragmento de taça em forma de alquidar, de fundo plano, castanha, polida; N.º 33: castanho-acinzentado-claro, barro brando, trabalho medíocre, vestígios de polimento por fora; mais um fragmento do bordo; N.º 35: pequeno vaso cilíndrico, cinzento-acastanhado, polido por fora; N.º 39: pote de paredes ligeiramente abauladas, cinzento-acastanhado, polimento junto ao bordo; 2 fragmentos dos fundos planos de dois grandes vasos e 2 fragmentos de vasos pequenos de fundo plano.

*Vasos do tipo B 3* — N.º 28: pequeno vaso de parede côncava e fundo plano, barro cinzento, fina camada de vermelho-amarelado por fora e por dentro, o fundo enegrecido; N.º 21: grande vaso de fundo achatado, barro cinzento, camada de cor vermelho-claro-acin-



## FREGUESIA DE MONSARAZ

zentado por fora, por dentro cinzento-acastanhado, muito desfeito no interior; fragmentos do fundo plano e da parede de um vaso de barro preto e fina camada de cor vermelho-amarelado, enegrecido no fundo, por fora e por dentro. Há mais fragmentos de fundos planos de grandes vasos de cor vermelha.

*Vasos do tipo C* — Fragmentos de 4 vasos de fundo plano.

*Pratos* (Est. XXIX):

Encontraram-se fragmentos de 5 pratos, todos do tipo eneolítico, com rebordos espessos. N.º 13: barro cinzento, camada vermelho-acastanhado de ambos os lados, bem trabalhado e polido (B 1); N.º 14: cinzento, bem trabalhado e polido (A 2); N.º 16: grosseiro, cinzento-acastanhado, sem polimento (A 1); N.º 19: fabrico e cor iguais ao N.º 16, o maior dos pratos, com um diâmetro de ca. 60 cm.; N.º 22: barro cinzento, duro, fina camada de cor vermelho-acastanhado de ambos os lados, bem trabalhado e polido (B 1).

*Grupo 9 — Colheres, tampas, etc.* (Est. XXIX):

N.º 8: colher de fabrico grosseiro e irregular, de cor castanho-acinzentado por fora, cinzento-escuro por dentro, ligeiramente polida por fora; o cabo, obliquo, está partido na parte superior (A 1); N.º 9: colher de trabalho muito regular, liso e bem polido de ambos os lados, de cor cinzento-acastanhado; o cabo parte do fundo do recipiente (A 1); N.º 11: fragmento de uma tampa de trabalho fino, de barro castanho-avermelhado, fina camada de cor castanho-claro de ambos os lados, enegrecida e com vestígios de polimento no lado superior. No lado de baixo tem uma saliência circular que servia para ajustar a tampa ao vaso (D); N.º 12: fragmento em forma de anel, grosseiro, cinzento, sem polimento, de definição incerta (tampa ou suporte de vaso?) (C); N.º 20: fragmento da parede de um vaso grande e grosseiro, sem polimento, com perfuração cónica (A 1).

*Cerâmica com mamilos* (Est. XXIX):

Os mamilos de uso prático e a decoração de mamilos são relativamente frequentes nesta anta. Os mamilos aparecem, em geral, em vasos esféricos de tamanho pequeno e médio, que pertencem ao tipo de cor cinzento-acastanhado ou preto, sendo mais raros na cerâmica vermelha-claro. O trabalho destes vasos raras vezes é perfeito. Não há exemplares definidos com ornamentação de um só par de mamilos, à qual atribuímos um sentido religioso.

*Grupo 10 — Asas e mamilos para suspensão* (Est. XXIX):

N.º 7: grande fragmento de um vaso de corpo cilíndrico, barro preto, cinzento-escuro por fora, castanho-claro por dentro, dois mamilos muito salientes, um deles partido, primitivamente eram quatro (C); N.º 10: fragmento do bordo de um vaso vermelho com restos de uma asa, de interpretação incerta. Tanto a curvatura da parede como os bordos fracturados indicam que a asa se elevava verticalmente do bordo (B 1); N.º 17: fragmento de parede, grosseiro, cinzento, com restos do bordo e um grande mamilo oval no sentido horizontal (A 1); N.º 18: fragmento do bordo, bem trabalhado, de cor vermelho-claro por fora, cinzento-claro por dentro, restos de uma grande protuberância por baixo do bordo (B 3). Encontraram-se fragmentos de mais duas asas, um deles de secção cilíndrica, o outro de secção oval.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### *Grupo 11 — Mamilos decorativos e simbólicos (Est. XXIX):*

Há vários vasos com os mamilos imediatamente por baixo do bordo, formando, em alguns casos, uma fila ininterrupta. N.º 1: pequeno vaso esférico, cinzento por fora, amarelado por dentro, bem trabalhado, polido (A 2); N.º 2: vaso esférico achatado de barro cinzento, duro, restos de uma camada vermelha, finíssima, de ambos os lados, sem polimento (B 2 ou B 3); N.º 3: pequeno vaso semi-esférico, cinzento-escuro por fora, cinzento-claro-acastanhado por dentro, polido (A 2); N.º 4: taça, barro cinzento, fina camada de vermelho-claro por fora, cinzento por dentro, sem polimento (B 3); N.º 6: vaso esférico-achatado, cinzento-acastanhado por fora e por dentro, vestígios de polimento (A 1).

*Mamilos de classificação indefinida* — N.º 55: grande fragmento de um vaso esférico maior, restos de dois mamilos baixos e gastos (simbólicos?) (A 1); N.º 15: fragmentos de parede de um vaso pequeno, esférico, cinzento-acastanhado, polido, com um mamilo chato (A 1); N.º 21: fragmento de parede, cinzento-acastanhado, com um mamilo (A 1).

### *Grupo 12 — Cerâmica de decoração incisa (Ests. XXX, LIX, LX, LXII):*

A cerâmica incisa é mais abundante nesta anta do que na maioria das antas alentejanas e nas outras do concelho de Reguengos. Pode ser classificada nos seguintes grupos:

#### *a) Cerâmica semelhante à das grutas (Ests. XXX, LIX, LX):*

N.º 1: 3 cacos grosseiros, indicando um vaso esférico de boca larga, cinzento-escuro de ambos os lados, manchas ligeiramente avermelhadas no interior, sem polimento (C). A decoração consiste em zigue-zagues no sentido horizontal; as incisões são relativamente largas e de pouca profundidade, a ligação dos padrões dos diferentes cacos é duvidosa. É possível que os zigue-zagues não percorressem o vaso sem interrupção, mas que formassem grupos de dois. Posição: na antecâmara; N.º 2: grande fragmento de um vaso esférico de colo estrangulado e bordo saliente, barro cinzento-acastanhado, com pedrinhas, camada de castanho-claro, polida por dentro. No lado exterior não há vestígios de polimento, no fundo manchas pretas da cozedura (A 2). Por baixo do bordo, duas faixas horizontais, cada uma delas formada por impressões verticais de unhas; por baixo delas, rectângulos, formados por três filas de unhas, alternando com espaços sem decoração. Este padrão também, provavelmente, percorreu todo o vaso; N.º 3: fragmento de um vaso de fundo plano, barro cinzento-escuro, sem qualquer camada por fora, um pouco polido; por dentro, camada de castanho-claro, idêntica à do vaso N.º 2, com vestígios de polimento (C). Finas linhas incisas, verticais, uma mais comprida alternando com outra mais curta, enfeitam o corpo do vaso; N.ºs 4 e 5: 2 pequenos fragmentos de idêntico fabrico e decoração, de barro preto, com pedrinhas, camada castanha por fora, sem polimento (A 1). Impressões profundas em forma de vírgula, que, no N.º 5, formam uma fila horizontal, rodeando o corpo de um pequeno vaso, cujo diâmetro no bojo é aproximadamente de 10 cm.; N.º 6: 4 fragmentos do bordo de um grande vaso esférico-achatado, de bordo saliente, barro cinzento, duro, sem pedrinhas, vestígios de polimento por fora e por dentro (C). Por baixo do bordo uma fila de grandes triângulos invertidos, cheios de pontos impressos, havendo, nalguns deles, vestígios de uma pasta branca.

## FREGUESIA DE MONSARAZ

### b) *Cerâmica simbólica* (Ests. XXX, LX, LXII):

O fabrico deste grupo, ao qual pertencem os vasos N.<sup>os</sup> 7, 11, 12 e 14, é mais fino do que o do grupo anterior. O barro é duro, finíssimo, sem pedrinhas; nos vasos N.<sup>os</sup> 7 e 12, vermelho-acastanhado, com uma camada espessa preta por dentro, a qual, assim como o exterior, tem um polimento lustroso. Os vasos N.<sup>os</sup> 11 e 14 são de barro preto, o vaso N.<sup>o</sup> 11 tem uma espessa camada de castanho-avermelhado por fora; o vaso N.<sup>o</sup> 14 uma camada igual de ambos os lados. No vaso N.<sup>o</sup> 11 o polimento do interior é perfeito. N.<sup>o</sup> 7: dois fragmentos de um grande vaso esférico-achatado, castanho por fora, preto por dentro, bem polido (E). Ambos os fragmentos mostram, numa das fracturas, uma reentrância da superfície polida até um terço da espessura da parede; trata-se, sem dúvida, dos restos de uma ranhura que separava o corpo do vaso do bordo, tal como em alguns vasos campaniformes. Por baixo desta ranhura, ambos os fragmentos mostram dois triângulos juntos, um deles liso, o outro cheio de pontos; junto do bordo lateral nascem umas linhas, num dos cacos 7, no outro conservam-se 3 (primitivamente também 7). Não se pode, porém, estabelecer um seguimento destas linhas para qualquer dos motivos conhecidos de vasos semelhantes de Los Millares; talvez os fragmentos estivessem mais afastados um do outro; N.<sup>o</sup> 11: vaso esférico de colo estrangulado e bordo saliente, de cor castanho-acinzentado por fora, preto por dentro; polimento perfeito, sobretudo no lado interior (E). A decoração, totalmente cheia de pasta branca, consiste em três linhas paralelas que correm horizontalmente por baixo do bordo. Na metade superior do corpo do vaso há, do lado esquerdo, duas filas de dentes de lobo, do lado direito zigue-zagues verticais, alternadamente lisos e cheios de pontos; N.<sup>o</sup> 12: taça semi-esférica de bordo reentrante, de cor castanho-vivo por fora, preto por dentro, ambos os lados bem polidos (E). Restos de zigue-zagues deitados, cheios de pontos impressos, tendo à direita duas linhas, uma das quais, a inferior, se desvia para baixo em ângulo recto. Vestígios de pasta branca nos pontos. Dada a redução da espessura da parede nesta parte do vaso, esta ornamentação deveria ter estado por baixo do bordo. N.<sup>o</sup> 14: 3 fragmentos de um vaso esférico-achatado de colo estrangulado e bordo saliente, trabalho finíssimo, hoje de cor castanho-avermelhado de ambos os lados, o caco mais pequeno preto; poucos vestígios de polimento (D). O fragmento maior mostra um círculo com irradiações, encimadas por uma linha; à esquerda desse círculo duas linhas horizontais quase paralelas, unidas por traços verticais e, por baixo, mais uma linha horizontal e uma faixa de duas linhas curvas, cheia de pontos. Perto do bordo esquerdo do fragmento a linha superior desta faixa volta-se para baixo em ângulo recto. O segundo fragmento contém restos dos mesmos motivos. Toda a decoração está cheia de pasta branca. No desenho N.<sup>o</sup> 14a apresentamos a combinação destes restos conforme vasos análogos do sudeste da Península. O corte horizontal do fragmento maior (a-b) mostra que, no lado direito, por baixo do «olho», a parede exterior do vaso se eleva bem visivelmente acima do nível do corpo. Considerando o trabalho fino, não se pode julgar casual esta irregularidade, mas antes podemos supor que por baixo e entre os «olhos» havia uma protuberância, embora não haja analogias de tal configuração. Dado o lugar dessa protuberância, não será ela restos de um nariz?

c) *Cerâmica decorada de definição incerta* (Ests. XXX, LX, LXII): N.<sup>o</sup> 8: fragmento do bordo de um vaso esférico achatado, de fabrico igual ao dos vasos 7, 11 e 12, cinzento-acastanhado por fora, preto por dentro, bem polido (E). Por baixo do bordo, umas linhas,

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

algumas delas curvadas, que se cruzam. N.º 10: fragmento de um pequeno vaso, fabrico e cor igual ao N.º 8 (E). Duas linhas finas percorrem o corpo do vaso, provavelmente por baixo do bordo. N.º 9: pequeno fragmento da parede espessa de um grande vaso, vermelho-claro (B 1). Incisões de finas linhas cruzadas, formando losangos. N.º 13: fragmento do bordo de um pequeno vaso, cinzento-escuro, poucos vestígios de polimento (C). Por baixo do bordo duas ranhuras profundas.

### N.º 51 — ANTA 2 DO OLIVAL DA PEGA (Est. LIII).

*Situação:* 300 m. a Leste da anta 1 do Olival da Pega, num cabeço.

*Construção:* restos de um grande dólmen.

*Câmara:* poligonal, ca. 3,40×4 m. de diâm. A cabeceira tem 2,10 m. de larg., estando os dois esteios adjacentes da parede nordeste *in situ*. Alt. do chão actual 1 m. Sobre a cabeceira e o segundo destes esteios conserva-se ainda *in situ* o enorme chapéu 5×4 m. de diâm., 0,75 m. de esp. máx., o qual, no lado sudoeste, se apoia apenas sobre uns fragmentos de esteios já partidos e caídos.

*Corredor:* não é visível, talvez ainda existam restos por baixo do *tumulus* que se conserva numa altura de 0,50 m., à distância de 2 m. Lajes de xisto espalhadas na superfície do *tumulus*.

Após várias inspecções, resolvemos desistir da escavação, que em face dos suportes fracos do chapéu, não se partindo este, teria sido demasiado perigosa. Não quisemos, porém, destruir um dos mais belos monumentos do concelho.

### N.º 52 — ANTA DA BELHOA

*Situação:* ca. 200 m. a Oeste 10° Sul do Monte da Belhoa, no limite dos terrenos graníticos com os do silúrico superior. Um esteio da câmara erguido, todos os outros desapareceram.

## ANTAS DA HERDADE DO BARROCAL

(14 ANTAS)

### N.º 53 — ANTA 1 DA HERDADE DO BARROCAL (Est. XL, 42)

*Situação:* 500 m. a Oeste-Noroeste do Monte do Barrocal, 50 m. a Sudoeste do caminho velho deste monte para Reguengos.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. actual 5,80 m.

*Câmara:* poligonal, 2,10×2,40 m. de diâm.; 6 esteios, 5 *in situ*, um caído; alt. máx. do chão actual 0,90 m. (cabeceira); larg. da entrada 1,10 m. Na entrada está um fragmento

## FREGUESIA DE MONSARAZ

de uma laje, que apresenta uma caneladura semi-circular de 3 cm. de larg. e 1 cm. de profundidade, provavelmente a laje sobranceira à entrada. Por fora da entrada estão duas pedras atravessadas, da porta. O grande chapéu (2,40×1,50 m.) está inclinado dentro da câmara.

*Corredor:* compr. actual 3,50 m.; 2 esteios de tamanho médio, um de cada parede. O esteio norte está, em parte, coberto por uma grande laje da cobertura; o esteio sul fica à distância de 2,80 m. da câmara. O corredor é 0,80 m. mais baixo do que a câmara.

*Tumulus:* vestígios.

*Orientação:* Sudeste.

### N.º 54 — ANTA 2 DA HERDADE DO BARROCAL

*Situação:* 11 km. a Oeste-Noroeste do Monte do Barrocal, 50 m. a Nordeste do caminho velho deste monte para Reguengos. Em campo raso e terreno elevado, visível de todos os lados.

*Construção:* grande câmara conservada, 3,20×2,80 m. de diâm.; 7 esteios, 5 *in situ*, 2 caídos. Alt. máx. do chão actual 2,30 m.; um dos esteios caídos tem 2,80 m. de compr. Larg. actual da entrada 0,40 m.

*Corredor e Tumulus* destruídos.

### N.º 55 — ANTA 3 DA HERDADE DO BARROCAL (Est. XL, 11)

*Situação:* 50 m. a Leste-Sudeste da anta 2 do Barrocal.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 6 m.

*Câmara:* poligonal, alongada, 2,90×2,70 m. de diâm.; 5 esteios conservados: a grande cabeceira é de granito, os outros esteios de xisto. Alt. máx. do chão actual 1,10 m.; larg. da entrada 0,45 m.

*Corredor:* compr. actual 2,90 m.; à distância de 0,80 m. da entrada da câmara 2 grandes esteios, tendo o do lado norte 2 m. de compr. Alt. actual 0,50 m.

*Tumulus:* destruído.

*Orientação:* Este.

### N.º 56 — ANTA 4 DA HERDADE DO BARROCAL (Est. XL, 43)

*Situação:* 1,5 km. a Oeste-Noroeste do Monte do Barrocal, ao Norte do caminho velho deste monte para Reguengos, perto de um poço; em campo raso e plano.

*Construção:* câmara poligonal de um dólmen de corredor, 2,40×2,20 m. de diâm.; 7 esteios, todos *in situ*, alt. máx. 1,80 m.; larg. da entrada 0,80 m.

*Corredor e Tumulus* destruídos.

*Orientação:* Este 15° Sul.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

A anta foi escavada e está, hoje, completamente vazia. O terreno pertencia anteriormente à Herdade do Duque. Possivelmente trata-se da anta indicada pelo Dr. Leite de Vasconcelos (vide pág. 12), da qual provêm dois machados, um martelo e uma goíva, esta guardada no Museu Etnológico de Belém. *O Arch. Port.* I, pág. 279.

### N.º — 57 — ANTA 5 DA HERDADE DO BARROCAL (da França)

*Situação:* ca. 1.300 m. a Leste 10° Norte do Monte do Barrocal, 300 m. ao Sul da estrada nova Reguengos-Monsaraz, num cabecinho; ca. 800 m. a Oeste 30° Sul do Monte dos Reguenguinhos.

*Construção:* restos de uma pequena câmara poligonal alongada, 2,40 m. de compr. No lado sul conservam-se 5 esteios, pequenos, em parte blocos, reforçados do lado de fora por uma segunda fila de 8 blocos. No lado norte restam apenas 2 esteios junto da entrada da câmara que tem 0,50 m. de larg. Alt. 0,40-0,60 m.

*Corredor e Tumulus* destruídos.

*Orientação:* Sul 20° Este.

### N.º 58 — ANTA 6 DA HERDADE DO BARROCAL (do Colmeal)

*Situação:* 100 m. a Oeste do Monte do Barrocal, junto do colmeal.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 6,90 m.

*Câmara:* poligonal, alongada, 3,60×2,40 m. aproximadamente de diâm.; 7 esteios, todos conservados mas muito inclinados para dentro, o que impediu o levantamento de uma planta. Larg. da entrada 0,95 m., estreitada por dois blocos até 0,35 m.; alt. máx. 1,90 m.

*Corredor:* compr. actual 2,80 m., formado de pequenos esteios, dos quais 3 se conservam no lado norte e 2 no lado sul. Alt. 0,30-0,50 m. Uma laje da cobertura está inclinada na parede sul.

*Tumulus* destruído.

*Orientação:* Este 10° Sul.

### N.º 59 — ANTA 7 DA HERDADE DO BARROCAL (do lagar)

*Situação:* 600 m. a Leste 10° Sul do Monte do Barrocal, 50 m. a Oeste do antigo lagar, hoje em ruínas.

*Construção:* restos de uma câmara poligonal de planta incerta, 3 esteios em pé, todos a prumo; 3, entre eles a cabeceira, caídos. Alt. máx. do chão actual 1,55 m. A cabeceira caída tem 2,40 m. de compr.

*Corredor:* destruído.

*Tumulus:* restos na alt. de 0,60 m.

## FREGUESIA DE MONSARAZ

*Escavação:* não deu nenhum resultado. A uma profundidade de 0,50 m. por baixo do chão actual encontrava-se o terreno virgem de calcáreo branco, por cima havia uma camada de granito desfeito. Uns bocadinhos de ossos, três pequenos fragmentos de crâneo, 2 cacos minúsculos foram todo o espólio recolhido.

### N.º 60 — ANTA 8 DA HERDADE DO BARROCAL (*da Parreira*)

*Situação:* ao pé do pequeno monte da Parreira há umas pedras caídas de uma anta.

### N.º 61 — ANTA 9 DA HERDADE DO BARROCAL (*do poço do Cominho*)

*Situação:* 50 m. a Noroeste do poço do Cominho.

*Construção:* restos de uma câmara poligonal alongada; 5 esteios conservados de larg. máx. 1 m.; alt. 0,90 m. A câmara está cheia de pedras o que impediu o levantamento da planta.

### N.º 62 — ANTA 10 DA HERDADE DO BARROCAL (*Cominho 1*), (Est. XL, 33)

*Situação:* 300 m. a Oeste 35° Sul do Monte do Cominho (hoje destruído), à beira Oeste do caminho do Monte do Barrocal para o Monte da Geralda.

*Construção:* dólmen de corredor comprido, compr. total 9,50 m.

*Câmara:* poligonal, alongada, 3,30×2,40 m. de diâm.; 7 esteios, 4 dos quais conservam a alt. primitiva de 1,55 m. do chão actual. O esteio c está partido horizontalmente pelo meio. Larg. da entrada 0,70 m.

*Corredor:* compr. actual 5,60 m. Junto da câmara não há esteios; a uma distância de 2,10 m. da entrada da câmara no lado norte e 2,70 m. no lado sul há resp. 3 e 1 esteio, todos eles indicando uma larg. de 1,80 m. no meio do corredor e de 1 m. no sector exterior. No lado da câmara estão, em fila, 4 fragmentos de lajes, provavelmente restos da cobertura. Alt. máx. do chão actual 0,40 m.

*Tumulus:* restos.

*Orientação:* Este 40° Sul.

*Escavação:* a anta, já completamente remexida, deu poucos objectos, estando, até ao chão primitivo, que se encontrou à profundidade de 1,10 m. cheia de entulho, misturado, nas camadas superiores, com cacos de cerâmica moderna. Ai se encontraram também fragmentos de um pequeno vaso de gargalo estreito, de pasta branca e branda, igual à de uma asa encontrada na *tholos* da Farisoa. Desta cerâmica e de outra semelhante, de cor amarelado-claro, provavelmente pertencentes à época romana, havia também fragmentos nas camadas inferiores. Em todas as camadas apareceram fragmentos de tijolos. No chão da anta, junto da cabeceira, havia um crâneo com a cara pegada ao esteio, entalado entre este e outra laje. O esqueleto seguia para norte; a posição dos fémures, perto da coluna vertebral, indicava que tinha sido inumado deitado de cócoras. A mandíbula estava ainda ligada ao

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

crânio, o que, em face da espoliação da anta, não permite admitir que este esqueleto pertença às inumações primitivas, mas antes a uma época posterior, tendo sido, talvez, colocado ali quando da espoliação da anta, hipótese essa corroborada por se terem encontrado, ao mesmo nível, fragmentos de tijolos. Restos de ossos humanos encontraram-se dispersos em todas as camadas, desde 0,40 m. por baixo do nível actual. A entrada da câmara, à profundidade de 0,60 m. estava atravessada por uma laje estreita de forma rectangular, semelhante a um degrau.

### *Espólio*

#### 1. *Diversos.*

2 pequenos fragmentos de placas de xisto gravadas, um deles com ornato de ziguezagues, o outro de xadrez; uma esfera irregular de quartzo branco-amarelado, de 5-6 cm. de diâm.; vários calhaus, entre eles um de forma esférica de 4,5 cm. de diâm.; um pequeno fragmento de um artefacto achatado, do osso, em forma de pauzinho.

#### 2. *Cerâmica.*

Encontraram-se, em numero reduzido, fragmentos de cerâmica da época eneolítica, na sua maioria de vasos grandes, dos tipos A 1, A 2, B 1, B 3 e C. Reconhecem-se as seguintes formas:

*Grupo 2* — vaso semi-esférico de boca larga e bordo ligeiramente acentuado, vermelho-acinzentado por fora, cinzento por dentro, sem polimento (B 1). Alt. 8 cm., diâm. da boca 12 cm. (cf. Est. XXV, 44); mais um fragmento de um grande vaso esférico, castanho de ambos os lados, bem polido (A 1).

*Grupo 3* — fragmento de rebordo de um vaso globular, cinzento-avermelhado, igual aos N.º 1 e 2 da Est. XXIV (A 1).

*Grupo 4* — 2 grandes taças a) alta, de bordo reentrante, fabrico fino, de cor castanho-claro por fora, cinzento-escuro por dentro, vestígios de polimento (A 2), alt. 7,8 cm., diâm. da boca 15 cm. (cf. Est. XXVI, 17); b) preta, de ambos os lados, sem polimento (C), alt. 10 cm., diâm. da boca 22 cm. (cf. Est. XXVI, 30).

Um grande fragmento de perfil argárico, parecendo, pelo fabrico, pertencer já a uma época posterior.

### N.º 63 — ANTA 11 DA HERDADE DO BARROCAL (*Cominho 2*)

*Situação:* a Leste do Monte destruído do Cominho há restos de uma anta. Um esteio conservado.



## FREGUESIA DE MONSARAZ

### N.º 64 — ANTA 12 DA HERDADE DO BARROCAL (*Outeirinho 1*), (Est. XL, 22)

*Situação:* 1,5 km. a Sul 10° Oeste do Monte do Barrocal, 1 km. a Sudoeste do Monte do Cominho, 150 m. a Sudeste do caminho, que segue do Monte do Barrocal para o Monte das Piteiras, ao pé de um poço.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 4,70 m.

*Câmara:* poligonal, alargada, 2,90×2 m. de diâm.; 9 esteios, todos *in situ*, mas, na parede norte, muito inclinados para dentro. Sobreposição acentuada, sobretudo na cabeceira e na parede norte. Alt. máx. do chão actual 1,40 m., do chão primitivo 2 m. Larg. da entrada 0,80 m. No lado norte conserva-se uma pequena laje da porta, com 0,50 m. de alt. do chão primitivo. Por detrás da anta estão caídos fragmentos do chapéu.

*Corredor:* compr. 2 m., um esteio de cada lado, o da parede de 1,40 m. de compr. Larg. resp. 1,30 e 0,80 m. Alt. 0,50 m.; 1,10 m. mais baixo do que a câmara.

*Tumulus:* conservado num diâm. de 8 m. e 0,40-0,50 m. de alt. Desde o extremo actual do corredor, o terreno descai mais 0,20 m. a uma distância de 1,70 m.

*Orientação:* Este 20° Sul.

*Escavação:* a anta, até à profundidade de 0,40-0,50 m. não continha nada senão entulho, misturado com pedras. Ai começava uma terra barrenta, mais dura, mas também completamente estéril. O chão primitivo encontrava-se à profundidade de 0,60 m., onde terminava o esteio b.

### N.º 65 — ANTA 13 DA HERDADE DO BARROCAL (*Outeirinho 2*), (Est. XL, 30)

*Situação:* 50 m. ao Sul da Anta 12 do Barrocal.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 5,10 m.

*Câmara:* poligonal, 2,60 m. de diâm. no eixo longitudinal; 3 esteios *in situ*: a cabeceira e 2 da parede norte; na parede sul há 3 esteios caídos. Câmara primitivamente de 7 esteios; alt. 1 m. do chão actual. Grande chapéu dentro da câmara. Atravessando a entrada da câmara, está mais uma pedra a prumo, 0,70 m. de alt. do lado do corredor, talvez a laje sobranceira à entrada.

*Corredor:* 1,80 m. de compr.; resp. 1,40 e 1,10 m. de larg., formado por um esteio de cada lado, 1,40 m. de compr. máx. O corredor é 0,95 m. mais baixo do que a câmara.

*Tumulus:* destruído, do lado da entrada o terreno descai 0,55 m.

*Orientação:* Sudeste.

### N.º 66 — ANTA 14 DA HERDADE DO BARROCAL (*Olival do Cominho*)

*Informação:* há restos de uma anta no olival do Cominho, ao sul do caminho para Piteiros.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### N.º 67 — ANTA DA HERDADE DOS GAGOS

*Situação:* 400 m. a Nor-Noroeste do Monte dos Gagos, ca. 250 m. a Nordeste da anta 2 do Piornal, 100 m. a Leste do caminho da estrada nova Reguengos-Mourão para o Monte da Geralda.

*Construção:* restos de uma câmara, já completamente caída; só a cabeceira, de 1,50 m. de larg. *in situ*.

Informaram-nos de que, na herdade dos Gagos, haveria mais antas (total: 4).

1) perto da guarrita «Gagos»; fomos procurá-la, mas não encontramos nada, senão rochas naturais.

2) ao norte da estrada para Mourão; o pastor não se lembrava do sítio.

3) perto do monte. Ali foi encontrado, ao lavrar a terra, um machado cilíndrico de 14,5 cm. de compr. 6 cm. de larg., polido só no gume, do tipo corrente nas antas do concelho.

### N.º 68 — ANTA DA HERDADE DO XEREZ DE BAIXO

*Situação:* 500 m. ao Norte do Monte do Xerez de Baixo, à beira oeste do caminho deste monte para Monsaraz, a Leste 20º Norte do Monte do Xerez de Cima.

*Construção:* restos de um dólmen de corredor, compr. actual 5,20 m.

*Câmara:* poligonal, 2,50 m. no eixo longitudinal. 3 esteios *in situ*; a cabeceira e dois da parede norte, um esteio caído na câmara. Alt. máx. 1,60 m. do chão actual; larg. da entrada 1,20 m.

*Corredor:* 2,60 m. de compr.; no lado norte um grande esteio (1,90 m. de compr.), conservado.

*Tumulus:* restos. Em redor da anta fragmentos de lajes de xisto.

*Orientação:* Este 20º Sul.

Informaram-nos de que haveria mais antas nesta herdade, mas não pudemos recolher datas certas, nem no Monte do Xerez de Baixo nem no de Cima.

## IV. FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

### ANTAS DA HERDADE DO PIORNAL

(3 ANTAS)

#### N.º 69 — ANTA 1 DA HERDADE DO PIORNAL

*Situação:* 150 m. a Oeste do Monte do Piornal.

*Construção:* pequeno dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, 7 esteios, todos partidos nos topos, tendo o maior 1,20 m. de larg. Alt. actual 0,50 m.; larg. da entrada 0,90 m. Falta o chapéu.

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

*Corredor:* um esteio de pouca largura no lado norte, junto à câmara; falta o esteio correspondente do lado sul. Por fora do sector delimitado por este esteio está uma laje que atravessa o corredor. Para fora desta laje há ainda um esteio no lado norte e 2 mais pequenos no lado sul.

*Tumulus:* destruído.

### N.º 70 — ANTA 2 DA HERDADE DO PIORNAL (Est. XL, 27)

*Situação:* 500 m. a Oeste 10º Norte do Monte dos Gagos, 100 m. a Leste do caminho que vai da estrada nova Reguengos-Mourão para o Monte da Geralda. Em campo raso.

*Construção:* pequeno dólmen de corredor, compr. total 4,60 m.

*Câmara:* irregularmente poligonal, alargada sobretudo do lado sul; 1,80×1,50 m. de diâm.; 7 esteios, 6 *in situ*; cabeceira pequena, sobreposta pelos esteios adjacentes. Alt. actual 0,90 m.; larg. da entrada 0,90 m. Um esteio está atravessado no lado norte até ao meio da entrada; sobre ele descansa, ainda, a primeira laje da cobertura do corredor, apoiando-se, sobre esta, outra, de 1,15 m. de compr., provavelmente a pedra sobranceira à entrada.

*Corredor:* compr. 2,40 m.; larg. 0,90 m., paredes paralelas, formadas por 2 grandes esteios; alt. actual 0,45 m.

*Tumulus:* destruído.

*Orientação:* Este 10º Sul.

### N.º 71 — ANTA 3 DA HERDADE DO PIORNAL

*Situação:* 600 m. a Oeste 10º Sul da ponte sobre o rio Guadiana, 100 m. ao Sul da estrada nova Reguengos-Mourão; na encosta. Informação no Monte Piornal: Anta na Várzea da Picada, Monte S. João, provavelmente idêntica a esta.

*Construção:* restos de um dólmen de corredor, compr. total 6 m.

*Câmara:* poligonal, 2,60 m. de larg.; 4 esteios conservados, 2 de cada lado, partidos no topo, à excepção de um à entrada da câmara, que mede de compr. 1,55 m. do chão actual. Larg. da entrada 0,80 m. A entrada é atravessada por uma laje de xisto de 0,50 m. de larg. e 0,20 m. de alt. actual.

*Corredor:* compr. 2,80 m.; larg. 0,80 m.; paredes paralelas. À distância de 1 m. da entrada da câmara partem 2 grandes esteios, um de cada lado, resp. 1,75 e 1,50 m. de compr.

*Tumulus:* destruído.

### N.º 72 — ANTA DA HERDADE DA CAPELINHA

*Situação:* 300 m. a Nordeste do Monte da Capelinha.

*Construção:* restos de uma pequena câmara poligonal; cabeceira, 2 esteios da parede norte e um pilar (da porta?) conservados, provavelmente uma câmara de 5 esteios.

À distância de 12 m. da porta, na direcção sudeste, há mais umas pedras empinadas, de definição incerta (orla do *tumulus*?).

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### ANTAS DA HERDADE DA CHAMINÉ (3 ANTAS)

#### N.º 73 — ANTA 1 DA HERDADE DA CHAMINÉ

*Situação:* 500 m. a Oeste 20° Norte da horta do Monte da Chaminé, na encosta de um cabeço, em campo raso.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total ca. 3,60 m.

*Câmara:* poligonal, alargada, 2×2,60 m. de diâm., primitivamente 7 esteios, 4 *in situ*, um caído. Chapéu desaparecido. À entrada 2 pilares de umbral; larg. da porta 0,70 m.

*Corredor:* compr. 1,60 m.; larg. 1,50 m.; formado por dois grandes esteios de 1,50 m. de compr. máx.; alt. do chão actual 0,80 m. Um pouco desviado do eixo longitudinal da câmara para o lado sul.

*Tumulus:* vestígios.

#### N.º 74 — ANTA 2 DA HERDADE DA CHAMINÉ

*Situação:* ca. 1 km. a Oeste da horta da herdade, 500 m. a Oeste 30° Sul da anta 1 da Chaminé, na mesma encosta, em campo raso.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. actual 4,10 m.

*Câmara:* poligonal, alargada, 11,90×2,40 m. de diâm.; 7 esteios, 5 *in situ*, um caído; larg. da entrada 0,95 m. Falta o chapéu.

*Corredor:* compr. actual 1,90 m.; 2 esteios da parede sul conservados, resp. 0,80 e 0,75 m. de larg.

#### N.º 75 — ANTA 3 DA HERDADE DA CHAMINÉ

Informação do dono da herdade: há mais uma anta na herdade, no limite com a herdade do Passo. Quando, porém, ali voltámos, em outra ocasião, para procurar essa anta, não a encontramos.

#### N.º 76 — ANTA DA HERDADE DOS ALBADEIROS

*Situação:* 500 m. a Noroeste do Monte de Santo Amador.

*Construção:* dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, de 7 esteios, 6 conservados; alt. máx. do chão actual 1,40 m.

*Corredor:* 4 esteios conservados, 2 de cada lado, 2 lajes de cobertura.

ANTAS DA HERDADE DE VALE CARNEIRO  
(5 ANTAS)

N.º 77 — ANTA 1 DA HERDADE DE VALE CARNEIRO (Ests. XL, 7; XII, XLIV)

*Situação:* 650 m. a Sul 20° Este do Monte de Vale Carneiro, a Sul 30° Este do Monte do Passo, na berma Leste do caminho de Vale Carneiro para Campinho, no cabeço mais alto da região, em campo raso; visível de todos os lados.

*Construção:* grande dólmen de corredor, compr. total 6,30 m.

*Câmara:* poligonal, alongada, 3,90×2,80 m. de diâm.; 7 esteios, 6 *in situ*. No lado sul, entre os esteios *b* e *c*, há, exteriormente, um esteio de reforço. Diante do esteio *d* há, dentro da câmara, outra pedra empinada de secção triangular, cuja base não pudemos atingir. Poderia relacionar-se com o esteio de contraforte em lugar idêntico na Anta 1 da Quinta. Alt. máx. do chão primitivo 2,65 m.; larg. da entrada entre os dois umbrais 0,60 m. O grande chapéu, 3,20×2,20 m. de diâm., esp. máx. 0,50 m., de forma oval, abaulado no lado superior, está caído na câmara, tapando-a quase por completo.

*Corredor:* compr. 2 m.; larg. 1,20 m.; rumo um pouco mais para sul do que o eixo longitudinal da câmara. A parede norte formada por dois esteios; na parede sul um esteio conservado. Não há indícios de uma porta exterior, sendo de admitir, dada a destruição quase completa do *tumulus*, que o corredor tivesse sido primitivamente mais comprido. Alt. 1,20 m; 1,40 m. mais baixo do que a câmara.

*Tumulus:* vestígios.

*Orientação:* Este 15° Sul.

*Escavação:* como o chapéu impediu a escavação total, fizemos uma investigação parcial junto da parede sul e no sector do esteio desaparecido. A câmara mostrava-se, até ao fundo, cheia de terra barrenta vermelha, igual ao terreno adjacente. Os únicos objectos encontrados eram uns fragmentos de cerâmica, que saíram à profundidade de 0,80 m., aliás de bastante interesse.

*Espólio* (Est. XII, Sep. II).

N.º 1: grande fragmento de um vaso de corpo quase cilíndrico e de fundo plano, barro cinzento, camada vermelha, espessa por fora, fina por dentro, vestígios de polimento de ambos os lados (B 1); N.º 2: vários fragmentos ajustáveis de uma grande taça de fundo esférico-achatado, colo estrangulado e bordo saliente, alto, lembrando o perfil de taças campaniformes. Barro cinzento, camada de cor cinzento-avermelhado por fora e por dentro (A 2). N.º 3: pequeno disco de xisto, sem perfuração (conta não acabada?).

N.º 78 — ANTA 2 DA HERDADE DE VALE CARNEIRO (Est. XL, 23)

*Situação:* 1200 m. a Sul 20° Oeste do Monte de Vale Carneiro, na berma Leste do caminho para Campinho.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

**Construção:** grande dólmen de corredor, compr. total 5 m.

**Câmara:** poligonal, alargada, 2,70×3,10 m. de diâm., parede da entrada quase paralela à cabeceira. 7 esteios, 6 *in situ*, todos partidos nos topos, excepto os esteios *f* e *g*, que têm resp. 1,50 e 1,90 m. de alt.; larg. da entrada 1,25 m., estreitada por dois pilares até 0,80 m. O pilar do lado norte tem 1 m. de compr. total, não excedendo, pois, a altura da entrada 0,90 m. Um grande fragmento do chapéu está caído dentro da câmara.

**Corredor:** compr. 1,60 m.; larg. resp. 1,50 e 1,10 m., formado por dois esteios bastante grandes de resp. 1,45 e 1,30 m. de compr. Alt. actual 0,65 m., 0,25 m. mais baixo do que o esteio *g*.

**Tumulus:** vestígios.

**Escavação:** a parte da câmara não tapada pelo chapéu foi escavada até à profundidade de 0,85 m. do chão actual, onde se encontrou terreno virgem de cal branca. O recheio, análogamente à anta 1, consistia em barro vermelho duríssimo dos terrenos adjacentes. A anta nada continha, à excepção de um pequeno disco achatado (4,2×3 cm. de diâm.), de pedra vermelha, o lado superior levemente abaulado, com uma canelura junto do bordo, o reverso plano. Havia ainda umas pedras ferruginosas.

### N.º 79 — ANTA 3 DA HERDADE DE VALE CARNEIRO (*Gatos*)

**Situação:** 700 m. a Sul 30° Oeste do Monte de Vale Carneiro, 50 m. a Leste da bifurcação do caminho de Campinho para Vale Carneiro e Passo, numa baixa.

**Construção:** dólmen de corredor comprido. Compr. total 8,60 m.

**Câmara:** poligonal, alargada, 2,40 m. no eixo longitudinal; a cabeceira e a parede sul, formada por dois esteios, conservadas. Primitivamente só 5 esteios? Alt. máx. do chão actual 1,60 m.; o grande chapéu, 2×3 m., está inclinado na câmara.

**Corredor:** compr. 6 m; à entrada da câmara conserva-se um esteio que parece já desviado; a 1,50 m. de distância da câmara encontra-se uma laje da cobertura do corredor *in situ*. Fora desta laje o corredor prolonga-se mais 3,30 m., sendo as suas paredes, neste sector, formadas por esteios pequenos, apenas de 0,25-0,35 m. de larg. No fim do corredor há, de ambos os lados, um esteio maior.

**Tumulus:** vestígios. O terreno descai levemente para todos os lados.

### N.º 80 — ANTA 4 DA HERDADE DE VALE CARNEIRO

**Situação:** 300 m. a Norte 10° Leste do Monte do Cismeiro, 1,5 km. a Sul 30° Oeste do Monte de Vale Carneiro, a oeste do caminho para Campinho, cortando no lugar da anta 2, 50 m. para Oeste. Num cabecinho.

**Construção:** restos de uma grande câmara. A cabeceira, a única pedra ainda erguida, tem 2 m. de larg. e 2,40 m. de alt. do chão actual. Três esteios das paredes adjacentes à cabeceira estão deitados, indicando, porém, ainda a forma da câmara, que era poligonal.

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

### N.º 81 — ANTA 5 DA HERDADE DE VALE CARNEIRO

*Situação:* 300 m. a Nordeste do Monte de Vale Carneiro, 200 m. a Sudoeste da anta 2 do Passo, na margem norte do ribeiro de Vale Carneiro.

*Construção:* pequeno dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, 7 esteios, todos *in situ*, a cabeceira muito sobreposta pelos esteios adjacentes.

*Corredor:* curto, ainda coberto por uma laje.

## ANTAS DA HERDADE DO PASSO

(7 ANTAS)

### N.º 82 — ANTA 1 DA HERDADE DO PASSO

(Ests. XVIII-XXI, XXXVI, LV, LX-LXII, XL, 34)

*Situação:* 11 km. a Leste-Nordeste do Monte do Passo, 30 m. distante da confluência do ribeiro da Malhada com o ribeiro de Vale Carneiro; em campo raso. O terreno descai ligeiramente para leste.

*Construção* (Est. XVIII): grande dólmen de corredor, compr. actual 8,60 m.

*Câmara:* irregularmente poligonal, 3,80×4 m. de diâm.; alt. do chão primitivo 2,70 m.; 7 esteios, dos quais desapareceu o da parede norte junto à cabeceira (*b*). A cabeceira e o esteio *d* conservam a sua altura primitiva; dos outros falta a parte superior. A cabeceira, 2,70 m. de alt., está ligeiramente inclinada para dentro, do lado exterior está reforçada por uma pedra mais pequena (*a 1*), cuja profundidade na terra não verificámos, mas que, de harmonia com a construção semelhante do esteio *d* da anta do Olival da Pega, deve estar, no fundo, ligado à cabeceira, servindo-lhe de contraforte. O esteio *g* da parede sul está muito sobreposto à cabeceira, ao passo que os outros esteios se sobrepõem apenas ligeiramente. Os esteios *d* e *e*, junto da entrada, excedem todos os outros em largura e espessura; o esteio *d*, 2,80 m. de altura, está bastante inclinado para dentro, o que deve ser a sua posição primitiva, visto que atinge, assim, a mesma altura que a cabeceira. Larg. da entrada 1,50 m., estreitada até 0,85 m. por dois blocos mais pequenos postos de través, que servem de apoio à primeira laje de cobertura do corredor, sobre a qual descansa a grande laje sobranceira à entrada, a qual está quebrada na parte superior; do lado sul escorregou do ponto de apoio e está, hoje, perigosamente inclinada para o interior da câmara.

*Corredor:* compr. actual 3,70 m.; presuntiva alt. 0,80-1 m.; desnível entre a sua altura e a da câmara 1,90 m.; larg. 1,60 m. As suas paredes, que correm quase paralelamente, são formadas por dois grandes esteios de 2,60 e 2,70 m. de comprimento, às quais se segue na parede sul do lado exterior, e na parede norte, no lado interior, um esteio mais pequeno. Na extremidade actual do corredor há, de cada lado, uma pequena laje posta de través; ambas dão à porta exterior a largura de 0,70 m. Seguindo o rumo do corredor, encontra-se, 2 m.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

distante da entrada actual, uma laje que poderia ter feito parte da construção primitiva, talvez de um átrio, análogamente à configuração de outras antas do concelho. A partir do extremo actual do corredor, o terreno desce mais 0,60 m. numa distância de 5,20 m.

A parte conservada do corredor está ainda coberta por três lajes. Ao chegarmos à anta, encontramos toda esta parte da construção completamente soterrada. A segunda pedra de cobertura está partida ao meio, encontrando-se os dois fragmentos inclinados para dentro. Um fragmento de laje, fora do esteio *m*, poderia ter sido cortado da mesma laje de cobertura.

*Tumulus*: diâm. 19 m. em sentido do eixo longitudinal da anta, 16 m. em sentido do seu eixo transversal. Alt. actual 1 m. A orla do *tumulus* sobressai nitidamente do terreno lavrado adjacente. Como já dissemos com respeito ao corredor, esta orla talvez não corresponda à extremidade primitiva do *tumulus*. No lugar do esteio arrancado (*b*) a parede interior do *tumulus* é de terra misturada com grandes blocos.

*Orientação*: Este 20° Sul.

*Escavação*: a anta encontrava-se com 1,60 m. de entulho sobre o solo primitivo, que fica, comparado com a altura do *tumulus*, aproximadamente 0,30 m. abaixo do terreno natural. A escavação não pôde ser levada a cabo por causa da laje sobranceira à entrada, que ameaçava ruir e cair para dentro. Embora tivéssemos mandado construir contrafortes com barrotes, não ousámos tirar a terra por debaixo daquela pedra, junto da parte leste do esteio e a qual hoje lhe serve de apoio. Também, pelo lado do corredor, não pudemos atingir a entrada da câmara, por causa da laje de cobertura partida (2), que impede a entrada para o corredor e que fica em tal posição, debaixo da laje de cobertura (1), que, ao tirá-la, toda a construção da entrada da câmara se teria desmoronado.

Como o recheio da anta já tinha sido remexido, a posição dos objectos encontrados não diz nada com respeito ao conjunto primitivo. 0,60 m. por baixo do chão actual começaram a aparecer cacos mais finos, fragmentos de placas de xisto, contas e vestígios de ossos. A maior parte dos objectos e sobretudo os mais belos encontraram-se nas camadas inferiores. Só o pequeno báculo estava mais à superfície. Imediatamente por cima do chão da anta, em frente do esteio arrancado *b*, havia três fragmentos maiores de um crâneo; restos de outro crâneo foram tirados junto do bordo norte da cabeceira. Em toda a anta, nem os ossos, nem os objectos, mostravam vestígios de fogo.

*Espólio* (Ests. XIX-XXI, XXXVI, LX, LXII):

### 1. *Objectos de pedra polida* (Est. XIX).

N.º 1: parte inferior de uma goíva de xisto anfibólico azul-acinzentado-escuro, de trabalho finíssimo, totalmente polida; compr. 5,3 cm.; larg. 1,9 cm.; esp. 1,9 cm.

### 2. *Objectos de sílex, xisto, quartzo e cristal de rocha* (Est. XIX).

6 pedaços de cristal de rocha com gume trabalhado — N.º 2: pedaço de cristal de rocha acinzentado, com as facetas naturais em parte conservadas; num dos lados estreitos um gume cortante feito com retoques de ambos os lados; N.ºs 3 e 4: 2 pequenos instrumentos de cristal



## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

de rocha com trabalho idêntico ao do N.º 2, o N.º 3 com o gume bastante gasto; N.º 5: fragmento de um instrumento de cristal de rocha idêntico ao N.º 2, gume conservado, arqueado, de corte perfeito e trabalho finíssimo. Mais dois fragmentos de cristal de rocha, com vestígios de idêntico trabalho, e três pedaços de cristal de rocha e quartzo, sem trabalho.

*2 micrólitos de quartzo* — N.ºs 7 e 14.

*14 pontas de seta, todas de base côncava ou recta* — N.ºs 10, 11, 15-17: de sílex cor de damasco; N.ºs 12, 18 e 19: de sílex cinzento; N.ºs 8 e 20: de sílex castanho-amarelado-claro, transparente; N.º 9: de xisto amarelo-esverdeado; N.ºs 6 e 13: de xisto azul-escuro. O trabalho, com excepção dos N.ºs 18 e 19, é mediocre, mau até. Os N.ºs 10, 12 e 16-18 têm retoque bilateral; os N.ºs 8, 19 e 20 têm aresta na face superior e retoque parcial no verso plano; os restantes têm retoque parcial em ambos os lados.

*7 fragmentos de facas sem retoque* — N.ºs 22, 25 e 26: de facas finíssimas, sílex castanho-claro, cinzento e preto; N.º 27: castanho-claro-amarelado; N.º 29: de sílex castanho transparente; N.º 30: de sílex branco; N.º 31: faquinha de cristal de rocha, com entalhes por cima da base.

*1 lâmina retocada e fragmentos de mais 4* — N.º 23: lâmina inteira, plana e espessa, de sílex cinzento-acastanhado, retocada em volta, com uma extremidade arredondada e outra horizontal; N.º 24: dois fragmentos de uma lâmina plana, de sílex castanho-claro, com ambos os bordos retocados; N.º 28: três fragmentos de um instrumento semelhante, de sílex castanho, transparente; N.º 32: grosseiro, de pedra cinzento-esverdeado; mais um pequeno fragmento de um instrumento fino do mesmo tipo.

### 3. Objectos de adorno (Est. XIX).

N.º 45: pequena chapa de calaíte, com perfuração cônica no centro; N.º 38: metade de uma conta bicônica de azeviche; N.ºs 39 e 40: duas contas alongadas de xisto verde-claro, perfeitamente polidas; N.ºs 41 e 42: da mesma matéria, bicônicas achatadas; 235 pequenas contas de xisto em diferentes cores, dos tipos reproduzidos nos N.ºs 43-54; N.ºs 43, 52 e 53: bicônicas achatadas; N.ºs 46 e 54: cilíndricas; N.ºs 44 e 55: de paredes arredondadas; N.º 47: só com um lado abaulado; N.ºs 50, 56 e 57: de xisto azul, chatas, mal trabalhadas; N.º 51: de tipo mais pequeno. Todas com perfuração bicônica, as mais chatas com perfuração cônica.

### 4. Objectos de osso (Est. XIX).

13 fragmentos de pequenos artefactos em forma de pauzinhos, polidos, alguns com indícios de terem terminado em ponta aguçada, provavelmente de alfinetes — N.ºs 33-37.

### 5. Placas de xisto gravadas (Ests. XXI, LXI, LXII).

Encontraram-se 31 placas de xisto, das quais 19 inteiras ou reconstituíveis, entre elas 3 placas antropomorfas e 4 báculos. Havia ainda mais fragmentos pequenos, pertencentes a diferentes placas.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

*Placas de contorno recortado (antropomorfas) (3 placas) (Ests. LXI, LXII):*

N.º 5: de xisto azul-escuro, bem trabalhada, 10 filas de dentes de lobo, sem orifício; N.º 19: grande placa de xisto claro, acinzentado, gravada de ambos os lados; a face superior coberta de zigue-zagues, o verso de uma ornamentação de espinhos, ficando, no centro, um rectângulo sem decoração; dois orifícios; N.º 10: fragmento de xisto verde-claro, gravado de ambos os lados. Conserva-se num lado, perto do bordo superior, parte de um círculo, do outro lado uma fila de dentes de lobo junto do bordo. Trata-se provavelmente de uma representação dos «olhos» (vide pág. 101).

*Placas de ornamentação exclusivamente geométrica:*

a) *com ornato de dentes de lobo* (11 placas):

5 placas inteiras ou reconstituíveis: N.ºs 1-3, 8 e 15; 2 placas reconstituídas de pequenos fragmentos: N.ºs 7 e 9; 3 fragmentos grandes e um fragmento pequeno da parte inferior: N.ºs 6, 12 e 13.

Trabalho bom, nas placas N.ºs 5, 7, 8 e 12 perfeito; o N.º 15 de trabalho descuidado. *Parte inferior:* N.º 6: uma fila de dentes de lobo, talvez alternando com faixas horizontais; N.º 13: 2 filas; N.ºs 4, 8 e 15: 3 filas; N.º 1: 5 filas; N.º 3: totalmente coberta de dentes de lobo. *Parte superior:* N.ºs 2 e 15: tipo I; N.ºs 1 e 7-9: tipo II. *Parte divisória:* N.ºs 1, 2 e 5: sem divisão; N.ºs 7 e 15: pequenos dentes de lobo; N.º 9: faixa riscada; N.º 8: riscas oblíquas.

*Orifício:* N.ºs 5 e 8: sem orifício; N.ºs 1-3, 7, 9 e 15: com um orifício.

b) *com ornato de zigue-zagues* (5 placas):

4 placas inteiras e um fragmento, N.ºs 16-18 e 23.

N.º 16: toda a placa coberta de zigue-zagues, apenas com o triângulo da parte superior indicado; as outras com número variável de filas de zigue-zagues (2-4) na parte inferior. *Parte superior:* N.º 18: tipo I; N.ºs 14 e 17: tipo III. *Parte divisória:* N.º 14: uma linha simples; N.º 18: faixa dupla, uma delas riscada; N.º 17: faixa de espinhas. *Orifício:* N.º 17: sem orifício; N.ºs 14, 16 e 18: com um orifício.

c) *com ornato de xadrez* (8 placas):

6 placas inteiras ou reconstituíveis, N.ºs 20, 21, 22, 25, 28, um fragmento grande N.º 26 e mais dois pequenos. Trabalho medíocre. *Parte superior:* N.ºs 21, 22, 26 e 28: tipo I; N.º 20: tipo III. *Parte divisória:* N.ºs 21, 22 e 25: uma faixa lisa; N.º 28: três faixas, uma delas riscada; N.º 20: faixa larga com ornato de espinhas. *Orifício:* N.ºs 20, 22 e 26: sem orifício; N.ºs 21 e 25: com um orifício.

*Fragmentos da parte superior de placas* (4 fragmentos), N.ºs 11, 24 e 27. N.º 11: tipo II; N.º 24: tipo I, 2 orifícios; N.º 27: tipo I, um orifício, por baixo restos de uma faixa de finos dentes de lobo. Mais um pequeno fragmento de xisto verde-claro.

*Báculos de xisto* (4 báculos). (Est. XXXVI, LXII).

N.º 3: pequeno báculo, decorado com filas horizontais de dentes de lobo, a parte superior lisa, um orifício na base, o reverso liso. N.º 4: pequeno báculo de xisto verde-claro, com ornato de dentes de lobo e faixas, um orifício na base, o reverso liso. N.º 7: fragmento da

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

esquina superior de um báculo maior; uma fila de dentes de lobo junto ao bordo, por baixo restos de uma faixa riscada. N.º 8: fragmento liso, provavelmente a parte inferior de um báculo.

*Berloque de xisto gravado (Ests. XXXVI, LXII).*

N.º 17: pequeno berloque, gravado no tipo das placas, por cima indicação do triângulo, por baixo zigue-zagues e uma faixa riscada, um orifício.

### 6. Cerâmica (Ests. XIX, XX, LX).

A cerâmica desta anta, embora a quantidade seja mais pequena, insere-se perfeitamente no quadro da cerâmica da anta do Olival da Pega. Não faltam vestígios da cerâmica a almagre, da qual se encontraram, além dos cacos reproduzidos, fragmentos de mais 3 ou 4 vasos, havendo também restos de dois ou três vasos da espécie B 3.

#### *Grupo 1. — Vasos pequenos esféricos e esférico-achatados.*

Est. XIX N.º 61: corpo cónico, cinzento-avermelhado (A 2); N.º 62: fina taça semi-esférica, avermelhada com manchas pretas por fora, cinzenta por dentro (A 2); N.º 64: vermelho-claro por fora, cinzento por dentro (B 3). Há vários fragmentos de pequenos vasos de fabrico fino e polimento perfeito: N.º 66: 2 fragmentos finíssimos, preto-vermelho por fora, preto por dentro (A 2); N.º 70: fabrico igual ao do N.º 68: finas camadas de cor vermelho-escuro por fora e por dentro (B 1); Est. XX, N.º 15: achatado, com bordo saliente, camadas vermelhas quase destruídas (B 2?); N.º 8: de forma e fabrico idêntico ao do N.º 64 (B 3); N.º 5: vide cerâmica a almagre.

#### *Grupo 2. — Vasos esféricos e esférico-achatados maiores.*

Est. XIX N.º 63: achatado, cinzento, por dentro avermelhado-claro, trabalho grosseiro (A 1); N.º 72: castanho, bem polido (A 1); N.ºs 71 e 73: finos, de bordo saliente, cinzento-claro (A 2); Est. XX, N.º 12: 4 fragmentos do bordo de um grande pote, castanho, bem trabalhado e polido (A 1); deste tipo há mais um fragmento igual, ainda mais espesso; um grande fragmento de parede indica um vaso do tipo Est. XXV N.º 42; fundo de um vaso esférico de tamanho médio. *Cerâmica a almagre* (B 2). Pertencentes ao grupo 1 ou 2 há fragmentos de vários vasos pintados a almagre. Est. XIX N.º 65: barro cinzento, camada vermelha de ambos os lados, restos de mais uma camada fina pintada de cor vermelho-claro vivo. Exemplar típico da cerâmica a almagre; Est. XX N.º 5: de cor vermelho-vivo. Além dos fragmentos reproduzidos há cacos de mais alguns vasos da cerâmica a almagre: a) fragmentos de parede, barro cinzento, esp. 3-6 mm., pintura em parte bem conservada; b) pequeno fragmento do bordo de um pote maior, barro cinzento brando com pedrinhas, camada pintada finíssima de cor vermelho-amarelado; c) 2 fragmentos finos do mesmo vaso, barro cinzento, camada pintada por fora de cor igual à do vaso N.º 5 da anta 1 do Poço da Gateira, amarelado por dentro e bem polido.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### *Grupo 4. — Taças.*

Est. XIX N.º 67: taça de boca larga, de cor cinzento-avermelhado por fora, cinzento-claro por dentro, trabalho fino (A 2); N.º 69: taça baixa de bordo reentrante (A 1); Est. XX N.º 1: de cor castanho-avermelhado, o bordo saliente, semelhante às taças da cultura campaniforme (A 2); N.º 2: de cor castanho-acinzentado (A 1); N.º 3: de cor castanho-escuro, com manchas pretas, trabalho fino (A 1); N.º 4: de cor cinzento-avermelhado (A 1). 4 fragmentos do bordo de duas taças idênticas ao N.º 2 e 2 fragmentos de uma taça semelhante na forma à taça N.º 2, de cor vermelha (B 1); N.º 19: fragmento de uma grande taça baixa de trabalho irregular, cor preta, bem polida (C).

### *Grupo 5. — Vasos de colo estrangulado.*

Est. XX N.º 13: de cor cinzento escuro, bem polido (A 2).

### *Grupo 6. — Vasos bicónicos e de parede côncava.*

Est. XX N.º 9: de cor avermelhada (B 1); 1 fragmento de outro vaso semelhante, mais baixo; N.º 14: grande fragmento de parede côncava, de cor vermelho-acinzentado, sem polimento (B 3).

### *Grupo 7. — Vasos de corpo cilíndrico.*

Est. XX N.º 7: de cor cinzento-acastanhado (A 1).

### *Grupo 8. — Vasos de fundo levemente curvo e plano. Pratos.*

Est. XX N.º 6: de cor castanho-acinzentado com manchas pretas (A 1); N.º 10: de cor cinzento-avermelhado, polimento destruído (A 1); N.º 16: de cor vermelho-acinzentado, bem trabalhado, polido (B 1); N.º 17: grande fragmento de um fundo plano (A 1).

### *Grupo 9. — Colheres, tampas, etc.*

Est. XX N.º 18: fragmento de uma colher, de cor cinzento-avermelhado-claro (A 2); N.º 11: fragmento de bordo de um vaso de parede ligeiramente côncava, diâm. da boca ca. 18 cm., 2,5 cm. por baixo do bordo um orifício cónico (A 1).

### *Grupo 12. — Cerâmica decorada.*

Est. XIX N.º 58: 2 fragmentos do bordo de um pequeno vaso esférico, de cor cinzenta de ambos os lados, por baixo do bordo uma fila de traços verticais incisos (A 1); N.º 59: 2 fragmentos de um vaso fino, de cor cinzento-acastanhado por fora, preto por dentro, polido, com uma fila horizontal de impressões em forma de vírgula, provavelmente um pouco abaixo do bordo, que não se conserva. (A 1); N.º 60: pequena taça alta de boca larga de cor cinzenta, idêntica à do vaso N.º 58; 8 mm. abaixo do bordo uma fina linha incisa (A 1).

Com mais alguns fragmentos de bordo pertencentes a vasos de forma indefinível, o número dos vasos encontrados na anta eleva-se a 50.

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

### N.º 83 — ANTA 2 DA HERDADE DO PASSO (do Poço Feliz), (Est. XL, 1)

*Situação:* 1 km. a Leste do Monte do Passo; 400 m. a Nordeste do Monte de Vale Carneiro, na margem oeste do ribeiro de Vale Carneiro, 200 m. a Sul-Sudoeste do Poço Feliz.

*Construção:* dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, 2,60×2,50 m. de diâm.; 7 esteios, todos *in situ*, bem ajustados e pouco sobrepostos; alt. 0,80 m. do chão actual; larg. da entrada 1 m.

*Corredor:* não escavado.

*Tumulus:* bem conservado, diâm. ca. 16 m.; alt. 1,10-1,40 m.; na orla alguns blocos da coroa. Segundo informações, encontraram-se no *tumulus* construções de lajes de xisto, que continham ossos e cerâmica.

*Orientação:* Este 30º Sul.

Encontraram-se duas pequenas contas de xisto discóides, prova de que a anta pertence ao grupo eneolítico.

### N.º 84 — ANTA 3 DA HERDADE DO PASSO (da Guarrita)

*Situação:* 100 m. ao Sul do marco geodésico «Passo», num cabeço.

*Construção:* grande dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, ca. 3 m. de diâm.; 7 esteios, em parte caídos; um grande fragmento do chapéu está caído no lugar da cabeceira, ignorando-se se esta está partida no topo ou desaparecida. Uma laje que, hoje, tapa a entrada, é provavelmente a pedra sobranceira à porta.

*Corredor:* compr. actual 3 m., de pouca largura; construído de pedras de tamanho menor, 3 das quais se conservam. Paredes paralelas.

*Tumulus:* destruído. Muitos fragmentos de lajes de xisto num semi-círculo em redor do corredor.

### N.º 85 — ANTA 4 DA HERDADE DO PASSO (do Ferragial), (Est. XL, 37)

*Situação:* 150 m. a Oeste 20º Sul do Monte do Passo.

*Construção:* grande dólmen de corredor comprido, compr. total 8,40 m.

*Câmara:* poligonal, alongada, 3×2,40 m. de diâm.; 7 esteios, 6 *in situ*, um caído, tapando o chão da câmara. Alt. da cabeceira do chão actual 1,65 m., por fora 2,10 m.; alt. primitiva provavelmente 2,65 m.; larg. da entrada 1,30 m. Um grande fragmento do chapéu está inclinado contra o esteio ao lado sudoeste da cabeceira.

*Corredor:* compr. 4,90 m., orla actual do *tumulus* 0,60 m. para fora; larg. resp. 1,40 e 0,80 m. Três lajes da cobertura conservadas *in situ*; a primeira, à entrada da câmara, é um enorme bloco de 3,50 m. de compr. e secção triangular; a segunda tem 2,10 m. de compr. e parece partida na parte de fora. Por baixo destas duas lajes vêm-se, perto da entrada da câmara, dois grandes esteios, um de cada lado, dos quais o da parede sul tem 1,80 m. de compr. A terceira laje da cobertura, 2 m. de compr. 1,30 m. de larg. deslisou para o último

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

esteio da parede norte. Sobre a primeira e segunda laje da cobertura está caída a laje sobranceira à entrada, partida no meio, 1,60 m. de alt. e de larg. O corredor é ca. 1,50 m. mais baixo do que a câmara.

*Tumulus*: o raio do *tumulus* no lado do corredor é de 7 m.; nos outros lados está cortado pelo arado. A sua altura actual é de 11 m.

*Orientação*: Este 20° Sul.

### N.º 86 — ANTA 5 DA HERDADE DO PASSO

*Situação*: 600 m. a Oeste 20° Sul do Monte do Passo, à beira norte do caminho para o Monte do Cebolinho, 50 m. antes de chegar ao limite destas herdades.

*Construção*: dólmen de corredor, compr. actual ca. 5 m.

*Câmara*: poligonal, 2,60×2,60 m. de diâm. Não há cabeceira, provavelmente havia só 6 esteios, 3 dos quais estão *in situ*. Alt. máx. do chão actual 1,40 m.; chapéu desaparecido. À entrada da câmara duas lajes estreitas atravessadas, os umbrais da porta.

*Corredor*: compr. actual 1,60 m.; larg. 0,90 m.; no lado norte um esteio de 1,45 m. de compr., no lado sul dois blocos, provavelmente restos de um esteio. Do lado de fora destes esteios há uma laje da cobertura, 1,90 m. de compr., 1 m. de larg., que parece estar *in situ*. O corredor talvez fosse mais comprido.

*Tumulus*: restos.

*Orientação*: Este 10° Sul.

### N.º 87 — ANTA 6 DA HERDADE DO PASSO

*Situação*: ca. 1 km. a Sudoeste do Monte do Passo, 600 m. a Leste do Monte do Cebolinho, num azinhal, no limite destas herdades.

*Construção*: restos de uma câmara poligonal, de ca. 2,40 m. de diâm. no eixo longitudinal; primitivamente 7 esteios, 3 deles *in situ*, 2 na parede sul e a cabeceira, caída para trás. Na parede norte há 2 esteios caídos. À entrada da câmara há mais duas pedras, da cobertura do corredor ou da laje sobranceira à entrada. Duas árvores e um fragmento do chapéu estão dentro da câmara.

### N.º 88 — ANTA 7 DA HERDADE DO PASSO (Est. XL, 28)

*Situação*: ca. 1,5 km. a Sudoeste do Monte do Passo, ca. 100 m. a Noroeste do caminho do Monte do Passo para Campinho, num azinhal.

*Construção*: dólmen de corredor, compr. total 5,80 m.

*Câmara*: poligonal, 3×2,60 m. de diâm.; 7 esteios, 6 *in situ*; alt. máx. do chão actual 1,80 m. O grande chapéu está caído dentro da câmara. Larg. actual da entrada 1,60 m.

*Corredor*: compr. 2,40 m.; larg. resp. 2,35 e 1,45 m., formado por um grande esteio de cada lado. Alt. actual 0,40 m.

*Tumulus*: destruído.

*Orientação*: Este 30° Sul.

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

### ANTAS DA HERDADE DAS AREIAS

(14 ANTAS)

9 antas de corredor; 2 pequenas antas sem corredor; 3 mamoaas com vestígios de antas destruídas; construções pseudo-megalíticas.

#### I. ANTAS DE CORREDOR

##### N.º 89 — ANTA 1 DA HERDADE DAS AREIAS

*Situação:* 150 m. a Oeste-Sudoeste do Monte das Areias, na margem oeste de um ribeiro, num cabecinho.

*Construção:* grande dólmen de corredor, o maior desta região, compr. da parte hoje descoberta 6 m.

*Câmara:* alongada, quase rectangular, 3,90×2,50 m. de diâm.; alt. máx. do chão actual 2,20 m.; 7 esteios, 4 deles (a cabeceira, os dois esteios adjacentes e um esteio à entrada da câmara) *in situ* e 2 caídos. A cabeceira tem 1,90 m. de larg. e 1,90 m. de alt. O esteio do lado norte segue em ângulo recto, a posição do esteio do lado sul indica, nesta parte da câmara, uma ligeira tendência para o polígono. A câmara está completamente escavada e apresenta uma grande cavidade no centro. Inclinação à cabeceira, está por fora da câmara parte do chapéu, 2,70×2,30 diâm.

*Corredor:* descoberto num comprimento de 2 m., a maior parte está ainda soterrada e parece seguir até à orla do *tumulus*. No lado da câmara conserva-se um esteio da parede sul: compr. 1,70 m.; alt. actual 0,60 m.

*Tumulus:* um grande *tumulus* de ca. 2 m. de altura envolve a construção lítica.

*Orientação:* Sudeste.

##### N.º 90 — ANTA 2 DA HERDADE DAS AREIAS

*Situação:* 30 m. a Oeste da anta 1 das Areias, 200 m. a Oeste 20º Sul do Monte das Areias, 50 m. da margem oeste do ribeiro.

*Construção:* grande dólmen de corredor, compr. total ca. 4 m.

*Câmara:* poligonal, ca. 2,60 m. de diâm.; 7 esteios, alt. máx. 2 m. A cabeceira, sobreposta pelos esteios adjacentes, e os esteios do lado norte partidos nos topos. Dos esteios do lado sul dois estão caídos na câmara, enquanto o esteio à entrada foi empurrado do seu lugar primitivo por uma grande oliveira.

*Corredor:* ligeiramente trapezoidal, larg. resp. 1,40 e 1,10 m.; formado por 2 grandes esteios de ca. 1,60 m. de compr. Um pilar da porta visível na entrada da câmara

*Tumulus:* destruído.

*Orientação:* Sudeste.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### N.º 91 — ANTA 3 DA HERDADE DAS AREIAS

*Situação:* 500 m. a Oeste-Sudoeste do Monte das Areias, 50 m. a Noroeste da margem do ribeiro.

*Construção:* restos de um dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, 2,50 m. de diâm.; 7 esteios, dos quais a cabeceira e dois esteios do lado norte estão *in situ*, os outros caídos. O grande chapéu está sobre os esteios caídos da parede sul.

*Corredor e tumulus:* destruídos.

### N.º 92 — ANTA 4 DA HERDADE DAS AREIAS

*Situação:* 200 m. a Leste 30º Sul da malhada de porcos da herdade, 1 km. a Oeste 15º Sul do Monte das Areias.

*Construção:* dólmen de corredor, caído.

*Câmara:* poligonal, caída. No lado norte os restos de 2 esteios ainda *in situ*.

### N.º 93 — ANTA 5 DA HERDADE DAS AREIAS (Est. XXXVII)

*Situação:* 500 m. a Oeste da malhada de porcos da Herdade, num azinhal.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 6 m.

*Câmara:* poligonal, 2,50 m. de diâm., 2 m. de alt. do chão primitivo; 7 esteios, 6 *in situ*, 3 partidos no topo; larg. da entrada 0,70 m. A laje sobranceira à entrada deslisou e está inclinada para o interior, à entrada da câmara.

*Corredor:* trapezoidal, compr. 2,80 m.; alt. 0,80 m.; larg. resp. 1,60 e 0,90 m., formado por dois grandes esteios de 2 e 1,80 m. de compr. No lado norte está caído um pilar da porta da câmara, de 0,90 m. de alt. À entrada do corredor, há, no lado sul, um pequeno esteio atravessado. Uma laje de cobertura *in situ*.

*Tumulus:* vestígios.

*Orientação:* Este 30º Sul.

*Escavação:* a anta, já remexida, não deu quase nada, senão uma quantidade de cacos, na sua maioria de vasos grandes e grosseiros. Reconhecem-se as formas seguintes:

*Grupo 2* — N.º 16: vaso esférico, barro preto, camada de cor vermelho-acinzentado de ambos os lados (A 1).

*Grupo 4* — N.º 17: taça achatada de rebordo para fora e para dentro, espessa, mas bem trabalhada, barro e superfície de cor castanho-avermelhado (B 1).

*Grupo 6* — grande taça de fundo esférico, parede côncava na parte superior e rebordo para fora e para dentro, de cor castanho-avermelhado, em parte cinzento (A 1).



## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

*Grupo 8 — N.º 14:* prato de bordo achatado, igual ao do prato da anta 3 dos Gorginos, de cor vermelho-acastanhado (B 1); há fragmentos de mais alguns pratos.

*Grupo 12 — N.º 15:* fragmento de parede com uma saliência no interior de fim desconhecido; barro preto, camada de vermelho-acinzentado (B 1). No lado superior alguns traços verticais incisos.

### N.º 94 — ANTA 6 DA HERDADE DAS AREIAS E CONSTRUÇÕES PSEUDO-MEGALÍTICAS (Ests. XXXVII, XXXVIII)

*Situação:* 100 m. a Leste da Anta 5 das Areias há uma ligeira elevação do terreno, aproximadamente de 30×20 m. de diâm., coberta de blocos naturais. Na esquina nordeste da sua orla eleva-se o esteio de uma anta de 1,75 m. de altura, ligeiramente inclinado para norte. Ambos os seus lados fazem parte de pequenas construções megalíticas em forma de câmaras com corredores curtos. Na beira sul e leste deste terreno pedregoso, encontram-se mais 10 destas pequenas construções sempre duas ou três delas reunidas com as paredes intermediárias comuns e todas com uma entrada na orla desta elevação. Dada a sua semelhança com a pequena anta N.º 11 da herdade, realizámos umas escavações, das quais resultou o seguinte: Dentro da câmara da construção N.º 1 (Est. XXXVII, Sep. IV), está caído no chão outro esteio da anta por baixo da pedra *b*. O esteio da anta (*a*) é o único que está enterrado no subsolo, as restantes pedras dos alicerces têm apenas as alturas de 0,40-0,60 m. Destes factos resulta que os pequenos recintos foram construídos numa época em que a anta já estava parcialmente caída. Nenhum dos quatro recintos que explorámos, continha o mínimo vestígio de ossos ou de qualquer indústria, com excepção do recinto N.º 1, que deu vários cacos da época megalítica, entre os quais o bordo de uma taça, de cerâmica dura, igual a uma espécie encontrada na anta do Olival da Pega, pertencente com certeza à anta primitiva (Est. XXXVIII, 9).

### N.º 95 — ANTA 7 DA HERDADE DAS AREIAS (Est. XXXVII, Sep. V, Est. XXXVIII, 8)

*Situação:* 30 m. a Sudoeste da Anta 5 das Areias.

*Construção:* pequeno dólmen de corredor, compr. total 2,90 m.

*Câmara:* poligonal, 1,10×1,60 m. de diâm., 5 esteios, alt. máx. 1 m.; larg. da entrada 0,70 m., 2 pilares da porta *in situ*. Diante do esteio 2 uma pedra posta de reforço.

*Corredor:* 1,20 m. de compr., resp. 1,10 e 0,80 m. de larg. 0,70 m. de alt.

*Tumulus:* destruído.

*Orientação:* Este 20º Sul.

*Escavação e Espólio:* A anta, já completamente remexida, deu apenas um fragmento microlítico de sílex amarelo, translúcido (N.º 8) e vários cacos, na sua maioria de vasos grandes e grosseiros, todos sem bordo e não permitindo reconstrução. É notável um caco fino, de 4 mm. de espessura, que, pela curvatura, pertence a um vaso pequeno, de barro cinzento com uma camada vermelha, igual ao vasos N.ºs 1 e 2 da anta 1 das Vidigueiras (B 2).

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### N.º 96 — ANTA 8 DA HERDADE DAS AREIAS

*Situação:* ca. 500 m. a Nor-Noroeste da malhada de porcos da herdade, entre os caminhos que seguem da malhada e do monte para Reguengos.

*Construção:* 2 esteios caídos de uma anta.

### N.º 97 — ANTA 9 DA HERDADE DAS AREIAS

*Situação:* 2,2 km. a Oeste 30° Norte do Monte das Areias, 50 m. ao Norte da estrada deste Monte para Reguengos, ca. 200 m. a Oeste de um ribeiro, atravessado por aquela. Visível da estrada, num cabecinho.

*Construção:* 3 esteios de uma câmara poligonal de ca. 2,20 m. de diâm. e 1,60 m. de alt. Um esteio do corredor conservado.

*Tumulus:* destruído.

## II. PEQUENAS ANTAS SEM CORREDOR

### N.º 98 — ANTA 10 DA HERDADE DAS AREIAS (Est. XXXVII, Sep. III)

*Situação:* 500 m. a Oeste 10° Sul do Monte das Areias, 20 m. a Oeste da bifurcação do caminho do Monte das Areias para a Cumiada e para o Monte do Cebolinho.

*Construção:* Cista megalítica rectangular 2×1,10 m. de diâm., construída com 4 esteios, dos quais apenas a e c têm uma altura de 0,75 m. e chegam até ao chão da sepultura; os esteios b e f têm resp. 0,64 e 0,50 m. de altura; d e e são blocos ainda mais pequenos.

*Tumulus:* restos.

*Orientação:* Sudeste.

*Espólio:* a sepultura, já remexida, deu apenas 4 cacos, já muito deteriorados na sua superfície: três deles de vasos grandes de cor cinzento-acastanhado (tipo A 1), um cuja curvatura indica um vaso pequeno, com uma camada avermelhada sobre barro cinzento, igual ao caco da pequena anta de corredor N.º 7 (B). A cerâmica pertence ao tipo corrente das antas de corredor da região.

### N.º 99 — ANTA 11 DA HERDADE DAS AREIAS (Est. XXXVIII, Sep. I)

*Situação:* 30 m. a Norte 20° Oeste da anta 5 das Areias.

*Construção:* pequena câmara oval, 1,50×1,10 m. de diâm., construída de 7 blocos, dos quais apenas a e f, com 0,70 m. de alt. chegam até ao fundo. Os outros blocos têm alturas entre 0,35 m. e 0,50 m.

*Orientação:* Sudeste.

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

*Espólio:* A sepultura, já remexida, continha uma quantidade considerável de cacos, na sua maioria de vasos grandes e grosseiros, iguais aos da indústria das antas maiores.

### *Indústria lítica.*

Fragmento muito destruído de um machado de secção oval; N.º 7: fragmento de uma pequena faca.

### *Cerâmica.*

*Grupo 2*—N.º 3: fragmento de um grande vaso esférico-achatado de rebordo para fora e para dentro, grosseiro e muito destruído, vermelho com manchas pretas no fundo (B 1); fragmentos de mais 2 vasos semelhantes, cinzento e vermelho (A 1 e B 1).

*Grupo 4*—N.º 4: vários fragmentos de uma taça, de cor cinzenta, superfície destruída, no interior vestígios de polimento (C).

*Grupo 6*—N.º 5: fragmento do bordo de um vaso minúsculo, biconico, cinzento-claro por dentro, vermelho-claro por fora, trabalho fino (cf. Est. XXXIII, N.º 48 da anta do Cebolinho), (B 3).

*Grupo 8*—N.º 1: prato com rebordo vertical, baixo, vermelho (B 1); fragmentos de bordo de mais 2 pratos: a) de bordo achatado, igual ao N.º 14 da mesma estampa, proveniente da anta 5; b) de bordo grosso, barro vermelho, ambos (B 1).

*Grupo 10*—N.º 2: fragmento do bordo de um vaso esférico de ca. 15 cm. de diâm. na boca, preto por dentro, camada de castanho-acinzentado por fora, bem trabalhado; por baixo do bordo um mamilo alongado em sentido horizontal (A 1).

Encontraram-se bocados de terra com camadas finíssimas de cor vermelha aderentes, talvez da superfície de cerâmica pintada.

## III. MAMOAS COM VESTÍGIOS DE ANTAS DESTRUÍDAS

Tais restos encontram-se em vários lugares da herdade.

### N.º 100 — ANTA 12 DA HERDADE DAS AREIAS

*Situação:* a Nordeste do caminho do Monte do Cebolinho para o Monte dos Gorginos, ca. 200 m. a Noroeste do cruzamento deste caminho com os caminhos das Vidigueiras, da Cumia e do Monte das Areias.

Grande *tumulus*. 1 esteio da câmara conservado; a 11 m. de distância dele, dois esteios na orla do *tumulus*, provavelmente da porta exterior.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### N.º 101 — ANTA 13 DA HERDADE DAS AREIAS

*Situação:* 200 m. a Noroeste da malhada de porcos da herdade, numa elevação do terreno que se estende em direcção Sudeste-Noroeste, há um cabecinho artificial com restos de umas pedras empinadas.

### N.º 102 — ANTA 14 DA HERDADE DAS AREIAS

*Situação:* ca. 300 m. a Noroeste da anta 5 das Areias, na margem Este do ribeiro dos Gorginos. *Tumulus*, com uma cavidade no centro, que poderia provir da anta arrancada. Muitas pedras espalhadas em redor; algumas pedras empinadas na orla do *tumulus*.

## ANTAS DA HERDADE DO CEBOLINHO (5 ANTAS)

### N.º 103 — ANTA 1 DA HERDADE DO CEBOLINHO (Est. XL, 45; Ests. XXXIII, XXXIV, XXXVI, XLIV, LIX)

*Situação:* 200 m. a Oeste do Monte do Cebolinho.

*Construção:* grande dólmen de corredor, compr. 9,20 m.

*Câmara:* poligonal, 4×4 m. de diâm., formada por 7 esteios, três dos quais (*a*, *d* e *e*) estão de pé e conservam toda a sua altura, dois (*b* e *c*) estão *in situ*, mas têm os topos partidos ao nível do chão actual. Faltam o esteio junto da entrada do lado sul e a cabeceira; uma figueira, que está no lugar da cabeceira, impede aí as pesquisas. Alt. do chão primitivo 3,40 m. Um grande fragmento do chapéu está deitado na parte nordeste da câmara e na entrada. A entrada da câmara tinha ca. 1,40 m. de larg.; não se conservam restos da construção da porta.

*Corredor:* compr. 4 m., o que, segundo a orla do *tumulus*, corresponde ao comprimento primitivo. 3 esteios conservados; alt. 1,10 m.; 2,30 m. mais baixo do que a câmara; larg. 1,60 m. Os dois pilares da entrada do corredor, que dão à porta uma larg. de 0,70 m., estão dentro do círculo de blocos que circundam o *tumulus*.

*Tumulus:* diâm. 15 m., quase totalmente destruído, mas marcado pela coroa de blocos.

*Orientação:* Este 15º Sul.

*Escavação:* A anta certamente já foi saqueada várias vezes. No centro da câmara havia uma grande cova, que, como disseram, fora feita há uns anos, para «abrir um poço». Em consequência de tantos remeximentos, o estado dos objectos ainda existentes era muito defeituoso: a maior parte das placas e a cerâmica só saíram em fragmentos. Da indústria de sílex também havia poucos restos. Apesar disso, a anta deu uns objectos de valor. Em virtude deste estado da anta, não se indica a posição dos objectos encontrados.

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

*Espólio (Est. XXXIII, XXXIV, LIX).*

### 1. *Objectos de sílex e quartzo.*

4 *pontas de seta retocadas*, todas de base recta ou côncava, retocadas de ambos os lados e de trabalho finíssimo; N.º 9: de sílex preto, com fino denteado marginal; N.º 10 e 11: de sílex cor de damasco, o último de trabalho esmerado; N.º 12: de quartzo.

5 *fragmentos de facas*, N.ºs 2-5 e 8: todas finas e estreitas, de sílex cinzento-acastanhado.

1 *fragmento de lâmina retocada* em ambos os bordos, completamente plana, de sílex cinzento-acastanhado.

4 *pedaços amorfos de cristal de rocha*.

### 2. *Objectos de adorno.*

2 *contas grandes*. N.º 13, alongada, bicónica, de cor cinzento-acastanhado-claro, de xisto verde-claro em decomposição; N.º 14: alongada, bicónica, de basalto.

115 *contas pequenas*, das quais 42 de xisto azul e azul-acinzentado: 35 contas discóides, N.ºs 24-26; 4 contas cilíndricas, N.º 22; 3 contas bicónicas, N.ºs 15 e 21; 71 de xisto verde-claro, brancas na superfície pela decomposição da pedra: 29 contas discóides de tamanho médio, N.º 19; 36 contas discóides pequenas, N.º 18; várias destas pegadas, a duas, três e até cinco; 6 contas bicónicas, N.ºs 16, 20 e 27; 1 pequena conta discóide de pedra branca, N.º 23; 1 pequena conta esférica de osso, N.º 17, com perfuração cilíndrica; 1 pequeno disco de xisto sem perfuração.

### 3. *Objectos de osso.*

5 fragmentos de pequenos artefactos em forma de pauzinhos, N.º 7; 2 fragmentos de ossos trabalhados, de interpretação indefinida; outro fragmento igual, que parece ser de xisto, N.º 6; 2 dentes de animais.

*Placas de xisto gravadas (Est. XXXIV).*

*Total: 31 placas, das quais 15 inteiras ou reconstituíveis.*

*Placa de contorno recortado (antropomorfa):*

N.º 7: de corpo rectangular e cabeça lisa ligeiramente trapezoidal; no corpo ornato de duas filas de dentes de lobo, encimadas por uma faixa riscada horizontal e faixas verticais ligeiramente recurvadas para fora.

*Placas de ornamentação exclusivamente geométrica:*

a) *com a cruz oblíqua*. N.º 13: placa de xisto verde-claro com decoração bilateral; num lado a cruz em multiplicação ornamental; no outro zigue-zagues, na parte superior quase destruídos, que parecem cobrir toda a placa; dois orifícios cónicos.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

b) com ornato de dentes de lobo. 10 placas e 3 fragmentos: N.ºs 1-6, 8, 10-12, 17, 20, 25 e 27.

*Material:* N.º 12: de xisto verde-claro, igual ao N.º 13. *Trabalho:* fino N.º 2 e os fragmentos N.ºs 20, 25 e 27; irregular N.º 4. *Parte inferior:* N.ºs 3-5: duas filas de dentes de lobo; N.º 2: três filas; N.º 8: 8 filas; N.ºs 12 e 25: alternando com faixas lisas. *Parte divisória:* N.ºs 1, 2, 8, 10 e 20: sem divisão; N.ºs 5, 11 e 27: faixa simples, lisa; N.º 6: faixa de espinha; N.º 4: faixa dupla lisa e riscada; N.º 3: triângulos deitados. *Parte superior, tipo I:* N.ºs 1, 4, 5, 11 e 27. *Parte superior, tipo II:* N.ºs 2, 3, 6, 8, 10 e 20. *Orifício:* N.ºs 2 e 6: sem orifício; N.ºs 1, 3-5, 8, 10, 11 e 20: com um orifício.

c) com ornato de zigue-zagues — 2 placas e 7 fragmentos: N.ºs 14, 15, 18, 19, 22, 26, 28 e Est. XXXVI, N.º 13.

*Material:* N.º 22: de xisto verde-claro, branco pela decomposição, ornato já quase invisível. *Trabalho:* fino N.º 18. *Parte divisória:* N.º 14: faixa simples lisa; N.º 15: com ornato de espinha. *Parte superior, tipo I:* N.º 14. *Parte superior, tipo II:* N.º 15. *Orifício:* N.ºs 14 e 15: com um orifício; N.º 22: com dois orifícios. Est. XXXVI N.º 13: fragmento de trabalho finíssimo, com os zigue-zagues um pouco oblíquos em relação ao bordo; de báculo?

d) N.º 9: de trabalho finíssimo, filas de dentes de lobo alternando com zigue-zagues e zigue-zagues deitados; parte superior, tipo II, 2 orifícios.

e) com ornato de xadrez: 1 placa e 1 fragmento.

N.º 16: parte divisória lisa, parte superior tipo I.

f) com ornato de espinha: fragmentos de uma placa, N.º 21.

g) 2 fragmentos da parte superior, um deles do tipo I, o outro do tipo II.

*Báculos de xisto (Est. XXXVI):*

N.º 6: fragmento de um grande báculo, uma fila de dentes de lobo no bordo exterior, seguida por 4 faixas riscadas paralelas; N.º 8: fragmento do punho de um grande báculo, superfície lascada.

### 5. Cerâmica (Est. XXXIII).

Toda a cerâmica pertence, em formas e fabrico, ao período eneolítico. Típica desta anta é uma cerâmica dura e polida, de cor vermelho-claro-acinzentado, da qual são protótipos os N.ºs 31 e 45; esta cerâmica constitui um tipo intermediário entre os tipos A 2 e B 3. Nas estampas vem designada com a letra A 2.

#### *Grupo 1 — Vasos pequenos esféricos e esférico-achatados:*

N.º 30: cinzento-claro-avermelhado por fora, cinzento por dentro, bem trabalhado, restos de polimento (A 2); N.º 32: corpo cilíndrico, bordo saliente, cinzento-acastanhado por fora, vermelho por dentro, polido (A 1); fragmento do fundo, preto no interior (A 2).

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

### *Grupo 2 — Vasos esféricos e esférico-achatados de tamanho maior:*

*Vasos do tipo A 2* — N.º 31: de boca larga, bem trabalhado e polido, vermelho-claro com manchas cinzentas; N.º 40: de fabrico igual, achatado; fragmento do bordo de um vaso semelhante ao N.º 31; fragmento do bordo de um vaso grande e espesso; N.º 36 a: fragmento do bordo de um grande pote, cinzento-claro, bem polido; 2 fragmentos do bordo de vasos semelhantes.

*Vasos do tipo C*: 2 fragmentos do bordo de vasos pretos.

### *Grupo 4 — Taças:*

*Taças do tipo A 2* — N.º 36: taça alta, de cor cinzento-claro-avermelhado, o bordo acentuado; N.º 39: grande taça de boca larga, de cor cinzento-acastanhado por fora, cinzento-escuro por dentro, polida; N.º 41: taça baixa, cor e fabrico idênticos ao N.º 36; fragmento do bordo de outra grande taça; taça minúscula de cor vermelho-claro-acinzentado.

*Taças minúsculas do tipo B* — N.º 28: de cor vermelho-claro, restos de uma camada de cor vermelho-vivo (B 2); superfície por fora destruída, por dentro vermelha; N.º 41 a: fabrico igual ao N.º 28 (B 2).

### *Grupo 5 — Vasos esféricos de colo estrangulado:*

*Vasos do tipo A 2* — N.º 34: cinzento-avermelhado por fora, cinzento-escuro por dentro, trabalho grosseiro, bordo acentuado, polido; N.º 35: cinzento-avermelhado de ambos os lados, bem trabalhado; N.º 46: fragmento do bordo, cinzento-avermelhado; mais um fragmento do bordo, de curvatura idêntica, bem polido por dentro.

### *Grupo 6 — Vasos bicónicos e de parede côncava:*

N.º 48: vaso minúsculo de corpo cónico e fundo achatado, vermelho-claro-acinzentado (A 2).

*Vasos do tipo C* — N.º 42: 2 fragmentos do bordo e 2 do fundo de um vaso fino de corpo cónico e fundo esférico, preto por fora, por dentro preto na boca, vermelho-escuro no fundo, bem polido; N.º 43: 3 fragmentos do bordo e um do fundo de um vaso chato de corpo côncavo e fundo plano, cinzento-escuro de ambos os lados, polido; fragmentos de mais 2 vasos semelhantes.

*Grupo 7 — Grande vaso de corpo cilíndrico, cinzento-avermelhado por fora, preto por dentro* (A 2).

### *Grupo 8 — Vasos de fundo plano. Pratos:*

N.º 45: taça chata de fundo plano, de cor vermelho-claro-acinzentado, trabalho fino, polido (A 2); N.º 44: 2 fragmentos do bordo e um fragmento do fundo de um prato vermelho (B 1); 2 fragmentos de fundos planos, cinzento-claro, polidos.

*Grupo 12 — N.º 47: vaso de parede côncava e fundo esférico de cor cinzento-avermelhado de ambos os lados* (A 2). Por baixo do bordo umas finas incisões: uma linha horizontal e, por baixo dela, uma fila de pequenos triângulos deitados.

São ainda notáveis: um fragmento do bordo de um grande vaso e outro da parede de um vaso, ambos do tipo (B 3).

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### N.º 104 — ANTA 2 DA HERDADE DO CEBOLINHO (Est. XL, 21):

*Situação:* 600 m. a Leste 35° Norte do Monte do Cebolinho, na berma sul do caminho do Monte do Passo ao Monte do Cebolinho, perto do limite destas duas herdades.

*Construção:* dólmen de corredor comprido, compr. total 7,60 m.

*Câmara:* poligonal, larga, quase rectangular,  $2 \times 2,90$  m. de diâm.; a parede da entrada paralela à cabeceira; 7 esteios, todos *in situ*, mas em parte caídos; larg. da entrada 1,20 m. Fragmentos do chapéu na câmara e em redor da anta.

*Corredor:* compr. 5 m; ainda tapado por dois enormes e espessos blocos, tendo o do lado da câmara  $3,20 \times 1,60$  m. de diâm. O corredor está fechado por fora por uma laje atravessada, de 1,30 m. de compr., que indica também a orla do *tumulus*.

*Tumulus:* restos apreciáveis conservados. Na superfície do *tumulus*, sobretudo no lado sul da anta, encontram-se fragmentos de lajes de xisto.

*Orientação:* Este 15° Sul.

### N.º 105 — ANTA 3 DA HERDADE DO CEBOLINHO

*Situação:* 500 m. a Nordeste do Monte do Cebolinho, 150 m. a Oeste, 30° Norte da anta 2 do Cebolinho, do outro lado do caminho, 100 m. ao norte dele; em campo raso.

*Construção:* câmara poligonal,  $3 \times 2,40$  m. de diâm.; alt. máx. (cabeceira) do chão actual 1,90 m. 7 esteios *in situ*, em parte partidos nos topos.

*Corredor:* um esteio da parede norte conservado.

*Tumulus:* destruído.

A anta está cheia de pedras, o que impediu um exame mais pormenorizado.

### N.º 106 — ANTA 4 DA HERDADE DO CEBOLINHO (Est. XL, 19)

*Situação:* 800 m. a Sul 30° Oeste do Monte do Cebolinho, à beira oeste do caminho deste monte para o Monte da Falcoeira.

*Construção:* dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, alargada,  $2,30 \times 2,80$  m. de diâm.; 7 esteios, todos *in situ*, em parte partidos nos topos; alt. máx. 2,05 m. do chão primitivo.

*Corredor:* uma laje de corredor, aflorando à superfície da terra, visível.

*Tumulus:* diâm. actual 9 m.; alt. conservada 0,85 m.

*Orientação:* Este 20° Sul.

*Escavação:* a anta, já violada, deu bastantes cacos de todos os tipos eneolíticos, faltando, porém, a cerâmica a almagre e escasseando objectos de outras indústrias. Por causas estranhas à nossa vontade, a escavação não pôde ser levada até ao fim, ficando ainda o corredor por escavar.



## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

### Espólio.

*Objectos de adorno:* uma grande conta biconica achatada de xisto verde-claro; uma pequena conta discóide de xisto.

*Placas de xisto:* lascas, uma delas conservando um dente de lobo gravado.

#### *Cerâmica.*

*Grupo 2* — 2 vasos esféricos achatados: *a)* barro cinzento, duro, trabalho fino, camada de cor vermelho-claro (B 3); diâm. na boca 13 cm.; alt. 6 cm. (cf. Est. XXV, 124); *b)* grosseiro, de parede espessa, cinzento-escuro (C); diâm. na boca 10 cm.; alt. 6 cm. (cf. Est. XXV, 47); *c)* fragmentos de 2 grandes potes, cinzentos por fora, um deles preto e polido por dentro (A 1); *d)* vaso esférico de ca. 18 cm. de diâm. na boca, de trabalho fino e cor vermelha (B).

*Grupo 4* — fragmentos de uma taça pequena e de duas grandes: *a)* calote de esfera de trabalho finissimo, bordo delgado, de cor castanho-claro-avermelhado de ambos os lados, polida (A 2); diâm. na boca 15 cm.; alt. 5,5 cm. (cf. Est. XXVI, 9); *b)* grande taça de cor cinzento-avermelhado, grosseira, sem polimento (A 1); diâm. na boca 25 cm.; alt. 10 cm. (cf. Est. XXVI, 30); *c)* taça alta de rebordo para dentro, de cor cinzento-escuro acastanhado, polida (A 2); diâm. na boca 18 cm.; alt. 10 cm.

*Grupo 5* — fragmentos do bordo saliente de dois grandes e espessos vasos de resp. 20 e 24 cm. de diâm. no bojo e ca. 15 cm. de alt., vermelhos, superfície destruída.

*Grupo 6* — 2 finos vasos de parede côncava, ambos de cor castanho-claro e polidos: *a)* diâm. máx. no bojo 11,5 cm.; alt. 5,5 cm. (cf. Est. XXVII, 29); *b)* diâm. máx. no bojo 23,5 cm.; alt. 7 cm. (cf. Est. XVII, 22).

*Grupo 7* — vaso fino de corpo quase cilíndrico, castanho-claro de ambos os lados (A 1); diâm. na boca 11 cm.; alt. 7 cm. (cf. Est. XXXIII, 33); fragmento de outro grande vaso de fundo aplanado, cinzento (C).

*Grupo 8* — fragmentos de dois pratos de rebordo espesso e baixo, ambos de cor castanho-acinzentado e de 40 cm. de diâm. (cf. Est. XXXIII, 44, e Est. XVII, 24).

### N.º 107 — ANTA 5 DA HERDADE DO CEBOLINHO

*Situação:* 50 m. ao Norte da anta 4 do Cebolinho.

*Construção:* restos de uma câmara poligonal de ca. 2,80 m. de diâm.; 4 esteios *in situ*, partidos no topo, alt. máx. do chão actual 0,75 m.

*Corredor:* destruído; vestígios do *tumulus*.

### N.º 108 *a, b* — ANTA DA HERDADE DA FALCOEIRA (Est. XXXVII)

*Situação:* 300 m. a Leste da aldeia da Cumiada, 400 m. a Oeste do Monte da Falcoeira, na berma sul do caminho da Cumiada a Falcoeira.

*Construção:* pequeno dólmen de corredor, compr. total ca. 3,20 m.; com uma cista megalítica adjacente.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### a) *Dólmen de corredor.*

*Câmara:* poligonal, ca.  $1,60 \times 2$  m. de diâm., construída provavelmente de 5 esteios, dos quais só três são visíveis: os dois juntos à entrada e mais um do lado sul. Alt. do chão actual 0,60 m. Duas grandes lajes da cobertura, sobrepostas uma à outra, tapam o resto da câmara. Larg. da entrada 0,40 m.

*Corredor:* compr. 1,40 m., um esteio do lado sul, já meio caído, e um pequeno esteio à entrada da câmara.

*Orientação:* Este  $15^\circ$  Sul.

### b) *A cista megalítica.*

Do lado oeste da anta, imediatamente contígua àquela e um pouco desviada do eixo longitudinal da anta para o sul, há uma cista megalítica. Compr. 1,70 m.; larg. resp. 0,75 e 0,90 m.; alt.: cabeceira 0,78 m., esteio *i* 0,70 m., esteio *h* 0,50 m. Os esteios estão ainda um tanto afundados. Desnível entre o bordo superior do esteio *c* da anta e o esteio *i* da cista 0,60 m. A cista é construída com fortes lajes de granito, das quais, antes da escavação, apenas as dos lados sul e oeste eram visíveis, aflorando ao terreno. A pedra do lado norte, um pouco mais baixa e já em decomposição, apareceu durante a escavação. No lado da anta havia, ao mesmo nível, outra pedra (*f*) que parecia fechar a cista daquele lado, mas que, na escavação, mostrava ser apenas um bloco alongado de 0,30 m. de alt. Sobre este bloco descansa a laje oeste da cobertura da anta, a qual, provavelmente, escorregou. A investigação completa deste sector só teria sido possível tirando as lajes da cobertura, do que desistimos para manter a integridade do monumento. Ignora-se, por isso, se há restos dos esteios da anta naquele lado e se os dois monumentos estavam de qualquer maneira ligados pela construção litica. Parece, porém, que a cista, neste lado, não estava fechada.

*Orientação:* Este  $15^\circ$  Sul.

*Tumulus:* os monumentos têm um *tumulus* comum de forma ligeiramente oval ( $10 \times 8$  m.), hoje conservado numa altura de 0,50 m. e rodeado por uma coroa de fortes blocos. O centro do *tumulus* fica entre a cista e a anta.

*Escavação:* por causa das lajes da cobertura, a anta só pôde ser escavada parcialmente. Deu apenas alguns fragmentos de cerâmica, metade dos quais provêm de vasos grandes e grosseiros e cinco de vasos mais finos. Entre estes podem distinguir-se: 1 fragmento do bordo de um vaso esférico de ca. 10,5 cm. de diâm., de cor cinzento-avermelhado; 1 fragmento do bordo de um vaso fino, provavelmente uma taça, de ca. 10 cm. de diâm. na boca, de barro preto coberto no interior por uma camada vermelha acastanhada, bem polido por ambos os lados (cf. Est. XXXIII, 42). Enquanto a anta estava cheia de entulho recente, a cista continha, até ao chão, uma terra barrenta, igual à do terreno circundante. Nada se encontrou, além de um pequeno caco fino de barro preto (esp. 6 mm.), no género da cerâmica da anta e que, por isso, poderia ter entrado posteriormente, ao encher-se a cista com terra do terreno adjacente.

Em virtude disso, o conjunto destas duas construções, no mesmo *tumulus*, não deu quaisquer esclarecimentos acerca da prioridade de uma delas. A sua posição na mamoa também é, sob este aspecto, duvidosa. Salienta-se a orientação igual da anta e da cista e a posição da última, com o lado da entrada quase tapado pela anta. Este último facto poderia levar à hipótese de que a cista tivesse sido a primeira a ser construída. Do outro lado a

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

posição da cista, enterrada no chão, poderia corresponder a uma sepultura, cuja entrada não seria pelo lado, mas por cima, o que colocaria esta construção ao lado das cistas de lajes de xisto da época do bronze.

### N.º 109 — ANTA 1 DA COURELA DA CUMIADA

*Situação:* ca. 1,5 km. ao Norte da aldeia da Cumiada, a Oeste do caminho da Cumiada ao Monte das Areias, na fazenda de José Rusga.

*Construção:* restos de um dólmen de corredor comprido, compr. total 7 m.

*Câmara:* 6 esteios de uma câmara poligonal, de difícil interpretação.

*Corredor:* entre estes restos da câmara e duas grandes lajes da cobertura do corredor há um vácuo de 1,30 m. No sector exterior do corredor vêem-se ainda 3 pequenos esteios, um do lado norte, sobre o qual descansam ambas as lajes da cobertura, e dois na porta exterior.

*Tumulus:* o declive do terreno desde a câmara até à entrada exterior é de 1 m.

*Orientação:* Este 5º Sul.

### N.º 110 — ANTA 2 DA COURELA DA CUMIADA

*Situação:* ca. 500 m. ao Norte da aldeia da Cumiada, à beira oeste do caminho da Cumiada ao Monte das Areias, perto de um poço e da esquina de uma tapada, num azinhal, em terreno plano.

*Construção:* três esteios (a cabeceira, o esteio adjacente norte e o esteio sul da entrada) conservados, indicando uma câmara poligonal de 2,20×3 m. de diâm. Cabeceira 1,90 m. de larg.; alt. 0,70-1 m. do chão actual.

*Corredor e tumulus:* destruídos.

*Orientação:* Este, 15º Sul.

## ANTAS DA HERDADE DA FARISOA

### (7 ANTAS)

Há 7 antas nesta herdade, 6 delas em ambos os lados do caminho que segue da malhada de porcos da herdade para Reguengos, passando pelo cabecinho onde estava o Monte da Arriba, hoje destruído. As antas estão bastante bem conservadas, mas os chapéus, caídos para dentro das câmaras, impedem a escavação de três delas.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### N.º 111 — ANTA 1 E THOLOS DA HERDADE DA FARISOA (Ests. XIV-XVII, XLVII-LI)

*Situação:* 50 m. a Oeste da malhada de porcos da herdade da Farisoa, numa pequena elevação do terreno.

#### I—A ANTA (Ests. XIV, XV, XLVII, LVIII, LXI, XL, 36)

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 8 m.

*Câmara:* 3,20 m. de diâm.; 7 esteios, 6 dos quais *in situ*. O esteio *c* está muito inclinado para dentro e do esteio *d* apenas se conserva a parte inferior que apareceu durante a escavação. A cabeceira, a pedra mais larga da câmara, está ligeiramente sobreposta pelos esteios adjacentes (*b* e *g*); dos outros apenas o esteio *e* se sobrepõe ao *f*. Alt. do chão primitivo 2 m. Falta o chapéu, estando um grande fragmento caído no *tumulus* por detrás da cabeceira. A largura da entrada é de 1 m. e reduz-se a 0,80 m. por duas lajes de umbral, das quais apenas a pedra *i* estava *in situ*; a pedra *h* via-se caída no chão do corredor, sendo a sua posição primitiva indicada na planta. Entre a pedra *i* e o primeiro esteio do corredor (*k*) havia mais um pilar (*j*), um pouco mais alto do que *i*, hoje caído. Análogamente à construção da porta da anta 1 das Vidigueiras e da anta 2 do Monte Novo, a porta deve ter sido construída com 4 pilares, o segundo dos quais, do lado norte, assim como o primeiro esteio do corredor naquele lado, desapareceram.

*Corredor:* compr. total 4 m.; larg. resp. 1,60 e 1,20 m.; alt. 1,10 m.; 0,80 m. mais baixo do que a câmara; formado por 4 esteios, dois mais pequenos ao lado da câmara, seguidos por dois grandes de 2,30 e 1,90 m. de compr. Por fora destes grandes esteios, segue um sector de 1,20 de compr., cujas paredes são constituídas por uma fila de blocos, na parede sul, todos de granito e, na parede norte, alternando, no segundo plano, com lajes de xisto. Considerando a configuração singular deste sector e o emprego de lajes de xisto, estranho à construção megalítica, julgamos que o corredor primitivo da anta tivesse terminado com os esteios *n* e *o* e que a parte exterior fosse acrescentada pelos construtores da *tholos* para que as entradas dos dois monumentos se unissem.

*Tumulus:* vide pág. 290.

*Orientação:* Este 30° Sul.

*Escavação:* a anta, já remexida, continha os objectos restantes do espólio disseminados por todas as camadas, aumentando, porém, os achados na parte inferior até ao chão primitivo. Na câmara não se notou, consequentemente, qualquer relação entre os objectos e a sua posição primitiva. No corredor, a posição dos vasos N.º 20 e 21, no chão, perto do esteio *m*, um dos quais com uma enxó, é idêntica à que encontramos várias vezes em outras antas, o que corresponde ao ritual neolítico. Por isso é verosímil que a posição destes vasos, embora o N.º 20 estivesse voltado com o fundo para cima, indique ainda o lugar onde primitivamente foram postos. Dos machados, os N.ºs 34 e 35, de aspecto neolítico provêm do corredor, sendo as duas grandes enxós, N.ºs 32 e 33, encontradas na câmara, de um período avançado. As placas de xisto apareceram todas na câmara.

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

Além dos objectos de indústria, havia, sobretudo na camada superior da câmara, fragmentos de lajes de xisto, sem dúvida provenientes da *tholos* e, em todas as camadas inferiores, pequenos bocados de ossos. Uma oliveira, que está no canto entre os esteios *a* e *g*, impediu a escavação daquele sector; também, por baixo do esteio *c* caído, parte da terra não pôde ser examinada.

*Espólio da anta* (Ests. XV, LVIII, LXI):

### 1. *Objectos de pedra polida.*

N.º 32: grande enxó de xisto azul-esverdeado-claro, secção rectangular, face superior algo abaulada, a inferior completamente plana; gume oblíquo, perfeito, trabalho grosseiro, polimento só no gume. Posição: ao canto, entre os esteios *c* e *d*; N.º 33: grande enxó, material e trabalho idênticos ao do N.º 32, posição: diante do esteio *f*, na camada inferior; N.º 34: machado de xisto verde-acinzentado, secção cilíndrica, trabalho fino, polido apenas no gume, posição: vide planta; N.º 35: enxó cinzento-azulado, secção rectangular, trabalho grosseiro, polido só na metade inferior da face superior, partido no topo. Posição: no corredor, junto do vaso N.º 20, vide planta; N.º 19: pequena pedra oval, quartzite, de cor castanho-claro, com um lado plano e polido (triturator?).

### 2. *Objectos de sílex, xisto e quartzo.*

4 *micrólitos trapezoidais* — N.º 4: de sílex castanho-acinzentado; N.º 5: de sílex castanho-claro; N.º 6: de sílex amarelo-claro; N.º 7: de sílex castanho, retoque em redor; os N.ºs 6 e 7 têm a base recta sem retoque, talvez fracturas recentes.

3 *pontás de seta* — N.º 1: de sílex cinzento-azulado, bem trabalhada, base côncava, bordos serrilhados; N.º 2: de quartzo branco, trabalho finíssimo, base recta; N.º 3: de xisto vermelho, grosseira, base côncava.

2 *fragmentos de facas finas*: sem retoque, ambas de sílex castanho-acinzentado.

### 3. *Objectos de adorno.*

N.ºs 10-17: 12 pequenas contas discóides de xisto; N.º 18: fragmento de um berloque de xisto azul-esverdeado-claro com manchas brancas, material idêntico ao do ídolo chato da anta do Olival da Pega.

### 4. *Objectos de osso.*

N.º 19 *a*: fragmento de um artefacto de secção cilíndrica em forma de pauzinho.

### 5. *Placas de xisto gravadas* (Ests. XV, LXI).

N.º 29: fragmento de uma grande placa com ornato de zigue-zagues, faixa horizontal de espinhas, parte superior do tipo II; N.º 30: placa arredondada com 5 filas de dentes de

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

lobo e indicação do tipo I na parte superior; N.º 31: placa com ornato de zigue-zagues na parte inferior, faixa horizontal de espinhas, na parte superior duas faixas formando arco, ao lado das quais os «olhos» com irradiações; N.º 27 e 28: dois fragmentos com ornatos de dentes de lobo e de xadrez.

### 6. Cerâmica (Ests. XV, LVIII).

A anta continha cacos de todas as formas e espécies da época eneolítica. A cerâmica proveniente da câmara está tão destruída que, em nenhum caso, permite a reconstrução do vaso e apenas, poucas vezes, a definição da sua forma. Com excepção dos N.ºs 23 e 25, os vasos reproduzidos encontraram-se no corredor. Não faltam alguns cacos da cerâmica a almagre. O tipo de vaso pequeno é documentado por alguns pequenos cacos do bordo, mas a maior parte dos fragmentos indica vasos de tamanho maior. Aparecem o vaso esférico, a taça e o vaso de fundo esférico e bordo um pouco saliente, lembrando o vaso campaniforme. Há dois fragmentos de pratos grosseiros e um caco vermelho, também grosseiro, com restos de um mamilo. Um pequeno vaso quase inteiro, com dois mamilos por baixo do bordo, pertence ao grupo dos vasos rituais com representação simbólica.

*Grupo 1* — fragmento do bordo de um pequeno vaso esférico, vermelho-amarelado, preto no bordo e no interior (B 3); fragmentos do bordo de mais 3 pequenos vasos esféricos, dos tipos A 1 e B 3.

*Grupo 2* — N.º 24: vaso esférico maior, grosseiro, barro vermelho, camadas de cor cinzento-avermelhado, já muito destruídas (A 1), provém do corredor; N.º 25: vaso esférico fino, barro cinzento, fina camada de vermelho-claro de ambos os lados; do lado de fora mancha de cor cinzento-avermelhado, por dentro pintura de cor vermelho-vivo (B 2). Da cerâmica a almagre há, além do vaso N.º 25, mais uns fragmentos, cuja curvatura indica pertencerem a vasos esféricos: a) caco de parede, de cor e fabrico idênticos ao do N.º 25, um pouco mais espesso, mas talvez pertencente àquele vaso; b) caco de parede, barro cinzento-avermelhado, esp. 7 mm., por fora preto e vermelho, por dentro camada pintada de vermelho-vivo; c) fragmento de bordo, barro cinzento, com camada vermelha fina, vestígios de pintura vermelha no interior. Do tipo B 3 há um fragmento de bordo de barro cinzento (esp. 4 mm. no bordo, aumentando até 8 mm.), camada fina de cor vermelho-amarelado-claro, bordo e interior pretos, bem polido de ambos os lados.

*Grupo 4* — N.º 22: taça fina, de barro cinzento, camada de vermelho-amarelado-claro por fora (B 3); N.º 23: taça de bordo reentrante, de cor castanho-claro-avermelhado, um pouco polido (A 1); fragmento do bordo de uma pequena taça fina.

*Grupo 5* — N.º 21: vaso esférico de colo ligeiramente estrangulado e bordo saliente, fundo levemente curvo, grosseiro e de forma irregular, cinzento, um tanto polido (A 1). Posição: no corredor, vide planta; N.º 26: fragmento do bordo de um vaso semelhante (A 1); mais 2 cacos de vasos com bordo saliente (B 3).

*Grupo 6* — fragmento de um grande vaso, cinzento-avermelhado, e de outro pequeno (A 1).

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

*Grupo 10* — fragmento vermelho de um grande mamilo (B 1).

*Grupo 11* — N.º 20: pequeno vaso esférico, barro preto, camada de castanho-claro por fora e por dentro, polido, por baixo do bordo dois mamilos à distância de 3 cm. (A 1). Posição: vide planta.

### II — A THOLOS

#### *Construção e escavação* (Est. XIV).

Ao lado nordeste da anta viam-se, apenas aflorando à terra, os pontos de mais alguns blocos de granito (1-3, 5, 6) de altura um pouco inferior aos do corredor da anta. Seguindo a direcção destes blocos, descobriu-se um pequeno corredor. O reconhecimento da significação destes vestígios foi facilitado pela lembrança de sinais idênticos que revelaram a *tholos* no *tumulus* da anta 2 da Comenda.

Da própria *tholos* não havia vestígio algum à superfície da terra. Só uma inspecção cuidada revelou que uma parte da superfície do *tumulus* se diferenciava do terreno adjacente por ser menos profundamente arado e estar coberto de mais erva brava. Viu-se no decurso da escavação que este espaço correspondia à câmara da *tholos*. Descobrimo pouco a pouco os alicerces da câmara, encontrámo-nos em presença de um grande recinto de forma ligeiramente oval, com 4,50 m. de diâmetro no sentido longitudinal e 3,80 no transversal. A sua escavação, depois de termos posto a descoberto os bordos superiores do círculo de lajes, fez-se por camadas subsequentes e levou bastante tempo. Feita a escavação, cujos pormenores descreveremos a seguir, a parte da *tholos*, hoje conservada, apresenta-se da seguinte forma:

*Câmara:* uma cavidade oval de 11,40 m. de profundidade encontra-se revestida de lajes de xisto, das quais se conservam, hoje, 19, formando 17 delas uma fila ininterrupta dos lados norte e este (Est. XLIX). No fundo da câmara, as lajes que revestem a parede estão quase destruídas, conservando-se apenas a parte inferior. Seguindo para oeste, 2 metros da parede não apresentam revestimento de lajes, o qual, porém, deveria ter existido primitivamente. Neste sector encontrou-se, a meia altura da escavação, terra queimada e cinzas, deixando presumir que tivesse havido ali, em uma época posterior, uma lareira junto da parede, o que explicaria a destruição das lajes nesse espaço. Ignora-se a proveniência de uma laje de granito deitada obliquamente sobre a parte superior da cavidade, neste sector (Est. LI). No lado sudoeste, contíguo à anta, blocos de granito alternando com as lajes de xisto reforçam a construção da *tholos* para resistir melhor à pressão exercida pelos esteios da anta (Est. XLVII). Toda a cavidade era primitivamente revestida por 22 lajes de xisto e 4 blocos de granito.

No espaço entre as paredes da anta e as da *tholos* encontra-se mais material de reforçamento. Vêem-se, ao lado do grande esteio *m* da anta, vários blocos de granito servindo de cunhas. Entre a câmara da anta e a *tholos* há terra misturada com pedras e lajes de xisto. No lado nordeste, na terra por detrás da parede de lajes, não se vê pedra alguma, porquanto aquela pertence já ao terreno virgem por baixo da colina artificial. Encostadas a este muro bastante sólido, estão colocadas as lajes de revestimento sem qualquer argamassa, conservando-se no seu lugar por estarem ligeiramente inclinadas para trás. A sua espes-

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

sura primitiva, raras vezes conservada, era de 4 a 5 cm.; hoje, porém, em virtude da sua decomposição, algumas já só têm 2 a 3 cm.

O chão da câmara é formado por substâncias do terreno virgem, constituído por camadas graníticas decompostas, nas quais estão inseridas as lajes da parede a 20 cm. de profundidade aproximadamente. O chão está 0,75 m. mais baixo do que o chão primitivo da anta (Est. XIV, E-F). Visto que o chão das antas costuma estar 30-40 cm. abaixo do terreno, podemos calcular a profundidade da *tholos* em mais de um metro.

A entrada da câmara tem 0,55 m. de largura e a altura considerável de 1,40 m. No seu lado oeste está um bloco de granito (7) que, pelas suas arestas arredondadas, apresenta, do lado da câmara, o aspecto de um pilar (Ests. XLVII, L), em volta do qual se vêem seis pedras de cunha como reforço desta esquina da entrada. O pilar oposto (8) está quase totalmente destruído por causa da decomposição do granito, conservando-se apenas a sua parte inferior.

O corredor, de 2,20 m. de comprimento, é irregularmente oval, aumentando de largura desde 0,55 m. à entrada da câmara, até 1 m. no meio, e estreitando-se outra vez para a saída, que tem aproximadamente 0,60 m. de largura. Esta forma do corredor deve-se sobretudo à maior curvatura da parede que fica junto à anta, a qual foi, sem dúvida, provocada pelo mesmo desejo de segurança que influenciou a construção da parede da *tholos* neste lado. As paredes do corredor são formadas por blocos de granito, alternando com lajes de xisto, predominando os primeiros do lado da anta (Est. XIV C-D). O chão do corredor sobe 0,75 m. da entrada da câmara até à saída, unindo-se, nesta altura, com o corredor da anta. Pela diminuição progressiva da altura dos esteios, que escavámos até atingirmos as pedras de cunha ao nível do chão, pode afirmar-se que o corredor era em forma de rampa. À entrada da câmara a rampa é mais íngreme, formando uma espécie de degrau de 0,20 m. de altura; o mesmo sucede à saída (Est. XIV, C-D). A altura do corredor diminui, consequentemente, de 1,40 m. à entrada da câmara, até 0,80 m. no último esteio hoje existente à entrada do corredor. A escavação do corredor não deu nada, a não ser uns restos de ossos e dois pequenos cacos à entrada da câmara, o que prova que não servia para inumações. Também nele faltavam lajes de xisto que pudessem provir de uma cobertura em forma de abóbada. Por isso é de presumir que a sua cobertura tivesse sido megalítica, análoga à construção da *tholos* da Comenda e de muitas sepulturas de cúpula de Los Millares.

Quanto à construção da câmara da *tholos*, não há dúvida de que, por cima das lajes de xisto da parede, se erguia uma falsa cúpula de lajes do mesmo material. Em toda a terra que enchia a *tholos* havia tantas destas lajes que aquelas que estavam mais próximas da superfície, impediam a penetração do arado. Na parte sul da câmara, a 0,40 m. de profundidade, as lajes estavam obliquamente empilhadas, tal como a queda da cúpula podia tê-las deixado, posição essa idêntica à verificada, no mesmo sítio, na *tholos* da Comenda. Essa disposição talvez provenha do último desmonoramento da cúpula, em volta da porta, parte que também no dólmen de cúpula de Vale de Rodrigo, melhor se conservou.

Por cima da laje 23 da parede conserva-se uma laje de granito em posição quase horizontal, um pouco erguida para o interior da câmara (Est. XIV, a). Análogamente à



## PREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

*tholos* da Comenda, onde, ao lado da anta, as primeiras camadas da cúpula são formadas por lajes de granito, também esta laje poderia pertencer à base da cúpula (cf. Ests. X, XLV).

Todo o entulho dentro da câmara, desde a superfície até ao fundo, consistia em uma mistura de terra e de lajes de xisto, que se acumulavam ao acaso, mais em alguns sítios do que em outros. As lajes eram bastante grandes, atingindo as que pareciam inteiras 0,40 a 0,60 m. de comprimento e 0,25 a 0,40 m. de largura, sendo muito frequentes as de 0,50×0,30 m. Ao lado destas lajes maiores havia inumeráveis fragmentos, e todos estes restos da cúpula se amontoavam em redor da escavação (Est. LI).

Nesta mistura de terra e lajes encontraram-se, em todas as camadas, a partir da profundidade de 0,20 m., cacos de cerâmica, nas duas camadas superiores, sobretudo fragmentos de vasos grosseiros de épocas posteriores. A 0,40 m. de profundidade apareceram os primeiros ossos humanos. Segue-se a indicação dos factos de interesse e da posição dos objectos mais importantes do espólio.

O primeiro caco de cerâmica antiga saiu de 0,20 m. de profundidade. É de cor vermelho-vivo, pintado a aguada e pertence à cerâmica a almagre (Est. XVII, 14). Poderia ter sido trazido da anta, a cuja cultura pertence. Um caco de rebordo de um vaso idêntico na forma e no fabrico encontrou-se na segunda camada (Est. XVII, 12). À primeira camada pertence ainda metade da placa de xisto gravada (Est. XVI, 44), tendo-se encontrado a outra metade desta placa à profundidade de 0,90 m., perto de um fragmento da placa N.º 45.

Na segunda camada, até 0,50 m. de profundidade, havia muitos ossos e fragmentos cranianos junto das lajes da parede 2-4, onde a terra era mais limpa. Ali se encontraram: um fragmento do pequeno vaso ornamentado com duas cavidades (Est. XVI, 27) e um caco de vasos do tipo da cerâmica B 3 (Est. XVII, 5, 18), encontrando-se mais cacos deste tipo espalhados por todas as camadas. Na segunda e terceira camada, até 0,70 m. de profundidade, o relatório indica em quase todos os sítios muitos ossos, alguns já quase completamente decompostos e outros, sobretudo os compridos, mais bem conservados. Todos estes restos humanos: ossos compridos, fragmentos de crânios e de mandíbulas, dentes, etc., apareceram misturados, formando muitas vezes uma massa compacta, mas sempre sem qualquer relação com uma inumação primitiva. Em caso algum os ossos mostraram o mínimo indicio de terem sofrido a acção do fogo.

Nestas duas camadas o espólio arqueológico aumentava progressivamente. À entrada da câmara encontrou-se a enxó votiva (Est. XVI, 42). Da cerâmica aí encontrada salientam-se: a pequena taça (Est. XVI, 32) e outros restos de vasos minúsculos, alguns cacos de largos recipientes de fundo achatado (Est. XVII, 21 e 22) e de corpo cilíndrico (Est. XVII, 19) e o fragmento maior do vaso (Est. XVII, 18). Apareceu também a primeira ponta de seta (Est. XVI, 3) e o fragmento de uma grande faca (Est. XVI, 24).

Ao lado norte do esteio granítico N.º 12, havia, ao nível destas camadas, muita terra enegrecida pela acção de qualquer fogo que, provavelmente, foi ali aceso por gente, que posteriormente habitou no recinto, suposição corroborada por se terem encontrado, em redor, muitos cacos de vasos grosseiros. A esses presumíveis habitantes poderia talvez atribuir-se a colocação de algumas lajes de forma regularmente rectangular em posição vertical, duas delas formando ângulo, e outra com o bordo arredondado que se encontraram a este nível.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

Na quarta e quinta camada, até 1,10 m. de profundidade, a terra estava já mais endurecida. Encontraram-se mais pontas de seta, a faca minúscula de cristal de rocha, fragmentos de artefactos de ossos em forma de pauzinhos, a segunda metade da placa de xisto N.º 44 e mais cerâmica dos mesmos tipos. Junto da laje 15 encontrou-se a faca (Est. XVI, N.º 16).

Das camadas inferiores, da sexta e sétima, até ao chão da *tholos*, saiu a maior parte dos fragmentos de facas (Est. XVI, 18-23 e 25). A grande faca de retoque marginal (Est. XVI, 17) foi encontrada juntamente com um fragmento de crânio, ao procurarmos os alicerces da câmara na parte do recinto sem revestimento de lajes, já perto do terreno exterior. Da terra destas camadas provêm ainda várias pontas de seta, entre as quais avultam os números 2 e 6. Da placa de xisto N.º 45 havia mais um fragmento. Da cerâmica é notável: o vaso fino (Est. XVII, 27), a pequena taça vermelha (Est. XVII, 1), a taça preta (Est. XVII, 6) e o fragmento de rebordo perfurado (Est. XVI, 33). Perto da grande faca N.º 17 apareceu uma asa feita de uma massa clara e mole, que pertence talvez à época romana.

Atingido o chão da *tholos*, fizemos pesquisas para verificar se haveria, no centro, qualquer indício de uma coluna, de pedestal de coluna ou de outro suporte de tecto, não se encontrando, porém, nada disso. No centro da câmara havia, no chão, bastante carvão. Este facto é digno de nota por coincidir com o mesmo achado e no mesmo sítio em outras sepulturas, ao passo que os bocados de carvão, encontrados nas camadas superiores, poderiam provir de tempos posteriores.

### *Tumulus:*

A distância de dois metros do ponto de encontro dos corredores da anta e da *tholos* há três blocos empinados, mas não se encontraram, neste espaço intermediário, vestígios de qualquer parede. A colina tumular tem 20 m. de diâmetro, coincidindo o seu centro com o da câmara da anta (Est. XIV). No lado oeste da anta, dois blocos marcam ainda o seu limite; do lado sudoeste vêem-se, já dentro da colina, mais alguns blocos empinados. Visto a distância do centro da câmara à orla do *tumulus*, indicada pelos blocos à entrada, ser apenas de 8 m., e considerando que as colinas tumulares de antas do mesmo tamanho costumam ser, nesta região, mais pequenas, é possível que os blocos da entrada e os que estão dentro do *tumulus* indiquem a colina primitiva da anta, a qual teria sido aumentada ao construir-se a *tholos*, aumento, aliás, indispensável para a construção da cúpula.

*Orientação da tholos:* Sul 20° Este.

Comparando a *tholos* da Farisoa e a da Comenda, nota-se, além da semelhança geral, várias analogias em pormenores de construção. Por isso, é de estranhar que a situação dos dois monumentos, em relação à anta, seja oposta; a *tholos* da Comenda fica do lado sudeste, e a da Farisoa do lado nordeste da anta. Ambas se afastam da orientação ritual, que, também na necrópole de Los Millares, oscila entre um desvio de 10-30° de Leste para Sul. Parece que a vantagem de construir a *tholos* encostada à anta, dependente da configuração do terreno e do seu declive, teria superado a exigência da orientação.

As provas de que a construção da *tholos* é posterior à da anta são resumidas na página 37.

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

### *Espólio da tholos* (Ests. XVI, XVII).

O estado da *tholos*, que acabámos de descrever, revela que sofreu várias pilhagens, pelo que, naturalmente, poucos objectos do espólio primitivo escaparam e estes ainda, na maior parte, partidos. Sobretudo da cerâmica apenas uns vasos minúsculos saíram completos, encontrando-se fragmentos do mesmo vaso várias vezes em diferentes camadas. Também as facas estão, na maioria, partidas, até mesmo as pontas de seta. Apesar disso, o espólio que recolhemos é, ainda, suficiente para determinar a época da construção da *tholos* e a cultura dos seus construtores.

#### 1. *Objectos de pedra polida* (Est. XVI).

N.º 41: parte inferior de um machado de xisto anfibólico, de secção cilíndrica, polido só no gume; N.º 42: pequena enxada votiva de xisto anfibólico azul, bem polida de todos os lados, com excepção de umas partes rugosas em ambas as faces; N.º 43: instrumento alongado, ligeiramente côncavo numa das faces, de xisto cinzento-azulado (polido?); há mais o fragmento de um machado, compr. 8,5 cm., esp. 3,8 cm.; material e fabrico igual ao N.º 41 e provavelmente também a forma que, por causa de lhe faltarem os lados, não pode ser definida, gume destruído, parecendo ter sido utilizado como martelo. Ambos os machados pertencem à cultura da anta, que continha um exemplar igual.

#### 2. *Objectos de sílex, xisto, quartzo e cristal de rocha* (Est. XVI).

10 pontas de seta, todas de base côncava ou recta. Nota-se uma preponderância de pontas trabalhadas em lascas de xisto, em geral de trabalho medíocre, embora as suas formas sejam em parte perfeitas. A falta de micrólitos é típica da cultura das *tholoi*.

N.º 1: de sílex cinzento-azulado; N.º 2: de sílex preto, primitivamente com uma só farpa; N.º 3, 4 e 6: de xisto vermelho; N.º 5: de xisto cinzento-claro, bem trabalhada; N.ºs 7-10: de sílex castanho-claro-amarelado. Apenas o exemplar N.º 2 é completamente retocado de ambos os lados, os N.ºs 1, 3-5, 7-10 têm retoque bilateral nos bordos, o N.º 6 tem retoque unilateral.

*Facas e lâminas retocadas.* Encontraram-se duas peças inteiras e fragmentos de mais 11, das quais a maior parte pertence ao tipo espesso com retoque marginal. N.ºs 16, 21, 22 e 25: facas delgadas sem retoque, todas de sílex cinzento-acastanhado; N.º 24: fragmento grosseiro, sem retoque, de pedra cinzento-azulado; N.º 18: faca delgada, finamente serrilhada em ambos os bordos, de sílex cinzento-acastanhado; N.ºs 17, 19, 20, 23 e 26: lâminas espessas, com retoque, mais um fragmento igual, não reproduzido. N.º 17: grande lâmina curvada, retoque marginal completo do lado esquerdo, do lado direito apenas na parte superior, de sílex cinzento-claro; N.º 19: fragmento de um instrumento igual ao N.º 17, retocado só num lado, de sílex cinzento-amarelado-claro; N.º 11a: fragmento do mesmo material e da mesma forma com retoque em ambos os bordos; N.ºs 20, 23 e 26: de sílex cinzento-acastanhado, retocados em ambos os bordos; N.º 11: faquinha de cristal de rocha.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### 3. *Objectos de osso* (Est. XVI).

N.º 12-15: fragmentos de artefactos em forma de pauzinhos.

### 4. *Placas de xisto gravadas* (Ests. XVI, LXII).

N.º 44: 2 filas de dentes de lobo, parte superior tipo I, sem orifício; N.º 45: pequena placa de padrão único, com o centro sem gravura. Trabalho descuidado, algumas zonas preenchidas com linhas cruzadas, na zona superior ainda com reminiscências da decoração usual com listas verticais. No reverso esboçados os «olhos» e linhas em arco.

### 5. *Disco de xisto* (Est. XVI).

N.º 46: fragmento de uma lasca de xisto, muito grosseiro, com a metade do bordo toscamente arredondada e um buraco biconico no centro. Na outra metade o bordo parece ser fracturado.

### 6. *Cerâmica* (Ests. XVI, XVII, LVIII).

A cerâmica da *tholos* insere-se perfeitamente no quadro da indústria das grandes antas megalíticas do concelho. Encontram-se analogias para todas as formas e para os diferentes tipos de fabrico e cor no rico espólio da anta do Olival da Pega. Inteiros ou reconstituíveis apenas saíram alguns vasos pequenos. Dos cacos de vasos maiores pode deduzir-se que havia também vasos esféricos de tamanho maior e taças grandes, embora não se tivessem encontrado vestígios do vaso globular, tipo que julgamos ser já de um período avançado do bronze. Fragmentos de dois vasos mostram ornamentação simbólica, enquanto uns mamilo-grosseiros devem ter servido para fins práticos. Relativamente frequente é o vaso de fundo achatado e parede baixa vertical ou ligeiramente côncava. Com respeito ao fabrico e à cor, notam-se, entre muitos cacos de cor avermelhada, alguns fragmentos de cor vermelho-vivo, pertencentes à cerâmica a almagre, os quais indicam as formas do vaso esférico e da taça. Os fragmentos de um vaso vermelho-amarelado-claro por fora, cinzento por dentro, irregularmente trabalhado, pertence ao tipo B 3. Ao lado de muitos cacos da cerâmica de cor cinzento-acastanhado, alguns deles bem polidos, há também exemplares da cerâmica preta, entre os quais são notáveis os restos de um vaso com o interior preto e perfeitamente polido, análogo à cerâmica simbólica de Los Millares.

#### *Grupo 1 — Vasos pequenos esféricos e esférico-achatados.*

4 vasos minúsculos (Est. XVI) N.º 29: barro vermelho, superfície vermelho-acinzentado (B 1); N.º 30: superfície irregular, cinzento por fora, castanho-claro por dentro (A 1); N.º 31: camada cinzento-avermelhada de ambos os lados (A 1); N.º 32: inteiro, avermelhado (A 1). Há mais um fragmento de uma vaso da mesma forma e do mesmo tamanho.

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

### *Grupo 2 — Vasos esféricos e esférico-achatados de tamanho médio e grande.*

*Cerâmica a almagre:* fragmentos do bordo de dois vasos reconstituíveis e mais fragmentos pertencentes a diferentes vasos. Est. XVII N.º 12: vaso esférico, fino, de barro vermelho, com pedrinhas brancas, esp. da parede 5 mm., camada finíssima de pintura vermelho-vivo por fora e por dentro, exemplar típico; N.º 14: fragmento de vaso de tamanho médio, barro cinzento-escuro, esp. da parede 6 mm., camada vermelha por fora e por dentro, pintada de vermelho-vivo, exemplar típico; fragmentos não reproduzidos: a) fragmento do bordo de um vaso esférico de ca. 14 cm. de diâm., esp. 4-7 mm., cinzento-claro por fora, vermelho-claro por dentro, com restos de polimento; b) caco da parede de um vaso fino, esp. 5 mm., barro cinzento, camadas finíssimas de vermelho-vivo por ambos os lados; c) caco de parede, esp. 6 mm., barro cinzento, por fora vermelho-amarelado, por dentro camada vermelha, pintada de vermelho-vivo; d) caco de parede, esp. 6 mm., barro cinzento, por fora vermelho-escuro com vestígios de pintura, por dentro restos de pintura de vermelho-vivo; e) 1 fragmento do bordo e 3 da parede de um vaso de parede espessa (9 mm.), barro cinzento, camadas finíssimas de vermelho-vivo por ambos os lados. Taça pintada a almagre vide grupo 4.

A cerâmica vermelho-acinzentada pertencem:

Est. XVII N.º 9: esférico-achatado, grosseiro (B 1); N.º 11: vermelho-acastanhado por dentro e por fora (B 1); N.º 17: pequeno, esférico, vermelho-acinzentado (B 1); N.º 5: esférico-achatado, vermelho-claro por fora, cinzento por dentro, grosseiro (B 3). Do tipo de cerâmica cinzento-acastanhado há 4 exemplares: Est. XVI N.º 35: trabalho fino, cinzento-acastanhado por fora, avermelhado por dentro (A 1); N.º 36: semi-esférico, de boca larga, de cor castanho-claro por ambos os lados (A 1); Est. XVII N.º 13: esférico, castanho por fora, acinzentado por dentro, bem polido (A 2); N.º 4: esférico-achatado, cinzento-vermelhado (A 2).

### *Grupo 4 — Taças semi-esféricas e em forma de calote de esfeta.*

Neste grupo há vários exemplares da cerâmica vermelha. Ests. XVII N.º 1: pequena taça chata, de fabrico finíssimo, vermelho-acinzentado, barro vermelho, polido (B 1); N.º 2: barro cinzento, vermelho-acinzentado por fora e por dentro, vestígios de polimento (B 1); taça achatada fina, barro vermelho, por fora vermelho-acinzentado, por dentro vermelha (B 1); N.º 10: taça alta de boca larga, barro e superfície vermelho (B 1); N.º 15: taça grande barro cinzento, de cor vermelho-amarelado por fora, vermelho por dentro, com restos de pintura a almagre (B 2).

Ao tipo da cerâmica cinzento-acastanhado pertencem:

N.º 6: taça chata (A 1); N.º 8: taça de bordo reentrante, avermelhada (A 1); há mais 2 taças deste tipo; N.º 3: taça fina de barro duro, cinzento, castanho-vermelhado por fora, preta e polida por dentro (A 2). Fragmentos de bordo de mais três taças.

### *Grupo 5 — Vasos esféricos de colo estrangulado.*

Est. XVII N.º 18: barro cinzento, vermelho-claro por fora, cinzento por dentro, grosseiro (B 3); Est. XVI N.º 37: fragmento do bordo de um vaso fino, cinzento-vermelhado (B 1).

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### *Grupo 6 — Vasos bicónicos e de parede côncava, etc.*

Est. XVII N.º 20: grande taça alta de fundo esférico, com a parede voltada para dentro 2 cm. por baixo do bordo, grosseiro, de cor cinzento-acastanhado (A 1). Há fragmentos de mais cinco vasos grosseiros e de dois vasos finos que pertencem a este grupo.

Ao grupo do vaso carenado pertencem:

Est. XVII N.º 26: pequeno, alto, barro e superfície em parte cinzento-escuro, em parte vermelho (A 1); N.º 27: trabalho fino, barro e superfície castanho-claro-acinzentado, por dentro castanho-escuro-acinzentado (A 1); N.º 29: chato, preto por fora e por dentro (C); há fragmentos de mais 4 vasos deste grupo. N.º 22: grande vaso de parede baixa e côncava, bem trabalhado, preto-acastanhado por fora, castanho-claro por dentro, polido (A 1); fragmento do bordo de um vaso de forma igual, um pouco mais baixo e outro de um vaso pequeno e fino, de cor castanho-claro; N.º 23: vaso grande de parede côncava (A 1).

### *Grupo 7 — Vasos de corpo cilíndrico.*

Est. XVII, N.ºs 16, 19 e mais um vaso não reproduzido: todos de cor cinzento-acastanhado (A 1).

### *Grupo 8 — Vasos de fundo achatado e plano. Pratos.*

Est. XVII N.ºs 21 e 23: baixos, de fundo plano e parede vertical, de cor castanho-avermelhado por ambos os lados; N.ºs 24 e 25: pratos, grosseiros, de cor vermelho-acinzentado e acastanhado (A 1).

### *Grupo 10 — Asas e mamilos para suspensão.*

Est. XVI, N.º 33: vaso semi-esférico, grosseiro, castanho-amarelado por fora, preto por dentro, um mamilo com perfuração vertical, ao lado vestígios de outra perfuração horizontal (A 1); N.º 39: grande mamilo de um vaso grande e grosseiro, vermelho-acinzentado (B 1). Há um fragmento da parede de um vaso vermelho com um grande mamilo oval, posição vertical ou horizontal? Dois fragmentos de asas, de reconstrução incerta.

### *Grupo 11 — Mamilos decorativos e simbólicos.*

Est. XVI, N.º 28: fragmento da parede de um vaso esférico com um mamilo alongado, pouco saliente, decorativo ou simbólico? vide pág. 104 (A 1); N.º 40: fragmento do bordo com um mamilo alongado vertical (A 1); mais um fragmento semelhante ao N.º 40.

### *Grupo 12 — Cerâmica com decoração incisa.*

Est. XVI, N.º 27: vaso esférico, castanho-claro, por baixo do bordo duas cavidades, feitas depois da cozedura. Representação simbólica (A 1); N.º 34: fragmento de parede, vermelho-amarelado, grosseiro, sem polimento, duas linhas incisas, paralelas ao bordo (B 1); 11 fragmentos de parede, provavelmente pertencentes ao mesmo vaso, um deles com uma linha incisa, de cor castanho-acinzentado por fora, sem polimento, preto com polimento lustroso por dentro (E). Tipo de fabrico dos vasos com representações simbólicas do sudeste da Península.

## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

### N.º 112 — ANTA 2 DA HERDADE DA FARISOA (Ests. XL, 10, LIX)

*Situação:* 400 m. a Noroeste da malhada de porcos da herdade da Farisoa, na berma do caminho para Reguengos, no sítio mais alto do terreno, onde estava o Monte da Arriba, hoje destruído.

*Construção:* grande dólmen de corredor, compr. total 6 m.

*Câmara:* irregularmente poligonal, 2,70×2,60 m. de diâm.; 7 esteios, todos *in situ*, partidos no topo com excepção de f. que tem 1,80 m. de alt. a partir do chão actual e 2,40 m. do chão primitivo. Larg. da entrada 1,30 m.; dois esteios de umbral, dos quais o do lado norte está caído. Fragmentos do chapéu estão na câmara e em redor da anta.

*Corredor:* trapezoidal, formado por dois grandes esteios, compr. máx. 2,45 m.; larg. 2,20 m. no lado da câmara, 1,10 m. na entrada, que, primitivamente, era ainda estreitada por dois blocos de uma porta, estando o do lado norte já caído. Alt. do esteio sul 1,30 m. do chão primitivo, 1,15 m. mais baixo do que a câmara. Uma laje da cobertura está inclinada no corredor, outra fora.

*Tumulus:* detrás da cabeceira à distância de 6,10 m., 0,80 m. de alt.

*Escavação:* Em virtude de uma azinheira que está no centro da câmara, a escavação do lado norte não pôde completar-se. A anta apresentava-se tão remexida, que mesmo os cacos de cerâmica estavam desprovidos das camadas superiores e tinham as fracturas gastas. Continha poucos objectos de importância, todos pertencentes à época eneolítica.

#### *Espólio:*

##### 1. *Objectos de pedra polida.*

Fragmento da metade inferior de um grande instrumento de xisto azul-esverdeado, achatado, secção irregularmente rectangular, polido só no gume que está muito estragado.

##### 2. *Objectos de sílex e diversos:*

Fragmento de uma ponta de seta de base côncava, de xisto vermelho; fragmento de um objecto achatado de mármore branco, forma primitiva indefinida.

##### 3. *Cerâmica:*

*Grupo 3.* — Fragmento do bordo espesso de um grande vaso globular, castanho (A 1).

*Grupo 4.* — Fragmento do bordo de uma taça fina, cinzenta (A 1); fragmento do bordo de uma taça bem trabalhada, cinzenta, vestígios de polimento (A 1).

*Grupo 5.* — Fragmento do bordo saliente de um vaso grande e grosseiro (A 1).

*Grupo 6.* — Fragmento do bordo de uma grande taça de fundo achatado e parede ligeiramente côncava, de cor cinzento-acastanhado (A 1); fragmento da parede de um vaso grosseiro, bicónico (A 1).

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

**Grupo 12** — Fragmento vermelho de parede, grosseiro, com três linhas paralelas incisas, ligeiramente curvadas (Est. LIX).

Além disso, encontraram-se fragmentos de dois grandes vasos que, pelo seu tamanho extraordinário, parecem ser de um período posterior, embora as suas formas não sejam completamente estranhas à época das antas. Dois fragmentos com grandes mamilos pertencem provavelmente a estes vasos.

### N.º 113. — ANTA 3 DA HERDADE DA FARISOA

**Situação:** 40 m. a Oeste-Noroeste da anta 1 da Farisoa.

**Construção:** restos de um dólmen de corredor.

**Câmara:** poligonal, alongada, ca. 2 m. de diâm.; 4 esteios *in situ*, todos partidos nos topos e nos bordos, excepto o que está junto da cabeceira ao lado sul. Alt. máx. do chão actual 1,20 m. O chapéu, 2,10×1,40 m., está caído no interior, ocupando todo o chão.

**Corredor:** só umas lajes visíveis, talvez da cobertura.

**Tumulus:** destruído.

**Orientação:** Este-Sudeste.

### N.º 114 — ANTA 4 DA HERDADE DA FARISOA

**Situação:** 650 m. a Noroeste da malhada de porcos da herdade. Da anta 2 (Monte da Arriba) segue-se 100 m. em direcção a Reguengos, depois corta-se 200 m. pelo campo com rumo oeste. Visível do caminho, num cabecinho.

**Construção:** restos de um grande dólmen de corredor, conservando-se apenas a câmara.

**Câmara:** poligonal, 2,70×2,50 m. de diâm.; 7 esteios, 6 conservados; grande cabeceira, 1,90 m. de larg., partida no topo, sobreposta pelo esteio adjacente do lado norte, faltando o esteio correspondente do lado sul. Alt. do chão actual 1,75 m. À entrada da câmara um esteio de umbral.

**Tumulus:** restos. Espalhados na sua superfície fragmentos de lajes de xisto.

### N.º 115 — ANTA 5 DA HERDADE DA FARISOA

**Situação:** 700 m. a Norte 20° Oeste da malhada de porcos da herdade. Da anta 2 da Farisoa (Monte da Arriba) segue-se 100 m. em direcção a Reguengos, depois corta-se 200 m. pelo campo com rumo norte. Visível do caminho.

**Construção:** dólmen de corredor, compr. total 4,60 m.

**Câmara:** poligonal, alongada, 2,40×2,10 m. de diâm.; 7 esteios, 6 conservados, um deles caído; cabeceira larga, partida no meio. Alt. actual 1,60 m.; larg. da entrada 0,80 m. entre os umbrais da porta, formada por dois pequenos esteios atravessados; alt. actual 0,70 m. O chapéu está caído na câmara.



## FREGUESIA DE S. MARCOS DO CAMPO

*Corredor:* trapezoidal, formado por duas grandes pedras de 1,90 m. de compr. Larg. do lado da câmara igual a esta, estreitando a entrada até 0,90 m.

*Tumulus:* vestígios.

*Orientação:* Sudeste.

### N.º 116 — ANTA 6 DA HERDADE DA FARISOA (Ests. XXXVII, XXXVIII, XLII)

*Situação:* 1 km. a Norte 20° Oeste da malhada de porcos da herdade, 1 km. a Oeste do Monte Novo, no extremo destas duas herdades, à esquina nordeste do muro de uma vinha.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 4,20 m.

*Câmara:* irregularmente poligonal, alargada só na parte sul; 2,40×2,60 m. de diâm.; 7 esteios, 5 conservados, o esteio *d* caído para fora. Alt. do chão primitivo 1 m.

*Corredor:* 1 esteio conservado, 1,40 m. de compr.; 0,85 m. de alt.; desnível entre a câmara e o corredor apenas 0,15 m. O corredor continua a parede norte da câmara. Os dois pilares da porta à entrada da câmara estão caídos no corredor; compr. total 1 m.

*Tumulus:* destruído.

*Orientação:* Este 40° Sul.

*Escavação:* a anta já estava completamente remexida e não deu quase nada, a não ser um machado e uns cacos de cerâmica, poucos deles de bordo e reconstituíveis.

#### *Espólio* (Est. XXXVIII):

##### 1. *Objectos de pedra polida:*

N.º 12: machado de xisto verde-claro, secção oval, polido só no gume. Posição: no centro da câmara.

##### 2. *Cerâmica:*

N.º 13: fragmentos de um vaso esférico de cor cinzento-escuro-avermelhado, coberto no interior com uma camada fina polida de cor vermelho-escuro-acinzentado (A 1). Cor e qualidade iguais às dos vasos Est. V N.º 3 da anta 2 dos Gorginos e Est. XV N.º 21 da anta 1 da Farisoa. Os outros cacos são quase todos de vasos grandes de parede espessa; alguns deles lembram vasos da anta 1 das Vidigueiras.

Pela sua forma, assim como pelo espólio, a anta pertence ao grupo do neolítico avançado.

### N.º 117 — ANTA 7 DA HERDADE DA FARISOA (Est. XXXVIII)

*Situação:* ca. 500 m. a Sul 20° Oeste do Monte Novo, 80 m. ao Sul da esquina oeste da tapada nova da herdade do Monte Novo.

*Construção:* câmara poligonal, 2 esteios conservados.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

*Corredor:* formado por dois grandes esteios de resp. 2,30 e 1,75 m. de compr. Alt. 0,80 m.; larg. 1,40 m.

*Orientação:* Este 38° Sul.

*Escavação:* a anta, já completamente remexida, continha, por toda a parte, um entulho recente, que apenas deu alguns cacos. Entalada entre o esteio norte do corredor e o esteio da câmara junto da entrada encontrou-se, a pouca profundidade, uma grande faca de sílex.

*Espólio* (Est. XXXVIII):

### 1. *Objectos de pedra:*

N.º 10: faca de sílex castanho-claro-amarelado, compr. 21,5 cm., sem retoque, pedra igual à da faca Est. VIII N.º 6 da anta 2 das Vidigueiras; lasca de xisto brando verde-azulado, com um bordo trabalhado, fragmento de uma placa?

### 2. *Cerâmica:*

Entre os cacos são notáveis: N.º 11: grande fragmento de um pequeno vaso esférico, grosseiro, superfície deteriorada, avermelhado com manchas pretas (A 1); dois pequenos cacos finos de parede, talvez do mesmo vaso, barro cinzento, esp. 4-5 mm., apresentando um no lado superior, o outro no lado interior, vestígios de haver sido pintado de vermelho (B 2); fragmento do bordo de um vaso grande de ca. 30 cm. de diâm. na boca e de 12 mm. de esp., barro cinzento-claro, duro, fina camada de vermelho-claro (B 3); fragmento do bordo de um grande prato, grosseiro e espesso.

## V — FREGUESIA DE REGUENGOS

### ANTAS DA HERDADE DO MONTE NOVO (4 ANTAS)

N.º 118 — ANTA 1 DA HERDADE DO MONTE NOVO (Est. XL, 32)

*Situação:* 700 m. a Oeste 30° Norte do Monte Novo, 200 m. a Sudoeste do poço, onde o caminho velho para Reguengos cruza com um ribeirão; 60 m. ao Sul deste ribeiro, num azinhal.

*Construção:* grande dólmen de corredor, compr. total 6,40 m.

*Câmara:* poligonal, 2,30×3,20 m. de diâm.; 7 esteios, 6 *in situ*, cabeceira 2,20 m. de larg.; os outros esteios, sobretudo os junto da entrada, muito fortes e espessos (0,60-0,70 m.). Alt. máx. do chão actual 1,65 m.; larg. da entrada 0,60 m.

## FREGUESIA DE REGUENGOS

**Corredor:** um esteio do lado norte conservado; até à distância de 3,20 m. da entrada da câmara vêem-se vários fragmentos da cobertura no interior.

**Tumulus:** em redor da anta uma elevação do terreno, em parte do *tumulus*.

**Orientação:** Este 10° Sul.

Numa segunda visita à anta, no ano de 1949, encontrámo-la completamente destruída. Segundo informações, encontraram-se fragmentos de grandes facas de sílex e de cerâmica. Do entulho, amontoado em redor da cova, recolhemos os seguintes objectos: um fragmento de uma grande faca de sílex; umas pequenas contas de xisto discóides; um fragmento de uma placa de xisto com ornato de dentes de lobo, de trabalho irregular; um fragmento de uma pequena e delgada chapa de xisto com os bordos trabalhados, provavelmente de um berloque; fragmentos de cerâmica, na sua maioria de vasos grandes e grosseiros do tipo A 1, havendo também cacos do tipo B 3. São dignos de menção: um fragmento de rebordo de um grande pote de ca. 28 cm. de diâm. na boca, esp. da parede 1 cm., de barro castanho-avermelhado, camada de cor cinzento-escuro por fora e por dentro, no rebordo e no interior vestígios de pintura vermelha; 3 fragmentos idênticos ao precedente em espessura e forma, mas de cor castanho-claro por fora, com a pintura vermelha no rebordo e no interior mais visível do que no anterior; fragmento de um prato, barro e fundo castanho-avermelhado, no interior pintado de vermelho (cf. prato da sepultura III de Alcalá); fragmento de mais um prato, análogo na forma a um outro da anta do Olival da Pega; dois fragmentos de um pequeno vaso de fundo plano; um fragmento do bordo de uma taça de parede baixa; vários cacos de grandes vasos, um deles de colo estrangulado; fragmento de uma pequena asa de secção oval. Todos os objectos pertencem à época eneolítica.

### N.º 119 — ANTA 2 DA HERDADE DO MONTE NOVO (Est. XL, 8)

**Situação:** 50 m. a Sudoeste da anta 1 do Monte Novo.

**Construção:** dólmen de corredor, compr. total 6,60 m.

**Câmara:** poligonal, 3x2,80 m. de diâm.; provavelmente de 9 esteios, 7 deles *in situ*, à cabeceira, 4 da parede sul e 2 da parede norte. Os esteios da entrada, muito fortes, têm 0,80 m. de esp. Alt. máx. do chão actual 1,30 m. O chapéu deslisou da parede sul e está inclinado, apoiado pelos esteios b e c da parede norte e pelas raízes de uma grande oliveira, que está no canto sudoeste da câmara. Diante da entrada está caído na câmara um bloco de 1,70 m. de compr., de secção quase triangular, escavada na base; era, sem dúvida, a padieira da porta. A porta, como ainda se vê no lado sul, apresenta uma construção cuidada; compõe-se de uma laje, colocada em sentido contrário ao rumo do corredor, um pilar de corte rectangular e, junto dele, mais para o interior do corredor, outro pequeno esteio. O pilar da parede sul está caído e atravessado no corredor.

**Corredor:** o comprimento do corredor, de 2,40 m., é dado por um esteio enorme da parede norte, 0,40 m. de esp., hoje partido pelo meio. Sobre este esteio inclina-se ainda um fragmento da cobertura.

**Tumulus:** restos na alt. de 0,40 m. e num diâm. actual de 7 m.

**Orientação:** Este 20° Sul.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

*Escavação:* na parte da anta, onde as árvores e o chapéu caído não impediram qualquer trabalho, mandámos fazer umas pesquisas e nada encontrámos, a não ser uns cacos grosseiros sem importância.

### N.º 120 — ANTA 3 DA HERDADE DO MONTE NOVO

*Situação:* 1 km. a Norte 30° Oeste do Monte Novo, 300 m. a Oeste da estrada nova para Reguengos, entre esta estrada e o caminho que do poço, descrito na anta 1, segue em direcção nor-noroeste. Num cabecinho, em campo raso.

*Construção:* dois esteios conservados, um deles a cabeceira, o outro da parede norte, de interpretação duvidosa.

*Orientação:* Este 20° Sul.

### N.º 121 — ANTA 4 DA HERDADE DO MONTE NOVO

*Situação:* ca. 500 m. a Sul-Sudoeste do Monte Novo, no canto sudoeste da tapada nova deste monte; 50 m. a Nordeste da anta 7 da Farisoa.

*Construção:* grande dólmen de câmara poligonal, totalmente caído.

### N.º 122 — ANTA DA HERDADE DO ESPORÃO

*Situação:* 600 m. a Norte 25° Este da Cerca do Esporão, à beira oeste do caminho deste monte para Reguengos; num cabecinho; em campo raso.

*Construção:* dólmen de corredor.

*Câmara:* poligonal, alongada, ca. 3×2,80 m. de diâm.; 7 esteios, não sobrepostos, a cabeceira 0,80 m. de larg.; alt. do chão actual 1 m.; larg. da entrada 1,40 m. Fragmentos do chapéu na câmara.

*Corredor:* ligeiramente trapezoidal; no lado sul um esteio de 1 m. de compr.; entrada 0,60 m. de larg.

*Tumulus:* vestígios.

Os arbustos dentro da sepultura impediram um levantamento mais exacto.

### N.º 123 — ANTA DA HERDADE DO VALE CASTELO

*Situação:* ca. 1 km. a Sul 20° Este do Monte do Vale Castelo, 800 m. ao Norte da Cerca do Esporão, 250 m. a Norte 30° Oeste da anta N.º 122, na margem sul de um ribeiro.

*Construção:* conservam-se apenas dois esteios da câmara, de interpretação incerta, dos quais o maior tem 1,50 m. de alt.

## FREGUESIA DE REGUENGOS

### N.º 124 — ANTA DA HERDADE DA LAMEIRA

*Situação:* 100 m. a Nordeste do Monte da Lameira, à beira do caminho deste monte para Reguengos; restos de uma anta, cortada pelo caminho. Um esteio em pé.

## ANTAS DA HERDADE DAS VIDIGUEIRAS (2 ANTAS)

### N.º 125 — ANTA 1 DA HERDADE DAS VIDIGUEIRAS (Ests. VI, VII, XLIII, XL, 24)

*Situação:* 300 m. a Oeste 30° Norte do Monte das Vidigueiras, 50 m. a Oeste do caminho velho deste monte para Reguengos.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 6,60 m.

*Câmara:* irregularmente poligonal, alargada, 3×4 m. de diâm.; 7 esteios, todos *in situ*, mas partidos nos topos. Os esteios estão bem ajustados, mas não sobrepostos; a sua espessura, sobretudo a do esteio *d*, assim como a inclinação dos esteios junto da entrada, são consideráveis. Alt. actual da câmara 1,70 m.; no ano de 1944 a cabeceira ainda conservava toda a sua altura, que era de 2,30 m. do chão primitivo. Encontraram-se dois fragmentos do chapéu no chão da anta. Larg. da entrada 0,80 m.; alt. 0,90 m. A porta é formada por dois pilares, dos quais o do lado sul é reforçado por uma pedra mais baixa.

*Corredor:* trapezoidal; compr. 2,60 m.; larg. resp. 1,90 e 1,35 m.; alt. 1,05 m.; 1,25 m. mais baixo do que a câmara. Formado por dois grandes esteios de resp. 2,80 e 2,20 m. de compr. O corredor desvia-se do rumo do eixo longitudinal da câmara, seguindo 15° mais para o sul, ficando assim no prolongamento da parede norte da câmara, cujo alargamento se acentua sobretudo na metade sul. A entrada do corredor é estreitada por outros dois pilares, colocados no interior e que dão à porta uma largura de 0,55 m. No ano de 1944 havia ainda uma grande laje de cobertura *in situ*, hoje desaparecida.

*Tumulus:* 1,40 m. distante do fim do corredor, a 6,20 m. do centro da câmara, há um bloco encravado no solo, cujo topo fica 0,25 m. mais baixo do que o pilar *n*. Aproximadamente à mesma distância do centro da câmara (6,20-6,60 m.), seguindo a linha indicada na planta com a letra *a*, há, no lado oeste, mais três pedras da orla do *tumulus* que ainda conserva uma altura de ca. 0,80 m.

*Orientação:* Este-Sudeste.

*Escavação:* o recheio da anta, até à profundidade de 0,50 m., consistia em terra preta e solta; por baixo, terra amarela barrenta. À profundidade de 0,40 m. começaram a aparecer cacos de cerâmica antiga. Encontraram-se restos de ossos humanos, sobretudo diante do esteio *c*, desde a profundidade de 0,70 m. até ao chão da anta, e diante do esteio *e*, à profundidade de 1 m., onde começava a camada dura do chão. Como demonstra também o chapéu

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

caído na câmara, a anta já tinha sido aberta e saqueada, perdendo-se a maior parte do espólio. O corredor também não estava intacto, mas forneceu relativamente mais objectos do que a câmara.

A posição dos objectos encontrados é especificada com a sua descrição. Visto toda a terra ter sido peneirada, é de admirar que não se tivesse encontrado o mínimo vestígio daqueles objectos que sempre escapam aos pilhadores ou que são deitados outra vez na cova por não terem valor para eles, tais como as pequenas contas discóides e as placas de xisto. O número relativamente grande de micrólitos encontrados permite também presumir que a falta absoluta de pontas de seta retocadas não seja apenas uma casualidade. Também não havia lascas de xisto no entulho e na superfície do *tumulus*.

### *Espólio (Est. VII):*

#### *1. Objectos de pedra polida:*

N.º 5: machado de xisto verde-claro-azulado, secção cilíndrica, gume bem conservado, oblíquo, superfície áspera, polido só no gume. Posição: junto do esteio *f*, à profundidade de 0,90 m.; N.º 6: machado de xisto anfibólico azulado, de trabalho muito regular, secção oval, gume bem conservado, um pouco oblíquo, polido só no gume. Posição: junto do esteio *k* do corredor, 0,70 m. por baixo do seu bordo superior; N.º 7: machado achatado, trabalhado sobre uma lasca de xisto azul-esverdeado-claro, secção oval, gume perfeito, polido em toda a superfície. Posição: no canto entre o esteio *k* do corredor e o pilar *m*, à profundidade de 0,80 m., junto do vaso N.º 4.

#### *2. Objectos de sílex e quartzo:*

2 facas pequenas e finas, sem retoque e fragmentos de mais duas — N.º 8: de sílex cinzento. Posição: encontrada em duas metades, uma à porta da câmara, à profundidade de 0,80 m., a outra, no dia anterior, no crivo; N.º 9: de sílex preto-azulado. Posição: uma metade diante do esteio *c*, a outra diante do esteio *e*, à profundidade de 0,50 m.; N.ºs 11 e 21: fragmentos de sílex cinzento-acastanhado.

2 lascas de quartzo trabalhadas — N.ºs 10 e 20.

11 micrólitos trapezoidais — N.º 12: de sílex cinzento-claro-acastanhado; N.ºs 13, 14, 16 e 22: de sílex cinzento-acastanhado; N.º 15: de sílex castanho, transparente; N.ºs 17 e 19: de sílex cinzento; N.º 19: com entalhe bilateral no bordo e ponta lateral; N.ºs 18, 23 e 24: de sílex branco; N.º 24: com entalhe bilateral e ponta lateral. Os N.ºs 12, 15 e 17 do corredor; os restantes da câmara.

#### *Cerâmica:*

A anta deu uma quantidade considerável de cacos, na sua maioria vasos grandes e grosseiros. Faltam os vasos pequenos esféricos e carenados que acompanham a placa de xisto gravada, enquanto aparece bem documentado o vaso esférico maior, pintado a almagre.

## FREGUESIA DE REGUENGOS

Há vários fragmentos com mamilos e fragmentos de pratos. Entre os vasos de perfil mais pronunciado, sobressaem os restos de um vaso de perfil campaniforme e de outro de corpo ligeiramente côncavo na parte superior (N.<sup>os</sup> 30 e 31).

*Grupo 2 — Vasos esféricos e esférico-achatados de tamanho médio:* Todos os vasos deste grupo pertencem à cerâmica vermelha, sendo alguns deles exemplares típicos da cerâmica a almagre, ao passo que outros são vermelhos mais escuros.

*Vasos do tipo B 1 — N.<sup>o</sup> 2:* barro cinzento, camada vermelha de ambos os lados, trabalho fino, polimento destruído. Posição: no corredor; N.<sup>o</sup> 4: barro vermelho-acinzentado, camada vermelha de ambos os lados, fabrico igual ao do N.<sup>o</sup> 2. Posição: junto do pilar *m*, do lado norte do corredor, no chão, acompanhado pelo machado N.<sup>o</sup> 7; aí parece ter sido o seu lugar primitivo, a parte superior destruída na pilhagem da anta; deste vaso há mais alguns cacos, que não ligam; N.<sup>o</sup> 26: 4 fragmentos de um pequeno vaso de cor e fabrico iguais aos precedentes; fragmento do bordo de outro vaso mais fino com o bordo um pouco reentrante; diâm. da boca 10,5 cm.

*Vasos do tipo B 2, cerâmica a almagre — N.<sup>o</sup> 1:* grande fragmento com o bordo ligeiramente acentuado, barro castanho-avermelhado, camada vermelha, polida por fora e por dentro; semelhante no fabrico ao vaso N.<sup>o</sup> 2, apresentando, porém, vestígios de pintura de cor vermelho-vivo no exterior. Posição: junto do esteio *a*. Deste tipo de cerâmica encontraram-se espalhados mais cacos de curvatura e espessura idênticas às dos vasos N.<sup>os</sup> 1 e 2, pertencentes a estes ou a vasos semelhantes; N.<sup>o</sup> 3: de fundo ligeiramente achatado e parede espessa, barro cinzento com espessa camada vermelha de ambos os lados, no lado exterior restos de pintura de cor vermelho-vivo, bem polido, manchas cinzentas no fundo. Posição: no chão do corredor, ao canto entre o esteio *l* e o pilar *n* da porta exterior, lugar que corresponde ao primitivo.

Dos cacos não reproduzidos, são ainda notáveis vários fragmentos da cerâmica a almagre: *a)* caco com resto do bordo, 9 mm. de esp., de um vaso esférico de tamanho médio, boca ca. de 11 cm. de larg.; barro cinzento de dureza média com pedrinhas e mica dourada, camada finíssima de vermelho-vivo por fora e por dentro; *b)* caco fino, 4 mm. de esp., camada vermelha de 0,5 mm. de esp., pintada de vermelho-vivo em ambos os lados; *c)* 5 pequenos cacos de um vaso, 6 mm. de esp., barro cinzento de dureza média, camada finíssima de cor vermelho-claro-amarelado de ambos os lados, em parte desfeita. A curvatura da parede indica um vaso esférico de tamanho médio.

*Grupo 4 — Taças:* relativamente raras nesta anta.

N.<sup>o</sup> 25: calote de esfera, barro preto, muito fino e duro, camada delgada de cor castanho-claro de ambos os lados, bem polido (A 2); fragmentos de 4 grandes taças: *a)* diâm. da boca 21,4 cm., alt. 11,5 cm., barro cinzento-escuro, camada de cor castanho-avermelhado só por fora (B 1); *b)* fragmento do fundo aplanado de uma taça de barro preto, camada de cor vermelho-acinzentado por fora, preto e bem polido por dentro (A 1). Posição: na entrada exterior; *c)* diâm. 26 cm.; alt. 9,8 cm. (A 1); *d)* diâm. ca. 21 cm.; alt. 7,8 cm. (A 1).

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

*Grupo 5* — N.º 30: vaso de forma campaniforme, barro cinzento-claro, restos de polimento. Há mais cacos da mesma cor e espessura, talvez pertencentes em parte a este vaso (A 1); N.º 33: fragmento de bordo de cor castanho-claro-avermelhado (A 1); deste fabrico há mais uns cacos com a curvatura e a espessura de vasos maiores.

*Grupo 6* — N.º 31: grande fragmento de um vaso de fundo esférico e de corpo ligeiramente côncavo; barro vermelho com mica, fina camada de cor castanho-avermelhado de ambos os lados, bem trabalhado, polido por fora (B 1); alguns fragmentos de um vaso de fundo achatado e corpo cónico; diâm. no bojo 24 cm., cor e fabrico iguais aos do N.º 31.

*Grupo 8* — N.º 27: fragmento de um grande prato de fundo plano e parede baixa vertical; barro castanho-avermelhado, camada vermelha por fora e por dentro, bem trabalhado, polido por fora (B 1); há mais um fragmento de prato, completamente plano; fragmento de um vaso de fundo plano e parede um pouco abaulada, igual ao vaso Est. XXVII N.º 30 da anta do Olival da Pega.

*Grupo 10* — N.ºs 28, 29 e 32: 3 fragmentos de bordo com mamilos, todos demasiadamente pequenos para definir a forma do vaso; de cor cinzento-avermelhado, com os mamilos logo por baixo do bordo (A 1); fragmento do bordo de um grande pote com um mamilo oval, 4 cm. por baixo do bordo em sentido horizontal (B 1).

### N.º 126 — ANTA 2 DA HERDADE DAS VIDIGUEIRAS (Ests. VII, XLII, XL, 25)

*Situação:* 1 km. a Sul 40° Este do Monte das Vidigueiras, à beira sul do caminho deste monte para Campinho, na esquina deste caminho com outro que corta para a aldeia da Cumíada; num cabecinho, visível do caminho.

*Construção:* pequeno dólmen de corredor, compr. total 4 m.

*Câmara:* irregularmente poligonal, a parede sul rectilínea, a parede norte alargada, 2,10×2,50 m. de diâm.; 7 esteios, todos *in situ*, uns partidos no topo (*c, d, e, g*), outros muito inclinados para dentro (*f, g*). Os esteios *b* e *e* estão apenas postos no chão da câmara, sem serem enterrados no subsolo; alt. 1,40 m.; larg. da entrada 0,70 m., formada por um esteio atravessado, reforçado do lado da câmara por outra pedra mais pequena. Alt. da porta 0,70 m.

*Corredor:* trapezoidal, compr. 1,60 m.; larg. resp. 1,50 e 1 m., formado por um grande esteio de cada lado. Alt. 1 m.; 0,40 m. mais baixo do que a câmara.

*Tumulus:* vestígios.

*Orientação:* Este 20° Sul.

*Escavação:* o recheio da anta, que já tinha sido remexida, era de 0,70 m. a partir do chão actual. Logo nas camadas superiores da câmara começaram a aparecer vestígios de ossos, aumentando no decurso da escavação. À excepção do machado N.º 17 que estava ao canto, entre o esteio *e* e a pedra da porta, à profundidade de 0,40 m., todos os objectos se encontraram na camada inferior no chão da câmara, numa terra dura, tinta de vermelho, misturada com cacos minúsculos de cor vermelha, pintados a almagre. A posição dos objectos



## FREGUESIA DE REGUENGOS

é indicada no espólio. Nas camadas superiores e no meio havia alguns fragmentos de lajes de xisto que apareceram sobretudo em ambos os lados da entrada da câmara, o que faz supor que fossem restos da laje da porta (cf. anta 2 da Comenda). A escavação do corredor não pôde ser levada a cabo por causa de uma azinheira junto da parede norte. O sector sul não forneceu qualquer objecto.

### *Espólio (Est. VIII):*

#### *1. Objectos de pedra polida:*

N.º 15: goiva de xisto verde-claro-acinzentado, bem trabalhada, completamente polida; gume perfeito. Posição: junto da cabeceira; N.º 16: machado de xisto anfibólico azul-esverdeado, secção cilíndrica, bem trabalhado, gume perfeito, oblíquo, polido só no gume. Posição: diante do bordo sul do esteio d; N.º 17: machado de xisto verde-acinzentado, secção cilíndrica, trabalho grosseiro, deteriorado no lado oposto ao gume, que é perfeito e oblíquo. Posição: 30 cm. por cima do chão, ao canto entre o esteio e a pedra da porta; N.º 18: enxó de xisto azul-acinzentado, bem trabalhada, completamente polida, partida no lado oposto ao gume, que é perfeito. Posição: no centro da câmara.

#### *2. Objectos de sílex e cristal de rocha:*

4 micrólitos trapezoidais — N.ºs 1 e 2: de sílex cinzento; N.ºs 3 e 4: de sílex cinzento-claro-acastanhado. O N.º 4 tem na base do trapézio retoque em forma de entalhe.

2 facas inteiras e 3 fragmentos de facas, todos sem retoque — N.º 6: grande faca de pedra de cor amarelo-acinzentado, no bordo esquerdo entalhes do uso; N.º 7: de sílex cinzento-claro; N.ºs 8-10: de sílex cinzento; N.º 5: fragmento de uma faca minúscula de cristal de rocha.

### *Cerâmica:*

A cerâmica saiu apenas em cacos pequenos que, poucas vezes, permitiram a reconstrução do vaso. Pertence exclusivamente ao tipo da cerâmica vermelha (B), na sua maioria ao tipo B 2.

*Fragmentos do tipo B 1* — N.º 14: fragmento de bordo espesso, levemente saliente, barro vermelho, cinzento-avermelhado por fora e por dentro; N.º 11: grande mamilo que, provavelmente, estava horizontalmente debaixo do bordo, de cor vermelho-acinzentado.

*Vasos do tipo B 2. Cerâmica a almagre* — N.º 12: 2 fragmentos de 5 mm. de esp. do bordo de um vaso esférico-achatado, barro cinzento, camada fina de vermelho-vivo de ambos os lados, restos de polimento; 2 pequenos cacos de bordo e 3 cacos de parede do mesmo fabrico e da mesma espessura, provavelmente do mesmo vaso; N.º 13: fragmento do bordo de um vaso esférico de tamanho médio, 7 mm. de esp., barro vermelho com pedrinhas, pintado de vermelho; mais um caco da parede do mesmo vaso; 3 cacos de parede de mais três vasos pintados a almagre: a) barro cinzento, espessas camadas vermelhas com pintura por

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

cima; b) barro vermelho, 4-5 mm. de esp., fina camada de pintura de ambos os lados; c) barro cinzento, camada mais espessa do lado de fora, pintura vermelha de ambos os lados; de um vaso pequeno e fino, 2-4 mm. de esp.; há mais cacos pequeníssimos de vasos do mesmo feitio.

### ANTAS DA HERDADE DOS GORGINOS (5 ANTAS)

#### N.º 127 — ANTA 1 DA HERDADE DOS GORGINOS (Ests. XXXI, XXXII, LIV, LVIII, XL, 35)

*Situação:* 600 m. a Noroeste do Monte dos Gorginos, à beira sudoeste do caminho deste monte ao Monte das Mendes, numa pequena elevação do terreno com declive para sudeste. Num azinhal.

*Construção:* grande dólmen de corredor, compr. total 7 m.

*Câmara:* ligeiramente trapezoidal, 3×3 m. de diâm.; 7 esteios, todos *in situ*, em parte partidos nos topos. A parede do fundo da câmara é alargada por dois esteios mais pequenos, sobrepostos à cabeceira. Os esteios junto à entrada são os maiores. Alt. da câmara do chão primitivo 2,20 m. À entrada da câmara 2 pequenos esteios atravessados, 0,80 m. de alt., que estreitam a entrada até 0,50 m. Fragmentos do chapéu no interior da câmara e em redor da anta.

*Corredor:* trapezoidal, compr. 2,40 m.; larg. resp. 1,30 e 0,50 m.; alt. máx. 1,20 m.; 1 m. mais baixo do que a câmara; formado por dois grandes esteios. Dois umbrais à entrada exterior, que tem apenas 0,40 m. de larg. Uma laje da cobertura *in situ*.

*Tumulus:* ligeiramente oval, 13×16 m. de diâm., alt. actual 0,70 m., cercado de fortes blocos empinados, bem conservados (Est. LIV).

*Orientação:* Este 35° Sul.

*Escavação:* A anta já tinha sido completamente espoliada e quase nada continha além de uns cacos de cerâmica. Todas as peças recolhidas pertencem à época eneolítica, faltando qualquer indicio da época neolítica. O espólio recolhido estava disperso por todas as camadas. Vestígios de ossos, sem indicio de fogo.

*Espólio* (Ests. XXXII, LVIII):

#### 1. *Objectos de sílex e xisto:*

N.º 5: ponta de seta de xisto vermelho, de base recta, grosseira, com retoque marginal defeituosa; N.º 6: fragmento da base de uma faca de sílex castanho-claro, retocada de um bordo na face superior, do outro na face inferior; N.º 8: dois fragmentos de uma grande e espessa lâmina de sílex cinzento, retocada em todos os bordos, dos quais uma extremidade é retocada em sentido horizontal.

## FREGUESIA DE REGUENGOS

### 2. Placa de xisto gravada:

N.º 7: fragmento da parte inferior de uma placa com ornato de zigue-zagues.

### 3. Cerâmica:

A anta deu bastantes cacos reconstituíveis de vasos da época eneolítica. Apenas o vaso esférico N.º 11, já destruído nas camadas da superfície, lembra a indústria neolítica. Há poucos restos de vasos pequenos esféricos. Entre os vasos de fundo esférico, avulta um exemplar típico de colo estrangulado, semelhante ao vaso Est. XXVII, 7 da anta do Olival da Pega; análogamente ao espólio daquela anta, encontraram-se fragmentos de vasos globulares. Há várias taças, de diferentes tamanhos, alguns pequenos vasos de parede côncava e outro grande deste tipo. Um vaso de corpo cilíndrico, um prato e restos de uma colher completam o quadro da cerâmica.

*Grupo 2* — N.ºs 9, 11 e 12: fragmentos do bordo de vasos esféricos de tamanho médio; os N.ºs 9 e 12 de cor cinzento-acastanhado (A 1), o N.º 11 vermelho-acinzentado (B 1); alguns fragmentos do bordo e do fundo de vasos idênticos.

*Grupo 3* — N.º 10: vaso globular de cor castanho-claro-acinzentado, bem polido (A 1); N.º 13: idem, de rebordo para fora e para dentro, cinzento, sem polimento (C).

*Grupo 4. Taças semi-esféricas* — N.º 2: barro cinzento-escuro, fina camada de vermelho-acinzentado por fora, bem trabalhada (A 1); N.º 3: fabrico e cor idênticos aos do N.º 2 (A 1); N.º 4: alta, de bordo ligeiramente saliente (A 1); N.º 15: de bordo reentrante, barro e superfície de cor cinzento-claro, em parte avermelhado (A 2); N.º 16: barro e superfície de cor vermelho-acinzentado, trabalho fino (B 1); N.º 1: taça de fundo plano e bordo reentrante, grosseira, barro cinzento-escuro, fina camada de cor vermelho-amarelado de ambos os lados, vestígios de polimento (B 1).

*Grupo 5* — N.º 14: vários fragmentos do bordo e da parede de um vaso esférico de colo estrangulado, barro cinzento, duro, fina camada de cor cinzento-amarelado de ambos os lados (B 3); N.º 17: barro cinzento-avermelhado, duro, camada vermelha por fora, vestígios de polimento (B 3); N.º 19: preto por dentro, preto com manchas castanhas por fora (C).

*Grupo 6* — N.º 21: pequeno vaso fino de parede côncava e fundo levemente curvo, cinzento-claro (A 2); N.º 26: grosseiro, cinzento-acastanhado (A 1); N.º 20: grande vaso, bem trabalhado e polido, de cor castanho-avermelhado (B 1); há mais 4 fragmentos de parede pertencentes a diferentes vasos deste grupo.

*Grupo 7* — N.º 18: vaso de corpo cilíndrico, cinzento-acastanhado, bem polido; um fragmento de um vaso semelhante.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

*Grupo 8* — N.º 22: prato de parede e bordo ligeiramente reentrantes, cinzento-avermelhado (A1); N.º 27: prato de parede saliente, grosseiro, vermelho com vestígios de camada cinzenta (A1); um fragmento de outro vaso semelhante.

*Grupo 9* — N.º 25: fragmento de uma colher, de cor cinzento-acastanhado, bem polido (A1).

Na camada superior encontraram-se fragmentos de um vaso esférico de colo estrangulado, vermelho, em parte preto, de barro fino e duro, que parece ter sido feito ao torno. Apresenta, na parte superior, umas caneladuras horizontais, decoração afim de vasos da época do fim do bronze (N.º 23). Fragmento do bordo de outro vaso de forma e fabrico igual, mas sem ornamentação.

### N.º 128 — ANTA 2 DA HERDADE DOS GORGINOS (Ests. V, LIV, LVIII, XL, 26).

*Situação:* 300 m. a Nor-Noroeste do Monte dos Gorginos, a nordeste do caminho deste monte ao Monte das Mendes, numa pequena elevação do terreno.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 4,40 m.

*Câmara:* poligonal, alargada, 2×2,70 m. de diâm.; 7 esteios, faltando um do lado norte; alt. 1,70 m. do chão primitivo. Os esteios junto à entrada estão quase paralelamente à cabeceira. Larg. da entrada 0,80 m.

*Corredor:* a parede norte é formada por um esteio um pouco côncavo de 1,10 m. de compr., cuja posição, começando quase ao fim da pedra c da câmara, indica uma largura de ca. 1,50 m. do corredor que se estreita para a saída. Não se conserva o esteio correspondente do lado sul; havia ali muitos blocos grandes, à maneira de parede. Como, neste sector, se encontrou a ponta de seta de cobre, deve ter pertencido ainda ao interior ou ao extremo do corredor.

*Tumulus:* restos, cortados pelo arado a pouca distância da anta.

*Orientação:* Este-Sudeste.

*Escavação:* por causa de uma oliveira, que está diante do esteio f, a escavação desta parte da câmara foi impossível. A câmara, já violada, apenas continha uns fragmentos de cerâmica, bocados de facas e um pequeno fragmento trabalhado de xisto, talvez de um berloque. Perto da parede sul do corredor, a uma profundidade de apenas 0,20 m., encontrou-se, isolada, a ponta de cobre. Na parede norte do corredor, quase encostados ao esteio g, estavam, no chão, os dois vasos N.ºs 3 e 4, um junto do outro. A taça N.º 4 estava sobre a enxó N.º 2; o machado N.º 1 estava ao lado do vaso N.º 3, um pouco mais para o interior. Ignora-se se este conjunto de objectos estaria ainda na sua posição primitiva, embora se possa chegar a essa conclusão pelo aparecimento dos dois instrumentos de pedra, várias vezes documentados como ofertas rituais da época neolítica. A este conjunto cultural pertence o micrólito N.º 10, cuja posição na sepultura não se pode determinar, porquanto apareceu no crivo.

## FREGUESIA DE REGUENGOS

*Espólio* (Ests. V, LVIII):

### 1. *Objectos de pedra polida:*

N.º 1: machado de xisto anfibólico azul-esverdeado, secção cilíndrica, gume perfeito, oblíquo, superfície áspera, polido só no gume. N.º 2: enxó de xisto cinzento, com veios claros, polida em toda a superfície, gume perfeito, ligeiramente oblíquo; um pouco lascada no lado oposto ao gume.

### 2. *Objectos de sílex:*

N.º 10: micrólito trapezoidal de sílex cinzento, na base do trapézio um pequeno entalhe retocado. N.º 6: ponta de uma pequena faca de sílex castanho-claro, retocada em ambos os bordos; N.ºs 7 e 9: fragmentos de duas pequenas facas sem retoque, resp. de sílex cinzento e cinzento-escuro.

### 3. *Objectos de metal:*

N.º 8: ponta de seta de cobre (ou bronze?), com farpas; a lâmina ligeiramente engrossada no meio, o espigão de secção rectangular.

### 4. *Cerâmica:*

Poucos são os restos de cerâmica, sendo reconstituíveis apenas os dois vasos do corredor, dos quais sobretudo o maior já estava bastante desfeito. Na câmara encontraram-se dois fragmentos da cerâmica a almagre, de barro cinzento e cor vermelho-vivo, de resp. 4 e 8 mm. de esp. (B 2), pertencentes a diferentes vasos.

*Grupo 2* — N.º 3: vaso semi-esférico de fundo ligeiramente achatado, fabrico medíocre, cor cinzento-avermelhado (A 1).

*Grupo 4* — N.º 4: pequena taça baixa, barro vermelho, cor vermelho-claro-acinzentado, fabrico fino (B 1).

*Grupo 5* — N.º 5: fragmento do bordo saliente de um vaso pequeno, bem trabalhado, de cor cinzenta (C).

O espólio da anta, embora pobre, documenta várias épocas: a neolítica, à qual pertencem os instrumentos de pedra, o micrólito, os cacos tintos de vermelho e ainda o rito da inumação no corredor; a eneolítica, documentada pela taça e a faca retocada e a época do bronze, à qual pertence a ponta de seta de cobre.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

N.º 129 — ANTA 3 DA HERDADE DOS GORGINOS (Ests. IX, XLII, LVII, XL, 3).

*Situação:* 400 m. a Leste do Monte das Vidigueiras, na berma leste do caminho que segue a leste da horta das Vidigueiras, deste monte para a estrada Alenqueres-Cebolinho.

*Construção:* pequeno dólmen de corredor, compr. total 4,20 m.

*Câmara:* alongada, quase rectangular, 2,80×2 m. de diâm.; falta a cabeceira. A parede do lado sul é formada por um grande esteio; da parede norte conservam-se dois esteios mais estreitos, terminando o esteio *c* à altura do chão. Alt. máx. 1,70 m. do chão primitivo.

*Corredor:* compr. 1,30 m.; segundo a posição do esteio da parede sul (*d*), a largura deve ter sido pouco inferior à da câmara. Alt. 0,90 m.; 0,80 m. mais baixo do que a câmara. Entre os esteios *a* e *d* há um vácuo na parede, onde não se encontraram vestígios de outro esteio (cf. Anta 1 do Poço da Gateira).

*Tumulus:* restos, cortados pelo arado, por detrás do esteio *b* conservado na alt. de 0,80 m., à distância de 2 m.

*Orientação:* Este 25º Sul.

*Escavação:* A anta, já violada, continha, na câmara, apenas entulho com vestígios de ossos. No chão primitivo, encostado ao esteio *a*, 0,70 m. distante do seu bordo oriental, estava uma grande taça, já incompleta (Est. LVII), a boca obliquamente apoiada no esteio (*in situ* e parcialmente destruída na pilhagem?). Além disso, havia no entulho poucos cacos, sobretudo de vasos grandes e espessos, de cor cinzento-avermelhado. Ao canto entre os esteios *b* e *c*, diante do esteio *c* e junto do bordo sul deste esteio, encontraram-se, à altura de 0,08-0,30 m. acima do chão, 4 instrumentos de pedra polida que escaparam à pilhagem e cuja posição, indicada na planta, deve talvez corresponder à primitiva.

*Espólio* (Ests. IX, LVII):

### 1. *Objectos de pedra polida:*

N.º 6: enxó de xisto anfibólico azul, secção rectangular, gume perfeito, bem polido por todos os lados. Posição: 15 cm. acima do chão, 30 cm. distante do esteio *c*; N.º 7: goiva de xisto cinzento-esverdeado, secção cilíndrica, trabalho fino, facetada. Do lado oposto da goiva fizeram um formão, que apresenta vestígios de uso, enquanto o gume da goiva está perfeito. Posição: junto do bordo sudeste do esteio *c* e do seu bordo inferior; N.º 8: machado de xisto verde-azulado-claro, secção cilíndrica, polimento na face superior em toda a superfície; gume destruído, adaptado a martelo. Posição: perto do bordo sul do esteio *c*, 30 cm. acima d'chão; N.º 9: machado de xisto anfibólico azul, secção cilíndrica, polido só no gume que é perfeito e oblíquo. Posição: ao canto entre os esteios *b* e *c*, 8 cm. acima do chão.

### 2. *Cerâmica:*

Grupo 3 — N.º 4: fragmento de um pequeno vaso globular, cinzento, polimento destruído (A 2).

## FREGUESIA DE REGUENGOS

*Grupo 4* — N.º 1: grande taça alta, faltava parte do bordo, que nós reconstruímos. Barro em parte cinzento, em parte acastanhado, de dureza média, com pedrinhas; camada fina de cor vermelho-vivo por fora, restos de uma camada vermelha mais escura por dentro, vestígios de polimento, manchas amarelas e pretas da cozedura (B 2). Posição: vide escavação.

*Grupo 5* — N.º 3: fragmento de um bordo saliente, cinzento, sem polimento (A 2).

*Grupo 6* — N.º 2: fragmento de um vaso espesso, de cor cinzento-acastanhado (A 1).

*Grupo 8* — N.º 5: vários fragmentos de um grande prato plano, com bordo baixo, vermelho-acastanhado (B 1).

### N.º 130 — ANTA 4 DA HERDADE DOS GORGINOS (Ests. XI, 40; XII, Sep. IV).

*Situação:* 500 m. a Oeste-Noroeste do Monte dos Gorginos.

*Construção:* pequeno dólmen de corredor.

*Câmara:* trapezoidal, 1,40×1,30 m. de diâm.; 5 esteios; alt. 1,30 m. do chão primitivo; larg. da entrada 0,35 m. Conserva-se a laje sobranceira à entrada, apoiando-se sobre os primeiros esteios de um pequeno corredor de 0,40 m. de larg. apenas. O corredor está em parte tapado por uma grande laje, provavelmente o chapéu da câmara. Fora desta laje, até à orla do *tumulus*, não encontramos mais esteios.

*Tumulus:* circular, 11,20 m. de diâm., bem conservado numa altura de 0,70 m, circundado por uma coroa de blocos de 0,20-0,40 m. de alt.

*Escavação:* a anta não deu nada, excepto uns fragmentos de cerâmica, um deles de um vaso fino, os outros de um vaso grande e grosseiro.

Est. XII, Sep. IV, N.º 1: grande vaso de parede abaulada, boca larga e fundo achatado; vermelho-acinzentado por fora, vermelho por dentro; vestígios de polimento (A 1).

### N.º 131 — ANTA 5 DA HERDADE DOS GORGINOS

*Situação:* 600 m. a Leste 10º Sul do Monte das Vidigueiras, na berma norte do caminho que segue deste monte na direcção leste para o cruzamento das estradas, descrito na anta N.º 100, 50 m. a leste de um ribeiro, atravessado pelo caminho.

*Construção:* 3 esteios de uma câmara poligonal, de reconstrução incerta, já muito inclinados para dentro; restos da cobertura do corredor. *Tumulus* de ca. 12 m. de diâm., com coroa de fortes blocos.

100 m. a Leste da anta 2 dos Gorginos há um cabecinho, em cuja superfície estão espalhados muitos cacos de uma cerâmica grosseira e vermelha, feita à mão. No ponto mais alto vêem-se duas pedras empinadas a uma distância uma da outra que poderia corresponder à circunferência de um *tumulus*, embora a quantidade de cacos faça pensar em uma povoação, talvez da época do bronze e dos portadores da ponta de seta de cobre.

## ANTAS DE REGUENGOS DE MONSARAZ

### N.º 132 — ANTA DA HERDADE DOS ALENQUERES

*Situação:* à beira oeste do caminho do Monte das Mendes para o Monte dos Alenqueres, 100 m. antes de chegar a este monte.

*Construção:* restos de uma pequena câmara poligonal de 7 esteios; alt. máx. 1,20 m.; restos do *tumulus*, corredor destruído.

*Informação:* obtivemos informações de mais uma anta ao norte do caminho que segue do Monte dos Alenqueres para a estrada nova de Reguengos a S. Marcos do Campo. Não encontramos, porém, uma anta, mas vimos, nesta ocasião, duas sepulturas escavadas na rocha.

### N.º 133 — ANTA DE CARAPETAL (Est. XL, 41).

*Situação:* anda-se 1,1 km. pela estrada Reguengos-Évora, depois 400 m. na direcção sul. A anta fica a 300 m. a Nordeste da Horta da Carriça.

*Construção:* dólmen de corredor, apenas a câmara conservada.

*Câmara:* poligonal, 2,90×3 m. de diâm.; 7 esteios, 5 *in situ*; faltam 2, um dos quais, no lado norte da cabeceira, caiu para fora, partido pelo meio. Três dos esteios têm a altura primitiva de 1,70-2,05 m. do chão actual (2,65 m. do lado de fora). Os esteios são de forma regular e têm os bordos lisos; parece terem sido trabalhados. Larg. da entrada 0,90 m. Diante da entrada está uma laje que poderia ser a pedra sobranceira à entrada. Grandes fragmentos do chapéu estão no interior.

*Corredor:* destruído.

*Tumulus:* vestígios.

*Orientação:* Este 35º Sul.

### N.º 134 — ANTA DA HERDADE DE VISEU (Est. XL, 44).

*Situação:* ca. 1 km. a Sul 20º Oeste do Montinho de Sabão, que fica na herma da estrada Reguengos-Évora; 700 m. a Leste 30º Norte do Monte de Viseu. A anta está no extremo dos concelhos Reguengos e Évora e das freguesias Reguengos e Pigeiro; num foral de 1276 aparece indicada como marco de limite, vide Pedro Manuel Nogueira: *Memória histórica do concelho Reguengos de Monsaraz. O Instituto*, revista científica e literária. Vol. XXXIV, Janeiro de 1887, segunda série N.º 7, pág. 355. As palavras textuais do foral são as seguintes: «et de ipsum marco comodo atravessat ipso com carrariam et supra dictam. Meritam et vadit at quasdam antas de una Arca de tempore antico et ipsa arca est pro marco». Carta de foro de Monsaraz 1276. Chancelaria de Don Afonso III. Livro 1º fl. 135 v.

*Construção:* dólmen de corredor, compr. total 5,20 m.



## FREGUESIA DE REGUENGOS

*Câmara:* poligonal,  $2,30 \times 2,30$  m. de diâm.; 5 esteios *in situ*, primitivamente 6 ou 7, todos, com excepção da cabeceira na alt. primitiva de 1,30 m. do chão actual. Chapéu *in situ* ( $2,30 \times 2,20$  m.), apoiando-se apenas nos esteios *b* e *e*; larg. da entrada 1,10 m. Entre o esteio norte da entrada da câmara e o corredor, está uma pedra (*f*), um pouco inclinada para dentro, 1,40 m. de larg., 0,90 m. de alt., talvez a laje sobranceira à entrada.

*Corredor:* 2,60 m. de compr., 1 m. de larg., formado por esteios pequenos, três dos quais se conservam na parede sul e dois na parede norte. Alt. 0,20 m. do chão actual, 1,10 m. mais baixo do que a câmara.

*Tumulus:* restos na alt. de ca. 0,30 m.

*Orientação:* Sudeste.



## VI. ÍNDICE DAS ANTAS

N.º de ordem		N.º de ordem	
Albadeiros .....	76	Farrapa, Horta da 1,2 .....	18, 19
Alenqueres .....	132	Fazendas da Aldeia do Mato .....	21
Areias 1-14 .....	89-102	Gagos .....	67
Arraieira 1-3 .....	47-49	Gateira, Poço da 1, 2 .....	29, 30
Azinhalinho 1, 2 .....	41, 42	Gorginos 1-5 .....	127-131
Azinheira 1-3 .....	15-17	Grave, Horta da .....	20
Barrocal 1-14 .....	53-66	Guilhelha 1-5 .....	9-13
Barrocalinho .....	31	Lameira .....	124
Belhoa .....	52	Lázaros 1, 2 .....	1, 2
Bengala, Horta da .....	12	Mancebos 1-3 .....	6-8
Cabreira, Fonte da 1-3 .....	9-11	Margarida 1-3 .....	32-34
Capelinha .....	72	Montinho .....	22
Carapetal .....	133	Novo, Monte 1-4 .....	118-121
Carneiro, Vale 1-5 .....	77-81	Olival da Pega 1, 2 .....	50, 51
Castelo, Vale .....	123	Outeiro 1, 2 .....	45, 46
Cavaleira .....	14	Passo 1-7 .....	82-88
Cebolinho 1-5 .....	103-107	Peroliva .....	5
Chaminé (Caridade) .....	3	Piornal 1-3 .....	69-71
Chaminé (S. Marcos) 1-3 .....	73-75	Piteiros 1, 2 .....	43, 44
Comenda 1-6 .....	35-40	Pomar, Horta do .....	23
Cominho 1, 2 .....	62, 63	Quinta 1-4 .....	24-27
Cumiada 1,2 .....	109, 110	Ribeira .....	4
Duque .....	28	Vidigueiras 1, 2 .....	125, 126
Esporão .....	122	Viseu .....	134
Falcoeira .....	108	Xerex de Baixo .....	68
Farisoa 1-7 .....	111-117		



# I. BIBLIOGRAFIA E MUSEUS

## I. ABREVIATURAS NA CITAÇÃO DE LIVROS

- N. AOBERG, *La civilisation* — Nils Aoberg, *La civilisation énéolithique dans la Péninsule ibérique*. Upsala 1921.
- M. ALMAGRO, *Prehist. del Norte de Africa* — Martin Almagro Basch, *Prehistoria del Norte de Africa e del Sahara Español*. Barcelona 1946.
- J. ARNAL, *Zephyrus I* — J. Arnal, *A propos de la «néolithisation» de l'Europe occidentale. Zephyrus I*. Salamanca 1950; pág. 23.
- BITTEL, *Prähist. Forschung* — K. Bittel, *Prähistorische Forschung in Kleinasien*. Istanbul 1934.
- G. BRUNTON and G. C. THOMPSON, *The Badarian Civil.* — Guy Brunton and G. Caton Thompson, *The Badarian Civilisation, British School of Archaeology in Egypt*. London 1928.
- BUTTLER, *Handbuch* — Der donauländische und der westliche Kulturkreis der jüngeren Steinzeit. *Handbuch der Urgeschichte Deutschlands*, Bd. II Berlin u. Leipzig 1938.
- CARTAILHAC, *Les Âges* — Emile Cartailhac, *Les Âges préhistoriques de l'Espagne e du Portugal*. Paris 1886.
- CASTILLO, *El Neoeolítico* — Alberto del Castillo, *El Neoeolítico. Historia de España*. por R. Menéndez Pidal. Vol. I, Cap. IV. Madrid 1947.
- CHILDE, *L'Aube* — V. Gordon Childe, *L'Aube de la Civilisation Européenne*. 4. Ed. Paris 1949.

- CHILDE, *L'Orient* — V. Gordon Childe, *L'Orient Préhistorique*. Paris 1935.
- CONTENEAU, *Civilisation* — G. Contenau, *La Civilisation Phénicienne*. Paris 1949.
- CORREIA, *El Neolítico* — Virgílio Correia, *El Neolítico de Pavia. Comision de Investigaciones Paleontológicas e Prehistóricas. Memoria 27*. Madrid 1921.
- DANIEL, *The Distribution* — G. E. Daniel and T. G. E. Powell, *The distribution and date of the Passage Graves of the British Isles. Proc. P. S. 1949, Paper 14*.
- DANIEL, *The dual ...* — G. E. Daniel, *The dual Nature of the megalithic Colonisation of Prehistoric Europe. Proc. P. S. 1941, Paper 1*.
- DANIEL, *Preh. Chamb. Tombs* — G. E. Daniel, *The Prehistoric Chamber Tombs of England and Wales*. Cambridge 1950.
- DANIEL, *The Long Barrow* — G. E. Daniel, *The Long Barrow in Western Europe. The Early Cultures of North-West Europe. H. M. Chadwick Memorial Studies*. Cambridge 1950.
- DÉCHELETTE, *Manuel I* — J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine*. Paris 1924.
- J. HAWKES, *Antiquity 1934* — Jacquetta Hawkes, *Aspects of the Neolithic and Chalcolithic Periods in Western Europe. Antiquity Vol. VIII, 1934, pág. 24-42*.
- HELÉNA, *Les origines* — Philippe Heléna, *Les origines de Narbonne (Aude) Toulouse*. Paris 1937.
- M. HELENO, *Carenque* — M. Heleno, *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa 1932.
- M. HELENO, *O culto do machado* — M. Heleno, *O culto do machado no calcolítico português. Ethnos II., pág. 461*. Lisboa 1942.
- E. JALHAY — vide Vila Nova de S. Pedro.
- LAMB, *Thermi* — Winifred Lamb, *Excavations at Thermi in Lesbos*. Cambridge 1936.
- LEISNER, *Meg. Gr.* — Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Bd. 1. Römisch-Germanische Forschungen. Vol. XVII, 1943*.
- LEISNER, *Arqueol. e Hist.* — Georg Leisner, *A Cultura eneolítica do Sul da Espanha e suas relações com Portugal. Arqueologia e História. 8. Série das Publicações da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa 1945.
- LEISNER, *Évora* — Georg Leisner, *Antas dos arredores de Évora. Estudos de História, Arte e Arqueologia*. Évora 1949.
- LEISNER, *Vale de Rodrigo* — Georg Leisner, *O Dólmen de falsa Cúpula de Vale de Rodrigo. Biblos Tomo XX*. Coimbra 1944.

- LEISNER, *Pedra Coberta* — Georg Leisner, *Die Malereien des Dólmen Pedra Coberta*. Ipek 1934.
- LEISNER, *Galiz. Nordport. Meg. Gr.* — Georg Leisner, *Verbreitung und Typologie der galizisch-nordportugiesischen Megalithgräber*. Marburg 1938.
- LEISNER, *La Estela-menhir* — Georg Leisner, *La Estela-menhir de Granja de Toniñuelo*. *Investigación y Progreso* 9 Nr. 5. Madrid 1935.
- MALUQUER DE MOTES, *Estado actual*, *Zephyrus I* — J. Maluquer de Motes, *Estado actual de nuestro conocimiento de la Prehistoria salmantina*. *Zephyrus I*. Salamanca 1950.
- MENGHIN, *Runa* — O. Menghin, *Migrations Mediterraneae*. *Runa Vol. I*, págs. 111 e ss. Buenos Aires 1948.
- MENGHIN, *El Origen* — O. Menghin, *El Origen del Pueblo del antiguo Egipto*. *Amurias IV*. Barcelona 1942.
- MENGHIN, *Merimde-Benisalâme* — O. Menghin, *Die neolithische Ansiedlung von Merimde-Benisalâme und ihre Bedeutung für die Entwicklung des Neolithikums in Westeuropa*. *Proceedings*. London 1934.
- MILOJCIC, *Chronologie* — Vladimir Milojcic, *Chronologie der jüngeren Steinzeit Mittel-und Südosteuropas*. Berlin 1949.
- NORDMAN, *Meg. Cult.* — C. A. Nordman, *The Megalithic Culture of Northern Europe*. Helsinki 1935.
- SANTA-OLALLA, *Esquema* — Julio Martínez Santa-Olalla, *Esquema paleontológico de la Península Ibérica*. Madrid 1946.
- SANTA-OLALLA, *El Sahara Español* — Julio Martínez Santa-Olalla, *El Sahara Español anteislámico*. Madrid 1944.
- SANTA-OLALLA, *La fecha ...* — Julio Martínez Santa-Olalla, *La Fecha de la Cerámica a la almagra en el Neolítico hispanomauritano*. *Cuadernos. Año III, Nr. 2*. Pág. 95 ss. Madrid 1948.
- SANTA-OLALLA, *Obras Maestras* — Julio Martínez Santa-Olalla, *Obras Maestras Hispánicas de la Cerámica de estilo campaniforme*. *Cuadernos. Año II, Nr. 2*. Pág. 65 ss. Madrid 1947.
- SANTA-OLALLA, *Cereales y plantas* — Julio Martínez Santa-Olalla, *Cereales y Plantas de la Cultura Ibero-Sahariana en Alnizaraque (Almería)*. *Cuadernos. Año I, Nr. 1*, pág. 35 ss. Madrid 1946.
- A. DO PAÇO, *Cascais* — Afonso do Paço, *As Grutas do Poço Velho ou de Cascais*. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Tomo 22*. Lisboa 1942.

- A. DO PAÇO, *Almonda* — Afonso do Paço, Maxime Vaultier e Georges Zbyszewski, *Gruta da Nascente do rio Almonda. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XI, Fasc. 1. Porto 1947.
- A. DO PAÇO e E. JALHAY, *Alapraia II* — Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A gruta II da Necrópole de Alapraia. Anais da Academia Portuguesa da História IV*. Págs. 107 ss. Lisboa 1941.
- A. DO PAÇO — vide *Vila Nova de S. Pedro*.
- PIGGOTT, *Revista de Guimarães* — Stuart Piggott, *Relações entre Portugal e as Ilhas Britânicas nos começos da Idade do Bronze. Revista de Guimarães*, 1947, Vol. LVII, N.º 3-4, pág. 139.
- PÉRICOT, *Sep. Meg.* — Luis Péricot, *Los Sepulcros Megalíticos Catalanes y la Cultura pirenaica*. 2. edición. Barcelona 1950.
- PÉRICOT, *Esp. Prim.* — Luis Péricot, *La España Primitiva*. Barcelona 1950.
- PHILIPPE, *Fort Harrouard* — Abbé Philippe, *Cinq années de fouilles au Fort Harrouard*. Rouen 1927.
- LE ROUZIC, *Le Mobilier* — Zacharie Le Rouzic, *Le Mobilier des Sepultures préhistoriques du Morbihan. L'Anthropologie XLIV* 1934, pág. 488.
- SAEZ MARTIN, *Nuevos precedentes* — Bernardo Saez Martin, *Nuevos precedentes chipriotas de los Idolos Placas de la Cultura ibero-sahariana. Actas y Memorias de la Sociedad Espanola de Antropologia, Etnografia y Prehistoria. Tomo XIX*, pág. 134. Madrid 1944.
- SCHAEFFER, *Statigraphie* — C. F. A. Schaeffer, *Stratigraphie comparée et Chronologie de l'Asie occidentale (IIIème-IIème millénaire)*. London 1948.
- SCHLIEMANN, *Sammlung* — Hubert Schmidt, *Schliemanns Sammlung Trojanischer Altertümer. Königl. Museen zu Berlin*. Berlin 1902.
- SCHUCHHARDT, *Westeuropa* — Carl Schuchhardt, *Westeuropa als alter Kulturkreis (Sitzungsberichte der königl. preuss. Akademie der Wissenschaften)* 1913, Bd. 17.
- SAN VALERO, *La Peninsula* — Julian San Valero Aparisi, *La Peninsula Hispánica en el Mundo Neolítico. Publicaciones del Seminario de Historia Primitiva del Hombre. Notas N.º 3*. Madrid 1948.
- Vila Nova de S. Pedro, Madrid* — Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, *El Castro de Vilanova de S. Pedro. Actas y Memorias de la Sociedad Espanola de Antropologia, Etnografia y Prehistoria. Tomo XX*. Madrid 1945.



- Vila Nova de S. Pedro, Brotéria* — Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, *A Póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Revista Brotéria. Tomos XXVIII, XXIX, XXXIV e XXXVII*. Lisboa, 1939, 1942 e 1943.
- E. DA VEIGA, *Antiquidades* — Estácio da Veiga, *Paleoethnologia. Antiquidades Monumentaes do Algarve. Tomo 1-4*. Lisboa 1886-1891.
- ABEL VIANA, *Arqueol. de Elvas* — Abel Viana, *Contribuição para a Arqueologia dos Arredores de Elvas*. Porto 1950.
- ABEL VIANA, *Monchique* — Abel Viana e José Formosinho, *Arqueologia pré-histórica do Concelho de Monchique. Ethnos II, pág. 369*. Lisboa 1942.
- ABEL VIANA, *Nuevas contribuciones* — Abel Viana, Octávio da Veiga Ferreira y José Formosinho, *Nuevas contribuciones para el conocimiento de la edad del bronce del Algarbe. Las Necrópolis de las Caldas de Monchique. Crónica del I. Congresso Nacional de Arqueología. Almeria 1949. Cartagena 1950*.
- VOUGA, *Le Neolithique* — Paul Vouga, *Le Néolithique Lacustre Ancien*. Neuchâtel 1934.

## II. ABREVIATURAS DAS REVISTAS

*Ampurias* — *Ampurias*. Barcelona.

*Antiquity* — *Antiquity*. Gloucester.

*O Arch. Port.* — *O Archeólogo Português*. Lisboa.

*Bol. de Arch. e Archeol.* — *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos e Archeólogos portugueses*. Lisboa.

*Corona de Estudios* — *Corona de estudios que la Sociedad Española de Antropología, Etnografía e Prehistoria dedica a sus mártires*. Madrid 1941.

*Rev. de Guimarães* — *Revista de Guimarães*. Guimarães.

*Informes y Memorias* — *Ministério de Educacion Nacional. Comisaria General de Excavaciones arqueológicas. Informes y Memorias*. Madrid.

*Liverpool Annals* — *Annals of Archaeology and Anthropology*. Liverpool.

*Proc. P. P.* — *Proceedings of the Prehistoric Society*. Cambridge.

*Proceedings* — *Proceedings of the first International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences*.

*Zephyrus* — *Crónica del Seminario de Arqueologia y de la Sección arqueologica del Centro de Estudios salmantinos*. Salamanca.

## III. ABREVIATURAS DE MUSEUS

*Mus. Etn.* — *Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos*. Lisboa-Belém.

*Mus. Geol.* — *Museu dos Serviços Geológicos*. Lisboa.

# ÍNDICE

PREFÁCIO .....	7
A. INTRODUÇÃO	
I. <i>Investigações na região do rio Guadiana</i> .....	9
II. <i>O Concelho de Rêguengos de Monsaraz</i>	
1. Condições geológicas e geográficas .....	13
2. Distribuição das antas .....	16
3. Conservação e violação das antas .....	17
B. ARQUITECTURA MEGALÍTICA	
I. <i>Classificação das antas conforme a arquitectura</i>	
1. Antas sem corredor	
Dólmenes em forma de galeria .....	19
Cistas megalíticas .....	22
2. Antas com corredor	
Planta das câmaras .....	23
Planta dos corredores .....	25

Altura das câmaras e dos corredores .....	26
Átrios .....	27
Portas .....	7
Pormenores da construção .....	29
As colinas tumulares .....	30
3. Relações da arquitectura das antas de Reguengos com aquela de outras regiões de Portugal .....	32
4. As <i>Tholoi</i> .....	35

## II. *Classificação das Antas conforme o Espólio*

1. Antas de corredor com espólio neolítico .....	39
2. Antas com espólio lítico de tipo neolítico e cerâmica evolucionada .....	40
3. Antas de fundo cultural neolítico, conjuntamente com material eneolítico .....	43
4. A arquitectura das antas neolíticas e eneolíticas e os seus problemas .....	44

## C. ESPÓLIO

### I. *Indústria da pedra polida*

1. Material da época neolítica	
Machados cilíndricos .....	47
A distribuição do machado cilíndrico em antas .....	48
Enxós .....	49
Goivas .....	51
Machados e enxós votivas .....	52
2. Material da época eneolítica .....	52
3. A evolução da indústria da pedra polida .....	53

### II. *Indústria da pedra lascada*

1. Material da época neolítica	
Micrólitos .....	54
Facas sem retoque .....	58

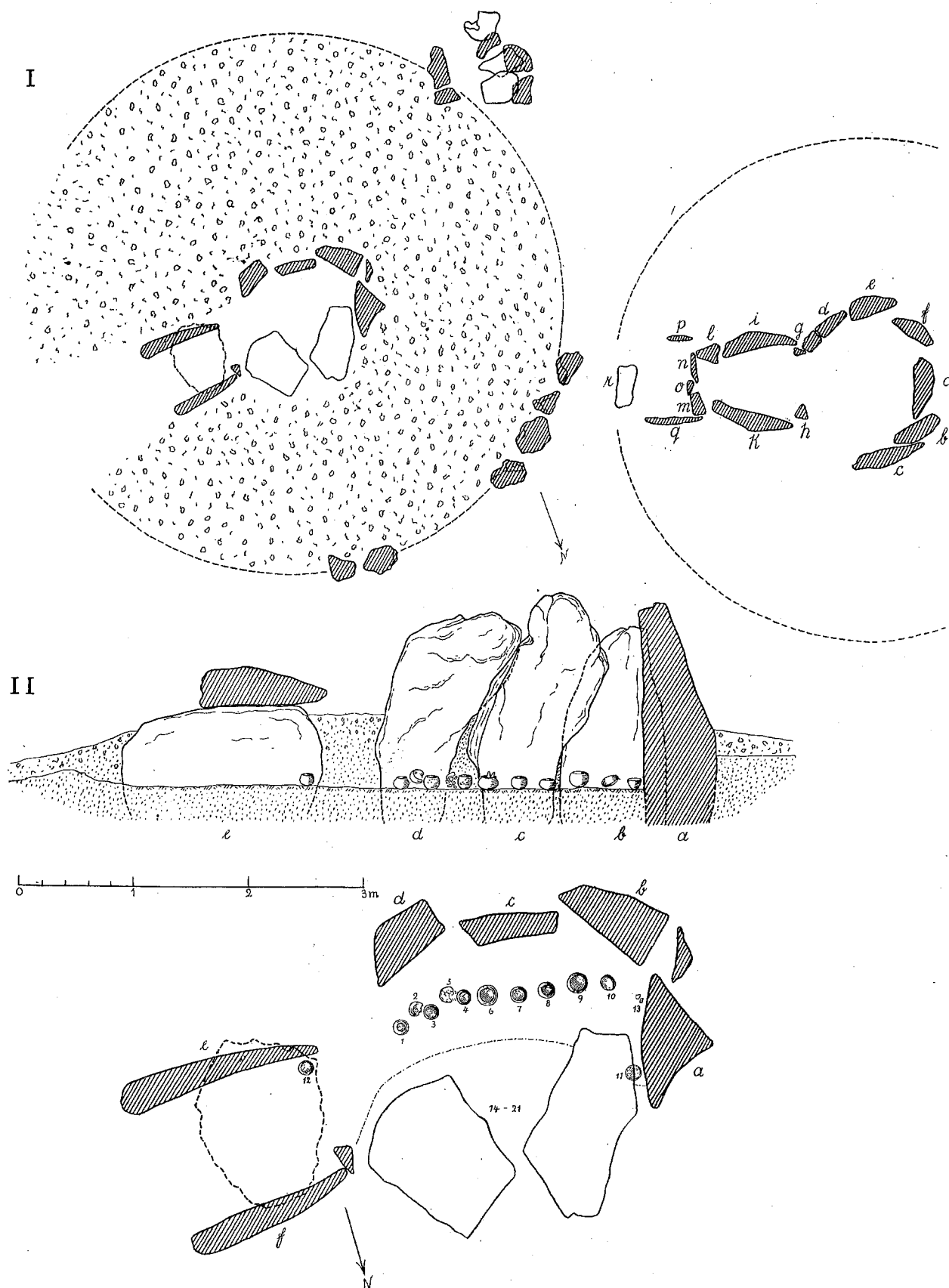
2. Material da época eneolítica	
Pontas de seta .....	60
Lâminas de retoque marginal, Serras, Foices .....	62
Alabardas .....	65
Núcleos de cristal de rocha e de quartzo .....	66
 III. <i>Indústria Cerâmica</i>	
1. Classificação da cerâmica segundo a cor e o fabrico .....	67
2. A cerâmica a almagre .....	71
3. Classificação segundo as formas. Cerâmica decorada .....	84
4. Resumo .....	111
 IV. <i>Placas de xisto gravadas. Idolo. Discos de xisto.</i>	
1. Placas de xisto gravadas .....	114
2. Idolo de xisto .....	139
3. Discos de xisto .....	140
 V. <i>Indústria Óssea</i>	
1. Cabeças de alfinete .....	141
2. Fragmentos de alfinetes .....	143
3. Espátulas .....	144
4. Cabos de punções de cobre .....	144
5. Esculturas zoomorfas .....	145
6. Fragmentos cranianos cortados em forma de disco ...	147
 VI. <i>Objectos de adorno</i>	
1. Contas pequenas .....	148
2. Contas maiores .....	148
3. Berloques .....	149
 VII. <i>Objectos de metal</i> .....	149

VIII. <i>Diversos Objectos: Vaso de pedra, Trituradores, Esferas de pedra, Calhaus, Pedras de mó</i> .....	150
D. GRAVURAS .....	153
E. RITOS FUNERÁRIOS	
1. Inumações individuais .....	155
2. Inumação colectiva .....	158
3. Antas gémeas .....	160
4. Posição dos cadáveres .....	161
5. Ofertas funerárias .....	163
6. Ocre vermelho .....	164
7. Estado dos ossos, Vestígios de fogo .....	164
F. CONCLUSÕES	
I. Cronologia relativa .....	169
II. Cronologia absoluta .....	185
G. RESUMO EM ALEMÃO .....	193
H. LISTAS DAS ANTAS, RELATÓRIO DAS ESCAVAÇÕES E DOS ESPÓLIOS .....	201
I. Freguesia de Caridade .....	202
II. Freguesia de S. Pedro de Corval .....	208
III. Freguesia de Monsaraz .....	236
IV. Freguesia de S. Marcos do Campo .....	258
V. Freguesia de Reguengos .....	298
VI. Índice das antas .....	315
I. BIBLIOGRAFIA E MUSEUS	
I. — III. Abreviaturas na citação de livros, revistas e museus	317

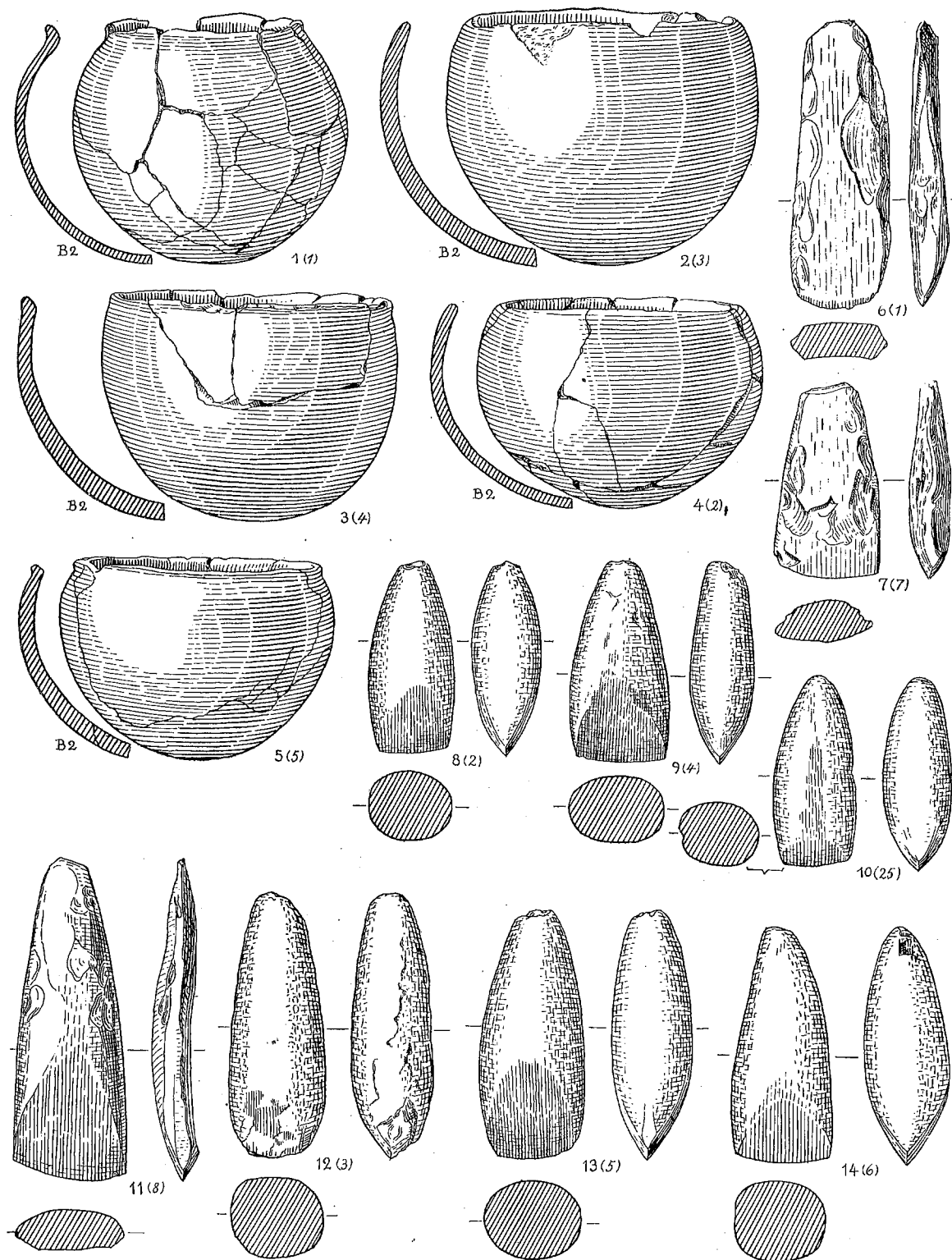
ESTAMPAS





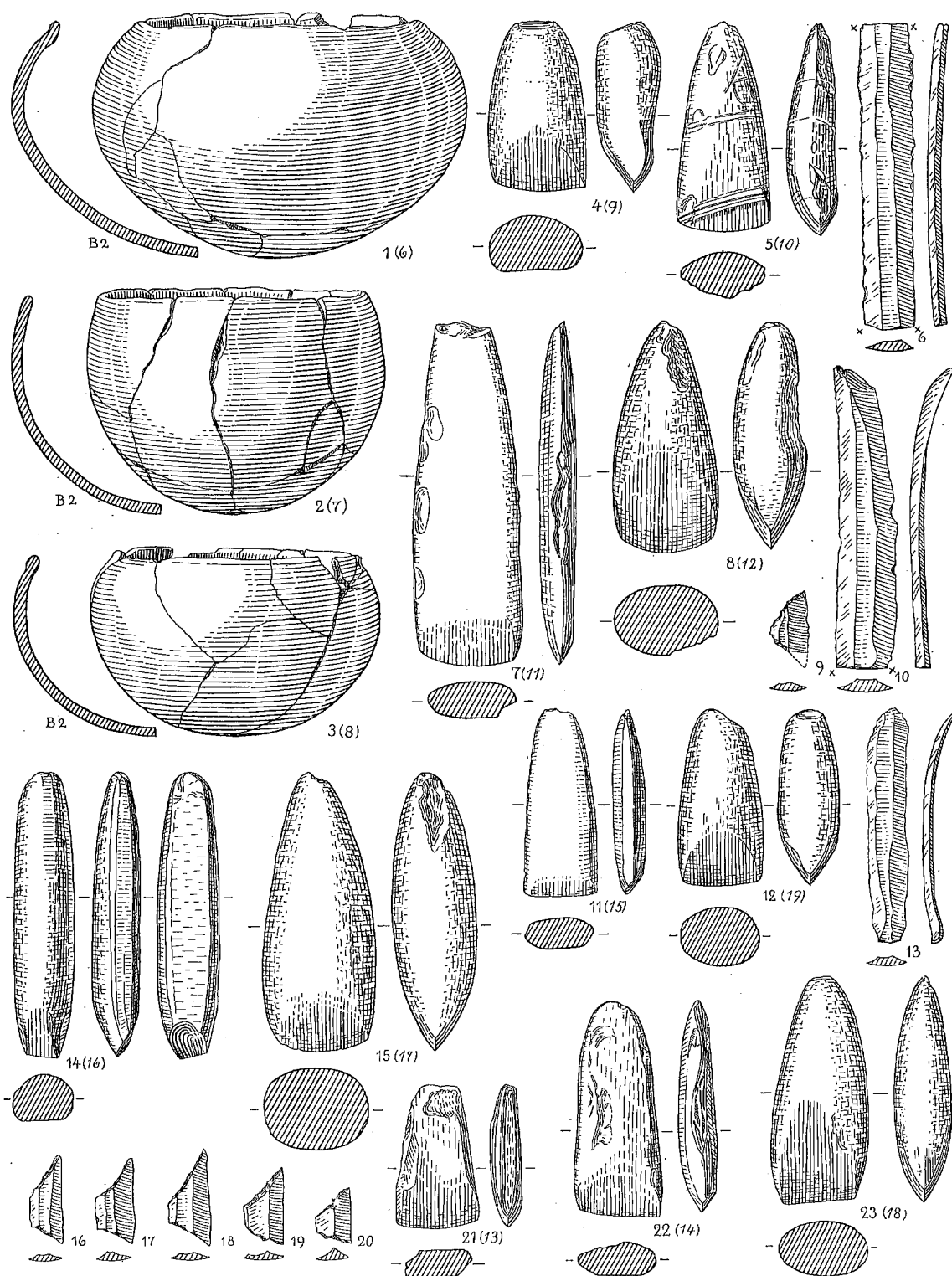


I. Anta 1 e Anta 2 do Poço da Gateira. — II. Anta 1 do Poço da Gateira. — Foto Est. XLI.



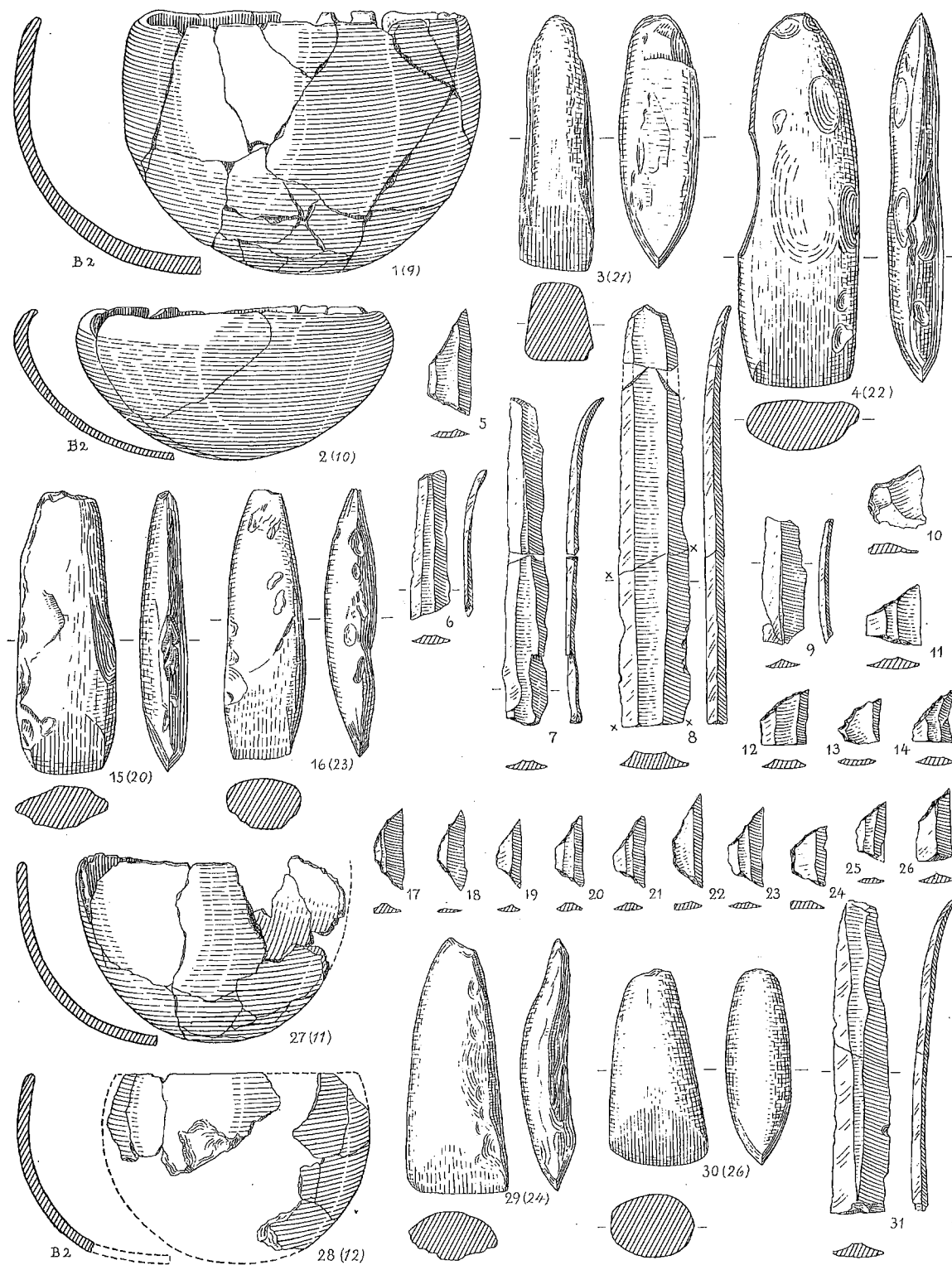
Anta 1 do Poço da Gateira. Parte do espólio. — Foto Ests. LVI e LVII

Escala: 1:3



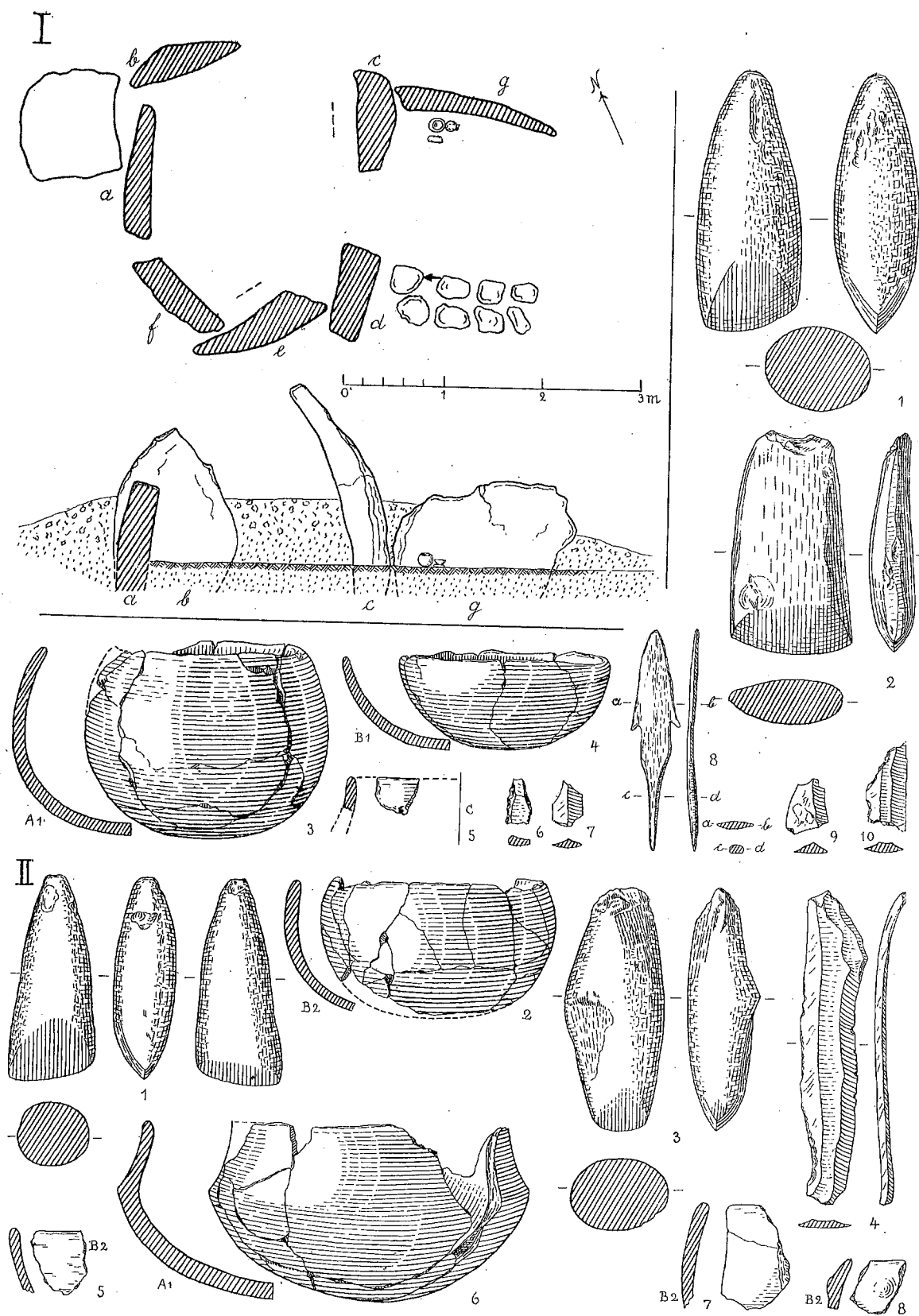
Anta 1 do Poço da Gateira. Parte do espólio. — Foto Ests. LVI e LVII

Escala: 1:3; facas e micrólitos 1:2



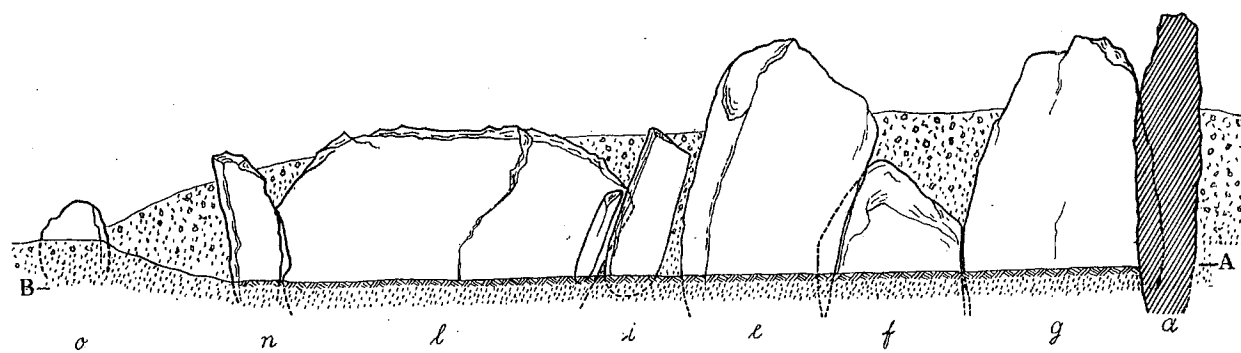
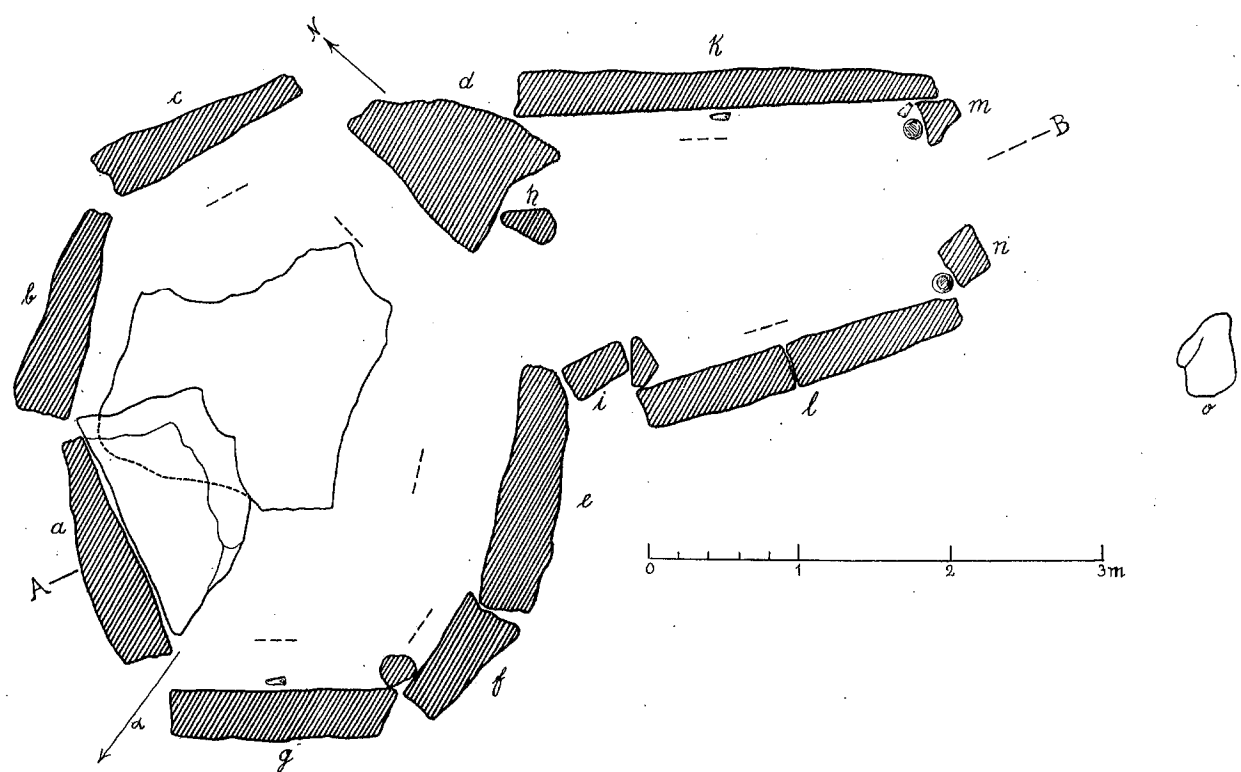
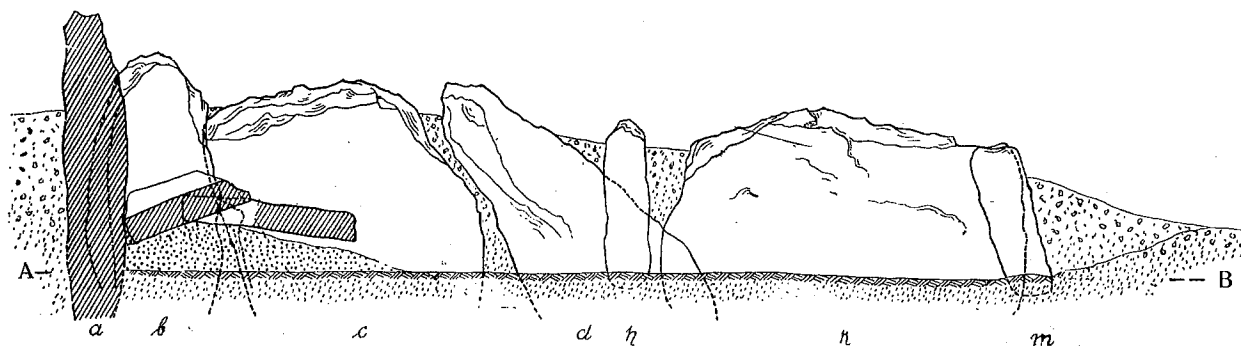
Anta 1 do Poço da Gateira. Parte do espólio. — Foto Est. LVII

Escala: 1:3; facas e micrólitos 1:2

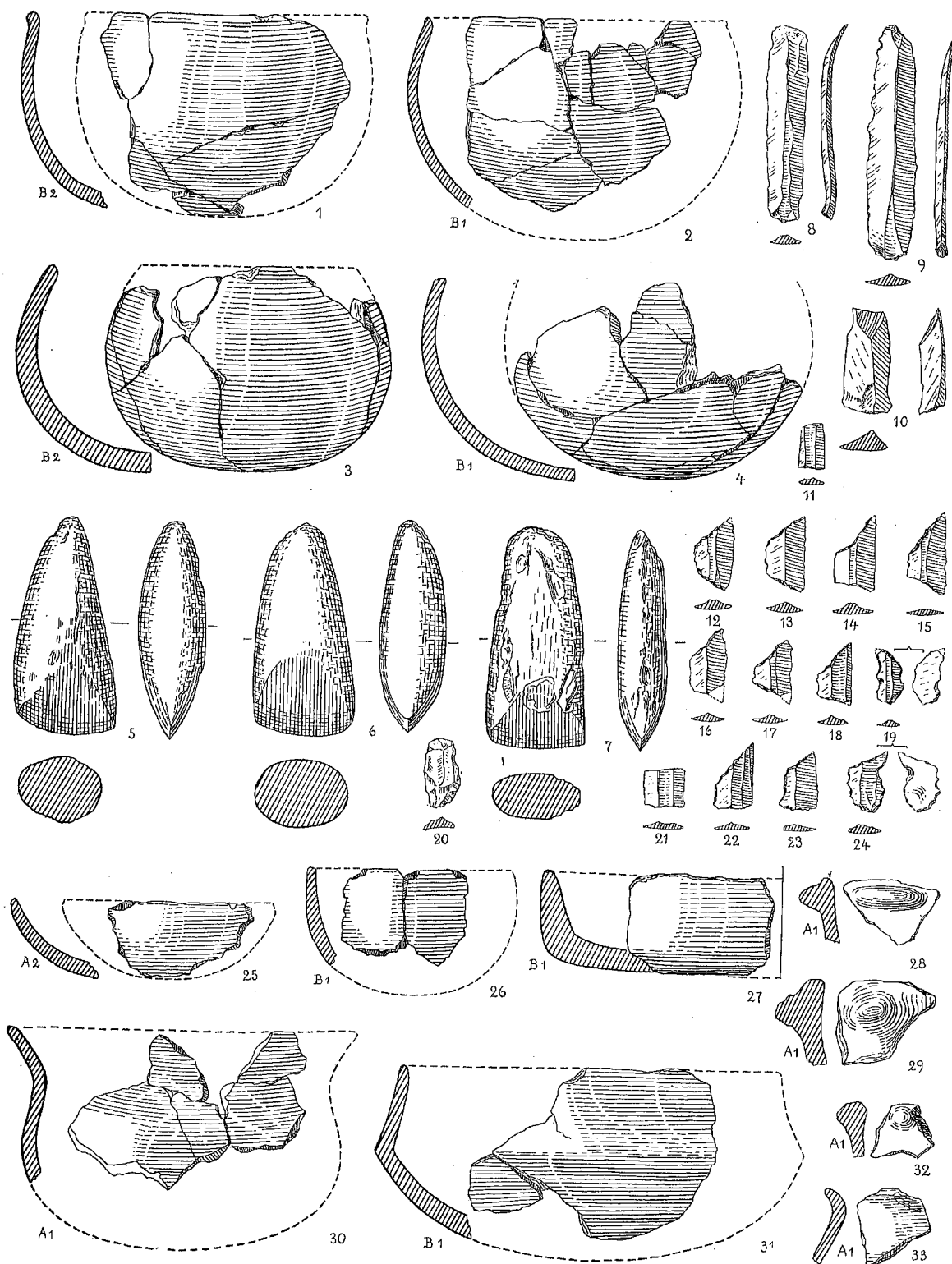


I. Anta 2 dos Gorginos. — Foto Est. LIV; N.º 4 Est. LVIII. II. Espólio da Anta 2 do Poço da Gateira. — N.º 6: Foto Est. LVII

Escala: Cerâmica e pedra polida 1:3;  
sílex e ponta de cobre 1:2.

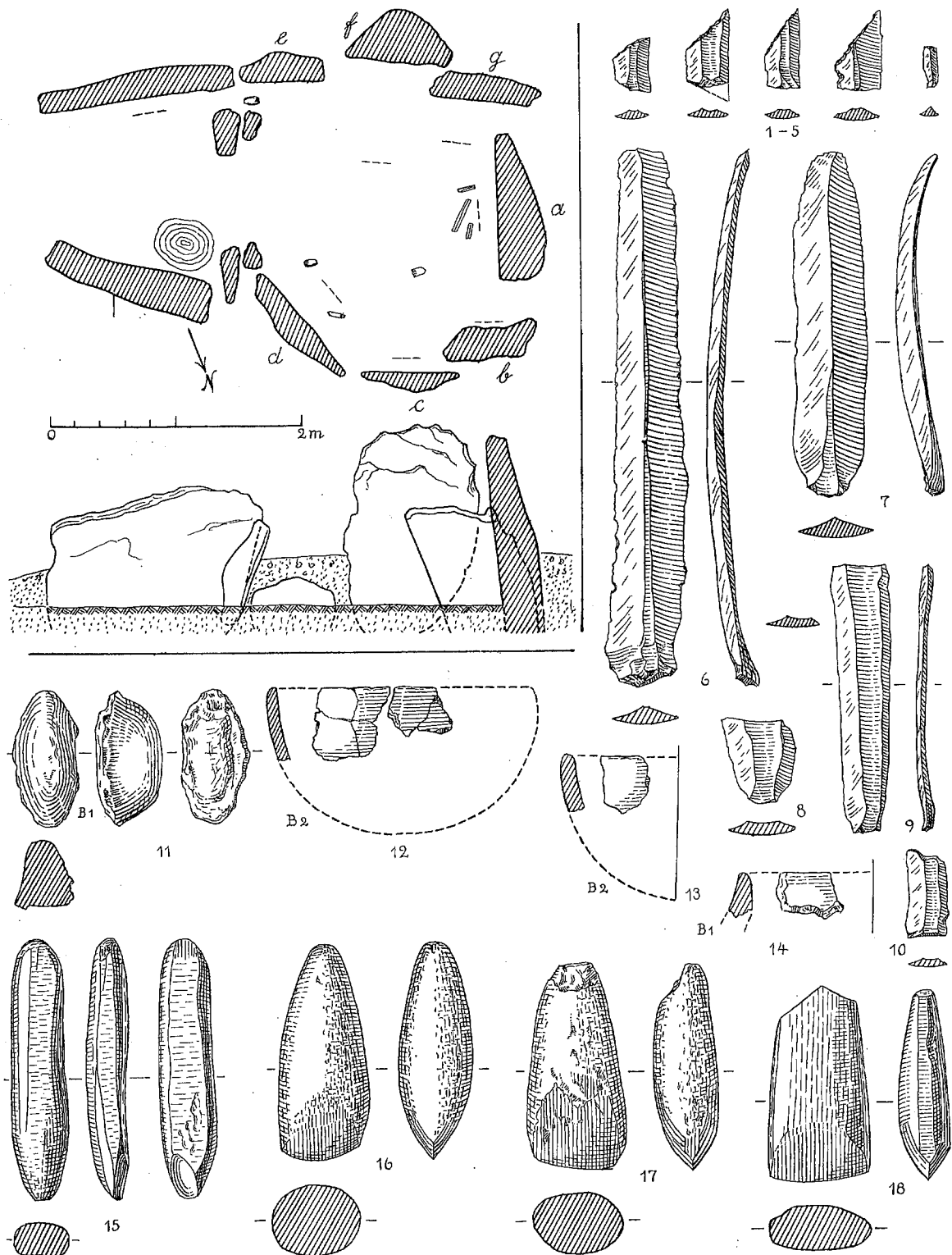


Anta 1 das Vidigueiras. — Foto Est. XLIII



Anta 1 das Vidigueiras. Espólio

Escala: Cerâmica e pedra polida 1:3;  
facas e micrólitos 1:2.

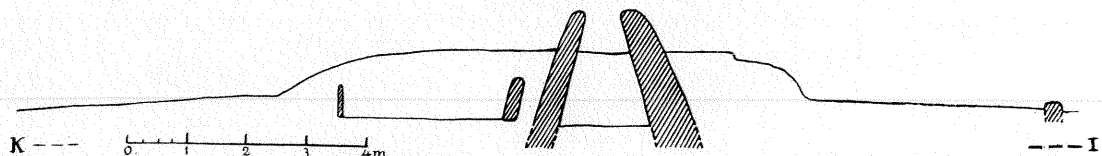
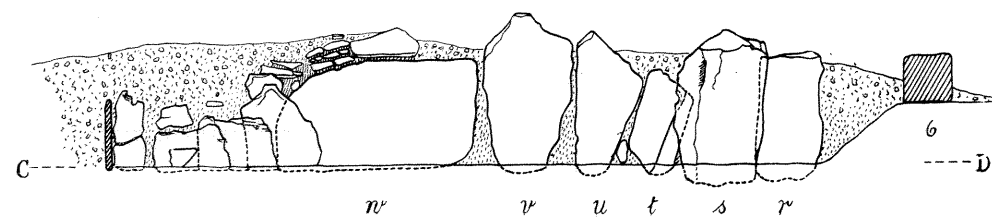
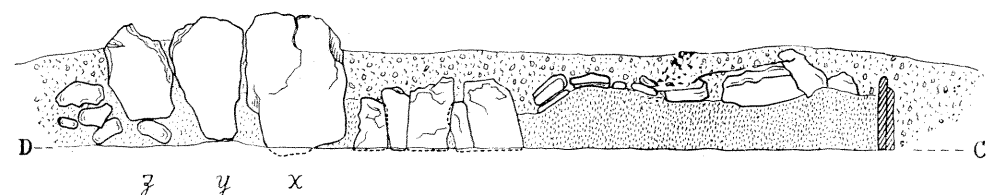
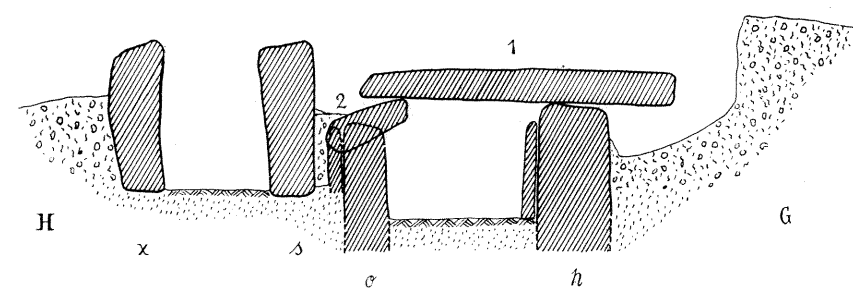
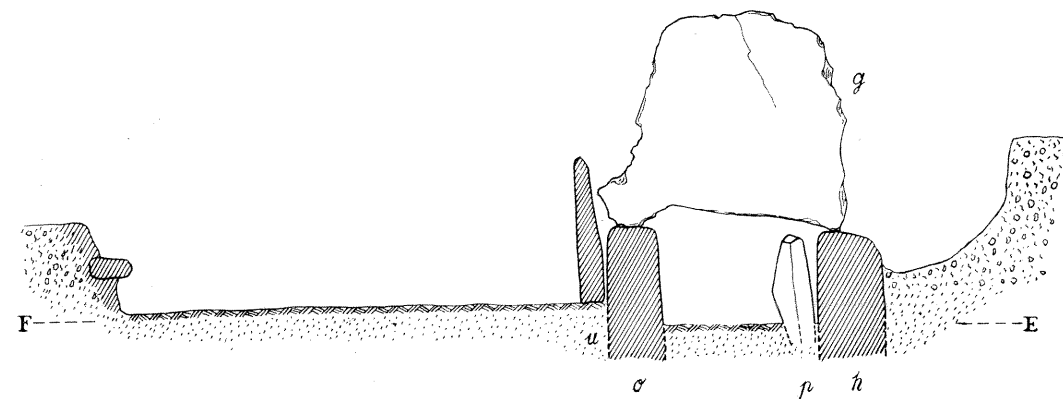
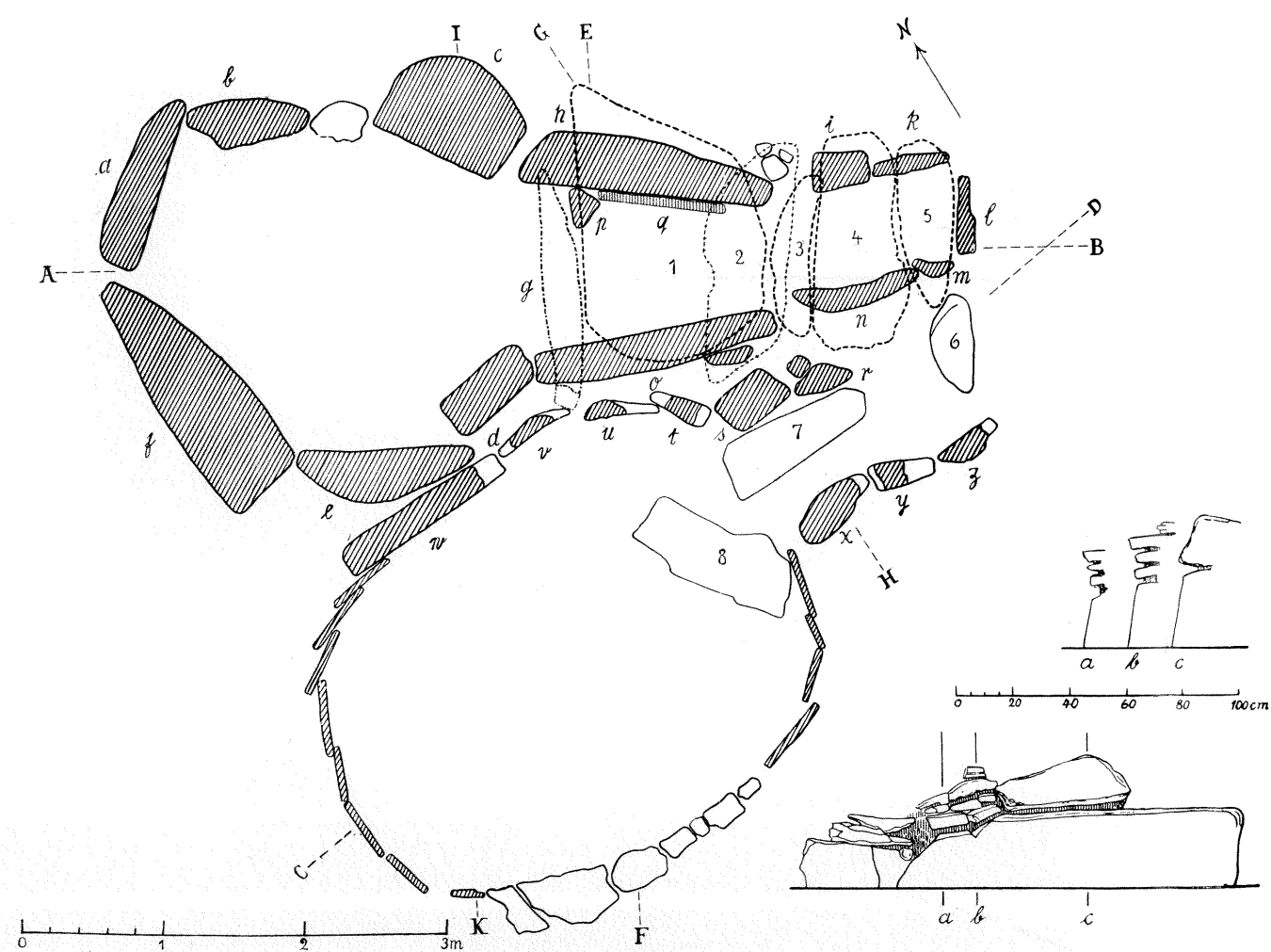
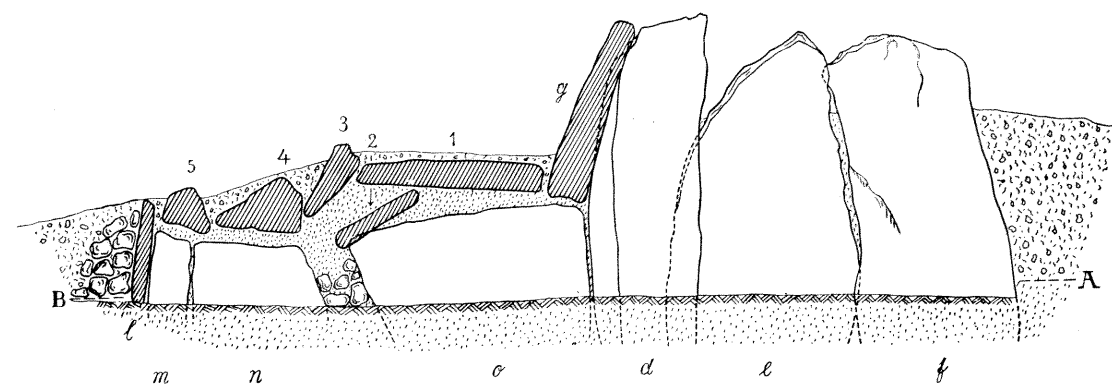
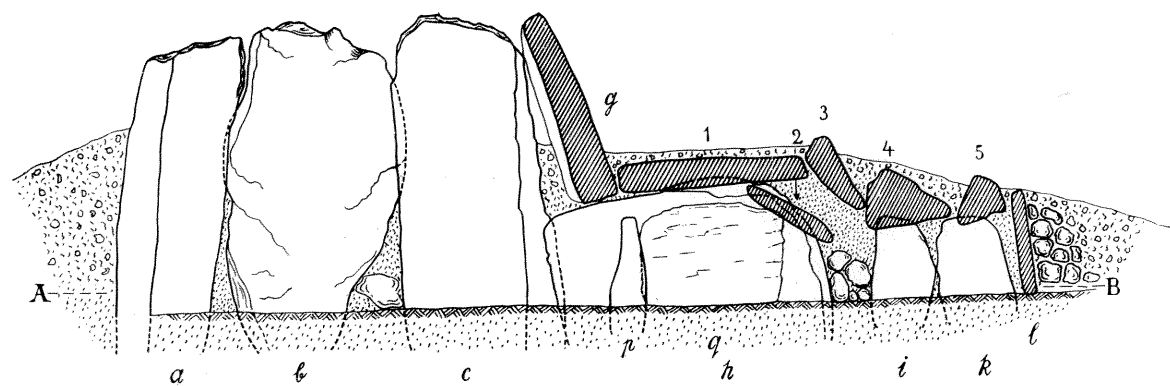


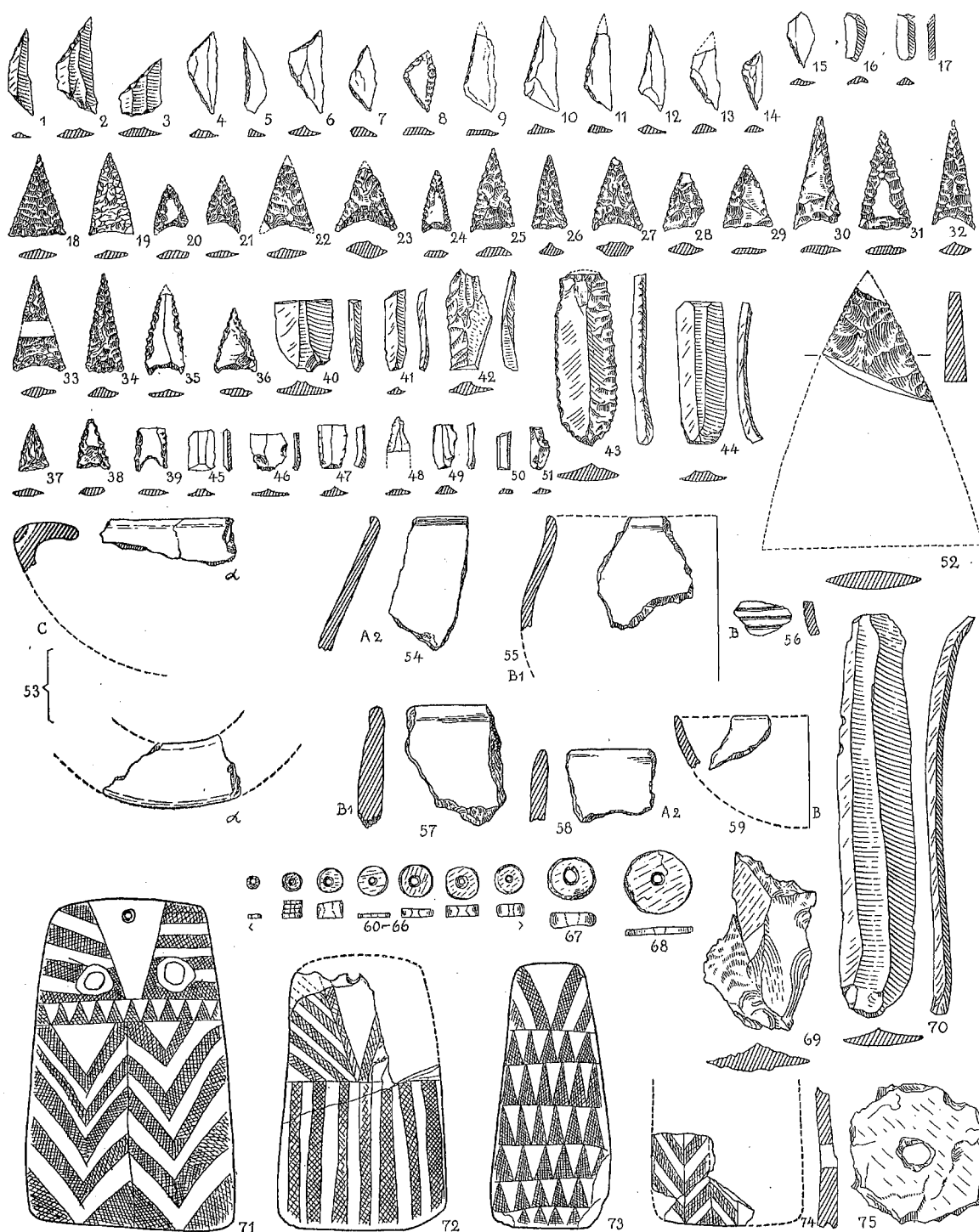
Anta 2 das Vidigueiras. — Foto Est. XLII

Escala: Cerâmica e pedra polida 1:3;  
facas e micrólitos 1:2.



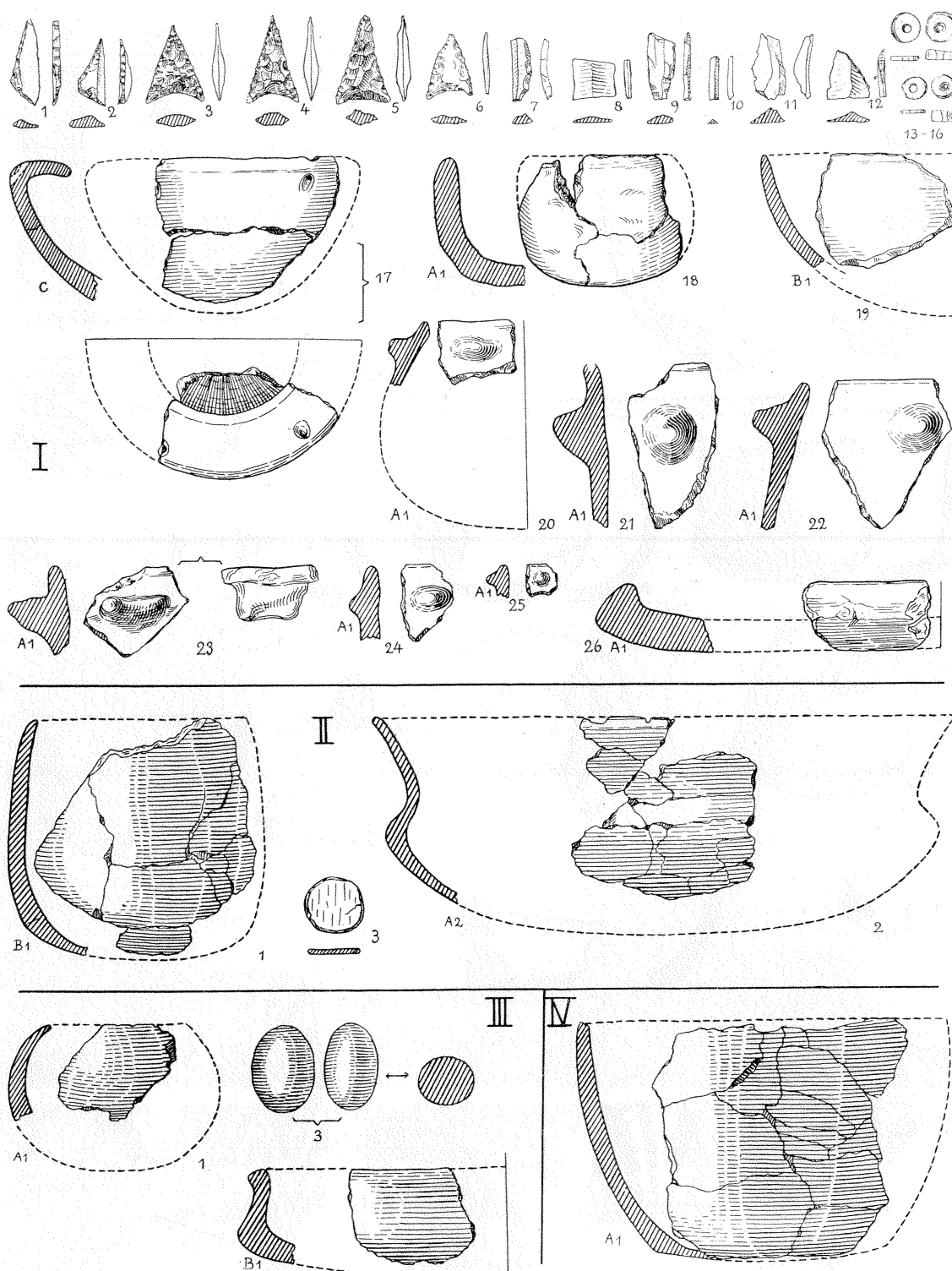






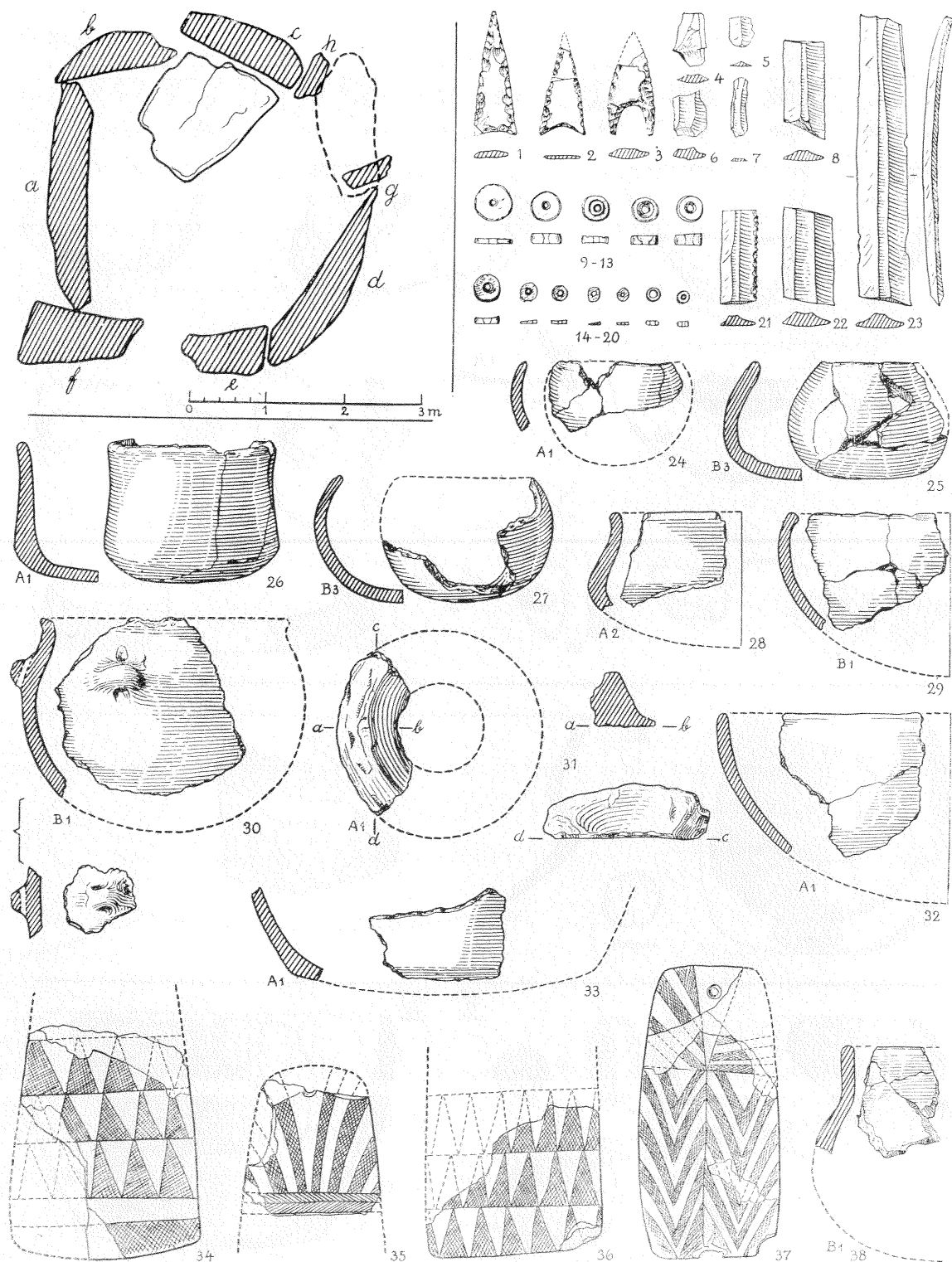
Anta 2 da Comenda, Espólio. — N.º 71: Foto Est. LXI

Escala 1:2; Cerâmica e placas de xisto 1:3



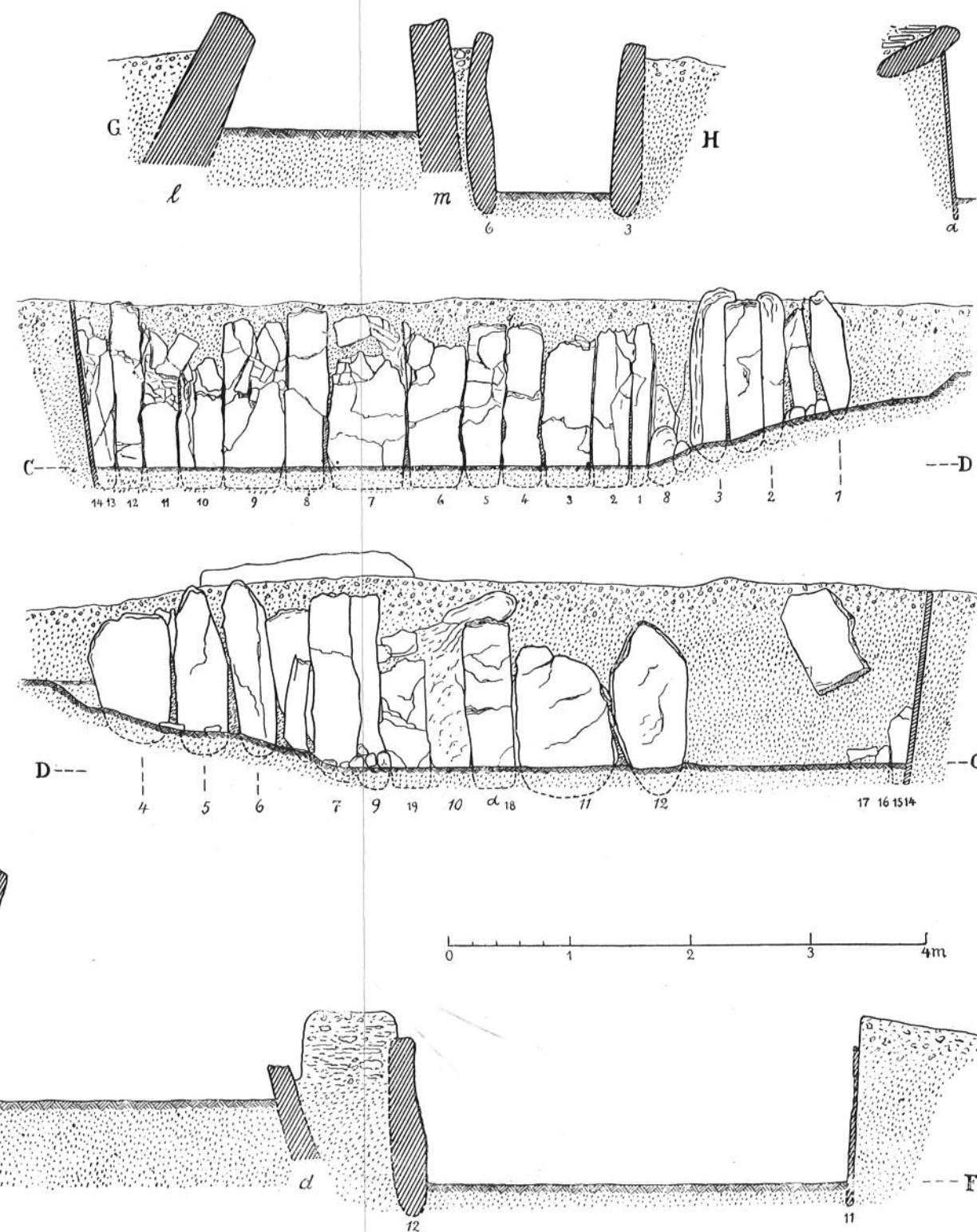
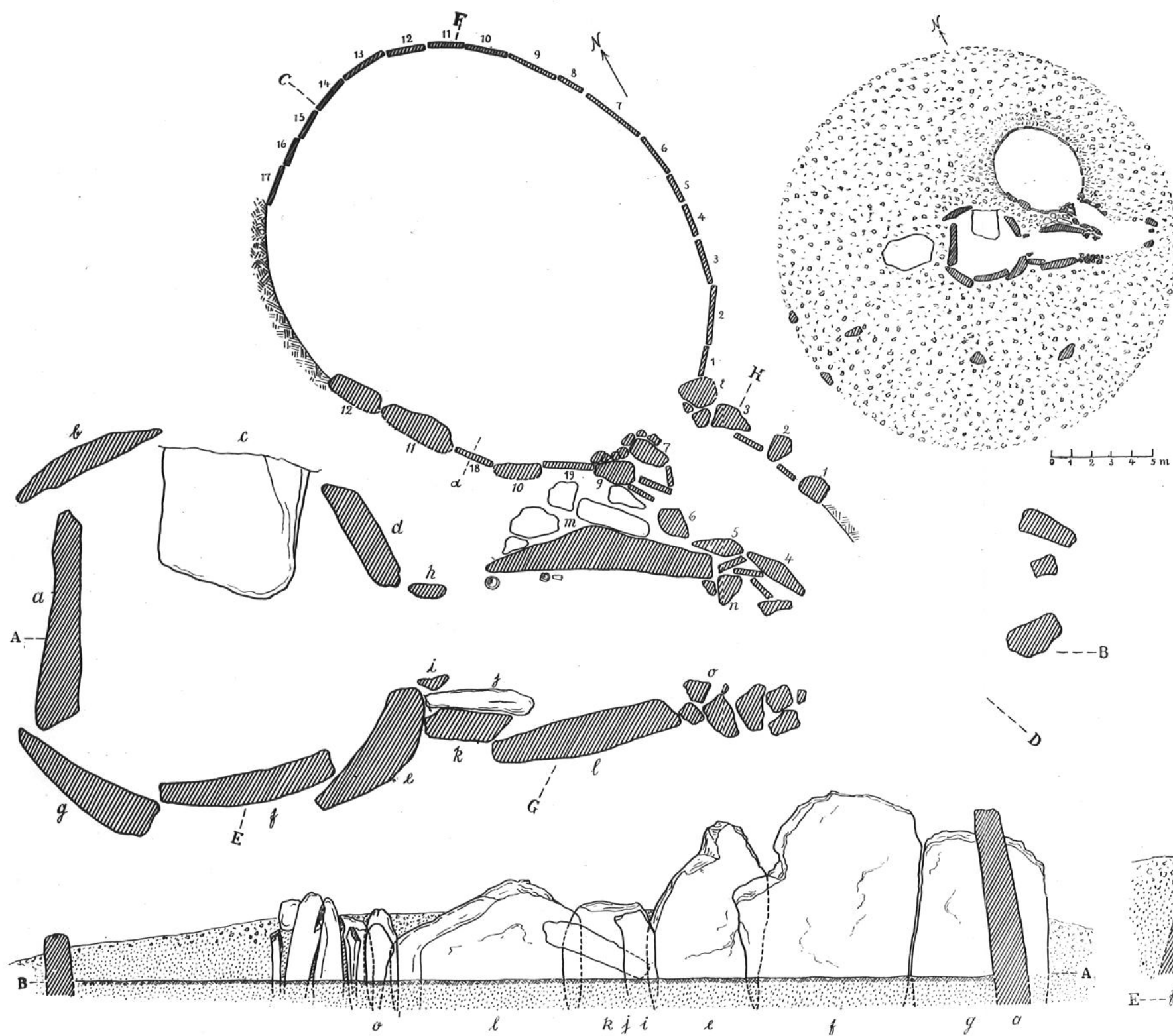
I. *Tholos* da Comenda; II. Anta 1 do Vale Carneiro; III. Anta 1 da Quinta; IV. Anta 4 dos Gorginos. Espólios

Escala: Cerâmica 1:3; os outros objectos 1:2



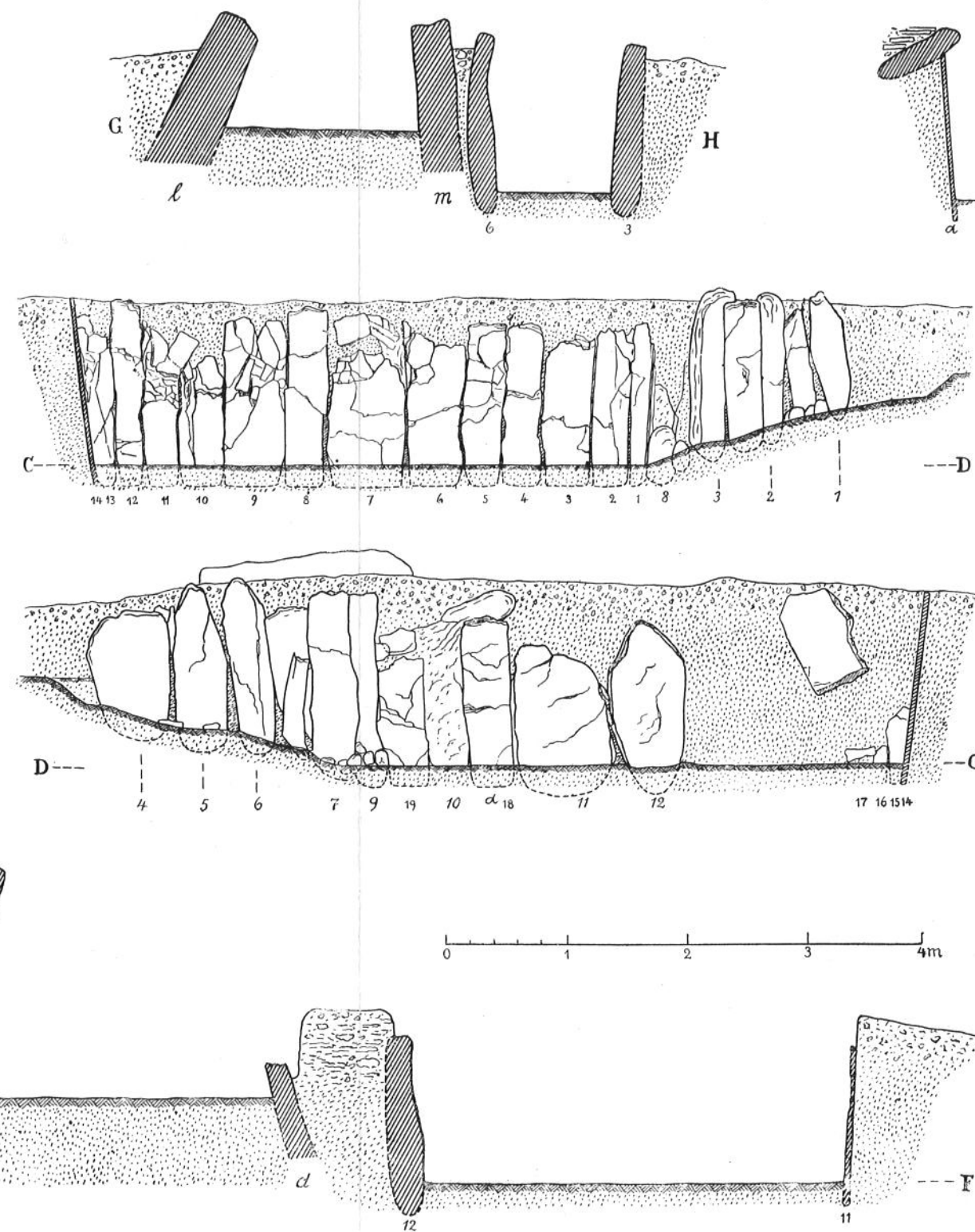
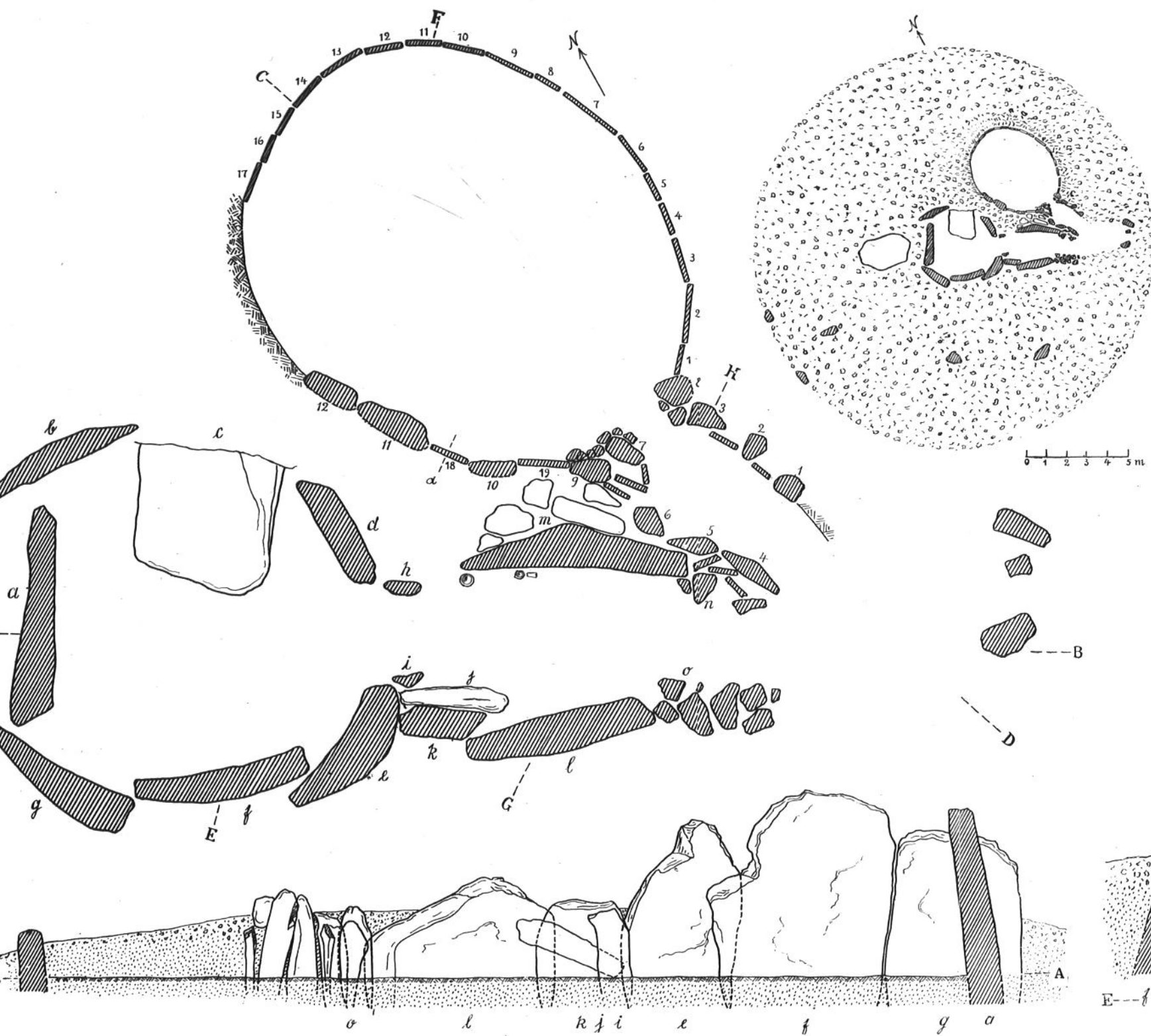
Anta 1 da Comenda. — Foto Est. LV

Escala: Cerâmica e placas de xisto 1:3;  
sílex e contas 1:2

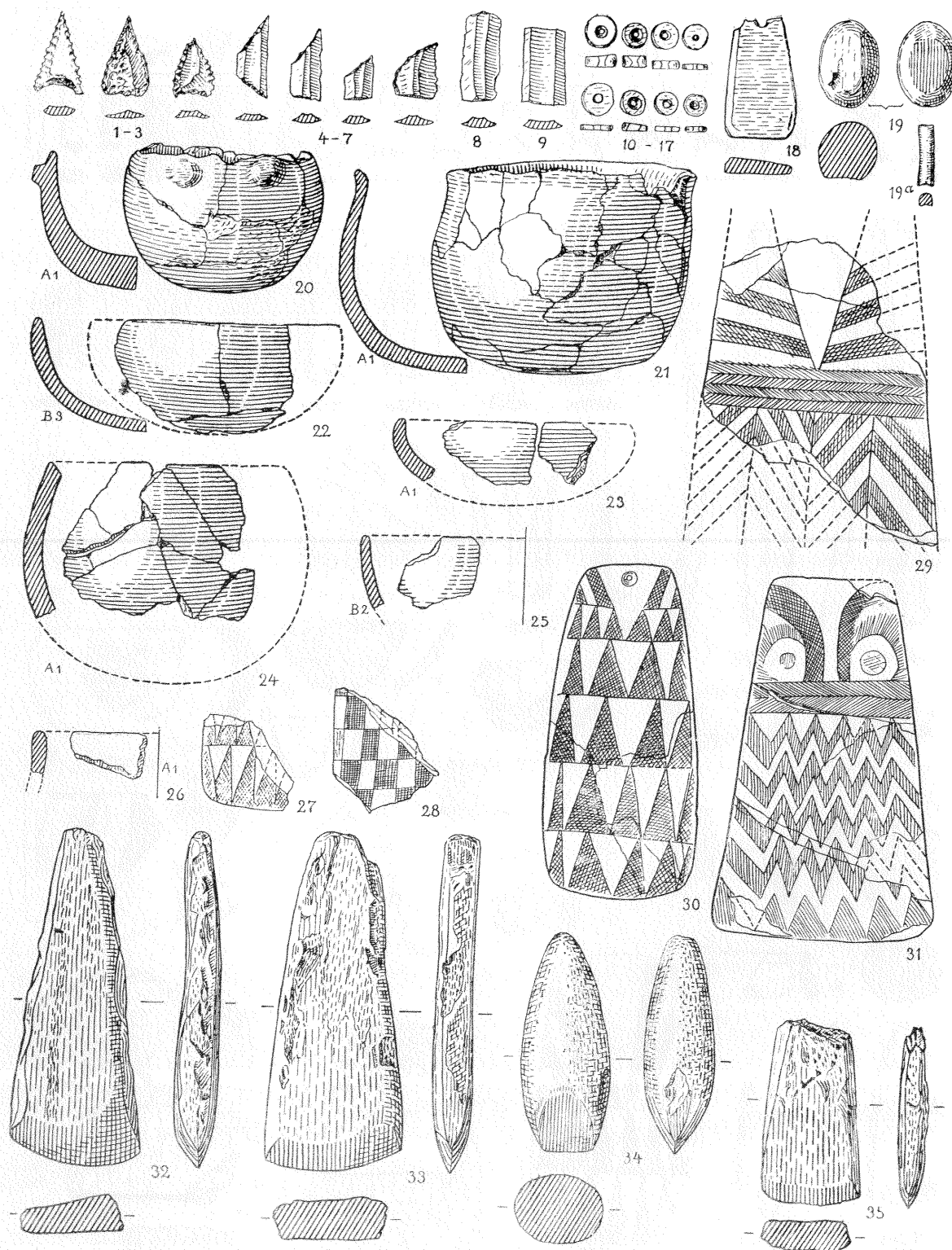


Anta 1 e Tholos da Farisoa — Foto Ests. XLVII-LI





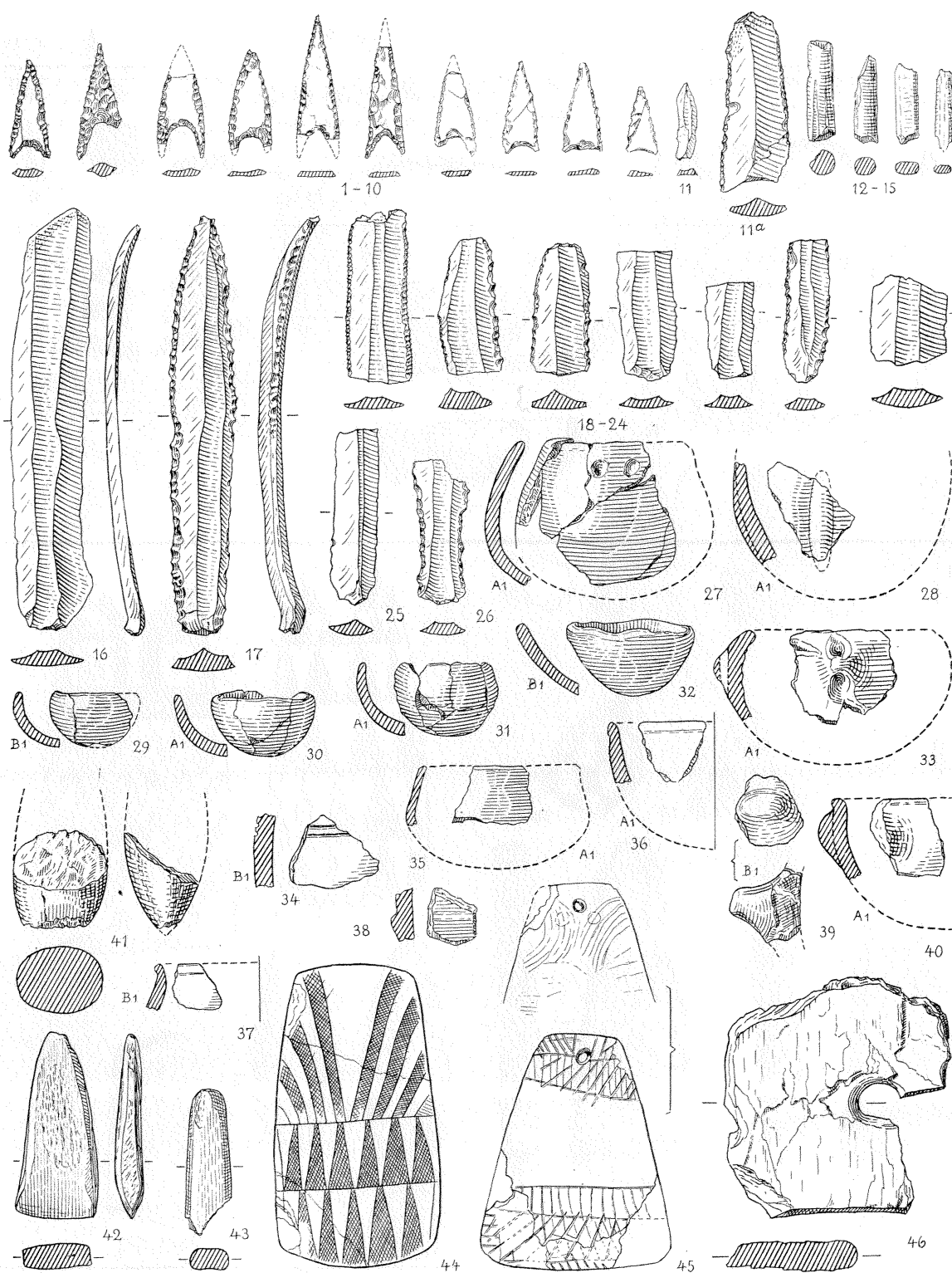
Anta 1 e Tholos da Farisoa — Foto Ests. XLVII-LI



Anta 1 da Farisoa. Espólio. N.ºs 20, 21 e 31: Foto Ests. LVIII, LXI

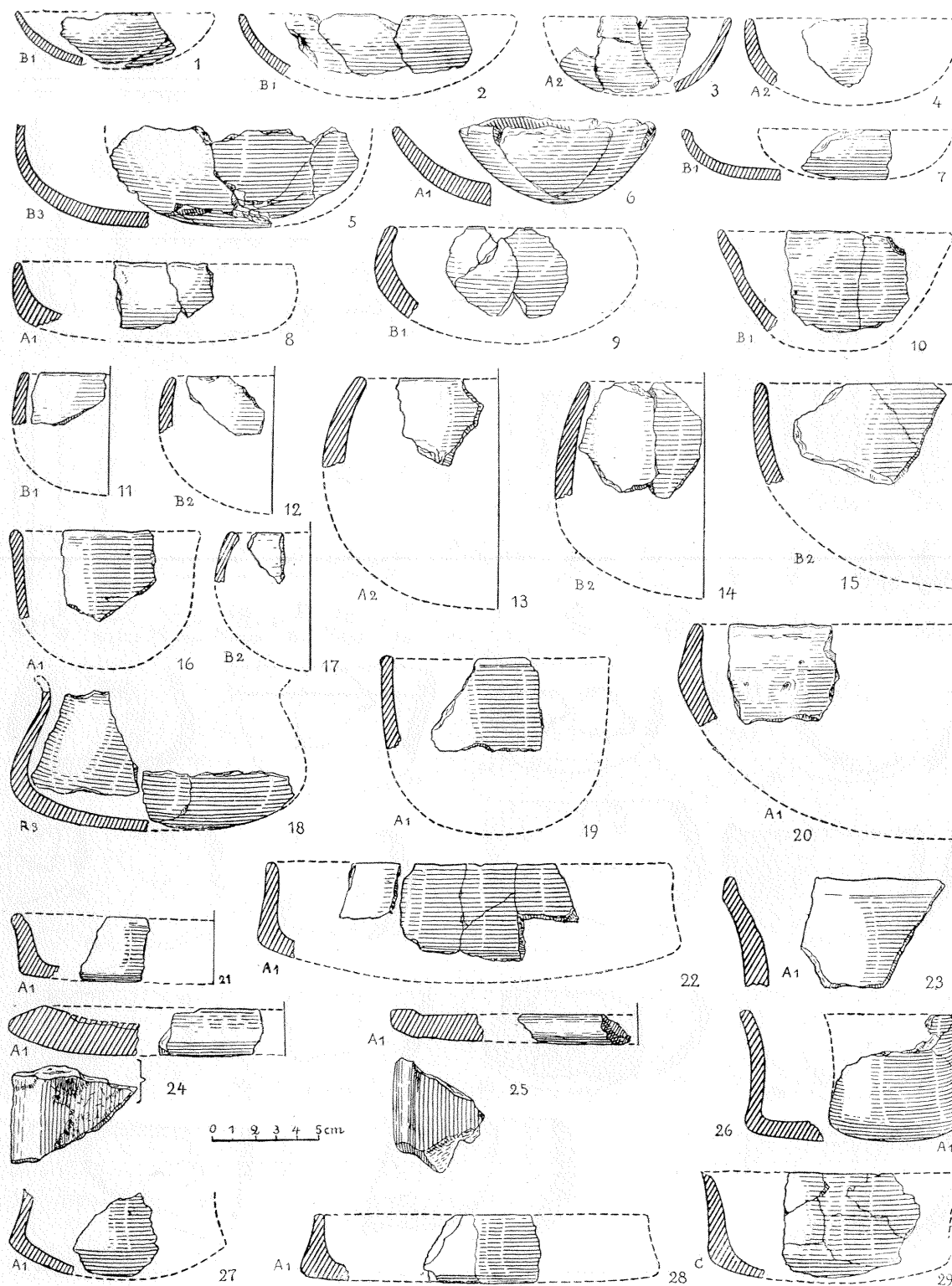
Escala: Pedra polida, cerâmica e placas de xisto 1:3; os outros objectos 1:2.



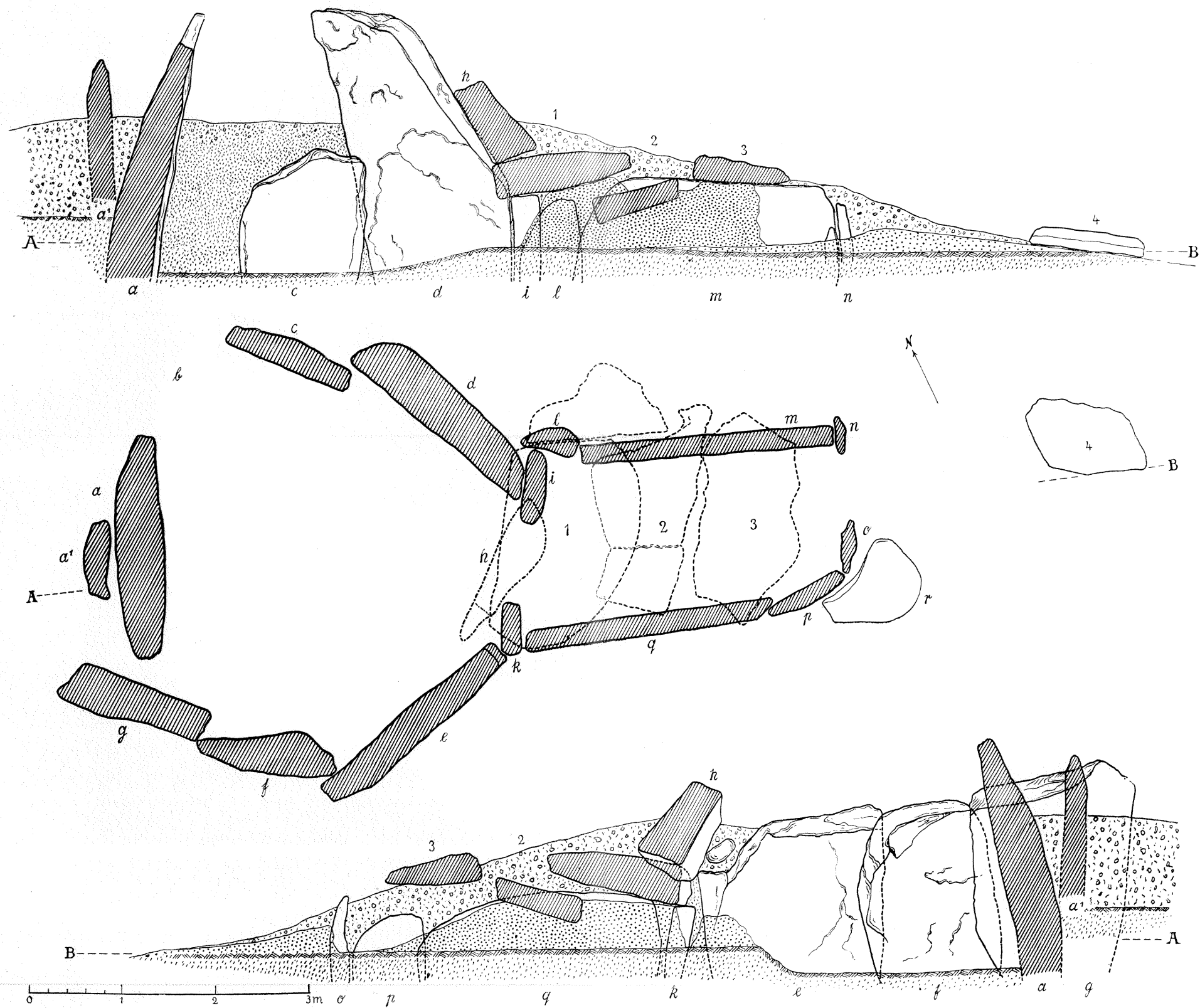


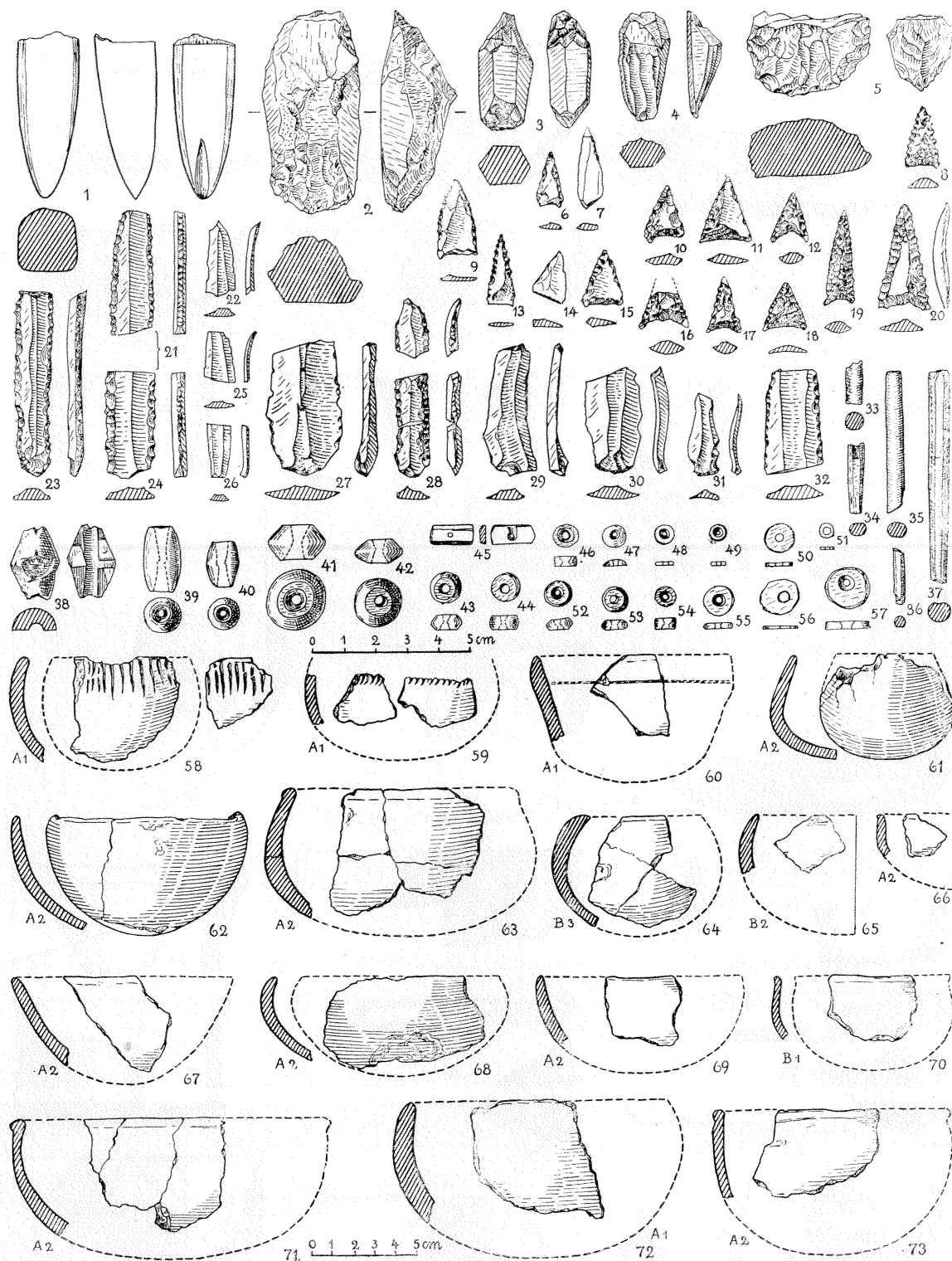
Tholos da Farisoa. Parte do espólio. — N.<sup>os</sup> 32 e 45: Foto Ests. LVIII, LXII

Escala: Pedra polida, cerâmica e placas  
de xisto 1:3; os outros objectos 1:2.



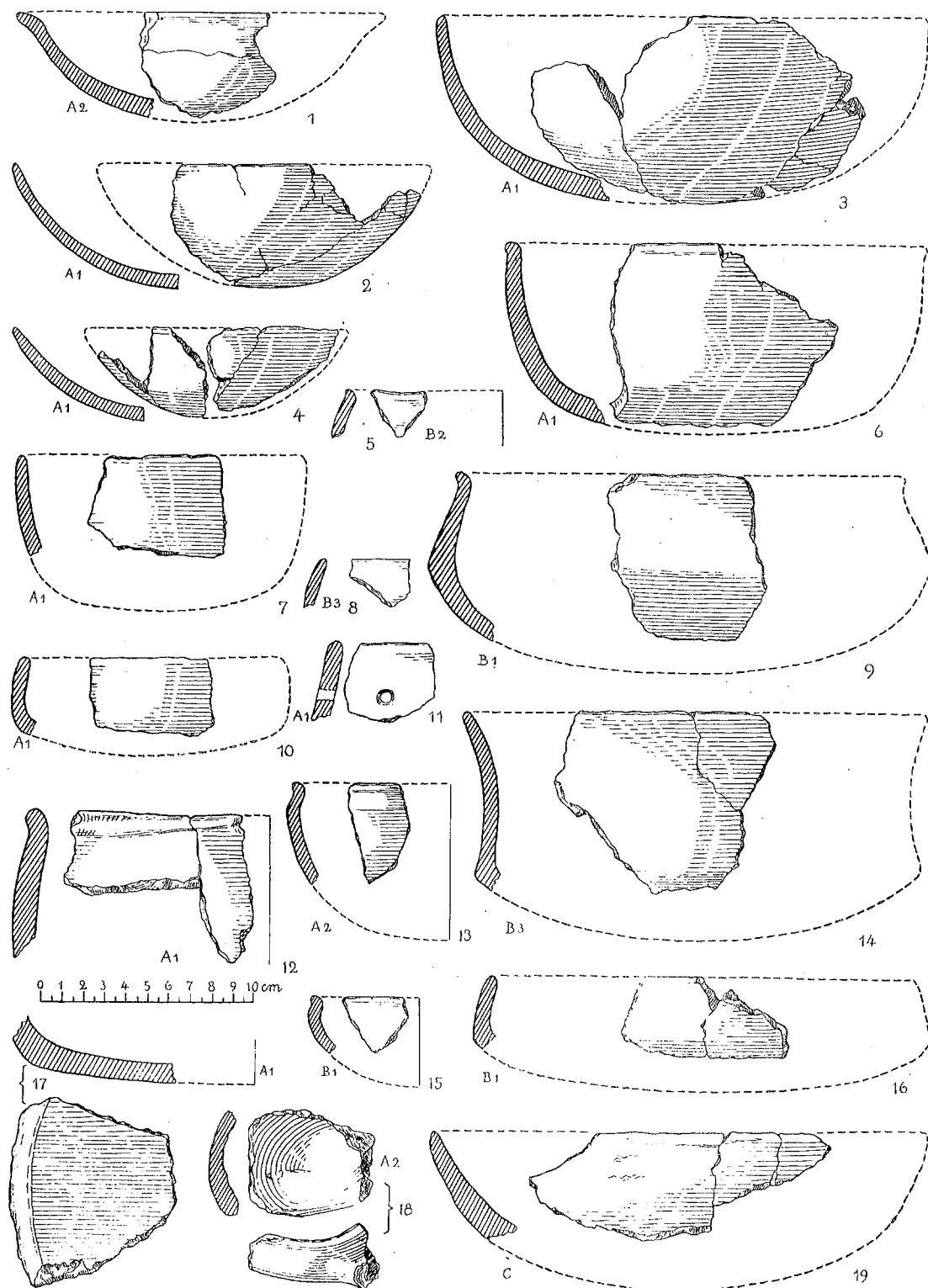
Tholos da Farisoa. Parte do espólio. N.º 6: Foto Est. LVIII



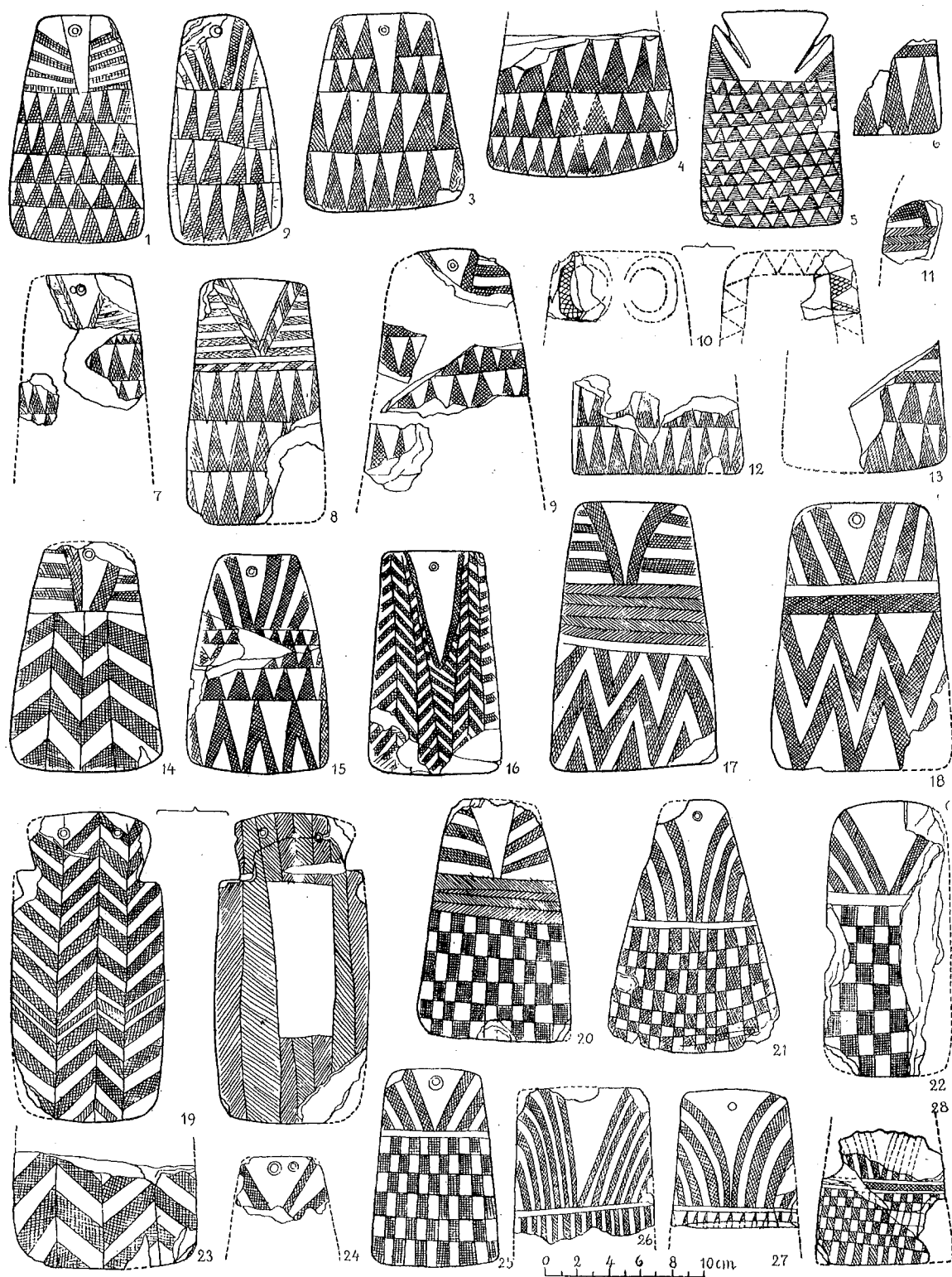


Anta 1 do Passo. Parte do espólio. — N.º 58: Foto Est. LX

Escala: Cerâmica e pedra polida 1:3;  
os outros objectos 1:2



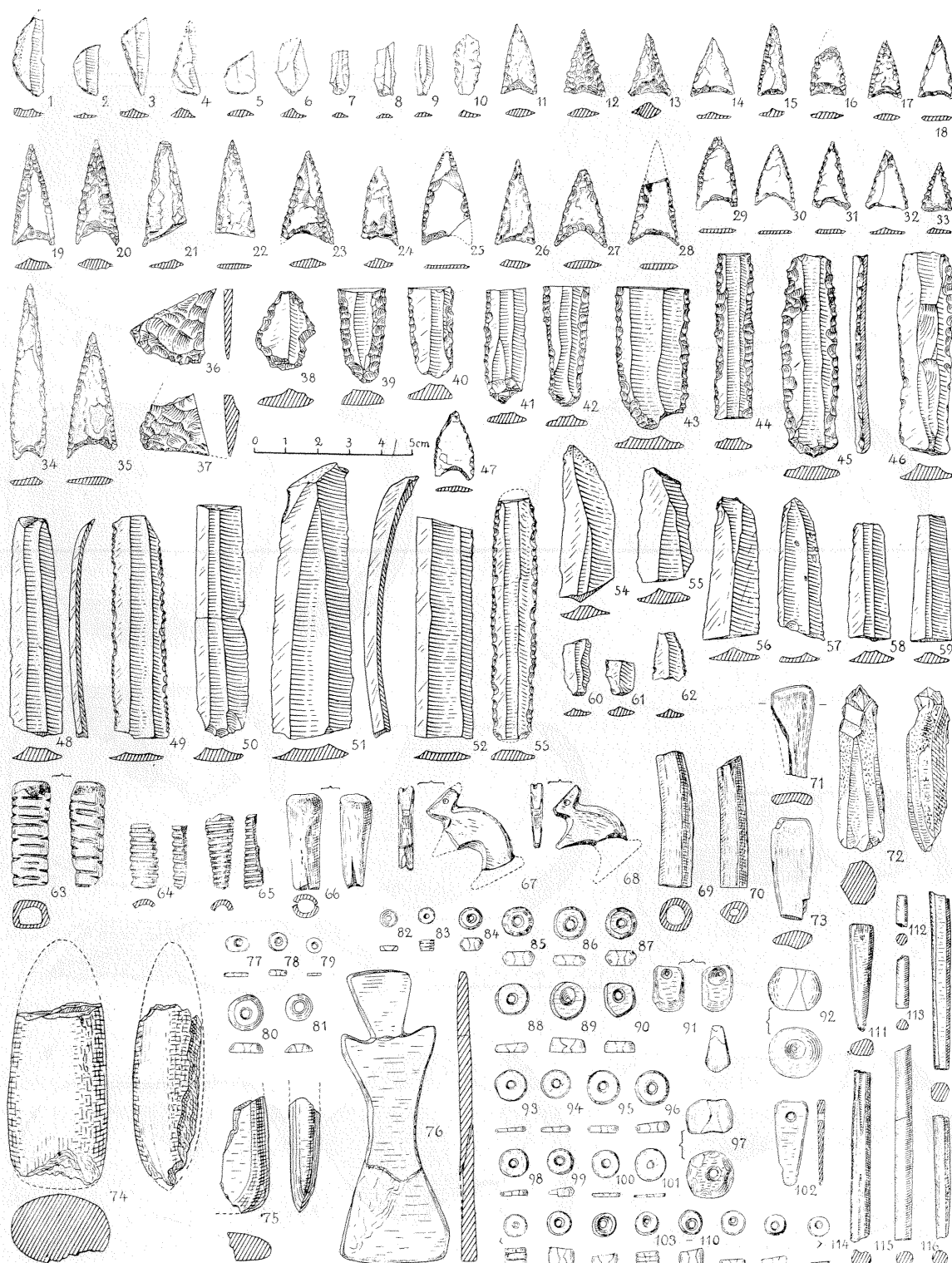
Anta 1 do Passo. Parte do Espólio



Anta 1 do Passo. Placas de xisto. N.ºs 5, 10 e 19: Foto Est. LXI e LXII



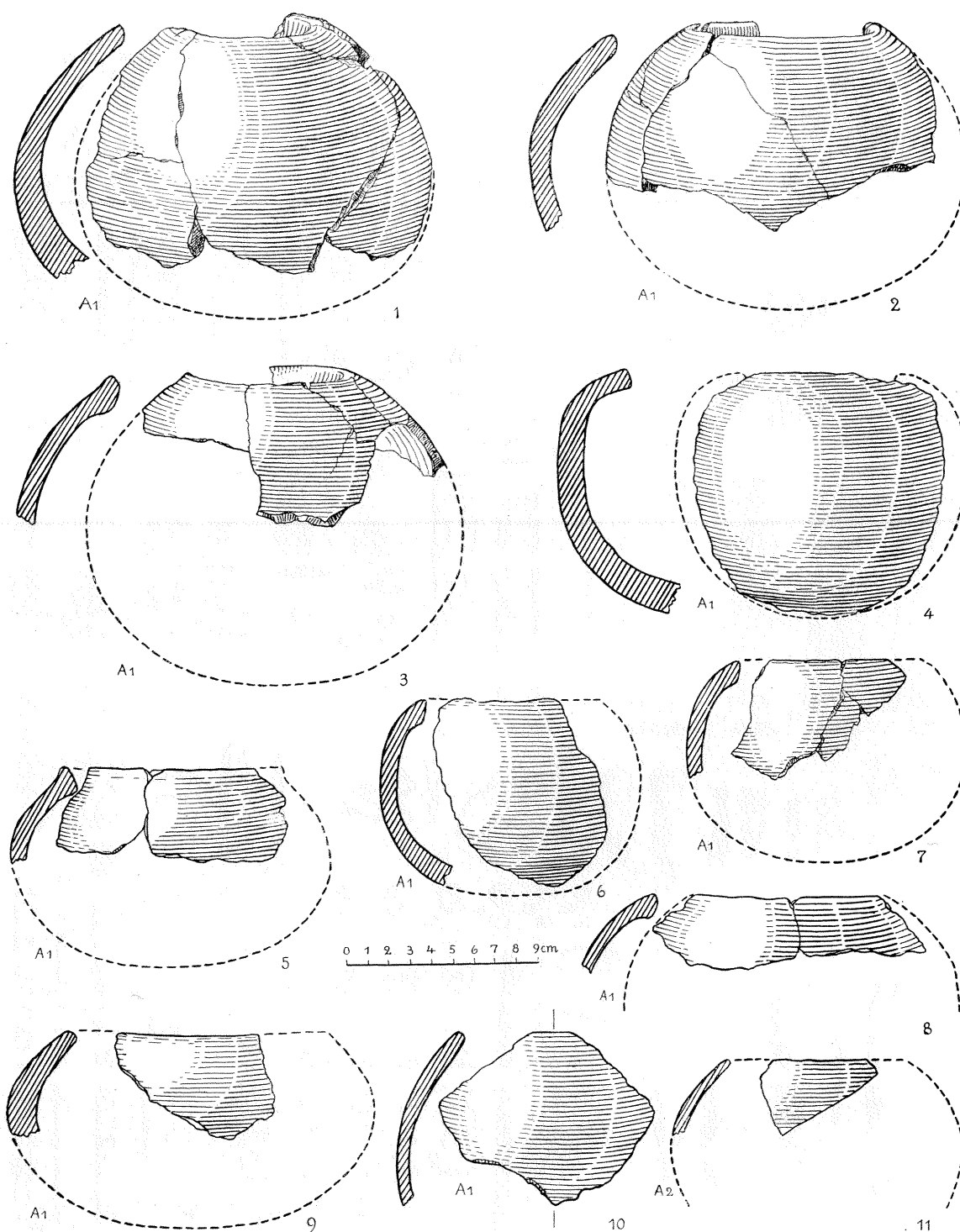




Anta Grande do Olival da Pega. Parte do espólio. — N.<sup>os</sup> 63-68 e 76: Foto Est. LXII

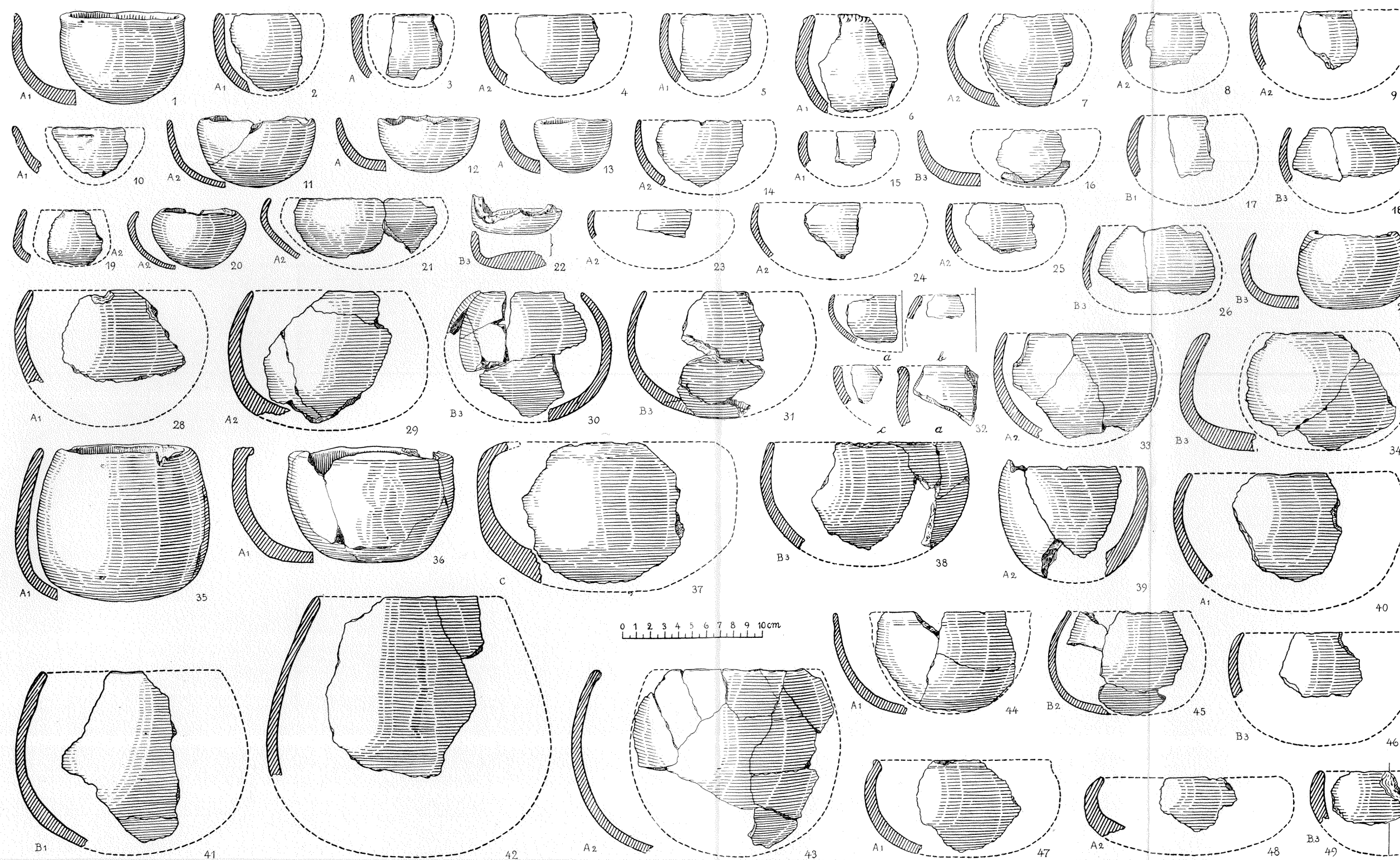
Escala: 1:2; N.<sup>os</sup> 74 e 75 1:3



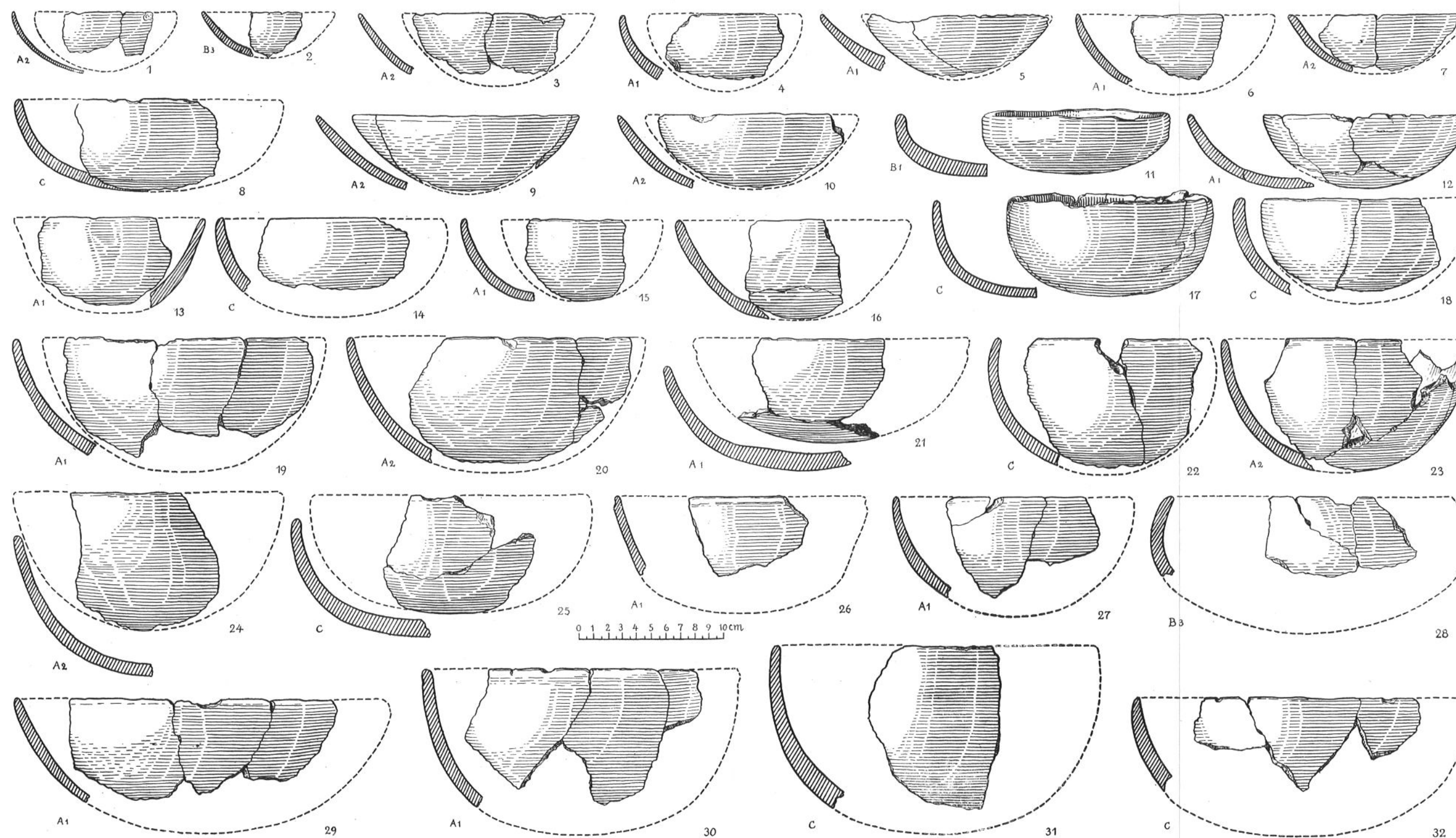


Anta Grande do Olival da Pega. Cerâmica, Grupo 3. Vasos globulares

Escala: 1:3

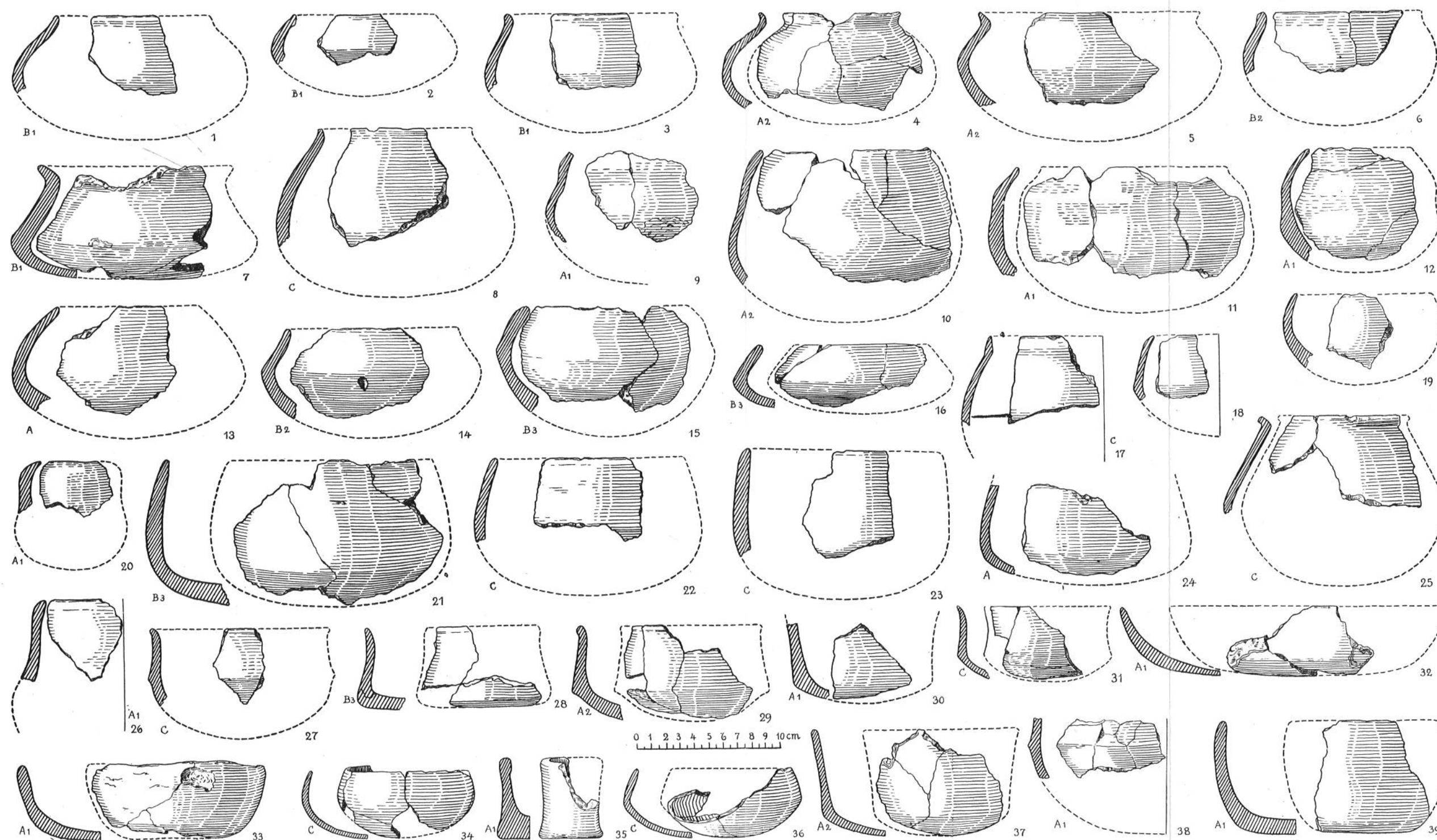


Anta Grande do Olival da Pega — Cerâmica, Grupo 1 e 2. Vasos esféricos e esférico-achatados. — N.ºs 1, 11, 20, 35 e 36: Foto Est. LVIII

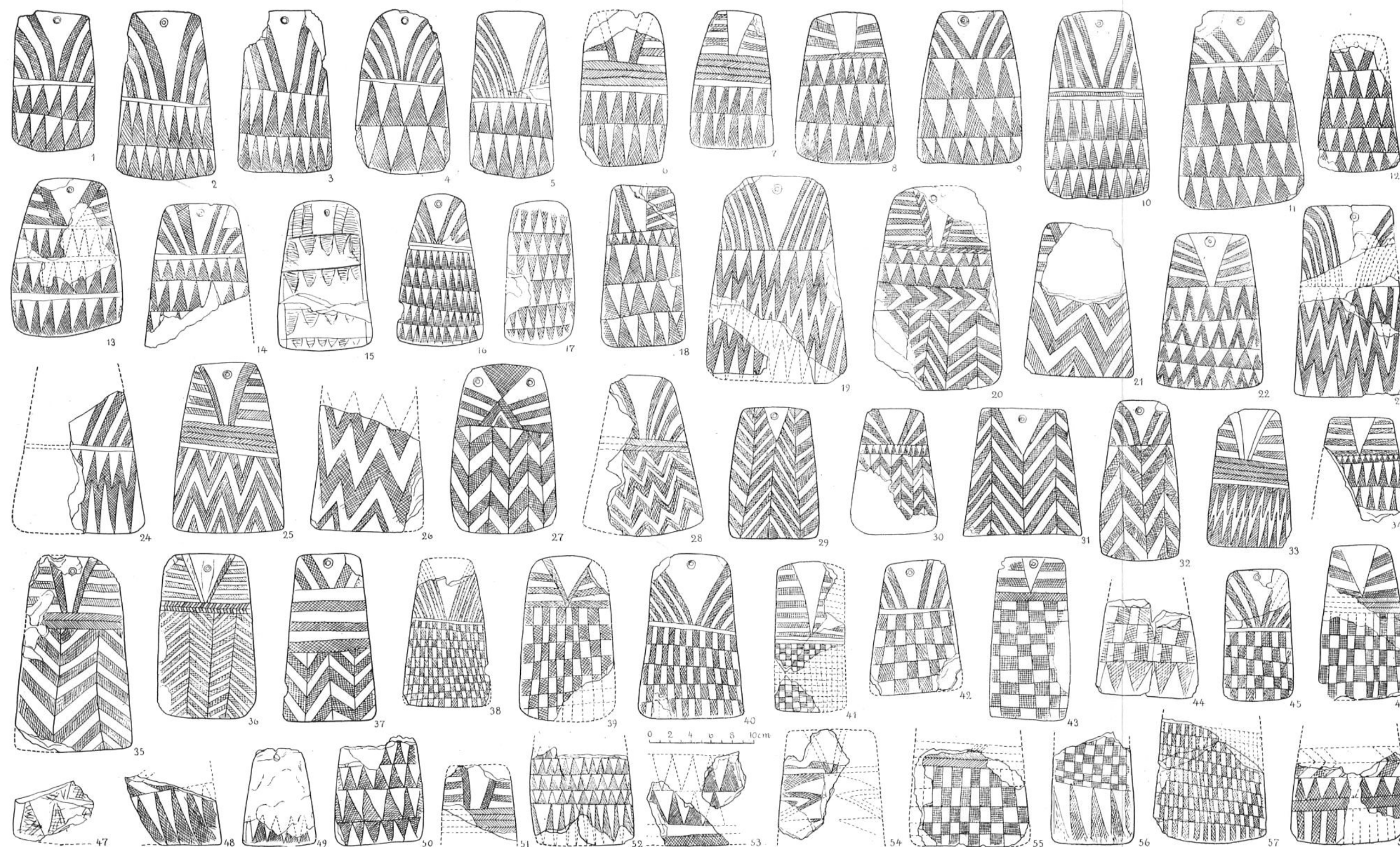


Anta Grande do Olival da Pega — Cerâmica, Grupo 4, Taças. — N.ºs 11 e 17: Foto Est. LVIII

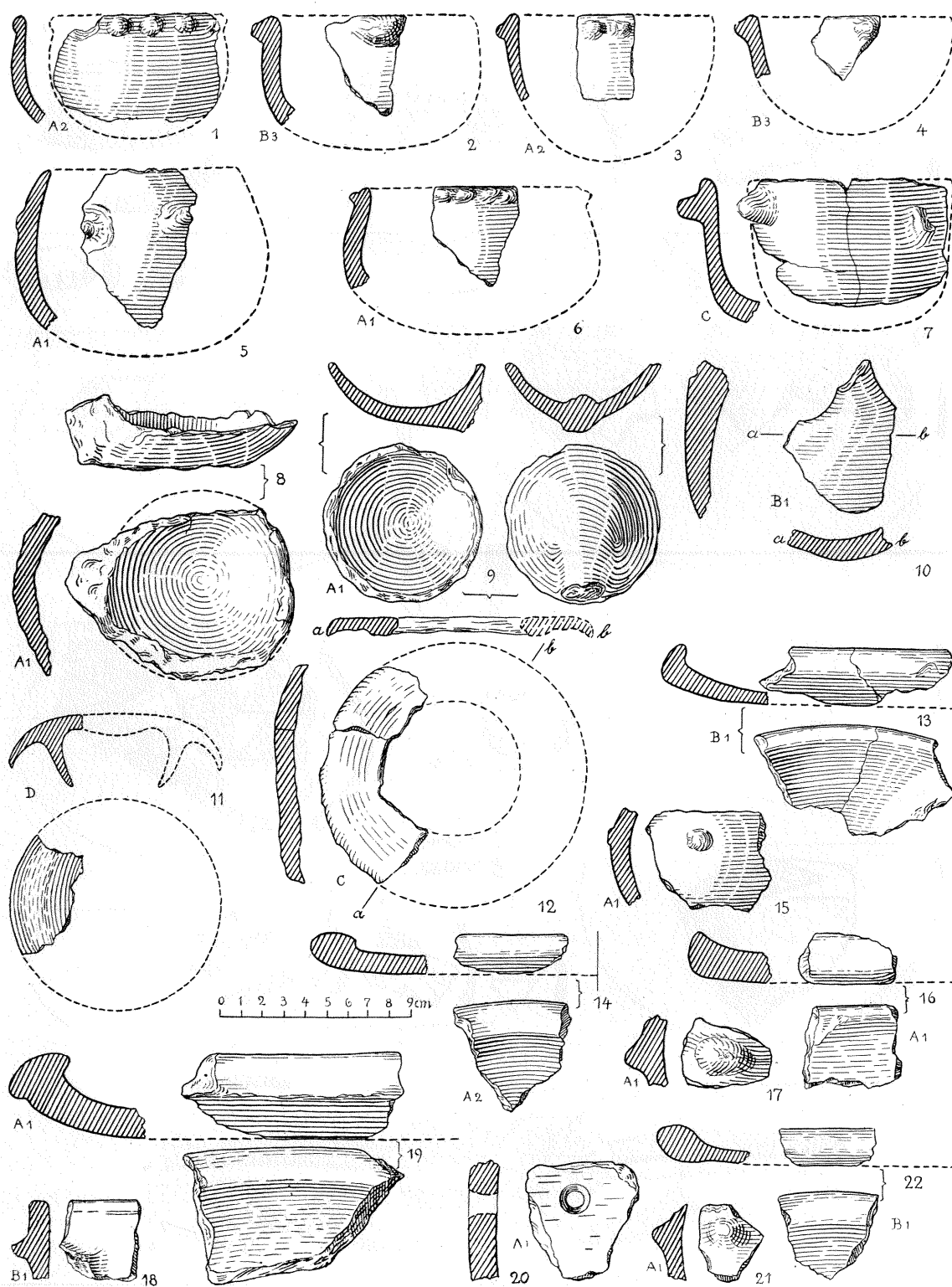




Anta Grande do Olival da Pega — Cerâmica, Grupo 5-8. Vasos esféricos de colo estrangulado, vasos bicônicos, de parede côncava e de fundo plano



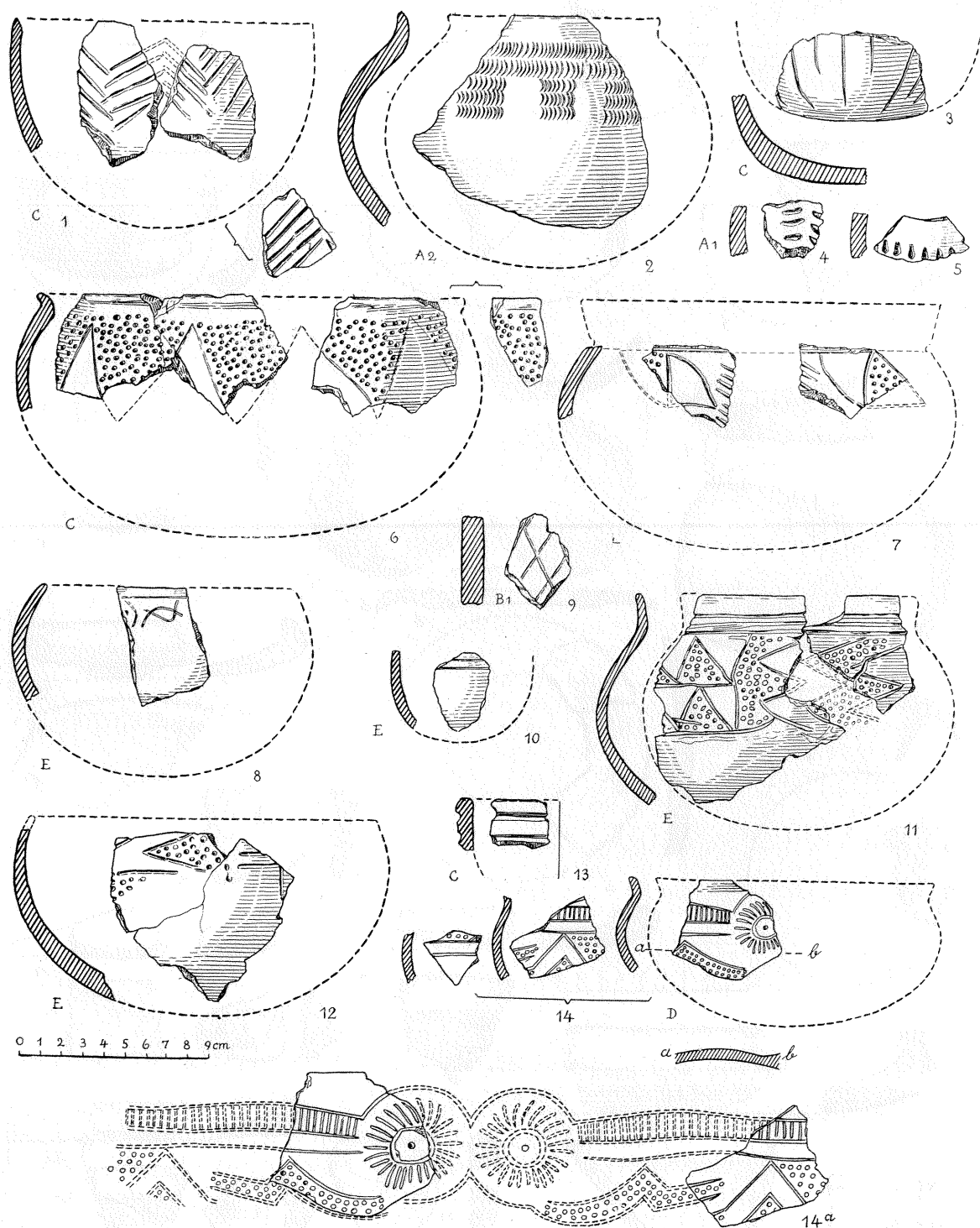
Anta Grande do Olival da Pega. Placas de xisto



Anta Grande do Olival da Pega.—Cerâmica, Grupo 8-11. Pratos, Vasos com mamilos, Colheres, Tampas

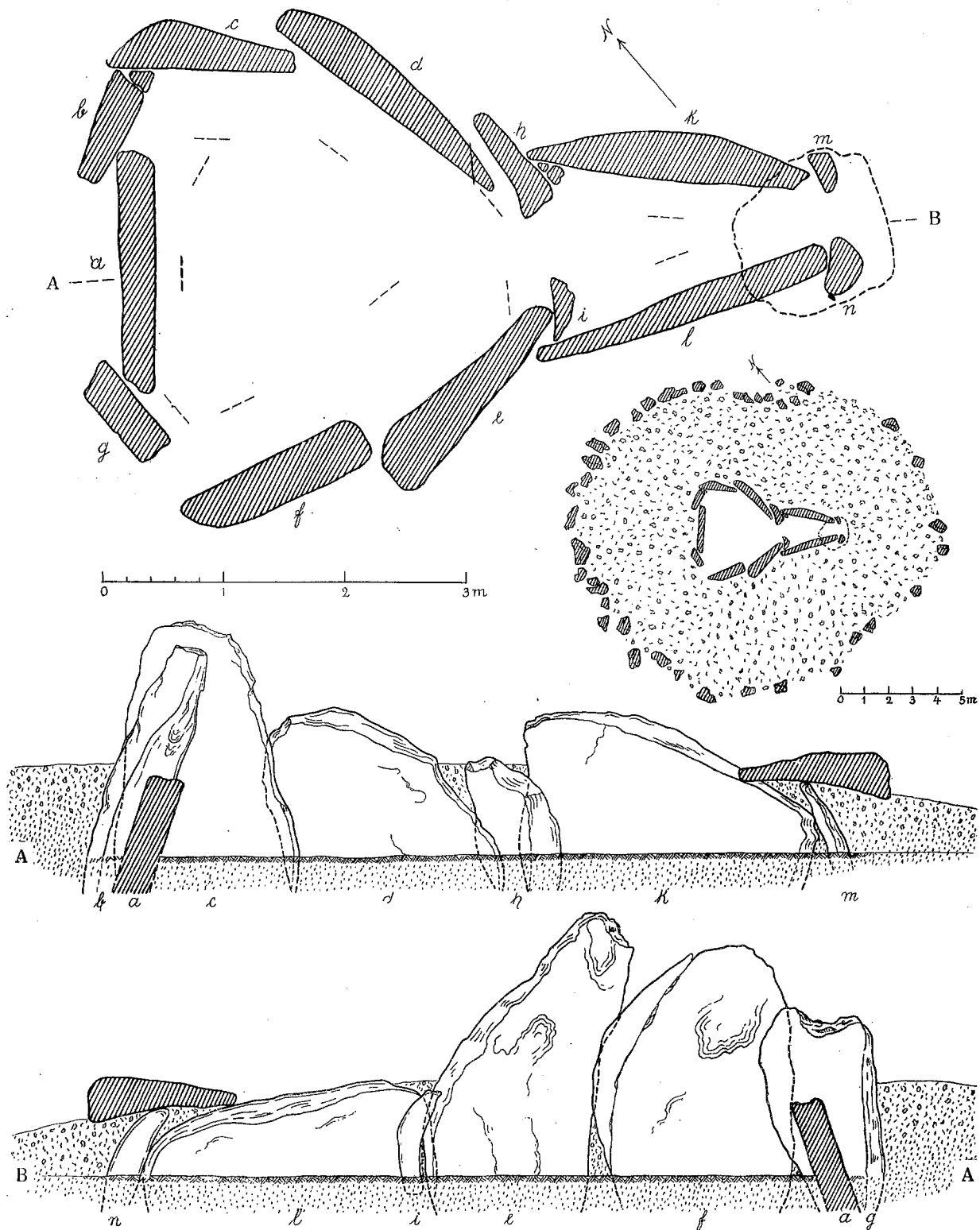
Escala: 1:3





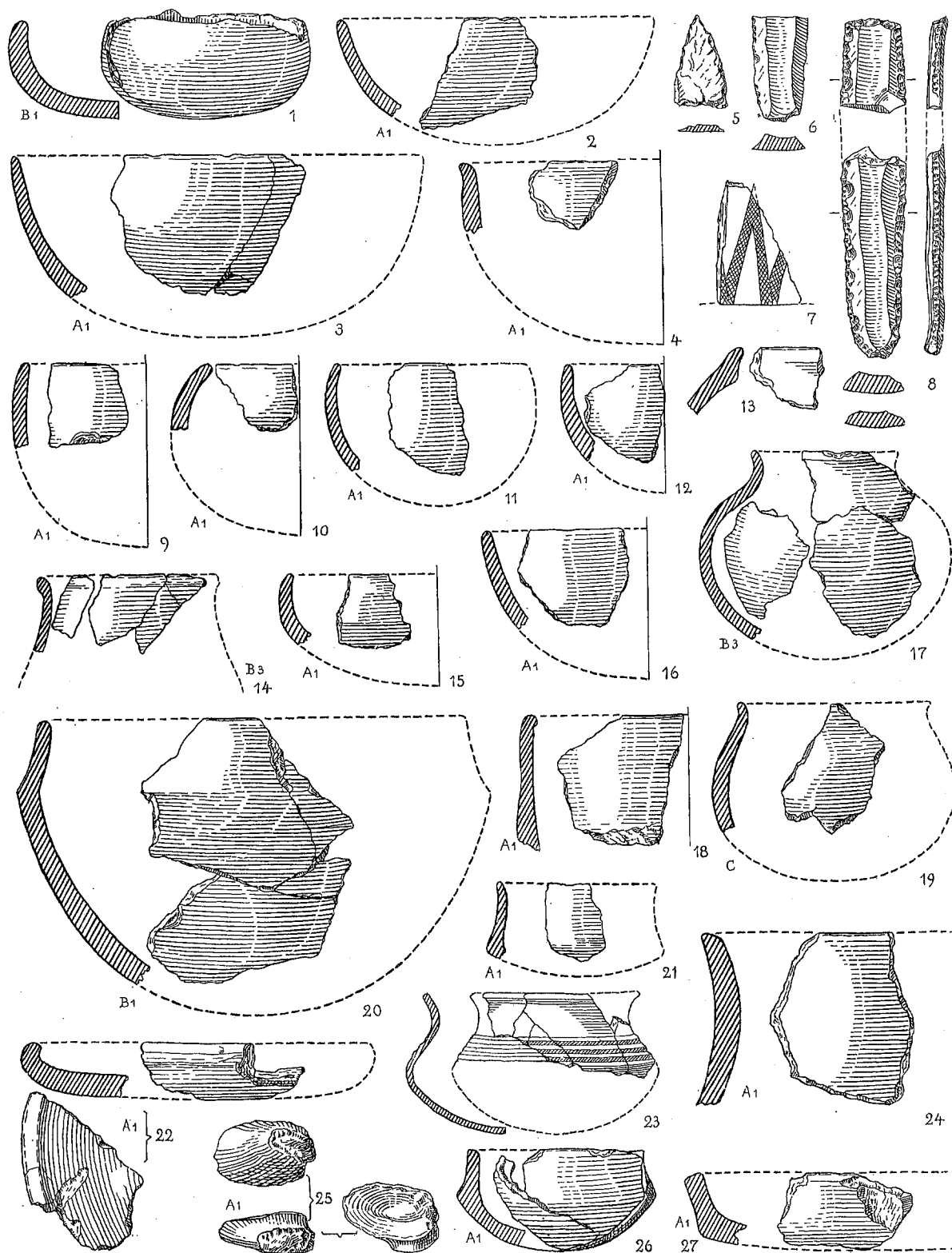
Anta Grande do Olival da Pega.—Cerâmica decorada. Foto Ests. LIX, LX, LXII

Escala: 1:3; N.º 14 a: 1:2



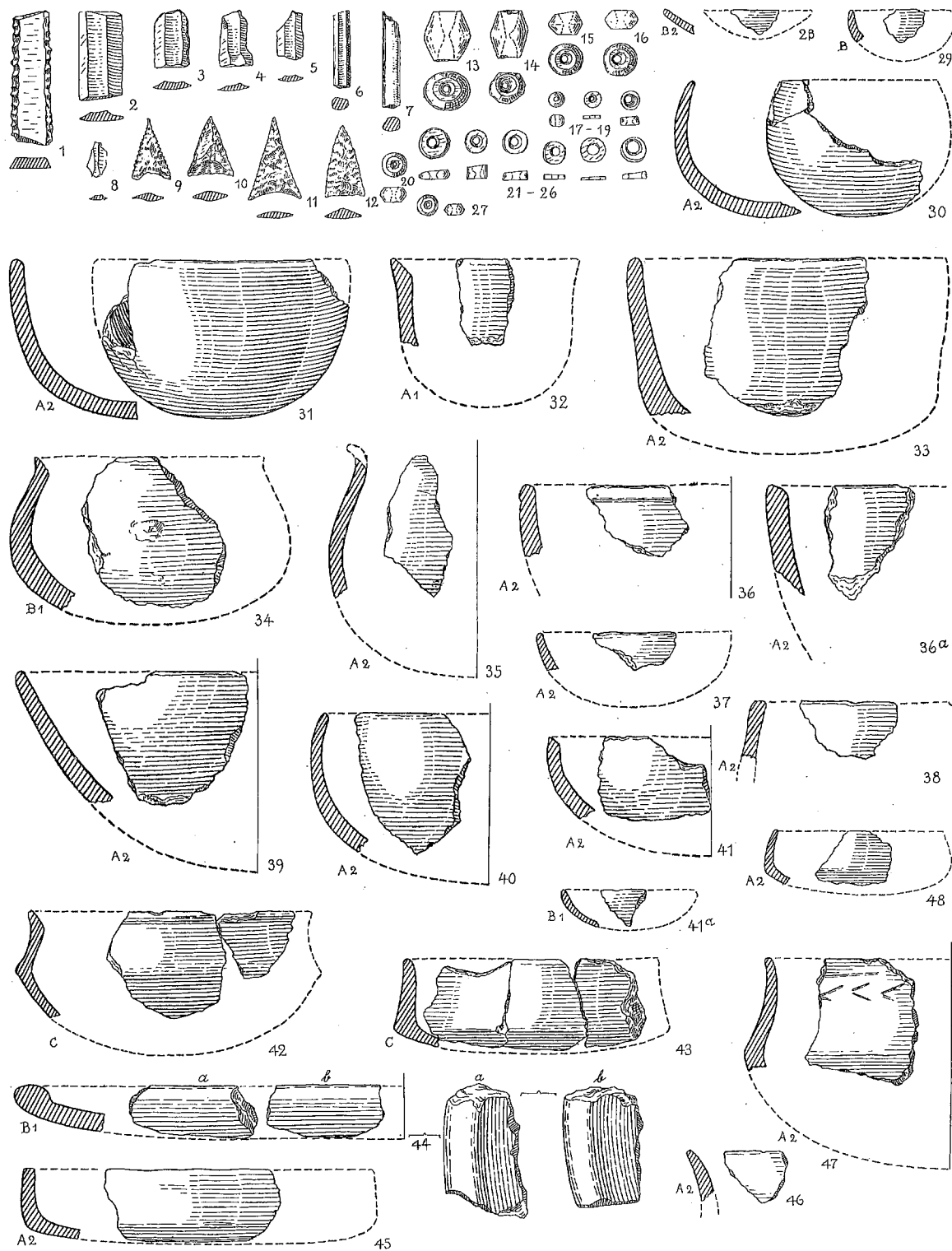
Anta 1 dos Gorginos, Foto Est. LIV





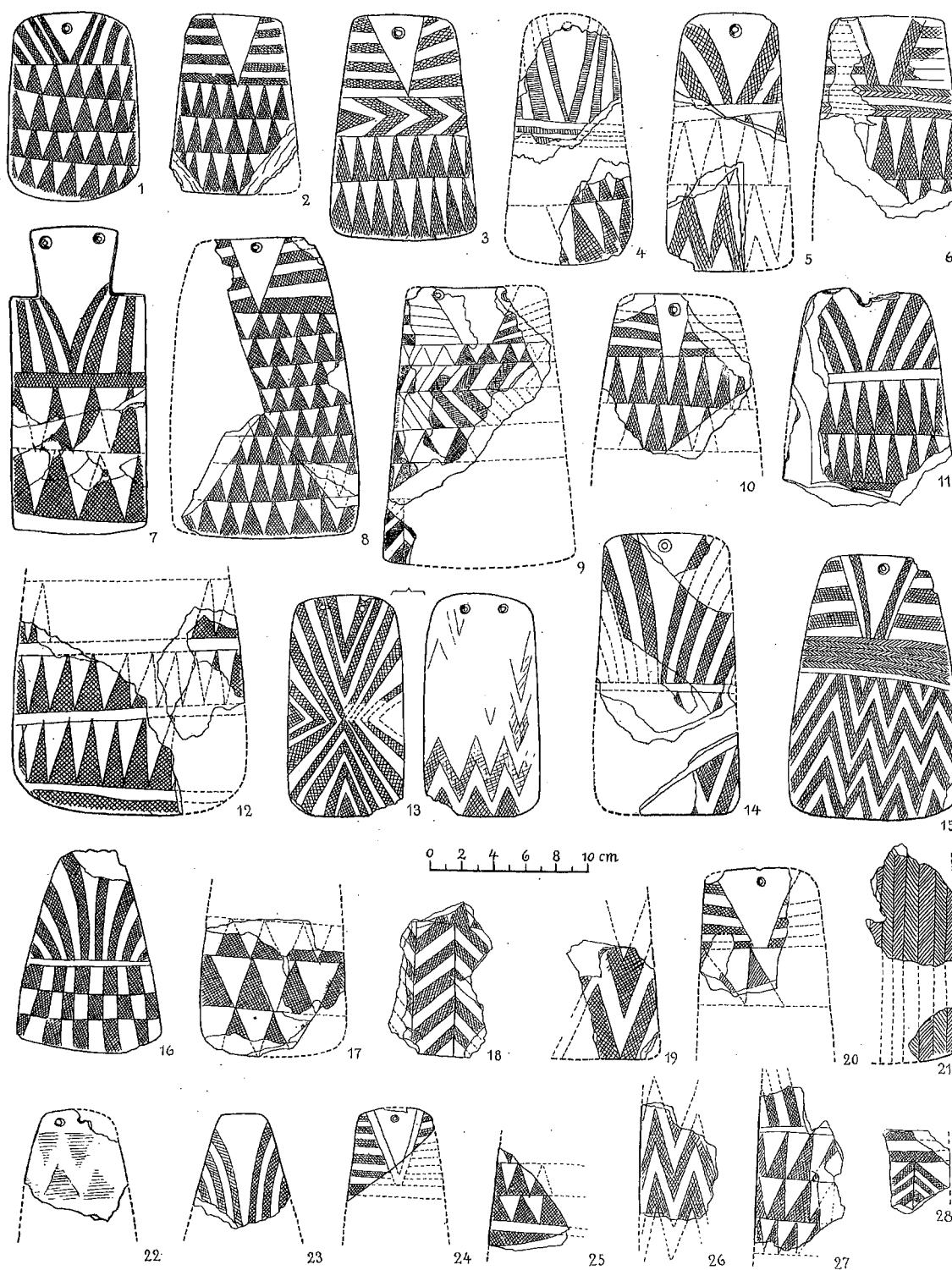
Anta 1 dos Gorginos, Espólio. — N.º 1: Foto Est. LVIII.

Escala: 1:3; N.ºs 5, 6 e 8: 1:2; N.º 23: 3:10

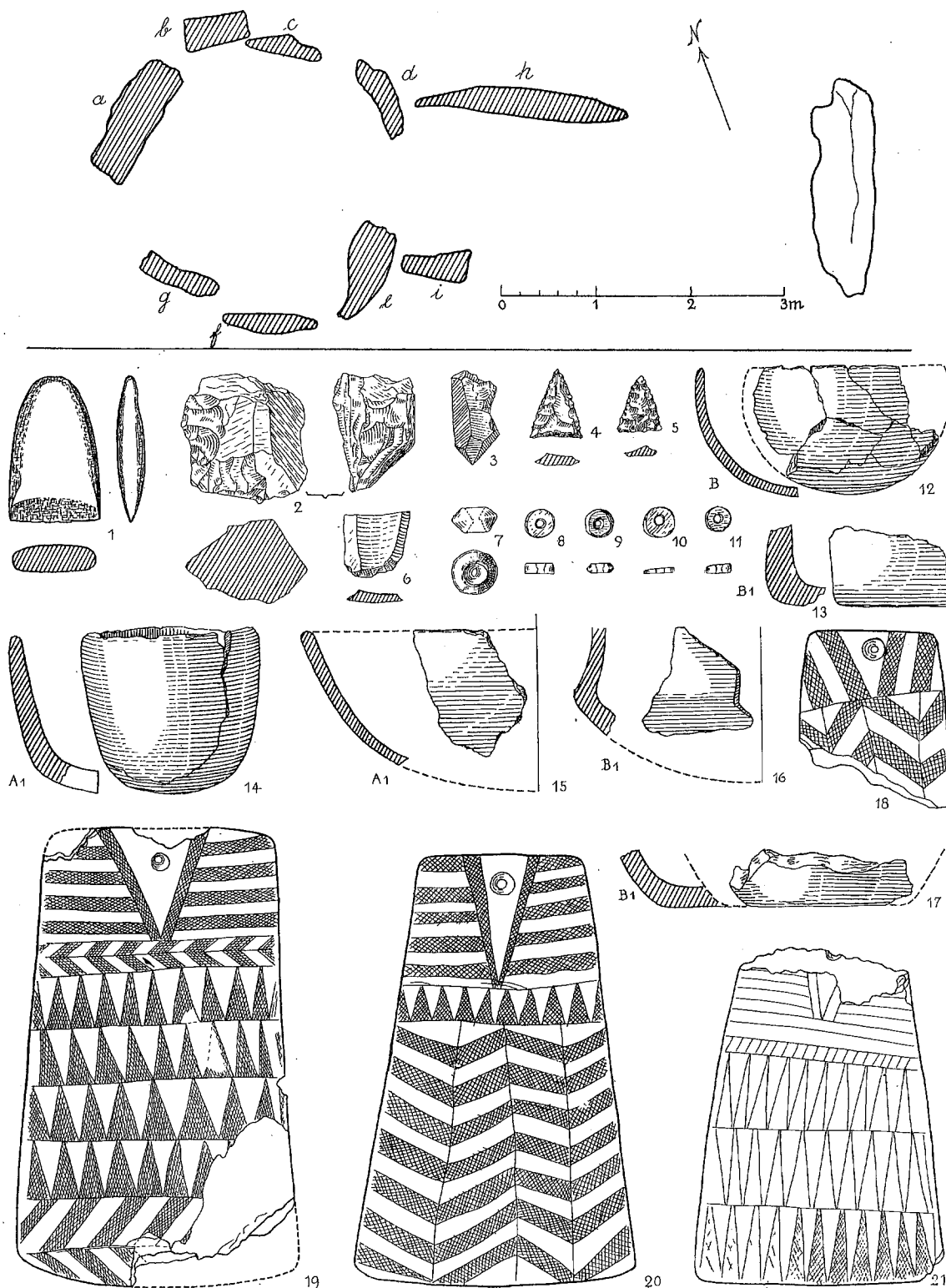


Anta 1 do Cebolinho, Espólio. — N.º 47: Foto Est. LIX

Escala: 1:3; N.ºs 1-27: 1:2

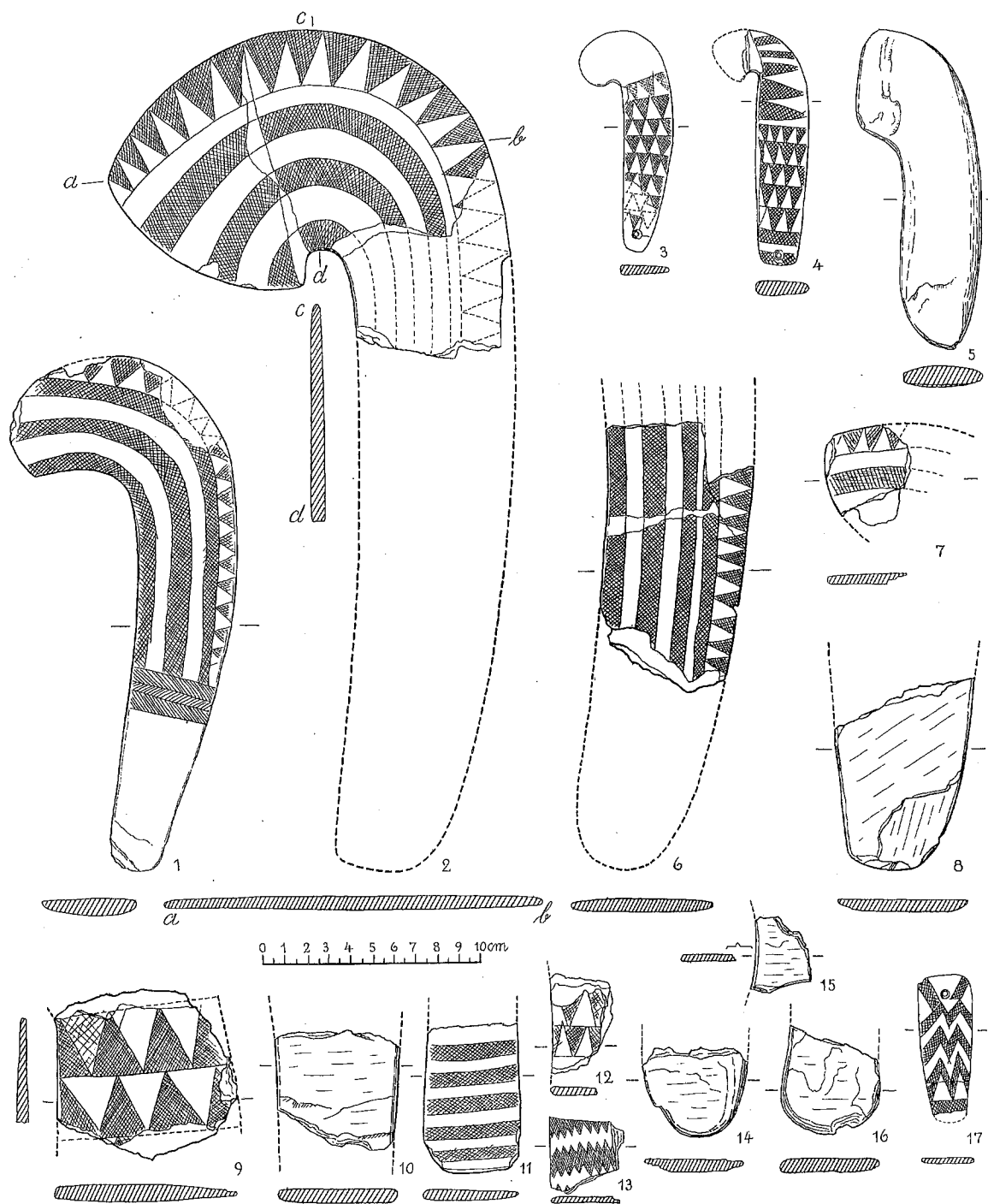


Anta 1 do Cebolinho. Placas de xisto

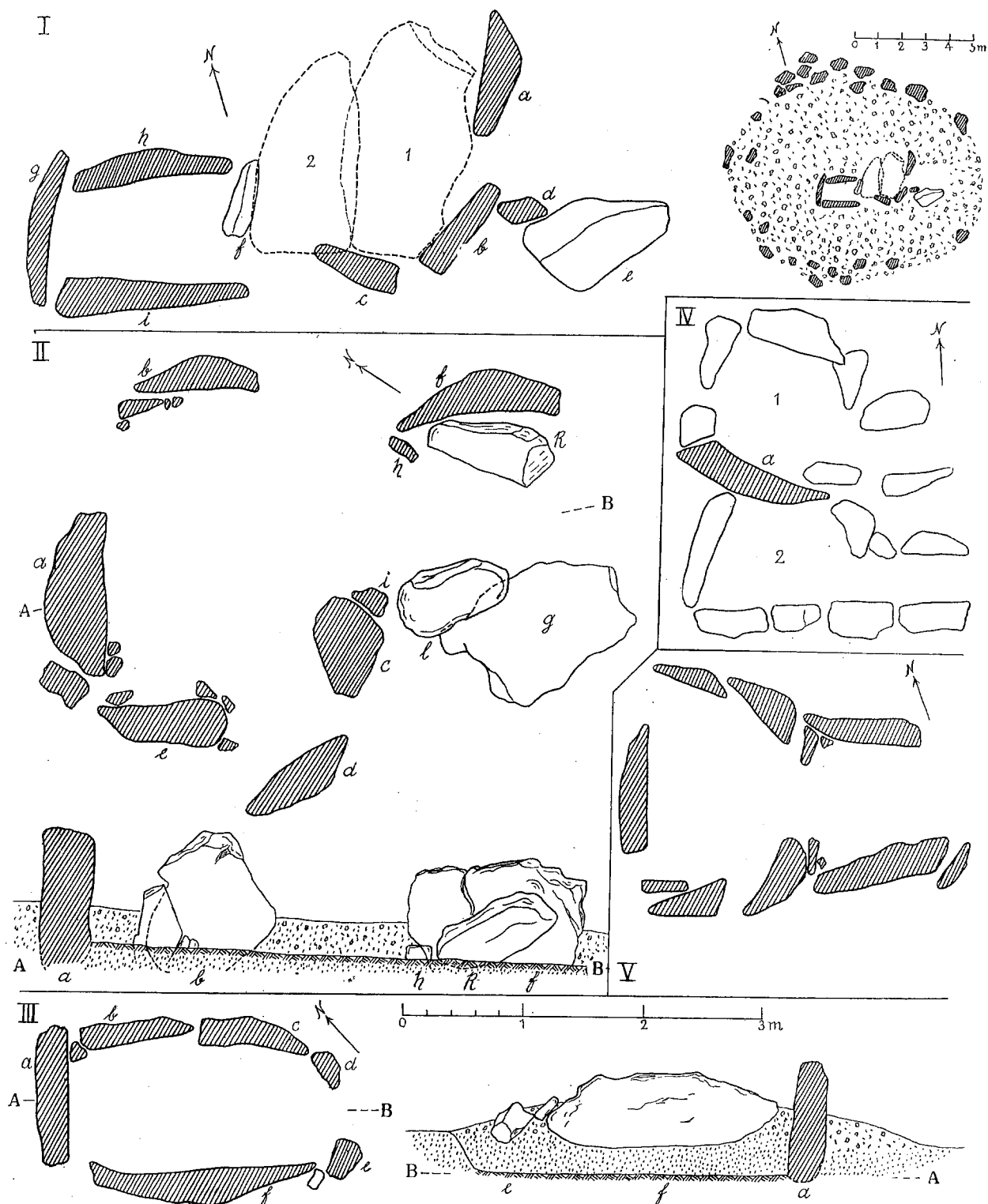


Anta 1 da Santa Margarida

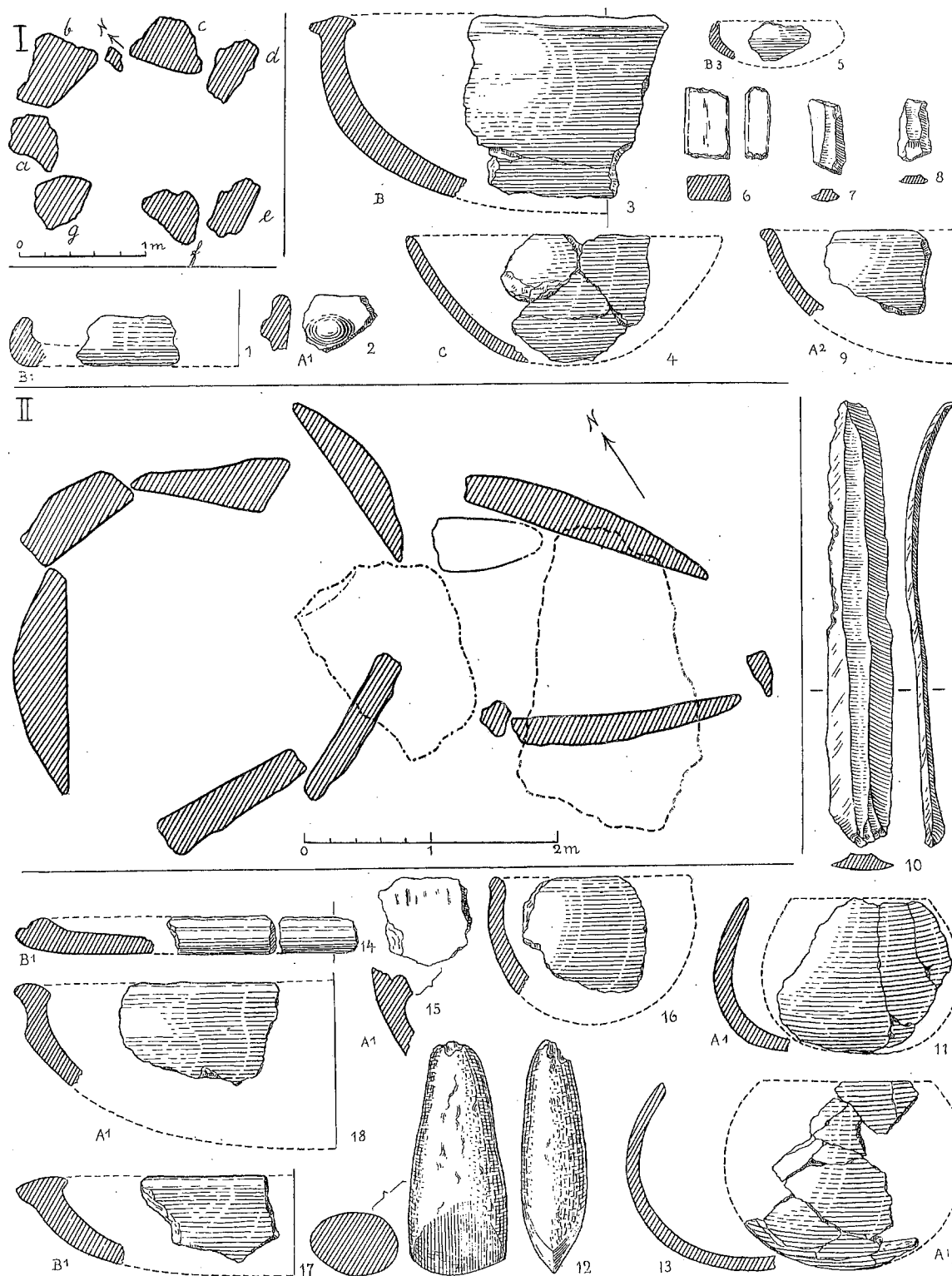
Escala: 1:3; N.ºs 2-11: 1:2



Báculos de xisto. Berloque de xisto. — N.ºs 1, 2, 5, 9 e 14: Anta Grande do Olival da Pega;  
N.ºs 3, 4, 7, 10 e 17: Anta 1 do Passo; N.ºs 6, 8 e 13: Anta 1 do Cebolinho; N.ºs 11 e 16:  
Tholos da Comenda. N.ºs 3, 4 e 17: Foto Est. LXII

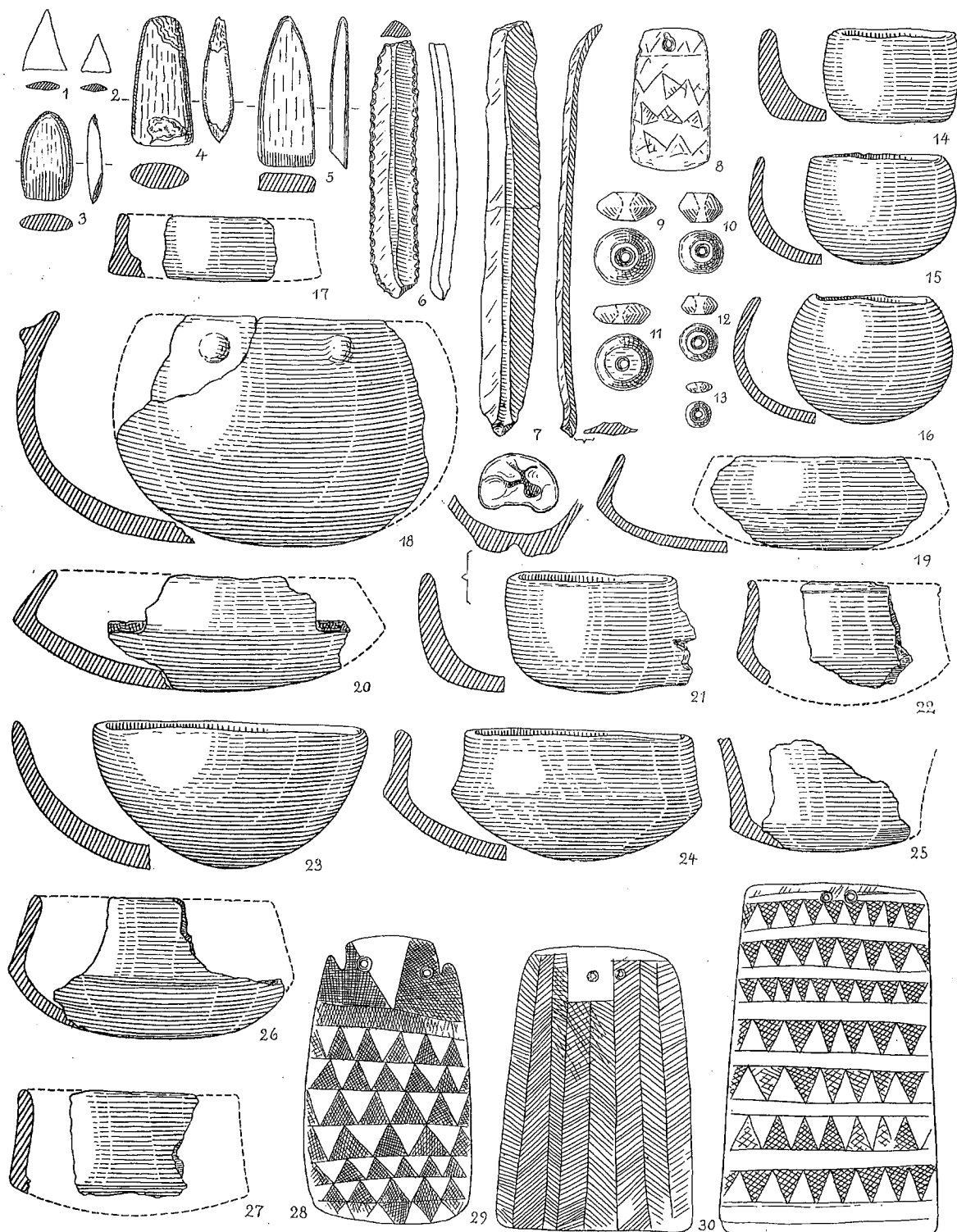


I. Anta e Cista megalítica da Falcoeira; II. Anta 6 da Farisoa; III. Anta 10 das Areias; IV. Anta 6 e Construções pseudo-megalíticas das Areias; V. Anta 7 das Areias. Foto Est. XLII



I. Anta 11 das Areias; II. Anta 5 das Areias; Espólios. N.º 1-7. Anta 11 das Areias; N.º 8: Anta 7 das Areias; N.º 9: Anta 6 das Areias; N.ºs 10 e 11: Anta 7 da Farisoa; N.ºs 12 e 13: Anta 6 da Farisoa; N.ºs 14-18: Anta 5 das Areias

Escala: 1:3; N.ºs 7 e 8: 1:2



Tumulus de Jeromigo. Parte do Espólio

Escala: 1:3; N.ºs 1, 2, 6-13: 1:2



*Coluna I.* Câmaras de polígono regular e alongado

1. Passo 2 .....	N.º 83
2. Margarida 1 .....	» 32
3. Gorginos 3 .....	» 129
4. Horta da Bengala .....	» 12
5. Gateira 1 .....	» 29
6. Comenda 2 .....	» 36
7. Vale Carneiro 1 .....	» 77
8. Monte Novo 2 .....	» 119

*Coluna II.* Câmaras de polígono alongado

9. Barrocal 2 .....	N.º 54
10. Farisoa 2 .....	» 112
11. Barrocal 3 .....	» 55
12. Quinta 1 .....	» 24
13. Duque 1 .....	» 28
14. Outeiro 1 .....	» 45
1. Arraieira 1 .....	» 47
16. Piteiros 1 .....	» 43

*Coluna III.* Câmaras de polígono alargado

17. Peroliva .....	N.º 5
18. Cavaleira .....	» 44
19. Cebolinho 4 .....	» 106
20. Azinheira 2 .....	» 16
21. Cebolinho 2 .....	» 104
22. Barrocal 12 .....	» 64
23. Vale Carneiro 2 .....	» 78

*Coluna IV.* Câmaras de polígono unilateral, corredores desviados do eixo da câmara

24. Vidigueiras 1 .....	N.º 125
25. Vidigueiras 2 .....	» 126
26. Gorginos 2 .....	» 128
27. Piornal 2 .....	» 70
28. Passo 7 .....	» 88
29. Lázaro 1 .....	» 1
30. Barrocal 13 .....	» 65
3. Margarida 2 .....	» 33

*Coluna V.* Câmaras poligonais de tendência trapezoidal, Corredores compridos

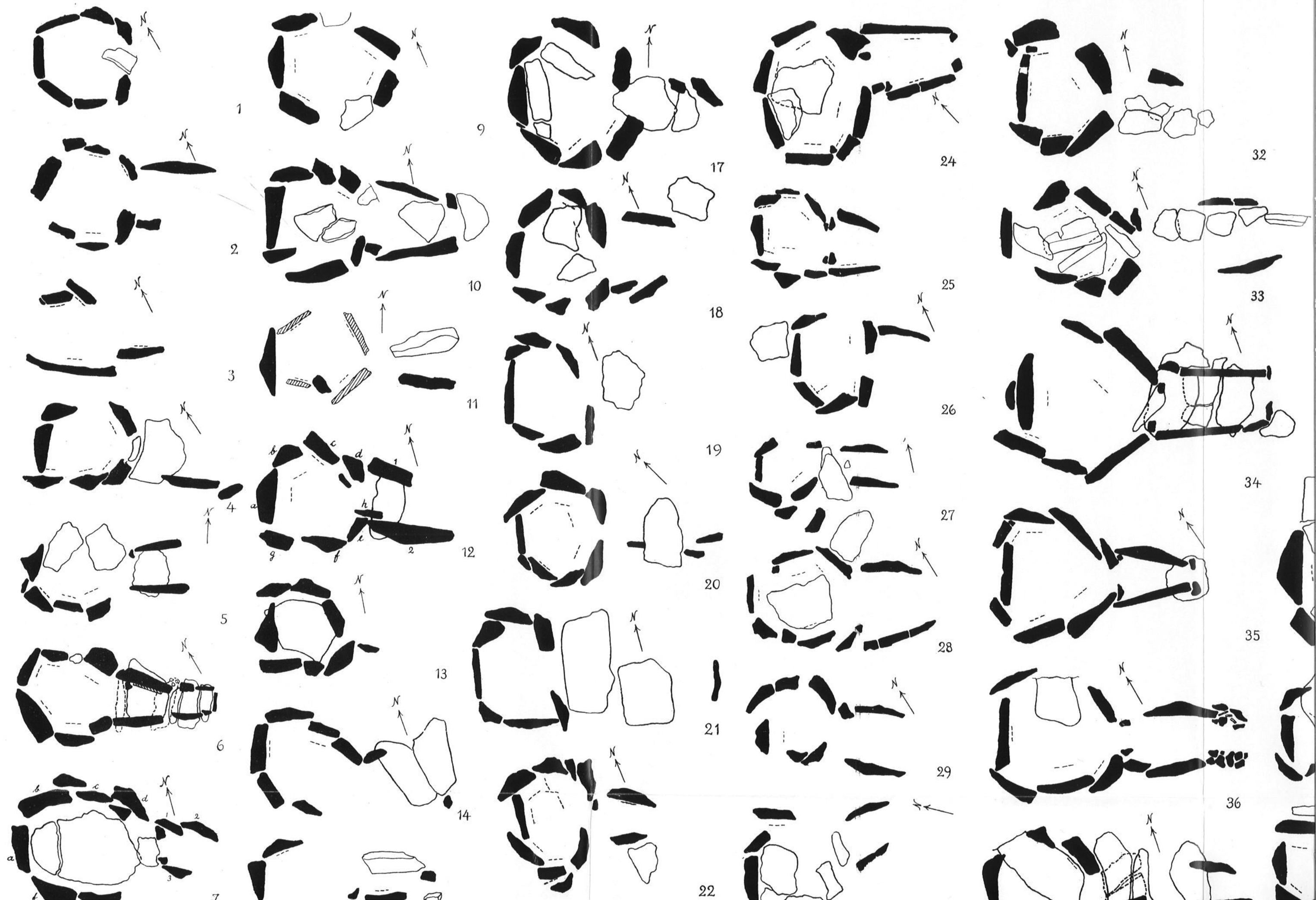
32. Monte Novo 1 .....	N.º 118
33. Barrocal 10 .....	» 62
34. Passo 1 .....	» 82
35. Gorginos 1 .....	» 127
36. Farisoa 1 .....	» 111
37. Passo 4 .....	» 85
38. Cabreira 1 .....	» 10

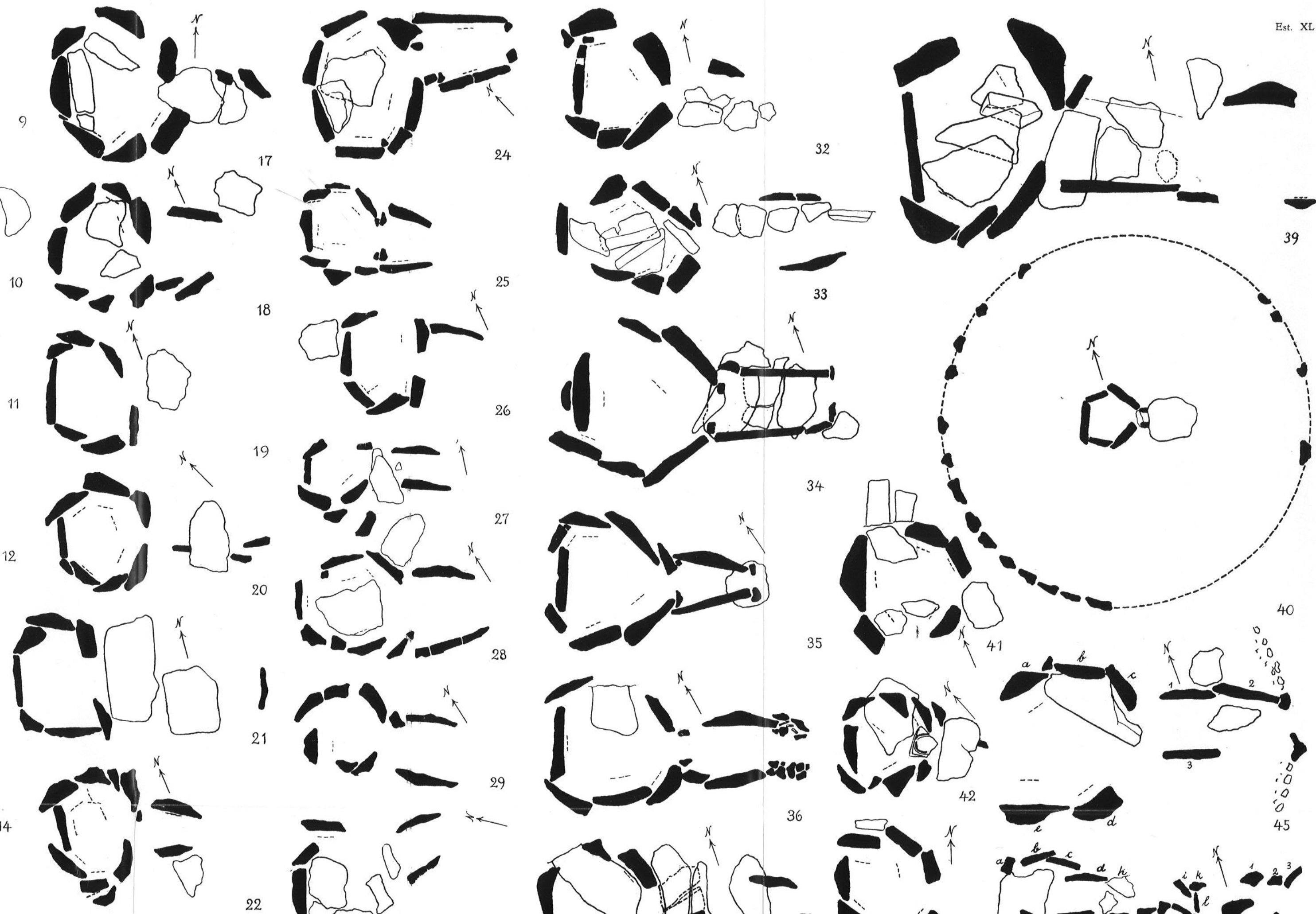
*Coluna VI.* Câmaras poligonais de tendência trapezoidal, Diversos

39. Olival 1 .....	N.º 50
40. Gorginos 4 .....	» 130
41. Carapetal .....	» 133
42. Barrocal 1 .....	» 53
43. Barrocal 4 .....	» 56
44. Viseu .....	» 134

*Coluna VII.* Grande câmara poligonal e âtrios

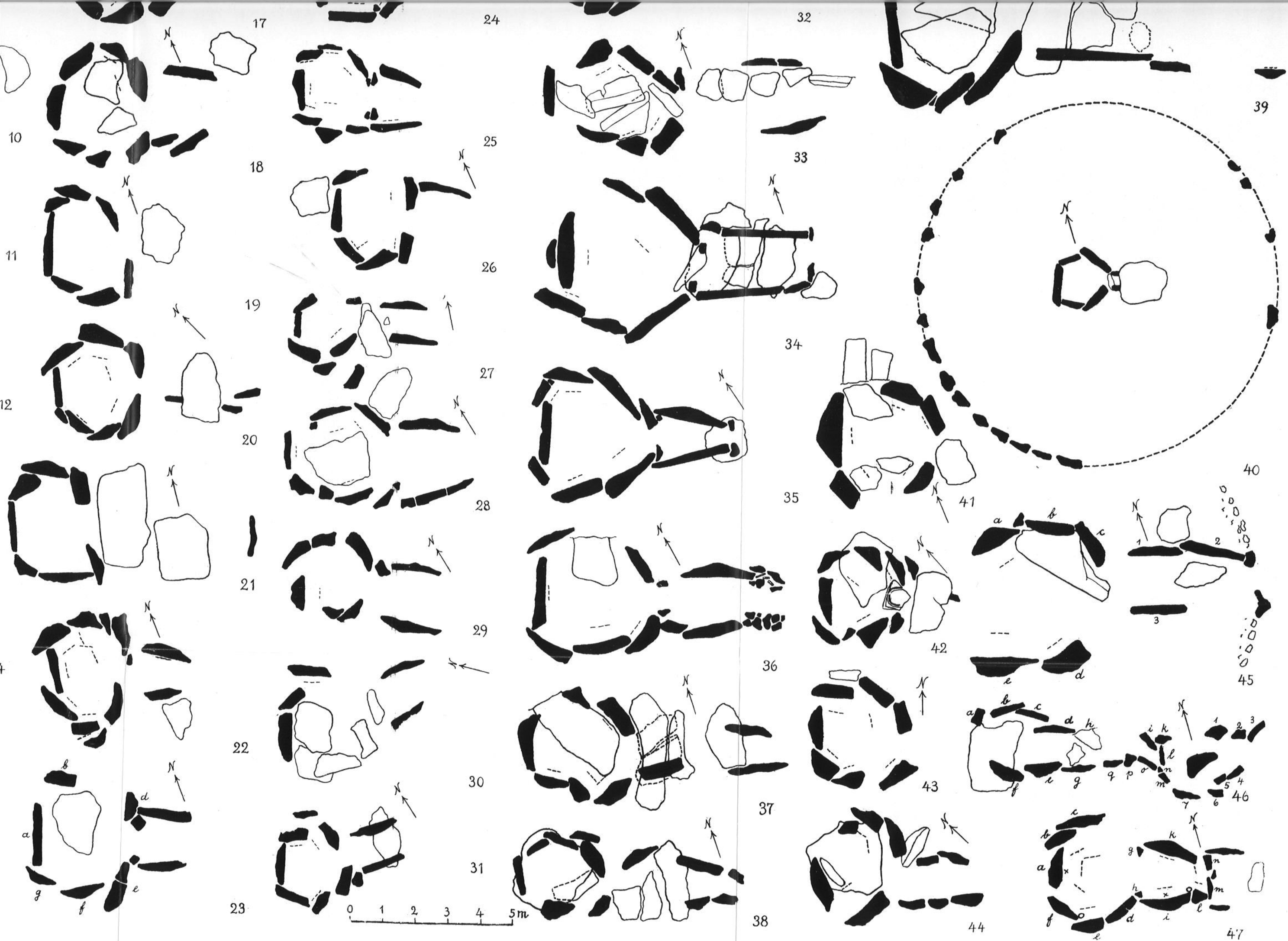
45. Cebolinho 1 .....	N.º 103
46. Comenda 3 .....	» 37
47. Gateira 2 .....	» 30













1

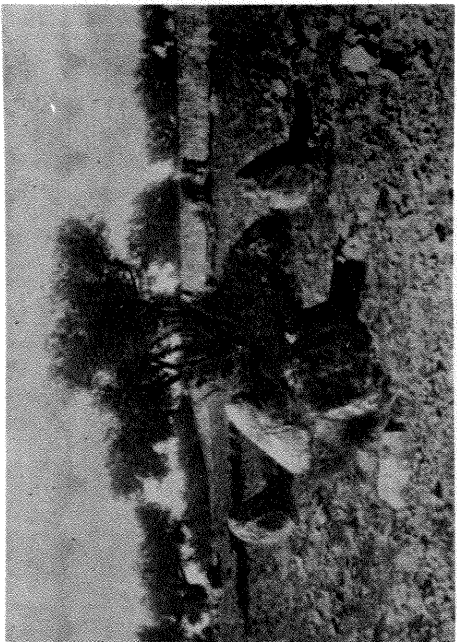


2

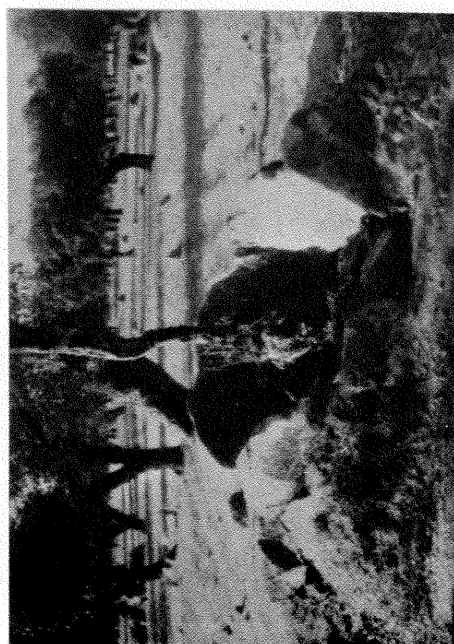
1. Anta 1 (ao lado direito) e Anta 2 do Poço da Gateira, vista do lado sul
2. Anta 1 do Poço da Gateira, vista do lado norte



1



2



3



4

1. Anta 3 dos Gorginos, vista do lado este;
2. Anta 6 da Farisoa, vista do lado este;
3. Anta 10 das Areias, vista da entrada;
4. Anta 2 das Vidigueiras, vista do lado oeste





1



2

1. Anta 1 das Vidigueiras, vista do lado sul
2. Anta 1 da Quinta, vista do lado sul-sudeste





1

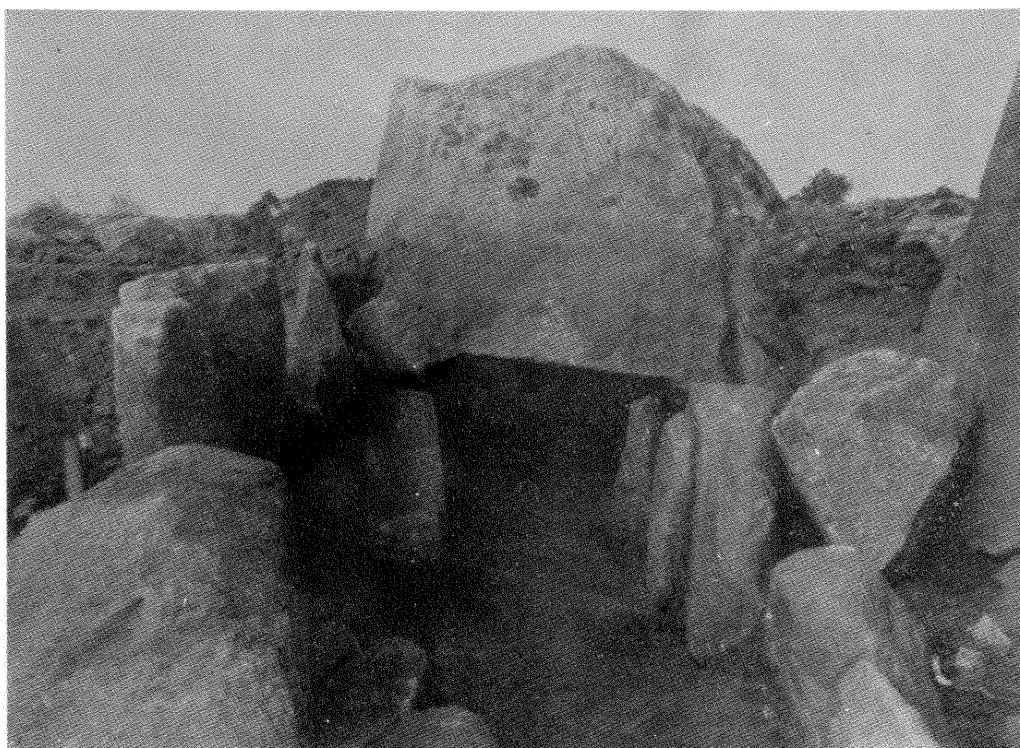


2

1. Anta 1 de Vale Carneiro, vista do lado sul
2. Anta 1 do Cebolinho, vista do lado oeste

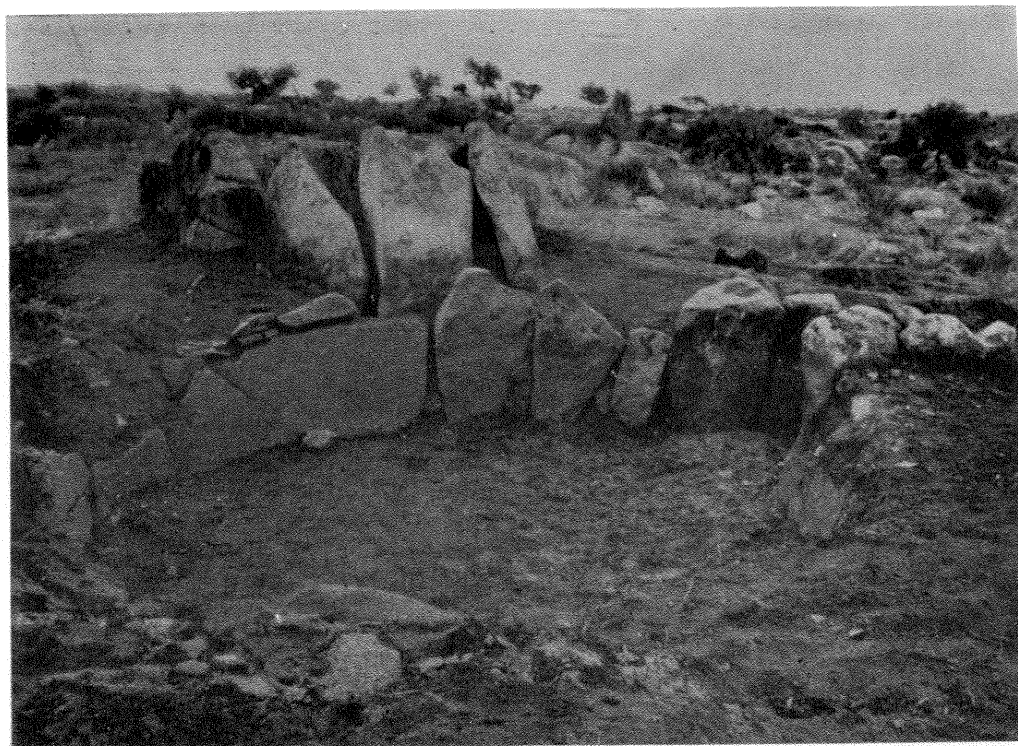


1



2

1. Anta 2 da Comenda, vista do lado norte, antes da escavação
2. Anta 2 da Comenda, entrada da câmara



1



2

Anta 2 e *Tholos* da Comenda  
1. Vista do lado sul-sudoeste  
2. Vista da entrada





Anta 1 e *Tholos* da Farisoa, vista do lado nordeste. No segundo plano vê-se a anta



*Tholos da Farisoa, vista do lado nor-noroeste*



*Tholos da Farisoa, vista do lado oeste-sudoeste*





*Tholos da Farisoa. Entrada, vista do lado da câmara*



*Tholos da Farisoa. Entrada, vista do lado de fora, vendo-se, no primeiro plano, a junção dos corredores da anta e da tholos*





Anta Grande do Olival da Pega, vista do lado sul



1



2

1. Anta 2 do Olival da Pega, vista do lado oeste
2. Anta Grande do Olival da Pega, vista do lado oeste, antes da escavação



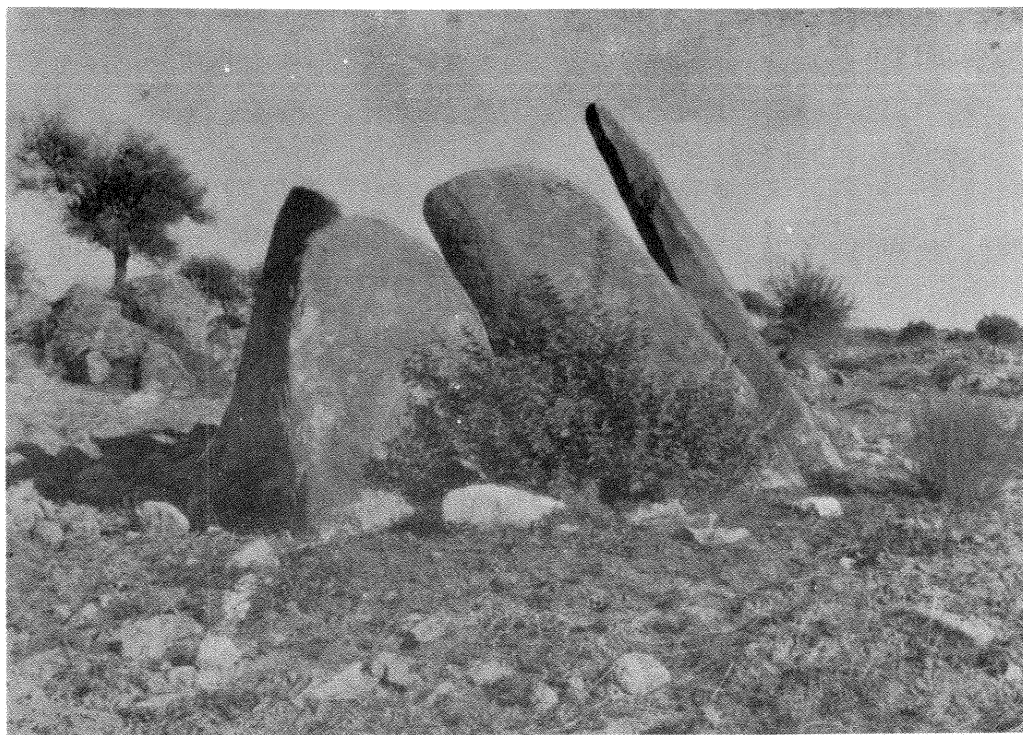
1



2

1. Anta 2 dos Gorginos, vista do lado este
2. Anta 1 dos Gorginos com o *tumulus* e a coroa de blocos, vista do lado noroeste



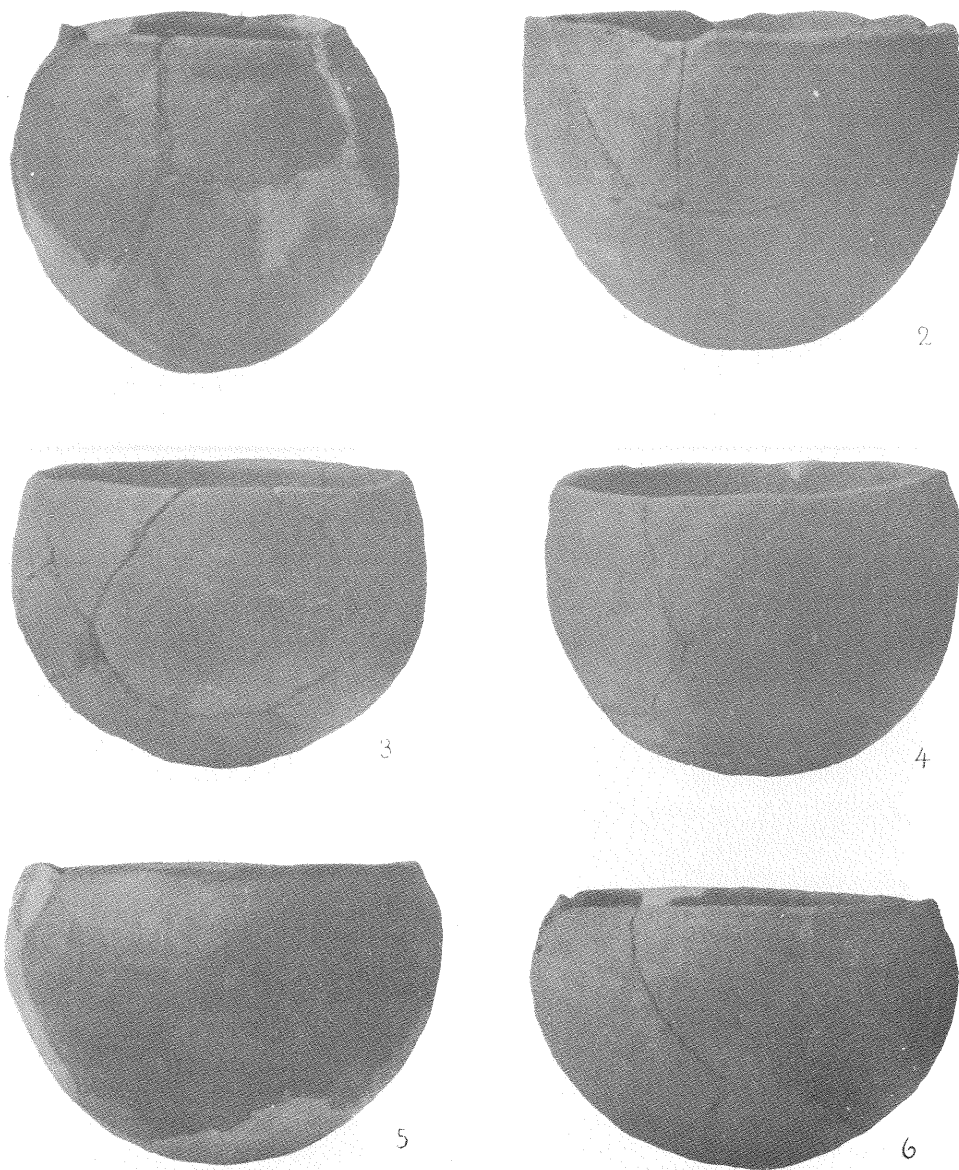


1



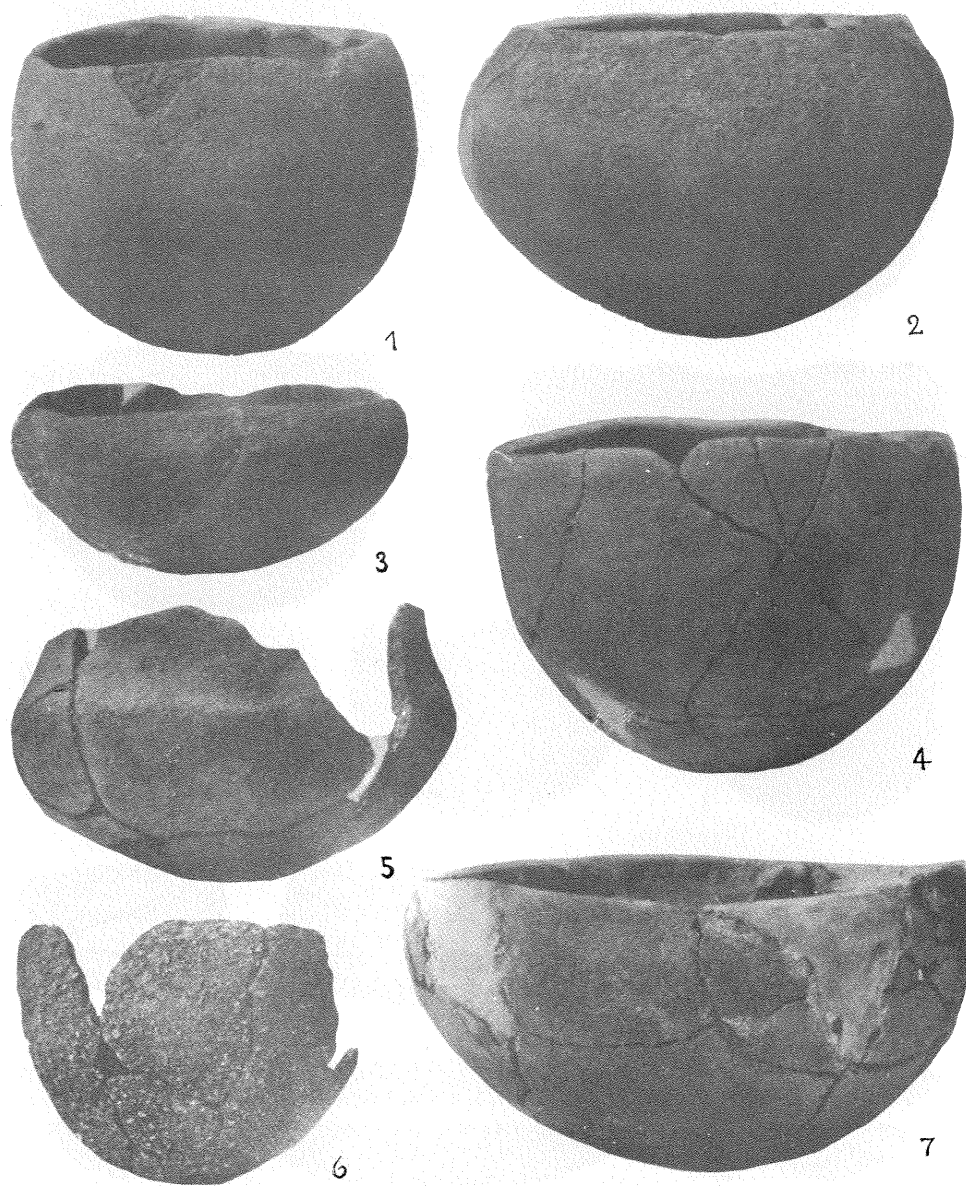
2

1. Anta 1 da Comenda, vista do lado noroeste
2. Anta 1 do Passo, vista do lado nordeste



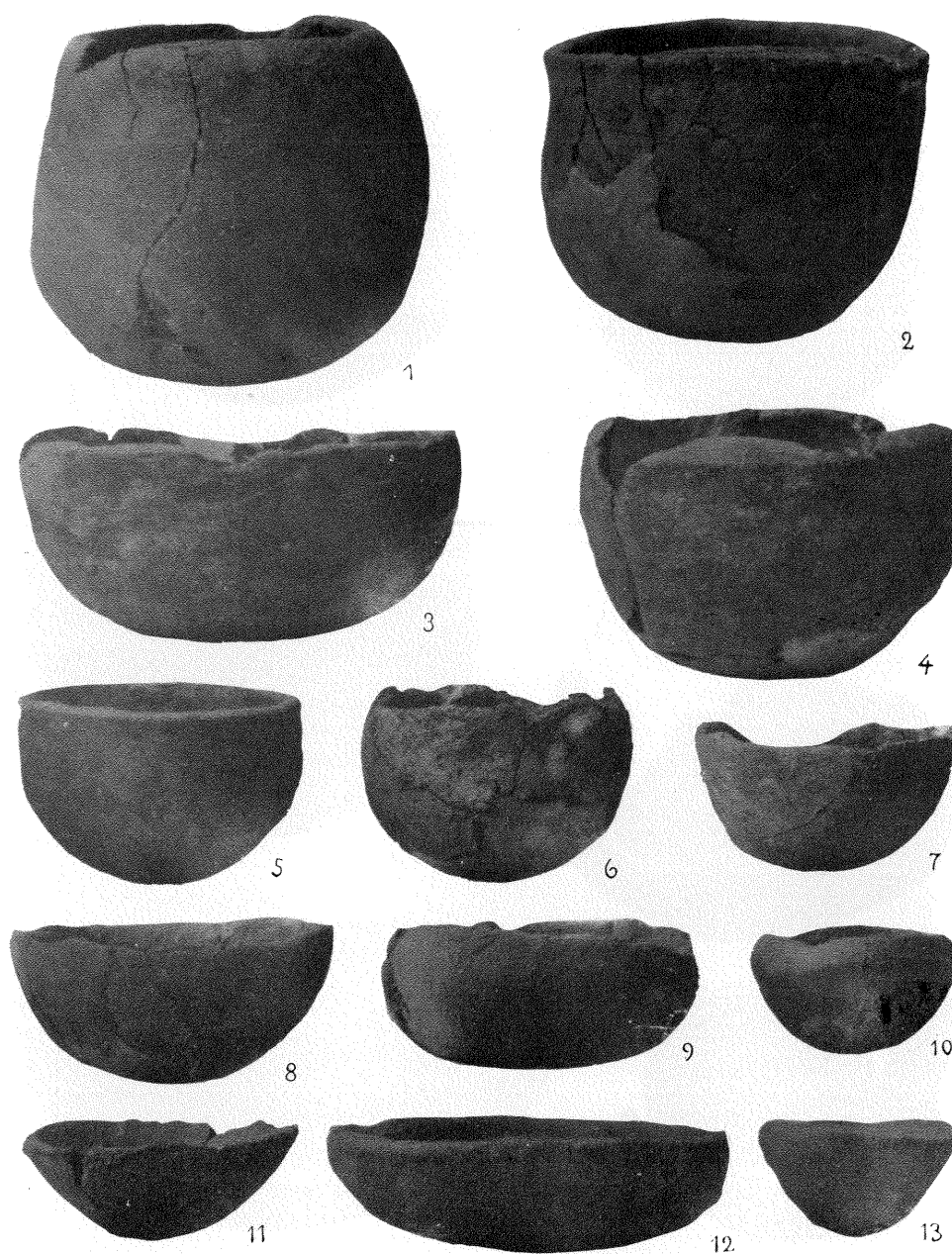
Cerâmica a almagre da Anta 1 do Poço da Gateira, cf. Est. II, 1, 3, 4 e 5; III, 2 e 3

*Escala 2,5*



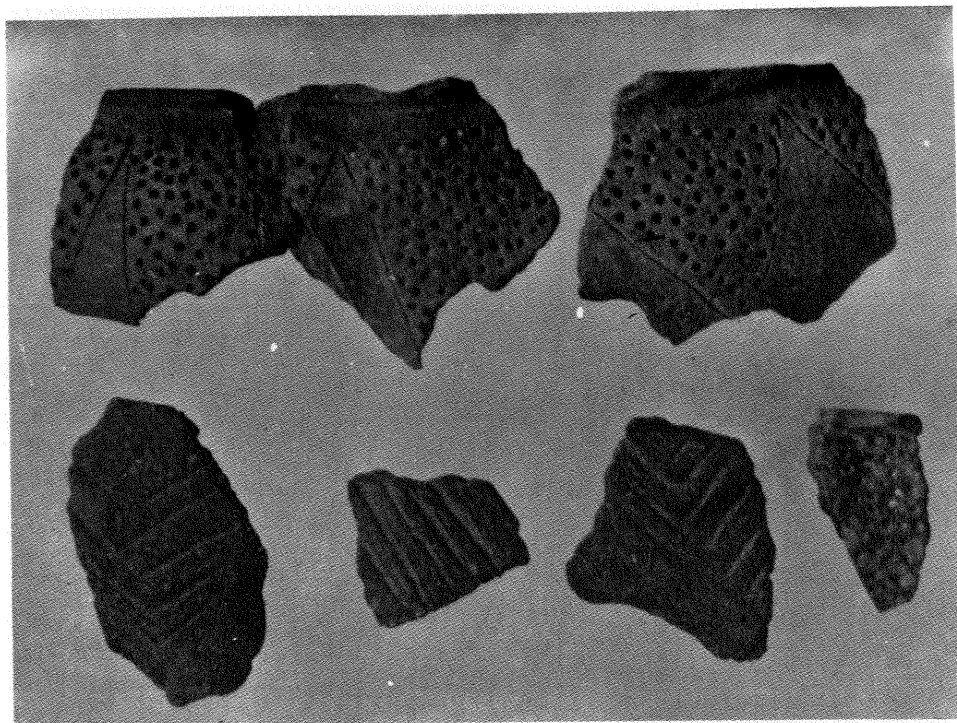
N.<sup>os</sup> 1-4 e 6: Anta 1 do Poço da Gateira, cf. Est. II, 2, III, 1, IV, 1, 2 e 27; N.<sup>o</sup> 5: Anta 2 do Poço da Gateira; N.<sup>o</sup> 7: Anta 3 dos Gorginos

Escala: 2:5

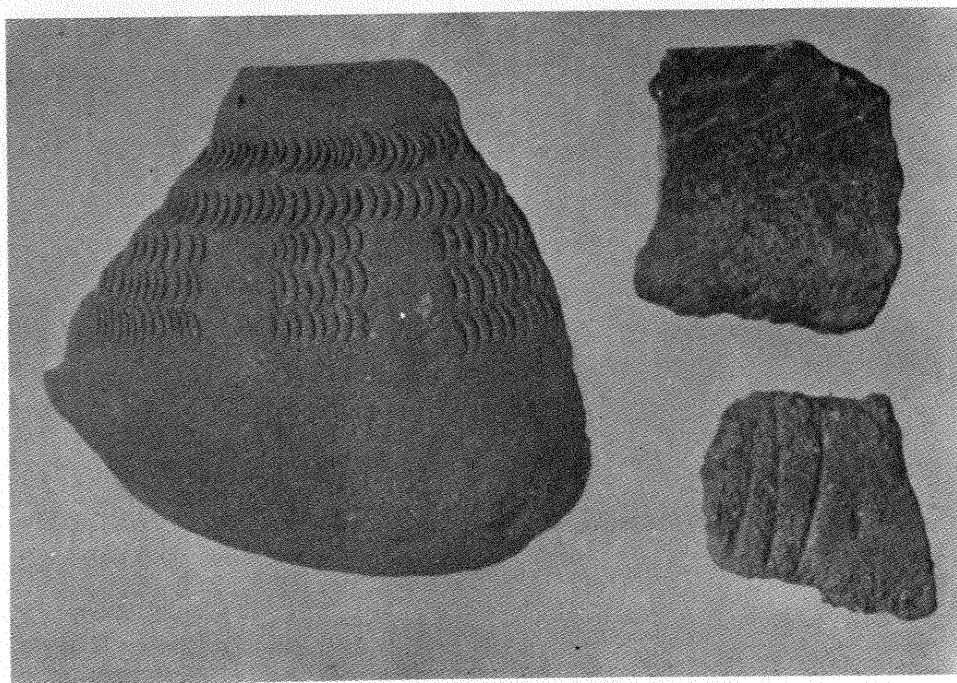


N.<sup>os</sup> 1, 3-5, 7, 10 e 12: Anta Grande do Olival da Pega, cf. Est. XXV 1, 11, 20, 35 e 36, Est. XXVI, 11 e 17; N.<sup>os</sup> 2 e 6: Anta 1 da Farisoa; N.<sup>o</sup> 8: Anta 2 dos Gorginos; N.<sup>o</sup> 9: Anta 1 dos Gorginos; N.<sup>os</sup> 11 e 13: *Tholos* da Farisoa





1



2

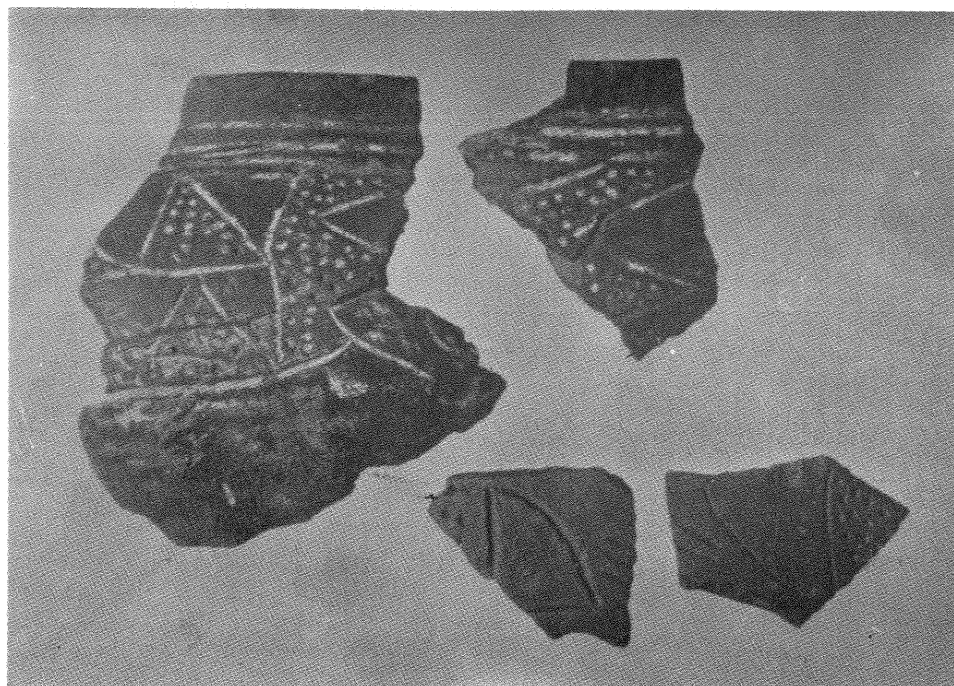
Fragmentos de cerâmica incisa

1. Anta Grande do Olival da Pega

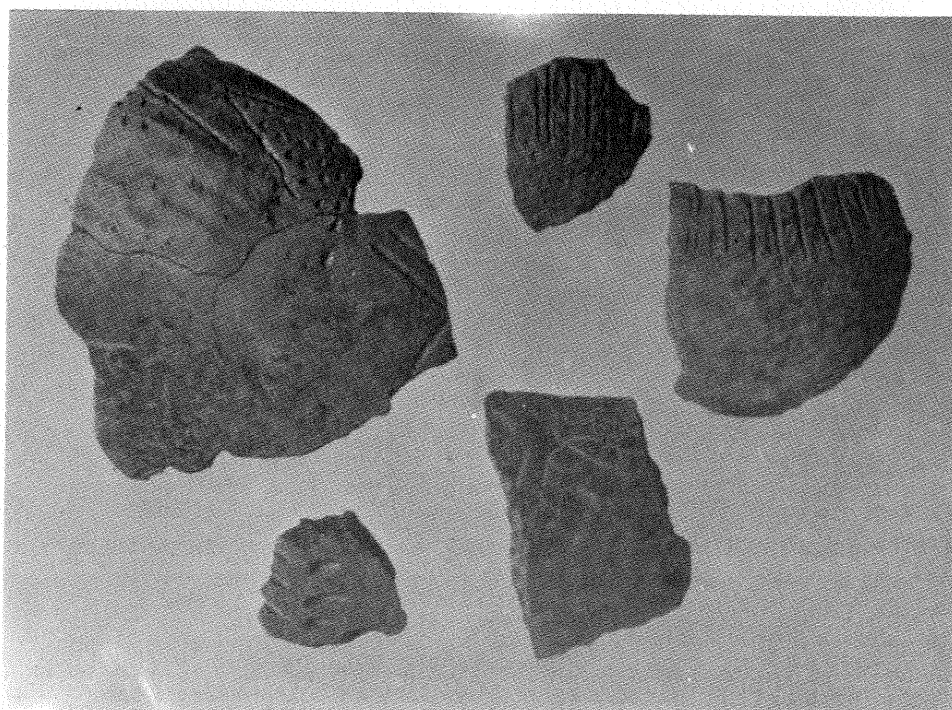
2. à esquerda: Anta Grande do Olival da Pega, à direita: Anta 1 do Cebolinho e Anta 2 da Farisoa, cf. Est. XXX, 1, 2 e 6; Est. XXXIII, 47

Escala: cerca de 2:3





1



2

Fragmentos de cerâmica incisa

1. Anta Grande do Olival da Pega

2. à esquerda: Anta Grande do Olival da Pega, à direita: Anta 1 do Passo, cf. Est. XXX.  
4, 7, 8, 11 e 12; Est. XIX, 58

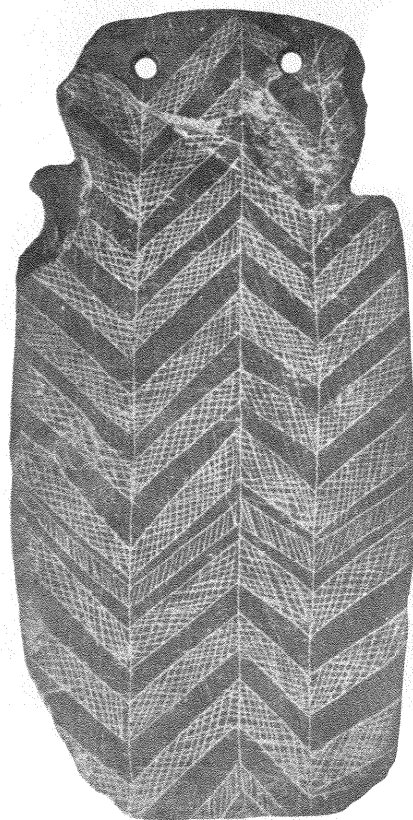
Escala: cerca de 2:3



1



2



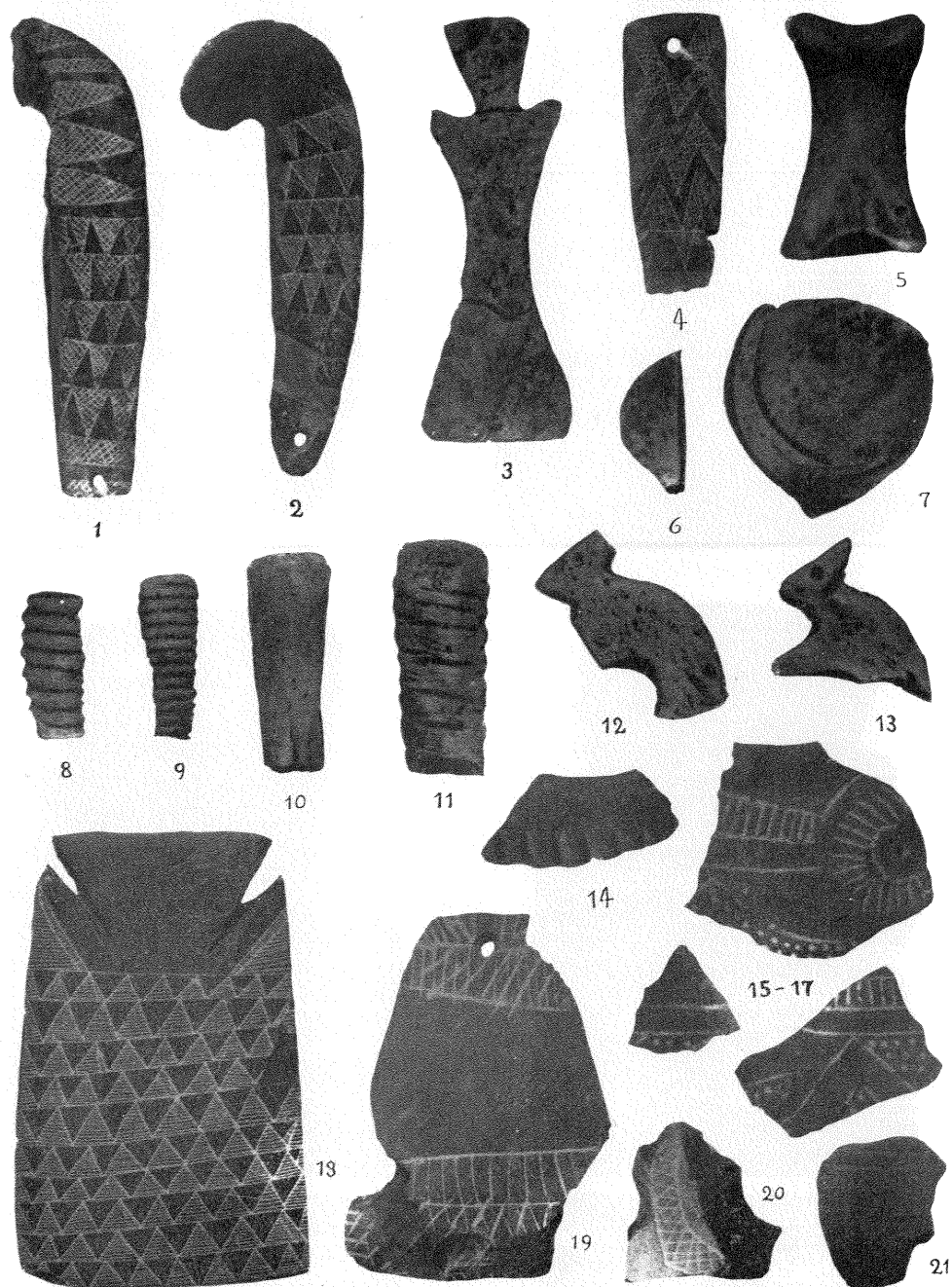
3



Placas de xisto

N.º 1: Anta 1 da Farisoa; N.º 2: Anta 2 da Comenda; N.º 3: Anta 1 do Passo

Escala: cerca de 3:5



N.<sup>os</sup> 1, 2, 4, 18 e 20: Anta 1 do Passo, pequenos báculos, berloque e placas de xisto;  
 N.<sup>os</sup> 3, 5-17 e 21: Anta Grande do Olival da Pega, ídolo, falange, discos cranianos, cabeças  
 de alfinete, esculturas de coelho, fragmentos de cerâmica incisa; N.<sup>o</sup> 19: *Tholos* da Parisoa,  
 placa de xisto, cf. Ests. XVI, XXI, XXIII e XXX

Escala: 8-13, 1:1; 18 e 19 cerca de 1:2;  
 os outros objectos 2:3

